HISTORIA

DA

GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra e socio correspondente do Instituto da referida cidade e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

---

SEGUNDA EPOCHA

GUERRA DA PENINSULA

TOMO III

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1874

HISTORIA DA GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

HISTORIA

DA

GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino
desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente
do Instituto da referida cidade
e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

Propter Sion non tacebo, et propter
Jerusalem non quiescam.
Isaias, cap. 62.

SEGUNDA EPOCHA

GUERRA DA PENINSULA

TOMO III

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1874

AO ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR MARQUEZ DE SÁ DA BANDEIRA

Se os sentimentos da minha gratidão para com v. ex.ª e os da nossa tão antiga amisade me levaram a dedicar-lhe os dois primeiros volumes da *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal,* constituindo a primeira epocha da referida *Historia,* esses mesmos sentimentos, que sempre me dominarão até ao fim da vida para com um nome de tão subido respeito no publico como o de v. ex.ª, são os que de novo me levam ainda a dedicar-lhe igualmente os que se destinam á famosa *guerra da peninsula.* Com mais rasão ainda que os d'aquella epocha devia eu dedicar-lhe os volumes d'esta, já porque foi v. ex.ª o primeiro que na camara dos pares instou desde 1860 com o governo para que promovesse a publicação de uma obra em que se commemorassem os gloriosos feitos das armas portuguezas em similhante guerra, e já porque foi n'ella que v. ex.ª tão distinctamente começou a derramar o seu sangue na gloriosa empreza da libertação da patria.

Perennal foi certamente a gloria por v. ex.ª colhida no dia 13 de março de 1814, quando, como tenente do regimento de cavallaria n.º 4, não contando ainda dezenove annos de idade, com inexcedivel valor se bateu contra um esquadrão de cavallaria franceza nos campos da Viella, pequena aldeia de França, situada a leste de Orthez, de que lhe resultou ficar como morto em poder do inimigo, por effeito de duas

grandes cutiladas que levou na cabeça, alem de uma estocada que tambem lhe varou o cotovello do braço direito e outra o do lado esquerdo, ferimentos que o fizeram caír ao chão como morto, passando-lhe depois por cima os esquadrões do seu proprio regimento, que a todo o galope corriam em perseguição dos francezes, seus adversarios.

Este notavel feito de valor e honra militar, primeiro elo da extensa cadeia de tantos outros por v. ex.ª praticados na sua brilhante carreira das armas, é mais um poderoso motivo que me leva a ter como justo dedicar a v. ex.ª a historia de uma guerra em que similhante feito teve logar, o que hoje gostosamente cumpro no presente volume, já que no primeiro a ella destinado me não foi possivel faze-lo, poisque já antes da sua publicação se haviam suscitado duvidas, que tornavam incerta a conclusão d'esta obra, e que effectivamente a interromperam depois por quasi quatorze mezes, de que resultou não poder esta dedicatoria ser collocada como devêra na frente do referido volume[1].

[1] As duvidas a que acima nos referimos, abertamente suscitadas, durante a gerencia do sr. ministro da guerra, José Maria de Moraes Rego, entre nós e alguem do pessoal do seu respectivo gabinete, foram posteriormente submettidas pelo seu successor, o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, á arbitragem do sr. general de artilheria, João Tavares de Almeida, cujo parecer nos foi favoravel, fundamentado, como

Terminando, confesso a v. ex.ª que por compensado me darei de tantos trabalhos e desgostos como aquelles que me

nos consta ter sido, na letra e espirito dos contratos, que comnosco se tinham feito na data de 31 de outubro de 1861 e 16 de setembro de 1870, bem como na portaria de 16 de setembro de 1868, cousa que muito nos penhorou, não tanto pelas vantagens que d'isto nos podiam resultar, quanto pelo desengano que manifestamente nos trouxe de que a rasão e a justiça estavam pela nossa parte, o que nos dá occasião para dizer não sermos nós capaz de exigir mais do que aquillo que rigorosamente nos era devido, como garantido pelos dois ditos contratos e citada portaria, sendo isso o que aliás se nos buscava tirar, sem justificado motivo, cujo caracter não podia ter por si o parecer, que se invocava, do sr. conselheiro procurador geral da corôa, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, o qual por uma desconhecida jurisprudencia aconselhava o governo a que se fizesse comnosco um novo contrato, parecendo assim entender que o mesmo governo podia por mero arbitrio seu annullar os contratos que comnosco fizera, cerceando-nos vantagens e impondo-nos obrigações diversas das que n'elles se continham, conselho que tivemos por contrario á justiça, e que como tal não podémos admittir pela nossa parte, fundados na regra por todos bem sabida de não ser permittido a uma das partes contratantes derogar só por si, e sem o concurso da outra parte, os contratos entre ambas feitos, pois a não ser assim, jamais podiam elles merecer fé, dependente como em tal caso ficaria a sua execução d'aquella das ditas partes, que mais poderosa fosse e mais preponderancia tivesse no animo dos senhores conselheiros procuradores geraes da corôa.

Folgando pois em ser por nós o parecer de uma pessoa tão qualifi-

tem occasionado a publicação d'esta Historia, e sobretudo dos volumes que tratam da *guerra da peninsula*, se por-

cada, e de tanta illustração e competencia, como é a do referido sr. general, João Tavares de Almeida, não podemos deixar de lhe consignar aqui os nossos devidos respeitos ao seu reconhecido espirito de rectidão e justiça, despido sempre de considerações alheias a uma e outra cousa, qualidades que já desde alguns annos atrás eram por nós tidas como predicados do seu honrado caracter.

Por esta occasião tambem não podemos deixar de confessar que alguns amigos houve, que sinceramente se empenharam em que o governo resolvesse favoravelmente o parecer dado pelo mesmo sr. João Tavares de Almeida, á vista das plausiveis rasões em que o fundamentava, a fim de não ficar incompleta, diziam elles, uma obra historica, que tinham como de interesse e gloria nacional. Póde ser que a sua amisade e dedicação para comnosco tivesse alguma parte nas diligencias, que para tal fim empregaram; mas quando assim seja, será esta mais uma rasão, que nos leva a lhes tributar aqui os nossos sinceros agradecimentos.

Receba-os pois o sr. deputado Francisco Joaquim da Costa e Silva, que foi o de mais feliz exito no seu empenho, e os seus collegas da camara electiva, Guilherme Quintino Lopes de Macedo e visconde da Arriaga, não podendo deixar de mencionar aqui por igual motivo o sr. João Felix Alves de Minhava, chefe da primeira repartição do thesouro publico, o qual muito lamentava que ficasse por concluir simillante obra, o que provou pelas diligencias que tambem fez, muito officiosamente pela sua parte, estranho a rogativas nossas para que assim não succedesse.

E aproveitarão porventura para a conclusão d'esta obra os bons offi-

ventura v. ex.ª achar n'elles algum merito, a par da verdade historica que lhes é indispensavel, como tão ardentemente deseja o

De v. ex.ª

Attento respeitador e amigo obrigado

Simão José da Luz Soriano.

cios dos amigos, a quem acabamos de dirigir os nossos agradecimentos, ou terá ella ainda contra si o mau fado de alguma outra occorrencia desagradavel, que de novo a faça parar? Talvez. O tempo nos dirá o que ainda póde haver de verdade sobre este ponto, porque emfim hoje n'este nosso paiz parece que é mais meritorio faltar ao cumprimento do que se ajusta, do que ser fiel e escrupuloso no seu desempenho, como sempre temos sido, e esperâmos sempre ser, emquanto vida tivermos, pois a nossa palavra e os nossos ajustes nunca pela nossa parte serão jamais quebrantados.

CAPITULO I

Por meio de um curto retrospecto expõe-se novamente ao leitor que no fim de 1809 e primeiro semestre de 1810 a Hespanha e o norte da Europa se podiam considerar dominados pelas armas da França, aggravando-se mais este mau estado de cousas com os desastres das expedições inglezas contra Napoles e a ilha de Walkeren, de que resultou o desalento do proprio governo inglez no proseguimento da guerra da peninsula, a demissão do ministerio Castlereagh, e a sua substituição pelo de mr. Perceval e lord Liverpool, que se decidiram pela continuação da dita guerra, levados a isso pela pertinaz insistencia, feita para tal fim por lord Wellington. Emquanto pois este general cuidava em levantar em Portugal todos os possiveis obstaculos contra a invasão de um novo exercito francez n'este reino, Napoleão pensava tambem em a effeituar, para o expulsar da peninsula, dando o commando das tropas a isto destinadas ao marechal Massena, o qual, entrando em Hespanha, tomou a Cidade Rodrigo, sem que lord Wellington o podesse embaraçar d'isso. Os governadores do reino pela sua parte trataram tambem de oppor aos francezes toda a possivel resistencia, creando uma contribuição de guerra, recrutando activamente para o exercito de primeira e segunda linha, e pondo em actividade de serviço as milicias e ordenanças. Começando entretanto a campanha de 1810 pelo infeliz combate do general Crawfurd alem do Côa, n'elle se distinguiram já os batalhões portuguezes de caçadores n.os 1 e 3, a que se seguiu tomarem novas posições os exercitos contendores, preparando-se os francezes para a tomada da praça de Almeida. Encetam outras tropas portuguezas esta campanha com a gloriosa empreza da tomada de Puebla de Sanabria pelo general Silveira; com a bella carga dada em Lardoza contra os francezes pela cavallaria portugueza; com o brilhante feito d'esta mesma arma no combate da Ladoeira; e finalmente com a brava conducta dos regimentos de cavallaria portugueza n.os 3, 5 e 8 em Fuentes de Cantos onde livraram de uma total derrota o general hespanhol marquez de la Romana.

Antes de começarmos com a importante materia contida no presente volume, convem recordar, por meio de um golpe de vista rapido, o que no anterior havemos já dito. É inquestionavel que a derrota do general Venegas em Almonacid no dia 5 de agosto de 1809, seguida depois de uma outra ainda muito maior, experimentada em Ocaña pelo general Areyzaga em 19 do seguinte mez de novembro, precursora como esta se tornou igualmente da que no dia 27 do citado mez de no-

vembro tambem pela sua parte soffreu em Alba de Tormes o duque del Parque, annullára tão completamente a resistencia da Hespanha contra a França, destruindo assim o subido conceito em que até certo ponto a Inglaterra a tivera, militarmente fallando, que lord Wellington se viu obrigado a não poder nos seus futuros planos de guerra contar como efficaz e prestante o auxilio que lhe podiam ministrar as tropas hespanholas, particularmente depois do mallogro das suas solicitações e das do marquez de Wellesley, seu irmão, para que o governo da Hespanha lhe conferisse d'ellas o commando em chefe. Aniquilada como portanto se achava a resistencia dos hespanhoes contra os francezes desde os fins do citado anno de 1809, a do norte da Europa contra Napoleão estava tambem no mesmo caso. Tendo elle ganhado as batalhas de Eckmuld e Essling, a que depois se seguiu a sua occupação de Vienna no dia 13 de maio d'aquelle mesmo anno, e por fim a sua famosa victoria de Wagram nos dias 5 e 6 do seguinte mez de julho, a coalisão que contra elle se havia ultimamente formado ficou inteiramente destruida. Para maior fortuna do mesmo Napoleão a expedição que debaixo do commando de sir John Stuart a Inglaterra mandára contra Napoles, e a que em força muito mais respeitavel dirigíra tambem contra o Escalda e a ilha de Walkeren, debaixo das ordens de lord Chatam, tinham ambas ellas completamente falhado, terminando todos estes desastres, experimentados pelos alliados, com a paz de Vienna, assignada aos 14 de outubro tambem de 1809, facto que pareceu symbolisar a inteira submissão da Europa ao poder colossal da França, poisque Napoleão só desde então por diante ficou tendo em manifesta guerra contra si a Inglaterra e Portugal, poisque a Hespanha, depois d'aquellas tres batalhas, se podia de facto reputar vencida, e com muita mais rasão se devia ter n'esta conta, effeituada que foi a invasão do marechal Soult na Andaluzia, de que resultou um tamanho terror nos proprios membros da junta suprema, que, não se julgando seguros por trás dos desfiladeiros da formidavel serra Morena, apressadamente fugiram de Sevilha, para se irem refugiar dentro dos muros de Cadix.

Bem longe de ser temerario o juizo que temos feito, quanto ao mau aspecto que por si tinham os negocios da guerra em Hespanha no fim do anno de 1809, ainda mais confirmado o achámos no principio do anno de 1810. Já no capitulo VI do anterior volume fizemos ver ao leitor, quanto ás provincias de leste da Hespanha, que tendo o general Suchet pacificado a Navarra e o Aragão, tentára em seguida de se apoderar de Valencia, e não tendo n'esta empreza sido bem succedido, foi depois contra Lerida, de que se assenhoreou no dia 13 de maio de 1810, segurando por este modo a communicação entre o mesmo Aragão e a Catalunha. Ultimado que foi este feito, marchou sobre Mequinenza, de que tambem se assenhoreou no dia 8 de junho, e no dia 13 do castello de Morella. Pelo que respeita á invasão de Soult na Andaluzia, tambem no citado capitulo VI dissemos que as forças com que a effeituou montavam a 55:000 homens debaixo de armas[1], compondo-se do primeiro corpo, commandado immediatamente pelo marechal Victor; do quarto, commandado pelo general Sebastiani; e finalmente do quinto, commandado pelo marechal Mortier. Ao marechal Victor confiára o mesmo Soult mais especialmente o cerco de Cadix; o general Sebastiani, dirigindo-se para Granada, de que se apoderou, marchou depois para Malaga, onde por fim teve igual fortuna. Pela sua parte o marechal Mortier veiu sobre a Extremadura hespanhola, onde foi dar a mão ao segundo corpo

[1] Segundo o que se vê de um dos mappas que Napier apresenta a pag. 325 no appendice, que faz parte do tomo VI da sua *Historia da guerra da peninsula* (traducção franceza), o exercito de Soult no mez de janeiro de 1810 compunha-se de 55:602 homens debaixo de armas, com 12:092 cavallos, tendo destacados 5:744 homens e 1:999 cavallos, sendo o numero dos doentes no hospital 6:412. Por conseguinte o estado effectivo do seu dito exercito era n'aquella data de 67:758 homens, contando a sua cavallaria 10:868 cavallos, fóra os de trem, que subiam a 3:223. Em 15 de maio do referido anno tinha elle debaixo de armas 63:216 homens, com 11:505 cavallos, sendo o numero dos homens destacados 3:915 e o dos cavallos 1:336. Os doentes no hospital eram 11:420, sendo portanto o seu estado effectivo de 77:158 homens, constando a cavallaria de 10:936 cavallos, alem dos de trem, que subiam a 1:905.

francez, commandado pelo general Reynier, que das margens do Tejo com elle para ali se dirigíra. O mesmo Mortier, havendo tentado em vão apoderar-se de Badajoz, foi por fim estabelecer o seu quartel general em Llerena, tendo concorrido para este seu mau resultado a presença do exercito do marquez de la Romana e a do duque del Parque, andando ambos elles por 26:000 homens com 2:000 cavallos, apoiando-se nas suas operações por aquellas paragens nas praças de Badajoz e Elvas, e nas mais que guarnecem as fronteiras hespanhola e portugueza, sendo para os referidos exercitos de não menos efficaz apoio a divisão luso-britannica do general Hill, que da praça de Abrantes passára depois para Portalegre, como adiante veremos. D'esta curta exposição resulta portanto que no primeiro semestre de 1810 as provincias de leste e do meio dia da Hespanha, á excepção de Cadix, Murcia e Valencia, se podiam reputar em poder dos francezes. Quanto ás do norte e oeste d'aquelle reino tambem no poder d'elles se achavam, exceptuando apenas a Galliza. Nas Asturias via-se a braços com os seus habitantes o general Bonnet: para o reino de Leão viera o general Junot com o oitavo corpo do seu commando, o qual, tendo sido reformado por Napoleão, depois que em 1808 saíra de Portugal para França, por elle fôra mandado para Hespanha entre os novos reforços francezes que para ella ultimamente vieram.

Este negro quadro de cousas, tanto na peninsula como no norte da Europa, tinha com bastante rasão aterrado até mesmo o proprio governo britannico, o qual, testemunhando as constantes derrotas dos exercitos hespanhoes no meio da sua luta contra os francezes, e vendo a par d'isto as provincias da Hespanha subjugadas pelas armas da França, julgava temeridade o proseguimento da sua guerra na peninsula. O mesmo lord Castlereagh se mostrava bastante preoccupado com isto, sobretudo depois dos desastres das suas expedições a Napoles e á ilha de Walkeren, e contristado por tal motivo, compartilhava igualmente o desanimo geral que se notava em todos os inglezes. A opposição parlamentar, redobrando de energia nos seus ataques contra o ministerio, não

só o torturava a elle com as suas accusações, mas censurava igualmente por modo bem desabrido o proprio lord Wellington, demonstrando o nenhum resultado das suas tão gabadas operações, e a sem rasão das distincções honorificas que por ellas se lhe tinham dado.

No meio de tão geral desalento, ou para mais o augmentar, succedeu caír no mez de outubro de 1809 o ministerio Castlereagh, sendo substituido pelo de mr. Perceval e lord Liverpool, os quaes, tomando para seu collega na repartição dos negocios estrangeiros o marquez de Wellesley, irmão de lord Wellington, forçosamente haviam de abraçar o proseguimento da guerra da peninsula, vistoque o mesmo Wellington tinha convencido o referido marquez, seu irmão, nas conferencias que em novembro de 1809 com elle tivera em Sevilha e Cadix, quando embaixador de Inglaterra junto do governo hespanhol, das vantagens d'aquelle proseguimento, sendo provavelmente uma das rasões que para isso lhe expoz a impossibilidade da Europa poder estar por muito mais tempo subordinada ao inteiro arbitrio de Napoleão, papel indecoroso para nações pundonorosas, as quaes mais tarde ou mais cedo não podiam deixar de se levantar contra elle, como meio de se subtrahirem ao pesado jugo que lhes impozera; e para efficaz auxilio d'esse levantamento, e até mesmo para o apressar, era absolutamente necessario que a Gran-Bretanha por modo algum desistisse do proseguimento da guerra da peninsula. A necessidade urgente d'este proseguimento o tinha igualmente exposto ao seu governo no despacho que em 14 de novembro de 1809 dirigira de Badajoz ao novo ministro da guerra, lord Liverpool, despacho de que tambem já demos conhecimento ao leitor no citado capitulo vi do precedente volume.

É realmente cousa notavel a convicção intima de que lord Wellington se achava possuido, com relação á proficuidade dos seus ideados planos e das vistas politicas com que encarava os negocios da Europa, a ponto de se conservar inabalavel no meio das grandes contrariedades que se lhe oppunham e do desalento geral que em todos se notava, inclusiva-

mente no seu proprio governo. Por este facto chamou elle sobre si toda a responsabilidade do successo, que podia ter a continuação da guerra da peninsula, como elle mesmo o declara nos seus despachos, e manifestamente se vê na carta, que na data de 6 de janeiro de 1810 dirigiu a mr. Villiers, dizendo-lhe: «Eu não pretendo lançar sobre os ministros a responsabilidade do mau successo da guerra, pedindo-lhes soccorros que elles me não podem fornecer..., nem quero dar ao governo, que está sem força e deve sentir a fraqueza da sua situação, um pretexto para retirar o exercito de uma posição, da qual, segundo entendo, a honra e o interesse do meu paiz exigem que elle se mantenha pelo maior tempo possivel». E com effeito se em tão arriscada conjunctura lord Wellington tivesse menos fé na proficuidade dos seus planos, se houvesse trepidado, perdendo o sangue frio de que em tamanho grau era dotado, como n'este caso se mostrou, arrostando as grandes difficuldades que por toda a parte se lhe levantavam; e finalmente se duvidasse por um só momento da justiça da sua causa e da disciplina e valor dos seus soldados, deixando-se preoccupar dos sinistros vaticinios que por então vogavam na propria Gran-Bretanha, é indubitavel que a guerra contra a França teria acabado na peninsula, e provavelmente tambem em toda a Europa, seguindo-se a isto a sua subserviencia ao poder arbitrario de Napoleão, a par da de Portugal e Hespanha. O proprio mr. Thiers d'isto mesmo se mostra convencido, quando na sua historia nos diz: «Com uma rara penetração julgou o general inglez, melhor do que Napoleão, a marcha das cousas na peninsula. Tinha elle para si com a mais firme convicção, de que nada o podia demover, de que essa vasta armação de grandeza (a do imperio francez), se achava por todos os lados minada, e que a Europa tarde ou cedo se revoltaria contra o jugo d'elle Napoleão... Esta firme opinião, que honra no mais alto grau o juizo militar e politico de lord Wellington, tinha-se tornado n'elle n'uma invariavel idéa, perseverando n'ella com a maior segurança de espirito e uma teimosia de caracter dignas de admiração».

Subjugadas como portanto se achavam pelas tropas fran-

cezas todas as provincias da Hespanha, ou quasi n'este estado, sem que por outro lado Napoleão tivesse cousa alguma a receiar do norte da Europa, submettido como por elle se achava tambem ao seu poder, depois da paz de Vienna, suppunha elle que reforçados os seus exercitos da Hespanha com os que para ella podia mandar, retirados da guerra de Austria, onde se achavam sem emprego, depois da referida paz com aquelle imperio, não lhes seria difficil a uns e outros conseguirem reunidos a realisação dos seus ardentes desejos em expulsar os inglezes para fóra de Portugal, operação de que seguramente lhe resultaria o seu inteiro dominio da peninsula e juntamente com elle o seu imaginado imperio continental n'esta parte do mundo. Fôra o mesmo Napoleão o que a rogos do rei José, seu irmão, auctorisára a invasão da Andaluzia, operação que lhe parecia ter uma triplice vantagem, tal como a da facilidade de se realisar, por parte das tropas que a ella se destinassem; a de ministrar ao exercito invasor os recursos de que precisasse para a sua conservação e permanencia em tão vasta e rica provincia: e finalmente a de obstar a que os inglezes se podessem estabelecer com segurança em Cadix, seguindo-se a isto a sua definitiva expulsão para fóra da peninsula, no caso de que expulsos podessem ser tambem de Portugal. Para conseguir tão importante resultado concebeu elle fazer marchar pelas duas margens do Tejo em direitura a Lisboa todas as forças de que podesse dispor, entendendo que com esta operação poderia sem duvida alcançar tão importante fim, não se lembrando talvez das contrariedades que podia ter contra si. A auctorisação por elle dada para a invasão da Andaluzia não lhe parecia opposta aos planos que ideára para expulsar os inglezes da peninsula, porque apenas concluida, como de prompto pensava que fosse, tiraria dos 70:000 homens que para ella destinava 30:000, que se dirigiriam para o Alemtejo, d'onde pela margem esquerda do Tejo marchariam sobre Lisboa, incumbindo ao marechal Massena seguir pela margem direita do mesmo rio sobre a referida cidade com os 60:000 homens de Ney e de Junot, uns 15:000 das guardas e os 10:000 da cavallaria de Montbrun, sem contar

com a reserva do general Drouet. Effeituada assim esta operação, parecia-lhe impossivel que os inglezes podessem vantajosamente resistir a um tão grande numero de tropas francezas, a que forçosamente se seguiria o seu embarque para Inglaterra, tornando-se por este modo a campanha de 1810 talvez a ultima da guerra da peninsula[1]. Postoque similhante plano parecesse bem ideado, falhou todavia na execução, tanto na parte relativa ao embarque dos inglezes para fóra de Portugal, suppondo-os incapazes de uma resistencia séria para n'elle se conservarem, como quanto á prompta submissão da Andaluzia, que não succedeu como se pensára, já pela deficiencia das tropas invasoras, muito inferiores aos 70:000 homens para ella destinados, pois apenas se reduziram aos 55:000 homens em campo, como fica dito, e já pela inopinada resistencia de Cadix, que impediu o marechal Soult de poder efficazmente auxiliar as operações de Massena, como adiante veremos, provindo tudo isto do errado juizo que Napoleão fazia, tanto da capacidade militar e politica de lord Wellington, como da verdadeira situação da peninsula por aquelle tempo, ignorando a par d'isto os damnos que comsigo traziam á marcha regular das suas projectadas operações as crescentes rivalidades que entre si tinham os generaes, que na Hespanha commandavam os seus differentes exercitos.

Se o imperador Napoleão havia tomado a peito com o maior affinco a expulsão dos inglezes para fóra da peninsula, lord Wellington tambem pela sua parte se esmerava em se manter n'ella a todo o transe, levando o ministerio britannico a continuar na mesma peninsula a guerra que n'ella mantinha contra a França, sendo o seu primeiro cuidado a defeza de Lisboa, para cujo fim mandára levantar em volta d'ella as celebradas linhas de Torres Vedras, por meio das quaes se propunha resistir com vantagem ás superiores forças francezas que esperava ter contra si, livrar a sobredita cidade dos males de um bloqueio a que não podia resistir, ministrar dentro das referidas linhas um seguro asylo aos povos, que das pro-

[1] Historia de mr. Thiers, tomo III, pag. 372.

vincias da Beira e Extremadura mandára recolher a ellas, depois de os obrigar a destruirem tudo que podesse ser util ao inimigo, combatendo-o assim pela fome, e finalmente animar tambem por meio d'ellas as milicias e ordenanças portuguezas a uma pertinaz resistencia, perseguindo vigorosamente os invasores na sua retaguarda, como depois se viu. Ao progresso de similhantes linhas ligou elle o maior sigillo, evitando quanto possivel que os francezes tivessem d'ellas conhecimento, o que conseguiu por maneira tal, que nem os proprios officiaes do seu exercito souberam bem da sua existencia, ou pelo menos do seu verdadeiro fim, senão quando entraram para ellas, nem os francezes tiveram de tal cousa noticia, senão ao bater com ellas de frente, tendo-as por um obstaculo insuperavel para a sua entrada triumphal em Lisboa, quando julgavam lhes succederia o mesmo que ao general Junot em 1808. Foi por este e outros meios que lord Wellington pôde levar o ministerio Perceval a enviar-lhe os soccorros de que precisava para a continuação da guerra da peninsula, cuidando com o maior empenho na defeza de Portugal, sendo provavel que a resolução tomada pelo dito ministerio sobre este ponto proviesse mais depressa das exigencias do marquez do Wellesley, do que da sua propria convicção a tal respeito, ao passo que as mesmas exigencias do marquez talvez que tambem nada mais fossem pela sua parte do que o resultado das de seu irmão, lord Wellington, o qual verdadeiramente se tornou o unico homem que por parte da Inglaterra e da de toda a Europa opprimida se achava em campo, decidido a affrontar os exercitos de Napoleão, e por este meio a oppor-se ás suas despoticas e ambiciosas pretensões.

E na verdade admiravel, repetimos por mais outra vez, a força da convicção intima que o acompanhava, quanto ás vantagens que para o seu paiz resultavam do proseguimento da sua luta contra a França, e a sua firme crença na proficuidade dos planos que para tal fim ideára, admirando não menos o notavel sangue frio com que arrostou as difficuldades que se oppunham aos seus intentos, a energica resolução com que

se dispoz a combater um inimigo que, ufano pelos seus repetidos e assignalados triumphos, se reputava invencivel, e finalmente a consummada prudencia com que relevou, não só todas as invectivas de que estava sendo o alvo por parte da opposição parlamentar do seu paiz, mas igualmente todos os temores manifestados pelos mais abalisados politicos, tanto inglezes, como das outras nações. Esta prudencia a confirma elle no despacho que de Vizeu dirigiu ao conde de Liverpool, na data de 10 de março de 1810, dizendo-lhe: «Asseguro-vos que o que se tem passado no parlamento a meu respeito não me tem causado um só momento de desgosto, pelo que me diz pessoalmente respeito, e até com isso me tenho regosijado, por dar occasião aos meus amigos de rectificarem publicamente alguns pontos que se não conheciam, e alguns outros que por sua falsa exposição tinham obscurecido a verdade nos espiritos. Sinto que homens taes como lord... e ainda outros tenham levado o seu espirito de partido ao ponto de atacarem um official na sua ausencia; que tenham ido buscar os motivos da sua aggressão ao *Cobbett* e ao *Moniteur*, e que ao mesmo tempo o tenham censurado por factos e por acontecimentos que não podia reprimir, e faltas, que a terem sido commettidas, não o foram por elle». O resultado do que a tal respeito temos dito é a mais evidente prova do seu grande talento e capacidade, tanto militar, como politica, porque a não se lhe concederem estas duas cousas, não se póde admittir que elle previsse o futuro com tanta segurança e exactidão como antecipadamente o previu.

E um facto que todos, a não ser lord Wellington, olhavam como cousa de mera phantasia a defeza de Portugal; poucos ou nenhuns acreditavam que similhante empreza podesse ter por si algum feliz resultado, attento o estado de resignação submissa em que geralmente se via a Europa ao poder da França, e mais particularmente o estado em que se via a peninsula, não só com relação ao desalento geral, e até mesmo nullidade de resistencia em que os hespanhoes se achavam, mas igualmente com relação ao prodigioso numero dos exercitos francezes existentes na Hespanha, ás grandes forças que

d'elles estavam destinadas á invasão de Portugal, e finalmente ao afamado nome que por si tinham os generaes, commandantes d'essas mesmas forças. Era portanto evidente que Napoleão se achava no mais alto grau empenhado em expulsar os inglezes da peninsula, por ser este um obstaculo á inteira realisação do seu imaginado imperio continental, como no tempo dos romanos o tinha já sido, querendo, quanto a isto, avantajar-se em gloria ao immortal nome de Carlos Magno, ou pelo menos iguala-lo, nada mais lhe faltando para conseguir o seu intento do que aquella expulsão, não attendendo a que a resurreição dos mortos, e com data já de tantos seculos, não era para empreza humana, no meio das circumstancias em que a moderna Europa se achava por este tempo. Em presença do que temos dito vê-se bem que desde 1809 o territorio hespanhol era disputado palmo a palmo pelos exercitos francezes; que as cidades e villas da Hespanha tinham sido por elles tomadas, ou por traição ou por assalto, figurando n'estas emprezas os mais afamados generaes da França, taes como Junot, Suchet, Soult, Jourdan, Augereau, Mortier, Ney, Sebastiani e Victor. O resultado de tudo isto era achar-se quasi toda a Hespanha submettida ás operações e esforços de tão afamados generaes.

Conseguintemente os juizos do imperador Napoleão de que para conseguir os seus fins só lhe faltava expulsar os inglezes de Portugal tinha por si o mais plausivel fundamento, attendendo-se particularmente a que, estando os hespanhoes e portuguezes cansados já de uma tão longa e encarniçada guerra, e exhaustos não menos pelos pesados e duros sacrificios que ella lhes tinha trazido, não lhe seria difficil submette-los inteiramente ao seu jugo, perdidas que por elles fossem as idéas da continuação do apoio que até então lhes dava a Gran-Bretanha. Alem das ambiciosas vistas politicas que arrastavam o imperador Napoleão á expulsão dos inglezes para fóra de Portugal, oppostos como realmente os olhava ao seu engrandecimento pessoal, outras não menos importantes, taes como as financeiras, o levavam tambem com não menos força a uma terceira invasão contra este rei-

no, onde as cidades de Lisboa e Porto seriam irremediavelmente victimadas aos seus furores de expoliação, não só pelas contribuições de guerra, que os seus generaes seguramente lhes imporiam, como se via na Hespanha, e já entre nós se tinha igualmente visto durante a invasão de Junot em 1808, mas até mesmo pelos saques a que muito provavelmente seriam entregues, em castigo da sua rebeldia. Os despachos de lord Wellington para Londres nos dão d'isto um cabal testemunho, dizendo-nos: «As tropas francezas só vivem d'aquillo que não só pilham aos individuos, mas igualmente ao que tiram por meio das suas contribuições e requisições. Da França pouco ou nenhum dinheiro se lhes envia, ao passo que muito pouco conseguem das contribuições pecuniarias da Hespanha. Tenho feito ver ultimamente que só a despeza do soldo e dos hospitaes das tropas francezas na peninsula se eleva a muito maior somma do que aquella que vem na *exposição financeira* para a despeza total do exercito inteiro. Este estado de cousas tem enfraquecido muito, e em grande parte destruido a disciplina do exercito. Não tenho portanto duvida em admittir que o desejo de se tirarem d'este estado de penuria e de desviarem os males que d'elle dimanam, *saqueando Lisboa e Porto,* sejam o primario motivo da expedição de Portugal».

Pela sua parte o mesmo lord Wellington com toda a rasão acreditava que a projectada invasão do exercito francez contra este reino teria provavelmente logar pela Beira Alta, não só pela grande accumulação de tropas francezas que ia tendo logar na Castella Velha e Leão, mas igualmente porque a elevação das aguas do Tejo e das do Guadiana, durante a estação invernosa de 1809 para 1810, era um grande obstaculo material para que as referidas tropas se fossem postar na Extremadura hespanhola, nas vistas de penetrarem pelo Alemtejo. Era esta tambem uma das rasões que o tinham levado a transferir o seu exercito das margens do Guadiana para as vizinhanças de Almeida, apoiando a direita do seu dito exercito na cidade da Guarda, e a esquerda no alto Douro sobre Trancoso, estabelecendo sobre o Côa os seus postos avança-

dos e o seu quartel general em Vizeu, d'onde o transferiu depois para Celorico, deixando ficar em Abrantes o general Hill com uma divisão luso-britannica, na qual se comprehendiam duas brigadas portuguezas de infanteria, compostas dos regimentos d'esta arma n.os 2 e 14, e dos de n.os 4 e 10 com caçadores n.º 5, sendo ambas commandadas pelo major general Hamilton. Esta força tinha por incumbencia operar nas fronteiras do Alemtejo e Extremadura hespanhola, se por acaso os francezes, por maneira diversa do que se pensava, invadissem por ali Portugal. Felizmente a marcha do exercito de Massena contra este reino não foi tão rapida quanto o devêra ser para o bom exito da sua respectiva empreza. Reunindo-se vagarosamente e mettendo alguns mezes de permeio á sua definitiva concentração, deu logar a que lord Wellington estudasse meditadamente os seus movimentos, e reunisse tambem as suas forças sobre as duas Beiras de um modo adequado a recebe-lo, preparando-se do melhor modo possivel para a sua nova e gloriosa campanha de 1810 a 1811. A batalha do Vimeiro, por elle ganha em 1808; a expulsão do marechal Soult do Porto e do Minho, effeituada por elle em 1809; e finalmente os immarcessiveis louros de que se cobríra na batalha de Talavera, a par da cega confiança que tinha no bom exito das suas concepções e no modo por que via as cousas, eram outros tantos incentivos que o levavam a emprehender resoluto a sobredita campanha, concorrendo tudo isto para o convencer a elle e aos differentes estados da Europa de que os exercitos francezes não eram tão invenciveis quanto até então se pensava.

É isto o que se colhe de um dos periodos contidos no despacho que em 2 de abril de 1810 dirigiu ao conde de Liverpool, em que lhe dizia: «A minha opinião é que emquanto nos mantivermos activamente em Portugal a guerra continuará em Hespanha: muito desejam os francezes que nos retiremos d'este paiz; mas elles não ignoram que lhe é preciso o emprego de um consideravel numero de forças para nos obrigarem a saír d'elle. Pela minha parte duvido que elles possam trazer similhantes forças contra Portugal, a não aban-

donarem outros objectos, e a largarem por mão todas as suas emprezas na Hespanha. Mas quando tenham taes forças que possam invadir Portugal, se nos não levarem a abandona-lo, a situação que d'isto lhes resultará será para elles perigosissima, e quanto por maior espaço de tempo lhes resistirmos e retardarmos os seus successos, tanto maiores serão provavelmente os seus soffrimentos em Hespanha. Todos os preparativos para embarcar e remover d'aqui o exercito, e tudo mais que para tal fim se precisa, acha-se já feito, sendo da minha intenção executar isto, apenas a necessidade militar me levar a similhante passo. Mas eu farei tudo quanto podér para evitar que o embarque se me torne necessario. Se o inimigo invadisse este paiz com forças menores do que a superioridade das que para isso julgo necessarias, para salvar este paiz dar-lhe-ía uma batalha, para a qual tenho tudo preparado, e quando o resultado d'ella me não seja feliz, do que duvido, ainda estarei em estado de me retirar e de fazer embarcar o exercito». É isto o que manifestamente pinta o profundo modo de pensar de lord Wellington na arriscada conjunctura em que se achava, e com quanto bom senso e cautela n'ella se conduzia, convencido do seu feliz resultado, como com o andar do tempo se verificou.

Illudido pela sua parte o imperador Napoleão com as suas brilhantes e famosas victorias do norte da Europa, persistia firme na crença de que o privilegio dos triumphos na guerra era um seguro apanagio da sua feliz estrella, e um exclusivo attributo dos seus proprios exercitos, como se prova pelos insultuosos desdens que a filaucia e o orgulho de um soberbo e altivo conquistador com a maior sobranceria lhe dictavam, particularmente com relação aos inglezes e a lord Wellington. Durante o armisticio de Zuaym e depois da paz de Vienna, escreveu elle com a mais estranha ousadia do seu campo imperial de Schoenbrunn, dizendo: «Antes de um anno serão os inglezes, apesar de todos os seus esforços, expulsos da peninsula, e a aguia imperial tremulará ufana sobre as fortalezas de Lisboa... Não póde haver cousa mais vantajosa para a França do que ver os inglezes envolvidos em guerras de

terra: em vez de conquistarmos a Inglaterra por mar, nós a conquistaremos no continente[1]». D'estas banaes ameaças, feitas a uma nação tão briosa e brava como a ingleza, passou o mesmo Napoleão aos ataques pessoaes, quando com não menor filaucia e orgulho disse: «Muito desejâmos que lord Wellington seja o commandante dos exercitos inglezes, poisque com o caracter que tem experimentará por certo grandes revezes... Nenhum d'estes dois generaes (referia-se a sir John Moore e a lord Wellington), hão mostrado aquella previdencia e antecipada cautela que tão essenciaes se tornam para as operações militares, e que ensinam a fazer sómente aquillo que se póde effeituar, e a não tentar empreza alguma em que não haja a maior probabilidade de se poderem concluir felizmente. Lord Wellington não tem manifestado pela sua parte maiores talentos do que os homens que dirigem o gabinete de S. James. Querer sustentar a Hespanha contra a França e combater a França no continente é projectar uma empreza, que ha de custar cara aos que a tentarem, e não lhes ha de produzir mais do que desgraças[2]».

Napoleão dizia isto quando lord Wellington á testa do exercito luso-britannico tinha já derrotado na Roliça e no Vimeiro o exercito francez de Junot em 1808, o do marechal Soult no Porto em 1809, e n'este mesmo anno o do marechal Jourdan na batalha de Talavera, como commandante em chefe dos exercitos francezes que de facto foi, e todavia Soult e Jourdan eram dois dos mais celebres marechaes do imperio francez! Napoleão dizia isto ainda á vista das praias de Essling, onde 50:000 dos seus soldados, perdidos poucos mezes antes, davam um irrefragavel testemunho de um desastre seguramente maior que todos esses que suppunha deverem resultar dos descuidos e faltas de precaução, attribuidas a lord Wellington de um modo tão falto de verdade, como acima se viu no despacho por elle dirigido ao conde de Liverpool! O descommedimento das expressões do mesmo Napoleão

[1] *Moniteur* de 27 de setembro de 1809.
[2] O mesmo *Moniteur* superiormente citado.

ainda foi mais adiante quando, estando já proxima a conclusão do tratado de paz e alliança com a côrte de Vienna, escrevia, ou deixava escrever no *Moniteur* de 9 de outubro de 1809, o seguinte: «Esse general de *Sipaes* teve a grande impudencia de se adiantar até ao meio da Hespanha, sem bem saber a força que tinha contra si pela frente e sobre os flancos... foge depois precipitadamente, e rasão teve para fugir. Se houve jamais um general imprudente foi seguramente lord Wellington, e se por muito tempo continuar ainda commandando os exercitos inglezes, podemos esperar grandes vantagens a nosso favor das brilhantes combinações de um general, que tão noviço se mostra na arte da guerra». Estas expressões, que nada mais significam do que o grande receio que Napoleão já tinha concebido de lord Wellington, e as diligencias que por meio d'ellas arteiramente empregava para que o ministerio britannico o privasse do commando que lhe confiára, e em que aliás provava que a previdencia era seguramente uma das suas mais distinctas qualidades, no meio das muitas outras que o ornavam como grande general, foram inuteis para o fim que com ellas se teve em vista. Foi o tempo quem se encarregou de lhes dar o mais solemne desmentido, mostrando que esse denominado general dos *Sipaes* era com effeito ou a maior capacidade militar que então havia na Europa, ou a immediata ao proprio Napoleão, e que diante d'elle tanto os exercitos francezes, como os mais afamados generaes do imperio foram constantemente derrotados desde 1808 até 1814: attribuir tudo isto sómente aos acasos da fortuna e não á sua grande capacidade não é admissivel.

Para bem ligarmos os factos uns com os outros necessario nos é repetir ainda mais alguma cousa do que atrás dissemos, desejando com isto que o leitor conserve bem na memoria os gloriosos feitos que tem connexão com os da memoravel campanha que vamos descrever, talvez a mais notavel da tão celebrada guerra da Europa contra a França, symbolisada no anno de 1810 unicamente na da peninsula, e nas arriscadas operações do exercito luso-britannico. O primeiro

corpo dos exercitos francezes na Hespanha, commandado pelo marechal Victor, e o quinto, commandado pelo marechal Mortier, tinham acompanhado o rei José Buonaparte de Madrid para Sevilha, indo posteriormente o de Victor pôr o cerco a Cadix, e o de Mortier para a Extremadura hespanhola. Sebastiani com o seu quarto corpo marchára, como já dissemos, sobre Granada e Malaga. O segundo, commandado primeiramente pelo marechal Soult, e depois pelo general Reynier, havia-se reunido sobre o Tejo. O sexto corpo, commandado pelo marechal Ney, conservava-se na Castella Velha com a divisão Kellermann, esperando que chegassem outras mais divisões, que se sabia estarem em marcha de França para Hespanha. No fim de fevereiro de 1810 o oitavo corpo, commandado pelo general Junot, tendo vindo da Bohemia, e chegando ao norte da Hespanha com outras mais tropas, dirigiu-se para o reino de Leão, com o fim de investir e tomar Astorga, como conseguiu no dia 22 de abril, vantagem que custou ao exercito francez a perda de 2:000 homens. Por conseguinte quatro corpos do referido exercito, o de Mortier, Reynier, Ney e Junot, cercavam por aquelle tempo Portugal pela parte de leste e do norte, ameaçando invadi-lo ao mesmo tempo por diversos pontos, para cujo fim lhes faltava só estabelecerem depositos e armazens nas praças vizinhas da raia. Dos dois corpos do sul um investia Cadix, puxando destacamentos até Ayamonte, o outro, que era o de Sebastiani, continha os reinos de Granada e Murcia, fazendo correrias até ás vizinhanças de Gibraltar. Todos estes exercitos estavam em communicação uns com os outros, e de facto não formavam mais do que uma só linha de operações combinadas, estendendo-se desde Cadix até Gijon, nas vistas de completamente aniquilarem os destroçados exercitos hespanhoes.

Os fracos restos de similhantes exercitos consistiam nas forças que o duque del Parque deixára na serra da Gata, debaixo do commando de D. Martin de la Carrera, nas vistas de interromper com ellas a communicação entre Salamanca e o valle do Tejo; nas irregulares com que D. Julião Sanches

buscava interceptar os forrageadores francezes, que infestavam o paiz aberto, que se acha entre o Agueda e o Douro. Alem d'este rio havia o exercito da Galliza, na força de uns 7:000 homens, occupando Puebla de Sanabria, Ponte Ferrada e Astorga, que depois foi tomada por Junot, como já vimos. O general Mahy cuidava em organisar um novo exercito em Lugo. O capitão general das Asturias dispunha tambem de uns 7:000 homens, 3:000 dos quaes se achavam em Cornellana, debaixo das ordens do general Ponte. Por este modo as forças hespanholas formavam por assim dizer uma extensa linha de defeza contra os francezes, mas linha sem profundidade alguma, tendo por apoio as praças de Badajoz e Cidade Rodrigo, e na sua retaguarda o exercito luso-britannico. Os francezes occupavam pela sua parte o centro da referida linha, tão irregular como era, tendo tambem a vantagem de se acharem senhores das principaes estradas, a de se communicarem entre si por meio de columnas moveis, e a de ameaçarem todos os pontos importantes, sem que lhes fosse necessario dispersar para isso as suas forças. Os reforços que de França lhes tinham vindo tornavam as suas massas ainda mais solidas e compactas, principalmente na Castella Velha, onde o marechal Ney havia tomado o commando do sexto corpo, sendo sustentado pela divisão de Kellermann e pelo oitavo corpo, commandado pelo duque de Abrantes. Emquanto Victor e Mortier ameaçavam Cadix e Badajoz no sul da Hespanha, Junot investia Astorga pelo lado norte d'esta mesma praça, e Ney dispunha-se ao ataque da Cidade Rodrigo. Nas Asturias o general Bonnet ameaçava muito seriamente a Galliza por Concija de Ibas, ao passo que Loison com uns 8:000 homens de tropas frescas occupava Medina del Campo. O mesmo Loison, fazendo em postas no dia 15 de fevereiro os hespanhoes que encontrou em Alcanizas, marchou depois para Astorga. Pelo que temos dito vê-se que nada se podia esperar das operações das tropas hespanholas para embaraçarem a entrada das francezas em Portugal, e tão nullo era o seu auxilio, que julgâmos inteiramente inutil gastar mais tempo com a relação das suas subsequentes marchas e ope-

rações, pela nenhuma importancia que tiveram no proseguimento geral da guerra.

Emquanto Junot se entretinha com o cerco de Astorga, Ney concentrava o sexto corpo em Salamanca, e Kellermann apoderava-se com um forte destacamento do desfiladeiro de Baños, ao passo que D. Martin de la Carrera deixava a sua posição da serra da Gata para com a sua divisão se ir juntar ás tropas inglezas perto de Almeida. Tinha-se portanto começado com as grandes operações dos exercitos belligerantes, achando-se as estradas de communicação com a França cheias de reforços, que diariamente vinham de lá para Hespanha, entre os quaes se contava o do general Drouet, que com o seu nono corpo havia já passado os Pyreneus, e uns 17:000 homens da guarda imperial, que depois d'elle se seguiram, dando tudo isto plausibilidade á crença que havia de que Napoleão viria tomar em pessoa o commando em chefe das tropas por elle destinadas á invasão de Portugal. O imperador porém, dominado como por então se achava pelas vaidosas idéas da sua ligação de parentesco com a familia imperial da Austria, ou quando esperava pela mão da archiduqueza, que tinha ido conquistar a Vienna, collocado á frente dos seus exercitos, estava bem longe de vir por então á Hespanha, tomando em vez d'isso a resolução de expedir as suas ordens para se fazer todo o possivel para a conquista de Portugal. O marechal Ney lisonjeava-se com a esperança de ser elle o escolhido para similhante empreza, no que se enganou, poisque Napoleão lhe preferiu o mais feliz e o que até então se lhe antolhava pelo mais habil d'entre os seus generaes, sendo tambem elle o seu mais antigo companheiro de gloria, aquelle mesmo que á frente da sua vanguarda nas campanhas da Italia lhe abrira, por entre os muitos e arriscados perigos que lá teve contra si, o caminho para a rara e immensa fortuna a que subira e de que por então se achava gosando. Este afamado general era o marechal Massena, chamado por antenomasia *o predilecto filho da victoria,* honrado com os pomposos titulos de duque de Rivoli e principe de Essling, aquelle mesmo

que com a maior presença de espirito havia pouco antes salvado o proprio Napoleão nas margens do Danubio. No estado das cousas em Hespanha acima relatado foi quando o marechal Massena recebeu a ordem para a importante commissão da conquista de Portugal. Elle porém não desconhecia que os limites da prudencia em muitas cousas se tinham por então excedido, e que o systema de conquista, sobre o qual repousava a grandeza do imperio francez, tarde ou cedo havia de baquear, experimentando uma grande catastrophe.

Ou seja pelas rasões expostas, ou porque o cansaço physico e moral, inherente ao contar dos annos, e aos multiplicados riscos e trabalhos por que já tinha passado nas suas anteriores campanhas, o tivesse quebrantado, é certo que o vencedor de Zurich sossobrou ao peso da commissão que Napoleão lhe punha sobre os hombros, e diante da qual o ardor guerreiro dos seus passados annos notavelmente esfriou, deixando-se talvez dominar por tristes presentimentos. Antevia elle que Junot e Ney se não podiam conformar com o caracter de subalternos, que em similhante empreza se lhes dava; que o exercito para ella destinado era inferior ao que se precisava, sendo particularmente deficiente, quanto á parte material; e finalmente que a disciplina e subordinação dos soldados se achava consideravelmente alterada, pelo mau exemplo que os seus chefes para isso lhes davam. Em tal caso necessario foi que Napoleão o acariciasse e o seduzisse com lisonjeiras expressões, levando-o por este meio a acceitar um commando que muito lhe repugnava. Entre outras das citadas expressões lhe disse elle: «Quem poderei eu mandar para Portugal, confiando-lhe a importante commissão de ir restabelecer os meus negocios, aliás compromettidos por mal avisados, senão aquelle que constantemente m'os tem reparado? Não sois vós porventura o homem das circumstancias difficeis e dos casos desesperados? Abandonar-me-heis vós, quando sois vós o unico que me podeis tirar do embaraço em que estou? Posso eu acaso deixar París agora? Em meu logar vos envio eu a Portugal, e recusaes-me isto com fri-

volos e imaginarios pretextos[1]»! Foi por este modo que o marechal Massena se viu moralmente obrigado a acceitar um commando que se lhe antolhava desastrado, e no qual era da mente do mesmo Napoleão que elle empregasse uma parte do estio em sitiar Almeida e a Cidade Rodrigo. E com effeito tendo elle Massena chegado a Vittoria no dia 6 de maio de 1810, recebeu uma carta do major general Berthier, dizendo-lhe: «Previno-vos de que o imperador não quer que se entre presentemente em Lisboa, por não poder alimentar esta cidade, cuja immensa população recebe as suas subsistencias por mar. É portanto necessario empregar o estio em tomar a Cidade Rodrigo e depois Almeida[2]». Para que nenhuma auctoridade podesse com as suas exigencias empecer a commissão de Massena, Napoleão poz debaixo das suas ordens os quatro governos militares de Salamanca, Valladolid, Astorga e Santander, sendo as forças confiadas ao seu immediato commando compostas dos corpos segundo, sexto e oitavo, alem das divisões de Serras e de Kellermann.

Massena na proclamação que dirigiu aos portuguezes, reproduzindo a asserção de Napoleão, avaliava as suas ditas forças em 110:000 homens, numero que aliás não era exagerado, se é que entravam n'elle todos os mais corpos e divisões postas debaixo do seu commando, isto é, o nono corpo de Drouet, que estava em Salamanca, e a divisão Serras, que estava em Valladolid, sendo a força dos corpos destinados em especial á invasão de Portugal composta de 85:997 homens no seu estado effectivo, e em 65:746 debaixo das armas, com referencia ao dia 15 de agosto de 1810, com mais 14:862 cavallos, incluindo os de artilheria e engenheria[3]. Antes porém

[1] *Memorias de Massena,* tomo VII, pag. 20.

[2] Citadas *Memorias de Massena,* tomo VII, pag. 62.

[3] Mr. M. de Rocca diz nas suas *Memorias sobre a guerra dos francezes em Hespanha,* que o exercito do marechal Massena se compunha de mais de 80:000 homens, dividido em tres corpos, debaixo das ordens do marechal Ney e generaes Junot e Reynier, sendo a reunião dos primeiros dois nas vizinhanças de Salamanca, occupando o paiz entre o Douro e o Tejo, e a do terceiro, ou de Reynier, na Extremadura hespa-

do marechal Massena tomar o commando das tropas, que lhe tinham sido confiadas, dirigiu-se a Madrid para conferenciar com o rei José, pois ainda se achava incerto sobre a linha de marcha, que devia seguir na sua projectada invasão de Portugal. Decidindo-se por fim a tomar a do norte, o oitavo corpo, do commando de Junot, passou o Tormes, emquanto o mesmo Massena se achava em Madrid, marchando o sexto, do commando de Ney, sobre a Cidade Rodrigo. O marechal Soult, que no sul da Hespanha commandava igualmente tres corpos de exercito, recebeu ordem para cooperar por meio de tres divisões para o plano geral da conquista de Portugal. Nunca a França nas suas anteriores guerras com o norte da Europa tinha talvez unido forças tão respeitaveis e de mais a mais commandadas por generaes de tamanho nome, e alguns d'elles no auge da sua bem adquirida gloria e prestigio militar. A honra de Buonaparte assim o exigia, compromettida como se achava a sua palavra, quando na sessão de 4 de dezembro de 1809 a dirigiu ao senado francez, dizendo: «Assim que eu apparecer alem dos Pyrenéus, o leopardo espantado fugirá para o oceano, a fim de escapar á ignominia, á derrota e á morte. O triumpho das minhas armas será o triumpho do genio do bem sobre o do mal; o triumpho da moderação, da ordem e da moral sobre a guerra civil, sobre a anarchia e as paixões destruidoras».

Logoque lord Wellington soube pela sua parte que o segundo corpo do exercito francez entrava na Extremadura hespanhola, apoiado no quinto corpo do commando do marechal Mortier, vindo da Andaluzia, ordenou immediatamente ao general Hill que de Abrantes marchasse para Portalegre com a sua divisão luso-britannica, composta de 5:000 inglezes e

nhola, fronteira ao Alemtejo, communicando pela sua direita em Alcantara com a esquerda do corpo de Ney. Um quarto corpo de reserva se reunia em Valladolid, debaixo das ordens do general Drouet, para reforçar e sustentar o exercito da invasão, segundo as circumstancias. Entretanto as forças do exercito de Portugal do commando do marechal Massena nos dias 15 de agosto, 27 de setembro de 1810 e 1 de janeiro de 1811 podem ver-se no documento n.º 83, já n'outra parte citado.

outros tantos portuguezes, como já dissemos, commandados pelo major general Hamilton, formando duas brigadas de infanteria, a dos n.os 2 e 14, e a dos n.os 4 e 10 com caçadores n.º 5, indo tambem com ellas outras duas brigadas portuguezas de cavallaria e duas brigadas de artilheria igualmente portuguezas. A posição do general Hill em Portalegre, na direita de lord Wellington, servia não só para conter os corpos francezes nas suas operações contra Badajoz, mas igualmente para obstar a que penetrassem em Portugal pelo Alemtejo, podendo ao mesmo tempo antecipar toda a especie de movimento, que Reynier tentasse fazer para tornear a direita de lord Wellington. Para este fim se tinham adoptado as seguintes providencias. Como o caminho de Abrantes para Castello Branco pela margem direita do Tejo era muito mau, atravessando montanhas inaccessiveis, e não era racional o repararse, para não facilitar ao inimigo uma passagem, que o conduziria para Lisboa pelo mais curto caminho, lord Wellington, tendo lançado pontes sobre o Tejo e o Zezere, e fortificado Abrantes, estabeleceu entre esta praça e a referida cidade de Castello Branco uma outra communicação pela margem esquerda do Tejo, que ia desde Niza até ao desfiladeiro de Villa Velha, onde se atravessava igualmente o mesmo Tejo por uma ponte volante, d'onde em tal caso partia um bom caminho para Castello Branco. O citado desfiladeiro apresenta grandes difficuldades á marcha de tropas, e a distancia de Niza para Castello Branco é quasi a mesma que a de Abrantes para esta cidade pela margem direita do Tejo. Transitavel de um modo proprio para as operações do exercito o caminho da margem esquerda e o de Villa Velha a Castello Branco, o general Hill podia facilmente passar, quer de Portalegre, quer da praça de Abrantes para aquella cidade por um movimento de flanco em menor tempo do que Reynier.

Logoque o marechal Massena chegou de Paris a Salamanca e passou revista ao sexto e oitavo corpos, do commando do marechal Ney e general Junot, deu começo á sua campanha, aberta no 1.º de junho pelas disposições adaptadas ao ataque

da Cidade Rodrigo, que, como já vimos no capitulo VI do anterior volume, caíu em poder dos francezes no dia 10 do seguinte mez de julho, demora mui vantajosa para o exercito luso-britannico. O segundo corpo, que no principio da campanha se achava em Merida e suas immediações, deixou aquella cidade desde junho até 1 de julho, nas vistas de se approximar do sexto e oitavo corpos. O marechal Massena, tendo dado as necessarias ordens para que a praça da Cidade Rodrigo, por elle destinada para deposito geral do exercito de Portugal, se pozesse em estado de defeza, cuidou immediatamente nos preparativos necessarios para tomar Almeida, chamando mais para si o segundo corpo, que ainda por então se achava na margem esquerda do Tejo, o que elle fez, passando a ponte de Almaraz em 16 de julho, indo estabelecer depois o seu quartel general em Plasencia. Estas operações de Massena fizeram com que lord Wellington concentrasse quanto possivel lhe foi o seu exercito, indo elle no dia 25 de junho estabelecer o seu quartel general em Almeida, d'onde no 1.º de julho o transferiu para Alverca, situada mais no centro das tropas que commandava, e se haviam distribuido em cinco divisões de infanteria, a primeira das quaes, composta de 6:000 homens, achava-se de quartel em Vizeu, sendo commandada pelo tenente general sir Brent Spenser; a segunda, comprehendendo o decimo terceiro de dragões, era a do commando de sir Rowland Hill, e contava 5:000 inglezes, os quaes com o seu general passaram de Portalegre novamente para Abrantes, logoque o corpo de Reynier se approximou de Massena; a terceira, composta de 3:000 homens, achava-se em Celorico, tendo por commandante o general sir Thomás Picton; a quarta, contando 4:000 homens, achava-se na Guarda, tendo por commandante o general sir George Loury Cole; e a quinta, formada pelas tropas ligeiras, contando 2:400 homens, achava-se em Pinhel, sendo commandada pelo general sir Roberto Crawfurd. Alem das citadas brigadas de infanteria havia tambem uma de cavallaria, composta de 3:000 homens, a qual se achava no valle do Mondego, tendo por commandante o general sir Stapleton Cotton. Toda

esta força sommava uns 23:400 homens. Debaixo das ordens do general sir James Leith, de quartel general em Thomar, ficaram os tres regimentos inglezes que tinham vindo de Walkeren na força de uns 2:000 homens, com mais outros tres regimentos de infanteria portugueza, dois batalhões da leal legião lusitana, tres batalhões de milicias, e tres brigadas de artilheria tambem portugueza, elevando-se o total da força portugueza n'aquelle ponto a mais de 8:000 homens, os quaes com os inglezes constituiram na batalha do Bussaco a quinta divisão. Esta posição do general Leith em Thomar dava-lhe a vantagem, ou de se mover sobre a sua esquerda para as bandas do Mondego, com o fim de apoiar lord Wellington, quando porventura houvesse de se retirar pelo valle por onde corre o dito rio, ou finalmente sobre a sua direita, para manter as communicações da linha do Tejo, e apoiar as operações do general Hill, quando d'elle precisasse [1].

[1] Lord Wellington no relatorio das suas operações da campanha de 1810 enumera a força do exercito portuguez pela seguinte maneira, com relação ao 1.º de junho do referido anno, dizendo constar de 29:000 homens no campo, comprehendendo cavallaria, infanteria e artilheria. Diz mais que d'este numero cousa de 1:200 homens de cavallaria, 5:000 de infanteria e 300 de artilheria se achavam com o general Hill, restandolhe em tal caso 23:000 homens effectivos. Cinco regimentos portuguezes achavam-se empregados em guarnições, um outro estava em Cadix. Tres regimentos mais de infanteria e dois batalhões da leal legião lusitana, improprios para o serviço de campanha, formavam com a cavallaria, igualmente impropria para o mesmo serviço, um computo não inferior a 10:000 homens effectivos. Conseguintemente na Beira não havia, segundo elle, mais que 15:000 portuguezes effectivos, pouco mais ou menos. A somma portanto da força ingleza com a portugueza apenas dava um total, no citado mez de junho de 1810, de 32:000 homens effectivos, incluindo a artilheria. Por este e outros que taes casos tirâmos por conclusão que quanto á designação das forças belligerantes, quer por parte dos francezes, quer dos inglezes, é sempre deficiente e inexacta, não merecendo confiança. N'um mappa que se acha a pag. 264 de um almanach de Valdez, ou lista geral do exercito portuguez do anno de 1842, vem a força do referido exercito, relativa ao anno de 1810, designada pelo seguinte modo: quatro regimentos de artilheria com 4:929 homens; doze regimentos de cavallaria com 6:678 homens e 4:469 cavallos: vinte e quatro regimentos de infanteria com 36:356 homens; doze ba-

Forçoso é pois confessar que toda esta campanha tinha por lord Wellington sido desde muito tempo antes prevista e por elle muito meditada, e segundo parece até mesmo antecipadamente por elle ajustada em Sevilha no anterior anno de 1809 com o marquez de Wellesley, seu irmão. Os mesmos francezes se viram obrigados a confessar que havia sido estudada com toda a profundidade e saber, e todavia lord Wellington não soccorreu a Cidade Rodrigo, podendo aliás faze-lo. Alguns houve, e sobretudo d'entre os hespanhoes, que lhe reputaram isto como uma falta grave, e á primeira vista assim o parece, postoque na realidade o não seja. Vejamos o que elle a este respeito nos diz no despacho que na data de 27 de junho de 1810 dirigiu ao conde de Liverpool. «É evidente a impossibilidade em que estou de soccorrer Almeida e de lhe fazer levantar o cerco, a não ser por meio de uma batalha geral contra forças que justamente devo acreditar, não só pela rasão do *diz-se*, mas por cartas interceptadas e respostas dadas, serem infinitamente superiores em numero áquellas que lhe posso oppor; apesar de todo o desejo e poderoso empenho que ha em conservar esta praça, não imagino que, por grande que seja o interesse dos alliados, queiram elles que me arrisque a ser batido nas actuaes circumstancias, tentando salva-la; e posto ter animado o governador a perseverar na sua defeza, e ainda o deva agora animar, dirigindo-me para as suas visinhanças, obrigando assim o inimigo a ter as suas forças reunidas para continuar no seu ataque, não tenho apesar d'isso cessado de participar ao governo, que as medidas que houver de tomar, no caso da Cidade Rodrigo se achar em perigo,

talhões de caçadores com 3:878 homens; vindo portanto o exercito portuguez de primeira linha a ser no total de 51:841 homens, isto sem fallar na força de cincoenta e tres regimentos de milicias, ou tropa de segunda linha, que andava por 50:000 a 52:000 homens. Ignorâmos as fontes onde lord Wellington foi buscar os algarismos que aponta no seu dito relatorio; mas segundo uns mappas que vimos na nossa secretaria da guerra só a força do exercito portuguez que entrou na batalha do Bussaco era de 29:065 homens, entre officiaes e soldados, como adiante veremos na especificação dos corpos e da força de cada um d'elles.

me hão de ser dictadas pelo interesse dos alliados n'esta guerra, encarada debaixo de um ponto de vista mais largo do que o da simples conservação d'esta praça, por muito grande que seja a sua importancia».

Apesar do exposto é um facto que a perda da Cidade Rodrigo e Almeida produziu, não só em Portugal e Hespanha um grande descontentamento, mas até mesmo nos proprios officiaes do exercito britannico, os quaes nenhuma duvida tiveram em escrever aos seus amigos, tanto para Inglaterra, como para o Porto, cartas em que expunham as cousas debaixo do mais funesto e assustador aspecto[1]. De similhante conducta amargamente se queixou lord Wellington a mr. Carlos Stuart, ministro inglez em Lisboa, no seu despacho de 11 de setembro de 1810, em que lhe dizia: «Parece que tivestes alguma disputa séria com os membros do governo, relativamente ao nosso plano de operações. Elles me levarão a deixa-los, e depois verão o que lhes ha de succeder. Reconhecerão então que só eu poderei manter as cousas no estado actual. A disposição dos espiritos de alguns officiaes do exercito dá-me muito mais cuidado do que a loucura do governo portuguez. Tenho estado sempre acostumado a ter por mim a confiança e o apoio dos officiaes dos exercitos que tenho commandado. É pela primeira vez, ou porque eu deva n'este caso accusar a opposição em Inglaterra, ou porque a grandeza do negocio seja superior ao seu espirito, ou porque irrite os seus nervos, ou seja porque eu mesmo me tenha enganado, tendo elles rasão, se assim o devo dizer, que um

[1] A desanimação dos officiaes do exercito inglez o marquez de Londonderry a confirma na sua *Historia da guerra da peninsula*, dizendo: «Muitos d'entre nós pensavam que era impossivel manter-nos por algum tempo em Portugal, desde que os francezes pretendessem abertamente subjuga-lo... Agitou-se mesmo a questão de saber se se retirariam da peninsula não sómente todos os nossos soldados, mas tambem o exercito portuguez. (Tomo II, pag. 60.) O certo é que pelo menos tres quartos do exercito inglez desejavam embarcar-se. Dizia-se que Portugal não tinha postos sufficientemente solidos para permittir a 30:000 inglezes disputarem a entrada que o exercito francez n'elle fizesse. (Tomo II, pag. 112.)

systema de gritaria no exercito apparece tão prejudicial ao serviço publico, de que resulta ser-me necessario aniquila-lo, sem o que nos aniquilará a nós mesmos. Os officiaes podem ter a sua opinião sobre os acontecimentos e a marcha dos negocios; mas os de um grau superior e posição elevada devem guardar a sua opinião para si mesmos. Quando não approvem o systema das operações do seu general, elles devem deixar o exercito, e é isto o que eu farei, com relação a alguns».

É um facto que as forças francezas que lord Wellington tinha na sua frente eram aliás respeitaveis, com relação áquellas de que dispunha, ainda quando estas fossem superiores ao que elle nos diz. E com effeito logoque o segundo corpo, commandado por Reynier, se reuniu ao sexto e oitavo, depois dos encontros que tivera com as tropas hespanholas de la Romana, Ballesteros e Mendizabal, o exercito de Massena reputou-se muito avantajado em numero ao exercito luso-britannico, sobretudo na arma de cavallaria. Haveria talvez exageração n'esta supposição; mas por uns mappas authenticos, interceptados pelos guerrilhas, lord Wellington conheceu que as tropas francezas existentes na peninsula no principio de 1810 consistiam em 322 batalhões de infanteria, 179 esquadrões de cavallaria e 179 companhias de artilheria, alem das guardas, que se elevavam a 10:000 ou 12:000 homens, montando toda esta força a 350:000. D'este computo 98 batalhões, 66 esquadrões e 48 companhias de artilheria formavam o exercito de Portugal, commandado por Massena, cuja força se reputava por mais de 80:000 homens, segundo mr. de Rocca. Lord Wellington pela sua parte contava no campo apenas 25:000 ou 26:000 homens effectivos de tropa ingleza, dos quaes se achavam em Lisboa cousa de 2:000, reduzindo assim a referida tropa, existente nas vizinhanças de Almeida, a menos de 24:000 homens, segundo elle nos diz, como já vimos. As tropas portuguezas montavam nominalmente a mais de 50:000 homens com 4:400 cavallos; mas na Beira, debaixo das suas immediatas ordens, apenas havia 20:000 homens das referidas tropas. Por conseguinte o total das forças do exercito luso-britannico em ar-

mas n'aquella provincia era apenas de 43:000 ou 44:000 homens de todas as armas, numero que, segundo os calculos de lord Wellington, era consideravelmente inferior ao do exercito inimigo[1]. Isto reunido com a circumstancia do exercito portuguez não ter ainda entrado regularmente em fogo, fez com que o mesmo Wellington se não abalançasse a obrigar os francezes a levantar o cerco da Cidade Rodrigo, por trazer esta empreza comsigo uma batalha, que a perder-se, perdida ficava a guerra da peninsula, e com ella a libertação da Europa inteira, não equivalendo portanto a conservação d'aquella praça ao risco de uma derrota do exercito luso-britannico, cujas consequencias eram pelo menos ficar mallograda a campanha d'aquelle anno, perdida como não podia deixar de ser para elle a posição em que se achava collocado. Rasão tinha pois lord Wellington em se obstinar em não querer compromettter-se para salvar uma praça, cuja posse não era indispensavel ao bom successo do seu plano de campanha[2]. A D. Miguel Pereira Forjaz dizia elle: «Esqueceria eu o meu dever para com o rei, para com o principe regente de Portugal e para com a causa commum, se me deixasse influenciar

[1] Este computo feito por lord Wellington, que aqui reproduzimos, das forças de que elle dispunha não o temos por verdadeiro, suppondo-o muito inferior ao que na verdade era, dando as rasões d'isto na nota anterior.

[2] A mr. Carlos Stuart escrevia elle em 7 de setembro, dizendo-lhe: «Parece que o governo portuguez tem ultimamente achado havermos procedido mal. Elle está impaciente de ver o inimigo derrotado, e á imitação da junta central, pede a grandes gritos uma batalha e um prompto resultado. Se estivesse em meu poder, teria embaraçado que os hespanhoes correspondessem a este appello, e a causa estaria presentemente salva; hoje porém não está isso na minha mão, e n'este caso compete-me não deixar escapar o unico meio que me resta de poder salvar a causa, prestando a menor attenção ás suggestões insensatas do governo portuguez». Lord Wellington era de opinião que a Cidade Rodrigo não podia salvar-se senão pelo auxilio de uma diversão, operada pelo general Mahy na Galliza, com ajuda dos habitantes e guerrilhas da Castella. Por este modo, dizia elle, se obrigarão os francezes a destacar tropas para suffocar a insurreição, ou obrigar Mahy a retirar-se para as montanhas, o que diminuiria a força do exercito sitiante, para nos permittir

pelo clamor publico, ou pelo medo, a ponto de modificar o systema de operações que tenho adoptado, depois de uma madura deliberação, e que uma diaria experiencia demonstra ser o unico que póde conduzir as cousas a um bom resultado». A exactidão d'estes juizos a confirmou uma carta de Berthier, interceptada aos francezes, por onde se viu contarem elles com a possibilidade de um ataque, com aquellas vistas de lord Wellington em ir em soccorro da Cidade Rodrigo, e julgarem-se com forças bastantes, não só para sustentarem, mas tambem para continuarem na sua empreza de tomarem decididamente aquella praça.

Se n'esta invasão contra Portugal admittirmos por outro lado que os tres corpos, commandados pelo marechal Soult no sul da Hespanha, eram de uma força igual á dos tres de Massena, concluiremos que o exercito luso-britannico se achava ameaçado por cousa de 150:000 francezes effectivos no campo, não contando com as mais divisões inimigas, espalhadas pelo norte da mesma Hespanha e suas provincias centraes, divisões que pela sua parte tambem successivamente deviam ir apoiando o exercito da invasão directa contra Portugal, nem fallando igualmente nos mais reforços que ainda se esperavam de França, e que deviam montar a mais 20:000 homens. A posição dos alliados tornou-se ainda mais critica, particularmente depois da quéda da Cidade Rodrigo. Á sua guarnição, partida de lá para Salamanca com as suas bagagens, depois da sua entrega ao inimigo, concederam-se as honras da guerra, promettendo-se-lhe tambem uma conducta humana e a todos os habitantes da praça. Da referida guarnição foram mortos e feridos 1:300 a 1:400 homens, e dos paizanos 100. Os edificios soffreram bastante com o bombardeamento. Ao quarto dia de fogo havia já brecha aberta: ao quinto intimaram os sitiantes a rendição da praça, intimação a que o seu

ataca-lo. Mas o general Mahy não fez movimento algum, e os gallegos ficaram apathicos espectadores, limitando-se a injuriar-nos, por nos não querermos expor a correr os mesmos riscos por que a Cidade Rodrigo estava passando». *(Relatorio feito por lord Wellington das suas operações de 1810.)*

governador respondeu negativamente. Durou o fogo por dezesete dias continuos, no fim dos quaes a brecha se achava com largura de 50 a 60 varas, offerecendo uma rampa por tal modo doce que os cavallos poderam entrar por ella. O exercito sitiante era de 45:000 homens, incluindo 7:000 de cavallaria. O bloqueio e o sitio duraram setenta e sete dias, lançando os francezes na praça 34:740 bombas, gastando a infanteria 1.200:000 cartuchos. As bôcas de fogo com que sitiaram a praça eram dezoito peças de calibre 24, quinze de 16, vinte e duas de 12, vinte de 8 e trinta de 4, alem de mais doze obuzes e doze morteiros, sendo ao todo cento e vinte e nove bôcas de fogo. Os francezes perderam pelo menos 3:000 homens entre mortos e feridos. O proprio marechal Massena elogiou a defeza da praça, representando-a como sendo das mais pertinazes. «Não se póde fazer idéa, dizia elle no seu boletim, do estado a que a praça ficou reduzida; tudo foi derrubado e destruido; não houve uma só casa que ficasse inteira».

Desde então os francezes, reputando submettidas inteiramente ao seu dominio as seis grandes provincias da Hespanha, Asturias, Biscaya, Navarra, Castella Velha, Castella Nova e Aragão, puxaram todas as suas forças para o occidente da peninsula, com o manifesto fim de destruirem o exercito luso-britannico, que tamanho apoio dava aos hespanhoes insurgentes, e tanto prejudicava as vistas de Napoleão. Entretanto as Asturias, a Biscaya e a Navarra nem por isso deixavam de alimentar em si bastantes elementos de insurreição. Ao longo de Portugal achava-se, contando do norte, o general Kellermann com muito poucas forças defronte de Traz os Montes por Galliza. Seguia-se depois entre o Douro e o Tejo o proprio marechal Massena, tendo chamado para seu reforço o corpo de Reynier, o qual deixára toda a provincia da Extremadura em poder dos hespanhoes, os quaes poderam desde então communicar-se livremente por Cuenca e Murcia pela Mancha, ao norte da serra Morena. Em Madrid e por toda a Castella Nova poderiam ter cousa de 20:000 a 30:000 homens. Na Andaluzia existia o corpo de Victor de observação a Cadix: Granada era occupada pelo de Sebas-

tiani, e em Sevilha e suas vizinhanças achava-se o de Mortier. O primeiro d'estes tres corpos hostilisava e sitiava as tropas alliadas que estavam na ilha de Leão, o segundo combatia o exercito hespanhol, a que chamavam do centro, e o terceiro, não podendo dividir-se para guarnecer Sevilha e occupar a Extremadura, postára-se nas montanhas que a separam da Andaluzia, parecendo-lhe ter ambas estas provincias em respeito. Nas proximidades pois da invasão contra Portugal quatro respeitaveis exercitos francezes existiam por aquelle tempo em Hespanha; o de Massena, destinado directamente á occupação de Portugal; o da Catalunha, destinado a manter este principado e o reino de Aragão em sujeição ao dominio francez; o de Madrid e Castella Nova com o mesmo fim, com relação á provincia em que se achava; e finalmente o da Andaluzia, destinado a penetrar em Cadix e ilha de Leão.

Pelo que fica dito vê-se que quando lord Wellington pediu ao seu governo 30:000 inglezes e outros tantos portuguezes para defenderem Portugal, não considerou este numero debaixo do ponto de vista geral da precisão que tinha para combater os francezes, mas só com relação ao numero que o thesouro inglez podia sustentar na peninsula, o qual durante o anno de 1810 só fornecia a Portugal 1.000:000 libras[1], importando a despeza do seu proprio exercito em 250.000:000 por anno, comprehendendo 75.000:000 a 80.000:000 para o custeamento da esquadra de transporte[2]. Á vista da desproporção em que, com relação aos francezes, se achavam as forças de que dispunha, entendeu ser-lhe absolutamente necessario que, na sua qualidade de marechal general em Portugal, a sua auctoridade devia ser intei-

[1] Foi só no anno de 1811 que o subsidio inglez se elevára de um a dois milhões de libras, como já notámos, por não ser aquella somma equivalente á despeza dos 30:000 portuguezes a quem a Gran-Bretanha se compromettêra pagar e fornecer, subsidio que por muitas vezes foi satisfeito em generos e productos da industria ingleza, circumstancia que lhe acarretou um consideravel desfalque.

[2] Assim se lê na *Historia do duque de Wellington*, de mr. Brialmont tomo I, pag. 344, nota 4.

ramente independente da do paiz, da mesma fórma por que o fôra, quando o duque de Lafões teve tambem igual patente, e por conseguinte que fosse absoluta em tudo o que dizia respeito ás forças e aos movimentos do exercito luso-britannico[1], fazendo esta allegação e exigencia por haver descoberto nos governadores do reino indicios de quererem sujeitar ao seu arbitrio as operações do exercito portuguez. Se lord Wellington limitasse as suas vistas unicamente a este ponto, ou ao das simples operações do exercito do seu commando, justa e racional era a sua pretensão; mas o seu fim era mais do que isto, porque o que elle queria era dispor a seu talante das milicias e ordenanças do paiz, e portanto de toda a nação portugueza, obrigando-a a pegar em armas para sustentação dos interesses da Gran-Bretanha. Apoiado portanto no prestigio do seu nome, e na plena approvação que o seu governo lhe dava para tudo quanto queria fazer, teve igualmente a fortuna de ver inteiramente submissa a todas as suas phantasias a côrte do Rio de Janeiro, que constantemente adstricta, como de facto se achava, ao abjecto e systematico inglezismo dos irmãos Linhares, nenhuma duvida teve em sujeitar pela mesma fórma toda a nação portugueza ao inteiro arbitrio dos inglezes, a troco do já citado subsidio de 1.000:000 libras que d'elles recebia, e que pelo cambio de então equivalia á somma de 3.400:000$000 réis. Por similhante quantia se prostituiu a referida côrte, prostituindo tambem a nação, dando aos inglezes o insolito privilegio de intervirem como muito bem lhes parecesse nos negocios publicos d'este reino, sendo admittidos ao gremio da sua propria gerencia governativa, e dando-se tambem ao almirante Berkley o supremo commando das forças navaes que tinham ficado no Tejo[2]: a troco da referida quantia deu-se igualmente ao exercito portuguez o caracter de mercenario[3], sujeitando-se

[1] Veja o documento n.º 84.

[2] Por carta regia de 24 de maio de 1810, que constitue o documento n.º 84-A.

[3] Foi por esta causa que o major de caçadores n.º 4, Verissimo Antonio Ferreira da Costa, declarou por officio, que em 11 de janeiro de

á prepotencia dos officiaes inglezes, que collocados assim exclusivamente á frente dos commandos dos corpos, brigadas e divisões, castigavam arbitrariamente os nossos soldados com as mesmas penas corporaes de chibatadas, que no seu proprio exercito se achavam em uso, exercito onde os seus soldados eram todos mercenarios, vendendo-se ao serviço militar pelo preço do seu respectivo ajuste no acto do alistamento, o que não succedia no nosso; e finalmente foi ainda a troco de similhante quantia que se roubou a muitos officiaes portuguezes a gloria de que seguramente se cobririam, quando os inglezes se não achassem de posse dos referidos commandos[1].

A esta omnipotencia de lord Wellington se oppunha a aris-

1809 dirigiu a sir Roberto Wilson, que não sendo mercenario, não podia continuar no serviço, recebendo soldo de um soberano estrangeiro, tal como o da Inglaterra. Por esta causa foi demittido com indignidade e mandado residir em Atouguia, sujeito ao governador de Peniche. Todavia um anno depois (19 de junho de 1810), pediu a D. Miguel Pereira Forjaz ser admittido no exercito como voluntario, pretensão em que o marechal Beresford conveiu, sendo para isso ouvido, solicitando-lhe depois com empenho a sua readmissão no seu antigo posto, por officio de 26 de fevereiro de 1811, em que dizia o seguinte: «Este official, não sómente viu os seus erros e as más consequencias que d'elles podiam ter resultado, mas até serviu como voluntario por muito tempo, para provar por pratica que já não pensava servir condicionalmente, mas sim cegamente a sua alteza real, e elle entrou na batalha do Bussaco, onde se comportou como portuguez, e mereceu em consequencia a approvação do seu commandante, o tenente coronel Sebastião Pinto de Araujo. Eu o mando pois acompanhando esta representação, para o seu reingresso no serviço de sua alteza real com a mesma patente e antiguidade que tinha». (Veja o documento n.º 85).

[1] A não ser o governo portuguez, não houve outro algum governo na Europa, ainda mesmo o da Suecia, como já dissemos, que sujeitasse tão abjectamente o seu exercito ao arbitrario commando e caprichosa vontade dos officiaes inglezes, mandando-lhe applicar o castigo das chibatadas, desde o general em chefe até ao mais moderno alferes. Alcançou-se por fim a tão desejada victoria contra a França, e por este resultado pretendem muitos justificar a medida; e é certo este seu argumento, se é que os fins justificam os meios, principio para nós errado e obnoxio, e que mesmo n'este caso nos não parece concludente.

tocracia do paiz, não por meio de uma formal resistencia, mas por actos de má vontade e opposição passiva. Os proprios governadores do reino, zelosos da sua auctoridade, tambem não viam com bons olhos, nem era natural que vissem, estas injustas aspirações ao poder supremo, tanto de lord Wellington, como do marechal Beresford, mas nem por isso deixavam de obedecer submissos ao que do Rio de Janeiro sobre isto se lhes ordenava. Ao marquez das Minas foi quem mais abertamente desagradou, como já vimos, a omnipotencia que se conferiu aos inglezes, e por modo tal, que desde certo tempo em diante deixou de comparecer ás sessões da regencia, até que por fim obteve a sua demissão. O prestigio de lord Wellington e do marechal Beresford, e a consideração que se dava a todas as suas requisições e exigencias, eram de tal ordem por aquelle tempo, que não só supplantaram a importancia do marquez das Minas, não obstante ser um dos governadores do reino, mas até mesmo a dos ministros do Brazil, os quaes, arrastados por solicitações particulares, fizeram no Rio de Janeiro uma promoção de officiaes para o exercito, sem previo conhecimento e approvação do marechal Beresford. A similhante promoção se oppoz logo Wellington, e com toda a justiça pela sua parte, reclamando contra ella n'um officio dirigido a D. Miguel Pereira Forjaz, allegando ser contraria, não só ás condições da admissão do marechal ao serviço portuguez, e ás prerogativas que por aquella occasião se lhe concederam, mas tambem á disciplina do exercito, aos interesses do principe regente, e aos do seu proprio reino[1]; n'este caso as rasões de lord Wellington colhiam perfeitamente, e por causa d'ellas ficou sem ter effeito aquella promoção, destinada sómente a promover os afilhados ou clientes dos Linhares e da côrte do Brazil.

O recrutamento do exercito e o das milicias não tinham tido aquelle desenvolvimento que o mesmo lord Wellington e o marechal Beresford desejavam. Desde janeiro de 1810

[1] Documento n.º 85-A.

que Wellington havia requisitado que se pozessem em actividade de serviço todos os corpos de milicias, ou pelo menos o numero das praças que em cada um d'elles se achasse já com armas, devendo ter o mesmo destino todas as mais que successivamente as fossem recebendo. Alem d'isto requisitára igualmente que sem demora se estabelecessem as guarnições das differentes praças do reino, particularmente Almeida, Elvas, Abrantes e Valença. Em consequencia d'isto foram mandados pelo marechal Beresford para Almeida os regimentos de milicias de Arganil e Trancoso, os quaes, com o regimento de infanteria n.º 24, o de milicias da Guarda e as tres companhias de ordenanças que n'ella havia, faziam um total de 4:000 homens. Para Elvas foram igualmente mandados os tres regimentos de milicias do Algarve, auctorisando-se o general Francisco de Paula Leite, governador d'aquella praça e de todo o Alemtejo, a poder empregar activamente as milicias d'esta provincia, devendo tambem cuidar na defeza de Campo Maior, Ouguella, Marvão e Juromenha. Na dita praça de Elvas se achavam tambem de guarnição os regimentos de infanteria n.os 5 e 17, os de cavallaria n.os 2 e 3, e um regimento de artilheria. Para Abrantes foram mandados os regimentos de milicias de Soure e da Louzã, os quaes, reunidos ali ao deposito de recrutas da Beira, faziam com ellas um total de 5:000 para 6:000 homens. A guarnição de Valença demorou-se ainda mais alguns dias, dizendo o mesmo Beresford a este respeito: «Não ponho desde já guarnição em Valença, mas isto apenas terá de demora quatorze ou vinte dias, e como receio que pondo sobre pé n'este instante mais milicias, poderá isto augmentar o embaraço dos viveres, que tão seriamente experimentam as tropas de linha, necessito saber se poderei ter viveres, que é da maior urgencia prepararem-se, tanto para o exercito de linha, como para as milicias. É da minha obrigação pôr tudo sobre pé, porque sem duvida vae chegar a crise, que s. ex.ª o marechal general tanto prevê, e para a qual nos é necessario preparar, devendo por conseguinte reunir e estabelecer com antecedencia as nossas tropas. Tenho a recordar a v. ex.ª que

nenhuma das praças fortes julgo sufficientemente provida de viveres e forragens, quero dizer para quatro mezes, e temo e mesmo sei que Valença os não tem absolutamente, e sobre este artigo será tambem necessario que nos lembremos de Abrantes[1]». Para fornecimento de viveres o governo recorreu á apprehensão dos que encontrava nas mãos dos particulares, a quem tarde ou nunca se lhes pagaram. O mesmo se fez com relação ás bestas, carros e gados, de modo que a remonta do exercito, a organisação e remonta da artilheria, as bestas necessarias para a conducção das bagagens e munições, e as que á sua conta empregára tambem o commissariado absorveram quasi todas as cavalgaduras e carros que havia no paiz, ficando por este modo a agricultura exhausta de gados e braços, não sendo menos grave o prejuizo que por toda a parte se fez sentir na reproducção das especies. Tudo isto ameaçava o paiz de uma total ruina, excedendo muito a esphera das suas possibilidades.

Estranhos inteiramente ás desgraças por que estava passando Portugal e nada lhes importando com ellas, cuidando sómente em manter n'este reino um foco de pertinaz resistencia ao predominio da França, com o fim de chamar as nações do norte a uma igual luta contra elle, lord Wellington e o marechal Beresford só attendiam a conseguir os seus intentos, em conformidade com as vistas do seu governo e os interesses do seu paiz natal. Um dos secretarios da regencia que mais se esmerou em satisfazer-lhes todas as suas requisições e exigencias foi D. Miguel Pereira Forjaz, no que dizia respeito ás repartições que geria da secretaria da guerra e da dos negocios estrangeiros, merecendo-lhes em retribuição o alto conceito em que o tinham, reputando-o o proprio lord Wellington como sendo o individuo da maior capacidade que então havia em Portugal[2]. Tendo nós por suspeitos estes elogios, nem por isso deixâmos de conceituar Forjaz como

[1] Officio para D. Miguel Pereira Forjaz em 18 de janeiro de 1810.

[2] Este alto conceito que lord Wellington fazia da capacidade de D. Miguel Pereira Forjaz abertamente o testifica na carta, que em 11 de outubro de 1813, dirigiu ao ministro inglez em Lisboa, Carlos Stuard.

dotado de muito merito e talento, tendo-se por este modo tornado n'uma das maiores personagens d'aquelle tempo, prestando como tal bons serviços ao paiz e ao principe regente, a quem servia, e a essa conta iremos dar aqui d'elle alguns traços biographicos.

D. Miguel Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá e Rezende nasceu em 1 de novembro de 1769, sendo filho de D. Diogo Pereira Forjaz Coutinho Barreto de Sá e Rezende, moço fidalgo da real casa, do conselho de sua magestade a rainha D. Maria I, commendador da ordem de Christo, coronel de cavallaria, governador e capitão general da ilha da Madeira, e de D. Luiza Thereza Antonia da Camara e Menezes, terceira filha de D. João Manuel de Menezes, moço fidalgo da real casa, e de sua mulher D. Maria Rosa de Menezes da Camara. D. Miguel Pereira Forjaz foi ajudante do estado maior do marechal de campo conde de Oeynhausen, commandante que tambem foi dos oito corpos que formaram um campo na Porcalhota desde 25 de setembro até 22 de outubro de 1790. Por decreto de 24 de setembro de 1791 foi promovido a capitão graduado, continuando no exercicio de ajudante do estado maior em que até ali se achava. Por occasião de se mandar para Hespanha em 1793 a divisão auxiliar do Roussilion, foi D. Miguel Pereira Forjaz promovido a sargento mór graduado, sendo na dita divisão empregado como ajudante de ordens do marechal de campo João Forbes Skellater, seu general e commandante em chefe. Em 1798 era tenente coronel do segundo regimento de infanteria do Porto, sendo por decreto de 5 de julho do mesmo anno promovido a coronel graduado para o regimento de infanteria de Cascaes. Por decreto de 21 de março de 1800 foi nomeado para governador e capitão general do Pará, logar de que não chegou a ir tomar conta, sem nunca ter partido para o seu destino. Na campanha de 1801 foi empregado como quartel mestre general do já citado tenente general João Forbes Skellater. Por decreto de 9 de dezembro de 1806 foi nomeado inspector geral das milicias do reino, sendo por então promovido a brigadeiro.

Por occasião da partida do principe regente para o Brazil foi por elle designado, no seu decreto de 26 de novembro de 1807, para secretario do governo no impedimento do conde de Sampaio, d'onde lhe resultou ser como tal nomeado pelo general sir H. Dalrymple, quando em 18 de setembro de 1808 installou a regencia, depois da batalha do Vimeiro e assignatura da convenção de Cintra, tendo elle Forjaz vindo do Porto para Lisboa no exercitó de Bernardim Freire de Andrada, de quem era primo, na qualidade de seu ajudante general. Pouco depois de ter chegado á capital foi promovido a marechal de campo, por decreto de 2 de outubro de 1808, e por fim a tenente general por portaria de 5 de fevereiro de 1812 e ordem do dia de 23 do referido mez e anno, contando a antiguidade d'este posto desde o 1.º de janeiro anterior. Tendo entrado para membro do governo como secretario da regencia, tomou conta da pasta da secretaria da guerra e da dos negocios estrangeiros, exercendo este cargo até ao mez de setembro de 1820, de que foi demittido, não por diploma regio, mas pelo facto da inauguração em Lisboa da revolução liberal, rebentada no Porto em 24 de agosto d'aquelle mesmo anno. Foi por duas vezes casado, a primeira com sua prima D. Maria do Patrocinio Freire de Andrada, no mez de março de 1799, e a segunda com D. Joanna Eulalia Freire de Andrada, igualmente sua parenta, condessa viuva do Vimeiro, segunda filha do conde de Bobadella, fallecida em 11 de abril de 1823. Foi decimo senhor de Freiriz e Penagate, do morgado da Redinha, e dos de Arganil, Freiriz e Canidello, decimo conde da Feira por mercê de El-Rei D. João VI, feita em 13 de maio de 1820, gran-cruz da ordem militar de S. Thiago da Espada, commendador da de Christo, tenente general dos reaes exercitos, como já se disse acima, socio honorario da academia real das sciencias de Lisboa e par do reino por D. Pedro IV em 1826. Falleceu no dia 6 de novembro de 1827, contando de idade cincoenta e oito annos e cinco dias. Não tendo tido geração, herdou toda a sua casa um seu sobrinho, Antonio José de Almada Mello Velho e Lencastre, terceiro visconde de Villa Nova de Souto de El-Rei.

D. Miguel Pereira Forjaz tinha por mania singular não fallar a pessoa alguma que o procurasse, sem que primeiro o seu cabelleireiro lhe tivesse polvilhado o cabello, e o desse por prompto para receber visitas[1].

D. Miguel Pereira Forjaz foi seguramente um dos membros do governo que mais distincto se tornou pelo seu encarniçamento na guerra contra os francezes, e contra todos aquelles que passavam por seus partidistas. Como já notámos, Antonio de Araujo de Azevedo lhe commetteu, durante o seu ministerio, a confecção de um plano de linhas de defeza de Lisboa, cousa que elle pela sua parte reputou depois da maior importancia para a sustentação da guerra da peninsula, olhando esta mesma guerra como o unico recurso para a independencia nacional, e o meio mais capaz de derrubar Napoleão do throno da França, e de emancipar a Europa, como effectivamente foi. «Lisboa, dizia elle, póde ser considerada como encerrando a maior parte dos recursos de Portugal, nada aproveitando aos francezes a posse d'este reino, e a invasão que n'elle fizerem, emquanto d'ella não forem senhores. O seu soberbo porto, o mais seguro e amplo de toda a peninsula, e o mais commodo para entrar e saír em todo o tempo, facilita infinitamente todas as operações da marinha no mar atlantico, para que se lhe não dê a preferencia sobre todos os outros. Se a tudo isto juntarmos as mui consideraveis vantagens que tem pelo lado de terra, relativamente á sua defeza, ver-se-ha que nenhuma outra posição merecerá com mais justo motivo a preferencia, ainda mesmo sem enumerar as rasões de conveniencia politica». Mas elle não queria que Lisboa se defendesse sómente pela margem direita do Tejo, sobre que está assente, mas queria que tambem se defendesse pela margem esquerda do mesmo rio. «Defronte de Lisboa, dizia elle mais, existe um vasto terreno, quasi em fórma de

[1] Muitos d'estes dados biographicos foram-nos ministrados pelo bem conhecido antiquario e nosso prezado amigo, o sr. abbade Castro, pessoa do nosso maior respeito e consideração, a quem aqui protestâmos os nossos agradecimentos pela fineza recebida.

ilha, cujo isthmo não se estende alem de tres leguas. Uma consideravel parte d'esta extensão é occupada pela montanha de Palmella, cujo castello, muito vantajosamente situado, póde muito bem tornar-se uma cidadella de grande força; o porto de Setubal forma a direita do isthmo; o rio da Mouta, que entra no Tejo na sua maior largura, forma a esquerda. O interior d'esta quasi ilha é um paiz cheio de arvoredos, cortado de pequenas ribeiras, e dá assento a uma cadeia de grandes montanhas, que se estendem até á borda do mar. Em similhante situação, possuindo todos os meios maritimos, parece-me que 80:000 ou 90:000 homens podiam segurar a sua posse contra todas as forças que Buonaparte poder conduzir para similhante paiz. Os flancos, apoiados por uma e outra parte no mar, impedem ao inimigo, não sómente a poder tornea-los, mas até a desloca-los, aindaque elle tivesse forças muito maiores que as dos alliados».

Estas rasões fizeram parte de uma memoria que o mesmo D. Miguel Pereira Forjaz mandou a lord Wellington na data de 4 de março de 1810, induzindo-o a que defendesse igualmente Lisboa pela margem esquerda do Tejo, pela grande probabilidade que havia de que as forças francezas da Andaluzia viriam tambem contra Portugal, atravessando o Guadiana. Lord Wellington, concordando em geral com as rasões apresentadas, respondeu não ter meios de poder annuir ao pedido, não só pela necessidade de defender a todo o custo o ponto, que pelo inimigo seria mais principalmente atacado, ponto que seguramente era o da margem direita do Tejo, mas tambem pela impossibilidade em que a Inglaterra se achava de arranjar meios pecuniarios para augmentar as forças que já tinha na peninsula. Alem d'isto acrescia que quando o inimigo conseguisse assenhorear-se das alturas, que desde Almada vão até á Trafaria, ainda assim pouco mal podia fazer a Lisboa, não só porque lhe não era facil atravessar o Tejo, mas tambem por lhe não poder embaraçar a sua navegação[1].

[1] A memoria e carta de que acima se faz menção vão transcriptas debaixo do documento n.º 86.

A persistencia em levar por diante a guerra contra os francezes era de tal ordem em D. Miguel Pereira Forjaz, que pela sua parte entendia, que ainda mesmo no caso de ter o exercito luso-britannico de se embarcar, abandonando ao inimigo a margem direita do Tejo, devia transferir-se para o Minho, onde elle poderia seguramente prestar grandes e proficuos serviços a bem da causa commum, attenta a maior população d'aquella provincia, e a sua vizinhança da Galliza, medida que lord Wellington reprovou com acrimonia como desnecessaria, por julgar que o inimigo não podia realisar a plenitude dos seus designios, dando-a tambem por suspeita de credulidade na calumnia que lhe levantavam, de que pretendia embarcar com o exercito britannico, e deixar o paiz entregue ao seu destino[1].

Á vista pois d'isto não admira que lord Wellington e o marechal Beresford fizessem de D. Miguel Pereira Forjaz um conceito mais avantajado que dos outros membros do governo, não tanto pelo seu merito e capacidade, de que realmente era dotado, quanto provavelmente pela concordancia e uniformidade das suas vistas e opiniões com as d'elles, e mais que tudo pela boa vontade que mostrava em lhes satisfazer pontualmente as suas requisições e pedidos, na certeza de que se mais não fazia era pela absoluta falta de meios, e particularmente os pecuniarios. Foi esta ultima falta a que levou o governo a ordenar, por portaria de 2 de agosto de 1810, que todos os bens da corôa, incluindo as capellas, os bens ecclesiasticos, as ordens terceiras, confrarias, irmandades, seminarios, etc., pagassem o terço dos rendimentos de um anno em logar de decima. Todos os predios rusticos, não incluidos nas denominações precedentes, ficaram sujeitos ao pagamento de duas decimas e dois *novos impostos*, em logar do singelo que ordinariamente pagavam. O imposto dos creados e cavalgaduras era igualmente dobrado, ficando tambem sujeitos a duas decimas os ordenados, tenças, pensões, juros reaes e particulares, apolices grandes e pequenas. Todos os

[1] Veja o documento n.º 87.

rendimentos não sujeitos á decima ordinaria foram collectados em uma extraordinaria. A corporação do commercio e a dos capitalistas tiveram que contribuir com 200:000$000 réis, distribuidos pela junta do commercio. Os concelhos e camaras municipaes tiveram de contribuir com duas terças do seu rendimento, em logar de uma. As lojas e casas declaradas no mappa annexo ao alvará de 7 de junho de 1809 deviam tambem contribuir com as quantias que arbitrassem os superintendentes e ministros respectivos, com audiencia de louvados. Finalmente os terços, decimas e novos impostos deviam ser cobrados dentro do anno que corria, metade dentro de dois mezes e a outra metade no fim do anno. Quanto ao abastecimento dos armazens de viveres para o exercito, o governo ordenou que todos os proprietarios de quaesquer celleiros, ou fossem de prebendas de donatarios ou de outros, entregassem á disposição da administração das munições de bôca do districto dos mesmos celleiros a quarta parte de todos os fructos da colheita do anno de 1810, que então corria, para ser destinada ao consumo do exercito. Á mesma disposição ficavam sujeitos os contratadores das rendas reaes, arrecadadas pelo erario regio. Os generos assim recebidos deviam ser referidos á medida de Lisboa, para n'esta conformidade se passarem aos portadores os respectivos titulos.

Quanto ao recrutamento do exercito, poz-se toda a actividade em o levar a effeito, e como as isenções, contidas no alvará de 15 de dezembro de 1809, em vez de poupar as classes uteis, só de facto se constituiram em meio de acobertar fraudes, foram as ditas isenções limitadas novamente por decreto de 17 de junho de 1810. Já em 9 de janeiro do anno anterior, estando lord Wellington em Badajoz, officiára elle ao governo portuguez, recommendando-lhe todo o cuidado em activar o recrutamento da tropa de linha e milicias, e com estas vistas terminava o seu dito officio pelo seguinte modo: «Não existiu jamais nação alguma em circumstancias iguaes ás dos portuguezes, e que tenha motivos tão relevantes para fazer os maiores esforços em tal contestação. Feliz e mui feliz que eu serei se acaso as minhas bem fundadas esperanças, a

respeito d'esta nação, me não sairem mallogradas, e que me não enganei quando a considerei digna e merecedora, *e com um titulo mui legitimo e augusto* ao interesse que sua magestade britannica tomou e toma na sua felicidade nacional, e igualmente na assistencia e soccorro que lhe tem fornecido a Gran-Bretanha». Nas mesmas vistas de lord Wellington, com relação ao recrutamento do exercito, trabalhava tambem o marechal Beresford com decidido empenho, fazendo todos os esforços para que os generaes das provincias e capitães mores de ordenanças, e os differentes magistrados territoriaes se esmerassem em cumprir com os seus deveres na promptificação das recrutas que se lhes pediam. O effeito de todas estas diligencias foi, não sómente preencherem-se os corpos, levando-se ao seu estado completo, mas até mesmo formarem-se em cada uma das provincias depositos de recrutas de sobresalente, destinadas a supprir de prompto as vacaturas, que as eventualidades da guerra occasionassem nos corpos pertencentes a essas mesmas provincias.

Em conformidade com o que já tinha sido decretado pelo referido alvará de 15 de dezembro de 1809, o marechal Beresford propoz que definitivamente se organisasse d'estes differentes depositos de recrutas um deposito geral de reserva para o exercito, com um chefe unico, que fizesse exercitar e disciplinar as respectivas recrutas, poisque em cada um dos differentes depositos provinciaes, e debaixo da inspecção de officiaes particulares, cousa alguma avançavam em disciplina, manejo e asseio militar, alem de favorecerem muito mais as deserções. A praça de Peniche foi pelo mesmo Beresford indicada primeiramente como sendo o logar mais proprio para a formação do deposito geral de recrutas para infanteria, indicando posteriormente Setubal, e depois d'isto Mafra, onde definitivamente se estabeleceu mais tarde o sobredito deposito, que teve por commandante em chefe o brigadeiro general Blunt, governador que tambem foi da citada praça de Peniche, a qual constantemente conservou subordinada ao governo de Lisboa durante a invasão de Massena. Para o referido deposito ordenou-se um estado maior, com-

posto de um tenente coronel, um major e dois ajudantes, alem dos estados maiores parciaes, que tambem teve, pertencentes a cada uma das seis divisões que n'elle havia; a saber: da Extremadura e côrte, Beira, Porto, Minho, Traz os Montes, Alemtejo e Algarve. Os recrutas de caçadores formaram um corpo separado, tendo á sua frente, mas debaixo da mesma inspecção que os outros tinham, um major da sua mesma arma, para na conformidade d'ella os disciplinar e exercitar, ficando em tudo mais comprehendidos, pelo que pertencia ao recrutamento, á divisão da provincia, que lhes dizia respeito. Quanto á artilheria, tambem se formou um deposito, ou corpo em separado para a sua competente instrucção, por maneira analoga á do deposito de caçadores. As recrutas de cavallaria essas é que pela sua parte formavam um deposito inteiramente distincto do deposito geral de infanteria, dando-se-lhe por commandante o brigadeiro conde de Sampaio. Como complemento de todos estes esforços seguiu-se a publicação das ordenanças para as differentes armas, infanteria, cavallaria e caçadores, medida que tão necessaria era para a completa disciplina do exercito. Com o mesmo empenho do recrutamento dos corpos de linha se activou tambem o dos de milicias, cuidando-se igualmente na sua disciplina. Para este fim tinha já D. Miguel Pereira Forjaz proposto em dezembro de 1809 ao marechal Beresford que seria conveniente, para melhor se disciplinarem os corpos d'esta arma, que alguns dos seus officiaes e officiaes inferiores fossem receber instrucção e aprender o novo codigo da disciplina militar n'um sitio central do reino, opinião com que o referido marechal se conformou, dizendo que fôra já projecto seu conservar sempre em armas um certo numero de praças de milicias, 600 por exemplo, mas que primeiro estava por então o municiamento e fornecimento do exercito regular de primeira linha[1]. As ordenanças foram tambem obrigadas a pegar em armas, cujos officiaes e soldados passaram, na con-

[1] Officio do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz em 16 de dezembro de 1809.

formidade da proposta de Beresford, a estar sujeitos ás mesmas leis e regulamentos da tropa de linha, para, segundo elles, serem sentenceados em conselho de guerra pelas faltas e crimes militares que commettessem, servindo de auditores os juizes de fóra das capitaes a que pertencessem os réus, e de vogaes os officiaes e officiaes superiores dos respectivos corpos, ou da tropa de linha, que o governador das armas da provincia entendesse por bem nomear. Aos capitães mores d'esta arma se ordenou que nas occasiões das revistas fizessem ler na frente das companhias do seu commando os artigos de guerra, para que ninguem allegasse ignorancia a similhante respeito. Com esta prerogativa ficaram o marechal Beresford e lord Wellington inteiramente senhores de todo o reino, não escapando ninguem de lhes estar sujeito, porque se não eram praças de linha, ou pertenciam ás milicias ou ás ordenanças. Por este modo conseguiram aquelles dois generaes ter no primeiro semestre de 1810 uma força de 430:000 homens debaixo das armas, sendo 55:000 homens com 4:469 cavallos de tropa regular, ou de primeira linha, e outros 55:000 de milicias, dos quaes sómente 22:000 tinham espingardas com bayoneta, preenchendo-se o que vae d'estas addições á primeira com corpos de ordenanças[1].

Os corpos de milicias, que ao principio se collocaram em mais immediata actividade, e que como taes deviam ter cirurgião mór e dois ajudantes de cirurgia, foram (segundo os officios do marechal Beresford de 28 de junho e 4 de julho de 1810), milicias de

Guimarães	Ás ordens do brigadeiro Miller, general das armas do Minho.
Basto	
Braga	
Villa do Conde	
Barca	
Barcellos	
Arcos	
Vianna	

[1] De Napier copiámos a verba dos 430:000 homens, de que acima fizemos menção.

Lamego Chaves Villa Real Bragança Miranda Moncorvo	Ás ordens do marechal de campo Silveira, general das armas de Traz os Montes.
Castello Branco Idanha Covilhã	Ás ordens do coronel Lecor.
Tondella	Miranda directamente.
Santarem Thomar Leiria	Miranda.
Aveiro Oliveira de Azemeis Coimbra Feira Porto Maia Penafiel	Ás ordens do coronel Trant.

Por officio de 4 de junho de 1810 Beresford encarregou o tenente general Manuel Pinto Bacellar do commando em chefe das milicias das tres provincias do norte e partido do Porto, ou as que acima ficam referidas, a fim de que, auxiliado pelas ordenanças das tres sobreditas provincias, estabelecesse contra o inimigo um centro de unidade e acção, tendo o seu quartel general em Lamego. Trabalhando Bacellar no preenchimento dos corpos, postos debaixo do seu commando, pôde pela sua actividade e zêlo conseguir um respeitavel exercito miliciano, na força de uns 10:000 homens, tendo debaixo das suas ordens o general Silveira, o coronel Nicolau Trant, o brigadeiro Miller e o coronel João Wilson: esta força, havendo-se reunido no Douro, foi incumbida de perseguir fortemente o flanco direito e a retaguarda dos francezes. O mesmo Beresford entendeu tambem que de alguns dos citados regimentos de milicias se podiam formar brigadas de dois e tres regimentos cada uma, conforme as circumstancias, e para este fim chegou mesmo a dirigir ao governo uma proposta de organisação de tres das referidas

brigadas, com relação aos corpos que serviam debaixo do commando de Silveira; a saber: milicias de Chaves e Bragança, primeira brigada; Villa Real e Miranda, segunda brigada; Lamego e Moncorvo, terceira brigada.

Guarnecidas como portanto se achavam com tropas de primeira e segunda linha as praças de Elvas, Almeida, Valença, Peniche, Abrantes e Setubal, e confiadas ao commando superior do general Bacellar as milicias de Silveira, Miller, Wilson e Trant, para com ellas defender o paiz alem do Douro, confiára tambem lord Wellington a dez regimentos de milicias a defeza do terreno comprehendido entre Penamacor e o Tejo. Para auxiliar a defeza do Alemtejo deixára lá ficar quatro regimentos de milicias, e no Algarve tres. Dos cincoenta e tres que portanto havia em armas em todo o reino restavam-lhe apenas doze, que distribuiu pelas duas margens do Tejo e Setubal. O exercito inglez achava-se distribuido por elle em cinco divisões, como já notámos á pag. 24 d'este mesmo capitulo: a do general Brent Spencer, que estava postada em Vizeu; a do general sir Rowland Hill, que de Portalegre passára para Abrantes, indo-se por fim postar ao pé de Castello Branco, tendo a si annexas, como tambem já notámos, duas brigadas de infanteria portugueza, a dos n.os 2 e 14, e a dos n.os 4 e 10, com caçadores n.º 5, tendo mais 300 artilheiros portuguezes e duas brigadas de cavallaria da mesma nação, compostas dos regimentos n.os 1 e 7 (primeira brigada), e n.os 4 e 10 (segunda brigada); a de sir Thomás Picton, postada em Celorico, achando-se annexa a ella a quinta brigada portugueza de infanteria, composta dos regimentos n.os 9 e 21; a de sir George Loury Cole, postada na cidade da Guarda, achando-se annexa a ella a brigada portugueza de infanteria, composta dos regimentos n.os 11 e 23; e finalmente a de sir Roberto Crawfurd, que formava a vanguarda do exercito, e passára de Pinhel a postar-se adiante da praça de Almeida: esta divisão era composta de tropas ligeiras, tendo a si annexos os batalhões portuguezes de caçadores n.os 1 e 3. A força de cavallaria, commandada pelo general sir Stapleton Cotton, postára-se no valle do Mondego.

Por este modo se achava no centro da linha defensiva a força do exercito britannico, tendo os seus dois flancos cobertos por numerosos corpos de milicias. A posição que em especial occupava cada uma das brigadas portuguezas era a seguinte:

INFANTERIA

1.ª brigada — Regimentos n.os 1 e 16, postada em Jejua.
2.ª brigada — Regimentos n.os 2 e 14 } Postadas ao pé de Castello Branco e annexas á divisão do general Hill.
3.ª brigada — Regimentos n.os 4 e 10 }
4.ª brigada — Regimentos n.os 6 e 18, postada em Saragoça, Villa Doce, etc.
5.ª brigada — Regimentos n.os 9 e 21, postada ao pé de Celorico, e annexa á divisão do general Picton.
6.ª brigada — Regimentos n.os 7 e 19, postada em Saragoça, Villa Doce, etc.
7.ª brigada — Regimentos n.os 11 e 23, postada na Guarda, e annexa á divisão do general Loury Cole.
8.ª brigada — Regimentos n.os 3 e 15, postada ao pé do Thomar, na direcção da Barca Nova.
9.ª brigada. { Regimento n.º 13, postado em Castello Branco, d'onde passou depois para Abrantes. Regimento n.º 20, destacado em Cadix.
10.ª brigada { Regimento n.º 5, postado em Villa Viçosa. Regimento n.º 17, de guarnição em Elvas.
11.ª brigada { Regimento n.º 8, postado em Thomar. Regimento n.º 22, em marcha para Abrantes, d'onde passou depois para Setubal.
12.ª brigada { Regimento n.º 12, postado em Alcains. Regimento n.º 24, de guarnição em Almeida.

CAÇADORES

1.ª brigada { Batalhão n.º 1, estava annexo á divisão do general Crawfurd. Batalhão n.º 2, marchava para Coimbra.
2.ª brigada { Batalhão n.º 3, annexo á divisão do general Crawfurd. Batalhão n.º 5, annexo á divisão do general Hill.
3.ª brigada — Batalhões n.os 4 e 6, postados em Rio Tinto.
Leal legião lusitana, postada em Thomar.

CAVALLARIA

1.ª brigada — Regimentos n.os 1 e 7 } Postadas em Castello Branco, e annexas á divisão do general Hill.
2.ª brigada — Regimentos n.os 4 e 10 }

3.ª brigada — Regimentos n.ºs 5 e 8, postada em Santarem e nos arredores de Thomar.

4.ª brigada {Regimento n.º 6, Lisboa. / Regimento n.º 11, Lamego.}

5.ª brigada {Regimento n.º 2, Moura. / Regimento n.º 3, Elvas, onde estava de guarnição.}

6.ª brigada {Regimento n.º 9, Lisboa. / Regimento n.º 12, Bragança.}

ARTILHERIA

Regimentos n.ºs 1, 2 e 4, achavam-se em Lisboa, tendo onze brigadas no exercito; a saber:
Uma de calibre ..., postada em Castello Branco.
Uma de calibre 6, em Linhares e arredores.
Uma de calibre 9, em Linhares e arredores.
Uma de calibre 3, em Saragoça, Villa Doce e arredores.
Uma de calibre 3, em Gouveia.
Uma de calibre 9, ao pé de Thomar e na direcção da Barca Nova.
Uma de calibre 6, em Tancos.
Duas em Traz os Montes.
Duas em Portalegre[1].

No meio de tudo isto forçoso é confessar que as vantagens dos invasores, tanto com relação á superioridade das forças, como a varios outros respeitos, eram realmente grandes, sobre as que o exercito luso-britannico tinha pela sua parte, destinado como este se achava a defender as provincias da Beira e Extremadura, como se vê no respectivo mappa. Massena pela sua parte podia muito bem escolher na sua entrada em Portugal o ponto que para os seus fins mais adaptado lhe parecesse. Postado como se achava na Cidade Rodrigo, e senhor já d'esta praça, podia com effeito dirigir-se para o valle do Douro, deixando á sua esquerda a serra da Estrella, e ir depois por qualquer parte do norte do reino dar começo á sua invasão. Entretanto não era de esperar que por aquella

[1] Diversas foram as collocações dos differentes corpos portuguezes por aquelle tempo; esta que aqui apresentâmos é referida a 29 de julho de 1810, confirmada pela assignatura de Benjamin D'Urban, quartel mestre general do marechal Beresford, advertindo tambem que a numeração das brigadas passou depois a ser outra com algumas variantes.

parte a effeituasse, em rasão de uma marcha de flanco, que seria obrigado a fazer através de um paiz difficil, movimento seguramente mais proprio para uma invasão nas provincias do norte, do que para a da Beira, como pretendia, sendo-lhe tambem n'aquella hypothese preciso estabelecer uma nova base de operações em Lamego ou na cidade do Porto, antes de seguir para Lisboa. Se em vez do norte do reino preferisse operar pelo lado do sul, o que bem podia executar, ganhando a Extremadura hespanhola, para de lá passar ao Alemtejo e vir depois atravessar o Tejo onde mais conta lhe fizesse, o que na occasião da secca lhe seria facil, pelos muitos vaus que offerece até Salvaterra, marchando por fim a Lisboa pela margem direita do mesmo Tejo, ser-lhe-ía em tal caso necessario derrotar primeiramente as forças de la Romana, depois do que viria encontrar pela frente o general Hill, bem como o marechal Beresford e o general Leith com as forças de que estes generaes dispunham, os quaes seriam bem depressa reforçados pelo proprio lord Wellington, que com o grosso do seu exercito lhe obstaria por ali aos seus intentos, para a realisação dos quaes lhe seria tambem necessario sitiar Badajoz, ou a praça de Elvas, para por esta parte ganhar uma segura base de operações. A escolha que por exclusão de partes lhe restava portanto fazer com mais alguma vantagem estava por conseguinte limitada ao terreno que lhe ficava entre o valle do Tejo e a serra da Estrella, escolha que já bem denotada se via pelo começo das suas operações com a tomada da Cidade Rodrigo, e a que tambem havia encetado contra a praça de Almeida. No sobredito terreno podia portanto optar para a sua intentada invasão ou o valle do Mondego ou o do Zezere, ou tambem a estrada que de Castello Branco se dirige ao valle do Tejo e Abrantes. Para o valle do Mondego podia muito bem seguir algum dos tres seguintes caminhos; a saber: o que vem de Almeida e Pinhel a Trancoso e Vizeu, o que da mesma praça de Almeida e Pinhel vem a Celorico e Villa Cortez, e finalmente o que da Cidade Rodrigo vem por Alfaiates e Guarda sobre os contrafortes da serra da Estrella. Para o valle do Zezere teria de

vir a Alfaiates, Sabugal e Belmonte, e chegando aqui, ou podia seguir para o valle do Zezere ou tambem para o do Mondego: por qualquer d'estas estradas que marchasse viria encontrar terrenos difficeis, nos quaes um exercito, convenientemente postado por um e outro lado das montanhas que as ditas estradas atravessam, facilmente lhe obstaria á marcha que tinha a fazer. Finalmente Massena podia ainda dirigir-se da Cidade Rodrigo a Coria, e d'aqui a Segura, Zibreira, Idanha a Nova e Castello Branco. Por esta curta exposição se vê quanto difficil não é poder-se obstar com vantagem a uma invasão de tropas inimigas em Portugal, particularmente quando o exercito invasor contar forças superiores ás do exercito do paiz, d'onde resulta que o unico meio de se poder resistir com vantagem a um exercito que o invada será sómente fortificando e defendendo Lisboa e Porto, por serem estas duas cidades aquellas que em si comprehendem todos os recursos militares e pecuniarios do reino.

Seja porém como for, o certo é que, postado como o marechal Massena se achava na Cidade Rodrigo, facil era de ver que se dirigiria para o valle do Mondego, porque a tomar ou para o valle do Zezere, ou para Castello Branco, ir-se-ía encontrar com as forças do general Hill, Beresford e Leith. Verdade é que, seguindo pela estrada de Almeida e Pinhel, ou para Trancoso, ou para Celorico, viria encontrar-se igualmente com lord Wellington, o qual debaixo do seu immediato commando tinha a maior e melhor parte do exercito luso-britannico; mas sem achar inimigos na frente não podia elle effeituar a sua invasão, por haver o mesmo lord Wellington postado as suas forças por maneira tal, que não só forçosamente tinha de se encontrar com ellas, mas até se via obrigado a não poder marchar senão á frente de massas compactas, pois de outro modo exporia a uma provavel derrota os pequenos corpos em que as houvesse de dividir. É realmente para admirar o modo por que lord Wellington concebeu a defeza de Portugal, encarando-a debaixo de todos os pontos de vista. Conhecedor de que o meio de conseguir isto era só pelo da defeza de Lisboa, tratou de levantar

quanto antes e com o maior sigillo as famosas linhas de Torres Vedras, e de por este modo se intrincheirar n'um campo d'onde facilmente não podesse ser expulso pelo inimigo, e d'onde ao mesmo tempo lhe embaraçasse a marcha contra o ponto de que se queria assenhorear. Alem d'isto cuidou tambem por outro lado em pôr todos os obstaculos a que os francezes se podessem manter e conservar no paiz. Foi com estas vistas que elle intimou aos habitantes da Beira e Extremadura o recolherem-se para dentro das linhas, obrigando-os igualmente a que destruissem tudo o que não podessem trazer comsigo, e podesse ser util aos mesmos francezes. Não contente ainda com isto, cuidou igualmente em armar as milicias e ordenanças, postando-as nas montanhas e na retaguarda dos invasores, destinadas a persegui-los cruamente, como effectivamente praticaram, sendo tudo isto destinado ao objecto que contra elles tinha em vista, tal como o de os obrigar a demorarem-se o menos possivel no paiz. Ainda assim a confiança que pozera nas medidas que adoptára não foi tão cega e illimitada, que se não lembrasse de um revez, no meio de uma luta em que com forças inferiores tinha de se bater com os suppostos 80:000 veteranos francezes, e de mais a mais commandados por um dos mais habeis e felizes generaes da França, parecendo-lhe em tal caso possivel, e talvez mesmo que provavel, que a fortuna lhe virasse as costas, dada como geralmente é a proteger o maior numero, decidindo-se pelo partido mais forte. Foi portanto com as vistas de prevenir um revez, que elle mandou construir a sua terceira linha em volta da torre de S. Julião da barra, com o fim de lhe proteger o embarque do exercito e a sua saída para fóra de Portugal, visto ter por sua a segurança do mar, por meio das forças navaes inglezas. Para effeituar este seu embarque tinha elle ás suas ordens estacionado no Tejo um consideravel numero de navios fretados, montando a 80:000 toneladas, navios destinados a receber, não sómente as tropas inglezas e as portuguezas, mas até mesmo os habitantes do paiz, que d'elle quizessem saír para Inglaterra, abandonando os seus lares domesticos. Vejamos agora quaes as providen-

cias que tambem tomou, quanto á alimentação das tropas, cousa que por aquelle tempo e nas suas circumstancias era bastante difficil.

Para fornecimento do exercito aproveitaram-se, tanto quanto era possivel, as vias aquaticas do Tejo, do Mondego e do Douro, indo os viveres no primeiro caso de Lisboa a Abrantes, no segundo da Figueira a Coimbra e Pena-Cova, e no terceiro do Porto até Lamego. Estes eram os principaes depositos do fornecimento do exercito, achando-se armazens de consumo estabelecidos em Coimbra, Vizeu, Celorico, Condeixa, Leiria, Thomar e Almeida. D'estes pontos quatrocentos carros, puxados a bois, e perto de mil e duzentos machos de carga, organisados em brigadas, de sessenta cada uma, conduziam para o mesmo exercito as munições de guerra e de bôca. Estes meios de transporte, alem de dispendiosos, eram consideravelmente incommodos e vagarosos; mas eram os unicos a que na peninsula se podia n'aquelle tempo recorrer. Póde portanto dizer-se que quando o marechal Massena se dispunha a entrar em Portugal com o seu exercito, o luso-britannico, commandado por lord Wellington, resolutamente o esperava, postado nas fronteiras da Beira pelo seguinte modo. Uma parte do referido exercito formava a primeira linha, que se estendia desde Almeida até Castello Branco; uma outra parte, formando uma segunda linha, estava ás ordens do marechal Beresford. Um corpo avançado da dita primeira linha, commandado pelo general Crawfurd, occupava a margem esquerda do rio Agueda, estendendo as suas partidas até Palacios, povo muito perto da Cidade Rodrigo. Este corpo avançado constava dos batalhões de caçadores portuguezes n.os 1 e 3, bem como dos regimentos inglezes n.os 43 e 95, e tres esquadrões de hussards allemães: tinha mais 400 artilheiros e dois obuzes. A direita do exercito era commandada pelo general Hill, o qual, tendo tido ao principio o seu quartel general em Abrantes e Portalegre, d'aqui passou depois no dia 21 de julho para Castello Branco, pois que a 16 d'este mesmo mez tinha o general Reynier atravessado o Tejo, deixando Merida, e marchando por Truxillo e Caceres

sobre Alconete e Almaraz, onde effeituou a respectiva passagem, de lá se dirigíra depois para Coria, onde foi constituir a esquerda do exercito de Massena, fixando então o seu quartel general em Placencia, como já notámos. O general Hill, tendo tambem passado o Tejo em Villa Velha, executou um movimento parallelo ao de Reynier, no qual gastou trinta e seis horas, endireitando depois com a dita cidade de Castello Branco.

Em presença portanto um do outro se achavam estes dois generaes. Hill, reforçado por um numeroso corpo de cavallaria portugueza, commandado pelo general Fane, corpo composto das duas brigadas d'esta mesma arma em que já fallámos, a de 1 e 7 e a de 4 e 10, com ellas se acampava em Sarzedas, perto de Sobreira Formosa, tendo mais 16:000 homens de infanteria e 18 peças de artilheria. A sua vanguarda estava na sobredita cidade de Castello Branco, a sua cavallaria sobre a linha do Ponçul, tendo no Fundão uma das duas brigadas de infanteria portugueza, annexas á sua divisão, isto com o fim de manter a sua communicação com a Guarda e cobrir a Estrada Nova. Por trás d'elle occupava a linha do Zezere, como em seu reforço, o general Leith, ao commando do qual confiára lord Wellington, como o leitor deve estar lembrado, 8:000 homens de tropas portuguezas e 2:000 de infanteria ingleza, vindos ultimamente de Inglaterra, para onde se tinham retirado, depois da desgraçada expedição de Walkeren, da qual tinham feito parte. Esta reserva, contando assim 10:000 homens, unidos aos 16:000 do general Hill, sommavam ambas 26:000 infantes, alem da cavallaria, sendo portanto esta a força que na totalidade commandava o mesmo Hill, observando com ella o terreno comprehendido entre a serra da Estrella e o Tejo. Lord Wellington teve geralmente o seu quartel general em Celorico, sendo o do marechal Beresford em Fornos de Algodres e Lagiosa. Pela sua parte os francezes occupavam a posição fronteira á do exercito luso-britannico, mas na orla do reino de Leão e da Extremadura hespanhola. A sua guarda avançada estava junto ao rio Agueda, defronte do Têso ou Monte de S. Francisco, immediato á Cidade Rodrigo, formando uma cadeia de postos, desde Gal-

legos até Fuentes de Oñoro, nas vistas de fechar aos alliados as suas communicações com a serra da Gata, observando todos os seus movimentos. A força d'esta avançada reputava-se de 5:000 para 6:000 homens, entre os quaes se contavam 200 dragões, quatro peças de calibre 6, tendo por commandante o general de brigada Treillard, que fazia parte da divisão Loison. O quartel general francez, depois que Massena tomou o commando em chefe do grande exercito contra Portugal, fixára-se em Valladolid. Os generaes Junot e Ney commandavam os seus corpos distinctamente, mas debaixo das ordens superiores de Massena. Junot, com o seu 8.° corpo, e as divisões Serras e Kellermann, achavam-se entre o Tormes e o Esla, podendo com facilidade entrar repentinamente nas provincias do norte de Portugal, Traz os Montes e Minho, emquanto que o 2.° e o 6.° corpo conteriam em respeito na da Beira as tropas de lord Wellington. Era isto o que os francezes deveriam ter feito, porque assenhoreando-se do Porto, que lhes forneceria abundantes recursos, encheriam de terror os portuguezes, ganhando ao mesmo tempo uma bella estrada sobre Lisboa, evitando, como por este modo evitariam, todas as difficuldades que a Beira lhes offerecia, e com que por fim lutaram na marcha que effectuaram sobre o Mondego.

Tal era a situação do exercito luso-britannico e do francez no mez de julho de 1810, quando teve logar a destruição do forte da Conceição e a retirada para Almeida da divisão da vanguarda do general Crawfurd. Este general, ardendo em desejos de se bater com os francezes, valente e brioso como realmente era, tomou por seu proprio arbitrio e sem prévia auctorisação de lord Wellington, a resolução de passar á margem direita do Côa no dia 24 de julho, indo-se travar de combate com o inimigo. As suas forças, que apenas andariam por 4:000 homens, como já notámos, incluindo os dois batalhões de caçadores portuguezes n.os 1 e 3, contavam tambem por si 1:100 cavallos, occupando um espaço de quasi meia legua. Contra estas forças veiu o marechal Ney com 10:000 homens do seu exercito, numero aliás muito superior ás tropas alliadas, de que aquella divisão se compunha, as quaes

se bateram com todo o valor e galhardia, dando cada soldado provas da sua muita coragem, individualmente fallando; mas quanto aos movimentos feitos durante o combate, geralmente manobrou-se mal, sendo tambem desgraçada a posição que para elle se escolhêra. Era do intento dos atacantes cortar a retirada aos atacados, o que não conseguiram, porque as columnas luso-britannicas, carregadas pelos francezes, retiraram-se com bastante perda, podendo todavia effeituar a passagem da ponte do Côa, onde se sustentaram até á noite, repellindo por tres vezes o inimigo. Apesar d'isto a ponte foi por fim abandonada, interceptando-se as communicações com Almeida, e talvez que a derrota de Crawfurd fosse completa, se as vinhas e as desigualdades do terreno não oppozessem embaraço á cavallaria franceza, circumstancia com que tambem se deu não querer o general Montbrun carregar a tempo com as suas forças, allegando não ter para isso recebido ordem do marechal Massena, commandante em chefe do exercito, que pessoalmente assistiu ao conflicto. D'este revez bem depressa se vingou o general Crawfurd, porque querendo os francezes passar a ponte do Côa, com tanto vigor se lhes oppoz, que o não puderam fazer.

Da maneira honrosa por que os corpos portuguezes se comportaram n'este combate se expressou lord Wellington pela seguinte maneira na sua parte official, que de Alverca da Beira deu ao governo portuguez em 25 de julho, dizendo-lhe: «Olhando para a natureza e fórma do ataque, feito sobre a guarda avançada n'aquelle dia, e o superior numero do inimigo e as difficuldades do terreno por onde as tropas tinham de retirar-se, *eu fiquei admirado de ver que um corpo ha pouco levantado, como o de caçadores n.º 3, se houvesse conduzido tão bem como praticou*». Do referido combate mandou o marechal Beresford igualmente participação ao secretario da repartição da guerra, D. Miguel Pereira Forjaz, officiando-lhe da Lagiosa no dia 31 de julho, pela seguinte maneira. «V. ex.ª já estará informado do combate, que os corpos avançados do exercito tiveram no dia 24 com o inimigo, entre os quaes se achavam os batalhões de caçadores

portuguezes n.os 1 e 3. O comportamento d'estes dois batalhões n'esta occasião *foi muito bom, e o do n.º 3 foi exemplar, pela sua firmeza e animo,* e tanto o seu commandante, o tenente coronel Elder, como este corpo, mereceram o maior elogio. Emquanto ao batalhão n.º 1, havia algumas duvidas a seu respeito, mas depois das mais exactas indagações, parece unicamente que no instante da confusão alguns soldados do batalhão, tendo ordem de se retirar, o fizeram passando a ponte de Almeida com alguma precipitação, emquanto que antes e depois o seu valor é reconhecido e evidente, e segundo as circumstancias em que estava este batalhão *eu estou inteiramente satisfeito, por se haver muito bem comportado,* e o seu commandante, o tenente coronel Jorge de Avilez, merece a approvação de todos pela sua conducta pessoal. A conducta do alferes do batalhão n.º 3, Antonio Correia Leitão, foi tão conspicuamente admiravel n'este combate, que segundo o poder que sua alteza real se serviu dar-me, em tal caso eu o nomeei tenente para o recompensar, e para mostrar a todos que o merecimento o será sempre: e eu tomo esta occasião de rogar a sua alteza real, que em a patente de todo o official assim promovido se ponha em caracteres distinctos, *promovido por boa conducta no campo da batalha*». Na sua ordem do dia de 3 de agosto confessa o mesmo Beresford que a conducta do batalhão 3 de caçadores portuguezes foi, segundo a opinião geral, *a mesma que a das tropas inglezas,* sendo o combate um dos mais activos.

A força portugueza, entrada no combate do Côa em 24 de julho de 1810, foi a de 1:219 homens, pertencentes aos citados batalhões de caçadores n.os 1 e 3, sendo a perda que n'elles houve a de 3 soldados mortos, 1 official e 8 soldados feridos, alem de mais 3 prisioneiros ou extraviados, computando-se a dos inglezes em 272 homens, comprehendendo-se n'este numero 28 officiaes: a dos francezes foi de 500 homens, segundo o barão Fririon, e de 1:000, segundo a estimativa de Napier, o que bem póde ser verdade, por ter sido horrivel a carnagem e obstinada a pertinacia de Ney, para se assegurar da ponte. Era portanto claro que depois do referido combate

a praça de Almeida não podia deixar de ser atacada pelo inimigo, a não se travar com elle uma acção geral, que lord Wellington, seguindo inalteravelmente o plano de campanha, que muitos mezes antes concebêra e adoptára, entendia não dever empenhar, porque a perdê-la, era quasi inevitavel a perda da causa dos alliados, sendo esta igualmente a rasão por que não podera valer á Cidade Rodrigo. No dia 26 de julho retirou portanto os postos que tinha sobre o rio Côa. No dia 27 Reynier veiu por Puerto de Perales até Navas Frias, de modo que os francezes podiam lançar toda a sua força sobre ambos os flancos do exercito luso-britannico, e leva-lo assim ou a uma acção geral em posição vantajosa ao inimigo, ou a persegui-lo seriamente na sua retirada. Á vista pois d'isto lord Wellington retirou a tempo a sua infanteria um dia de marcha para a retaguarda, vindo para o valle do Mondego, tres leguas atrás de Celorico, tendo a quarta divisão, do commando do general Cole, sobre a cidade da Guarda. Toda a cavallaria observava sobre o Côa os movimentos do inimigo, que no já citado dia 26 tomára posse de Pinhel, tendo a sua principal força perto de Almeida, praça que effectivamente parecia disposto a sitiar. Nenhumas forças francezas havia por então entre o Tejo e o Guadiana. O quinto corpo, commandado por Mortier, reunia-se por aquelle tempo sobre o Guadalquivir. No norte da Hespanha nada havia de notavel. Celorico da Beira, onde lord Wellington estabelecêra o seu quartel general, fôra portanto occupado pelas suas tropas ligeiras, postando-se as mais divisões em Pinhanços, Carapinheira e Fornos, ficando as tropas portuguezas uma marcha para a retaguarda, para onde diariamente se viam transportar os doentes e feridos, nas vistas de desembaraçar a linha da retirada do exercito. O general Hill, depois de ter passado o Tejo e occupado Castello Branco, como já vimos, foi estacionar-se na Atalaia, d'onde facilmente podia, ou unir-se á principal força do exercito, ou oppor-se ao general Reynier. Estes movimentos dos francezes deixaram livre de tropas a baixa Extremadura hespanhola, e paralysaram as suas operações no norte da propria Hespanha.

Alem d'isto os mesmos francezes estabeleceram em Pinhel, como já notámos, uma das suas avançadas, para d'ali observarem os alliados, que estavam em Celorico e na Guarda, fazendo tambem suas tentativas para S. João da Pesqueira: em Foz Côa, para o lado do Douro, bateram uma força de milicias, e no mesmo dia 24 de julho, em que o brigadeiro general Crawfurd se retirava para cá do Côa, appareceu ás portas da praça de Almeida (onde o coronel inglez, commandante do regimento portuguez de infanteria n.º 24, Guilherme Cox, estava por governador), uma bandeira de tregua, a que se seguiu a entrega de uma carta, em que o general Loison mandava intimar, no meio de muitas invectivas contra os inglezes, a entrega da praça, que verbalmente lhe foi recusada pelo dito Guilherme Cox, promettendo em vez d'isso resistir-lhe com a sua guarnição até á ultima extremidade. Era isto o que tambem suppunha lord Wellington, calculando que, se a resistencia de Almeida se podesse prolongar até ao meiado de setembro, ter-se-ia embaraçado a entrada dos francezes em Portugal até ao começo das chuvas do outono, que n'este reino costumam ser ás vezes de tal ordem, que as estradas e caminhos se tornam intransitaveis: succedendo isto, lord Wellington julgava que o paiz estava salvo dos males da invasão imminente. Na dita praça de Almeida, aindaque regularmente construida, tendo seis bastiões, revelins, um excellente fosso, e um caminho coberto, notavam-se todavia n'ella consideraveis defeitos, sendo um dos de maior monta ter sido construida alem do Côa, cujo rio lhe fica pela retaguarda, devendo-lhe ficar pela frente; alem d'isto as suas muralhas eram muito altas para a esplanada, e o seu fosso era visto de um terreno bastante proximo, que estava do lado dos francezes. Um antigo castello quadrado, construido no centro da villa sobre uma altura, offerecia apenas tres alojamentos, ou casas á prova de bomba, cujas portas não tinham as reparações convenientes, e á excepção de algumas covas, ou cacifos humidos, que se encontravam n'um dos bastiões, não havia outros armazens para deposito de polvora. A guarnição da praça compunha-se, como já vimos,

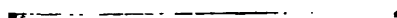
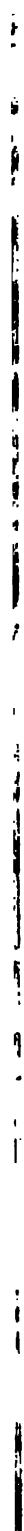
do regimento de infanteria n.º 24, e dos tres de milicias de Arganil, Trancoso e Guarda, andando a força de todos estes corpos por cousa de 4:000 homens.

A 26 de julho o marechal Massena fez um reconhecimento a Almeida com o marechal Ney, e os generaes Eblé, Fririon e Lazowski. Os generaes de artilheria e engenheria designaram, como sendo mais proprio para o ataque, o bastião de S. Pedro. Desde então começaram-se a fazer os gabiões e faxinas; mas a distancia a que se achavam as madeiras de que se precisava, e a falta de transportes que as conduzissem, retardaram a construcção das obras e trincheiras. De Salamanca se mandaram vir muitos mil sacos, para se encherem de terra; mas com as faltas, que se tem notado, havia tambem a de pás e alviões, a de mineiros e ferramentas de mina, cousas aliás indispensaveis para se poder trabalhar em roda. Finalmente o material de artilheria tambem se não pôde apromptar senão nos primeiros dias de agosto. Durante o sitio de Almeida a posição do exercito francez era a seguinte: o sexto corpo estava empregado no sitio; o segundo achava-se em Perales e suas vizinhanças, sobre a estrada de Coria; o oitavo corpo estava em S. Felices el Grande, a cavallaria em Vittar del Puerco, Fuente Guinaldo, Fuentes de Oñoro, e na margem esquerda do Côa, fazendo o serviço dos postos avançados e o das aldeias circumvizinhas. A divisão de Serras estava em Benavente, ameaçando a provincia de Traz os Montes durante a invasão de Portugal; e a divisão Bonnet estava em Astorga, ameaçando a Galliza e a provincia do Minho. A parte ingleza do exercito luso-britannico estava em Pinhel, Freixadas e Guarda; a portugueza em Celorico, Gouveia, Mello e Trancoso, reputando-se aqui a sua esquerda, e a sua direita na Guarda. Lord Wellington, tendo primeiramente a divisão ligeira sobre a Cabeça Negra, queria por meio d'ella dominar constantemente a ponte do Côa, nas vistas de conservar uma communicação com a guarnição de Almeida, ou obrigar os francezes a investirem esta praça com todas as suas forças. O mallogro ou desastre do combate de Crawfurd, foi quem lhe transtornou este plano. Vendo depois

a lentidão de Massena em investir com a praça, e as poucas tropas que empregava no cerco, o mesmo Wellington postára na dita Cabeça Negra um corpo de tropas escolhidas para de improviso forçar a passagem da ponte e os vaus do Côa, lançar mão da artilheria da praça, ou pelo menos salvar a sua guarnição, quando as circumstancias a isso o obrigassem, porque emfim o general Crawfurd ficára tão quebrantado depois do seu desastre do dia 24, que lord Wellington não julgou prudente confiar-lhe a execução d'este seu novo plano, que tambem não teve logar, pelo desgraçado successo de que abaixo daremos conta.

Emquanto isto se passava nas vizinhanças de Almeida, um destacamento de cavallaria de Reynier foi encontrado e batido perto do Fundão pelas ordenanças e cavallaria portugueza, perdendo quasi cincoenta homens, entre mortos e prisioneiros. Pelo lado da Galliza Kellermann avançou de Benavente até Castro Contrijo, e alguns destacamentos da divisão de Serras foram até Monterei, no intento de prepararem viveres para 10:000 homens sobre a estrada de Bragança. A estes planos procurou obstar o general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que pela sua parte se dirigiu contra Puebla de Sanabria, onde os francezes tinham entrado a 29 de julho. No dia 30 ao romper de alva chegaram as avançadas portuguezas á vista d'aquella praça, bem como o coronel Wilson com um esquadrão de cavallaria. Ao amanhecer do dia 3 de agosto tinha o mesmo Silveira cercado Puebla com as suas duas brigadas de milicias, e 200 cavallos de cavallaria n.° 12. Pelas dez horas da manhã do dia 4 de agosto foi a sua guarda avançada atacada por um esquadrão de cavallaria inimiga, o qual n'este seu ataque perdeu 40 cavallos e mais de 30 prisioneiros, que Silveira mandou para o Porto, ficando todos os mais mortos no campo da batalha, á excepção de 2 officiaes e 1 soldado, devendo-se este glorioso feito á bravura e decisão do capitão de cavallaria n.° 12, Francisco Teixeira Lobo, que em rasão d'isto foi recommendado ao marechal Beresford, o qual pela sua parte o elogiou na sua ordem do dia, promovendo-o tambem a major graduado do sobredito

Est.ª 10.

CIDADE RODRIGO
Caridade
Serra da França
Carpio
Campillo
Forte dos Carros
Espeja
Rio Azava
Quinto
Villar
Rio Duas Casas
Fonte de Guinaldo
Villar Maior
Ponte de Ferrarias
Alfaiates
Sabugal

regimento: similhantemente foi promovido a tenente pela sua boa conducta n'este feito o alferes Manuel Gonçalves de Miranda.

A esta derrota do mencionado esquadrão francez seguiu-se a entrega de Puebla de Sanabria, effeituada no dia 10 do citado mez de agosto por meio de uma capitulação, a que se seguiu depôr as armas na esplanada d'aquella praça a sua guarnição, a qual alem d'ellas deixou mais em poder dos vencedores nove peças de artilheria de grande calibre, algumas munições, e uma *aguia*, que adornava o batalhão suisso, que a havia recolhido ao respectivo castello, na intenção de n'elle a defender a todo o transe. A dita *aguia* foi por fim apresentada ao marechal Beresford pelo capitão Antonio José Claudio de Oliveira Pimentel, que por tal motivo foi promovido a major. O mesmo Beresford, participando ao governo portuguez este nobre feito de armas do general Silveira e da força que commandava, exprimia-se pela seguinte maneira: «É com o maior prazer que communico a v. ex.ª a entrega de um batalhão suisso n.º 3, na força de 400 homens, incluso 9 officiaes, que se achava no castello de Puebla de Sanabria, ás tropas commandadas pelo marechal de campo Francisco da Silveira Pinto da Fonseca. As condições consistem em que os prisioneiros sejam enviados á Corunha, e em não servirem mais contra os alliados, e eu não posso deixar de approvar plenamente o que fez a este respeito o marechal de campo Silveira. Para nós a vantagem é a mesma que seria se elles tivessem ficado prisioneiros de guerra, ou se se tivessem rendido á discrição, e as circumstancias do marechal Silveira eram criticas, porque o inimigo, commandado pelo general Serras, avançava com força superior, tendo mais de 800 cavallos e 4:000 infantes, á vista das suas avançadas. A conducta de Silveira merece todo o louvor, tanto pela intelligencia e ousadia com que começou a empreza, como pelo modo e prudencia com que seguiu n'ella, e a terminou, retirando-se em boa ordem á vista do inimigo, trazendo comsigo a presa. O successo d'esta empreza póde ter as mais felizes consequencias n'esta parte da peninsula. Alem d'aquella

guarnição do batalhão suisso, o mesmo Silveira mandou para o Porto sessenta desertores, que do exercito inimigo para elle se tinham passado». Na ordem do dia em que o marechal publicou esta façanha das tropas portuguezas disse elle mais: «Tal foi a consequencia dos conhecimentos com que o sr. marechal de campo Silveira entrou n'esta empreza, e do valor e prudencia com que a conduziu. Está mostrado que os valorosos milicianos de Traz os Montes não se esquecem da gloria dos seus antepassados, e que estão determinados a iguala-los: lembram-se do anno de 1762, em que os paizanos d'esta provincia bateram e fizeram retrogradar um corpo de tropas regulares do inimigo. S. ex.ª tem o maior gosto de assim fazer publicamente justiça ao merecimento do sr. marechal de campo Silveira, e ao das suas bravas tropas, e roga ao mesmo senhor que acceite os seus agradecimentos, e deseja que assegure dos mesmos aos officiaes e soldados, que se acham debaixo das suas ordens, e que não faltou a communicar ao principe regente, nosso senhor, o seu merecimento manifestado na sua conducta».

A este notavel feito de armas, outro de tão feliz estreia e de igual credito para as tropas portuguezas se observou tambem no dia 3 de agosto. O general Hill ordenára ao coronel de cavallaria n.º 1, Christovão da Costa de Athaide Teive, que sem perda de tempo fizesse um reconhecimento na direcção de Lardoza e Atalaia, na cova da Beira, o que o dito coronel executou, derrotando n'esta ultima povoação uma partida de 60 homens de cavallaria franceza, dos quaes 10 a 20 ficaram mortos e 14 prisioneiros, sendo os feridos quasi outros tantos, devendo os que escaparam a sua salvação á velocidade dos seus cavallos. O marechal, mencionando este novo feito de armas na sua ordem do dia de 11 de agosto de 1810, exprime-se assim: «A carga que deu o referido sr. coronel contra o inimigo decidiu instantaneamente a acção, e a conducta das tropas, que estavam debaixo das suas ordens, mostrou, assim como se tem mostrado em todos os encontros, que as tropas portuguezas têem tido com o inimigo, que ao valor natural e nacional d'estas só faltava a disciplina para

lhes assegurar a victoria». Finalmente ainda nas ordens do dia de Beresford se encontra mencionada a brava conducta de uma companhia do regimento portuguez de cavallaria n.º 4, que juntamente com outra do regimento inglez de cavallaria n.º 13, com a qual formava esquadrão, atacára e lançára por terra em Ladoeira no dia 22 de agosto um destacamento francez da força de 60 a 70 cavallos, aprisionando-lhe 1 capitão, 2 tenentes, 3 sargentos, 6 cabos de esquadra, 1 trombeta e 50 soldados com igual numero de cavallos. Foi o capitão White, commandante da companhia ingleza, quem dirigiu e effeituou este ataque, e com tal bravura o fez, que avistar e derrotar o inimigo foi uma e a mesma cousa. O brigadeiro general Fane, commandante da cavallaria luso-britannica, que se achava annexa á divisão do general Hill, dando-lhe parte d'este glorioso feito, expressava-se a seu respeito pela seguinte maneira: «Julgo-me feliz em poder dizer que isto se fez sem perder um só homem da nossa parte. Seis do inimigo ficaram feridos. O capitão White expressa a sua obrigação ao major Vigoreux do regimento n.º 38, que foi com elle de voluntario, e ao alferes Pedro Raymundo de Oliveira, commandante da companhia portugueza, que diz fizera o seu dever extremamente bem, e mostrára muito valor: e tambem ao tenente Furner de n.º 13 de dragões ligeiros, a cuja actividade e coragem elle se confessa obrigado por alguns dos prisioneiros. Eu espero que tudo será considerado merecedor da approvação do commandante em chefe». Pela distincta conducta que n'este encontro manifestou o citado alferes, Pedro Raymundo de Oliveira, o marechal Beresford o promoveu a tenente aggregado ao seu respectivo corpo.

Um revez experimentado na Extremadura hespanhola balançou todas estas pequenas vantagens que se acabam de enumerar. Desde o principio da guerra que os generaes hespanhoes se mostravam pouco dispostos a respeitar os salutares conselhos de lord Wellington, e muito menos ainda depois que o viram não ter prestado soccorro de especie alguma

á praça da Cidade Rodrigo, quando sitiada pelos francezes. Wellington recommendára ao marquez de la Romana, que evitasse quanto possivel dar ao inimigo batalhas formaes, tendo alcançado do governo portuguez que este general se podesse retirar para Campo Maior, em caso de precisão, ou de se ver ameaçado pelos seus contrarios, fazendo-lhe ver igualmente a muita prudencia que lhe era necessario adoptar, depois que o general Hill se retirára de Portalegre para Castello Branco. Apesar d'isto la Romana foi-se unir a Ballesteros, e como a reunião das suas forças com as d'elle montava a 14:000 bayonetas e 1:500 cavallos, julgou-se em estado de atacar Mortier, o qual do Guadalquivir viera para Fregenal de la Sierra sobre a serra Morena, e depois para Xerez de los Cabaleros. Prevendo pois lord Wellington que se os hespanhoes dessem batalha aos francezes, estes seriam victoriosos, e que as fronteiras do Alemtejo ficariam por tal motivo abertas aos vencedores, ordenou ao general Hill que mandasse em soccorro de la Romana a cavallaria portugueza, commandada pelo brigadeiro George Alen Madden. Este general só a 14 de setembro[1] se reuniu aos hespanhoes, com os quaes marchou de Fuente del Maestro contra o inimigo, que se dizia vir pela estrada real de Sevilha para Badajoz. Em Fuente de Cantos se foram pois encontrar no dia 15 com os francezes, na força de 10:000 infantes e 1:800 cavallos. A brigada de cavallaria portugueza compunha-se dos regimentos n.^{os} 5 e 8, com dois esquadrões do regimento n.° 3. Os francezes marchavam contra o general Carrera em differentes columnas de infanteria, com artilheria volante e um grande corpo de cavallaria. Uma multidão de atiradores dirigia um activo fogo sobre a cavallaria hespanhola, que então se tinha formado em duas linhas ao pé de Fuente de Cantos, onde se achava soccorrida por seis peças de artilheria, que desde logo perdeu no primeiro repellão de ataque, sendo repentinamente a dita cavallaria

[1] Napier diz que fôra em 14 de agosto, o que é inexacto, como se póde ver pela ordem do dia de Beresford de 9 de novembro de 1810.

posta na maior desordem pelos esquadrões francezes, na força de 1:100 cavallos, retirando-se os hespanhoes em dispersão por Monasterio e Montemolin para Fregenal de la Sierra, onde outra vez se reuniram.

Foi n'este momento critico que o brigadeiro Madden marchou contra o inimigo, e apesar de só ter comsigo pouco mais de 700 cavallos, teve a fortuna de o vencer e derrotar, obrigando-o a procurar a protecção das suas columnas de infanteria. A immediata consequencia d'este combate, sustentado assim pelos portuguezes, foi a salvação do exercito hespanhol, como o proprio marquez de la Romana testificou n'uma proclamação, onde se achava o seguinte periodo: «Que será pois agora com o auxilio da brilhante brigada de cavallaria portugueza, do commando do brigadeiro Madden, a quem vimos cobrir-se de immortal gloria na acção de 15 sobre a Fuente de Cantos, atacando e derrotando a cavallaria inimiga, que com forças duplas vinha apertando a nossa!». Sobre este encontro dos nossos com o inimigo falla a ordem do dia do marechal Beresford de 9 de novembro, exprimindo-se pela seguinte maneira: «S. ex.ª não póde deixar de dizer que rarissimas vezes acontece haver na guerra uma conducta mais brilhante, e o que a completou foi que, tendo a brigada carregado os fugitivos até á sua infanteria e artilheria, se tornou a formar, e fez uma retirada com a maior regularidade por um terreno, que nada lh'a favorecia, á vista de um inimigo tão superior em força, e sem que elle se atrevesse a ataca-la». Pela sua parte o brigadeiro Madden no officio que em 17 de setembro dirigiu ao mesmo Beresford, relatando-lhe este combate, exprime-se, a respeito da tropa do seu commando, pela seguinte maneira: «Todos mostraram o maior ardor (na verdade demasiado) antes e no tempo do ataque, e com alguma experiencia mais a tropa portugueza deve ir a par de qualquer tropa do mundo. Não ha ainda um anno completo que eu tenho commandado a referida tropa, e conforme a minha opinião ella possue qualidades as mais eminentes para vir a ser a dos melhores soldados possiveis. Acho-me em grande obrigação para com

elles, pela sua promptidão e zêlo n'esta occasião acima mencionada[1]».

Effectivamente a não ser o soccorro da brigada da cavallaria portugueza, a vanguarda do exercito de la Romana, interceptada já em Benvenida, onde tinha perdido 600 homens, teria de depor as armas diante do inimigo. Todas as tropas hespanholas se retiraram então atravez da serra Morena para Montemolin e Fregenal, como já notámos, perdendo 400 homens na perseguição que os francezes lhes fizeram. No seguinte dia Mortier entrou em Zafra, retirando-se o marquez de la Romana para Almendralejos. O inimigo não pôde proseguir nas vantagens alcançadas, em rasão do general Lascy ter sido mandado de Cadix com 3:000 homens contra elle, e ter ido desembarcar perto de Moguer, repellindo o duque de Aremberg sobre Sevilha, emquanto que Copons repellia tambem pela sua parte Remond sobre Zalamca, e postoque os francezes não tardassem em se reunir, obrigando Lascy a reembarcar-se, Mortier tornou a ir sobre serra Morena, de que resultou avançar novamente sobre Zafra o marquez de la Romana. Sabedor como portanto foi D. Miguel Pereira Forjaz d'estes encontros com o inimigo, e das vantagens que n'elles se tinham alcançado, escreveu no dia 23 de setembro ao marechal Beresford, dizendo-lhe: «Felicito-me de antemão pelo feliz resultado que se deve esperar do sabio plano de mylord Wellington e da bravura dos exercitos combinados. Supponho-vos na vespera de successos que farão uma famosa epocha na nossa historia, e que n'este momento podem ser da maior importancia para a peninsula, e talvez mesmo que para a Europa. Espero que o nosso exercito se mostrará em grande o que já tem feito por destacamentos, e a posteridade acreditará apenas que este trabalho foi feito em pouco mais de um anno com um exercito em movimento. Depois de lord

[1] Se tão extensos transcrevemos aqui, e n'outros mais logares, os elogios feitos á tropa portugueza pelo marechal Beresford, é pelos reputarmos insuspeitos, vindos de um estrangeiro tão severo e justiceiro como elle foi, não sendo menos insuspeitos os que tambem lhe fizeram os mais inglezes, compatriotas de Beresford.

Wellington não vejo quem desempenhe melhor papel que o vosso, se o exercito, como espero, se mostrar digno do seu nome e dos cuidados a que vos entregastes para o collocar no estado em que está. Deus nos ajude, e eu espero que elle favorecerá a justa causa. Crêde-me mui sinceramente vosso muito humilde e obediente creado=*Forjaz*».

CAPITULO II

Proseguindo o inimigo com o cerco da praça de Almeida, e o bombardeamento contra ella dirigido, cáe-lhe finalmente nas mãos, por effeito das ruinas em que a lançou a grande explosão dos seus armazens de polvora, suspeitando-se que houvesse tambem para isto traição da parte de um official da sua guarnição. Sendo a entrega feita por uma capitulação, os francezes a postergaram escandalosamente, violentando os soldados prisioneiros, tanto de primeira, como de segunda linha, a entrarem no serviço da França, concorrendo muito para isto os portuguezes que vinham no exercito de Massena, como o marechal Beresford participou aos governadores do reino n'um seu officio, no qual condemnava tambem fortemente que acceitassem similhante serviço alguns dos officiaes, na mente de desertarem d'elle, procedimento que tinha por contrario á honra da palavra dada por todo o militar pundonoroso, cousa que todavia se não verificou, como depois elle mesmo fez ver n'uma sua ordem do dia. As suspeitas de correspondencia havida dos portuguezes do exercito de Massena com o interior do reino levaram o governo, não só a deportar no mez de setembro, que então corria, para as ilhas dos Açores quarenta e oito individuos, que tinham por addictos ao partido francez, mas tambem a procederem judicialmente contra os citados portuguezes, os quaes, sendo por então condemnados á morte, como traidores á patria, foram posteriormente perdoados pela ampla amnistia que as côrtes lhes decretaram em 1821. Quanto ao proseguimento das operações militares, lord Wellington, buscando tirar aos francezes todos os meios de se poderem manter em Portugal, ordenou que os povos da Beira e Extremadura se recolhessem todos a Lisboa, destruindo previamente todos os generos e mais effeitos que comsigo não podessem trazer e fossem de vantagem para o inimigo, medida que o principal Sousa julgou improficua, de que resultou pedir aquelle general a demissão do dito principal, a qual todavia se não levou a effeito, pela tenaz resistencia que seu irmão, o conde de Linhares, lhe oppoz no Rio de Janeiro.

Pelo fim do anterior capitulo se achará o leitor prevenido em favor dos soldados portuguezes, pois que quando sem quasi experiencia alguma da guerra no campo elle os viu já apresentarem um tamanho valor e coragem nos seus pequenos encontros com o inimigo, igualando assim os seus camaradas inglezes, com rasão deverá suppor que lhes não ficarão atrás a nenhum respeito em batalhas formaes, juizo que em breve lhe será confirmado, tendo nós ainda antes d'isso de

nos irmos occupar com a continuação do cerco, posto pelos francezes á praça de Almeida, os quaes no progresso dos seus trabalhos conseguiram abrir-lhe a primeira trincheira no dia 25 de agosto ao abrigo de um falso ataque. Tendo na manhã do dia 26 concluido as parallelas, um terrivel fogo começaram os sitiantes a lançar contra a praça, empregando n'este mister dez baterias, que distantes apenas 350 passos da praça, continham 65 peças, começando todas a disparar ao mesmo tempo. Muitas casas se tornaram logo presa das chammas, que a guarnição não pôde extinguir. Os sitiados responderam com vivacidade ao fogo dos sitiantes, continuando de parte a parte as canhonadas, que só pela tarde afrouxaram alguma cousa. Á entrada da noite do mesmo dia 26, sendo cousa de oito horas, a terra tremeu repentinamente, saltando aos ares o castello e os seus armazens, levantados no centro da praça, no meio de um turbilhão de fogo e fumo. Esta terrivel explosão fez de toda a villa um miseravel montão de ruinas: as peças de artilheria foram quasi todas desmontadas, ou precipitadas ao fosso. Quinhentas pessoas morreram, muitas outras foram feridas, não ficando mais que seis casas em pé.

Tal foi o espectaculo que offereceu a praça de Almeida na manhã de 27 de agosto! Entretanto as muralhas da praça não soffreram prejuizo algum[1]. O governador Guilherme Cox, participando a Beresford este lamentavel successo, confessa que por tão horrivel accidente ficára privado de toda a sua artilheria e munições de mosquetaria, á excepção de um pe-

rias: as obras foram notavelmente arruinadas, e uma geral consternação se espalhou entre as tropas e os habitantes». Numa nota á pagina 31 do *Jornal historico da campanha de Massena* por mr. Fririon, diz-se que proviera este sinistro de ter o official de artilheria, encarregado de ir buscar as munições, permittido que se rolassem os barris da polvora pelas ruas, emquanto que o ar se via coberto de bombas, uma das quaes poz fogo a um dos ditos barris, fazendo com a sua explosão saltar o resto[1]. Entretanto a guarnição conheceu a necessidade de pegar em armas. O governador, temendo que o inimigo se aproveitasse de um tão critico momento para assaltar a praça, fez tocar á generala, e correndo ás muralhas, poz fogo, por ajuda de um official de artilheria, ao pequeno numero de peças que tinham ficado em estado de servir nas baterias.

Pela sua parte os francezes continuaram com o fogo durante toda a noite; na manhã de 27 dois officiaes inimigos appareceram ás portas da praça com uma carta do marechal Massena, propondo a entrega d'ella ao exercito francez, sob as condições honrosas que estava resolvido a conceder á sua guarnição. Bem conhecia o coronel Guilherme Cox que uma longa resistencia lhe era inteiramente impossivel; mas esperando que o exercito alliado se movesse a seu favor, resolveu impor ainda ao inimigo uma resistencia de dois ou tres dias de duração, e com estas vistas sustentou o fogo até ás duas horas do mesmo dia 27. Todavia o soccorro que esperava não lhe foi ministrado por uma nova fatalidade, que se reuniu com a da

[1] Segundo o testemunho de um official de artilheria, que estava na praça de Almeida, por nome João de Sousa Moreira, parece que esta terrivel explosão proveiu de um barril de polvora, que tinha um buraco, e que foi fazendo um rastilho desde o deposito, ou armazem principal, d'onde saíra, e onde estavam os mais barris d'este genero, até á respectiva bateria, onde o fogo se achava bastante activo. Por acaso caiu uma bomba dos francezes sobre o rastilho, que por esta fórma se incendiou, indo communicar o incendio ao armazem de deposito. Foi isto presenciado casualmente por um soldado, que disse ao dito Moreira ter visto incendiar-se o rastilho, obrigando-o a fugir para dentro de um forno, que por fortuna sua lhe ficava proximo.

desgraçada explosão, tal foi a de na tarde do dia 25, e na manhã do dia 26 não se poder alcançar com a vista o que se passava em Almeida pela obscuridade da atmosphera. Das duas para as tres horas da tarde do dia 26, que foi quando aclarou mais o tempo, é que se distinguiu um fogo vivissimo de parte a parte. No dia 27 observou-se que o fogo continuava menos activamente até perto das duas horas da tarde. Parou depois: entre as dez horas e a meia noite repetiu-se com mais violencia, não se ouvindo depois mais tiro algum. Fôra effectivamente desde as duas até ás dez horas da noite que se entabolaram as negociações para uma capitulação, que o governador Guilherme Cox se viu obrigado a acceitar por causa de uma revolta, que contra as suas tenções de continuar na resistencia da praça promoveu o tenente coronel e tenente rei, que d'ella era, Francisco Bernardo da Costa de Almeida, secretamente instigado pelo commandante da artilheria, que n'ella estava, o major Fortunato José Barreiros, que desde algum tempo se achava em correspondencia com os francezes, no serviço dos quaes entrou posteriormente, dando-se-lhe a patente de coronel[1].

[1] O coronel Francisco Bernardo da Costa de Almeida, respondendo mais tarde a conselho de guerra, foi por sentença d'elle fuzilado em agosto de 1812, não pela culpa de traição, como se lhe suppunha, mas pela de fraqueza e cobardia, provocando um motim nos officiaes da guarnição para obrigar o governador da praça a capitular, como aconteceu. A respeito do major de artilheria Fortunato José Barreiros diz, o coronel Napier na sua Historia, que não só fôra promovido a coronel pelo inimigo, mas até que nunca mais voltára ao serviço da sua patria, cousas que dão muitos indicios de que as suspeitas de culpabilidade a seu respeito, como traidor á patria, não são inteiramente infundadas. Parece-nos que n'alguma parte do *Correio Braziliense* se diz que elle voltára a Portugal, e respondêra a conselho de guerra, sendo absolvido; cremos que isto é inexacto, já porque nas ordens do exercito não ha documento d'isto, e já porque no artigo *Sentenças* do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva, entre tantas que aponta se não encontra alguma de absolvição, com relação a este official, que só parece ter publicado em Burges um opusculo em sua defeza, com o seguinte titulo: *Exposição veridica e sincera das rasões e impossibilidade, que provam a sua alteza real, o principe regente de Portugal, e a toda a nação, a*

O teor da capitulação foi o seguinte. Artigo 1.º A guarnição será prisioneira de guerra com as honras da guerra, isto é, sairá com as suas armas, que deporá na esplanada da praça. (Acceito, á excepção de que as milicias, sendo em pequena quantidade, irão para suas casas, depois de depostas as armas. Ellas não poderão servir durante a presente guerra contra a França, nem os seus alliados. *Concedido.)* — Artigo 2.º Os officiaes de todas as armas, e os soldados, conservarão, os primeiros as suas espadas e as suas bagagens, e os segundos as suas bagagens sómente. — Artigo 3.º Os habitantes conservarão as suas propriedades, e por maneira alguma serão inquietados por suas opiniões. — Artigo 4.º As munições de guerra e a artilheria ficarão em poder do exercito francez, e serão entregues ao commandante da artilheria. — Artigo 5.º As caixas e os armazens serão entregues aos commissarios de guerra francezes, nomeados para este effeito. — Artigo 6.º Os planos e memorias da praça serão entregues aos engenheiros do exercito francez. — Artigo 7.º Os doentes do exercito inglez e do exercito portuguez serão tratados e mantidos á custa do exercito francez, e seguirão o destino da guarnição, depois de restabelecidos. — Acampamento defronte de Almeida, 27 de agosto de 1810. (Assignado). O marechal, principe de Essling, commandante em chefe do exercito de Portugal, *Massena*. = Acceito, *Guilherme Cox*, governador[1].

fidelidade do facto, e depoimento das testemunhas, que juraram contra Fortunato José Barreiros, sobre ter sido elle o auctor da desgraça do castello de Almeida, e entrega d'esta praça ás tropas francezas no mez de agosto de 1810. Verdade é que elle veiu a Portugal, mas foi como inimigo d'este reino, fazendo parte do exercito francez de Massena em 1810, sendo como tal condemnado a uma morte cruel e infame, por sentença da relação de Lisboa na data de 16 de março de 1811, como adiante se verá.

[1] O sinistro da praça de Almeida e a sua entrega aos francezes foram para estes da maior vantagem, porque a não se ter dado a explosão que n'ella houve, a sua resistencia duraria por certo por mais quinze dias, no fim dos quaes sobrevieram grandes chuvas, successo que não podia deixar de impedir que Massena se entranhasse em Portugal tão depressa como praticou, de que resultaria ter em tal caso de passar o inverno

Durante o tempo das negociações, e mesmo depois da assignatura da convenção acima mencionada, os francezes continuaram a bombardear a praça desde as dez horas até pela manhã de 28. Este acto, aliás injustificavel por qualquer lado que se olhe, pareceu tanto mais estranho, quanto que um ajudante de campo do marechal Massena, o coronel Pelet, se achava ainda dentro d'ella. Pela sua parte os francezes desculparam-se d'esta atrocidade, allegando que tinha havido engano na transmissão das ordens aos officiaes de artilheria, como se a continuação do bombardeamento por toda uma noite fosse acreditavel, que proviesse de similhante causa, quando aliás se poderia ter feito cessar dentro de cinco minutos, depois de se ouvir o primeiro tiro. Alem d'esta circumstancia, o governador Guilherme Cox queixou-se igualmente de se ter violado a capitulação, com relação aos corpos de milicias, porque, em vez de se mandarem para suas casas, segundo o ajuste feito, formou-se d'elles um corpo de 800 homens, que se denominou *batalhão de pioneiros*, empregando-se como tal na reparação das estradas, para facilitar as marchas do exercito francez. Quanto á tropa de linha, consistindo no já citado regimento de infanteria n.° 24, n'uma companhia do regimento de cavallaria n.° 12, e n'um destacamento de artilheria, a escandalosa conducta que com ella se teve ainda foi maior, convertendo-se a promessa de a mandarem prisioneira para França em a obrigarem a combater com o exercito francez contra a sua patria, parentes e amigos. Que admira pois que, infringindo Massena tão flagrantemente os artigos da capitulação ajustada, os portuguezes o illudissem tambem a seu turno, desertando das suas fileiras para as dos seus concidadãos? Uma conducta tal da parte do general francez, opposta como era ao direito inter-

em Hespanha; mas quando mesmo similhante circumstancia se não desse, lord Wellington teria pela sua parte o preciso tempo para fazer retirar do paiz invadido tudo o que podesse ser util ao inimigo, e portanto recolher nos seus armazens, ou pelo menos inutilisar nas margens do Tejo, todos os cereaes que ainda estavam no campo, e que por tanto tempo serviram para fornecer subsistencia aos invasores.

nacional, dava o mais justo motivo para desobrigar tambem dos seus ajustes, tanto os milicianos, como as tropas de linha portuguezas, aprisionadas em Almeida.

A estas accusações respondeu mr. Pelet, por parte dos francezes, allegando capciosamente que quando a guarnição d'aquella praça, que ainda se elevou a 3:000 homens, reconheceu o marquez de Alorna entre os generaes francezes, a maior parte d'ella pediu em altas vozes servir com elle, de que resultou formar-se com ella uma brigada, commandada pelo general Pamplona. Não nos parece crivel similhante allegação; mas ou seja ou não verdade, é fóra de toda a duvida que no exercito de Massena não sómente tinham vindo os citados marquez de Alorna (D. Pedro de Almeida) e Manuel Ignacio Martins Pamplona, mas igualmente alguns outros officiaes portuguezes, pertencentes á legião que Junot mandára de Portugal para França em 1808. Allegaram elles em sua defeza terem sido obrigados a darem similhante passo, que de certo não teriam dado, a não ser tão terminante e positiva a ordem que para isso tiveram. Que houve essa allegada ordem, facil é acreditar, porque a não ser ella, não era provavel que elles, sendo militares, se deslocassem por arbitrio proprio da situação em que se achavam, para se irem unir a um exercito em marcha para Portugal. A questão que se apresenta agora é saber se essa ordem era tão imperativa e severa, que não podessem subtrahir-se a ella, e por conseguinte que coagidos a tivessem de cumprir, não o tendo feito por satisfação propria. Parece-nos que ella não tinha similhante caracter, porque se o general Gomes Freire de Andrada, nomeado igualmente para acompanhar Massena, a isso se recusou, sem lhe resultar contratempo, ou perseguição de especie alguma, tambem nos parece que o mesmo podiam fazer alguns dos outros portuguezes, se é que não todos, e que o governo francez, admittindo de bom grado aquella escusa, admittiria igualmente a dos mais.

Mas dado, e não concedido, que aquella ordem tivesse o caracter de se lhe não poder resistir, parece-nos igualmente que os citados officiaes portuguezes, bem longe de virem

CAPITULO II

[illegible] o inimigo com o cerco da praça de Almeida, e o bombardeamento contra ella [illegible], cáe-lhe finalmente nas mãos, por effeito das ruinas em que a lançou a grande explosão dos seus armazens de polvora, suspeitando-se que houvesse tambem para isto traição da parte de um official da sua guarnição. Sendo a entrega feita por uma capitulação, os francezes a postergaram escandalosamente, violentando os soldados prisioneiros, tanto de primeira, como de segunda linha, a entrarem no serviço da França, concorrendo muito para isto os portuguezes que vinham no exercito de Massena, como o marechal Beresford participou aos governadores do reino n'um seu officio, no qual condemnava tambem fortemente que acceitassem similhante serviço alguns dos officiaes, na mente de desertarem d'elle, procedimento que tinha por contrario á honra da palavra dada por todo o militar pundonoroso, cousa que todavia se não verificou, como depois elle mesmo fez ver n'uma sua ordem do dia. As suspeitas de correspondencia havida dos portuguezes do exercito de Massena com o interior do reino levaram o governo, não só a deportar no mez de setembro, que então corria, para as ilhas dos Açores quarenta e oito individuos, que tinham por addictos ao partido francez, mas tambem a procederem judicialmente contra os citados portuguezes, os quaes, sendo por então condemnados á morte, como traidores á patria, foram posteriormente perdoados pela ampla amnistia que as côrtes lhes decretaram em 1821. Quanto ao proseguimento das operações militares, lord Wellington, buscando tirar aos francezes todos os meios de se poderem manter em Portugal, ordenou que os povos da Beira e Extremadura se recolhessem todos a Lisboa, destruindo previamente todos os generos e mais effeitos que comsigo não podessem trazer e fossem de vantagem para o inimigo, medida que o principal Sousa julgou improficua, de que resultou pedir aquelle general a demissão do dito principal, a qual todavia se não levou a effeito, pela tenaz resistencia que seu irmão, o conde de Linhares, lhe oppoz no Rio de Janeiro.

Pelo fim do anterior capitulo se achará o leitor prevenido em favor dos soldados portuguezes, pois que quando sem quasi experiencia alguma da guerra no campo elle os viu já apresentarem um tamanho valor e coragem nos seus pequenos encontros com o inimigo, igualando assim os seus camaradas inglezes, com rasão deverá suppor que lhes não ficarão atrás a nenhum respeito em batalhas formaes, juizo que em breve lhe será confirmado, tendo nós ainda antes d'isso de

de 4 de setembro de 1810 o marechal Beresford dirigiu de Moimenta da Serra para Lisboa a D. Miguel Pereira Forjaz, concebido nos seguintes termos: «Effectivamente a perda da praça de Almeida foi occasionada pela desgraça acontecida nos armazens da polvora, e pelas informações mais escrupulosas tomadas dos coroneis de milicias e outros officiaes que foram da guarnição, as tropas até áquelle accidente comportaram-se pelo melhor modo possivel, e as milicias não mostraram menos valor que as tropas de linha. Depois de se haver rendido a guarnição, e á sua saída da praça, querendo o inimigo tomar as tropas a seu serviço, *ellas foram perguntadas pelos traidores portuguezes, que acompanhavam o exercito francez, se queriam fazer parte d'elle, o que foi inteiramente rejeitado;* mas tendo-as conduzido á aldeia do Bispo, *elles tornaram ainda a perguntar o mesmo ás tropas de linha,* com a alternativa de as fazerem marchar prisioneiras para França, e outras ameaças. E é com pezar que eu communico a sua alteza real, que todos, á excepção dos officiaes abaixo nomeados, deram a isto o seu consentimento[1]. Devo dizer que as tropas que entraram assim ao serviço dos inimigos barbaros do seu paiz, me deram a saber que ellas o fizeram para evitar o serem mandadas para França com todas as suas crueis consequencias, e com o objecto de que, ficando perto de Portugal, poderem desertar e entrarem ainda a servir a sua patria. Postoque isto não seja uma conducta que eu possa de modo algum approvar, não obstante, a respeito dos soldados, que ali foram enganados por todas as especies de infames representações, falsidades e maneiras, podem admittir desculpa o quererem assim enganar um inimigo enganador; mas pelo que respeita aos officiaes, *cuja honra não deve jamais ser suspeita,* e que devem sempre preferir as privações e os soffrimentos pessoaes a uma má acção, ou mesmo aquillo

[1] Segundo o que a pag. 32 e 33 da sua *Relação historica* nos conta mr. Guingret, foi o marquez de Alorna o que fallou á tropa de linha prisioneira em Almeida, e a levou pela seducção do seu discurso a acceitar o serviço da França, gritando em seguida a isto: *Viva o marquez de Alorna!*

que se lhe assimilha, elles são inteiramente indesculpaveis, e se foram indignos de ficar ao serviço de sua alteza real, cujo principio foi e deve sempre continuar a ser *a honra:* e assim eu acharei ser de justiça ao resto dos officiaes do exercito o submetter os nomes d'estes officiaes a sua alteza real para serem expulsos com infamia do seu serviço. Acho que na primeira noite desertaram logo alguns officiaes e 200 soldados. A nação portugueza conhece já a clemencia e a moderação franceza, e a conducta do inimigo sobre esta capitulação mostrará que a sua boa fé em nada tem mudado, depois que foi lançado fóra de Portugal. É concedido ás milicias pela capitulação o poderem voltar para suas casas, e o inimigo, pelo meio dos *traidores portuguezes, que com elle estão, dos quaes o marquez de Alorna é o mais activo ex-portuguez*, não havendo podido com toda a sua arte e intriga persuadir a um unico miliciano, ou official ou soldado, que com elle servisse, recorreu ao seu argumento ordinario, quando tem o poder, que é, se o não queriam por vontade, que o fariam por força: e contra as estipulações da capitulação elle tem actualmente detido por força, para fazer um corpo de pioneiros, 7 officiaes e 200 soldados de cada regimento de milicias.

«É com o maior prazer que eu communico a sua alteza real que, pela unanime informação de officiaes e soldados, a conducta do governador Guilherme Cox merece os maiores elogios: elles o reputam como incansavel, não deixando jamais de dia e de noite os parapeitos. Elle tinha por tal maneira ganhado o amor e a estima da guarnição, tanto a officiaes, como a soldados, e lhes tinha inspirado uma confiança tal, que a não ser a desgraça acontecida á polvora, o ataque de Almeida haveria causado grande perda, tanto de tempo, como de homens ao inimigo. Os nomes dos officiaes que eu conheço haverem recusado por todo o modo, ou por qualquer objecto que seja, de porem os seus nomes no rol dos inimigos da sua patria, são, alem dos officiaes inglezes (o governador Cox, o major Hewelt, e o capitão Foley), o major Manuel Paulo Cobreiro e o capitão José Pedro de Mello. E é

com grande prazer que eu annuncio a sua alteza real, que os primeiros tenentes de engenheria, Antonio Elizeu Paula de Bulhões e Joaquim Pedro Pinto de Sousa, e o segundo tenente José Feliciano Farinha, que todos tambem recusaram aceitar o serviço francez, se escaparam já do inimigo, e estão presentemente no meu quartel general. Estes moços officiaes, resistindo a um exemplo tão geral, mostraram uma tal firmeza e patriotismo, que me parece justo recommenda-los a sua alteza real para merecerem algum signal da sua approvação por uma conducta tão honrada: e eu rogarei ao mesmo senhor seja servido recompensa-los, dando a cada um uma graduação no seu posto.» Lord Wellington tambem pela sua parte desculpava os soldados do regimento de infanteria n.º 24 do passo que haviam dado em aceitarem o serviço dos inimigos da sua patria, julgando que n'elles fôra isto um meio de se subtrahirem ás crueldades que experimentariam, quando como prisioneiros fossem mandados para França; mas quanto aos officiaes d'aquelle corpo, não os podia jamais desculpar, porque estes, dizia elle, devem expor-se a quaesquer trabalhos, devem soffrer quaesquer crueldades, e até mesmo a morte, antes do que tornarem-se cumplices de um acto de deshonra, tal qual eu devo considerar a alliança, ou estipulação em que se entra com o inimigo, ainda mesmo com o intento e firme resolução de o enganar. Peço por conseguinte que os nomes d'estas infelizes pessoas sejam riscados e tirados da lista do exercito, como incapazes de serem classificados na mesma graduação, ou sociedade dos mais officiaes do exercito [1].»

Em verbete da propria letra de D. Miguel Pereira Forjaz, posto no officio do marechal Beresford, dizia elle o seguinte: «Accusar a recepção; que foram muito agradaveis as boas informações que s. ex.ª lhe participa da conducta do governador Cox, assim como sente o indigno procedimento dos officiaes que se comportaram tão mal; que deferindo a sua proposta, acaba o mesmo governo de promover os tres offi-

[1] Veja o documento n.º 87-A.

ciaes engenheiros, que se mostraram dignos do nome portuguez, não lhe parecendo por ora conveniente, nem declarar a tenção dos soldados que ficaram constrangidos ao serviço francez, para que esta noticia não chegue ao inimigo, nem desapprovar publicamente o comportamento dos officiaes que se disfarçaram ao serviço do inimigo, emquanto s. ex.ª não tiver sobre isto informações que lhe pareçam perfeitamente exactas, a fim de evitar o risco de comprehender no numero dos culpados alguns que estejam innocentes, e por estes principios fez o governo publicar o officio de s. ex.ª por extracto na gazeta». Não obstante a rasão e o bom senso do exposto por D. Miguel Pereira Forjaz no seu respectivo officio, rasão e bom senso que o tempo bem depressa provou, o marechal Beresford, arrastado sem duvida pelo seu habitual espirito de severidade, não se conformou com o parecer de Forjaz, tomando em vez d'elle o de abertamente condemnar desde logo na sua ordem do dia de 6 de setembro de 1810, em que participou ao exercito os acontecimentos da praça de Almeida, a conducta da tropa de linha que aceitára entrar no serviço da França, no intento de desertar para as bandeiras da sua patria, como lhe fizera saber. Todavia o governo ordenou, por uma portaria do citado dia 6 de setembro de 1810, que as familias dos fallecidos durante o cerco da referida praça recebessem o soldo dos seus defuntos maridos, paes ou irmãos, e meio soldo as familias dos que tinham sido prisioneiros de guerra, concedendo a estes um mez, começado a contar da data da referida portaria, para se apresentarem no reino, com a comminação de que não o fazendo assim, se suspenderia o pagamento ás suas familias, e elles seriam considerados como traidores á patria[1]. Justas e humanas como eram as providencias d'esta portaria, nunca apesar d'isto se levaram a effeito para com as citadas familias, as quaes por tal causa passaram a jazer na maior miseria. Na ordem do dia de 10 do citado mez de setembro de 1810 diz-se, que tendo-se rendido Almeida a 28 de agosto,

[1] Documento n.º 87-B.

já no dia 3 do seguinte mez haviam entrado em Freixo de Espada á Cinta 17 officiaes e 500 soldados, tendo desertado das fileiras do inimigo no meio de muito risco, por isso que no dia seguinte ao da sua fuga *é que tinham de prestar o juramento de entrarem no serviço francez*. O marechal Beresford, desejando conhecer a verdade d'esta allegação, para rehabilitar a quem ella podesse aproveitar, mandou convocar um conselho de investigação, presidido pelo marechal de campo Francisco da Silveira Pinto da Fonseca. O resultado d'este conselho foi publicado na ordem do dia de 28 de dezembro de 1810, na qual o marechal se exprime lisonjeiramente, a respeito dos ditos officiaes, como se vê do seguinte periodo: «E s. ex.ª ajuntando á convicção em que sempre esteve do patriotismo d'estes officiaes, e ao testemunho em seu abono do conselho de averiguação, o perigo a que se expoz cada um para escapar ao inimigo, a fim de tornar a servir o seu soberano e a sua patria, e ao bem com que no combate de 14 do mez passado junto ao Coa pozeram em pratica as suas intenções, tendo-se n'esta occasião empenhado com tanta particularidade na derrota do inimigo, vingando-se a si, e vingando a patria das violencias e injurias recebidas, julga-se s. ex.ª no dever de purificar publicamente os mencionados officiaes de toda a mancha, que lhes tenha posto a ordem do dia de 6 do sobredito mez de setembro, e de os levar á presença de sua alteza real, como tão dignos da sua real contemplação, quanto o são os officiaes mais zelosos do seu real serviço».

Alem do exposto, ou do indigno papel que fizeram na seducção da guarnição de Almeida os officiaes portuguezes, que vinham unidos ao exercito de Massena, suspeitos se tornaram tambem de serem auctores de algumas correspondencias para o interior do reino, tendentes a promover partido em favor da causa da França. Foi por este motivo que os governadores do reino e muitos dos seus partidistas julgaram que a catastrophe da praça de Almeida fôra filha da abominavel traição do major de artilheria Fortunato José Barreiros, que se presumia ligado por correspondencia com os ditos officiaes. Não tendo este individuo voltado jamais a

Portugal, a não ser como inimigo da sua patria, fazendo parte do exercito francez de Massena em 1810, como já fica dito na nota acima transcripta, não deixa este facto de levantar contra elle justas e deshonrosas suspeitas: todavia nada se sabe ao certo sobre a grave accusação que se lhe fez. A verdade é que, convencidos os governadores do reino de que os suppostos partidistas da França tinham occasionado aquella catastrophe, resolveram, pela adopção de medidas terroristas, obstar quanto possivel lhes fosse ao bom exito de quaesquer trabalhos, que para os seus fins os referidos partidistas podessem subsequentemente tentar. Com estas vistas mandaram sair de Lisboa para os Açores varios individuos suspeitos de jacobinos, ou partidistas da França, declarando tambem como réus de alta traição o marquez de Alorna, e juntamente com elle todos os mais portuguezes, que ligados ao exercito francez se achavam por aquelle tempo com armas na mão contra a sua patria. As sociedades secretas, ou maçonicas, olhadas igualmente pelos mesmos governadores como ligadas ao partido francez, tambem junto d'elles cairam na mais pronunciada animadversão, reputando-as como um dos instrumentos de que Junot se servira para seus fins. A respeito dos deportados, appareceu na *Gazeta de Lisboa* no dia 12 de outubro o seguinte artigo: «Em consequencia das averiguações da policia, mostrou-se que a residencia de alguns individuos n'este reino podia ser prejudicial ao socego publico em uma circumstancia tão delicada como a presente, pelo que tomou o governo a resolução de os remover inteiramente de Portugal. Este procedimento acha-se escandalosamente calumniado na gazeta ingleza o *Sol*, de 2 do corrente, cujas asserções os senhores governadores do reino mandam desmentir, fazendo saber que nem o marechal general, lord Wellington, nem o ministro plenipotenciario de sua magestade britannica, nem algum individuo da dita nação, teve alguma parte no referido procedimento, nem conhecimento antecipado d'elle, por isso que o mesmo procedimento não foi mais do que um resultado das informações que foram communicadas pela policia. As outras no-

ticias absurdas sobre a conjuração, achados de armas, etc., são tão notoriamente falsas, que não merecem refutação. Similhantes delictos, se existissem, seriam castigados com penas mais graves, em observancia das leis e para escarmento dos culpados».

O certo é que no dia 10 e na noite d'este dia para 11 de setembro foram presos em Lisboa e em outras mais partes do reino, com apprehensão de papeis, quarenta e oito individuos de diversas classes e familias, os quaes foram conduzidos ás cadeias do Limoeiro. No mesmo dia e noite foram igualmente presos em diversas partes mais dez individuos, que se mandaram encerrar na torre de S. Julião da Barra. A apprehensão e conducção de uns e outros para as diversas cadeias fez-se com grande apparato e publicidade, provavelmente nas vistas de que a populaça desenvolvesse contra os referidos presos aquelle furor anarchico, que já n'outras occasiões tinha desenvolvido, particularmente em Braga e no Porto. Todos elles foram conservados depois em segredos, e privados de toda a communicação até ao dia 14, em que se lhes notificou que deviam embarcar no dia 16 a bordo da fragata *Amazona*. A todos estes individuos, a quem só por medidas de policia se mandaram sair para fóra do reino, apenas se lhes deu vinte e quatro horas para se prepararem para a sua viagem, e dizerem um adeus á patria e ás suas afflictas familias, depois de terem estado nos segredos. Na noite de 15 para 16 foram conduzidos os que estavam no Limoeiro para bordo da supradita fragata entre seiscentos soldados de infanteria e cavallaria da policia. No seguinte dia, 16, que era um domingo, saíram os presos da torre de S. Julião por entre duas alas de cem soldados, com armas carregadas, e ao som de um tambor, que estava no centro da tropa. Com este apparato marcial chegaram finalmente ao caes da fortaleza, onde embarcaram á vista de immenso povo, entre o qual se viam alguns individuos que denotavam signaes de commoção. A fragata achava-se fundeada em frente da cordoaria; mas a falua que conduzia os presos subiu de proposito até ao Terreiro do Paço, de certo para os offerecer em

espectaculo aos moradores da capital. A todos estes actos presidiu o juiz de fóra de Oeiras, Silverio José Nunes Collares. No dia 18 deu á véla a fragata, da qual era commandante Matheus Pereira de Campos: este official tratou pela sua parte de suavisar quanto pôde a sorte dos infelizes passageiros que se lhe confiaram. A viagem foi de curta duração, chegando a fragata á ilha Terceira no dia 26. Pelas dez horas da manhã do dia 27 appareceu a bordo o patrão mór do porto, indo os despachos para terra por mão de um official da guarnição, chamado Bernardo Antonio Ximenes de Aragão. Na manhã seguinte voltou este official com um ajudante de ordens do governo, Manuel da Silva, sargento mór de infanteria, que pela sua parte tratou os presos com toda a grosseria, e até mesmo desprezo, não obstante a graduação de alguns d'elles.

Tendo desembarcado para terra o primeiro commandante da fragata, ficou o segundo fazendo as suas vezes: este, que era o capitão de fragata, Estanislau Antonio de Mendonça, foi quem providenciou ao desembarque dos presos, que depois de varios baldões e mau tratamento, que do dito segundo commandante receberam, chegaram finalmente ao caes de Angra, já de antemão guarnecido com soldados do respectivo batalhão de linha e do regimento de milicias da cidade. As muralhas estavam cobertas de gente, um immenso concurso de povo cercava as ameias, e todas as janellas das casas das ruas do transito estavam cheias de espectadores, não havendo entre elles um só que proferisse uma unica voz de offensa. Apenas desembarcados, foram logo individualmente chamados por um official de ordens, que os foi remettendo a todos, com poucas excepções, para os diversos logares que lhes estavam preparados. Foram então os deportados indistinctamente enviados para os segredos da cadeia publica, os carceres do aljube, os dos conventos de S. Francisco, e uma especie de cavallariça, com fórma de quarteis, na fortaleza ou castello de S. João Baptista. A conducção effeituou-se pelo modo mais brutal e atroz, tal como podia fazer-se aos maiores facinorosos, já processados e julgados. Era por então go-

vernador e capitão general dos Açores o famoso Ayres Pinto de Sousa, homem servil, abjecto e de cabellos no coração, como vulgarmente se diz, sendo filho segundo de Luiz Pinto de Sousa Coutinho, primeiro visconde de Balsemão. Era voz constante que as instrucções recebidas por este homem dos governadores de Lisboa, não ordenavam ali novas prisões, ou martyrios novos, recommendando simplesmente *que as victimas se conservassem separadas, e se vigiasse com cuidado o seu comportamento*. Ayres Pinto porém mandou receber á praia todos aquelles infelizes, como se fossem notorios malfeitores, e como taes os fez conduzir aos diversos logares das suas prisões, debaixo das ordens de um cabo de esquadra, havendo aliás entre elles alguns vestidos com o seu uniforme de officiaes militares. Tal foi o modo indigno, escandaloso e barbaro por que Ayres Pinto de Sousa se conduziu para com homens que não tinham crime, sendo alguns d'elles notaveis pelo seu nascimento e posição social. Alguns d'estes, que eram ecclesiasticos e pessoas de grandes luzes, foram por elle mandados para certos conventos, com a recommendação de que *ali se cuidasse da sua conversão, sendo instruidos nas materias religiosas!* No meio d'estes maus tratos, que o tempo foi pouco a pouco adoçando, passaram estes *setembrisados* quatro annos de vexações, opprobrios e violencias em suas pessoas e bens, sendo sómente no fim de tão longo espaço de tempo que se lhes permittiu poderem voltar para suas casas, sem que para isso se lhes desse ou promptificasse meio algum.

De tão notavel acontecimento, e que tamanho abalo causou em todo o reino, sobretudo nos homens de tendencias liberaes, deram os governadores do reino parte para o Rio de Janeiro, na data de 11 de setembro, pela seguinte maneira: «Senhor! O desembargador Jeronymo Francisco Lobo, ajudante do intendente geral da policia, foi encarregado pelos governadores do reino de tomar a seu cargo o importante ramo da policia. Para o auxiliar n'esta commissão foi nomeado com o caracter de segundo ajudante do referido intendente o bacharel João Gaudencio Torres, que estava empregado em

ajudante do desembargador auditor geral do exercito. O sobredito desembargador Jeronymo Francisco Lobo requereu que para socego do reino, e nas apertadas circumstancias em que se achava, se retirassem de Lisboa os chefes dos *pedreiros-livres*, e todos aquelles que, accusados gravemente de inconfidencia, se tornassem suspeitos. O governo, considerando que o bem do estado, e a urgencia das circumstancias actuaes exigem que se tomem todas as precauções para evitar os males e as consequencias de se conservarem no reino pessoas de tanta suspeita, e julgadas affectas aos francezes, resolveu-se, pela certeza que merece a consideração d'aquelle digno magistrado, a mandar armar uma fragata, para fazer embarcar n'ella immediatamente, e remetter para as ilhas dos Açores os apontados na conta do dito ministro. E devendo-se proceder a summario sobre os crimes, ou suspeitas denunciadas, se fará presente a vossa alteza real o resultado, para que em materia de tanta ponderação possa vossa alteza real ordenar o que for servido, tendo nós no arbitrio que tomámos procurado tão sómente evitar os males e as consequencias que se deviam temer, e os castigos de que seria necessario usar em taes delictos, e suavisar assim quanto é possivel o delirio das pessoas, que tem afflicto as suas familias, com tanto desdouro da nobreza, e desgosto dos fieis vassallos de vossa alteza real». No Brazil concordou-se com estas medidas de precaução, respondendo-se de lá, na data de 26 de novembro, que sua alteza real ficava inteirado do acontecido[1]. Os individuos comprehendidos na conta do ajudante do intendente, o citado Jeronymo Francisco Lobo, e que por causa da sua representação foram victimados e conduzidos em 18 de outubro do referido anno de 1810 para as ilhas dos Açores a bordo da fragata *Amazona*, eram os constantes da seguinte lista:

1 Antonio de Almeida, cirurgião da real camara.
2 Frei Antonio de Sant'Anna, religioso menor da provincia do Algarve (franciscano).

[1] Veja o documento n.º 87–C.

3 Ignacio Quintino de Avellar, cirurgião de reputação e merito.
4 José Pedro de Sousa e Azevedo, bacharel em philosophia e mathematica.
5 Filippe Bernardini, italiano copeiro: achava-se leso de um braço e em deploravel estado.
6 João Bouvier, cozinheiro do marquez de Pombal.
7 João Miguel de Brion, mordomo do marquez de Pombal.
8 Pedro Bougard, relojoeiro suisso.
9 Antonio de Brion } filhos do já citado João Miguel de
10 Henrique de Brion } Brion.
11 José Maria Cambiazzo, negociante genovez.
12 Pedro Paulo Candidi, negociante romano.
13 André da Silva Cardoso, juiz do tombo da casa de Sarzedas.
14 Francisco Xavier Rodrigues, advogado em Lisboa.
15 Francisco Duarte Coelho, desembargador aggravista na relação de Lisboa, e deputado da junta da casa do infantado.
16 Vicente José Ferreira Cardoso, desembargador da casa da supplicação.
17 Joaquim José da Costa, beneficiado de Santa Maria da Azambuja.
18 Joaquim José do Couto, tenente coronel de milicias de Minas Geraes.
19 Bento Dufourcq, negociante.
20 Antonio Maria Esteves, official da secretaria da intendencia.
21 José Aleixo Falcão Vanzeller, chefe da legião urbana do Rocio.
22 José Carlos de Figueiredo, capitão de engenheiros.
23 José Maria Gonçalves, primeiro tenente da armada.
24 Joaquim José Ferreira Gordo, advogado da casa da supplicação e desembargador da legacia.
25 D. Diogo Huete, conego regrante de Santo Agostinho e lente jubilado da lingua franceza no collegio de S. Vicente de Fóra.

26 Manuel Bernardo de Magalhães, oppositor em leis na universidade.
27 João Vicente Pimentel Maldonado, ex-provedor dos residuos e bom poeta lyrico.
28 José Ferrão de Mendonça, prior da igreja dos Anjos em Lisboa.
29 José Diogo Mascarenhas Neto, conselheiro vereador do senado da camara de Lisboa.
30 José Maria de Oliveira, pagador geral dos correios.
31 Manuel Joaquim de Oliveira.
32 Filippe Alberto Patrone, capitão de mar e guerra.
33 Sebastião José de Sampaio, irmão do conde d'este titulo.
34 Domingos Peligrini, celebre pintor veneziano.
35 Urbino Pizzeta, desenhador de gravura e pintor italiano.
36 Antonio Gonçalves Pereira, capitão de mar e guerra e lente de artilheria na academia dos guardas marinhas.
37 José Portelli, professor de philosophia racional e moral no real collegio dos nobres.
38 Jacome Raton, negociante francez e deputado da junta do commercio.
39 Manuel Alves do Rio, juiz do terreiro publico.
40 Luiz Risso, official da secretaria da administração das provisões e mantimentos do exercito britannico em Portugal.
41 Dionysio José da Rocha, negociante e director de uma companhia de seguros em Lisboa.
42 José Sebastião de Saldanha, irmão do conde de Rio Maior.
43 D. André de Moraes Sarmento, conego egresso dos regrantes de Santo Agostinho.
44 Joaquim José da Costa Simas, advogado da casa da supplicação em Lisboa.
45 D. Francisco da Soledade, conego regrante de Santo Agostinho e lente de philosophia racional e moral no collegio de S. Vicente de Fóra.
46 Domingos Vandelli, lente jubilado na faculdade de philosophia na universidade de Coimbra. Era um homem

octogenario, enfermo, e portanto incapaz de poder proficuamente conspirar.

47 José Antonio Ferreira Vieira, primeiro tenente da armada e chefe da legião urbana do Caes do Sodré.

48 Francisco Clootz Vanzeller, presbytero e official de linguas da secretaria d'estado dos negocios do reino.

Foi esta seguramente uma outra perseguição, e por certo a mais notavel de quantas até então se tinham feito por parte do governo aos suppostos jacobinos, ou partidistas das novas doutrinas politicas da França, e por conseguinte aos que verdadeiramente aspiravam a ver estabelecido em Portugal um governo representativo. Que a maneira por que estes individuos foram presos, e tratados durante a sua prisão, e depois no seu exilio, foi demasiadamente severa, é cousa que parece inquestionavel, por não terem elles contra si mais que suspeitas: agora quanto ao acerto da medida, que os prendeu e deportou, prescindindo da maneira por que uma e outra cousa se fez, parece-nos que não admitte duvida. No livro secreto da correspondencia de Junot para Buonaparte, livro que se apprehendeu depois da batalha do Vimeiro, alguns d'estes individuos se acharam n'elle como tendo-se tornado distinctos em favor do dominio francez, figurando igualmente n'isto como pedreiros livres. Pela relação que alguns d'estes individuos, e particularmente pela que José Sebastião de Saldanha tinha com o duque de Sussex, se empenhára fortemente este personagem em seu favor, mandando ao almirante Berkley, commandante das forças navaes inglezas e portuguezas no Tejo, uma recommendação especial para conseguir dos governadores do reino a permissão do mesmo Saldanha poder ir para Londres. Berkley formulou com effeito o seu pedido em favor d'elle, depois do qual se seguiu tambem um outro em favor do cirurgião da real camara, Antonio de Almeida, sendo feito este segundo pelo ministro inglez, sir Carlos Stuard, de que resultou annuirem os governadores do reino a que aquelles dois individuos podessem largar dos Açores para Inglaterra, como effectivamente largaram, com

passaporte do dito ministro inglez, a bordo da fragata ingleza *Lavinia*, cujo commandante, Guilherme Stuart, se empenhou tambem por mais tres, que foram Jacome Raton, Sebastião José de Sampaio e José Diogo Mascarenhas Neto, os quaes igualmente levou comsigo. Este procedimento de excepção para com estes individuos foi severamente condemnado pela côrte do Rio de Janeiro, não só com relação aos governadores do reino, por terem annuido ao pedido que se lhes fez, mas tambem com relação a Stuart e a Berkley, pelo terem feito, e mesmo ao commandante da fragata *Lavinia*, por ter este solicitado do governador dos Açores a permissão de deixar sair livres para Inglaterra todos os citados individuos, por quem elle commandante, o ministro britannico, e o almirante Berkley se haviam empenhado [1].

Ao passo que os governadores do reino deram conhecimento á côrte do Rio de Janeiro da deportação dos presos politicos, de que acima se fez menção, o que pela dita côrte lhes foi plenamente approvado, igual conhecimento deram tambem a lord Wellington, enviando-lhe para este fim D. Miguel Pereira Forjaz, na data de 17 de setembro, uma memoria sobre tal assumpto, na qual se diz que o procedimento havido para com os ditos presos não tivera a sua primeira origem no governo, mas sim nas informações adquiridas pelos magistrados competentes; que o governo auxiliára a execução da medida, pela julgar de absoluta necessidade, no meio de uma crise em que lhe era forçoso manter a ordem, e unir a nação entre si e os alliados; e finalmente que aos governadores do reino lhes recommendára o principe regente isto mesmo, e a obrigação de vigiarem sobre as intrigas dos mal intencionados, separando-os da sociedade dos outros cidadãos. Alem d'isto allegava-se mais que os individuos presos eram os que semeavam surdamente a desconfiança entre o povo; os que espalhavam que as tropas britannicas só tratavam de se embarcar; os que exageravam a força franceza e attenuavam a alliada, e os que, constituidos em juizes das

[1] Veja-se o documento n.º 88.

operações militares, referiam os movimentos do exercito sempre com attribuição de effeitos, ou de impericia nos chefes, ou de falta de confiança nas tropas, ou de um projecto premeditado para a retirada, não se esquecendo de malquistarem tambem maliciosamente o governo de frouxidão, parcialidade, e até mesmo tenções de sair tambem para fóra do reino, quando o exercito britannico o evacuasse. Estas opiniões espalhavam-se nas praças e nos cafés com ar de confidencia por meio de pessoas do povo, escolhendo-se para este papel as que por si tinham maior credito: d'ali passavam taes opiniões a fazer o assumpto da conversação nas assembléas, tidas em casa dos sujeitos mais caracterisados, conhecidos sectarios do mesmo partido. «A sensação que causou a perda de Almeida, continuava ainda a dizer o governo para lord Wellington, levou o mal ao seu auge, não só porque deu occasião aos mal intencionados a exagerarem as suas consequencias, mas porque lhes fez esperar, que entrando o inimigo em Portugal, poderiam achar grande apoio para semear a discordia na cooperação dos indignos portuguezes que faziam guerra á sua patria[1]».

Alem d'estas rasões, dadas pelos governadores do reino ao sobredito lord, outras no mesmo sentido apresentaram tambem ao principe regente, por occasião de se recusarem ao cumprimento da ordem, que do Rio de Janeiro receberam para serem mettidos em processo regular os presos politicos de que se tem tratado, ordem que do Brazil se expedíra em consequencia da supplica feita para aquelle fim pelos referidos presos. Na representação dirigida ao principe regente pelos governadores do reino, diziam estes[2]: «Os individuos que em 1810 foram removidos para fóra do reino, como suspeitos de favorecerem a causa do inimigo, representam a vossa alteza real, que foram condemnados sem serem ouvidos; clamam que se lhes faça o processo em fórma legal; imploram a justiça de vossa alteza real contra o supposto despotismo dos

[1] Veja o documento n.º 89.
[2] Veja o documento n.º 90.

governadores do reino; fazem publicar em Londres pelo redactor do *Correio braziliense* o infame folheto de que um dos seus socios[1] é auctor, com o qual esperam ganhar partido entre o povo, representando-se como homens perseguidos, victimas da malevolencia e espirito vingativo dos seus inimigos. Em taes circumstancias cumpre-nos mostrar perante vossa alteza real: 1.°, que a remoção dos ditos individuos foi justa e necessaria, e foi uma das medidas que mais concorreram para a tranquillidade de Lisboa; 2.°, que os motivos, que então fizeram necessaria esta remoção, existem ainda agora, e que a sua restituição teria as mais funestas consequencias, não só para o estado, mas tambem para este governo, para o publico, e para os mesmos exterminados; 3.°, que esta restituição será o infallivel resultado de um processo regular, sendo este o motivo por que elles tão afincadamente o requerem». Quanto ao primeiro ponto, allegaram novamente que elles governadores só tinham deferido os officios do ajudante do intendente geral da policia, Jeronymo Francisco Lobo, quando lhes representou o grande risco da continuação da residencia d'aquelles individuos em Portugal, com relação á tranquillidade publica, e pela sua affeição aos francezes, de que tinham dado provas, aterrando o povo e excitando n'elle desconfianças, não só contra o governo, mas tambem contra os inglezes, na critica occasião da approximação do inimigo ás fronteiras do reino.

Quanto ao segundo ponto, diziam que, posto terem por então passado os perigos da invasão, de que o paiz fôra ameaçado, todavia a guerra contra a França continuava ainda, continuando tambem as mesmas rasões que tornaram necessaria a medida da deportação dos supplicantes. Alem d'isto diziam mais, que a formação de um processo regular forçosamente havia de trazer comsigo pessimas consequencias, particularmente para o governo, cuja auctoridade ficaria por similhante medida vilipendiada e exposta aos insultos dos restituidos, ao passo que para a opinião publica seria um escandalo, e

[1] O desembargador Vicente José Ferreira Cardoso.

para os bons cidadãos um terrivel exemplo verem passear impunes cidadãos que a nação inteira detestava, e poderia romper contra elles n'algum excesso, que só se evitaria não deferindo a supplica. Quanto ao terceiro ponto, diziam que o fim dos tribunaes de justiça era castigar os crimes, ao passo que o da policia era preveni-los, d'onde resultava a necessidade das provas de facto para que nos tribunaes podesse ter logar uma sentença condemnatoria, ao passo que para os procedimentos da policia bastavam sómente suspeitas de premeditação contra a segurança publica. Não se tendo portanto dado nos *setembrisados* mais do que estas suspeitas, não estavam certamente no caso de poderem ser condemnados nos tribunaes, e era por isso que elles instavam para que se lhes formasse um processo regular. «O magistrado da policia, acrescentavam elles, governadores do reino, verifica as suspeitas por informações secretas, e quando se persuade que a residencia de um individuo é perigosa, separa-o sem estrondo da sociedade; não profere contra elle uma sentença, que o infame, tendo sómente em vista a conservação da tranquillidade publica». Terminava pois esta representação pelo pedido da suspensão da ordem para se fazer processo regular aos individuos, que a requisição do magistrado da policia se tinham mandado para os Açores, pedido este que a côrte do Rio de Janeiro deferiu. A similhante acto seguiu-se depois uma outra representação dos mesmos governadores do reino ao principe regente, com data de 1 de maio de 1814[1], na qual lhe pediam a permissão de voltarem para os seus lares os citados individuos, exceptuando apenas José Diogo Mascarenhas Neto, e o desembargador Vicente José Ferreira Cardoso, pedido que igualmente foi deferido, por aviso expedido pelo marquez de Aguiar ao marquez monteiro mór, na data de 19 de julho do referido anno[2].

Postos portanto em liberdade, não sómente os individuos que tinham ido para os Açores, mas igualmente os que den-

[1] Veja o documento n.º 91.
[2] Veja o documento n.º 92.

tro do reino se achavam com homenagem, entrou em duvida se tambem deveriam ser restituidos aos seus empregos, o que sendo perguntado para o Rio de Janeiro pelos governadores do reino, foi-lhes respondido que informassem sobre este ponto, o que elles cumpriram, ouvindo previamente o intendente geral da policia, o qual disse, pela sua parte, que achando-se os deportados em liberdade, e possuindo plenamente seus bens, circumstancia com que tambem se dava a de não terem sido excluidos dos seus vencimentos e empregos, tendo sido privados sómente do seu exercicio, podiam esperar de sua alteza real a sua conservação n'elles; «mas que serem reintegrados plenamente, nem a justiça o exigia, nem a politica o aconselhava, porque sendo o motivo da sua deportação os malevolos sentimentos com que se tinham feito o escandalo de um povo, que se não poupava a sacrificios alguns para conservar a monarchia, fôra a sua restituição um acto de piedade; porém a reintegração nos empregos publicos, que não eram propriedade de ninguem, mas sómente premio da confiança, que o soberano tinha no prestimo e fidelidade das pessoas a quem os conferia, ficando privado de os servir aquelle que tivesse o infortunio de perder a mesma confiança, só podia ser acto de justiça, recaíndo sobre prova de innocencia, para não haver uma evidente contradicção. Alem de que estes individuos, administrando justiça, commandando no exercito e marinha, e curando almas, não inspiravam confiança alguma, sem a qual não podiam servir com proveito publico[1]».

Os governadores do reino conformaram-se com esta informação do intendente, e a côrte do Rio de Janeiro ordenou, por aviso de 27 de julho de 1816, que os deportados em setembro de 1810 fossem todos considerados como removidos dos seus empregos, continuando comtudo a vencer os seus ordenados e soldos. Quanto ao desembargador Francisco Duarte Coelho, o promotor das idéas liberaes no tempo de Junot, esse já havia sido escuso do serviço, *por querer*

[1] Veja o documento n.º 92-A.

seduzir na relação alguns ministros para requererem a observancia do codigo de Napoleão, em logar das ordenações do reino, dando-se-lhe meio ordenado. Em conclusão pois do que se tem visto sobre este ponto, diremos, com relação á conducta dos governadores do reino, que achando-se os francezes nas fronteiras de Portugal com um numeroso e aguerrido exercito, prompto para o invadir, depois de já terem tomado a Cidade Rodrigo e a praça de Almeida, e sendo por outro lado sabido pela intendencia geral da policia que os chamados *setembrisados* eram na opinião publica, não sómente suspeitos de affeição ao partido francez, mas até mesmo accusados de espalharem noticias favoraveis ao referido partido, e aterradoras para a causa dos alliados, alem do que tambem diziam contra o governo estabelecido, com sobeja rasão os removeu elle para logar onde a sua residencia e conducta não podessem ser nocivas á tranquillidade publica, persuadidos, como estamos, de que qualquer outro governo, mesmo com as idêas de hoje, teria igual procedimento no meio das criticas circumstancias em que aquelle se viu. Quanto porém ás suspeitas de que elles mantinham relações com o inimigo, ou com os portuguezes que com elle vinham, não cremos que por si tenham fundamento serio, porque se o tivessem, os francezes não viriam sobre Lisboa inteiramente ignorantes da existencia das linhas de Torres Vedras, que a defendiam, sendo isto uma cousa que não podia deixar de lhes ser communicada, quando taes relações existissem, a não ser que elles setembrisados ignorassem tambem a existencia d'ellas, o que bem podia acontecer, attento o segredo com que se construiam, voltadas como então estavam todas as attenções para o logar do conflicto nas vizinhanças de Almeida.

Se as medidas do governo para com os *setembrisados* foram só policiaes, ou de mera prevenção, tendo sómente por fim manter a tranquillidade publica, as que empregou para com os portuguezes, que com armas na mão vinham contra a sua patria, unidos ao exercito francez, foram de punição severa, como não podiam deixar de ser, tendo por fim o cas-

tigo de crimes de tamanha gravidade e de tão funestas consequencias, como eram os de virem com armas na mão, como declarados inimigos dos seus concidadãos, associados aos exercitos que se destinavam á conquista e escravidão da sua patria, e a mandarem para o interior do reino emissarios uns com cartas e mensagens de seducção e suborno para differentes pessoas, cidades e villas, o que deu logar a que o proprio lord Wellington requisitasse as convenientes ordens para que se tivessem como criminosos todos os referidos emissarios, e juntamente com elles todos os que, recebendo taes cartas do exercito inimigo, não apprehendessem os seus portadores. Os individuos accusados de similhante crime, segundo constou ao governo, eram o terceiro marquez de Alorna (D. Pedro José de Almeida, que vinha na qualidade de general de divisão e commandante das tropas portuguezas); o primeiro marquez de Loulé (D. Agostinho Domingos José de Mendoça Rolim de Moura Barreto); o general de brigada Manuel Ignacio Martins Pamplona Côrte Real, e sua mulher D. Izabel de Rochas; o sexto conde de S. Miguel (Alvaro Xavier Botelho); o terceiro conde de Sabugal (D. Miguel de Assis Mascarenhas); D. José Manuel de Noronha; José Pereira Pinto (a quem chamavam o *Pereirinha*, e por antonomasia o *mil diabos*, capitão que fôra de infanteria n.º 11; João da Gama, capitão que fôra de infanteria n.º 16; João Freire Salazar, sargento mór que fôra da legião, chamada do marquez de Alorna; os dois irmãos Limas, que se mostrava serem Alexandre Henriques Lima e Henrique Lima, filhos de Gaspar Henriques Lima, que fôra escrivão da correição de Pinhel, natural da Covilhã; José Soares de Albergaria, filho de Francisco Soares de Albergaria, natural de Amarante; João Reicend, que fôra capitão de infanteria no regimento n.º 16, filho de João Baptista Reicend, mercador de livros em Lisboa; um fulano Piton, sargento que fôra da guarda real da policia; João Antonio Ramos Nobre, sargento mór que fôra do regimento de cavallaria n.º 5, natural de Beja; Fortunato José Barreiros, sargento mór que fôra da artilheria, e ultimamente se achava na praça de Almeida; João Pe-

dro Salabert, que era assistente na cidade do Porto, onde era casado e tinha fabrica de chapéus; Estevão de Carvalho, alferes sem designação do corpo em que servira, e Manuel Joaquim Rodrigues da Fonseca, ajudante que foi dos fieis da dita praça de Almeida. Alem d'estes, outros mais individuos se soube que acompanhavam o exercito de Massena; mas contra os que ficam mencionados procedeu logo a *Junta da inconfidencia*, auctorisada por uma portaria do governo, chamando-os por editos de sessenta dias, na fórma da ordenação do reino, livro v, titulo CXXVI[1].

Os primeiros que pela dita junta tiveram sentença de morte, como traidores á patria, foram os titulares acima mencionados, sendo o final da sentença, pouco mais ou menos, como o da pronunciada aos 22 de dezembro de 1810 contra o marquez de Alorna, onde se dizia: «Condemnam o réu, Pedro de Almeida (era o dito marquez de Alorna), que pela portaria de ... foi já desautorado, e privado de todos os titulos, honras e dignidades, até do nome illustre de portuguez, a que com baraço e pregão seja levado á praça do caes de Belem, e que n'ella em um cadafalso alto lhe sejam cortadas as mãos em vida, e depois de separada a cabeça, seja reduzido o mesmo cadafalso com o seu corpo pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar; e como se acha ausente, o pronunciam, e hão por banido, como já foi considerado na dita portaria[2], e mandam ás justiças do principe regente, nosso senhor, que appellidem toda a terra contra elle para ser preso, ou para que todo e qualquer do povo o possa matar sem pena, sabendo que é o proprio banido, e o condemnam outro sim em confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, com effectiva reversão e encorporação na corôa dos morgados, feudo ou fôro, constituidos em bens, que saíssem da mesma corôa, na fórma da ordenação, livro v, titulo VI, § 16.º, e os de morgado, constituidos em bens patrimoniaes os haverá o fisco, emquanto o mesmo réu vivo

[1] Veja o documento n.º 92-B.
[2] Veja o documento n.º 92-C.

for, na fórma da mesma ordenação, livro v, titulo vi, § 15.º, e alvará de 17 de janeiro de 1759». Seguiu-se depois a sentença, que a relação de Lisboa proferiu aos 29 de janeiro de 1811 contra o conde da Ega, Ayres de Saldanha, condemnando-o á morte de garrote, e a ser exautorado por traidor á patria, tendo fugido com o exercito francez de Junot. Similhantemente foram exautorados e condemnados a uma morte atroz, por sentença do juizo da inconfidencia de 21 de novembro de 1811, os já citados marquez de Loulé e conde de S. Miguel, por virem no exercito de Massena contra a sua patria. Quanto ao conde de Sabugal, não consta que houvesse sentença de condemnação contra elle em tribunal algum.

A respeito dos individuos não titulares, que acima vão mencionados, a relação de Lisboa lavrou em 16 de março de 1811 a seguinte sentença: «Mandam, pelo que diz respeito ao réu, Manuel Ignacio Martins Pamplona, que sendo, como era, brigadeiro dos reaes exercitos e commandante do regimento de cavallaria n.º 9, esquecido da sua qualidade e das altas mercês, que de sua alteza real tinha recebido, elevando-o em tão pequeno curso de annos a tão grande posto, como se vê da data das suas patentes, que vem no appenso F., entrou no serviço do exercito francez, immediatamente este invadiu este reino e a capital em dezembro de 1807, principiando por ser empregado pelo seu general na reducção da cavallaria portugueza da divisão do norte e centro, conjunctamente com o general francez Kellermann, continuando o mesmo serviço na organisação do primeiro e terceiro regimento de cavallaria, que ficou no serviço francez, o que não só foi publico e notorio n'este reino, mas o mesmo réu o allega na representação dos serviços que fez ao imperador dos francezes, que vem em lingua franceza no appenso D, debaixo do n.º 38, e no appenso E da traducção. Mostra-se mais que sendo feito pelo mesmo Junot marechal de campo, o que se verifica da patente n.º 72 dos mesmos appensos, foi na qualidade de chefe do estado maior no exercito portuguez, que d'este reino foi expedido para França, postoque exercitou

em Hespanha contra os vassallos d'esta nação, do qual passou a commandante do mesmo exercito no cerco e sitio de Saragoça, tendo antecedentemente sido encarregado do commando e governo da cidade de Vittoria, como clara e distinctamente se vê dos originaes documentos n.os 7, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 20, 21, 22 e 23 dos appensos D e E, todos relativos a varias ordens e providencias, que o réu devia dar n'aquellas qualidades, não só contra os hespanhoes, de quem havia desconfiança de se não quererem submetter ao governo francez, mas tambem para se castigarem os portuguezes desertores, e procurar evitar a deserção d'estes, que já era grande.

«Mostra-se outro sim ter continuado o mesmo réu a servir no exercito inimigo, depois que os honrados e valorosos portuguezes se tinham tão dignamente levantado contra os seus injustos oppressores, e ter-se restituido este reino ao seu legitimo e natural soberano, como se vê da carta n.º 29 dos appensos D e E, escripta pelo réu a um certo Catelim, datada de Grey em 17 de setembro de 1809, e resposta d'este n.º 30, datada de Grenoble em 24 do dito mez e anno, na qual se queixa da sua critica situação e pouco adiantamento, pedindo-lhe o seu conselho sobre o que devia praticar, ou para melhorar a sua fortuna, ou para alcançar a sua demissão, não ficando aqui os seus malevolos procedimentos, porque mandando o mesmo imperador contra este reino o exercito denominado de Portugal, commandado pelo marechal Massena, foi o réu n'elle empregado, como se mostra pelo original documento n.º 34 dos mencionados appensos, datado de Paris aos 13 de maio do anno proximo passado de 1810, no qual se lhe determina que, sendo nomeado para servir no dito exercito, se apresente com a possivel brevidade ao dito general Massena, principe de Essling, nomeação que tanto estimou, que em consequencia d'ella fez a representação n.º 33 dos ditos appensos, datada em 3 de maio do dito anno, sem declarar a terra onde a fez, na qual, depois de fazer uma deducção dos seus serviços, pede augmento de posto e a cruz da Legião de Honra, mercês que, como

elle se explica, não deixaram de produzir um bom effeito nos seus compatriotas; do que bem se infere que entrado elle n'este reino, revestido d'aquelles (para elle) grandes distinctivos, poderia attrahir ao seu vil partido os honrados portuguezes, que tão dignamente se empregam na defeza da sua patria. Mostra-se igualmente que o réu não só aceitou o servir no dito exercito, mas da mesma fórma que no mesmo servia no ataque da praça de Almeida, onde foi visto, não só no campo do mesmo, mas até na dita praça, depois de tomada, como juram as presenceaes testemunhas do summario n.os 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10. Mostra-se da mesma maneira que o réu acompanhou o dito exercito nas suas marchas até Coimbra, e por consequencia na batalha do Bussaco, e que n'aquella cidade fôra governador, e que d'ali acompanhára o estado maior do dito exercito até ás linhas de defeza, o que se mostra pelas judiciaes declarações de Antonio Alvares do Banho nas perguntas que se lhe fizeram pelo juizo do crime do Limoeiro, juradas pelo que diz respeito ao terceiro.

«Emquanto ao réu Fortunato José Barreiros, mostra-se que, achando-se destacado na praça de Almeida, na qualidade de commandante da artilheria, a quem estava entregue o commando d'esta arma para a sua defeza, esquecendo-se dos seus deveres, e da fidelidade a que estava ligado como soldado e vassallo do mesmo dito senhor, o fizera tanto pelo contrario, como jura a testemunha n.º 1 do summario, que carregando as peças de artilheria com menos polvora do que o exigiam os seus competentes calibres, não chegavam as balas ao sitio do Moinho de Vento, aonde se achava o exercito inimigo no primeiro dia em que a praça foi sitiada, do que desconfiando um sargento de artilheria, e carregando-se com a competente carga, se empregavam com feliz successo os seus tiros no dito exército, rasão porque suspeita que a desgraçada explosão da dita praça fôra motivada pelo réu, augmentando-se a sua suspeita, porque estando o réu aquartelado em casa de umas mulheres, filhas de um Julio, que se acha ao serviço dos francezes, casa que fica junto ao castello, quebrára um barril de polvora e a espalhára com o pretexto

de estar podre, e que sendo mandado com outro official do regimento n.º 24, por nome José Pedro de Mello, como depõe a testemunha n.º 188 da devassa de inconfidencia, para levar os artigos da capitulação ao general francez, não voltára senão quando entrou n'ella o dito general, vindo só o dito official, que com elle tinha ido n'aquella commissão, e que depois soubera que elle informára o inimigo do estado e fraqueza em que se achava a praça, e que succedendo n'este tempo dispararem-se duas peças sobre o inimigo, logo este continuára o fogo para aquelle sitio; acrescendo contra o réu, alem d'estes indicios, o ter sido reprehendido pelo governador da praça pelo seu mau comportamento militar, o que deu occasião á geral desconfiança, que tinha toda a guarnição de que fôra o causador d'aquella desgraça, como jura a testemunha n.º 2, acrescentando ter elle recebido do inimigo dez mil cruzados, como lhe dissera Joaquim Sachola, que depondo sobre este facto debaixo do n.º 8 do summario, declara ser verdadeiro, por ter visto a dita quantia em um sacco de velludo em sua casa, e dizer-lhe o réu João da Gama e sua mulher, que todos estavam em sua casa, que era para o dito réu, o qual era da caixa militar portugueza, que tinha José Bernardino, pagador, a quem o tinha entregado o administrador Passos, por ordem do governador da praça, pelo que se persuadia elle dita testemunha ser o réu o motor d'aquella desgraça, acrescendo para a sua suspeita, que quando o réu saíra da praça, na qualidade de parlamentario, logo ao saír da mesma dissera: *Adeus Almeida, adeus portuguezes, eu sou francez, e sempre o fui;* e que dizendo-lhe Massena que voltasse para a praça, lhe respondêra: *Eu não torno mais á praça, senão quando entrarem as tropas francezas,* o que lhe communicou o sobredito réu Gama, o que assim aconteceu, porque o réu só tornou para a praça quando n'ella entrou o dito exercito, no qual vinha dando todas as demonstrações de alegria, deitando o chapéu ao ar em signal do seu contentamento.

«Acresce mais contra o réu, para prova d'este delicto, o depoimento da testemunha n.º 6 do summario, que che-

gando elle testemunha á parte esquerda das portas da Cruz da dita praça, aonde estava um morteiro, e vindo o réu com o governador da mesma, e perguntando-lhe se o dito morteiro estava mettido em bateria, e respondendo-lhe que sim, designando-lhe a bateria inimiga, a que se dirigia, conhecendo o mesmo governador o contrario, o reprehendeu muito asperamente, prohibindo-o de fazer mais pontaria sem a sua assistencia; e porque igualmente ouviu elle testemunha dizer aos artifices, que entrando o dito réu no Trem, dissera que se os francezes soubessem que elle ali estava, não atirariam para aquella parte nem um tiro; e da mesma maneira que estando elle testemunha na estrada falsa, na occasião em que entraram os parlamentarios, quando lhes foi a pôr o lenço nos olhos, lhes disse o réu que não receiassem, porque a praça havia de estar por tudo, porque não havia já n'ella com que se servisse a artilheria; factos estes que juntos com o ter sido o réu feito coronel no exercito inimigo, como declara o mencionado Antonio Alvares do Banho nas suas ditas perguntas, e o ter sido pedido ao general Massena em Alemquer pelo general de artilheria Deblé, para o acompanhar na expedição, que pelo inimigo se intentava fazer contra a provincia do Alemtejo, para o ajudar como pratico da mesma, e das posições de Almada, como declara o mesmo Antonio Alvares do Banho, fica plenamente demonstrado ter sido o réu o auctor d'aquella desgraça e perda da praça, sendo causa da morte de tantas familias, e a de render-se a mesma, quando da sua resistencia por mais algum tempo se seguiriam tantas vantagens sobre o inimigo; pelos quaes factos, praticados pelo mesmo réu, tanto antecedente, como subsequentemente á referida explosão, bem se deixa ver que não foi o acaso que a produziu, porém sim a maldade em que este monstro de iniquidade se desenvolveu.

«Portanto e o mais dos autos condemnam o réu Manuel Ignacio Martins Pamplona, que desnaturalisado e desauctorado de todas as honras, titulos e privilegios de portuguez e de vassallo, seja, logoque for preso, levado das cadeias onde se achar com baraço o pregão á praça do caes do Sodré, e

que n'ella em um cadafalso alto, que será levantado de sorte que o seu castigo seja visto de todo o povo, a quem tanto tem offendido, e escandalisado o seu horrorosissimo crime, depois de lhe serem cortadas as mãos em vida, morra de morte natural de garrote para sempre, e depois de decepada a cabeça, seja reduzido o mesmo cadafalso com o seu corpo pelo fogo a cinzas, que serão lançadas ao mar. E como se acha ausente, o pronunciam e hão por banido, e mandam ás justiças do mesmo dito senhor, que appellidem contra elle toda a terra para ser preso, podendo qualquer do povo, não sendo seu inimigo, mata-lo sem pena, sabendo que é o proprio réu banido. E o condemnam outro sim em confiscação e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real com effectiva reversão e encorporação na corôa dos de morgado, feudo ou fôro, constituidos em bens, que saissem da mesma corôa, no caso de os haver, na fórma da ordenação, livro v, titulo vi, § 16.° E os de morgado, constituidos em bens patrimoniaes, os haverá o mesmo fisco, emquanto o réu vivo for, na fórma da ordenação, livro v, titulo vi, § 15.°, e alvará de 16 de janeiro de 1759.» Nas mesmas penas foram condemnados os réus José Manuel de Noronha, João da Gama, João Reicend e Piton. Os réus José Pereira Pinto, por antonomasia o *mil diabos*, João Freire Salazar, João Antonio Ramos Nobre, Alexandre Henriques Lima, Francisco Taveira Cardoso e José Soares de Albergaria, igualmente foram condemnados ás penas impostas ao réu Manuel Ignacio Martins Pamplona, com a modificação de lhes serem cortadas as mãos depois de mortos.

«Ao réu Fortunato José Barreiros condemnam a que, logoque for preso, seja arrastado á cauda de um cavallo com baraço e pregão das cadeias onde se achar até á praça do caes do Sodré, e que n'ella em um cadafalso alto lhe sejam cortadas as mãos em vida, e morra de morte natural de garrote para sempre, e que decepada a cabeça, seja reduzido o mesmo cadafalso com o seu corpo a cinzas, que serão lançadas ao mar. E como se acha igualmente ausente, o pronunciam e hão por banido; e mandam ás justiças do mesmo dito senhor

que appellidem contra elle toda a terra para ser preso, podendo qualquer do povo, não sendo seu inimigo, mata-lo sem pena, sabendo que é o proprio banido: e o condemnam outrosim no confisco e perdimento de todos os seus bens para o fisco e camara real, tudo na fórma e modo da pena, que foi imposta ao réu Manuel Ignacio Martins Pamplona.» D. Isabel de Rochas teve a mesma sentença que seu marido, como socia nos delictos e crimes d'elle. Quanto a João Pedro Gilbert, Estevão de Carvalho, Manuel Joaquim Rodrigues da Fonseca, e á mulher do réu João Reicend, não se tratou d'elles n'esta sentença, por se não achar ainda instruido com a legalidade precisa o processo que lhes dizia respeito. Assignaram esta sentença, como regedor *Salter*, e como simples juizes *Teixeira Homem, Bacellar, dr. Pedrosa, Silva, Miranda* e *Soares de Sequeira*, tendo tambem a rubrica do procurador geral da corôa. Alem das sentenças acima mencionadas, houve mais as seguintes: uma da relação de Lisboa, proferida em 20 de março de 1811, contra João Mascarenhas Neto, que morreu de garrote na praça do caes do Sodré, condemnado por traidor á patria. Outra da relação de Lisboa, proferida em 22 de fevereiro de 1812, contra José Maria de Carvalho, José Alexandrino da Costa Fortuna e Candido José Xavier, igualmente condemnados á morte, por tambem virem no citado exercito francez contra a sua patria.

Apesar da grande severidade e aspereza de todas as referidas sentenças, nenhuma d'ellas se executou nos individuos a quem diziam respeito, a não ser a do desgraçado João Mascarenhas Neto, a favor do qual reclamou ainda assim o ministro inglez em Lisboa, sir Carlos Stuard, por nota que no dia 31 de março, immediato ao da respectiva sentença, dirigiu a D. Miguel Pereira Forjaz, allegando que não só o dito Neto, mas até mesmo todos os militares, que serviam no exercito francez, se deviam considerar isentos das culpas que se lhes imputavam, tanto pela proclamação do principe regente, que não reconhecia por acto de hostilidade a invasão do exercito francez em Portugal, d'onde se seguia ser livre aos portuguezes poderem servir ou deixar de servir o exer-

cito francez sem crime, como pelo artigo 17.º da convenção de Cintra, que garantia a segurança dos individuos, servindo de qualquer maneira que fosse o inimigo, segurança que nenhuma lei, e muito menos uma lei posterior á epocha da sua partida, podia derogar. Alem d'isto dizia mais que estando a justiça e as obrigações do governo britannico compromettidas, era do dever do seu ministro em Lisboa protestar contra os actos, que íam offender a citada convenção, e particularmente contra o supplicio de Mascarenhas. Á citada nota respondeu D. Miguel Pereira Forjaz, na data de 1 de abril, dizendo que o decreto, designado como proclamação do principe regente, não auctorisava os seus vassallos a que lhe fossem traidores, depois da restauração do reino, e da devastação e pesado jugo francez; que do Rio de Janeiro tinham vindo ordens, que declaravam traidores os portuguezes que seguissem os designios do inimigo, ordens em que até se declarava aos governadores do reino, que não tinham auctoridade de perdoar, nem de embaraçar a execução das sentenças passadas em julgado. Quanto á convenção de Cintra, tida como outra base da reclamação, não era possivel que podesse obrigar o governo portuguez, que n'ella não interviu, nem a ratificou; mas alem d'isto acrescia não poder ella envolver, sem se lhe dar a mais absurda interpretação, os delictos posteriores á sua data, em cujo caso estavam os do réu João Mascarenhas Neto, e os dos mais portuguezes que acompanhavam o exercito francez de Massena. O certo é que o infeliz Mascarenhas Neto foi o unico a quem se applicaram as disposições de uma sentença, lavrada n'uma epocha em que o furor partidario prevalecia em tudo, e a perturbação e a desconfiança se tinham tornado geraes em todo o reino.

Felizmente estas idéas de rigor, e talvez mesmo que de injustiça, modificaram-se dentro em bem pouco tempo, como se viu do procedimento havido para com o terceiro conde de Sabugal (D. Miguel de Assis Mascarenhas), que tambem era um dos que tinham vindo no exercito francez de Massena. Este fidalgo tinha sido preso com alguns soldados francezes na aldeia Nueba de Figueiroa, quatro leguas distante de Sa-

lamanca, por uma partida de D. Julião Sanches. Sendo conduzido ao quartel general de Silveira, foi depois remettido para o Porto, d'onde passou por via do mar para Lisboa, mandando-se pôr em segredo na torre de Belem, para ali ser judicialmente interrogado, como effectivamente foi pelo desembargador do paço e juiz da inconfidencia, Antonio Gomes Ribeiro. As perguntas com os respectivos papeis foram depois remettidos ao corregedor do crime da côrte e casa, para processar e sentencear o conde em relação, na conformidade das leis, poisque tendo ido na chamada deputação para França, entrou lá no serviço do inimigo, que lhe deu maior posto e a insignia da Legião de Honra, mandando-o depois empregar no exercito de Massena. A sentença da correição do crime da côrte e casa, proferida na relação de Lisboa aos 30 de julho de 1811, foi de absolvição para o conde de Sabugal, havendo-o por innocente, e portanto livre de culpa por ter acceitado o serviço e as graças do governo francez; mas como antes de ser chamado a Lisboa pelo general Junot, para fazer parte da deputação portugueza que elle mandára a Bayonna comprimentar Napoleão e a outros mais fins, se achasse no Algarve por ordem regia, que assim o determinou, como envolvido no projecto de desthronação, intentado pela princeza D. Carlota Joaquina contra seu marido, para a sobredita provincia foi de novo mandado pelos governadores do reino. O principe regente, approvando a sentença da relação, ordenou todavia que o sentenciado fosse residir na ilha de S. Miguel com a maior brevidade possivel, fazendo-lhe saber que devia evitar toda a communicação e correspondencia com quaesquer pessoas, excepto com a sua familia, residente em Lisboa, ou com o seu irmão, o conde de Palma, então governador e capitão general de Minas Geraes[1]. Mais tarde, allegando o mesmo conde de Sabugal motivos de molestia, foi-lhe concedido pelos governadores do reino voltar ao continente, indo residir para Palma, permittindo-se-lhe depois por uma nova graça, que em todos os verões podesse ir estar em Se-

[1] Assim consta do aviso de 29 de outubro de 1811.

tubal, para lá fazer uso dos banhos do mar, de que aliás precisava para o restabelecimento da sua deteriorada saude. Em março de 1816 pediu licença para estar em companhia da condessa, sua mulher, perto de Lisboa, onde só podia ter continuada assistencia do seu respectivo medico, pedido que os mesmos governadores do reino tambem lhe deferiram, dando-lhe licença sómente por tres mezes, e com a clausula da juncção com sua mulher só poder ter logar na outra banda do Tejo, e a distancia de duas leguas de Lisboa pelo menos.

Seguiu-se posteriormente ao conde de Sabugal a apresentação em Lisboa dos marquezes de Valença (quinto marquez, D. José Bernardino de Portugal e Castro) e de Ponte de Lima (segundo marquez, D. Thomás José Xavier de Lima Vasconcellos Telles Nogueira da Silva) e do coronel José de Vasconcellos e Sá, os quaes tambem pela sua parte foram mandados recolher á torre de Belem, onde o desembargador do paço e juiz da inconfidencia, o já citado Antonio Gomes Ribeiro, os foi igualmente perguntar; mas como nada resultasse contra elles dos interrogatorios que se lhes fizeram, a mesma junta da inconfidencia os absolveu, por sentença de 30 de dezembro de 1811. Mas como o marquez de Ponte de Lima tambem anteriormente tivesse sido mandado para fóra da côrte, por ordem do principe regente, antes da sua partida para o Brazil, pela mesma culpa do conde de Sabugal, os governadores do reino lhe ordenaram igualmente que de prompto partisse para Aveiro, onde se deveria conservar até que o mesmo principe ordenasse o que a seu respeito houvesse por bem. Passado tempo o mesmo Ponte de Lima allegou tambem motivos de molestia, que os ares de Aveiro cada vez mais lhe aggravavam, de que resultou darem-lhe os mesmos governadores licença para poder residir em Leiria. Por aviso da côrte do Rio de Janeiro, de 12 dezembro de 1815, lhe concedeu o principe regente licença para poder ir residir em uma fazenda que possuia junto de Alemquer, em attenção ao muito que soffria na cidade onde então estava residindo. Depois dos precedentes individuos apresentaram-se tambem

em Lisboa Manuel Bernardo Aranha Cota Falcão de Menezes e Joaquim José Pombeiro, a favor dos quaes a relação da referida cidade proferiu igualmente sentença em 11 de maio de 1813, declarando-os innocentes e livres de qualquer culpa. Por outra sentença da mesma relação, com data de 12 de julho do dito anno de 1813, foi tambem declarado innocente e livre de culpa o quinto visconde da Asseca (Salvador Correia de Sá Benevides), apresentado em Lisboa, vindo da Russia, como desertor do exercito francez. Em 1814 chegaram igualmente a Lisboa, vindos de França, os membros da já citada deputação, mandada a Bayonna, á saber: o bispo inquisidor geral, D. José Maria de Mello, o marquez de Penalva (terceiro marquez, Fernando Telles da Silva e Menezes), e o de Abrantes (terceiro marquez, D. Pedro de Lencastre e Silveira Castello Branco Almeida Sá e Menezes), o prior mór de Aviz, D. José de Almeida, e os vereadores do senado da camara, Joaquim Alberto Jorge e Antonio Thomás da Silva Leitão, contra os quaes não houve procedimento, por nada haver de positivo contra elles. Já antes da chegada d'estes individuos se tinha apresentado no Porto em dezembro de 1810, como já notámos, o bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos, membro que tambem tinha sido da deputação, mandada a Bayonna por Junot no anno de 1808.

Aos precedentes factos seguiu-se a publicação da sentença da relação de Lisboa, com data de 13 de julho de 1816, pela qual foi absolvido José Pereira Pinto, capitão que fôra do regimento de infanteria n.º 11, da imputação de traidor á patria, por ter vindo contra ella no exercito francez de Massena em 1810. Depois da referida sentença veiu o perdão concedido por el-rei D. João VI ao marquez de Loulé, expedindo-se-lhe para este fim o seguinte decreto: «Tendo-se apresentado perante mim Agostinho Domingos José de Mendoça, usando do indulto, que por meu real decreto de 20 de março do corrente anno lhe concedi de estar no reino[1], pedindo e resignando-se a tudo o que fosse da minha real vontade e su-

[1] Veja o documento n.º 93.

premo poder, e considerando que por elle se entregar á minha justiça de um modo que não póde servir de exemplo em similhantes casos, eu tenho justo motivo para só me lembrar a seu respeito da minha real grandeza: hei por bem de meu motu proprio e poder real, rehabilita-lo e conceder-lhe as honras, mercês e bens de que gosava, emquanto estava no meu real serviço, ficando em esquecimento o facto, e sem effeito a sentença contra elle proferida em 21 de novembro de 1811, salvas porém as alienações que tiver havido n'este meio tempo, e aquillo em que houver prejuizo de terceiro. E revogo, para este effeito sómente, quaesquer leis ou disposições em contrario. Os governadores do reino de Portugal, a mesa do desembargo do paço de Lisboa e do Rio de Janeiro, o tenham assim entendido e façam executar, participando-o onde convier. Palacio da Boa Vista, em 29 de agosto de 1818. Com a rubrica de sua magestade». Similhantemente foi tambem perdoado por el-rei o sexto conde de S. Miguel (o já citado Alvaro Xavier Botelho), mediante o decreto, que para este fim se lhe expediu, na data de 28 de fevereiro de 1820, attendendo a ter sido a sentença que o condemnou proferida em *circumstancias estranhamente difficeis, de nunca vista perturbação e de geral desconfiança.*

Veiu por fim a epocha liberal de 1820, e as côrtes geraes extraordinarias e constituintes da nação portugueza, tomando em consideração que as sentenças condemnatorias dos portuguezes existentes em França haviam sido proferidas achando-se elles ausentes, e portanto em estado de se não poderem defender, nem allegar as suas rasões, como é de direito natural, resolveram estender a todos o perdão, que o favor ministerial havia concedido sómente ao marquez de Loulé e conde de S. Miguel, decretando para este fim uma ampla amnistia em 9 de fevereiro de 1821. Pelo artigo 1.° do respectivo decreto se permittiu que podessem voltar ao reino, para gosarem do livre exercicio dos seus direitos, todos os cidadãos portuguezes, que por seu comportamento ou opiniões politicas foram perseguidos, ou o temeram ser, e em virtude d'isso se achavam ausentes da patria. Pelo artigo 2.°

se declaravam comprehendidas nas disposições do precedente artigo todas as pessoas sem distincção de sexo e de classe, que desde o anno de 1807 se tivessem ausentado da patria pelos referidos motivos. Pelo artigo 3.º se declaravam tambem habilitados para poderem voltar á patria, e ao livre exercicio dos seus direitos, todos os que tivessem sido processados e condemnados a degredo, e estivessem cumprindo sentença em alguma parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, pelos motivos acima expressos. Pelo artigo 4.º se declarava livre para os amnistiados o direito de embargarem pelos meios judiciaes as sentenças que os tinham condemnado, podendo por esta fórma mostrar, sem embargo do lapso de tempo, que o perdão não recaíu sobre crime. Pelo artigo 5.º se concedeu ás viuvas, ascendentes, descendentes e transversaes dentro do quarto grau, sem embargo do lapso de tempo, a faculdade de requererem revista das sentenças dos que por taes motivos tinham sido condemnados, a fim de reivindicarem a honra, boa fama e memoria dos seus maridos ou parentes dentro do dito grau. Finalmente pelo artigo 6.º se asseguravam os direitos de terceiro, adquiridos por titulo oneroso sobre os bens que tivessem sido de algum dos comprehendidos n'este mesmo decreto, qualquer que fosse a natureza dos referidos bens. Á vista pois da faculdade concedida aos amnistiados pelo artigo 4.º, julgaram do seu dever, os que por sentença tinham sido condemnados, mostrar a pureza da sua conducta, requerendo revista d'essa mesma sentença, allegando que se por obediencia tiveram de ir para França, fazendo parte da legião que Junot para lá mandou, por effeito d'essa mesma obediencia tiveram de vir tambem no exercito de Massena contra a sua patria, coagidos por força maior[1]. O primeiro que obteve sentença de absolvição

[1] A benevolencia do governo liberal de 1821 tão demasiada foi para com estes individuos, que até mesmo chegou ao ponto de se tornar impolitica e injusta, mandando-lhes contar para o effeito de reforma, como serviço por elles feito á patria, o tempo por que militaram nos exercitos seus inimigos, como se vê do decreto abaixo transcripto, referendado inclusivamente por um ministro, que era um dos proprios interessados

e rehabilitação foi o conde de S. Miguel, a quem a junta da inconfidencia, na data de 1 de março e 9 de abril de 1821, absolveu das penas que anteriormente lhe tinham sido impostas. Similhantemente a relação de Lisboa absolveu, por sentença de 4 de maio do referido anno de 1821, o marquez de Loulé, julgando-o sem culpa, e restituindo-o á sua antiga e boa fama, honras, mercês e dignidades de que fôra exautorado. A mesma relação absolveu igualmente, por sentença de 12 do citado mez de maio, Manuel Ignacio Martins Pamplona e sua mulher. O proprio conde da Ega, Ayres de Saldanha, obteve tambem sentença de absolvição em 18 de janeiro de 1823, reformando-se e revogando-se por ella a que o tinha condemnado como traidor e infiel ao rei e á patria, por ter acompanhado com sua mulher e filhas o exercito invasor de Junot, quando em 1808 se retirou de Portugal. Finalmente a já citada relação de Lisboa absolveu ainda por sen-

na medida, o conspicuo Candido José Xavier, decreto que só se publicou no *Diario do governo* de 9 de maio de 1822, conservando-se em sigillo por mais de sete mezes, seguramente pelo receio da má impressão que havia de fazer no publico e no exercito. A redacção de uma tão notavel e escandalosa peça é a seguinte:

«Attendendo ao que me representaram alguns officiaes regressados de França sobre a duvida, que se offerecia ao conselho de guerra, ácerca do modo de contar-lhes o tempo de serviço, e da applicação que a respeito d'elles devia fazer da lei de 16 de dezembro de 1790, a fim de fixar a natureza da reforma que ultimamente houve por bem conceder-lhes; e considerando que aquelles officiaes sairam d'estes reinos e permaneceram fóra d'elles em virtude de circumstancias que não dependeram da sua vontade; e que logoque lhes foi possivel regressaram e pretenderam tomar serviço; considerando outrosim quanto importa confundir no interesse geral da patria um resto de lembranças peniveis de uma epocha desastrosa, e dar toda a devida extensão aos sentimentos justos e generosos que dictaram a amnistia geral concedida a muitos d'aquelles officiaes: hei por bem declarar que a todos os que regressaram de França e se apresentaram nos differentes corpos do exercito, logoque lh'o permittiram as circumstancias relativas de cada um d'elles, seja contado o tempo de serviço sem interrupção. O conselho de guerra o tenha assim entendido e haja de executar. Palacio de Queluz, em 2 de novembro de 1821.— *Com a rubrica de sua magestade.*=*Candido José Xavier.*»

tença sua, na data de 16 de agosto do mesmo anno de 1823, a memoria e fama posthuma do marquez de Alorna, D. Pedro de Almeida, ficando assim reformada e revogada a que o condemnára como réu de lesa-magestade e traidor á patria.

Taes foram os notaveis e curiosos successos a que a quéda da praça de Almeida dera logar no paiz, promovendo n'elle os primeiros symptomas da grande luta civil e politica, que por causa das idéas liberaes e do estabelecimento do governo parlamentar entre nós se achava sobre elle imminente. Lord Wellington não soube de similhante quéda, senão quando com o seu oculo descobriu os francezes na esplanada da praça no dia 29 de agosto. Foi este um contratempo que elle profundamente sentiu, não só pela perda dos 1:200 homens do regimento de infanteria n.º 24, que era a principal base da guarnição da praça, mas tambem pelo transtorno que lhe fazia aos planos ideados, porque julgando que o inimigo a não poderia tomar até ao fim de setembro, contava em tal caso que a sua invasão em Portugal se não podesse effeituar durante o anno de 1810. Similhante desastre determinou pois lord Wellington a alterar um pouco as suas posições, mandando para o valle do Mondego a infanteria do exercito, deixando sobre a cidade da Guarda uma das suas divisões, e em Alverca os postos avançados da sua cavallaria, sem que todavia alterasse cousa alguma, quanto ao seu systema defensivo, que o decurso do tempo veiu a demonstrar tão proficuo, porque com as delongas e a procrastinação da defeza que adoptára ganhou tempo para ir familiarisando com as operações de campanha as tropas portuguezas, ao passo que por outro lado promovia no exercito contrario, com a desanimação do triumpho, gravissimos embaraços, provenientes das deserções, molestias, e sobretudo falta de viveres e de transportes, poisque as povoações portuguezas occupadas pelo inimigo eram inteiramente abandonadas pelos seus moradores, inutilisando viveres e tudo mais que lhe podia ser util.

Uma esperança consoladora surgia todavia no meio do terrivel aspecto com que a guerra se ia apresentando no citado anno de 1810, tal era a que de si fazia conceber o exercito

portuguez, pelas provas e feliz idéa que já dava de que seria para a liberdade da peninsula, e mais que tudo para a luta travada entre a Inglaterra e a França, um poderoso auxiliar, e de que a não ser elle o exercito inglez succumbiria, e com a sua perda triumphariam por certo os planos de engrandecimento, ou realisar-se-íam as ambiciosas vistas do imperador Napoleão em se assenhorear da Europa. Feliz missão foi seguramente aquella que por então o exercito portuguez tomou á sua conta, e já que a ingratidão dos homens tamanha foi para com elle e o seu paiz natal, faça-lhe ao menos a historia a justiça que está ao seu alcance, apresentando-o como um dos mais poderosos elementos que o mesmo Napoleão contra si teve para a sua quéda do throno imperial da França. Tinha-se pois visto que em todos os successos da guerra até então conhecidos as tropas portuguezas haviam correspondido em tudo á espectação geral, cousa seguramente devida ao excellente estado de disciplina a que as tinham já levado os infatigaveis esforços do marechal Beresford, e os dos officiaes que com elle tinham cooperado para tão importante fim. Não era menos satisfactorio ver a excellente disposição do povo portuguez, e mais particularmente do das provincias da fronteira do reino para a defeza do paiz, cuja conducta era, como já vimos, da maior animosidade contra os francezes, esperando todos que não invadiriam o reino, sem ser á custa de grandes sacrificios e muita perda de gente. Os membros do governo, querendo mostrar o seu reconhecimento e o de toda a nação portugueza ao marechal general lord Wellington, pelos relevantissimos serviços de que o paiz lhe era já devedor pelas suas anteriores façanhas, e os que d'elle ainda esperava receber, commetteram aos dois insignes artistas, Peligrini e Bartolozi, o tirarem-lhe o retrato em corpo inteiro, o que o primeiro fez a pincel e o segundo o executou a buril. Se o quadro de Peligrini era de um bello e magnifico effeito, não lhe ficou inferior no seu genero a excellente e aprimorada gravura do famoso Bartolozi. D'esta chapa se tiraram cem exemplares, que se mandaram para o Rio de Janeiro, distribuindo-se em Lisboa muitos outros por todos os chefes de

mar e terra, corpo diplomatico, prelados diocesanos, alem dos que tambem se enviaram ao embaixador de Portugal em Londres, para ali se offerecerem aos membros do gabinete britannico e a outros grandes personagens.

Entretanto esta boa harmonia, que tão intima parecia existir entre os governadores do reino e os generaes inglezes, passou a romper-se pelo excesso das imperiosas exigencias feitas pelos ditos generaes, sempre em gravissimo damno do paiz e dos seus infelizes moradores. Ninguem com melhor vontade do que elles se mostraram sempre promptos a fazer todos aquelles sacrificios, que humanamente podiam ser feitos para salvação e defeza da patria. Serviço pessoal para trabalhos de faxina nas linhas de defeza; duplicado pagamento de tributos para occorrer ás despezas do exercito; embargo de bestas e carros para transporte de bagagens e munições; apprehensão de generos alimenticios para sustentação das tropas; incessante e activo recrutamento para a primeira e segunda linha; actividade de serviço para as milicias e ordenanças, empregadas em auxilio das operações militares, emquanto estas tiveram logar dentro do paiz; submissão exemplar á severidade do mando dos generaes inglezes; violencias e estragos que os aboletados e as suas respectivas familias faziam nas casas dos seus respectivos patrões; e finalmente roubos e devastações que os soldados inglezes commettiam por toda a parte do paiz por onde passavam, tudo isto soffreu resignadamente o povo portuguez para defeza e salvação da patria. Já na data do 1.º de junho os governadores do reino tinham proclamado aos portuguezes, por occasião do exercito francez de Massena se dispor a invadir o paiz, proclamação em que elles lhes diziam o seguinte[1]: «Se a defeza do soberano e da patria vos tem sempre estimulado para obrar prodigios de valor, que se não deve esperar de vós, quando acrescem novos e urgentes motivos para empenhardes os vossos esforços? Não se trata só de conservar um throno, que intentam derrubar a injustiça e a perfidia;

[1] Veja o documento n.º 94.

não se trata só de salvar a patria de um jugo de ferro; trata-se tambem de conservar a religião de nossos paes, de livrar a mocidade portugueza do terrivel sacrificio de ir acabar em paizes remotos; de fugir ao opprobrio de serdes tratados como escravos rebeldes, e de conservar a vida de tres milhões de habitantes, que perecerão victimas da fome, da desgraça e da miseria, se a nossa amada patria for subjugada. Portuguezes! A patria está em perigo de ser invadida pelos nossos inimigos. Evitae o laço das suas promessas insidiosas, das suas intrigas infames e grosseiras. Cuidae desveladamente no desempenho fiel dos vossos deveres, na exacta observancia ás ordens das auctoridades superiores. Uni-vos aos nossos alliados, segui o exemplo dos nossos benemeritos concidadãos, que marcham a expor a sua vida pela causa da religião, do soberano, da honra e da independencia nacional».

Se não fosse a desastrada explosão da praça de Almeida, e depois d'ella a cobardia do seu respectivo tenente-rei, e a traição do major de artilheria Fortunato José Barreiros, provavelmente lord Wellington não viria ás linhas de Torres Vedras, porque tendo posto a sua maior confiança na defeza d'esta praça, era muito de suppor que entretivesse por meio d'ella o marechal Massena entre a ponte da Murcella e a serra do Bussaco, sem o deixar passar ávante. Todavia depois d'aquelle desastre mudou de resolução, e em seguida á proclamação dos governadores do reino aos portuguezes, tambem pela sua parte o mesmo lord Wellington fez outro tanto, na data de 4 de agosto, exprimindo-se pela maneira seguinte: «O tempo que tem passado, durante o qual o inimigo ha permanecido sobre as fronteiras de Portugal, tem felizmente fornecido á nação portugueza experiencia do que tem a esperar dos francezes. Os povos de algumas villas tinham ficado n'ellas, fiados nas suas promessas, e em vão capacitados de que, tratando os inimigos da sua patria de uma maneira amigavel, poderiam assim concilia-los e reduzi-los a praticar para com elles sentimentos humanos, e uma conducta clemente, e que os seus bens seriam respeitados, as suas mulheres livres de uma brutal violação, e as suas vidas garantidas. Vãs esperan-

ças! Os habitantes d'estas resignadas villas hão soffrido todos os males que um inimigo cruel podia ministrar. Os seus bens hão sido roubados, as suas casas e alfaias queimadas, as suas mulheres atrozmente violadas, e os infelizes moradores, cujas idades e sexos não provocavam a brutal violencia dos soldados, tem caído victimas da impudente confidencia que reposeram nas promessas, que unicamente lhes foram feitas para serem violadas. Os portuguezes vêem agora que lhes não resta outro remedio, para evitarem os males com que são ameaçados, senão uma determinada e vigorosa resistencia, e um firme proposito de difficultar, quanto for possivel, o adiantamento do inimigo para o interior do reino, *removendo do seu alcance todas as cousas que são de valor, ou podem contribuir para a sua subsistencia, ou facilitar os seus progressos;* são estes os unicos, e mais certos remedios para se frustrarem os males com que são ameaçados os povos.

«O exercito que se acha debaixo do meu commando ha de proteger a maior porção do paiz que for possivel; porém é obvio que o povo unicamente se póde livrar por meio de uma resistencia contra o inimigo, assim como salvar os seus bens, removendo-os para fóra do alcance do mesmo inimigo. Comtudo os deveres, que me ligam a sua alteza real, o principe regente de Portugal, e á nação portugueza, *me obrigam a fazer uso do poder e auctoridade de que me acho munido, forçando os fracos e indolentes* a fazerem esforços para se salvarem de um perigo e males que os esperam, e para salvar a sua patria. E n'esta conformidade *faço certo, e declaro* que todos os magistrados, e pessoas em auctoridade, que ficarem nas suas villas, logares, etc., depois que houverem recebido ordem de qualquer dos officiaes militares, para se retirarem dos referidos logares e villas, e todas as pessoas de qualquer classe que sejam, que mantiverem a menor communicação com o inimigo, ou que o ajudarem, ou assistirem em alguma cousa, serão considerados traidores contra o estado, e serão julgados e castigados em conformidade ao que exige um tão enorme crime. Quartel general, 4 de agosto de 1810. = *Wellington.*»

Por este importante documento parece que foi lord Wellington quem primeiro tomou a resolução de ordenar, sob pena de morte, ou a correspondente ao crime de traição à patria, que os povos da Beira e Extremadura se recolhessem de prompto para o interior das linhas de Lisboa, destruindo, no acto da sua partida, tudo quanto não podessem trazer comsigo, e por conseguinte generos e mobilia. Mas já antes da sua proclamação, e provavelmente por exigencias do mesmo lord Wellington e do marechal Beresford, tinham D. Miguel Pereira Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça feito publicar na *Gazeta de Lisboa* o seguinte artigo: «Não só com espingardas podem os paizanos fazer uma dura guerra aos francezes, *mas até fugindo do povoado, e levando, ou inutilisando tudo o que não podérem levar*. Porque quem ha de cumprir as ordens do inimigo, não havendo ministro, nem officiaes que o recebam? Quem lhe ha de dar rações, não havendo grão de qualidade alguma? Em que hão de fazer os transportes, não havendo animaes, nem carros? A esperança de que conservarão alguma cousa, vivendo entre elle, é enganadora: serviços continuos, contribuições, vilezas, deshonras e sustos perpetuos, é o que traz a sua companhia; independencia, honra, segurança de bens e gloria immortal, é o que se tira de lhes fazer a guerra e de os destruir[1]». N'um outro numero dizia a mesma *Gazeta* o seguinte: «Já por varias vezes temos indicado, que um dos meios mais efficazes para inutilisar as tentativas dos inimigos contra a liberdade da peninsula é, alem da resistencia das tropas, o abandonarem os povos os logares onde elles estão a entrar; e tanto conhecem elles isto, que intentam persuadir os habitantes, que fiquem tranquillos em suas casas, poisque a guerra não é com elles, como se a guerra actual não devesse reputar-se uma guerra nacional! Portuguezes desnaturalisados, e que infelizmente se acham na companhia dos nossos inimigos, pretendem com suas perfidas insinuações fazer crer esta mesma falsa segurança».

[1] *Gazeta de Lisboa* n.º 181 de 30 de julho de 1810.

O certo é que das requisições, feitas pelos generaes inglezes, Wellington e Beresford, aos governadores do reino, para que pela sua parte ordenassem que os povos das duas já citadas provincias saissem das suas respectivas localidades para dentro das linhas de Lisboa, resultou commetterem elles a esses mesmos generaes a faculdade de expedirem taes ordens, que geralmente deram com a clausula das terras ficarem abandonadas no preciso termo de vinte e quatro horas. Estas ordens para a destruição dos haveres de cada um não podiam ser pontualmente executadas, já porque não havia tempo de se effeituar similhante destruição[1], e já porque nem todos tinham a coragem e o vagar de a fazerem tão pontual e rigorosa, quanto se exigia, a ponto de deixarem

[1] Tanto não houve tempo de se effeituar a destruição ordenada, que na *Gazeta de Lisboa* n.º 288 de 1 de dezembro de 1810 encontrâmos o seguinte annuncio: «Carvalho & C.ª, proprietarios da real fabrica de Alcobaça, e moradores na rua da Horta Secca, n.º 22, fazem saber ao publico, que em consequencia das ordens superiores, publicadas na mesma villa em 2 de outubro do presente anno, pelas quaes se mandaram sair os povos no preciso termo de vinte e quatro horas, salvando o que podessem para dentro das linhas de defeza, foram elles, seus caixeiros e feitores obrigados a sair no dia 3, ficando a terra deserta e abandonada até dos proprios magistrados. Que não lhes sendo possivel em tão breve tempo, e em tão apoucadas circumstancias, unir a obediencia ao justo direito que tinham da sua propriedade, lhes foi forçoso larga-la e deixar muitas e importantes fazendas em seus armazens, já promptas e numeradas umas, e outras em manejo de branquearia, alem das que existiam na laboração dos teares. Que tendo ficado tudo á disposição das tropas combinadas, sabia e justamente reguladas pelo ill.mo e ex.mo sr. general em chefe dos exercitos d'estes reinos, entradas na mesma villa de Alcobaça no referido dia 3 de outubro, até ao dia 7 ou 8 (tempo em que os seus armazens ficaram sem fazendas algumas), houve entre a officialidade do mesmo exercito pessoas distinctas, que têem procurado entregar o que salvaram, e pagar o que tiraram para seu proprio uso, tendo tido a delicadeza de o praticarem com conta, peso e medida». Este annuncio é, quanto a nós, prova evidente de que a ruina da antiga fabrica de fiação e tecidos de Alcobaça teve a sua primeira origem no vandalismo do exercito inglez, quando em outubro de 1810 se recolheu ás linhas, o que ultimamente nos deu como certo o sr. Francisco Gomes Loureiro, filho de Domingos Gomes Loureiro, um dos donos que fôra da referida

inteiramente destruidos os generos que não podiam transportar, uns porque, cuidando só da sua salvação, só pensavam em se retirar espavoridos, sem nada mais lhes importar; outros porque, pensando em esconder em falsos e sitios escusos o que não podiam trazer e tinham por mais importante, como roupas, cousas de valor, louças e outros similhantes effeitos, pouco ou nada lhes importava com a destruição dos generos; e outros finalmente porque, reputando barbaras e inexequiveis similhantes ordens, entendiam que as não deviam executar, não os indemnisando das perdas que soffriam, e por esta causa, ou se deixaram ficar nas terras da sua residencia (o que a poucos aconteceu), ou fugiram para os montes e logares retirados das estradas e caminhos (o que fez o maior numero), pensando que as tropas invasoras não sairiam d'ellas para os irem incommodar e perseguir no logar do seu retiro. Entretanto foi consideravel o numero dos que, tomando á risca o que a tal respeito se lhes aconselhava e ordenava, nenhuma duvida tiveram em pontualmente deixarem os seus lares domesticos, recolhendo-se a Lisboa. Evacuando por este modo as povoações da sua residencia, transportando os effeitos que comsigo podiam trazer, e finalmente destruindo o que se viam obrigados a abandonar, e que aliás podia servir de subsistencia ou commodidade ao inimigo, julgavam guerrear assim os invasores e evitar ao mesmo tempo os horrores da mais infame escravidão. Tendo-se em rasão d'isto vindo lançar nos braços dos seus compatriotas, entenderam, os que assim se recolheram ás linhas da capital, que ao passo que cumpriam com as ordens do governo e as exigencias que lord Wellington lhes fizera na sua proclamação, auxiliavam tambem as operações militares d'este general, privando o inimigo dos meios de subsistencia nos territorios que occupava.

fabrica. São estas as aprimoradas finezas que devemos aos nossos bons alliados, os inglezes. Felizmente a fabrica de fiação de algodão de Thomar escapou ao vandalismo britannico, por estar fóra do itinerario do seu respectivo exercito, apesar da vizinhança em que se achava do exercito francez, depois que Massena se retirou para Santarem.

Por fortuna dos que tiveram esta conducta vieram elles achar na capital o maior agasalho possivel da parte dos seus moradores, que de braços abertos os acolheram e soccorreram no seu infortunio, segundo as suas posses. Alem dos que ficam mencionados, tambem muitos houve que por uma indiscreta credulidade ficaram nas terras da sua residencia, de que resultou tornarem-se bem depressa victimas do seu erro, reconhecendo e arrependendo-se, mas já sem remedio, da leveza com que se fiaram nas palavras de gente sem fé, sem moral e sem lei; de gente que nem reconhecia os direitos da humanidade, nem respeitava o sagrado vinculo do juramento. Os que fugiram para montes e sitios escusos tambem foram victimas do seu engano, porque impossibilitados os francezes de poderem entrar em Lisboa, a necessidade de procurar comestiveis os obrigou a deixarem as estradas e povoações do transito, para se dirigirem ás quintas, casaes e logares mais afastados das referidas estradas e povoações, onde lá foram dar com os fugidos, a quem muito a seu salvo roubaram e maltrataram por todos os modos imaginaveis. D'esta ultima especie, e da dos que poderam escapar-se das terras da sua residencia, occupadas pelo inimigo, muitos vieram mais tarde cobertos de fome e de miserias procurar o salutar refugio do exercito defensor da patria, sendo então que a officialidade ingleza e a portugueza, condoidas de tanta desgraça, concorreram pela sua parte para diariamente se lhes fazer um caldeirão de caridade, a que na villa de Alemquer, depois que Massena se retirou para Santarem, concorriam 300 pessoas por dia, e na de Manique 200, empregando-se para tão meritoria obra as cabeças, os pés e os miudos de todas as rezes que se matavam; alguns houve d'estes desgraçados, que ou morreram entre os francezes, ou foram victimas da morte, caíndo fulminados por ella no caminho que traziam, quando já tão tarde d'elles buscaram fugir. É para nós liquido que depois da invasão dos barbaros do norte, e da conquista da peninsula pelos sarracenos, cremos que nenhuma outra epocha houve mais desgraçada e calamitosa para Portugal do que esta. Apesar de muito infelizes, as pessoas que fugiram

para dentro de Lisboa, e que segundo os calculos feitos subiram a 50:000, ainda assim não o foram tanto como os que ficaram nas provincias: tão crescido foi aquelle numero, que o governo se viu obrigado a permittir que passassem para a margem esquerda do Tejo os individuos que assim o quizessem fazer, por julgarem ali mais commoda a sua residencia e meios de subsistencia[1].

Já se vê pois que os povos de Traz os Montes e Minho ao norte do reino, e os do Alemtejo e Algarve ao sul, foram os que tiveram a fortuna de escapar ás calamidades do vandalismo d'aquella ominosa epocha, sendo a Beira e a Extremadura as duas provincias a quem por sua mesquinha sorte coube o flagello destruidor, praticado tanto pelo exercito inglez, em consequencia das ordens de lord Wellington, quanto pelo exercito invasor de Massena. Se muita gente escapou ás scenas de horror, de violencia e de rapacidade, praticadas pelos francezes, tambem muita lhes foi por desgraça caír nas mãos, para ser victima da brutalidade e ferocidade de uma soldadesca desenfreada e faminta, longe das vistas dos seus superiores. Muitas senhoras houve de consideração e delicadas, que se viram obrigadas a andar a pé leguas e leguas de caminho para não terem aquella sorte. Deixando entregues ao acaso as suas casas e os seus bens moveis, pouco mais poderam salvar do que a vida e a honra, tendo a desgraça de tudo mais ser presa da rapina, do saque e da devastação do exercito invasor. Muitas familias que, como já dissemos, por falta de resolução ou de tempo, não poderam vir para Lisboa, recolhendo-se aos montes e matas mais escusas do paiz, lá mesmo foram dar com ellas os inimigos, fazendo-lhes montaria como a lobos damninhos, depois de devastadas as povoações, roubando-as, deshonrando-as, e insultando-as por toda a fórma e maneira. Diziam os invasores que isto era o direito da guerra, como se em boa rasão esse direito não

[1] Concedeu-se-lhes esta faculdade por portaria de 8 de outubro de 1810, computando-se em 50:000 pessoas as que ficaram dentro das linhas.

condemnasse que se violassem as mulheres, se matassem os velhos, as creanças e os mais habitantes desarmados, refugiados em sitios onde lhes não resistiam, nem mal algum lhes faziam, nem podiam fazer, por falta de meios que para isso tinham; e a sangue frio se assassinassem tambem homens, reputados ricos, só porque lhes não davam aquella quantia de dinheiro, que muito gratuitamente lhes suppunham. Embora os escriptores francezes chamem barbaros aos hespanhoes, e vingativos aos portuguezes, o certo é que a causa d'essa barbaridade e vingança foi a infame conducta que os invasores, compatriotas d'esses mesmos escriptores, tiveram para com estes dois povos, no coração dos quaes lançaram perennes e profundos odios, que tornaram inteiramente impossivel o amalgama de uns com os outros. Foi este o resultado de uma invasão, que mais parecia ter por fim exterminar e destruir, do que vencer e avassallar. Constituidos em furias do inferno, pelas chammas que a muitas casas e povoações lançaram; em algozes e instrumentos da morte, pelas muitas que barbaramente deram a um sem numero de portuguezes; e finalmente em perpetradores de roubos, de ruinas e de desolação, os soldados francezes forçosamente haviam de ser tratados pelos povos por maneira igual áquella por que elles igualmente os tratavam.

Não admira pois que o numero dos que obedeceram ás ordens e proclamação de lord Wellington, e portanto dos que se retiraram para dentro das linhas de Lisboa, fosse tão consideravel como já notámos, de que resultou a necessidade do governo procurar abastecer por todos os modos possiveis esta grande capital, tanto com relação á carne e ao pão, como aos outros viveres, providenciando para que viessem, não só das differentes partes do reino, d'onde podiam ser fornecidos, mas tambem das potencias barbarescas, com as quaes por então se achava em boa paz e harmonia. Entre o numero das pessoas vindas para Lisboa, foi tambem extraordinario o dos indigentes, que das cidades, villas e logares invadidos ara ella igualmente affluiram. Em tal caso urgentissimo foi rovidenciar o governo á sustentação e amparo de tantos in-

a distribuição mais parecia o cumprimento de um dever, do que um acto de pura graça e humanidade christã. Poderosos negociantes abriram generosamente os seus cofres no auge de tão calamitosa crise, patenteando a grandeza dos seus corações bemfazejos, por meio das avultadas esmolas por elles mandadas ás casas das familias de reconhecida necessidade, sendo justo mencionar como um dos mais distinctos n'estes piedosos rasgos de philanthropia christã n'aquelle desgraçado tempo um Antonio Pires Leal, sobre cuja campa sepulchral alguns annos depois foram derramar sentidas lagrimas pela sua morte muitos d'aquelles a quem a sua extrema caridade arrancára das garras da fome, de que aliás seriam victimas a não ser elle. Por meio pois d'estas almas generosas, e das providencias ordenadas pelo governo se foi sustentando a grande despeza que com isto se fez; e se os cofres publicos pela sua parte forneceram os recursos que lhes foi possivel, justo é acrescentar que para tão meritoria obra tambem muito concorreram os avultados subsidios, fornecidos, não

que das provincias para ella se tinham refugiado, era fornecida pelos miudos das rezes que se matavam, no Porto, durante o cerco por que ali se passou em 1832 e 1833, não póde ter similhante base a que lá se deu aos necessitados, por não haver gado algum que se matasse, sendo portanto necessario compor em fevereiro de 1833, em que a fome começou a sentir-se mais seriamente nas classes pobres, uma sôpa com elementos diversos, á qual houve dia que concorreram para se alimentar mais de 5:000 pessoas, entre as quaes se contaram algumas possuidoras de tal ou qual fortuna. A receita da referida sôpa, regulada para cada grupo de 16 pessoas, foi portanto o seguinte:

16 quartilhos de agua.	
Arratel e meio de arroz, do custo de	75 réis
Arratel e meio de assucar mascavado......	75 »
Meio arratel de gomma do Brazil (cariná) ..	25 »
Meio quartilho de aguardente	40 »
Casca de laranja azeda..................	5 »
Folha de loureiro......................	
Peixelim	

Importando pois a sôpa de cada 16 pessoas em 220 réis, custava a ração de cada uma $13\,^3/_4$.

só pela generosidade das pessoas nacionaes, como fica dito, mas igualmente pela das estrangeiras. Estes actos de patriotismo e de caridade christã não se limitaram só á capital e suas vizinhanças, mas em todas as mais terras do reino, aonde se acolheram os fugitivos, se lhes fez o mesmo acolhimento, sendo recebidos com a mesma fraternidade, e liberalmente soccorridos de modo que o permittiam as faculdades dos seus habitantes. Foram estes assignalados serviços, com que tantos cidadãos se salvaram da morte e se lhes suavisaram as calamidades de uma guerra tão destruidora, os que o governo agradeceu na sua proclamação de 30 de março de 1811.

Depois do que se tem dito de illustrativo sobre a calamitosa historia d'aquelle tempo, um importante problema resta agora a resolver, tal é o de saber se seria mais vantajoso para o paiz que os povos se deixassem ficar nas suas respectivas localidades, ou se abandona-las ao inimigo com todos os haveres que comsigo não poderam trazer, como em geral praticaram. Seguramente um frisante exemplo do que em Portugal se viu praticado em 1810 por lord Wellington é o que se encontra relatado na historia do imperador Carlos V de Robertson, quando este soberano invadiu a França em 1536 para guerrear Francisco I. «Este principe, diz o citado historiador, cingiu-se ao unico plano, que o podia pôr em estado de resistir á invasão de um inimigo poderoso; a sua prudencia na escolha dos meios e a sua perseverança na execução merecem tanto maiores elogios, quanto esse plano era igualmente alheio do seu caracter e do genio da sua nação. Resolveu-se a ficar na defensiva, não se arriscando a dar batalha, nem ainda a escaramuças um pouco mais consideraveis, a não ter a segurança do successo, e a rodear o seu campo de fortificações regulares, a metter guarnições só nas praças mais fortes, a esfaimar o inimigo, assolando todo o paiz d'aquellas vizinhanças e a salvar d'este modo o reino, sacrificando uma das suas provincias. Elle commetteu a execução d'este projecto ao marechal de Montmorency, que era o seu auctor, e a quem a natureza parecia haver feito de proposito para o executar. O marechal estabeleceu um campo

bem fortificado debaixo dos muros de Avinhão, na confluencia do Rhodano e do Durance. Um d'estes rios trazia do seio das provincias inferiores toda a subsistencia precisa para o exercito; o outro cobria o seu campo d'aquella parte por onde era mais provavel que o inimigo o acommettesse. Montmorency trabalhou sem interrupção em fortificar este campo e faze-lo inexpugnavel, e ahi reuniu um exercito de consideração, aindaque inferior ao do inimigo. O rei com outro pé de exercito foi acampar-se junto a Valença, na parte superior do Rhodano. Marselha e Arlès foram as unicas cidades que elle julgou conveniente defender, a primeira para ficar senhor do mar, a segunda para servir de barreira á provincia do Languedoc; e poz n'estas duas cidades duas guarnições numerosas, compostas das suas melhores tropas, com officiaes, cuja fidelidade e valor lhe era conhecido. Os habitantes das outras cidades, assim como os dos campos, foram obrigados a abandonar as suas casas, e se distribuiram parte pelas montanhas, parte pelo campo fortificado, e outros emfim pelo interior do reino. As fortificações de todas as praças que podiam servir de abrigo ou defensa aos imperiaes foram demolidas. O pão, as forragens e os viveres de toda a qualidade, ou se transportaram, ou foram destruidos; todos os moinhos, todos os fornos se arruinaram, e os poços foram entulhados e postos fóra do estado de servirem. A devastação se estendia desde os Alpes até Marselha, e desde a praia do mar até aos confins do Delfinado. A historia não fornece um exemplo de que nações civilisadas tenham empregado com tanto rigor esse expediente terrivel para segurar a defeza de um reino.

«Entretanto o imperador chegou com a vanguarda do seu exercito ás fronteiras da Provença; elle se embriagou tanto com a esperança do bom successo, que durante alguns dias, em que foi obrigado a fazer alto para esperar o resto do seu exercito, começou a repartir pelos seus officiaes as conquistas que ia a fazer, promettendo-lhes liberalmente, a fim de animar o seu zêlo, os empregos, as terras e as dignidades da França. Á vista porém da devastação que se offereceu aos

seus olhos, quando entrou n'este paiz, essas brilhantes esperanças começaram a desvanecer-se, e entendeu logo que um rei que para esfaimar os seus inimigos tinha podido resolver-se a transformar em um deserto uma das suas mais ricas provincias, estava bem determinado a defender as outras até á ultima extremidade[1]». Carlos V, falto de viveres para manter um tamanho exercito como aquelle com que invadíra a Provença, e informado tambem pelos officiaes, que encarregára de reconhecer o terreno, de que era impraticavel a tomada do campo intrincheirado, que os francezes tinham levantado em Avinhão, teve por fim de se retirar, sem vantagem alguma ter conseguido.

Foi este mesmo systema que lord Wellington se propoz exactamente seguir em Portugal durante a invasão de Massena, quando este general se dispoz a invadir as provincias da Beira e Extremadura em 1810; mas se em theoria o concebeu na mente, na pratica falhou a alguns respeitos. É um facto que o seu plano foi util aos alliados, quanto ao abandono que das suas casas fizeram os povos das provincias invadidas. Os francezes, achando desertas as terras que successivamente foram occupando, posto que roubassem e destruissem tudo quanto n'ellas encontravam, viram-se todavia impossibilitados de recorrerem ás contribuições a que nas suas invasões costumavam recorrer. Não ha portanto difficuldade alguma em admittir que o expediente em questão foi realmente util aos alliados e de grande prejuizo para o inimigo. Mas depois d'este ha um outro problema de bastante importancia para resolver, tal é o de saber se aquella emigração e abandono privou effectivamente o inimigo das subsistencias de que tanto precisava para se manter no paiz, o mais importante ponto das vistas de lord Wellington. Em primeiro logar diremos que este general não ordenaria em Inglaterra, como ordenou em Portugal, a destruição de tantas propriedades e generos, sem a prévia garantia da sua

[1] É traducção do sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, nosso bom amigo e collega.

indemnisação. Partilhâmos pois n'esta parte a opinião que sobre tal assumpto emittiu o principal Sousa na sua qualidade de governador do reino. E por que elle sustentou estas idéas na reunião dos seus collegas, foi olhado como opposto aos planos e operações do mesmo lord Wellington, o qual teve o desaccordo pela sua parte de lhe fazer de então por diante a mais crua e encarniçada guerra, solicitando e instando com a maior energia a sua demissão de governador do reino, tanto por meio do seu governo, como directamente por cartas suas, dirigidas para o Rio de Janeiro ao principe regente, empregando para a conseguir talvez que aleives e calumnias, tendo com isto por fim conservar a sua preponderancia e a do seu governo em Portugal[1], como se fosse um crime, na alta posição de membro do governo d'este paiz, ter um modo de pensar contrario a tão insolita e absoluta preponderancia, ou manifestar opiniões diversas das dos generaes inglezes, e como tal defende-las e sustenta-las em sessão ou junta do mesmo governo, levado a isto pela intima convicção de que as medidas exigidas pelos mesmos generaes íam arruinar inteiramente as duas mais ricas provincias do reino, sem que com ellas se conseguisse o que se tinha em vista, pelo modo por que se fez. E todavia é para advertir que o principal Sousa disse o que sentia pela mais comedida maneira, e só quando viu que á exigencia de se obrigarem os povos da Beira e Extremadura a emigrarem para Lisboa, depois da destruição prévia de tudo quanto podia ser util ao inimigo, se additava tambem a da destruição de todos os moinhos e azenhas que houvesse desde o Alva e o Mondego até Alverca, e mesmo em todo o Portugal[2], é que reflexionou sobre isto, e porque assim o fez, lord Wellington ameaçou logo resignar o commando, a continuar o dito principal no governo[3]. Admira que tão intolerante fosse para com o principal Sousa

[1] Suppomos que serão aleives e calumnias o que lord Wellington diz na sua carta para mr. Villiers, com data de 25 de maio de 1811, carta que constitue o documento n.º 94-A.

[2] Documento n.º 94-B.

[3] Documento n.º 94-C.

e tão pouco para com os officiaes inglezes do seu proprio exercito, que por igual motivo o censuravam! Não admira menos a docilidade que mostrou para com o ministerio britannico, não obstante as muitas contrariedades que por mais de uma vez n'elle encontrou para o regular andamento das suas operações! Que rasão haveria pois para tão disparatada conducta e singular anomalia? Seguramente a da sua mais pronunciada insolencia para com os portuguezes e o seu governo.

Parece-nos demasiadamente apaixonado o calor que n'isto tomou lord Wellington, tendo aliás por muito comedida a conducta do referido principal, porque elle só pela sua parte se occupou ao principio dos dois seguintes objectos: 1.°, o de propor, apenas soube que se obrigavam a retirar para Lisboa os povos d'aquellas duas provincias, que se fizessem conhecer á côrte de Londres as tristes consequencias de similhante plano, e as difficuldades que havia para o realisar, plano que aliás foi executado por prompto e immediato accordo de todos os outros governadores do reino; 2.°, o de se esforçar em prevenir as funestas consequencias que de similhante plano se seguiriam, e que infelizmente se verificaram, tal qual elle as tinha predito. Não foi por mera suggestão ou conselho do commandante em chefe do exercito luso-britannico, *mas sim por ordem expressa do referido commandante, sob pena de morte,* que os habitantes da Beira e Extremadura tiveram de reduzir a uma erma charneca, sem garantia alguma de indemnisação, estas duas ricas provincias, sendo todos obrigados a abandonarem as suas casas e a destruirem tudo o que n'ellas tinham, e todavia o referido commandante em chefe, a ser sincero, devia confessar que os governadores do reino o auctorisavam a executar similhante medida como muito bem lhe parecesse, de modo que se o plano d'elle commandante em chefe falhou n'alguma das suas partes, como effectivamente aconteceu, poisque o inimigo pôde muito bem marchar para onde quiz, e viver no paiz devastado por espaço de seis mezes, tendo um exercito de 60:000 a 70:000 homens para sustentar, a culpa foi toda sua, ou porque não executou

devidamente a medida, pelo pouco tempo que para isto houve, ou porque não attendeu ao que era por sua natureza inexequivel, como depois se mostrou, sendo portanto um sacrificio inutil até certo ponto aquelle a que por similhante motivo obrigou os povos d'aquellas duas infelizes provincias.

O certo é que as destruições feitas, e a pontualidade com que se executaram as ordens para tal fim expedidas, pouco effeito produziram nos primeiros mezes, quanto á marcha e ás operações do inimigo, porque, segundo as predicções do principal Sousa, não se poderam retirar todos os cereaes que havia nas eiras e nos campos, nem inútilisar os milhos serodios, e mesmo alguns temporões, que em muitas das terras altas ainda estavam de pé, ao passo que os das terras baixas ainda se achavam de verde. As mesmas uvas e fructas, proprias do fim do verão, tambem se não poderam destruir, por se achar ainda em bastante atrazo nas cepas e nas arvores a sua maturidade. A mesma destruição dos cereaes, tanto dos existentes nas eiras, como dos já recolhidos nas tulhas e celleiros dos lavradores, era muito difficil de realisar, ainda mesmo que tal operação auxiliada fosse pelo proprio exercito, porque o espanto produzido por uma tal ordem, a presença do inimigo na fronteira do reino, o receio que d'elle havia, quando o invadisse, o pouco espaço de tempo que havia para a execução de tal medida, e os cuidados com que cada um buscava acautelar o que tinha de mais importante, ou para o trazer comsigo, ou para o depositar nos falsos e subterra-lo nos logares escusos, não permittiram que a destruição dos ditos cereaes e a das palhas e fenos se podessem levar a effeito do modo por que devia ser[1].

Quanto aos milhos de pé ainda nos campos, a sua destruição era tão inexequivel, que o proprio marechal Massena, ao

[1] O argumento do que dois annos depois succedeu na Russia fornece similhança, mas não igualdade na execução da medida e das circumstancias que a acompanharam, porque lá o exercito francez internou-se por muitos dias de marcha n'um immenso paiz de povoações raleadas, em vesperas de estar gelado, e quando entrou em Moscow, depois das batalhas que deu e extensas marchas que fez para lá chegar, um pavoroso

retirar-se para Santarem, ainda achou alguns verdes e não colhidos nos terrenos pantanosos, a que vulgarmente chamâmos *paúes*. Estas reflexões, e não opposição á medida, foram as que o principal Sousa apresentou ao principio, quando se tratou da expedição das ordens para a destruição em questão; mas a sua opposição tornou-se depois manifesta, quando cheio de pavor viu ter a regencia recebido uma carta do marechal Beresford para D. Miguel Pereira Forjaz, exigindo uma ordem para se inutilisarem todos os moinhos e azenhas, que se achassem desde o Alva e o Mondego até Alverca, a fim de pôr este lado tirar tambem ao inimigo os recursos de subsistencia, que os ditos moinhos e azenhas lhe podiam fornecer. Tinha o principal Sousa para si que se o levantamento das chamadas linhas de Torres Vedras era o ultimo recurso e a mais solida base dos planos defensivos de lord Wellington, e se a sua construcção era tal, que dava todas as esperanças do marechal Massena as não poder vencer, como depois se viu, esta nova destruição a tinha elle por outro mal inutil, ao qual os generaes inglezes íam muito graciosamente arrastar o paiz, que por estranho á sua patria pareciam ter todo o empenho em devastar e destruir, sem proveito algum para a causa que se defendia, ou de muito pouca vantagem para as suas operações militares. N'estes termos representou o principal Sousa, cheio de toda a rasão, ou persuadido de que a tinha, contra a inutilidade da medida, querendo que se expozessem ao marechal Beresford os funestos males, que sem fructo algum se íam seguir da expedição de similhantes ordens, com que se sacrificavam, sem equivalente vantagem, as importantes colheitas do milho e do vinho, que estavam para se recolher. Propoz alem d'isto que se fizessem saber estas cousas ao ministerio inglez, esclarecendo-o sobre as

incendio devorou repentinamente tudo, sendo as perdas soffridas pelos particulares indemnisadas depois pelo governo russo, ao passo que os francezes tiveram em seguida ao incendio de se retirar, perseguidos pela fome, de um paiz por elles já devastado, victimados pelos gêlos de que se achava coberto, e pelo terrivel fogo dos cossacos, que sem piedade alguma os fulminava pelos flancos e frente na retirada que traziam.

terriveis consequencias, que de taes factos e de tão insolitas exigencias se íam seguir para este paiz, e de que julgava não resultar reconhecida importancia para as operações militares. Todos os governadores do reino pareceram concordar então sobre este ponto com o auctor da proposta, declarando ao mesmo tempo que ignoravam a latitude de similhante plano, porque, á excepção de D. Miguel Pereira Forjaz, ninguem mais tinha com certeza noticia d'elle, e foi seguramente para os generaes inglezes se livrarem do odioso que isto lhes podia trazer com justificado motivo, que tiveram de o participar ao governo, commettendo-lhe á sua responsabilidade a execução da medida inherente ao referido plano. No relatorio que para o Rio de Janeiro os governadores do reino dirigiram ao principe regente, declararam elles que deram sempre as ordens que o commandante em chefe do exercito solicitava, sem que a tal respeito tivesse jamais havido demora, sendo inexacta a accusação que por tal motivo se fazia ao principal Sousa, dando-o como causador da referida demora[1]. Esta insistencia dos generaes inglezes se subtrahirem a executar as determinações que exigiam, e a quererem que o governo portuguez as ordenasse, era evidentemente para livrarem o seu paiz das reclamações de uma justa indemnisação, que em tal caso se lhe podia fazer, querendo por conseguinte que similhantes damnos pesassem sómente sobre Portugal, como de facto succedeu, quando a Inglaterra, defendendo este reino, nada mais fazia que defender-se a si propria. Da supposta falta de pontualidade que os governadores do reino mostravam em ordenar similhantes destruições se queixou energicamente lord Wellington ao ministro inglez em Lisboa, sir Carlos Stuart[2], exigindo alem d'isso castigos para os magistrados, que não cumprissem as ordens que para ellas se lhes expediram[3].

É portanto evidente que o coração do principal Sousa se

[1] A base d'estas particularidades é-nos fornecida pelo documento n.º 95.

[2] Veja o documento n.º 95-A.

[3] Veja o documento n.º 95-B.

lhe opprimia de dor, vendo o sem numero de desgraças em que lord Wellington ía lançar o paiz com o seu plano de guerra defensiva, do qual uma das principaes bases era a completa destruição e total abandono que das provincias da Beira e Extremadura deviam fazer os seus habitantes, com a unica excepção, quanto á segunda d'ellas, da cidade de Lisboa e mais terras que se achavam dentro do campo intrincheirado, que para defeza da referida cidade se havia construido. Como cidadão portuguez, a quem os males da patria profundamente penalisavam, parecia-lhe a elle principal Sousa, que taes desgraças se poderiam bem evitar, dando lord Wellington uma batalha campal nas fronteiras do reino ao marechal Massena, para lhe obstar á sua projectada invasão. Seria isto talvez da parte do principal uma opinião paradoxal: mas não o era tanto, que por si não tivesse mais alguns sectarios, em cujo numero entrava a junta central da Hespanha com alguns dos seus generaes, reputando a falta de tal batalha por um erro grave, podendo com ella valer-se á Cidade Rodrigo. Os proprios officiaes do exercito inglez tambem assim o pensavam, como lord Wellington o fez ver no officio, que na data de 11 de setembro de 1810 dirigiu a mr. Carlos Stuart, cousa de que nós já acima demos conhecimento ao leitor por extracto. Mas a estes votos de maior ou menor ponderação acresce ainda mais um outro, aliás attendivel, tal é o de Jomini, o qual censura em lord Wellington o não ter feito movimento algum durante os cercos da Cidade Rodrigo e Almeida, e em ter dispersado as suas forças, as quaes, quando reunidas, poderiam ter obstado ás subsequentes operações do marechal Massena, sem que elle lord Wellington comprometesse com isso o bom successo das suas.

Similhante observação não deixa de ter fundamento, porque aindaque lord Wellington se não mostrasse estranho a isto; tomando algumas providencias preventivas sobre este ponto, como adiante veremos, dando-se mais a circumstancia de poder reunir todas as suas forças por occasião da batalha do Bussaco, todavia a separação em que por bastante tempo

o general Hill esteve d'elle, chegando tarde, ou á ultima da hora ao logar do conflicto, mostra bem que isto proporcionava a Massena, quando pela sua parte tivesse mais actividade e vigor nos seus movimentos, o metter-se de permeio entre um e outro general, e bate-los por ordem de detalhe. Por outro lado a reunião das tropas do general Hill com as de lord Wellington dava a este general uma força de 56:000 homens na totalidade, e admittindo que as de Massena podessem subir a 60:000 homens[1], não nos parece que a superioridade de mais 4:000 fosse tão disparatada que o embaraçasse de dar uma batalha em conveniente posição, quando circumstancias tão imperiosas, como eram as de manter a Cidade Rodrigo e a praça de Almeida, e a do muito que im-

[1] Convem aqui recordar que o commando do marechal Massena comprehendia todo o paiz que vae desde o Tejo até ao golfo da Biscaya, e o que de Almeida se estende até Burgos. Por este modo vinha elle a ter debaixo das suas ordens os 110:000 homens, que designou na sua proclamação aos portuguezes. Mas d'este numero devem tirar-se os 13:000 homens que occupavam as Asturias e Santander; uns 4:000 que se achavam espalhados pelo governo de Valladolid; 8:000 que constituiam a divisão de Serras e estavam em Zamora e Benavente; e finalmente os 19:000 que compunham o nono corpo, commandado por Drouet, o qual só mais tarde veiu a encorporar-se no exercito invasor. Feitas pois estas deducções, acharemos que as tropas de Massena, destinadas em especial á invasão de Portugal, se limitavam a 66:000 homens, incluindo a cavallaria. Mas como os francezes na sua contagem de forças comprehendem sempre officiaes e soldados, ao passo que os inglezes só contam praças de pret, deveremos ainda dos citados 66:000 homens tirar o numero dos respectivos officiaes, para justamente equipararmos a força do exercito francez ao modo por que lord Wellington designava a do seu commando, de que resultará em tal caso o numero de 60:000 homens, pouco mais ou menos, que acima designámos para o exercito de Massena. Já portanto vê o leitor que não exagerámos para menos as forças francezas que lord Wellington podia ter contra si na fronteira de Portugal. A pag. 571 do tomo VII das *Memorias de Massena* se lê, em conformidade com o que dizemos, que no acto do seu exercito se pôr em marcha para Portugal contava elle 58:956 homens, dos quaes 7:468 eram de cavallaria, trazendo mais 84 peças de artilheria. Foi muito depois d'isto que se lhe juntou o nono corpo de Drouet, na força de 19:000 a 20:000 homens, e os 8:000 para 9:000 do commando de Gardanne, como adiante veremos. Portanto, segundo o que nos diz Massena, a sua

podem evitar igualmente os males da invasão de Massena em Portugal, assim o exigiam. Virá reforçar mais o que aqui dizemos, quando virmos o bom successo da batalha do Bussaco. Mas quer fosse quer não racional a opinião do principal Souza, apresenta-la elle e sustenta-la em sessão ou sessões dos seus collegas da regencia, da qual tambem era membro, não era seguramente um crime de tal ordem, que valesse a pena da pertinaz insistencia que lord Wellington empregou, tanto junto do seu governo, como do principe regente de Portugal, para se lhe dar a demissão. Não será isto uma evidente prova de que elle só queria ter entre nós no governo humildes e abjectos sectarios para tudo quanto quizesse e fizesse[1]?

força ao entrar em Portugal andava apenas por 59:000 homens, incluindo, já se vê, officiaes e soldados, numero que talvez fosse exacto, attentas as guarnições que havia de ter deixado em Astorga, na Cidade Rodrigo e Almeida. Fririon dá-lhe a pag. 40 do seu *Jornal historico*, com relação ao dia 15 de setembro de 1810, a força de 2:336 officiaes e 57:470 soldados, ou a de 59:806 homens ao todo, sendo o numero dos cavallos 14:313.

[1] Tanto isto é verdade, que até queria intervir na nomeação dos membros da regencia, levando muito a mal a nomeação d'aquelles que lhe não agradavam, como succedeu com a do dr. Ricardo Raymundo Nogueira, sobre a qual se exprimiu assim no despacho, que de Celorico dirigiu em 4 de agosto de 1810, a mr. Carlos Stuart: «É extraordinario que emquanto nós trabalhâmos aqui, vós e eu, para dar força e estabilidade ao governo, e sobretudo a sustentar D. Miguel Pereira Forjaz, como o que melhor nos póde servir e secundar-nos no progresso da guerra, é extraordinario, digo eu, que o ministerio do rei no Brazil tenha feito um novo arranjo de governo, expressamente combinado para destruir a influencia que aqui temos mantido. A entrada do dr. Raymundo Nogueira na regencia, e as rasões que se tem dado para n'ella o admittirem são verdadeiramente irrisorias. Entrou n'ella para trabalhar na destruição da influencia secretarial que temos procurado estabelecer e sustentar. A escolha que d'elle se fez deve agradar ás baixas classes, d'onde foi tirado. É uma desgraça para a peninsula que tenhamos sempre pensado em Inglaterra dar um caracter democratico ao que aqui se fazia, ao passo que nada está mais longe das intenções da população. O principio de todas as acções do excellente povo d'estas regiões é anti-francez, e não é mais do que isto. Tudo o que elle pede é que o livremos das garras dos francezes, e muito pouco lhe importa a que in-

Mas o certo é que, escandalisado lord Wellington, como no mais alto grau se mostrou contra o principal Sousa, pela opinião que emittíra como membro da regencia, em contradicção á sua, decidiu-se com effeito a pedir a sua demissão do commando do exercito, quando o dito principal houvesse de continuar no governo, e para este fim escreveu para o Rio de Janeiro ao principe regente de Portugal uma carta, datada do Cartaxo aos 30 de novembro de 1810[1], dizendo-lhe: «Sem duvida quando vossa alteza real me nomeou marechal general dos seus exercitos, e me conferiu esta dignidade com todos os poderes e todos os privilegios de que gosou o fallecido duque de Lafões, vossa alteza real entendeu que fosse eu, e não o governo local de Portugal, e ainda menos um membro particular do governo, o responsavel pelo plano e execução das operações militares. Em todo o caso sua magestade, que igualmente me confiou o plano das suas tropas, olha-me como o responsavel pela honra e salvação do seu exercito, e portanto não permittirei a pessoa alguma, qualquer que seja o respeito que mereça, intremetter-se no desempenho das obrigações, que particular e exclusivamente me compete desempenhar, se é que me não engano. Todavia o

dividuos e a que classe de gente deva elle a sua salvação. Para fallar breve, acredito que elle prefiriria ser governado pelas altas classes, fundado n'esta idéa de que as altas classes têem estudado mais a sciencia do governo; que ellas têem mais experiencia e capacidade para o manejo dos negocios publicos, e que merecem mais a sua confiança, como devendo ellas, mais provavelmente do que qualquer outra, salva-lo dos francezes. Se verdadeiramente o doutor tivesse mostrado talentos como homem politico, poderia haver rasões para o pôr onde está; porém tal como é, é cousa absurda e desgraçada». Já a pag. 470 do anterior volume dissemos o contrario do que d'elle diz lord Wellington, pois o bom conceito que d'elle faziam os seus discipulos, e até mesmo os lentes da universidade, seus collegas, onde chegou a lente de prima da faculdade de direito, foi não só a causa de ser de lá chamado para reitor do antigo collegio dos nobres, mas até mesmo a da sua nomeação para governador do reino. N'isto não havia portanto mais do que má vontade de lord Wellington para com elle, injustas como eram as allegações que contra elle fazia.

[1] Veja o documento n.º 96.

principal Sousa foi de parecer que a guerra devia em todo o caso fazer-se sobre as fronteiras da Beira; que se devia operar offensivamente alem da fronteira hespanhola; que uma batalha geral se devia dar, qualquer que fosse o seu risco, concebendo e manifestando assim uma opinião contraria á minha sobre o detalhe das operações, em que elle não tinha direito, segundo a mim me parece, de se intremetter por modo algum». Depois d'este exordio, culpava-o de ter conseguido dos seus collegas no governo o retardamento das ordens para a execução das medidas que d'elles tinha exigido, como auxiliares das suas operações militares, e que deviam promptamente ser executadas; mas como era possivel que o principal tivesse rasão e elle não, pedia em tal caso a sua demissão do commando, por se mostrar incapaz de corresponder á grande confiança que n'elle se tinha posto. «Em ultimo logar acredito, dizia elle mais, que uma grande maioria dos membros do governo decidiu adoptar as medidas que lhe propuz, não querendo que se retardassem, submettendo-as de novo ao meu parecer, ou sujeitando-as ás discussões que sobre ellas levantou o principal Sousa: *persuado-me pois que se esta personagem fosse removida do governo,* os negocios voltariam a ter a mesma unanimidade e a mesma satisfação para mim que tiveram até á sua nomeação».

Esta carta de lord Wellington, reunida ás instancias que o governo inglez fez igualmente por via de lord Strangford, seu ministro no Rio de Janeiro, sobre o mesmo assumpto, desvairou completamente a rasão ao conde de Linhares, que constantemente docil e subserviente em tudo ás exigencias e vontades do ministerio britannico, só n'isto, ou na defeza e sustentação de seu irmão no poder, mostrou a mais notavel tenacidade, arrostando assim com as opiniões das mais altas e poderosas personagens da Gran-Bretanha por aquelle tempo. Viu-se então pela primeira vez censurar acrimoniosamente as exigencias e operações dos generaes inglezes, por ser a unica maneira de poder abonar a conducta do principal Sousa, seu irmão, dizendo assim para Londres: «Se todo este sucesso (o da entrada de Massena no interior do reino) moveu

e agitou o piedoso animo de sua alteza real, muito mais o affligiu e inquietou o ver que os agentes inglezes, de que tanto tem havido até aqui de louvar-se, de repente pareceram mudar de sentimentos e quererem separar-se dos governadores do reino, que em tão criticas circumstancias haviam julgado dever representar, tanto ao marechal general, lord Wellington, como á côrte de Londres, por via de v. ex.ª, sobre as tristes consequencias que se seguiam do plano adoptado, e do qual nada se lhes participou, senão no momento em que principiou a sua execução[1]». Em seguida ao que o conde de Linhares assim communicára para Londres ao ministro de Portugal n'aquella côrte, ordenou-lhe mais por um outro officio[2], que fizesse saber ao ministro britannico, que o principal Sousa era desgraçadamente victima do seu muito zêlo e fidelidade para com o principe regente, não sendo as queixas que contra elle se faziam outra cousa mais do que o effeito das intrigas, que em seu desabono tinha urdido D. Miguel Pereira Forjaz, de concurso com sir Carlos Stuard, e talvez que tambem com João Antonio Salter de Mendonça, succedendo isto no momento em que o accusado prestava ao principe regente e ao paiz os mais assignalados serviços no auge da mais terrivel crise: que se portanto se insistisse na demissão do principal Sousa, indispensavel era tambem que o principe regente cohonestasse este acto publico, demittindo igualmente do seu serviço e afastando para fóra de Lisboa, onde era tão odiado, D. Miguel Pereira Forjaz, sendo tambem indispensavel que sua magestade britannica accedesse a remover igualmente da referida cidade sir Carlos Stuard, que tão notavel se tinha tambem tornado nas intrigas contra o dito principal. Ao que fica exposto acresceu ainda que o nosso dito embaixador era pelo citado officio auctorisado para que, no caso da demissão do citado principal se tornar indispensavel, sem compensação para a dignidade do principe regente, escrevesse logo ao accusado para que se de-

[1] Documento n.º 96-A.
[2] Documento n.º 97.

mittisse, largando o logar de governador, e se apresentasse no Rio de Janeiro. «E sua alteza real auctorisa mais a v. ex.ª, continuava ainda o referido officio, para que n'este caso procure dar algum ciume ao ministerio por meio da opposição, se assim o julgar conveniente; vendo se é tambem possivel interessa-la para que force o ministerio a continuar aquelles poderosos auxilios de que Portugal necessita, muito mais depois que o plano de campanha que se adoptou acaba de arruinar uma terça parte do reino completamente».

Esta questão tornou-se objecto de uma aturada correspondencia, poisque lord Wellington e o ministerio britannico não desistiam da exigida demissão do principal Sousa. Sanou-se finalmente esta longa e pertinaz contestação, conseguindo o conde de Linhares que seu irmão continuasse no logar de governador do reino, tomando a resolução de mandar entregar a lord Wellington o decreto da dita demissão com uma carta do principe regente de Portugal para o principe regente de Inglaterra, a fim de que este se servisse ou dar á execução, ou suspender a determinação do sobredito decreto, que aliás tinha por muito contrario aos interesses do reino e da sua real corôa, havendo-o expedido sómente com o fim de mostrar até que ponto se achava disposto a todo o sacrificio para o bem da causa commum dos alliados. Ao marquez de Wellesley mandava o conde de Linhares expor o que fica dito, fazendo-lhe igualmente ver que talvez tarde conhecesse quanto perdia a causa publica em se retirar do serviço *o homem que mais verdadeiramente se interessava na conservação do systema federativo que felizmente existia entre Portugal e Inglaterra*[1], e que só tinha por oppositores homens que o povo portuguez detestava, e que em grande parte foram ligados ao systema de alliança franceza[2], e que

[1] É uma vergonha que assim se veja um ministro d'estado alardear o seu baixo servilismo e o de seu irmão, o principal Sousa, para com o governo britannico, allegando como obra meritoria para se conceder a este ultimo o continuar a fazer parte do governo de Lisboa.

[2] Nunca fomos affeiçoados ao nome de D. Miguel Pereira Forjaz, porque nem mesmo de pessoa o conhecemos, sendo no tempo do seu go-

só tinham merecido a confiança dos generaes inglezes, pelos terem rodeado de pessoas do seu partido, e que em grande parte eram a causa da falta da popularidade que os referidos generaes já começavam a ter no paiz[1]. Foi por meio d'estas baixezas e intrigas que o conde de Linhares conseguiu a conservação do seu irmão, o principal Sousa, em governador do reino, como já dissemos, sendo finalmente este mais um dos curiosos incidentes historicos a que viera dar logar a propinquidade da invasão do exercito do marechal Massena em Portugal.

verno muito humildes e de poucos annos para nos honrarmos com as suas relações: a nossa indisposição para com elle só provém de alguns actos da sua vida publica que condemnâmos. Mas em abono da verdade e por dever de justiça não podemos admittir que o conde de Linhares, só porque D. Miguel Pereira Forjaz não engraçava com seus irmãos, no que talvez tivesse rasão, lhe levantasse o injusto labéu de ligado aos francezes; D. Miguel Pereira Forjaz, que já se tinha distinguido na campanha do Roussillon contra a França, emquanto que o conde de Linhares estava então em Turim passando muito descansadamente o seu tempo, vendo como diplomatico em que paravam os acontecimentos da revolução franceza, e seu irmão, o principal Sousa, vendo deitar bençãos ao povo, durante as poucas vezes que á antiga barraca patriarchal da Ajuda ía exercer as suas funcções de principal, por occasião das suas festas solemnes; D. Miguel Pereira Forjaz que, tendo-se exautorado dos seus cargos durante o jugo francez e retirado para Coimbra, o que de certo não fez o principal Sousa, havia promptamente corrido para a cidade do Porto em 1808, para ali tomar parte na sua heroica resolução de resistencia contra os francezes, vindo como tal debaixo das ordens de Bernardim Freire de Andrade no exercito que se reunira em Coimbra contra os mesmos francezes, e d'ali marchára para Leiria, quando o combate da Roliça e a batalha do Vimeiro obrigaram Junot a saír do Tejo! E que fazia por esse tempo o conde de Linhares no Rio de Janeiro? Intrigava e prostrava-se de rojo ante os inglezes para ser ministro omnipotente, para como tal dar muito graciosamente a seu irmão, D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, o caracter de embaixador de Portugal em Londres e o titulo de conde do Funchal, e para fazer um outro seu irmão, o citado principal Sousa, membro do governo de Lisboa, intrigando para isso quem muito bem lhe pareceu.

[1] Veja os documentos n.os 98 e 98-A.

CAPITULO III

Insistindo lord Wellington em defender Portugal, postando para este fim o seu exercito entre o Douro e o Tejo, o marechal Massena avançou, não obstante isso, contra este reino, obrigando o mesmo lord Wellington a retirar-se do rio Alva para a serra do Bussaco, onde se travou a memoravel batalha d'este nome, ganha pelo exercito luso-britannico, o que todavia não impediu que o mesmo Massena alcançasse, por informações de um aldeão, a estrada do Porto a Coimbra, de que resultou retirar-se lord Wellington precipitadamente para as linhas de Torres Vedras, depois de algumas escaramuças entre a vanguarda do exercito francez e a retaguarda do luso-britannico em Pombal, Rio Maior e Ameixoeira. O mesmo lord Wellington, chegando ás ditas linhas, decidiu-se a constituir em primeira linha de defeza de Lisboa o espaço de terreno que decorre desde Alhandra até Torres Vedras e foz do rio Sizandro, na Praia Formosa, não obstante o consideravel atrazo em que para tal fim ainda por então se achavam as fortificações do seu respectivo centro, dando-se por conseguinte o caracter de segunda linha á que ía desde a Povoa de Santa Iria até Mafra, Carvoeira e foz do ribeiro de S. Julião. Posições das differentes divisões do exercito luso-britannico na dita primeira linha, com a designação certa da força do exercito portuguez que n'ella igualmente se achava, quer de primeira linha, quer de milicias, e quaes os commandantes das suas differentes brigadas.

Começára pois a memoravel campanha de 1810 com os mais funestos auspicios para a causa dos alliados, impressionando terrivelmente o proprio ministerio britannico, já em rasão do numeroso exercito francez que occupava a Hespanha, e do que se achava destinado a invadir Portugal, e já tambem da grande reputação dos generaes que os commandavam, e se viam em marcha contra este reino. De reforço a estas ponderosas causas, aliás promotoras de um geral desalento, a ellas viera igualmente juntar-se a sensivel perda da Cidade Rodrigo, o desastre do combate do general Crawfurd, dado alem do Côa, e por fim de tudo a lamentavel quéda da praça de Almeida, em que entrára a perda de 1:200 homens de tropa de linha, alem da de milicias. Estes desastres eram

retintos com as mais negras cores nas cartas que os proprios officiaes inglezes, empregados no exercito, dirigiam para as suas familias e amigos na Gran-Bretanha, dando-lhes como duvidoso, ou antes com toda a probabilidade de mau resultado, o exito da luta emprehendida com taes auspicios contra os francezes. Aterrado como o proprio ministerio inglez parecia estar, não duvidou escrever pela sua parte a lord Wellington, insinuando-lhe, nas instrucções particulares que lhe mandára, que sua magestade britannica mais depressa veria com prazer a retirada do seu exercito da peninsula do que o deixar-lhe correr o risco de uma total derrota, demorando-lhe o seu embarque. Qualquer outro general menos firme e persistente do que lord Wellington, e que não confiasse tanto nos seus planos e meios de que dispunha, seguramente teria hesitado no partido que deveria tomar, dando aos habitantes da peninsula mais um novo e funesto exemplo de precipitada retirada das tropas inglezas para o seu paiz, cousa em que alguns portuguezes muito acreditavam, particularmente os addictos ao partido francez, pelo que já tinham visto no tempo do general Cradock. Mas lord Wellington, que era de diversa tempera da d'este general, e tinha outros sentimentos e outra capacidade que elle não tinha, em vez de desanimar, mais inhabalavel se mostrou na execução do plano que concebêra, postoque a repentina e inesperada perda da praça de Almeida lh'o transtornasse algum tanto, dando logar a que o inimigo podesse adiantar as suas operações de invasão. Postoque não desanimasse, lord Wellington sentiu profundamente a quêda da referida praça, como já vimos a pag. 115 do anterior capitulo, e elle proprio o confessou muito expressamente no officio que dirigiu a D. Miguel Pereira Forjaz, dizendo-lhe: «Não devo occultar a v. ex.ª, que este desafortunado acontecimento tem sido para mim sensivel, mallogrando-se o que devia esperar, attenta a maneira por que a guarnição se achava provida com todos os objectos necessarios para uma pertinaz resistencia e o respeitavel estado das suas fortificações, e não menos o bom estado e coragem que percebia no governador, e que a guarnição tambem pela sua parte afian-

gava. Por todos estes motivos eu tinha esperança que a praça se manteria até á ultima extremidade, quando eu não tivesse tido a opportunidade de a soccorrer, e que em todo o caso teria demorado o inimigo até um mais largo periodo da estação». O certo é que em consequencia d'este desastre lord Wellington fixou novamente no dia 28 de agosto o seu quartel general em Celorico, d'onde no dia 4 de setembro o transferiu para Gouveia, em consequencia da reunião, ou do maior cumulo das forças inimigas sobre o alto Côa, e dos seus movimentos sobre Alverca. A sua cavallaria e infanteria havia-se postado por trás de Celorico.

Para bem se conhecer o acerto d'estas e das subsequentes operações deveremos lembrar-nos de que entre o Tejo e o Douro duas grandes estradas offerecia Portugal aos invasores, achando-se uma ao norte e outra ao sul da serra da Estrella, como vimos no anterior capitulo, a saber, uma que do Valle de la Mula vem a Pinhel e Celorico, e outra que do mesmo Valle de la Mula vem á Guarda, Belmonte, Caria e Abrantes. Os rios Zezere e Mondego têem n'esta mesma serra as suas nascentes, dirigindo para diversos lados os seus respectivos cursos. Ao partir da villa de Manteigas abre o rio Zezere caminho, ao principio na direcção do nascente e depois na do poente, recebendo varios rios e ribeiros, direcção que em seguida abandona para tomar a do sudoeste e por fim a do sul, recebendo novos rios e riachos, incluindo o Nabão, até ir terminar no Tejo, junto á villa de Constancia. O Mondego, nascendo ao nordeste da citada villa de Manteigas, corre depois para o norte, curva-se em seguida para a de Celorico, d'onde então volta para o sudoeste até chegar a Coimbra, cujas fraldas banha; d'aqui segue depois para oeste, até ir ganhar a villa da Figueira da Foz, onde entra no mar, formando o porto de Buarcos. Entre o Mondego e o Zezere corre ainda o rio Alva, cuja nascente é igualmente como a d'elles na serra da Estrella, da qual se dirige para o sudoeste, indo cercar as villas de Sandomil, Avô, Coja e Arganil; inclina-se depois para a parte do norte, d'aqui para a de oeste, indo por ultimo desaguar no Mondego, junto da Raiva, cousa de cinco leguas

acima de Coimbra. Por qualquer das duas estradas superiormente mencionadas, a do norte e a do sul da serra da Estrella, podem as tropas de um exercito invasor vencer a dita serra para d'ella se dirigirem a Lisboa. A do norte é, como já dissemos, a que de Almeida vem a Celorico, onde se bifurca, cortando um dos seus ramaes o rio Mondego em Fornos, d'onde segue para Vizeu, Santa Combadão, Mortagua, Bussaco e Coimbra, e d'aqui para Lisboa. O outro ramal vem de Celorico á ponte da Murcella, Foz de Arouce, Miranda do Corvo, Espinhal, Ancião, Thomar, Gollegã, Santarem e Lisboa. Na extremidade oriental da mesma serra da Estrella se acha situada a cidade da Guarda, sendo por ella que a dita serra se atravessa, cortada como é pela estrada que da referida cidade se dirige para o sul da mesma serra, vindo a Belmonte, Caria, Fundão, Castello Branco, Abrantes, Santarem e Lisboa. O marechal Massena, tendo-se assenhoreado da Cidade Rodrigo e da praça de Almeida, ameaçava marchar pela estrada do norte da serra da Estrella, procurando lord Wellington embaraçar-lhe o passo com a maior parte do exercito luso-britannico. Para a estrada do sul parecia querer dirigir a sua marcha o general Reynier, que na raia da Hespanha, fronteira a Castello Branco, se achava com o seu segundo corpo, de que resultava a necessidade dos alliados se opporem ao seu designio, como effectivamente succedia, por meio das forças do general Hill, o qual na mesma cidade de Castello Branco se achava para este fim postado, como atrás notámos. Pela sua parte Massena, a querer vir de Celorico á Guarda, podia seguir para Lisboa por qualquer das estradas do norte ou do sul da serra da Estrella, como bem lhe aprouvesse, sendo todavia muito mais provavel que preferisse a primeira á segunda, pela maior difficuldade que esta offerecia ao transito da sua artilheria e grossas equipagens.

Á vista d'esta breve descripção é evidente que o exercito luso-britannico não podia concentrar-se para operação alguma a leste do rio Alva, para não abrir ao inimigo uma das duas grandes estradas, que por aquelle lado do paiz vem

para Lisboa. Pela sua parte o general inglez sir Rowland Hill não podia fazer a sua juncção com o grosso do exercito sem passar por Coimbra, ou a leste d'esta cidade. O general francez Reynier estava-lhe sempre pela frente, e com toda a facilidade, abandonada que fosse Castello Branco, poderia em tal caso lançar-se na estrada da Beira Baixa. Por conseguinte a salvação do exercito luso-britannico e a da capital do reino dependiam inteiramente das operações da reserva do exercito, postada sobre o rio Zezere. Quando mesmo esta reserva a elle se reunisse, ainda assim não formava uma força sufficiente para emprehender operação offensiva de importancia contra um tão numeroso exercito, como se suppunha ser o de Massena, e um unico revez experimentado pelo general Hill, cuja divisão não era tão forte como a franceza de Reynier, exporia a uma total ruina a causa dos alliados. O total do exercito luso-britannico, reunindo-se-lhe a divisão do general Hill, era apenas de 56:000 a 60:000 homens, força que se podia reputar igual á do sexto e oitavo corpo, não comprehendendo as divisões Serras e Kellermann, e quando tal juncção inconsideradamente se effeituasse, o segundo corpo, composto de 16:000 a 17:000 homens, podia bem chegar a Lisboa sem nenhum obstaculo, marchando pela Beira Baixa. Por conseguinte tornou-se da mais absoluta necessidade observar attentamente os movimentos do inimigo, quer por uma, quer por outra estrada, e concentrar o exercito luso-britannico na primeira posição favoravel que se encontrasse, logoque Massena desse bem a conhecer qual era a sua verdadeira linha de ataque. No caso d'este ser em duas linhas, o exercito alliado não poderia provavelmente concentrar-se antes de chegar ás immediações de Lisboa. Todavia os movimentos do exercito inimigo fizeram ter como provavel a marcha de todo elle n'um só corpo, concentrado no valle do Mondego, de que resultou postar-se lord Wellington de observação em Gouveia, ao nordeste do rio Alva, o que depois lhe facilitou os seus movimentos atravez do mesmo Mondego, e a concentração das suas tropas na serra do Bussaco.

«Muito mal apreciará, diz o general Foy, a difficuldade de

invadir Portugal quem se guiar pelo aspecto que apresenta a configuração do paiz sobre as cartas geographicas. Estabelecido um exercito na Hespanha, parece não ter a dar mais que um só passo para cortar ao meio esta facha de terreno, parallela ao mar, de 130 leguas de comprido sobre 50 de largo[1]. Esta operação parece tanto mais simples, quanto que os dois maiores rios do paiz, o Douro e o Tejo, tem já consumido em Hespanha a maior parte do seu curso; e postoque a geographia physica ensine que as montanhas se deprimem e os valles se alargam, á medida que os rios se approximam da sua embocadura, em Portugal succede o contrario, *e é por isso que elle se constituiu em reino independente da Hespanha.* A natureza e a rasão d'estado conspiraram juntamente para impedir que atravez dos rochedos da Beira se podessem fazer caminhos de communicação entre Portugal e Hespanha. A estrada real de Bayonna a Lisboa, a trilhada pelas carruagens, passa por Madrid, atravessa o Tejo na ponte de Almaraz, entra em Portugal pelo Alemtejo, e vae outra vez atravessar o mesmo Tejo diante de Lisboa, onde este rio tem tres leguas de largura... Era portanto forçoso ir esbarrar contra a serra da Estrella. Por este lado dois caminhos partem para Lisboa, um ao norte, outro ao meio dia da crista da montanha. O primeiro passa por Almeida, Celorico, ponte da Murcella e Thomar. Os estreitos carros do paiz, que são puxados a bois, com facilidade rodam por ella. Não se lhe encontram obstaculos de consideração para a marcha da artilheria, senão na descida da chapada schistosa da Beira, indo para o valle do Mondego, sendo em pequeno numero as torrentes que tem de se passar a vau. Ha pontes sobre os principaes rios, como o Mondego, o Alva e o Ceira. O segundo caminho passa por Castello Branco e Abrantes. Atravessa por espaço

[1] O maior comprimento de Portugal é o que vae desde o cabo de Santa Maria no Algarve até Melgaço, na raia da Galliza, comprehendendo 94 leguas portuguezas, ou 104 de vinte ao grau: a sua maior largura é a que vae da barra de Caminha até á raia, um pouco acima de Miranda, comprehendendo 40 leguas portuguezas, ou perto de 45 de vinte ao grau.

de trinta leguas um montão de rochedos e um deserto, onde a industria tem fecundado aqui e acolá alguns bocados de uma terra ingrata. De duas em duas leguas encontram-se ribeiras que não têem pontes, nem barcos de passagem, ribeiras que durante as chuvas não se podem atravessar sem perigo. N'um terreno tão fortemente accidentado a mais inerte defeza póde desconcertar o mais aguerrido exercito». Á vista pois d'esta nova descripção topographica bastante rasão tinha lord Wellington para suppor que, depois da rendição de Almeida, disposto como o marechal Massena se achava a invadir Portugal, a sua marcha seria provavelmente feita a Celorico e ponte da Murcella; mas apesar d'isto tambem não deixou de attender ao outro caminho que de Castello Branco vem a Abrantes, vigiado pelo general Hill, como já acima se viu.

Effectivamente era de receiar que alguma parte do exercito francez, e designadamente o segundo corpo, do commando de Reynier, se dirigisse a invadir Portugal pela estrada de Castello Branco a Abrantes, segundo as idéas que o coronel de engenheiros Vincent a tal respeito consignára n'uma das suas memorias, por elle entregue ao imperador Napoleão, por occasião da sua entrada em Hespanha nos fins de 1808[1]. Na referida memoria diz elle: «Toda a porção da fronteira terrestre de Portugal, comprehendida entre a cadeia das Asturias e o curso do rio Tejo, é extremamente montuosa, sendo particularmente, quando nos approximâmos da referida cadeia, que se acham as mais asperas montanhas. As bordas da margem direita do Douro, que são as primeiras dependencias da cadeia das Asturias, devem portanto ser mais elevadas e mais difficeis de atravessar do que as bordas da margem esquerda. A provincia portugueza de Traz os Montes é effectivamente a mais impraticavel, em rasão das suas montanhas, do que a provincia da Beira, e se a estas reflexões geraes ajuntarmos que o caminho mais perto para se chegar de França a Portugal é o da Beira, facilmente nos

[1] Esta memoria é uma das que constituem o documento n.º 99-A.

persuadiremos que a entrada mais natural para se penetrar em Portugal deve ser a que se acha entre o Douro e o Tejo. Muitas communicações difficeis se apresentam n'esta parte a um exercito, no intento de invadir este reino, quando se observa que no paiz ha uma absoluta falta de viveres, d'onde resulta a necessidade de se tomarem as mais importantes precauções para se poder submetter Portugal. A primeira será o assenhorear-se o referido exercito da praça de Almeida e da Cidade Rodrigo, para n'ellas se estabelecerem armazens, alimentados pelo deposito geral do exercito de Portugal, que se deverá estabelecer em Salamanca. Por conseguinte primeiro que tudo torna-se necessaria, não só a occupação de Salamanca, de Almeida e Cidade Rodrigo, mas até mesmo a tranquillidade da Hespanha, cousas indispensaveis a um exercito que queira invadir Lisboa e Portugal. Uma communicação difficil, mas praticavel para os pequenos meios de transporte do paiz, vae desde Almeida até Coimbra, d'onde parte uma grande e bella estrada que se dirige a Lisboa». Mais adiante acrescenta o mesmo Vincent: «Suppondo que o exercito de invasão se tenha assenhoreado de Salamanca, Cidade Rodrigo e Almeida, de Zarza la Maior e de Alcantara, a sua direita se acampará na bacia do Côa, entre Almeida e Cidade Rodrigo, bacia de que já se apresentou um excellente reconhecimento. *O centro do exercito, passando o Elga a secco, marchará sobre Castello Branco;* as melhores cartas d'esta importante parte do paiz tambem já foram fornecidas, e se o Tejo for vadeavel abaixo de Abrantes, e se se estabelecer uma ponte em Villa Velha, uma forte divisão entrará no Alemtejo, coroando as alturas de Sever, para se tornar senhora da margem esquerda do rio, apoiando-se no soccorro que poderá tirar da margem direita, por meio da citada ponte e vau, e *vice-versa*. Suppondo-se portanto o exercito senhor das duas margens do Tejo, póde elle tirar grandes recursos do Alemtejo, provincia de que já se entregou uma boa carta de reconhecimento, acompanhada de uma memoria militar, a mais detalhada possivel, escripta em portuguez».

Por conseguinte, ou a alta intelligencia de lord Wellington lhe fizesse conhecer a importancia que n'aquellas circumstancias podia ter a estrada, que de Castello Branco se dirige a Abrantes, ou isto lhe fosse suggerido pelas minutas das memorias do sobredito coronel Vincent, de que se achava munido, segundo o que a tal respeito nos diz o historiador Napier, o certo é que, mantendo-se em Gouveia, estendeu os postos avançados do seu exercito, comprehendendo as tropas de Hill e algumas outras sobre a sua direita, desde o flanco de Almeida pela serra da Estrella até á Guarda e Castello Branco: no caso de ataque todas as suas forças deviam recolher-se e concentrar-se nas linhas defensivas de Lisboa. O grande inconveniente d'esta posição era a immensa extensão da sua frente, porque o inimigo, ameaçando Celorico, podia interpor-se por Belmonte entre lord Wellington e o general Hill, separando muito um do outro, o que o mesmo Wellington esperava que não succedesse, em rasão do grande obstaculo da serra da Estrella, que não favorecia isto. Aqui se recordará o leitor de que o general Hill, tendo na sua frente o general Reynier, cujos movimentos por Hespanha elle acompanhára parallelamente em Portugal, chegára a Castello Branco no dia 21 de julho. Deixando n'esta cidade uma guarda avançada, e obedecendo ás ordens de lord Wellington, que lhe tinha enviado um reforço de cavallaria, o mesmo Hill viera posteriormente acampar-se em Sarzedas com 16:000 homens e 18 peças de artilheria. Para impedir ao inimigo o interpor-se entre um e outro d'estes generaes (lord Wellington e Hill), cortára-se o caminho acima da Covilhã, executando-se tambem outros trabalhos de defeza. Uma brigada portugueza estabeleceu-se no Fundão, e a reserva do mesmo Hill, composta dos 8:000 homens portuguezes e 2:000 inglezes, commandados pelo general Leith, achava-se postada em Thomar, entre duas posições intrincheiradas, a primeira das quaes ficava por trás do Zezere, estendendo-se pela barca de Codias até á confluente d'esta ribeira com o Tejo; a segunda era coberta pelo Alva, rio forte e rapido, que nasce, como já vimos, na serra da Estrella, e vem entrar no Mondego, um

pouco abaixo da Raiva. De Celorico podia lord Wellington retirar-se, ou pelo caminho que de lá vem á serra da Murcella, ou pelo que vem a Vizeu. O primeiro percorre um espaço de quinze leguas de comprido por um desfiladeiro entre o Mondego e a serra da Estrella, terminando na serra da Murcella, banhada pelas aguas do Alva. O general Hill, deixando Sarzedas, podia recuar sobre o Zezere, d'onde partia um caminho militar, que se havia construido por entre as montanhas até ao Espinhal, e communicava o mesmo Hill com o general Leith. Do Espinhal tinha-se reparado o caminho para Coimbra, e por meio d'elle se estabelecêra tambem a communicação com esta cidade. O caminho que de Celorico vem a Vizeu, seguido como foi pelo exercito francez, era por então um dos peiores de Portugal; cortado pelo Criz e outros mais riachos, corre alem d'isso estreitamente encaixilhado por entre o Mondego e as serras de Aradas e do Caramulo, indo-se por fim reunir por meio de um paiz montuoso á serra do Bussaco, a qual por assim dizer limita um valle, que tem do outro lado a serra da Murcella, correndo o Mondego pelas fraldas de ambas ellas. Por conseguinte a decisão de lord Wellington, ou a marcha que tinha a fazer, dependia da escolha do caminho, que os francezes houvessem de seguir na sua marcha para o interior do paiz.

Massena porém não conhecia o terreno que tinha de atravessar, nem a sua configuração, e por maneira alguma suspeitava a existencia das celebradas linhas de Torres Vedras, cuja construcção havia sido conduzida com tal circumspecção e resguardo, que os mesmos officiaes inglezes ignoravam a sua extensão e verdadeiros fins, suppondo que lord Wellington só tinha com ellas em vista segurar o embarque das suas tropas, logoque chegassem a Lisboa, retiradas que fossem do interior do reino. O mesmo Massena, guiando-se pelo que o coronel Vincent expozera a Napoleão na sua já citada memoria, e ouvindo tambem os conselhos dos officiaes portuguezes que com elle vinham, decidiu-se a tomar a estrada de Vizeu, para d'aqui se dirigir a Coimbra. A necessidade de prover as suas tropas de viveres demorou a sua marcha até

meado de setembro. Decidido por fim a começar com as suas operações, chamou a si o general Reynier, o qual com o segundo corpo do exercito francez do seu commando se achava até ali observando as fronteiras de Portugal pelo lado de Castello Branco. Em consequencia pois do seu chamamento o mesmo Reynier marchou para o norte, indo entrar em Alfaiates no dia 12 de setembro, e no dia 13 no Sabugal. Este movimento poz á immediata disposição de Massena todas as tropas com que estava destinado a entrar em Portugal, consistindo no citado segundo corpo do commando de Reynier, no sexto do commando do marechal Ney, e no oitavo do commando de Junot. Concentrados assim estes corpos, o sexto dirigiu-se no dia 15 do citado mez de setembro com o grosso da cavallaria para Freixedas e Maçal do Chão, estrada de Celorico, depois de ter passado o Côa em Pinhel, e o oitavo, passando o mesmo Côa em Porto de Vide, foi postar-se em Pinhel, trazendo na sua retaguarda uma columna de artilheria com as grossas equipagens, apoiadas n'uma reserva de cavallaria com alguma infanteria, as quaes para este fim tiveram ordem de deixar os seus acantonamentos. Pelas disposições assim tomadas pelo inimigo, podia elle decidir-se a marchar por qualquer das tres estradas que na sua frente tinha em direcção a Lisboa, isto é, a de Almeida para Celorico e Vizeu, a de Almeida e Celorico para a ponte da Murcella, e finalmente a da Guarda para Belmonte, Caria e Abrantes.

No meio de taes circumstancias é bem facil de ver que os alliados se achariam em anciosa expectativa, ignorando a resolução de Massena, o qual pela sua parte cuidava em lhes ganhar um dia de marcha, cousa da maior importancia para as suas operações, achando-se por então distante 33 leguas de Coimbra, quando o general Hill se achava d'ella mais afastado. Reynier, tendo pela sua parte destruido em Alcantara a respectiva ponte de barcos, e seguido depois para Alfaiates e Sabugal, marchou d'aqui para a Guarda, onde chegou no dia 16 de setembro; avançando depois para as planicies do valle do Mondego, ali se lhe juntou o sexto corpo, e a ca-

vallaria do general Montbrun, partindo de lá com toda esta força na direcção de Celorico. O nono corpo, commandado pelo general Drouet, continuou em Salamanca, para onde se dirigiu, depois que entrára em Hespanha, marchando posteriormente d'aquelle cidade para as fronteiras de Portugal, nas vistas de se postar de observação aos corpos de milicias dos generaes Bacellar e Silveira, achando-se em Valladolid a divisão de Serras. Pela sua parte lord Wellington, vendo a marcha das tropas francezas, e sabendo igualmente que as tropas de Reynier haviam entrado na Guarda, dispoz-se a reunir a si todas as forças do exercito luso-britannico. Elle mesmo pela sua parte se retirou de Gouveia no citado dia 16, fazendo tambem marchar sobre o Alva a sua primeira, terceira e quarta divisão, indo a sua cavallaria para o valle do Mondego: as suas tropas ligeiras postaram-se em S. Romão, na serra da Estrella, destinadas a cobrirem o quartel general, que da Cortiça passára durante a noite para Ceia. Massena foi estabelecer o seu em Celorico no mesmo dia 16, no qual tambem passaram a fronteira as grossas equipagens de que acima fallámos, vindo igualmente com ellas a caixa militar e as bagagens de todos os generaes francezes: a sua marcha era feita pela estrada de Almeida a Pinhel, Trancoso, Celorico e Vizeu, devendo aqui reunir-se todo o exercito, inclusivamente a artilheria, as bagagens e equipagens, escoltadas como estas eram pela reserva de infanteria e cavallaria, de que já fizemos menção, commandada a força d'estas duas armas pelo general Montbrun; a infanteria computava-se em 1:500 homens, compondo-se a cavallaria de tres regimentos de dragões.

Á vista do exposto persuadiu-se lord Wellington que o inimigo o seguiria pelo caminho mais curto, de que resultou marchar de Ceia em direitura á ponte de Murcella, cuja estrada os francezes começaram tambem a seguir, travando a sua vanguarda algumas escaramuças com os alliados. O marechal Massena porém, ou por se aproveitar dos recursos de Coimbra, ou por evitar a opposição que de certo ia encontrar na ponte da Murcella, ou finalmente por julgar que em vir-

tude da diligencia das suas marchas, ou de algum descuido dos alliados iria primeiro do que elles entrar na Extremadura[1], mudou de itinerario. Effectivamente duas leguas adiante de Celorico fez um movimento de flanco, tornando a passar o Mondego na ponte de Fornos: em conformidade com isto a vanguarda do sexto corpo foi postar-se no dia 18 adiante de Mangualde, situada ao poente do Mondego, circumstancia que fez ver a lord Wellington ser o seu destino a Vizeu, onde as suas primeiras tropas chegaram nos dias 19 e 20, tomando ali posição. No dito dia 19 estabeleceu elle Massena o seu quartel general n'aquella cidade, onde fez alto para esperar, não só pelo resto do exercito, mas igualmente pelo comboio das grossas equipagens, que vinham mais demoradas. Em consequencia pois d'esta mudança da marcha do inimigo lord Wellington teve tambem de passar para a margem direita do Mondego, assentando elle no dia 20 o seu quartel general em Lorvão, já para cá de Penacova, na citada margem direita do mesmo Mondego. Entre Vizeu e Coimbra não faltavam pontos fortes pela natureza, onde com vantagem se podia fazer uma efficaz resistencia aos francezes; mas de todos esses pontos o que para este fim lhe pareceu mais vantajoso foi a serra do Bussaco, decidindo-se a offerecer n'ella ao marechal Massena uma formal batalha, resolução para que talvez concorresse o clamor geral, que por toda a parte do reino se tinha levantado entre os portuguezes, vendo que o paiz se entregava á mercê dos invasores, sem se lhes oppor a menor resistencia. No intento pois de dar n'aquella serra essa formal batalha, para a qual lhe offerecia um bom ensejo a demora que o mesmo Massena pozera na sua marcha, nas vizinhanças do Bussaco mandou para tal fim juntar todas as suas tropas, parecendo-lhe que o seu adversario para ali se dirigiria. Convem aqui notarmos que quando no dia 18 as avançadas do marechal Ney se postaram adiante de Mangualde haviam chegado a Pi-

[1] Diz-se que a principal causa d'esta mudança de marcha foi a boa informação, dada a Massena pelos portuguezes que com elle vinham, sobre a commodidade que para a sua marcha lhe offerecia a estrada de Vizeu.

nhel as grossas equipagens francezas, indo no dia 19 a Trancoso, acampando-se no dia 20 quatro leguas para diante d'esta villa, na qual se achava de observação o oitavo corpo, do commando de Junot, com o fim de vigiar os movimentos das divisões de milicias portuguezas, que debaixo das ordens dos generaes Bacellar, Silveira e Miller, e dos coroneis Nicolau Trant e João Wilson se destinavam a perseguir os invasores pelo seu flanco direito e retaguarda.

Tal era o estado das cousas quando teve logar uma circumstancia, aliás pouco importante em si mesma, mas de algum valor real pelos seus resultados, sendo ella talvez mais uma das causas determinantes da batalha do Bussaco, a qual póde bem ser que lord Wellington não offerecesse a Massena, a não se dar tal circumstancia. A força de que o coronel Trant dispunha constava de 3:000 homens de milicias com cousa de 30 cavallos. Tivera elle por incumbencia vigiar as montanhas que estão entre a estrada de Vizeu e a do Porto, e com estas vistas se achava já no dia 17 de setembro em Moimenta da Beira, destinado a oppor-se á marcha do inimigo, defendendo para este fim os desfiladeiros que bordam a referida estrada na direcção de Lamego. Sabedor como foi o mesmo Trant da demora que o marechal Massena punha na sua marcha, por effeito do mau estado em que se achava a estrada que seguia, vendo-se obrigado a repara-la em certos pontos, para poder passar a columna da sua artilheria, decidiu-se á resoluta empreza de se apoderar d'ella, e das equipagens que comsigo vinham. Não é facil saber a rasão por que o marechal ordenou que a referida columna marchasse inteiramente a descoberto pela estrada de Pinhel a Trancoso sobre a direita do exercito. O general Montbrun tinha de cobrir a marcha com a força de que já acima fizemos menção; mas vendo que as carretas e bagagens seguiam o seu caminho vagarosamente, em rasão da má estrada, fez longos e frequentes descansos, para não fatigar inutilmente os cavallos, marchando com elles a passo lento, e por maneira tal, que Trant pôde sem risco algum ir postar-se no flanco da sobredita columna, desguarnecida inteiramente de tropas. Travando-se no dia 21 um

combate no caminho de Adesoromil para Bans, o mesmo Trant fez ao inimigo cousa de 80 prisioneiros, apoderando-se tambem de algumas bagagens, e mais completo seria o seu triumpho, se as tropas de que dispunha fossem mais disciplinadas. No meio de taes circumstancias o chefe de esquadrão Fontinilly e o capitão Prevot, com mais alguns officiaes do estado maior, tomaram o expediente de parlamentar com Trant, para ganharem tempo, esperando pela chegada de alguns gendarmes, com os quaes formaram depois um pelotão, e com elle passaram a acommetter novamente o mesmo Trant, a quem obrigaram a retirar-se [1]. Foi por este modo que se salvou a artilheria franceza; mas emquanto durava o combate a columna retrogradou para se approximar da cavallaria de Montbrun, que se achava muito para a retaguarda, o que foi causa de um atrazo de dois dias na marcha do exercito francez, circumstancia que para lord Wellington se tornou preciosa, aproveitando-a em concentrar as suas forças e estabelecer definitivamente a sua linha de batalha. «Nós mencionâmos isto, diz o general portuguez, Manuel Ignacio Martins Pamplona, que vinha no exercito de Massena [2], porque, apesar de pouco importante, parece ser uma prova de que na guerra não ha medida indifferente, sendo o desprezo de uma pequena precaução muitas vezes causa dos maiores desastres». Pamplona faz toda a auctoridade no que a tal respeito nosdiz, como testemunha occular do que se passou no exercito invasor, de que fazia parte.

Como já dissemos, o marechal Massena estabelecêra o seu quartel general em Vizeu no dia 19. N'aquella cidade convocou elle um conselho militar em que entrou o marechal Ney, e os generaes Reynier e Junot, bem como alguns portuguezes notaveis que vinham no seu exercito, taes como o marquez de Alorna, o de Loulé, o conde de S. Miguel, o já citado Manuel Ignacio Martins Pamplona e outros mais, para d'elles

[1] Veja o documento n.º 99-B.

[2] O opusculo onde elle menciona esta circumstancia é o que tem por titulo: *Aperçu nouveau sur les campagnes des français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811*. Paris, 1818.

saber se devia ou não atacar os alliados, e qual a estrada que mais lhe convinha tomar. A opinião do marechal Ney no referido conselho foi a de que não devia ter logar o ataque, tanto pela facilidade que lord Wellington tinha de reunir promptamente todo o seu exercito, como pela formidavel posição que se propunha ir occupar na serra do Bussaco. D'este mesmo parecer foram tambem os generaes Reynier e Junot, de que resultou perguntar Massena ao mesmo Ney: *Pois bem, que deveremos então fazer?* A isto respondeu Ney: *Tomarmos posição n'esta cidade, ou então retrogradar para Almeida para conter a Hespanha, e participar para Paris que não temos força bastante para conquistar Portugal.* Esta resposta, tão pouco conforme ao caracter intrepido do marechal Ney, fez suppor a Massena que elle o queria desviar de dar uma batalha, quando as circumstancias a isso o pareciam obrigar, para assim o privar da gloria de similhante conquista, indispondo-o de mais a mais com Buonaparte, por lhe contrariar as ordens. Provinha esta sua crença da hostilidade em que o marechal Ney se tinha abertamente collocado para com elle, mais particularmente desde a tomada da Cidade Rodrigo. Adoptando portanto uma opinião contraria á do conselho, justificou-a dizendo: *Je ne crois là que l'arrière garde ennemie: si toute l'armée s'y trouve, tant mieux, le bonheur de l'enfant chéri de la victoire* (nome que geralmente se dava a Massena), *ne l'abandonnera pas.* Não só foi levado a uma tal opinião pelo motivo que acima apontámos, mas tambem pela crença de que lord Wellington lhe não offereceria batalha, pela constante retirada que adiante d'elle fazia. E tão persuadido estava d'isto, que no dia 24 de setembro traçou o seguinte itinerario, em consequencia do qual o segundo e o sexto corpo se deviam achar reunidos diante de Coimbra: o oitavo corpo e a reserva de cavallaria tinham ordem de ir occupar Carquejo no mesmo dia. O grande parque de artilheria deveria achar-se no dia 30 em Fornos ao norte de Coimbra, itinerario que não foi seguido, por ter lord Wellington ido pela sua parte tomar posição no Bussaco. O estado da cidade de Vizeu era pouco auspicioso para a supposta

gloria de Massena em Portugal, cidade que achou abandonada por todos os seus moradores, cousa que não sómente o espantou, mas até lhe transtornou os seus planos, pela persuasão que trazia de ser cordealmente recebido pelos portuguezes, e por meio d'elles encontrar recursos que lhe assegurassem a subsistencia do seu exercito para o bom exito das suas operações. Participando Massena a sua marcha ao principe de Wagram, lhe dizia elle no seu officio de 22 de setembro: «Meu senhor. Nós não marchâmos senão por desertos. Em parte alguma se encontra uma alma viva; tudo se acha abandonado. Os inglezes levam a barbaridade ao ponto de mandarem fuzilar os desgraçados que ficam em suas casas: mulheres, creanças e velhos tudo foge. Finalmente em nenhum logar se póde achar um guia. Os nossos soldados encontraram batatas e outros legumes: estão todos muito contentes e não desejam senão o momento de se encontrarem com o inimigo[1]». Effectivamente o paiz entre o Côa e Coimbra tinha sido devastado pelas duas margens do Mondego, os moinhos haviam-se destruido, e as ordenanças tinham pegado em armas, retirando-se todo o restante povo para o mais alto das montanhas.

O exercito francez seguira de Vizeu para Tondella e de lá para Mortagua e no dia 22 para Santa Comba Dão, onde se reunem os rios Criz e Dão. Foi n'este mesmo dia que o brigadeiro Diniz Pack, atravessando o Mondego da sua margem esquerda para a direita em Foz Dão com a 1.ª brigada portugueza do seu commando, composta dos regimentos de infanteria n.os 1 e 16 com caçadores n.º 4, com ella se retirou depois para cá do Criz, cuja ponte destruiu, como fizera igualmente á do rio Dão, o qual, engrossado com as aguas d'aquelle, vem por fim entrar no Mondego pela sua margem direita. A guarda avançada do inimigo, tendo pela sua parte reparado as duas ditas pontes, passou no dia 23 o rio Criz,

[1] Lord Wellington pedira ao governo portuguez que na *Gazeta de Lisboa* se publicasse o citado officio de Massena, que lhe fôra interceptado.

juntando-se-lhe tambem da parte de cá d'elle toda a força do 6.º corpo, ao qual igualmente no dia 25 se reuniu o de Reynier. Já atrás dissemos que, vendo lord Wellington a mudança da marcha de Massena e a sua direcção para Vizeu e d'aqui para Tondella, cuidou logo em passar tambem da margem esquerda para a direita do Mondego, indo no dia 20 estabelecer o seu quartel general em Lorvão, decidido a ir postar-se na serra do Bussaco, de que resultou atravessar tambem o Mondego o seu exercito em Penacova, Olivares e outros mais pontos. Com as mesmas vistas ordenou ao coronel Nicolau Trant que marchasse por S. Pedro do Sul para Boialvo com a força do seu commando, indo-se postar no caminho, que por aquelle povo se dirige para o Sardão. Aos generaes Leith e Hill ordenou igualmente que quanto antes se dirigissem sobre o Alva, o que ambos elles fizeram; mas Hill, tendo sido informado da reunião de Reynier a Massena, prevenira felizmente as ordens de lord Wellington, marchando a encorporar-se ao grosso do exercito, de que resultou chegar no dia 20 ao Espinhal, onde se lhe juntou o general portuguez, Carlos Frederico Lecor, que a marchas forçadas para ali tinha igualmente corrido do Fundão. No dia 21 o general Hill achava-se sobre o Alva, tendo mandado para alem d'este rio a cavallaria portugueza, commandada pelo general Fane, e o regimento de cavallaria ingleza n.º 13 de dragões ligeiros, com o fim de observar e rebater na margem esquerda do Mondego quaesquer movimentos que a cavallaria inimiga por ali houvesse de fazer. Ao general Lecor deu ordem de se dirigir para a serra da Murcella, tambem com o fim de observar a estrada que por ali se dirige ao Espinhal, Ancião, Thomar e Lisboa. Na sua passagem da margem esquerda para a direita do Mondego a divisão ligeira, do commando do general Crawfurd, foi postar-se em Mortagua, para sustentar a brigada portugueza de Diniz Pack, que na sua retirada do Criz para ali se lhe fôra reunir no dia 25, vindo já perseguido pelos corpos de Ney e Reynier, retirada que o mesmo Pack effeituou sem soffrer perda de importancia. Foi por esta occasião que o 4.º batalhão de caçadores portuguezes, que

d'ella fazia parte, ao retirar-se para o Bussaco, galhardamente se bateu na tarde do mesmo dia 25 com as avançadas do corpo de Reynier, o qual atrás d'elle vinha tambem marchando em direcção á dita serra pela estrada que da citada villa de Mortagua vem a Santo Antonio do Cantaro. N'esta conjunctura mostrou o dito batalhão, e o seu bravo commandante, o tenente coronel Luiz do Rego Barreto, *aquella bizarra firmeza que as outras tropas portuguezas hão depois manifestado*[1].

Tem a serra do Bussaco, para onde lord Wellington ía tomar posição com o seu exercito, a extensão de duas para tres leguas, sendo constituida por uma cadeia de montanhas graniticas, eriçadas de rochedos escarpados de difficil accesso, computando-se a sua altura em 2:400 metros sobre o nivel do mar, e a sua distancia a Coimbra em 3 leguas. N'uma das suas extremidades, ou na que lhe fica para o poente, e se póde tambem reputar como sendo a do seu lado esquerdo, é onde se encontra a sua maior altura, apresentando n'este ponto uma chapada onde póde manobrar alguma cavallaria. É por este mesmo lado que o Bussaco se communica com a serra do Caramullo, que é uma outra cordilheira de montanhas com esta denominação, com a qual se liga a do Bussaco por um terreno bravio e montuoso, inteiramente inaccessivel para a marcha de um exercito. É esta serra de Caramullo atravessada por um estreito caminho, muito pouco frequentado, que vindo de Mortagua, para a dita serra se dirige e d'aqui para Boialvo, povoação situada na sua vertente occidental, d'onde continua para o Sardão e d'aqui para a Mealhada, terras já situadas na estrada do Porto para Coimbra. A outra extremidade do Bussaco, que póde ser olhada como a do seu lado direito, e lhe fica ao nascente[2], cáe abrupta e quasi perpendicularmente sobre a margem direita do Mondego, perto de Penacova. É sobre a outra margem do mesmo

[1] São as proprias expressões de um officio de lord Wellington, narrando este successo.

[2] A orientação d'esta serra é a do nascente ao poente, como se vê no *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro.

Mondego que igualmente se levanta uma terceira serra, ou cordilheira, bem conhecida pelo nome de serra da Murcella, a qual pela sua parte é tambem atravessada por uma outra estrada, que se dirige a Lisboa por Foz de Arouce, Miranda do Corvo, Espinhal, etc. A estrada que nos altos da serra do Bussaco existia dava commodo transporte para os seus differentes pontos lateraes, cousa de muita vantagem para os movimentos que n'ella tivessem de fazer as tropas alliadas que ali se iam postar, apresentando alem d'isso por trás da sua extremidade direita uma especie de vão, ou quebrada, por meio da qual era facil ás mesmas tropas correrem sobre a serra da Murcella, tendo esta pela sua frente o rio Alva, servindo-lhe como de fosso. A serra do Bussaco, que, quanto á sua grande extensão, é posição defeituosa para se defender, tem todavia a vantagem de ter uma frente escarpada, anfractuosa, e como tal inaccessivel. Com esta dava-se mais uma outra circumstancia, tal como a da artilheria dos alliados se poder assestar por modo tal, que varejava os pontos que no campo inimigo lhe ficavam fronteiros. Ao avesso d'isto a artilheria inimiga achava-se em condições inteiramente contrarias á dos alliados. Para cá de Mortagua o paiz offerece uma serie de collinas, a ultima das quaes antes do Bussaco se acha separada por uma ravina profunda, que permittia aos alliados ver da sua posição muito commodamente todos os movimentos que as tropas francezas houvessem de fazer, ao marcharem contra os mesmos alliados, podendo até ser alcançadas pela artilheria de 12.

Partindo de Mortagua para o Bussaco, e um pouco para diante d'aquella villa, a estrada bifurca-se, vindo um dos seus ramaes ter ao ponto mais culminante da serra, ou o do seu lado esquerdo, onde ao presente se acha um antigo edificio, que então era um convento dos frades carmelitas descalços, sendo a dita serra por ali atravessada pelo referido ramal, que de lá segue para Coimbra. O segundo dos sobreditos ramaes é o que vem ter a Santo Antonio do Cantaro, que é um pequeno logarejo, situado quasi no meio do comprimento da serra, e a uma grande distancia para a parte de leste do

convento, em direcção para o Mondego: esta estrada, que tambem por ali atravessa a serra, segue igualmente de lá para Coimbra. Alem das duas ditas estradas, havia mais uma terceira, que seguindo pela margem direita do mesmo Mondego, vinha a Penacova, d'onde tambem se dirige a Coimbra. Foi em defeza d'esta ultima estrada que o tenente general sir Rowland Hill, deixando o Alva, e atravessando o Mondego, se foi ultimamente postar na tarde de 26 de setembro com a tropa do seu commando, occupando diagonalmente o caminho, que do Bussaco vae para Penacova, constituindo assim a ala direita do exercito luso-britannico, cujas disposições definitivas para a projectada batalha foram na manhã do dia 27 as seguintes. Á esquerda de sir Rowland Hill fôra tomar posição com as tropas do seu commando (constituindo a quinta divisão), o general sir James Leith, tendo em reserva pela sua retaguarda a leal legião lusitana. A um grande espaço de terreno, tambem para a esquerda d'esta força, defendendo a estrada de Santo Antonio do Cantaro (espaço computado na extensão de duas milhas[1]), achava-se a terceira divisão, commandada pelo tenente general sir Thomás Picton, sendo reforçada pela oitava brigada portugueza, composta dos regimentos n.^{os} 9 e 21, tendo por commandante o coronel José Joaquim Champalimaund.

Depois da anterior, seguia-se pela sua esquerda a primeira divisão, commandada pelo tenente general sir Brent Spenser, o qual se havia postado com ella na parte mais elevada da serra, um pouco adiante do convento e a um lado da estrada que para ali vem de Mortagua, estando do outro lado da mesma estrada a divisão ligeira do commando do general

[1] Na avaliação do grande espaço de terreno acima mencionado fundámo-nos no que a este respeito nos diz o tenente coronel Leith-Hay. «Tamanha era a extensão da linha defensiva na serra do Bussaco, diz o citado tenente coronel, que depois de n'ella se terem estabelecido 50:000 homens, um espaço de quasi duas milhas separava ainda assim a esquerda da divisão do general sir James Leith da direita da terceira divisão, que ao lado da d'elle se seguia na referida linha». (Nota posta a pag. 327 da *Historia do duque de Wellington*, por Mr. A. Brialmont.)

Crawfurd, a qual occupava uma saliencia muito espaçosa, que estava a duzentos passos mais para baixo do convento, e exactamente adiante d'elle. Emquanto a divisão ligeira era pela sua parte sustentada por uma brigada allemã, que lhe ficava pela retaguarda, a primeira divisão tinha na sua frente, e na meia encosta que olhava para o campo inimigo, formando a vanguarda da dita primeira divisão, a brigada portugueza do commando do general Pack. A ala esquerda do exercito era constituida pela quarta divisão, do commando do tenente general sir George Lawry Cole, a qual tomára posição na parte mais elevada da serra, tendo na sua extrema esquerda como de atalaia uma brigada portugueza. A chapada ou planura que havia no alto da serra era occupada por uma reserva, formada por um regimento de cavallaria britannica, tendo toda a mais d'ella sido mandada vigiar a estrada que de Mortagua vae para a Mealhada através da cadeia de montanhas, que une a serra do Bussaco á do Caramullo, achando-se uma boa parte d'ella em frente da dita villa da Mealhada, cobrindo por ali o paiz plano. Sobre diversos pontos da retaguarda da linha defensiva havia-se collocado, como em reserva geral do exercito, a maior parte das tropas portuguezas para sustentar o principal corpo da batalha. Pela frente da posição espalharam-se á chegada do inimigo as convenientes partidas de atiradores para o perseguirem de flanco, havendo-se assestado a par d'isto 50 peças de artilheria nas differentes alturas, que dominavam o terreno onde os francezes tinham de manobrar. Reunidas assim todas as forças do exercito luso-britannico, o que só veiu a ter logar na manhã do citado dia 26 de setembro, lord Wellington pôde ter no Bussaco debaixo das suas ordens uns 60:000 homens escassos de todas as armas, incluindo a propria artilheria[1].

[1] Já n'uma nota posta a pag. 25 do primeiro capitulo d'este volume dissemos que nenhuma fé nos merece a enumeração da força dos exercitos belligerantes, apresentada quer por uma, quer por outra parte dos contendores, pois constantemente temos visto que até o proprio lord Wellington enumera sempre para menos, particularmente com relação ao exercito portuguez, a força do seu commando, elevando ao contrario a do inimigo.

No dia 24 de setembro o segundo corpo do exercito francez conservou-se nas posições que tomára em Martingão e Santa Comba Dão, tendo sómente a vanguarda do sexto corpo feito um movimento para a frente, passando o Criz acima da ponte, cortada como tinha sido pelo brigadeiro Diniz Pack, quando de lá se retirou para cá de Mortagua, ponte que no mesmo dia foi reparada pelos francezes, depois de um pequeno combate que ali tiveram com o mesmo Pack. Na tarde d'esse mesmo dia tomára o general Crawfurd uma boa posição, onde foi atacado pela cavallaria inimiga, repellida como por elle se viu, soffrendo esta a perda de alguns homens mortos. Foi no mesmo dia 24 que o oitavo corpo francez se dirigiu para S. Miguel do Outeiro, seguido por uma reserva

No relatorio das suas operações do anno de 1810 não só faz isto com relação á força portugueza, apresentando-a deficiente, mas até na que em Thomar confiára ao commando do general sir James Leith conta *tres regimentos de invalidos de infanteria portugueza*, cousa inteiramente irrisoria, por não dizer de flagrante falta de verdade, que como tal temos dar similhante denominação aos corpos do exercito portuguez, empregados em operações de campanha, pois nunca entre nós houve quem tal cousa visse, nem até mesmo a sonhasse! Que a alguns dos regimentos portuguezes d'aquelle tempo se podesse dar a denominação de *galuchos*, ou de recrutas, não o questionâmos; mas dar-lhes a denominação de *invalidos* é descoberta que merece patente de invenção! Com relação pois ao caso actual, lord Wellington diz-nos que as forças que no Bussaco teve em campo não eram 62:000 homens, como se lê nas *Victorias e conquistas*, mas 24:000 combatentes inglezes e 25:175 portuguezes, ou 49:175 homens ao todo, dos quaes 2:839 eram de cavallaria ingleza e 1:375 de cavallaria portugueza, não se comprehendendo n'estas cifras a artilheria. Adiante veremos que a força portugueza na batalha do Bussaco foi de 29:065 homens, sendo 880 de artilheria, 1:450 de cavallaria e 26:735 de infanteria. A força do exército francez é por elle computada em 72:000 homens effectivos, cifra aliás exagerada. Belmas dá aos francezes no Bussaco 62:000 homens, Londonderry 60:000, as *Victorias e conquistas* 54:500, e mr. Thiers avalia a força dos tres corpos de Massena em 66:000 homens. Já n'uma nota do anterior capitulo dissemos que Massena computou a sua força na entrada em Portugal em 59:000 homens, e Fririon, referindo-se a 15 de setembro de 1810, dá-lhe 59:806 homens, com 14:313 cavallos. O leitor fará á vista d'isto o juizo que bem lhe parecer.

de cavallaria. O marechal Massena, tendo pela sua parte saido de Vizeu no dia 25, n'este mesmo dia veiu a Tondella, que igualmente achou deserta, como tinha achado Vizeu; mantimentos por parte alguma se encontravam, ao passo que a vanguarda franceza ia já sustentando por aquellas paragens, como acabámos de ver, algumas escaramuças com os alliados, tomando n'ellas a mais activa parte o general Crawfurd, descendo para este fim no citado dia 25 da sua posição. Tres columnas de infanteria inimiga avançaram rapidamente contra elle, depois de terem atravessado o Criz, e as mesmas scenas, passadas alguns dias antes alem do Côa, de novo se reproduziriam nas vizinhanças de Mortagua, se lord Wellington não chegasse ali tão cedo, e fizesse retirar Crawfurd, conduzindo elle mesmo em pessoa a retirada pelo ramal da estrada que de Mortagua vinha atravessar a serra, passando junto do convento, onde depois de uma hora de marcha chegou a divisão ligeira, tomando a posição que já acima indicámos, vindo sempre perseguida pela vanguarda do sexto corpo, que por esta occasião se foi postar nas montanhas fronteiras ao Bussaco.

O segundo corpo do commando de Reynier dirigira-se pelo ramal da estrada que de Mortagua segue para Santo Antonio do Cantaro, vindo tomar posição na serra fronteira áquelle povo, tendo a sua primeira e segunda divisão em escalão na vanguarda. O oitavo corpo teve ordem de marchar para o Casal de D. Maria e S. Joaninho, seguindo-lhe os movimentos a reserva de cavallaria. Foi na manhã do dia 26 que o marechal Massena chegou a Mortagua, para onde Ney lhe enviou um ajudante de campo, prevenindo-o de que pela sua frente se achava postado o inimigo, o qual, occupando a crista de uma montanha e não uma chapada, não podia occultar fortes reservas, achando-se portanto a dita montanha meia occupada: a isto acrescentava mais que a maior parte das tropas alliadas andavam de uma para outra parte com aquella confusão e desordem, que geralmente determina o desconhecimento do terreno que se defende. Pelas dez horas e meia da manhã do mesmo dia 26 ainda o marechal Ney enviou a Mas-

sena, de reforço á prevenção que já lhe tinha feito, uma carta de Reynier e a resposta que este lhe tinha dado, na qual lhe dizia: *Se eu tivesse o commando a meu cargo, atacaria o inimigo sem hesitação de um momento.* Apesar d'isto a convicção de Massena era tão pertinaz, pensando que lord Wellington se não atreveria a oppor-se-lhe em batalha formal, que a sua resposta foi: «Eu não me persuado que lord Wellington se arrisque a perder a sua reputação; mas se o faz, *je le tiens, demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noyerai le leopard*».

Em Mortagua, tres leguas distante do Bussaco, se achava por então o marechal Massena, quando recebeu as participações de Ney, ficando todavia muito surprehendido com ellas, pela firme crença que tinha de que lord Wellington se não abalançaria a embaraçar-lhe a marcha sobre Coimbra. Chegando ao logar do conflicto da uma para as duas horas da tarde do citado dia 26, foi então examinar a posição occupada pelos alliados, a qual entendeu não poder atacar, emquanto não chegasse o oitavo corpo, o que só mais tarde succedeu, nova e preciosa circumstancia para lord Wellington, o qual por meio d'ella completou tudo quanto ainda lhe restava para effeituar melhor a sua defeza na posição que tomára. Se com effeito Massena e o oitavo corpo tivessem adiantado mais as suas marchas, e o ataque contra os alliados se houvesse feito trinta e seis horas mais cedo do que teve logar, talvez que a batalha do Bussaco, em vez de gloriosa, fosse bem funesta para lord Wellington, attenta a sensivel falta que para ella lhe fazia no dia 25 a divisão do general Leith, e ainda mais do que esta a do general Hill, reunindo-se com isto a incerteza e confusão dos movimentos das tropas que com elle se achavam. Por fortuna sua o general Leith atravessára o Mondego na manhã do dia 26, o que depois d'elle fez igualmente o general Hill, tendo lord Wellington podido assim reunir na serra do Bussaco debaixo das suas immediatas ordens toda a força do exercito luso-britannico. Se por tanto antes da chegada d'estes dois generaes tivesse tido logar a batalha, o mesmo lord Wellington não tinha para oppor aos francezes

mais que 30:000 ou 35:000 homens, se tanto. Não tendo ella tido logar no dia 26, os generaes inimigos o empregaram apenas em estereis reconhecimentos, tendo em todos elles sido mal succedidos, o que era bem de esperar, á vista da posição tomada pelo general inglez, a qual o proprio general Fririon nos descreve no seu *Jornal historico da campanha de Massena em Portugal* pelos seguintes termos: «Os anglo-portuguezes, postados como estavam na serra da Alcoba[1], neutralisavam a acção da nossa cavallaria de reserva e da nossa artilheria. A crista d'esta montanha por elles occupada tinha apenas tres quartos de legua, desde a sua direita até á sua esquerda. Os seus generaes podiam ver todos os nossos movimentos, e até mesmo contar o numero das nossas filas. As suas reservas achavam-se mascaradas no reverso da montanha. Tinham alem d'isso a faculdade de dirigir grandes massas em menos de meia hora sobre os diversos pontos em que fossem atacados, emquanto que aos francezes era preciso mais de uma hora para chegar aos seus postos avançados, e durante esta marcha achavam-se expostos á sua metralha e aos tiros de mosqueteria da multidão dos seus atiradores, escondidos por trás dos rochedos». Salva a computação para menos, quanto aos tres quartos de legua em que Fririon calculava a distancia, que havia entre a direita e a esquerda dos alliados, tudo mais que dizia a respeito da posição por elles tomada era rigorosamente exacto, e tão persuadido estava das vantagens que n'ella tinham, que elle e o general Eblé foram ambos ter com Massena para lhe fazerem as suas observações, que se reduziam a aconselha-lo a que, em vez de obrigar lord Wellington a abandonar-lhe a sua tão formidavel posição por meio de uma batalha, *atacando o boi pelos paus*, tratasse de lh'a tornear. «Mas o querido filho da victoria,

[1] Tratando-se no *Mappa de Portugal* de João Baptista de Castro da serra do Caramullo, lê-se n'elle: «Fica esta serra quatro leguas distante de Vizeu, e diz o auctor da *Chorographia portugueza* que alguns lhe dão o nome de Besteiros, e antigamente lhe chamavam *Monte de Alcoba*». Por conseguinte a denominação de Alcoba pertence á serra do Caramullo e não á do Bussaco, como acima se diz.

continua o mesmo Fririon, confiando na sua fortuna, contentou-se em responder-lhes: *Vós que sois do exercito do Rheno, vós outros que gostaes de manobrar, é a primeira vez que Wellington parece disposto a dar batalha; quero portanto aproveitar-me da occasião*... Bem depressa se verá quaes foram os resultados de similhante obstinação».

Antes de romper o dia 27 os francezes formaram-se em cinco columnas de ataque, tres das quaes pertencentes ao sexto corpo, sendo commandadas pelo marechal Ney, formavam a direita dos atacantes sobre a esquerda dos atacados, tendo por alvo dirigirem-se contra o convento, marchando para este fim pela estrada que de Mortagua vinha para o mesmo convento. As restantes duas columnas, pertencentes ao segundo corpo, do commando do general Reynier, formando ambas a esquerda do seu exercito sobre a direita dos alliados, tinham por fim marchar contra esta parte da linha defensiva pela estrada, que da citada villa de Mortagua vinha para Santo Antonio do Cantaro, sendo a distancia entre este povo e o convento reputada n'uma legua. A cavallaria, que nada podia fazer, por causa da elevação e aspereza do terreno, tomou posição na retaguarda do centro da linha atacante. A força do segundo corpo, consistindo na divisão do general Merle, foi a que rompeu o ataque, vindo contra a serra, direita a Santo Antonio do Cantaro: o 31 de ligeiros postára-se na Venda d'esta mesma denominação, sendo sustentado pela brigada do general Foy, da segunda divisão, e pela artilheria collocada perto de Santo Antonio, não podendo fazer mais nada que simular e proteger o ataque, pois realmente se achava impossibilitada, diz Fririon, de dirigir o seu fogo contra os alliados, que na sua ala direita occupavam a crista opposta e dominante, como era por aquelle lado. A cavallaria do dito segundo corpo e a divisão Heudelet formavam a reserva. A divisão Merle e o citado 31 de ligeiros treparam pela encosta da montanha com a maior resolução e coragem, derrubando tudo quanto se lhes oppunha ao intento de ganharem o alto da serra, defendido pela terceira divisão, commandada pelo major general sir

Thomás Picton, a qual repelliram com grande arrojo, bem como o regimento portuguez de infanteria n.º 8. Apesar da espessa nebrina que favorecia o ataque, as tropas alliadas portaram-se bravamente no terreno que occupavam, do qual as columnas inimigas as obrigaram momentaneamente a retirar-se, podendo os atacantes ganhar a crista da montanha. Foi então que lord Wellington lhes fez metralhar os flancos por duas bôcas de fogo, a par de uma viva fuzilada que os victimava de frente, mandando por fim contra elles, quando se reputavam já vencedores, os regimentos inglezes n.ºs 88 e 45, bem como o citado regimento portuguez de infanteria n.º 8, commandados pelos tenentes coroneis Wallace, R. Meade e Douglas, sendo todos superiormente dirigidos no seu acommettimento pelo citado major general sir Thomás Picton: todos elles marcharam de bayoneta calada, fazendo retroceder as columnas inimigas, que tiveram de abandonar o terreno de que já estavam senhoras, depois de um combate de tres quartos de hora e de uma consideravel perda por ellas experimentada.

A retirada a que os francezes se viram obrigados foi por elles feita com a maior firmeza e sangue frio, esperando quem os repellia até cincoenta passos de distancia, para depois caírem sobre os seus contrarios desapiedadamente com a sua fuzilaria, bravura que todavia lhes não aproveitou, sendo por fim postos em completa derrota, soffrendo consideravel perda em mortos e feridos, computada em 2:500 homens, contando-se entre os feridos os generaes Merle, Graindorge e Foy, bem como os coroneis Merle, Desgraviers, e muitos chefes de batalhão. O 31 de ligeiros, que tambem chegou á crista da montanha, na qual se manteve por um momento, teve o seu coronel (Munier) morto, sendo por fim obrigado a ceder o terreno ás tropas alliadas, que incessantemente o acabrunhavam, reforçadas como tinham sido pela divisão do general Leith. Chegadas que foram ao fundo da montanha as columnas francezas que se retiravam, reuniram-se por fim e tomaram posição a coberto dos alliados, os quaes destacaram novamente contra ellas as suas linhas de

atiradores, achando-se o general Reynier sem reserva, nem artilheria, que o auxiliasse no proseguimento do combate. Se este foi o resultado do ataque da primeira columna de Reynier, o da segunda não foi mais bem succedido. O ataque d'esta foi feito contra a frente da mesma terceira divisão do major general Picton, mas um pouco mais longe sobre a sua direita, pela estrada de Santo Antonio do Cantaro. Ainda antes da approximação da referida columna á crista da montanha foi ella bravamente repellida pelo regimento inglez n.º 74, e pela oitava brigada portugueza, composta dos regimentos n.ºs 9 e 21, do commando do coronel José Joaquim Champalimaund, que n'esta occasião foi ferido, tendo-se elle e as tropas do seu commando conduzido pela mais digna maneira. Foi n'esta occasião que o major general Leith fez o seu movimento lateral sobre a esquerda para apoiar o major general Picton, conseguindo auxiliar a derrota do inimigo com o terceiro batalhão da guarda real, o primeiro batalhão do nono regimento, e o segundo do trigesimo oitavo. O corpo de Hill, chegando tambem ao ponto atacado, uma grande massa de tropas frescas dos alliados se achou n'elle concentrada, não tendo Reynier nem reserva, nem artilheria que lhe auxiliasse o ataque.

Emquanto este general fazia o seu acommettimento contra os alliados em Santo Antonio do Cantaro, o marechal Ney tambem pela sua parte fazia avançar as suas tres columnas contra a posição dos mesmos alliados, junta ao convento do Bussaco, posição occupada, como já notámos, pela divisão ligeira do general Crawfurd e pela primeira brigada portugueza do commando do general Pack. Da posição onde esta força se achava postada distinguiam-se perfeitamente bem os logares mais baixos do valle fronteiro. A subida para o alto da serra era por ali mais aspera e difficil do que aquella por onde haviam subido ao ataque as tropas de Reynier. Crawfurd havia feito habeis disposições para receber o inimigo. As ondulações da chapada que ficava entre elle e o convento occultavam sufficientemente os dois regimentos inglezes n.ºs 43 e 52. A um quarto de milha para a retaguarda d'es-

tes dois corpos, sobre um terreno mais elevado e proximo do convento, achava-se postada a brigada allemã de que acima fallâmos, parecendo ser ella a unica que defendia aquella parte da posição. Adiante dos dois citados corpos inglezes havia algumas quebradas ou anfractuosidades, que dominando a respectiva subida, serviram como de canhoneiras, nas quaes se collocou a artilheria da divisão, sendo alem d'isto toda a frente da montanha occupada por atiradores e por dois batalhões de caçadores. Ainda não tinha apparecido o dia, quando já pelo terreno que separava os dois exercitos repercutiam os sons da fuzilaria inimiga, marchando ao ataque das tropas de Crawfurd.

Á medida que a manhã foi rompendo e a luz do dia foi esclarecendo o terreno, tambem então se foram vendo as tres divisões do sexto corpo embrenharem-se pelas moitas de mato, que havia nas differentes excavações do terreno pelos lados da estrada, espalhando pela sua frente uma multidão de atiradores. Pouco depois a divisão Marchand, saindo das ditas excavações, lançou-se á marcha da estrada, com o fim de tornear a direita da divisão ligeira, ao passo que a divisão de Loison buscou pela sua parte atacar directamente de frente a posição dos alliados, ficando a terceira columna de reserva á força atacante. Foi a brigada do general S. Simon a que marchou ao ataque da frente por parte da divisão Loison, o que fez, tratando de subir á montanha com todo o ardor, apesar da grande fuzilaria que contra ella empregavam as tropas ligeiras da defensiva, e das balas de artilheria que contra ella se dirigiam. Chegada a occasião opportuna, aguardada por Crawfurd, este general caiu então sobre os atacantes com cousa de 2:000 bayonetas inglezas e as do terceiro batalhão portuguez de caçadores n.º 3, levando todas ellas adiante de si até á parte baixa da montanha os soldados francezes, occasionando-lhes consideravel perda. A divisão do general Marchand, que se propunha seguir pela estrada e tornear a direita de Crawfurd, vendo o mallogrado ataque do general S. Simon, dividiu-se em destacamentos, por se não atrever a marchar em corpo cerrado. Contra estes atacantes

e para *sustentar* a direita do mesmo Crawfurd, se mandou a sexta *brigada* portugueza de 7 e 19 de infanteria com caçadores n.º 2, sendo commandada pelo brigadeiro general Col-man, que com ella estava de reserva. Do regimento n.º 19 foi destacado contra o inimigo um dos seus batalhões, commandado pelo tenente coronel Mac Bean, ficando o resto da brigada presenceando o ataque. A bella carga dada contra os francezes por este batalhão do 19 mereceu especial menção a lord Wellington na sua parte official, bem como o bom serviço que por esta occasião prestaram as companhias dos regimentos portuguezes n.^os 1 e 16 e o batalhão de caçadores n.º 4.

Por este modo se nullificaram os grandes esforços de valor e coragem que os francezes tão pronunciadamente patentearam na memoravel batalha do Bussaco, esforços que não podiam deixar de ter similhante resultado, attenta a grande força natural da posição dos alliados, e a excellencia das tropas que a defendiam. A respeito do segundo ataque, feito pelo corpo de Ney, nos diz o barão Fririon o seguinte: «O general S. Simon á testa dos seus atiradores estava já a ponto de lançar mão da primeira brigada inimiga, quando foi ferido e feito prisioneiro. O general Maucune da divisão Marchand foi ferido n'uma côxa; Bechaud, coronel do 66, teve o corpo atravessado por uma bala; e Amy, coronel do sexto de ligeiros, perdeu a cabeça, que lh'a levou uma bala de artilheria. Ao subir da montanha o regimento n.º 69, commandado pelo coronel Fririon, foi exposto desde as sete horas da manhã até ás tres da tarde ao incessante fogo de uma multidão de atiradores, emboscados atrás dos rochedos da posição dos alliados, causando-lhe uma perda entre mortos e feridos de 480 homens sobre 1:500 de que se compunha». Foi depois de tudo isto que os francezes cederam finalmente o campo perante o valor das tropas alliadas, que com perda proporcionalmente pequena inutilisaram a violencia do ataque de um inimigo corajoso e experimentado nas emprezas da guerra, durando o fogo d'esta batalha encarniçadamente forte desde as seis até ás oito horas e meia da manhã, afrouxando

lentamente os alliados no alto da serra em Santo Antonio do Cantaro, as do corpo do marechal Ney não fizeram o seu acommettimento contra o convento do Bussaco com aquella energia e vigor que mostraram as de Reynier, de modo que emquanto uns dos atacantes se achavam a meia encosta de um dos pontos atacados, os outros estavam já sendo repellidos com grande vantagem das tropas luso-britannicas em outro dos referidos pontos. Verdade é que do sexto corpo de Ney a brigada do general S. Simão marchou com grande intrepidez e sangue frio, acommettendo denodadamente a direita da estrada, que conduz ao convento do Bussaco; mas não teve a fortuna de ser devidamente secundada pelo resto das forças do general Loison, a que aquella mesma brigada pertencia. Por outro lado a divisão Marchand não combinou melhor os seus esforços que a divisão Loison, á qual ía dar apoio, tendo esta ultima de retirar a final com bastante perda, como já dissemos.

Na sua parte official d'esta batalha, dada ao conde de Liverpool em 30 de setembro, lhe dizia lord Wellington: «N'este ataque distinguiram-se os commandantes dos corpos portuguezes, cuja conducta foi geralmente elogiada, pelo que respeita aos regimentos n.os 9 e 21, commandados pelos tenentes coroneis Sutton e Araujo Bacellar, bem como a artilheria portugueza, commandada pelo major Arentschild. Peço a permissão para assegurar a v. ex.a, que nunca presenceei um mais bravo e denodado ataque do que aquelle feito pelos regimentos n.os 88 e 45 e pelo regimento portuguez n.º 8 sobre a divisão do inimigo, que havia subido a serra. Na esquerda atacou elle com tres divisões de infanteria do sexto corpo aquella parte do terreno, occupada pela divisão de tropas ligeiras, commandada pelo brigadeiro general Crawfurd, e pela brigada portugueza, commandada pelo general Pack (n.os 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4). Uma unica divisão de infanteria fez algum progresso na subida para o cume da serra; mas foi immediatamente carregada á bayoneta pelo brigadeiro general Crawfurd com os regimentos n.os 43, 52 e 95 e o batalhão n.º 3 de caçadores portuguezes, sendo obrigada a re-

troceder com immensa perda. A brigada portugueza de infanteria, commandada pelo brigadeiro Colleman (n.^{os} 7 e 19 de infanteria com caçadores n.° 2), que estava de reserva, foi movida para supportar a direita da divisão do brigadeiro general Crawfurd, e um batalhão do regimento portuguez n.° 19 fez um denodado e bem succedido ataque contra um outro corpo de uma divisão inimiga, que procurava penetrar n'aquella mesma paragem. Alem d'estes ataques as tropas ligeiras de ambos os exercitos bateram-se durante todo o dia 27, e o batalhão n.° 4 de caçadores portuguezes, e os regimentos de infanteria n.^{os} 1 e 16, dirigidos pelo brigadeiro general Pack, e commandados pelos tenentes coroneis Luiz do Rego Barreto, Hill e Armstrong, mostraram grande firmeza e bravura». Ao que fica dito, lord Wellington acrescentava mais: «Este movimento (referia-se ao de ter atravessado o Mondego e haver tomado posição na serra do Bussaco), proporcionou-me uma occasião favoravel de mostrar ao inimigo a qualidade das tropas que compunham o meu exercito. Tambem poz as recrutas portuguezas ás mãos com o inimigo pela primeira vez n'uma posição vantajosa, de que resultou provarem estas tropas que não foi perdido o trabalho que com ellas temos tido na sua instrucção, *e que são dignas de combaterem nas fileiras do exercito inglez pela interessante causa a quem ellas dão grande esperança de salvação*».

De reforço á citada parte official de lord Wellington veiu tambem a sua ordem do dia, com a mesma data d'ella, em que dizia: «O commandante em chefe agradece aos generaes e mais officiaes e soldados do exercito a sua boa conducta durante todo o tempo que occuparam a posição do Bussaco, e durante a acção que tiveram contra o inimigo no dia 27 do corrente. Foi elle mesmo testemunha de algumas provas de intrepidez dos officiaes e das tropas, e os officiaes generaes lhe fizeram saber outras, a respeito das quaes não deixará de dar a sua opinião a sua magestade e ao governo de sua alteza real, o principe regente de Portugal. Todo o amigo da sua patria e da liberdade do mundo, e todo o exercito britannico devem ter observado com o maior gosto *o valor e fir-*

nza das tropas portuguezas durante estes dias, que igualmente com os seus camaradas de armas ao serviço de sua magestade mereceram e alcançaram a approvação do marechal Beresford e do commandante em chefe. Aindaque os designios que o inimigo manifestou pelos seus movimentos decidiram o commandante em chefe a retirar o exercito da sua posição, a qual o inimigo não era capaz de forçar, espera que a disciplina e o valor decidido dos officiaes e soldados o conservem em estado de frustrar todos os seus planos e de salvarem este paiz, *onde o exercito britannico tem sido tão bem tratado*, do jugo humilhante que o inimigo lhe prepara[1]». Effectivamente o marechal Beresford manifestára ao exercito portuguez debaixo do seu commando a sua mais plena satisfação pela brilhante conducta com que se houveram as tropas do mesmo exercito que entraram na batalha do Bussaco, *conducta*, dizia elle, *que lhes adquiriu a estima, a admiração e a confiança de seus companheiros de armas do exercito inglez. S. ex.ª*, acrescentava mais, *viu factos no combate e uma conducta nas tropas portuguezas digna de fazer honra ás tropas mais aguerridas*[2].

[1] Esta ordem do dia de lord Wellington acha-se transcripta na ordem do dia do marechal Beresford de 3 de outubro de 1810.

[2] No documento n.º 99 achará o leitor a parte official da batalha do Bussaco, dada pelo marechal Beresford ao governo portuguez, a unica que durante toda a guerra da peninsula lhe enviou na sua qualidade de commandante em chefe do nosso exercito. É realmente para sentir que a esta se limitassem todas as suas partes officiaes das batalhas da dita guerra, cousa de que lord Wellington foi seguramente causa, fundado nas rasões que se contém na carta por elle expedida a mr. Carlos Stuart na data de 18 de setembro de 1810, na qual, entre outras cousas, lhe diz o seguinte: «Não me opponho á publicação das peças officiaes que o governo portuguez receba; mas eu quero fazer os relatorios das operações que dirijo, e quando publique outras, não lhe enviarei mais. É natural que vós e Beresford façaes relatorios regulares ás auctoridades a quem servis; mas é impossivel publicar dois relatorios sobre o mesmo negocio, sem que os mal intencionados, ou antes os jornalistas não descubram n'elles contradicções, e é isto exactamente o que eu pretendo evitar». No dito documento n.º 99 incluimos igualmente a parte official que o proprio lord Wellington deu sobre a dita batalha do Bussaco, tanto ao nosso governo, como ao inglez.

ı a respeito d'ellas o melhor possivel. As brigadas de
ria 3 e de montanha conduziram-se muito bem, e
dá os seus agradecimentos a todas estas brigadas e
spectivos commandantes».

ı os francezes foi tão admiravel a conducta das tropas
uezas, que chegaram ao ponto de lhes darem a honra
por que ellas eram tropas inglezas, vestidas com o
ne portuguez. O conceito que d'ellas ficou fazendo o
) marechal Massena tambem lhes deu muita honra,
r voto de muito peso: esse conceito, transcripto no
vii das *Memorias* d'este mesmo marechal, quando
ı sua campanha de 1810, é assim concebido: «La plu-
es regiments de ligne de recente formation contenait,
rai, les quatre cinquièmes de recrues, *mais le soldat*
ais, intelligent, sobre et marcheur infatigable, com-
par des officiers anglais et façonné à la discipline bri-
ıe, *pouvait aller de pair avec les anglo-hanoveriens et*
passer». A perda do exercito alliado, segundo a parti-
) de lord Wellington, foi a de 179 homens mortos no
, 82 do exercito portuguez e 97 do inglez; 912 feri-
78 do exercito portuguez e 434 do inglez; 47 extra-
18 do exercito portuguez e 29 do inglez, sendo a
total do exercito luso-britannico 1:138 homens, dos
578 eram do exercito portuguez e 560 do inglez[1].

A perda do exercito francez foi muito mais consideravel, segundo o *Jornal historico* do barão Fririon, que a computa em 521 homens mortos no campo, 3:601 feridos e 364 prisioneiros ou extraviados, sendo o total da perda 4:486, em que entraram 245 officiaes. Entre os mortos contaram-se o general Graindorge, o coronel Meunier e os chefes de batalhão Stura, Duval, Busigny e Schroffer; entre os feridos os generaes S. Simão, Merle e Foy, alem de muitos officiaes superiores. Massena chamou a esta batalha um simples reconhecimento na parte official que d'ella deu para Paris ao principe de Wagram, marechal Berthier e major general do exercito[1], de certo para attenuar com similhante denominação o grande desaire que n'ella experimentou.

Para se fazer uma idéa da força portugueza, que com o exercito inglez tomou parte n'esta memoravel batalha, iremos apresentar para isto qual ella foi.

annos depois dos successos da guerra da peninsula, e assentando sobre documentos, cuja authenticidade ignoro, sem que n'elle se diga quaes foram, nem onde param, faz-me hesitar sobre qual dos dois computos merece mais fé, poisque entre nós nunca houve o cuidado de colligir e archivar methodicamente os documentos de tão importantes successos, ao passo que as partes officiaes de lord Wellington, sendo feitas no proprio momento de taes successos, e sobre as partes dadas pelos commandantes das divisões e dos corpos, como era natural, antolham-se-me como peças de grande fé, sem que todavia me atreva a negar a do citado mappa que julgo ser official. Nas partes de lord Wellington as perdas do exercito portuguez são geralmente de mais vulto que as do mappa em questão, circumstancia que lhes augmenta a auctoridade, pois é de crer que a haver falta de verdade, mais a houvesse para diminuir do que para augmentar taes perdas. Deve portanto saber-se que n'esta obra reproduzimos sempre as perdas do exercito portuguez pelas partes officiaes de lord Wellington, sendo a das relações apresentadas no fim de cada uma das batalhas a contida no mappa portuguez.

[1] Documento n.º 99-C.

Relação das brigadas e corpos portuguezes das differentes armas que entraram na batalha do Bussaco, com a designação dos commandantes das referidas brigadas, e a dos de cada um dos mesmos corpos, praças presentes na acção, e perda que cada um d'elles teve.

Artilheria n.° 1 — 330 praças presentes na acção, commandadas pelo major Alexandre Dickson. Não teve perda alguma.

Artilheria n.° 2 — 440 praças presentes na acção, commandadas pelo major Victor Von Arenstchild. Teve de perda 1 soldado morto e 1 ferido. Total 2.

Artilheria n.° 4 — 110 praças presentes na acção, commandadas pelo capitão Antonio de Sousa Passos. Não teve perda alguma.

Cavallaria n.° 1 — Presentes na acção 422 praças, commandadas pelo coronel Christovão da Costa de Araujo Teive. Não teve perda alguma.

Cavallaria n.° 4 — Presentes na acção 451 praças, commandadas pelo major Antonio de Azevedo Coutinho. Não teve perda alguma.

Cavallaria n.° 7 — Presentes na acção 223 praças, commandadas pelo tenente coronel Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas. Não teve perda alguma.

Cavallaria n.° 10 — Presentes na acção 354 praças, commandadas pelo tenente coronel Francisco Furtado de Castro do Rio e Mendoça (setimo visconde de Barbacena). Não teve perda alguma.

1.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Diniz Pack

Regimento n.° 1 — Presentes na acção 1:089 praças, commandadas pelo tenente coronel Thomás Noell Hill. Teve de perda 5 homens mortos (1 official e 4 soldados) e 23 feridos (3 officiaes e 20 soldados), ou 28 homens ao todo.

Regimento n.° 16 — Presentes na acção 1:130 praças,

commandadas pelo major Ricardo Armstrong. Teve de perda 3 homens mortos (1 official e 2 soldados), e 20 feridos (2 officiaes e 18 soldados), ou 23 homens ao todo.

Batalhão de caçadores n.º 4 — Presentes na acção 505 praças, commandadas pelo tenente coronel Luiz do Rego Barreto. Teve de perda 20 homens mortos (1 official e 19 soldados), e 45 feridos (3 officiaes e 42 soldados), ou 65 homens ao todo.

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Agostinho Luiz da Fonseca

Regimento n.º 2 — Presentes na acção 1:317 praças, commandadas pelo coronel Antonio Hypolito da Costa. Não teve perda alguma.

Regimento n.º 14 — Presentes na acção 1:373 praças, commandadas pelo tenente coronel Hawilland Le Mezurier. Não teve perda alguma.

3.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Mac Mahon

Regimento n.º 3 — Presentes na acção 1:134 praças, commandadas pelo tenente coronel Miguel Reinaldo Bilstein. Não teve perda alguma.

Regimento n.º 15 — Presentes na acção 905 praças, commandadas pelo tenente coronel Romão da Costa. Não teve perda alguma.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Archibaldo Campbell

Regimento n.º 4 — Presentes na acção 1:164 praças, commandadas pelo tenente coronel Allan William Campbell. Não teve perda alguma.

Regimento n.º 10 — Presentes na acção 1:086 praças, commandadas pelo coronel D. Luiz Innocencio Benedicto de Castro (terceiro conde de Rezende). Não teve perda alguma.

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Alexandre Campbell

Regimento n.º 6 — Presentes na acção 1:317 praças, commandadas pelo coronel Carlos Ashworth. Teve de perda 3 soldados feridos.

Regimento n.º 18 — Presentes na acção 1:386 praças, commandadas pelo coronel Manuel Pamplona Carneiro Rangel. Teve de perda 1 soldado morto.

Batalhão de caçadores n.º 6 — Presentes na acção 546 praças, commandadas pelo tenente coronel Sebastião Pinto de Araujo Correia. Teve de perda 2 soldados mortos, 8 homens feridos (1 official e 7 soldados), e 1 extraviado, ou 11 homens ao todo.

6.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Colleman

Regimento n.º 7 — Presentes na acção 815 praças, commandadas pelo coronel José Cardoso de Menezes Souto Maior. Teve de perda 3 soldados feridos.

Regimento n.º 19 — Presentes na acção 1:124 praças, commandadas pelo coronel Luiz Ignacio Xavier Palmeirim. Teve de perda um dos seus batalhões que marchou a repellir o inimigo, commandado pelo tenente coronel Mac Bean, 8 soldados mortos e 18 homens feridos (1 official e 17 soldados), ou 26 homens ao todo.

Batalhão de caçadores n.º 2 — Presentes na acção 406 praças, commandadas pelo tenente coronel Nixon. Teve de perda 9 soldados mortos e 27 feridos, ou 36 homens ao todo.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel barão de Eben

Regimento n.º 8 — Presentes na acção e no combate 1:161 praças, commandadas pelo tenente coronel João Douglas. Teve de perda 50 homens mortos (1 official e 49 soldados), 55 feridos (5 officiaes e 50 soldados), e 8 extraviados, ou 113 homens ao todo.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Maumdey Harvey

Regimento n.º 9 — Presentes na acção 1:234 praças, commandadas pelo tenente coronel Carlos Sutton. Teve de perda 13 homens mortos (1 official e 12 soldados), e 8 soldados feridos, ou 21 homens ao todo.

Regimento n.º 21 — Presentes na acção 541 homens, commandados pelo tenente coronel João Maria de Araujo Bacellar, depois do ferimento do seu coronel José Joaquim Champalimaud. Teve de perda 19 homens mortos (2 officiaes e 17 soldados) e 30 feridos (3 officiaes e 27 soldados), ou 49 homens ao todo.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Ricardo Colins

Regimento n.º 11 — Presentes na acção 1:438 praças, commandadas pelo tenente coronel Donald Mac Donald. Não teve perda alguma.

Regimento n.º 23 — Presentes na acção 1:405 praças, commandadas pelo tenente coronel Thomás Guilherme Stubbs. Não teve perda alguma.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Thomás Bradford

Regimento n.º 12 — Presentes na acção 1:277 praças, commandadas pelo tenente coronel Antonio de Lacerda Pinto da Silveira. Não teve perda alguma.

Regimento n.º 13 — Presentes na acção 1:078 praças, commandadas pelo coronel João Lobo Brandão de Almeida. Não teve perda alguma.

Batalhão de caçadores n.º 5 — Presentes na acção 456 praças, commandadas pelo tenente coronel Carlos Stuart. Não teve perda alguma.

Leal legião lusitana — Presentes na acção 1:646 praças, commandadas pelos tenentes coroneis Maxiwell Grant e Eduardo Hawskskaw. Não teve perda alguma.

Brigada ligeira de caçadores

Batalhão n.º 1 — Presentes na acção e no combate 546 praças, commandadas pelo tenente coronel Jorge de Avillez Juzarte. Perda 3 soldados mortos, 6 feridos e 1 extraviado, ou 10 homens ao todo.

Batalhão n.º 3 — Presentes na acção e no combate 656 praças, commandadas pelo tenente coronel Jorge Elder. Perda 20 soldados mortos e 52 homens feridos (4 officiaes e 48 soldados), ou 72 homens ao todo[1].

Total da força presente na acção 29:065 homens, tendo de perda 7 officiaes mortos e 22 feridos; 147 praças de pret mortas, 276 feridas e 10 extraviadas, ou 462 homens ao todo. É esta a perda que se designa no mappa official de que se fez menção na precedente nota, cujos numeros, como n'ella dissemos, não concordam com os da parte official de lord Wellington, como se vê pela confrontação de uns com os outros.

A batalha do Bussaco foi travada pelo marechal Massena com pouca unidade e madureza de combinações, como já vimos, parecendo que mais fôra n'elle uma questão de capricho pessoal, pela sua reciproca rivalidade com o marechal Ney, do que obra de necessidade e rasão; mas quando mesmo não houvesse similhantes faltas, a empreza quasi excedia as forças humanas, porque emfim a serra do Bussaco difficilima é de forçar-se, defendida que seja por um exercito regular, bravo e disciplinado, como então já era o luso-britannico. Todavia a demora da marcha de Massena, depois que deixou Pinhel, é imperdoavel, porque a ser feita com a rapidez devida, a sorte de lord Wellington e a do seu exercito corriam seguramente muito risco, como já atrás se disse. A Massena cumpria-lhe marchar com tanta mais rapidez, quanto que a estrada que tomou para Vizeu era a mais longa e a menos

[1] Não se deve esquecer que na relação acima falta o regimento de infanteria n.º 24, que acabava de ser prisioneiro em Almeida, faltando tambem o n.º 22, que guarnecia Abrantes, e o n.º 20, que estava em Cadiz. Os regimentos 5 e 17 guarneciam Elvas.

praticavel. Mas corresponderia a acção do Bussaco aos fins que tinha em vista o general francez ou o general inglez? No seu despacho para o conde de Liverpool lord Wellington diz o seguinte: «Aindaque temo que não poderei obter o objecto que tinha em vista, passando o Mondego e occupando a serra do Bussaco, comtudo não me arrependo de o ter feito». Vê-se pois que o objecto do general inglez era defender contra o inimigo a passagem do Mondego, no qual se apoiava a direita do referido general, estendendo-se d'ali até ás inaccessiveis montanhas da margem direita do Zezere, que desemboca no rio Tejo, trinta leguas distante do mesmo Mondego, ao passo que a esquerda dos alliados se estendia até ás montanhas que ficam junto do Douro. Occupando por este modo uma tão extensa posição central, não era possivel a lord Wellington defender devidamente Portugal em similhante posição, como se propunha, tendo já abandonado trinta leguas do paiz ao inimigo, seguramente por falta de forças adequadas para se lhe oppor com probabilidade de bom exito. Para defender Portugal junto do Agueda era-lhe necessario ter podido manter debaixo do seu poder as praças da Cidade Rodrigo e de Almeida, o que não pôde fazer por aquella mesma causa de falta de forças. Não o podendo ali conseguir, julgou proprio occupar a serra do Bussaco, onde ainda cobria tres quartas partes do reino; protegia dois bellos e importantes valles, taes como os do Mondego e do Tejo, com todas as mais terras que desde Coimbra e Thomar vão até á Gollegã, Torres Novas e Santarem inclusivamente; conservava o exercito francez na distancia de quarenta leguas de Lisboa; e finalmente continuava mantendo a sua communicação com o Porto, e as provincias do norte do reino, de que estava senhor, cousas que seguramente eram todas de grande vantagem para elle.

Por outro lado o exercito francez de Massena, retido pela posição do Bussaco, achava-se assim separado por mais de 80 leguas da coadjuvação que lhe podia prestar o exercito francez do sul, commandado pelo marechal Soult, sendo o mesmo Massena forçado por outro lado a tirar a sua subsistencia de

um paiz, que o general seu inimigo tinha feito devastar pelos seus mesmos moradores e tropas do seu exercito. Por esta causa os francezes viam-se obrigados a tirar da Hespanha, por meio de asperos e difficeis caminhos, os provimentos de que precisavam para seu sustento, e quando principiassem as chuvas, que tão propinquas se achavam já, ficar-lhes-ía cortada a sua communicação com Hespanha, a que se seguiria de necessidade voltarem outra vez para Almeida, abandonando o centro de Portugal. Pelo contrario o exercito luso-britannico, a poder conservar-se na posição do Bussaco, facilmente se manteria ali á custa de todo o reino, ou dos mantimentos que tão commodamente receberia pelo Mondego, idos de Lisboa, ou de fóra do paiz. Se portanto lord Wellington podesse ter por sua a posição do Bussaco, ainda mesmo que fosse sómente por quinze dias, impedindo ali a marcha ao inimigo, teria seguramente ganhado a campanha, por ter salvado Portugal em similhante posição. Quando porventura o accusassem de ter devastado, ou mandado devastar trinta leguas de terreno, responderia triumphantemente, allegando ter por tal meio conseguido todas as vantagens que acima se mencionam, por certo muito superiores aos males que de tal devastação resultavam. Dando a batalha do Bussaco, a victoria ficou-lhe nas mãos; mas o seu resultado não correspondeu á sua espectativa, perdendo todas as ditas vantagens por um descuido, muito para estranhar da parte de um general tão previsto e acautelado como sempre se mostrou lord Wellington. Se portanto este general não conseguiu os fins a que se propozera, dando e ganhando a batalha do Bussaco, o marechal Massena ainda menos conseguiu os seus, aceitando-a e perdendo-a. Esses seus fins eram, como elle proprio nos diz, effeituar por meio d'ella a conquista de Portugal e submergir nos mares, ou afugentar dentro em poucos dias para o seu paiz o *leopardo britannico;* mas tendo-a elle perdido, nada tambem conseguiu do que tinha em vista. Verdade é que a fortuna lhe foi propicia, proporcionando-lhe, por meio de um acaso, um equivalente á victoria que se propunha ganhar, desalojando lord Wellington da po-

sição que occupava; mas isto não o deveu Massena á força das suas armas na batalha do Bussaco, nem tão pouco ao acerto das suas anteriores operações, mas sim ao imperdoavel descuido do general inglez, como se vae ver[1].

Depois da batalha que temos descripto os dois exercitos ficaram occupando pouco mais ou menos, como já dissemos, as mesmas posições que antes d'ella tinham. O marechal Massena, espantado de a não ter podido ganhar, em vez de no seguinte dia (28 de setembro) a renovar, como se propunha, limitou-se apenas a entreter um fogo ao longo das suas respectivas posições, sem fim algum determinado. Convocando novamente um conselho militar, em que entraram o marechal Ney, e os generaes Reynier, Junot e Fririon, n'elle se decidiu tornear a posição defendida pelos alliados. Foram então chamados os officiaes portuguezes, para indicarem o caminho que em tal caso se deveria seguir, e como dissessem que o não sabiam, Massena com elles se enfadou bastante, mostrando-se aspero e desabrido, como se do seu desastre tivessem tido a culpa. Mandando depois chamar o general Montebrun, ordenou-lhe que fosse com um forte destaca-

[1] Para commemorar esta famosa batalha, a primeira em que durante a guerra da peninsula o exercito portuguez entrou na totalidade, ou quasi totalidade, rivalisando em primores de disciplina e valor com o exercito inglez, seu associado na empreza, determinou o marquez de Sá da Bandeira, quando ministro da guerra nos annos de 1861 a 1862, que na serra do Bussaco se levantasse um padrão, que attestasse ás gerações presentes e futuras os brilhantes feitos de armas que o nosso dito exercito e o inglez ali praticaram, disputando o passo ao exercito francez do commando do marechal Massena no memoravel dia 27 de setembro de 1810, confiando os trabalhos preparatorios, a similhante fim destinados, ao então major de artilheria, Joaquim da Costa Cascaes. E porque a referida batalha, postoque gloriosa, não foi a que decidiu a sorte da campanha, mas sim as celebradas linhas de Torres Vedras, sendo estas as que pozeram termo ás operações do referido marechal contra Lisboa, sendo tambem ellas as que salvaram a peninsula, e de concurso com isto todas as nações da Europa de serem presa da França e do pesado jugo de Napoleão I, o mesmo marquez de Sá ordenou igualmente que na ala direita das citadas linhas, junto á villa da Alhandra, se erigisse tambem um outro que tal monumento.

mento descobrir algum caminho, commissão que tambem deu aos generaes Lamote e Saint Croix. Foi este o que por fortuna de Massena, correndo o campo sobre a direita do seu exercito, alcançou um camponez, que se tinha escondido nas proximidades do conflicto, para se não afastar dos seus lares; foi elle quem, qual o grego Epialtes na passagem das Thermopylas, quando ensinou a Xerxes Longimano um caminho occulto com que venceu a sua tão difficil posição, descobriu tambem aos officiaes portuguezes, pertencentes ao estado maior de Massena, o caminho que sobre a direita vem de Mortagua a Boialvo e d'aqui vae ao Sardão, caminho que corre pela garganta da serra do Caramullo. Examinando-se com precaução o indicado logar, viu-se com bastante admiração que não tinha quem o defendesse, porque emfim o coronel Trant, a quem lord Wellington mandára postar em Boialvo com a sua pequena divisão de milicias, como já vimos, não pôde ali chegar antes da meia noite pelos rodeios que teve de fazer, em consequencia da demora a que o obrigou o encontro que no caminho de Andesoromil para Bans tivera nos dias 20 e 21 de setembro com o inimigo na sua marcha de Moimenta da Beira, como atrás vimos, indo-se depois d'isto encontrar novamente em S. Pedro do Sul com um destacamento francez.

Sobre a desgraça da perda de Almeida occorreu portanto o desastre do coronel Trant achar já o ponto de Boialvo occupado pelas forças de Massena, quando ali chegou, testemunhando a pressa com que marchavam a ganhar a estrada do Porto para Coimbra, sendo a sua vanguarda formada pelo segundo corpo, do commando de Reynier, que pelas seis horas da tarde do citado dia 28 se poz em marcha, destinado a tornear a serra de Alcoba por Boialvo; o seu centro formava-o o sexto corpo, commandado pelo marechal Ney, que pelas oito horas da tarde se dirigiu igualmente para Boialvo, constituindo a retaguarda do exercito o oitavo corpo, do commando de Junot, em que tambem ia a cavallaria, forças estas que só durante a noite se pozeram em movimento. O exercito francez levava comsigo 4:000 feridos, faltando macas para os conduzir. Dezenove caixões tinham sido destruidos em Vizeu por

causa dos maus caminhos, e falta de cavallos para os conduzir, tendo morrido de cansaço muitos d'estes animaes. Em circumstancias taes recorreu-se ao emprego de jumentos, desmontando-se os cavalleiros, e arranjando-se com ramos de arvores uma especie de padiolas, levadas pelos soldados, para facilitar o transporte dos feridos. Foi portanto ao feliz encontro do aldeão acima citado que o exercito francez deveu escapar ao vergonhoso desar de retrogradar, de que resultou chamar o marechal Ney por ironia pungente a esta marcha *la manœuvre du paysan*. É notavel a confiança que lord Welligton, sem mais averiguação, nem exame, cegamente pozera na divisão Trant, que alem de pequena, era composta de milicianos não aguerridos, e por conseguinte suspeitos de não poderem resistir com denodo ao ataque serio de uma columna de tropas francezas, quanto mais a todo um exercito de tamanha força como era o do marechal Massena, decidido a abrir caminho, fosse como fosse. Em circumstancias taes outros eram os meios a que devêra recorrer, apropriando-os a nullificar os esforços do exercito francez, que provalmente se não arriscaria á eventualidade de uma segunda batalha para forçar uma posição de que tão severamente tinha já sido repellido no primeiro ataque. Uma outra censura se póde tambem fazer ao exercito luso-britannico, tal foi a falta de vigilancia das suas tropas ligeiras, quanto ás que faziam parte do seu flanco esquerdo, mostrando-se tão circumspectas, depois de ganha a batalha, que nenhum incommodo causaram ao exercito francez, no movimento que teve a temeridade de effeituar, para tornear a posição da serra do Bussaco, que de frente não podéra levar á força de armas, sendo d'ella repellido com a perda já acima referida[1].

[1] Tanto sobre o systema de operações de lord Wellington em 1810, como sobre a sua falta de attenção em devidamente observar o caminho que de Mortagua se dirige para o Sardão, se exprime o general Pamplona (conde de Subserra) a pag. 50 e 51 da sua *Memoria justificativa* pela seguinte maneira: «Já que fallámos da acção do Bussaco, importa fazer observar que o plano de operações do general em chefe do exercito anglo-luso em todo o curso da guerra *nunca teve por objecto a simples defeza d'este reino*; mas fazia parte do plano geral da resistencia

Como quer que seja o marechal Massena, aproveitando-se do descuido de lord Wellington, deu logo as ordens para a marcha das suas tropas, marcha que effeituaram por tal modo, que na manhã do dia 29 o Bussaco não tinha inimigos na frente, nem tão pouco defensores. O caminho seguido pelos francezes era soffrivel, depois de algumas reparações que lhe fizeram, dando commoda passagem á artilheria. A marcha que effeituaram pelo alto da serra não teve portanto inconveniente algum, não achando resistencia, a qual sómente encontraram da parte do coronel Trant, depois que deixaram Boialvo e chegaram á estrada do Porto. Effectivamente essa marcha ao atravessar a serra apenas teve contra si a extrema falta de viveres, alimentando-se sómente das poucas espigas de milho que o acaso lhes deparava, cousa ainda assim difficil de encontrar, pois o terreno que pisavam era montuoso e inculto. Foi por esta maneira que o marechal Massena pôde chegar livremente no citado dia 29 ao Sardão,

europêa, com o fim de rebater o predominio absoluto do imperio francez, mostrando ás nações amedrontadas uma permanente resistencia no continente, provando-lhes pelo facto que era possivel esta resistencia e que era provavel obterem, se recobrassem animo e constancia, um resultado definitivamente favoravel. *N'esta luta era Portugal o instrumento e não o objecto.* N'este sentido preencheu este general completamente as vistas do ministerio britannico, se considerarmos os resultados e não os meios, e discorrendo sempre na mesma hypothese, deixam de ter peso as observações feitas por alguns escriptores militares sobre o acerto que negam a algumas das suas operações, porquanto *elle não tinha em vista a defeza do territorio portuguez,* mas dar tempo ás nações do norte a despertarem do seu lethargico abatimento. No caso porém da resistencia em Bussaco, este mesmo interesse geral exigia imperiosamente a occupação e a defeza do passo de Boialvo; não bastava ter dado ordem ás milicias de Trant de occupar esta passagem e defende-la, cumpria ter a certeza de que tinham chegado (o que muitos incidentes podiam empecer); cumpria reforça-las com tropa de linha; porque esta occupação preenchia todos os fins, fazia mudar o plano do general francez, preservava parte da Beira e toda a Extremadura, e removia o risco em que se poseram os inglezes de abandonarem Lisboa, embarcando-se precipitadamente; o que teria posto termo a toda a resistencia continental, que elles queriam promover, pelo desalento inevitavel que haveria produzido no continente este novo triumpho das armas francezas».

e Avelãs de Caminho, onde estabeleceu as suas avançadas, acampando-se na planicie que está entre uma e outra terra. Voltando então para o sul, seguindo a estrada do Porto para Lisboa, facil era de ver que o intento dos francezes era o diligenciarem apoderar-se de Coimbra, antes do exercito luso-britanico poder chegar a esta cidade, a fim de o separar da capital, base das suas operações, interpondo-se entre ella e elle. Todavia era tambem de crer que os intentos de Massena não deixassem de ser logo percebidos por lord Wellington, cousa de que bem depressa o mesmo Massena se desenganou, porque continuando no dia 30 com a sua marcha, pôde ir até á Mealhada; mas já com a circumstancia das suas avançadas terem de sustentar algumas escaramuças com a cavallaria dos alliados, que acharam na frente d'aquella villa, onde tinha sido postada, como superiormente vimos.

Effectivamente lord Wellington apenas conheceu que a marcha de Massena sobre Boialvo lhe tornava patente a estrada do Porto sobre Coimbra, promptamente cuidou em se retirar do Bussaco, posição que deixou na noite de 28 para 29, marchando em direcção a Coimbra com o centro e a esquerda do exercito pela estrada, que do convento se dirige para aquella cidade pela Mealhada. Pela mesma estrada se retirou igualmente a artilheria, cobrindo-lhe a retaguarda a divisão ligeira, até que o parque passou para alem de Fornos, porque sendo d'ali por diante o paiz mais plano e aberto, pôde então ser escoltado pela cavallaria. Depois que os francezes ganharam na estrada do Porto o Sardão e Avelãs de Caminho, tendo deixado Boialvo, facil lhes foi achar meios de subsistencia, fornecidos como os tiveram pela fertilidade d'aquelles campos. No dia 30 continuaram elles a sua marcha para a Mealhada, havendo sómente algumas escaramuças na vanguarda; mas o coronel Trant, que pela uma hora da tarde de 28 tinha já chegado ao Sardão, picava-lhes seriamente a retaguarda com o seu corpo de milicias e guerrilhas, de que resultou destacar-se contra elle uma brigada de cavallaria e outra de infanteria, as quaes tiveram de sustentar com elle um ligeiro combate. Lord Wellington tinha pela sua parte atravessado

o Mondego no mesmo dia 30, passando da sua margem do norte para a do sul, e indo depois entrar nos desfiladeiros que de Condeixa vão para Pombal. A divisão ligeira e a cavallaria ficaram ainda na margem direita d'aquelle rio. Ao general Bacellar expediu-se logo ordem para se dirigir sobre a Vouga com todas as milicias das provincias do norte. O commissariado e os depositos de viveres tinham sido removidos para Lisboa com aquella confusão e desordem proprias do grave apuro e instante urgencia das circumstancias occorrentes.

No dia 1.º de outubro o exercito francez marchou até Fornos, e a vanguarda, tendo encontrado entre esta villa e a cidade de Coimbra alguns esquadrões alliados com duas peças de artilheria e um obuz, ali se bateu com elles corajosamente, soffrendo os alliados alguma perda[1]. Dando-se parte d'isto a Massena, passou logo á vanguarda, por julgar que lord Wellington lhe offerecia ali nova batalha. Com esta crença tomou pois as suas medidas, mandando uma força atacar os esquadrões alliados, os quaes fizeram tres meia volta e se retiraram, passando o Mondego perto de S. Martinho do Bispo, d'onde tomaram por uma estrada, que de lá se dirige á real perto da Cruz dos Moroiços. Á vista pois d'isto os francezes continuaram a sua marcha, dirigindo-se sem mais inconveniente algum para Coimbra, onde entraram no citado dia 1 de outubro, reinando n'ella a mais extrema confusão. Durante os poucos dias por que os mesmos francezes foram demorados no Bussaco, sómente os mais ricos habitantes d'aquella cidade d'ella se tinham retirado, fazendo-o sómente os outros com a approximação do inimigo. Foi então que o mais doloroso espectaculo se apresentou á vista; mães com creanças de peito ao collo e rodeadas de outras de tenra idade, que ainda mal podiam andar, se pozeram a caminho, abandonando as suas casas; doentes, velhos e até mesmo alguns que tinham a rasão perdida, ou fizeram o mesmo voluntaria-

[1] Fririon diz que os alliados perderam alguns prisioneiros e 30 cavallos.

mente, ou foram constrangidos a isso. Felizmente para estes desgraçados o tempo estava bom e as estradas praticaveis, porque a não ser isto, a maior parte d'esta gente teria morrido miseravelmente. Por este modo Coimbra, postoque á ultima hora, foi completamente abandonada, como anteriormente o fôra Vizeu e todas as mais terras por onde os francezes passaram, ficando-lhes portanto imminente uma completa devastação, como faz sempre toda a soldadesca, qualquer que seja a nação a que pertença, quando entra n'uma povoação abandonada e tida por inimiga, muito mais quando a necessidade obriga os chefes a lhes permittir irem procurar viveres para seu sustento, o que equivale a lhes darem licença para tudo quebrarem, despedaçarem e roubarem, alem dos martyrios por que passam os desgraçados moradores que lhes cáem nas mãos. Todas estas cousas contristaram sobremaneira alguns dos officiaes portuguezes que vinham no exercito inimigo, e mais particularmente Manuel Ignacio Martins Pamplona, o qual conseguiu de Massena a nomeação de governador da cidade, que elle pela sua parte não sem repugnancia aceitou, sómente com as vistas, segundo o que nos diz na sua *Memoria justificativa,* de salvar da total ruina de que estavam ameaçados os estabelecimentos litterarios e scientificos da universidade, taes como a livraria, museu, observatorio, gabinete de physica e laboratorio de chimica.

Como o marechal Massena tinha muitas esperanças nos auxilios que Coimbra lhe podia fornecer, prohibiu severamente a pilhagem, e com estas vistas não só poz ás ordens do general Pamplona a brigada Taupin, destinada para a sua guarnição, mas até se prestou a tudo mais que o mesmo Pamplona lhe exigiu. A referida brigada foi portanto postada em differentes pontos da cidade, pondo-se guardas ao museu, ao observatorio, aos geraes, á livraria, etc., vedando-se a entrada d'ella a toda e qualquer pessoa, por mais eminente que fosse a sua posição, quando para isso não trouxesse permissão especial de Massena. Feito isto ordenou-se á brigada que ensarilhasse as armas e descansasse. Entretanto appareceu na ponte de Agua de Maias, vindo da parte do Porto, o

general Junot, e sendo-lhe recusada a entrada na cidade, pela guarda que na dita ponte se achava, entrou logo n'um accesso de colera, propria do seu caracter, e forçando a mesma guarda, entrou violentamente em Coimbra á frente do seu corpo pela rua da Sophia. A isto seguiu-se depois mandar igualmente ensarilhar as armas e dar descanso aos soldados, os quaes, não perdendo um só momento, se espalharam por toda a parte com os da guarnição, não havendo casa, convento ou igreja que por elles não fosse devassado ou destruido, roubando e queimando tudo quanto encontravam. Por este modo foi a cidade de Coimbra, no curto espaço de duas horas, ou em menos tempo ainda, reduzida ao triste espectaculo da mais deploravel desolação. Tudo quanto foi prata e paramentos de valor roubou-se nas igrejas, conventos e capellas, incluindo a da universidade, não escapando aos devastadores as escrevaninhas que d'aquelle metal poderam haver á mão. No observatorio astronomico roubaram todos os instrumentos que acharam; telescopios, lentes, pendulas, metros, graphometros e mirometros, tudo absolutamente foi presa d'estes novos vandalos, levando comsigo tudo quanto era instrumento. Nos templos nada absolutamente escapou á pilhagem de que foram victimas. O menos que fizeram foi escavacar os altares, arrombar os sacrarios, mutilar e queimar as imagens, rasgar e profanar as vestes, lançar mão sacrilega aos sagrados vasos, sem nada lhes embaraçar com as sagradas formulas. Os santuarios foram convertidos em cavallariças, matadouros de animaes e repugnantes lupanares. Quasi todos os templos ficaram desguarnecidos dos seus ornamentos, queimados os seus altares e soalhos, havendo outros a que só escaparam as paredes.

No meio d'esta vertigem destruidora, a que nada pareceu escapar, queimaram a casa de Thomé Rodrigues de Sobral, que era nova, sendo elle talvez o mais respeitavel lente de chimica e o mais eminente n'esta sciencia que tem tido a universidade: o fogo devorou-lhe os seus manuscriptos e a sua bella livraria, avaliada em quinze mil cruzados, provavelmente em castigo dos importantes serviços que ao paiz tinha

prestado na sublevação de Coimbra contra o dominio de Junot em 1808[1]. Massena, que tinha ficado fóra da cidade, para visitar as posições dos suburbios d'ella, tambem entrou pela rua da Sophia, quando o saque estava no seu maior calor, e tendo-se esquecido da sua propria ordem, nem perguntou, nem disse uma só palavra sobre o roubo e a devastação que se lhe apresentava aos olhos. Elle mesmo parou algumas vezes para examinar a qualidade dos roubos de que os soldados iam carregados, e como encontrasse um com um barril de manteiga e outro com um cesto de vélas de cêra, *ordenou que isto lhe fosse levado para o seu quartel*[2]. Ainda mais. Segundo o que tambem nos diz o general Pamplona sobre o mesmo assumpto a pag. 155 do seu folheto, intitulado *Aperçu nouveau sur les campagnes des français en*

[1] A devastação e os roubos praticados em Coimbra pelo exercito francez de Massena, quando n'ella entrou em 1810, depois da batalha do Bussaco, foram de tal ordem, que o proprio mr. Guingret os condemnou na sua *Relação historica*, exprimindo-se n'ella a pag. 83 e 84 pelo seguinte modo: «Esta emigração da população inteira de uma grande cidade foi de um sinistro agouro para a seguinte campanha: ella favoreceu o vicio desorganisador que se introduzia no nosso exercito. Os habitantes, não podendo levar comsigo todos os seus effeitos, haviam escondido nas suas habitações o que tinham deixado de mais precioso, e com o pretexto de procurarem viveres, que por alguns dias se não tinham fornecido, os soldados excavavam as casas e arruinavam-nas para descobrir os esconderijos, a que se seguiu roubarem toda a cidade. O lançarem mão das subsistencias era cousa indispensavel; mas era preciso que n'isto se pozesse ordem, e que se não permittissem fazer por divertimento devastações inuteis. Os habitantes dos paizes onde se faz a guerra conhecem bem que o primeiro cuidado dos soldados, de qualquer nação que sejam, é o procurarem alimentos, de sorte que a perda das suas provisões não os exaspera tanto como o roubo de alguns farrapos, ou uma devastação praticada nas suas possessões. A falta que se commetteu, deixando saquear Coimbra, foi tanto maior, quanto que se tinha já resolvido deixar ficar n'ella os nossos doentes e feridos. Que tratamento poderiam elles esperar da parte dos habitantes, que nas suas casas vieram achar tudo roubado e devastado?»

[2] É isto o que expressamente se lê na *Relação*, já por nós citada, *da campanha de Massena em Portugal, escripta por um official que acompanhou o seu exercito*, e se publicou no volume VI do *Investigador* de março e abril de 1813, pag. 57 e 210.

Portugal, onde no que nos conta faz toda a auctoridade, por ter vindo no exercito de Massena, e ser como tal testemunha ocular do que refere no seu dito escripto, vê-se que o roubo dos telescopios e instrumentos de mathematica, feito no observatorio da universidade, foi ordenado pelo proprio Massena e outros mais generaes. Foi elle Massena o que, julgando obsequiar o marechal Ney, lhe enviou um oculo de ver ao longe, escolhido entre aquelles de que havia lançado mão; mas Ney não lhe aceitou o presente. Tal era portanto o exemplo que os generaes francezes davam aos seus subordinados, e a conducta que o proprio Massena tinha para com elles e os seus soldados, conducta com que não só menoscabava a sua alta patente de marechal de França e o elevado cargo de commandante em chefe de um grande exercito, mas com que tambem ludibriava e infringia as suas proprias ordens! Que caso podiam pois fazer d'ellas os seus soldados, quando o proprio Massena as infringia? Nenhum, absolutamente nenhum, sendo isto o que realmente se viu.

Devastada que foi a cidade, os soldados espalharam-se depois pelos campos, quintas e povoações do seu respectivo districto. Descrever devidamente o flagello com que a Divina Justiça castigou por aquelle tempo os portuguezes de todas as classes e sexos, habitadores do territorio por onde passaram, ou onde chegaram os francezes, é cousa que não póde devidamente escrever-se. Para que desde já se possa fazer uma idéa do que a tal respeito dizemos, aqui vamos apresentar ao leitor em resumido quadro as devastações, estragos, mortes e incendios, que nas differentes terras do bispado de Coimbra os francezes praticaram, tanto em setembro de 1810, quando invadiram o reino, como em março de 1811, quando d'elle foram expulsos pelo exercito luso-britannico. Seis aldeias que estavam situadas ao longo da serra do Bussaco foram pelos invasores reduzidas a cinzas. Na freguezia de Espinho, distante da dita serra pouco mais de uma legua, oito povos foram queimados. Na freguezia de Pala arderam trinta e quatro casas. Na de Santa Comba Dão teve igual sorte uma aldeia e metade de outra, acontecendo o mesmo na freguezia

do Sobral a tres povoações. Correu parelhas com este estrago das casas e povoações o que se experimentou nos gados, cuja perda foi incalculavel. A devastação das arvores fructiferas, e com especialidade a das oliveiras, foi cousa que profundamente arruinou a agricultura de todo o bispado de Coimbra, reduzindo os proprietarios á mais extrema pobreza e irremediavel miseria. O exercito francez sustentava-se á custa dos povos por onde passava, destruindo todos os viveres de que não tinha tempo de se utilisar, ou que não podia levar comsigo. Para se calcular a gravidade dos estragos d'este genero, bastará dizer que no arcyprestado de Arêga roubaram e destruiram 12:054 moios de cereaes, em Miranda 10:897 alqueires, na freguezia de Alvorge 19:240 ditos, na de Arganil 20:000 ditos, na de Levegada só ao dizimeiro 5:551 ditos, na de S. Martinho do Bispo 3:619 ditos, na de Coja 5:044 ditos, e na de Salaviza 4:002 ditos[1]. Os horrores praticados pelos mesmos francezes contra os desgraçados individuos que lhes caíram nas mãos, fazem arripiar de espanto. Muitos tinham fugido, não com o exercito alliado, mas para as quintas, casaes e montes das vizinhanças de Coimbra. Assaltados nos seus esconderijos como depois foram pelos invasores, da sua barbaridade se tornaram desgraçadas victimas. Despojados até da propria camisa, alguns foram arrastados como bestas, á força de pancadas e golpes, a carregarem por falta de transportes os furtos que os mesmos invasores tinham feito, de que lhes resultou, ou morrerem no caminho durante a marcha, debaixo do peso d'elles, ou serem mortos no fim da conducção por paga do seu trabalho. Alguns houve

[1] A narração que acima fazemos do que por aquelle tempo succedeu em Coimbra, modelo do que por todas as mais terras do reino praticaram os invasores, foi tirada da *Memoria breve dos estragos causados em Coimbra pelo exercito francez, commandado pelo marechal Massena*, etc. Lisboa, impressão regia, anno de 1812. Esta *Memoria* foi o resultado das informações colhidas dos differentes parochos do respectivo bispado. Uma repetição fiel de todos estes estragos e assassinios foi o que tambem posteriormente se viu praticado pelos francezes nas incursões que de Santarem fizeram ás differentes terras da Extremadura, depois que deixaram as linhas de Torres Vedras.

a quem os corpos foram rachados vivos ao meio, ou porque já não tinham com que remir a sua malfadada vida, ou porque, exhaustos de forças, não podiam mais arrastar-se[1]. A outros moeram os queixos, arrancaram as entranhas, esmagaram a cabeça e as partes mais sensiveis e delicadas do corpo humano: tambem houve casos de esburgarem a uns a carne do rosto até ao peito, de queimarem vivos outros a fogo lento, sendo bastantes os que maneatados acabaram a vida pendurados nas arvores, vendo-se outros amarrados a cépos a quem romperam as veias.

«Quem poderá, diz a *Memoria* que lemos, deter os olhos sobre um infeliz paralytico, mudo e pobre, que postando-se no chão com as mãos erguidas a implorar-lhes piedade, foi desfeito em pedaços? A penna ainda estremece ao querer

[1] Na nota n.º 1, que se lê a pag. 264 do nosso primeiro volume da *Historia da guerra da peninsula*, estranhou um nosso amigo e collega, o sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, a duvida que pozemos sobre as atrocidades que tão barbaramente praticaram em Alpedrinha os soldados da divisão de Loison no anno de 1808, transcrevendo-as da *Historia* de José Accursio das Neves, e sobre elle lançando a responsabilidade do que nos conta. Na carta que o dito sr. Gusmão nos dirigiu de Portalegre em 7 de maio de 1870, rebatendo a nossa duvida, nos diz elle: «Desgraçadamente não tem o minimo fundamento a sua duvida. Saí em 1855 de Alpedrinha, onde exerci dez annos a clinica; conheci a familia do velho que foi queimado vivo, e ainda se achavam de pé os pardieiros de algumas casas incendiadas pelos francezes. Tudo quanto escreveu José Accursio das Neves, cuja Historia então li, é da mais estricta verdade». Pareceu-nos impossivel que no coração humano houvesse tanta malvadez como a referida aos francezes em 1808, quando de Portugal não tinham ainda recebido motivo algum de offensa; mas essa malvadez requintou ainda mais na invasão de Massena nos annos de 1810 e 1811, servindo-lhe de exemplo as invasões anteriores do general Junot e marechal Soult, como acima se vê. Não nos parece pois que os francezes tenham muita rasão de se queixarem de alguns excessos que porventura os exercitos prussianos praticassem no seu paiz, durante a cruel guerra que com elles tiveram em 1870 e 1871, pois, por muito barbaros que fossem, não o foram tanto que perpetrassem actos de natureza igual aos dos mesmos francezes em Hespanha e Portugal; e se os perpetraram, nada mais fizeram que applicar-lhes com toda a justiça a pena de Talião.

contar quantas vezes as esposas e as donzellas foram violadas nos proprios braços dos seus esposos e paes!... A algumas arrancaram por fim a vida, ou a tiro, ou a catanadas, e sempre de um modo cruelissimo. Pena é que se não saibam os nomes de duas donzellas, das quaes uma se afogou n'um rio, e outra se degolou com uma faca, para não serem victimas das torpezas para que as violentavam. Na freguezia de Assafarge foram assassinados dois ecclesiasticos de mais de oitenta annos. Na freguezia de Figueiró dos Vinhos esburgaram a carne dos ossos a um velho desde a barba até ao peito, e a outro sangraram-no como se fôra um porco. No Rego da Murta a golpes de machado mataram um velho. Em Pombal penduraram um paizano n'uma arvore e o queimaram a fogo lento. Na freguezia da Vacariça rasgaram a bôca por um e outro lado a uma velha de oitenta annos, até que o queixo inferior lhe pousava sobre o peito. A outra de oitenta e cinco annos e cega mataram ás cutiladas. Na de S. Thiago da Guarda queimaram a duas mulheres vivas, e enforcaram dois homens, mesmo á vista das mulheres e dos filhos. Em Arganil, apanhando um aleijado, todo encolhido no fundo de uma cova, n'ella o mataram desapiedadamente. Na villa de Coja arrancaram a lingua e moeram os queixos a um paralytico já velho. Em Ancião arrastaram com os cavallos um paizano até elle expirar. Na freguezia de Poiares esmagaram um, tendo um innocentinho nos braços, atirando com este ao tronco de um cavallo. Na de Pombeiro, depois de cortadas as mãos e o nariz a um pobre velho e de o fazerem acarretar o cadaver de um francez, o mataram. Em Villa Cova o bacharel José Freire de Faria, presbytero de quarenta e nove annos de idade, como fugisse estendido n'um carro por ser gotoso, os francezes o apearam e o obrigaram a poder de golpes que trepasse a pé uma ladeira, e no alto d'ella lhe esquartejaram a corôa e lhe rasgaram o ventre, e ali mesmo despedaçaram o proprio pae d'elle, a quem tinham obrigado a ser expectador de similhantes barbaridades». Na *Memoria* de que temos feito o precedente extracto, encontra-se mais a seguinte

Tábua geral dos assassinios, incendios, etc., praticados nos dez arcyprestados de que se compunha o bispado de Coimbra

Cidade episcopal	Arcyprestados	Numero de parochias	Assassinatos	Incendios	Informações que faltaram
	Mortagua..	30	108	Casas 47.....	–
				Povos 19 ½..	–
Coimbra..	....	9	14	Casas 7......	Uma era do isento de S.ta Cruz
	Soure.....	33	280	Casas 124....	3
	Arazede...	52	99	....	4
	Redinha...	13	508	Innumeraveis.	–
	Arega.....	21	578	Casas 122....	–
	Arganil....	21	180	Aldeia. 1....	8
				Casas 224....	
	Miranda...	27	802	Casas 264....	2
	Sinde.....	20	186	Casas 122....	–
	Oliveirinha.	21	102	Casas 100....	1
	Ceia......	43	112	Casas 134....	8
Somma..	10	290	2:969	Casas 1:144 e povos 20 ½	27

Tal foi o modo por que os francezes assignalaram a sua passagem desde Almeida e Vizeu até Coimbra e depois da sua estada em Santarem, chegando a tal excesso a sua destruição, que nem sequer perdoaram aos cereaes e provisões, que não utilisaram, e que se por elles fossem nos valles do Mondego e do Tejo bem aproveitados e recolhidos em armazens, poderia o seu exercito subsistir em Portugal ainda por mais seis ou oito mezes dos que n'elle esteve. De Coimbra saíu o dito exercito no dia 4 de outubro, indo as suas avançadas até á Redinha, ficando o oitavo corpo em Condeixa, e o resto do exercito entre esta villa e o Mondego, havendo-se até então demorado na dita cidade de Coimbra e terras vizi-

nhas, por causa dos excessos que n'ellas commetteu e que o impediram de marchar para a frente antes do dito dia, cousa que muito satisfez a lord Wellington, para quem similhante demora foi de nova vantagem, pela melhor ordem que foi dando á sua retirada, effeituada pela maior parte do seu exercito pelas estradas de Soure e Pombal para Leiria, fazendo alto perto d'esta cidade no dia 3, estabelecendo-se em Pombal os postos da retaguarda de observação ao inimigo, sendo a dita retaguarda formada pela cavallaria britannica, commandada pelo major general Stapleton Cotton. O tenente general Hill retirou do Bussaco, atravessando o Mondego com o corpo do seu commando, e passando o Alva na ponte da Murcella, dirigiu-se para a estrada do Espinhal, seguindo de lá para Thomar, onde entrou no dia 4, marchando depois em direcção ás linhas defensivas da capital, junto das quaes chegou no dia 8 de outubro. A desordem d'esta retirada fizera-se consideravelmente sentir, sobretudo nas tropas inglezas. Em Coimbra uma grande quantidade de arreios e utensilios de cerco tinham sido espalhados pelas ruas; em Leiria foram os armazens roubados pelas mesmas tropas. Em Condeixa um armazem de barracas, sapatos, licores e carne salgada foi destruido, ou abandonado ao inimigo, e emquanto n'esta villa as ruas se viram inundadas de *rhum* na distancia de um quarto de milha, a divisão ligeira do general Crawfurd e a brigada portugueza de Diniz Pack viram-se obrigadas a matar os seus bois e a contentarem-se com meia ração de aguardente. Para pôr côbro a similhante desordem lord Wellington mandou enforcar em Leiria tres homens, que foram apanhados em flagrante[1], prohibindo tambem a entrada n'esta cidade a muitos regimentos em que os laços da disciplina se haviam consideravelmente relaxado. Esta justa severidade, junta á continuação do bom tempo e á inactividade do inimigo, restabeleceu a ordem no exercito, emquanto que Massena, tendo uma conducta inteiramente

[1] Assim o diz Napier a pag. 35 do tomo VI da sua *Historia da guerra da peninsula* (traducção franceza).

opposta á do general inglez, introduziu a confusão no seu proprio exercito, que mais parecia marchar em retirada, do que ter por si, como realmente tinha, a iniciativa dos movimentos.

Da parte dos francezes o segundo corpo, commandado pelo general Reynier, marchou nos dias 5 e 6 pela estrada do Rabaçal, Ancião e Arneiro em seguimento do tenente general Hill, o qual, tendo a sua retaguarda protegida pela cavallaria portugueza e um corpo de dragões ligeiros, sendo este e a cavallaria portugueza commandados pelo major general Fane, sem inconveniente algum chegou a Santarem, d'onde depois marchou para a Castanheira, Villa Franca e Alhandra, postando-se n'este ponto, que era o flanco direito da linha, sendo o centro d'ella no Sobral e o seu flanco esquerdo em Torres Vedras, occupando uma extensão de sete leguas, como já notámos: o sexto e o oitavo corpos francezes, commandados pelo marechal Ney e general Junot, seguiram a estrada de Pombal. Em Condeixa encontraram os francezes armazens de milho, cevada, aveia e biscouto em bastante abundancia, armazens que tomaram na sua passagem, não tendo sido destruidos por lord Wellington, apesar do seu grande empenho em que cousa alguma d'esta especie caísse em poder do inimigo: tal era a rapidez, confusão e desordem com que a retirada dos alliados se tinha feito desde Coimbra até Leiria[1]! De Coimbra destacou Massena para a

[1] Assim se lê na já citada *Relação da campanha de Massena em Portugal, escripta por um official que acompanhou o seu exercito,* publicada no *Investigador* de março e abril de 1813, volume VI. Já se vê pois a injustiça com que lord Wellington e o historiador Napier se queixaram dos governadores do reino, por não terem mandado proceder á destruição dos generos alimenticios nas differentes terras da Beira e Extremadura. Pois se Wellington, tendo dado ordens para isso, e tendo-as igualmente recebido do governo, as não executou nos seus proprios armazens, como é que os governadores do reino as poderiam fazer devidamente executar nas ditas terras? E como as poderiam elles fazer executar n'um tempo em que tudo se achava no reino n'uma geral confusão, e as auctoridades sem força alguma? Estas censuras, por elles feitas ao governo portuguez, nada mais foram do que um meio de descarregar sobre os mais as culpas que só deviam attribuir-se ao proprio lord Wellington.

Figueira o general Montbrun com uma divisão de cavallaria, para se apoderar dos armazens que lá achasse; mas foi baldada a sua commissão, porque a villa estava evacuada, e armazens nenhuns havia lá. N'estes termos marchou a reunir-se ao exercito na Redinha, passando logo á vanguarda para retomar o seu commando, indo-se na dita villa acampar no dia 4. No immediato o exercito francez foi a Pombal, tendo ali a sua vanguarda um encontro com os piquetes da retaguarda ingleza, que bem severamente foi obrigada a se retirar para Leiria. O capitão Somers Cocks veiu depois contra o inimigo, cujo impeto conteve, até que uma brigada de cavallaria, commandada pelo general Anson e os artilheiros do capitão Bull lhe chegaram de reforço. Este choque foi um pouco serio para ambas as partes, perdendo n'ella os inglezes 53 homens, entre mortos e feridos, incluindo 3 officiaes. Os francezes, empregando n'este combate a brigada do general Lamotte, e 200 cavallos, commandados pelo chefe de esquadrão Gerbaut, tiveram de perda, segundo o que diz o barão Fririon, 25 homens entre mortos e feridos, e 23 cavallos mortos e 27 feridos. Os inglezes chegaram mesmo a ir até junto de um parque de artilheria franceza de seis peças, onde tambem havia uma reserva de cavallaria. Então os esquadrões britannicos fizeram tres meia volta, reassumindo na melhor ordem a sua antiga marcha, carregando sempre sobre a vanguarda da columna inimiga com grande successo até chegarem a Leiria.

D'esta cidade continuou a retirada dos alliados, e chegando no dia 6 á Batalha, ali se dividiu o exercito, que vinha commandado por lord Wellington, em duas porções; a da direita, commandada pelo tenente general Picton, ou antes a terceira divisão d'este general, tomou a estrada de Alcobaça, onde os inglezes causaram não pequenos estragos na fabrica de tecidos de algodão que ali havia, depois do que seguiram para Obidos e de lá para Torres Vedras, onde entraram nas linhas defensivas de Lisboa; a outra porção do exercito, formada pela primeira, quarta e quinta divisão, continuou a sua marcha pela antiga estrada real, chamada então, *estrada no-*

ra, *sendo esta* parte commandada em pessoa por lord Wel-lington, *que com* ella foi á Batalha, Rio Maior e Alcoentre, e *por fim* ao Sobral, por onde igualmente no citado dia 8 entrou nas *linhas*. Pela sua parte o exercito francez entrava no dia 6 de outubro em Leiria, que achou deserta, mas onde encontrou um armazem de grãos muito consideravel nas tulhas do Paço do Bispo. Foi ali que os francezes tiveram um novo choque com a retaguarda dos alliados, soffrendo muito maior perda que na vespera tinham soffrido em Pombal. No dia 7 foram-se acampar nos Carvalhos e Aljubarrota, tendo-se-lhes reunido em Leiria o segundo corpo, que para este fim deixára a chamada *estrada velha*, desistindo de perseguir o general Hill. No dia 8 foram a Rio Maior e a vanguarda a Alcoentre, onde houve um novo e renhido combate com um esquadrão inglez que commandava o capitão Murray, o qual foi ali quasi surprehendido: os atacados, tendo perdido a villa e duas peças de artilheria, voltaram depois a retomal-as, o que conseguiram, retirando-se em seguida para a Ameixoeira, onde finalmente tomaram posição, tendo a cavallaria franceza perdido 3 homens mortos e 13 feridos, alem de 32 cavallos mortos, segundo o jornal do barão Fririon.

No dia 9 chegou ali a vanguarda franceza, batendo-se por quasi todo o dia com os alliados, sendo a sua perda de não pequena monta, em rasão de uma cilada em que caíra o general Sainte-Croix. Ao amanhecer do dia 10 já os alliados se tinham retirado, podendo os francezes marchar sem inconveniente algum até ao Moinho do Cubo, onde se dividiam as estradas para Alemquer e Lisboa. Não sabendo Massena por qual d'ellas tomassem os seus contrarios, fez alto, mandando por um e outro lado destacamentos, que voltaram sem nada terem sabido, conduzindo um d'elles dois paizanos, que por acaso encontrou. Perguntados estes *pelo* general sobre qual das estradas os alliados tinham marchado, responderam que nada sabiam. Parecendo isto *incrivel*, foram mandados pranchar, tormento que resignadamente soffreram até caírem por mortos, sem que d'elles se conseguisse outra resposta mais que a primeira que

deram[1]. Era o general Montbrun quem vinha perseguindo os alliados, e vendo, quando chegou a Alemquer, que uma columna d'elles, composta de alguma cavallaria e infanteria (em que entrava a divisão ligeira do general Crawfurd e a brigada portugueza de Diniz Pack), se retirava pela estrada do Sobral, contra ella se dirigiu. A dita divisão e brigada, que tinham de entrar nas linhas por Arruda, ainda no dia 9 se achavam em Alemquer, onde se conservaram até ao outro dia, em que então se retiraram, perseguidas por uma consideravel força franceza, composta de cavallaria e infanteria, commandada pelo citado general Montbrun, que se deitou a picar-lhes a retaguarda até á volta de uma montanha, que está para diante de Alemquer. Vendo n'ella postados os alliados, dispostos a recebe-lo, contra elles marchou novamente, obrigando-os a se retirarem d'ali, indo-se depois postar n'um outro logar mais adiante. Em todos estes encontros houve serios acommettimentos por uma e outra parte, até que finalmente Crawfurd, em vez de se dirigir para o Carregado e Cadafaes, endireitou com a estrada do Sobral, sendo obrigado durante a noite de 11 para 12 de outubro a fazer uma marcha de flanco junto das linhas, na extensão de algumas milhas, para por este modo ganhar a villa da Arruda, por onde finalmente entrára nas referidas linhas.

As patrulhas de cavallaria, destacadas para Villa Franca encontrando no Carregado alguns extraviados das tropas de Crawfurd, foram por estes informados de que a sua divisão havia sido cortada pelo inimigo, o que parecia confirmar-se não só por se não achar ainda occupada pelo dito general a linha da Arruda, que lhe estava destinada, mas tambem por se verem já os exploradores francezes muito perto das linhas. Levada esta noticia ao general Hill, o resultado foi querer-se elle segurar na segunda linha, retrogradando até

[1] Assim se lê na já citada *Relação da campanha de Massena em Portugal, escripta por um official portuguez que fez parte do seu exercito*, *Relação* transcripta no *Investigador portuguez*, como já notámos.

para vigiar o valle de Calhandriz, ou o desfiladeiro ... O certo é que quando o general Montbrun, á ... brigadas francezas de Lamotte e Soult e de tres ... de cavallaria (o primeiro de hussards, o vigesimo ... res e o terceiro provisorio de dragões), estava em ... bre as linhas defensivas de Lisboa, um espaço ha... de quasi tres leguas, sem que n'elle se visse um ... or, tal era o que ia desde Alhandra até aos fortes ... Sobral, circumstancia que evidentemente acaba de ... ar a confusão e desordem com que se fez a retirada ... o para dentro das ditas linhas[1]. Felizmente o ge... reconheceu a tempo o seu erro, e retomou a sua ... da Alhandra na manhã do dia 11 de outubro, antes ... general Reynier percebesse o abandono em que a dita ... achava, pois tão lenta fôra a sua marcha, que os seus ... és só no seguinte dia 12 entraram em Villa Franca. ... ua parte o general Montbrun, indo na direcção do Sobral, pôde na sua marcha agarrar um paizano, que falto da ... que haviam mostrado os dois do Moinho do Cubo, ... tamente lhe disse que os alliados, por quem elle per... se haviam retirado ás linhas, as quaes elle então ... mostrou com as respectivas baterias, acrescentando-lhe ... ter elle mesmo sido um dos muitos que n'ellas haviam traba... lhado[2]. A não ser esta circumstancia era muito provavel que ... general Montbrun, arrastado pelo seu enthusiasmo na per... seguição dos alliados, com elles entrasse inconsideradamente ... as linhas, onde ficaria prisioneiro com as tropas do seu com... mando. Á vista da circumstanciada narração do paizano não

[1] O marquez de Londonderry, ajudante general que por aquelle tempo ... de lord Wellington, confirma por um modo ainda mais grave a opi... nião que acima emittimos, dizendo que se Massena, em logar de esperar ... pela sua artilheria, tivesse dirigido immediatamente um vigoroso ataque contra as obras de Torres Vedras, d'ellas se teria apoderado, *attenta a grande confusão que reinava no interior do campo, e a ignorancia em que por então ainda estavam, tanto os soldados, como os generaes, quanto ao desempenho das obrigações que uns e outros tinham a seu cargo.*

[2] Assim se lê igualmente na supradita *Relação*.

hesitou o general francez em fazer de prompto tres meia volta com a gente do seu commando, indo postar-se a uma conveniente distancia, emquanto dava parte a Massena do acontecido, expondo-lhe a fortaleza da posição, da qual elle ainda não tinha uma idéa exacta, tendo apenas sido vagamente informado em Coimbra da existencia de taes linhas, sem d'ellas nada saber antes d'isso. Foi portanto nos dias 11 e 12 de outubro que os alliados entraram definitivamente na totalidade nas linhas defensivas de Lisboa, e n'ellas tomaram posição, fazendo frente ao exercito de Massena, o qual já no citado dia 12 destacou patrulhas até ao Sobral, de cujo ponto ficou senhor, por se ter deixado esta villa fóra das respectivas linhas.

Tal foi o modo por que os alliados abandonaram Coimbra, effeituando a marchas forçadas a sua retirada desde aquella cidade até ás memoraveis linhas de Torres Vedras. Lord Wellington, officiando de Rio Maior a sir Carlos Stuart no dia 6 de outubro, dizia-lhe o seguinte: «Parece-me que nem vós, nem o governo (referia-se ao portuguez), saberão quaes são as linhas que eu quero occupar. Não são nas que se acham em volta de Lisboa que eu postarei o exercito, mas nas que se estendem desde Torres Vedras até ao Tejo. O que eu peço ao governo é que mantenha a tranquillidade de Lisboa e assegure as provisões ás suas tropas. Mas como *Deus Todo Poderoso recusa muitas vezes o curso ao que rapido corre, ou a batalha ao mais forte*, e tendo eu muitas vezes conhecido que mesmo depois das melhores disposições o resultado não é certo, peço ao governo que faça os seus preparativos para pôr fóra do alcance do inimigo as pessoas que por elle seriam maltratadas, se lhe caíssem nas mãos». Apesar do grande empenho de lord Wellington em destruir na sua marcha para as linhas tudo quanto podia ser util aos francezes, forçoso é confessar que elle apenas pôde devastar uma legua á direita e á esquerda da sua respectiva marcha, e mesmo n'esta distancia a destruição foi ainda tão incompleta, que alguns armazens de generos caíram nas mãos do inimigo, sem terem sido destruidos, como já vimos. A victo-

ria do Bussaco, mallograda inteiramente pelo descuido de lord Wellington em não ter postado na garganta do Caramullo, caminho de Boialvo para o Sardão, uma força capaz de impedir o passo ao inimigo, tornára inuteis todas as devastações que commetteu, faltando-lhe o tempo para effeituar as mais que ainda buscava realisar e que de tanto auxilio foram para os invasores. A devastação commettida na fabrica de Alhandra pelos inglezes foi uma barbaridade inaudita e só destinada a atrazar a escassa industria do paiz para favorecer a industria britannica, nada tendo que podesse ser util aos francezes: este facto é só por si bastante para provar a má fé d'esses alardeados serviços, prestados pela Inglaterra a Portugal, quando não eram outra cousa mais que os esforços do governo inglez só exclusivamente empregados em favor dos seus interesses e dos do seu proprio paiz[1].

[1] A Inglaterra não veiu defender Portugal sómente por defender o seu alliado, veiu por se defender a si propria. Os portuguezes não lhe podem agradecer esta fineza como desinteressada, mas sim considera-la como defeza propria da Gran-Bretanha. O que os portuguezes lhe devem foi o ingrato abandono em que a Inglaterra totalmente os deixou em 1801, quando por causa da sua fidelidade e firmeza da sua alliança com ella se viram guerreados pela França e Hespanha, a quem tiveram de se submetter e ás duras condições que estas duas potencias lhe quizeram impor. D'esse abandono (repetido escandalosamente em 1802, quando a Inglaterra, pelo tratado de paz de Amiens, sanccionou á Hespanha a acquisição da praça de Olivença, tirada a Portugal em paga d'aquella sua fidelidade e firmeza de alliança), ainda hoje é prova a posse d'essa mesma praça em poder da Hespanha, para eterno padrão e perennal desdouro da sua fé, consignada tão expressamente nos seus tratados comnosco! Como se póde reputar verdadeiro auxilio esse que pela Inglaterra se nos diz prestado por occasião da guerra da peninsula, quando por outro lado era ella a propria que pela violencia e força das suas armas nos apresava no mar os nossos navios do commercio na mesma occasião em que obrigava a emigrar para o Brazil a familia real de Portugal, e em terra nos havia feito mão baixa nas nossas possessões da Madeira, de Goa, Damão e Macau? Pois auxiliava-nos no continente da Europa e tratava-nos como inimigos no mar e nas nossas mesmas colonias? Alliava-se ostensivamente comnosco no nosso proprio paiz e espoliava-nos do que era nosso nas outras partes do mundo? Se o seu preconisado auxilio fosse realmente verdadeiro não se podiam dar simi-

Como quer que seja certo é que lord Wellington gan
batalha do Bussaco; mas similhante victoria de nada al
tamente lhe serviu, se é que se não transformou em f
derrota, forçado como effectivamente se viu a entregar a
migo oitenta leguas de paiz, que elle não pôde inteirar

lhantes factos, tão altamente contradictorios á moral e á fé dos tr
que comnosco tinha. Com esta circumstancia deu-se igualmente
stante opposição do ministerio inglez a todas as aspirações de eng
cimento que a côrte do Brazil manifestou, tanto com relação á An
ou dominios hespanhoes da margem oriental do rio da Prata, c
Europa, quando pretendeu levar a princeza do Brazil, D. Carlot
quina, a regente da Hespanha. Se portanto fosse sincera a sua pro
a Portugal, tambem não podia ter logar este outro facto. Aos que
rem lido as fallas que n'aquelle tempo el-rei da Gran-Bretanha
parlamento, será por certo notorio que a fineza das tropas inglez
virem libertar do jugo francez foi já depois de haver reconhecid
derrotas, e sómente derrotas, tinha experimentado nas suas all
com Allemanha, Sardenha, Napoles, Belgica e Hollanda. Finezas
repartiram com tantas nações, e que só depois de derrotas sobre
tas nos vieram offerecer, não se podem olhar com similhante ca
Quando a Inglaterra mandou á Belgica a expedição commandad
duque de York, el-rei disse ao parlamento que a guerra se f
França pela independencia e liberdade da Belgica. Quando o mesn
que desembarcou na Hollanda, eram a liberdade e a independencia
paiz as cousas que a Gran-Bretanha mais tinha em vista para c
hollandezes. Os esforços e respectivos auxilios prestados aos re
francezes em Toulon, na bahia de Quiberon, e na Bretanha eran
bem para salvar a França do furor revolucionario que domina
Paris. A revolução da Hespanha em 1808 foi logo auxiliada pela
Bretanha, enviando aos hespanhoes promptos e abundantes soccor
dinheiro, vestuario, calçado, armamento e munições: tudo ist
igualmente para auxiliar a liberdade e independencia da Hespanha
os hespanhoes, aceitando aos inglezes todos estes auxilios, recusar
á permissão do desembarque das tropas inglezas na Galliza, e foi
pois d'esta recusa que ellas vieram então auxiliar Portugal! En
grau pois de fineza devemos nós os portuguezes ter os soccorro
só em ultimo caso e tão serodiamente nos prestou a Gran-Bretanh
pois de os ter igualmente prestado a tantas outras nações da Eur
sempre sem resultado proficuo, e por fim os prestára igualmente
panha, que se recusou a fazer causa commum com as suas tropa
em 1808 não quiz admittir no seu paiz, e nem sujeitar as hespar
ao mando de lord Wellington até ao anno de 1812? Foi depois de

devastar, e que as tropas francezas terrivelmente devastaram depois d'elle. Recolhido pois ás linhas de Torres Vedras o exercito luso-britannico, a sua direita achava-se em Alhandra, commandada pelo tenente general sir Rowland Hill, que na referida villa tinha o seu quartel general; a esquerda do mesmo exercito postára-se em Torres Vedras, sendo commandada

os seus desastres no continente europeu, e do abandono em que se viu de todas as mais nações que a Inglaterra veiu dizer a Portugal: Aqui vos venho auxiliar com os meus exercitos, para vos libertar do jugo francez *meu unico e fiel alliado,* tomando ao meu soldo parte das vossas tropas, e isto depois da mesma Inglaterra nos ter tão barbaramente vi[illegible] em 1801 e 1802, aggravada esta conducta com o redobrado escandalo, tão altamente opposto á moral e á rasão, de se ter violentamente apossado dos nossos já citados dominios! Deverão pois taes soccorros ser olhados como acto generoso da Gran-Bretanha para com Portugal? Seguramente não. Foi só depois dos inglezes serem derrotados em toda a parte do continente e desprezados pelas mais nações da Europa que elles nos vieram soccorrer, alliando-se então intimamente comnosco, e ainda assim no meio de não pequenos insultos com que muitos dos jornaes inglezes e a opposição parlamentar mimoseou os portuguezes. Não foi portanto generosidade, ou effeito dos compromissos dos tratados que tem com Portugal, mas sómente effeito da necessidade, o soccorro que a Inglaterra nos prestou, sendo unicamente então que os inglezes se tornaram victoriosos no continente. O bello exercito de sir John Moore foi obrigado a retirar-se precipitadamente para a Galliza diante dos francezes, perdendo n'esta retirada immensidade de homens, cavallos e bagagens, incluindo os thesouros da sua caixa militar. A presença d'este exercito nas Hespanhas não pôde prevenir a derrota de Blake em Espinosa, a do exercito da Extremadura em Burgos, a de Castanhos em Tudela, nem a tomada de Saragoça, e nem finalmente a de Madrid. De que serviu pois á Hespanha similhante exercito? De nada absolutamente. O mesmo lord Wellington, victorioso como se disse em Talavera, não pôde impedir a passagem da Serra Morena aos francezes, nem a occupação de Jaen, de Sevilha e de Granada, por elles effeituada. Tambem não pôde embaraçar o bloqueio de Cadiz, nem a tomada do campo de S. Roque. Foi só quando no seu exercito encorporou o portuguez que se tornou sempre triumphante; e que paga nos deu d'isto a Inglaterra? Novos actos de ingratidão e abandono no fim da guerra. Tudo isto são factos que não têem contra, factos que a historia apresentará sempre com desdouro para a Gran-Bretanha. Se temos repetido a materia d'esta nota em mais de uma parte, é para que o leitor nunca se esqueça d'ella.

pelo tenente general sir Thomás Picton, que tambem na referida villa tinha o seu quartel general; o centro era portanto o Sobral de Monte Agraço, ou mais propriamente na retaguarda da villa d'este nome, onde estava commandado pelo proprio lord Wellington em pessoa e pelo marechal Beresford, tendo este o seu quartel general em Monte Agraço, e aquelle na quinta do Pero Negro, perto da Enxara dos Cavalleiros[1].

[1] O logar de Pero Negro, que por aquelle tempo contava apenas trinta e tres vizinhos, acha-se situado cinco leguas ao norte de Lisboa, no principio do termo de Torres Vedras, cujos limites separa do da capital uma antiga ponte de cantaria (edificada no reinado de D. João I, segundo a tradição), chamada de Casalcoxim, logar que lhe está proximo e já no termo de Lisboa. Era este logar julgado da Rebaldeira por mercê da rainha D. Filippa, mulher do mesmo D. João I; mas com jurisdicção tão limitada, que apenas conhecia das acções civeis e partilhas entre maiores. Termina este logar pelo nascente a quinta do barão de Manique, onde o marechal general lord Wellington se aquartelou. Está esta quinta situada n'um alto muito agradavel: as casas são de campo, mas com nobreza, compondo-se a frontaria, que olha para o logar, de seis magnificas janellas de boa pedra lioz. Tem espaçosas salas com divisões regulares, para que concorre um corredor intermedio. Tem casas de feitor e todas as mais indispensaveis e proprias da sua grandeza, que abrange lagares, adega e cavallariça. Serve-lhe como de reparo um famoso pateo com assentos de cantaria da parte do poente e junto d'elles á proporção o embellezam famosas faias e umbrosos freixos. Para remate da belleza d'esta quinta concorre muito a proximidade do rio Sizandro, que a banha com as suas crystallinas correntes da parte do nascente, continuando na direcção de Torres Vedras esta corrente crystallina sem interrupção, assombrada sempre de robustas e copadas arvores, seguidas até ao mar de Rendide, aonde desemboca. Foi esta quinta formada por varias fazendas que comprou e entre si uniu o prelado da Santa Igreja, Nicolau de Matos Nogueira, edificando depois as respectivas casas, tendo tudo isto principio no anno de 1754, em consequencia da affeição que este originario dono tinha ao logar, onde desde rapaz continuava a ir passar as ferias. Consta a quinta de famosos pomares de fructa de pevide, de vinha, olival e horta, que conserva no fim da quinta para a parte do sul em uma extensa quadratura de terreno o mais fecundo, regado com frequencia por um poço immediato, que abunda em boa agua potavel, de que se serve a quinta para beber e mais usos. (Francisco da Silva Cardoso Leitão: *Pero Negro exaltado pela residencia do ill.mo e ex.mo general em chefe do exercito britannico e portuguez em Portugal*. Lisboa, anno de 1810.)

ra na Rebaldeira que estava a guarda avançada, commandada pelo tenente general sir James Leith, achando-se em ..., á vista do acampamento francez, a leal legião lusitana, commandada pelo barão d'Eben, que em Carvalho d'Este e no Porto tinha dado provas do seu valor e coragem.

Durante os vagarosos movimentos da marcha retrograda do exercito luso-britannico, os governadores do reino tinham providenciado á instrucção das tropas irregulares e á organisação do commissariado. As milicias de infanteria, as de caçadores, vulgarmente chamadas *atiradores*, e as de artilheria foram divididas pelas differentes obras das linhas de ..., onde se haviam exercitado nas manobras defensivas, igualmente se tinham estabelecido depositos de aprovisionamentos, de barracas e de viveres nos pontos que tinham sido designados como quarteis generaes. Não esqueceu o estabelecimento de postos proprios para signaes, sendo encarregado d'este serviço um destacamento de marinheiros, fornecido pela esquadra ingleza, estando isto regulado por modo tal, que em sete minutos eram transmittidas as noticias de uma á outra extremidade da linha com a maior exactidão, Como medida secundaria para assegurar a communicação das ordens tinham-se convenientemente collocado telegraphos de mão, construidos em Lisboa, para substituirem os signaes permanentes, quando por qualquer incidente não podessem servir. Toda a extensão da linha tinha sido dividida em seis districtos, proximamente iguaes, havendo em cada um d'elles um engenheiro encarregado de explicar a natureza e o objecto dos diversos postos intrincheirados, a fim de que os officiaes generaes que deviam occupa-los podessem tomar promptamente as posições que lhes tinham sido assignadas. Nos pontos avançados de cada districto havia guias a cavallo, que conhecendo com exactidão as localidades, dirigiam as columnas, ajudavam os officiaes directores a dividi-las pelas aldeias e *bivouacs*, etc., e davam sobre os diversos caminhos e communicações as informações necessarias para se prevenir a confusão ou erros, se o inimigo viesse perseguir as citadas columnas.

No plano da defeza de Lisboa entrára tambem a conserva-
ção da praça de Peniche, para onde se mandára uma porção
de tropas de segunda linha, sendo estas e a dita praça com-
mandadas pelo brigadeiro Blunt. Beresford quiz que o corpo
academico de Coimbra se chamasse novamente ás armas para
guarnecer Peniche, e n'esta conformidade se lavraram as or-
dens; mas nada se pôde conseguir, pela viva repugnancia que
as praças do referido corpo tiveram em obedecer ao chama-
mento que se lhes fez, tendo-se tão sómente organisado uma
companhia, que ainda assim apenas apresentou o escasso
numero de trinta e nove praças. Seguiu-se depois d'isto a
publicação de uma proclamação, dirigida aos povos pelos
governadores do reino no dia 13 de outubro, sendo assim
concebida: «Portuguezes! A marcha do exercito inimigo,
que já debilitado pela penuria e pelas passadas perdas, obe-
dece de mau grado ás ordens despoticas do seu tyranno, nos
annuncia uma proxima batalha. O numero e valor já provado
do exercito combinado, a sua formidavel posição, e a impa-
ciencia com que as tropas clamam pelo combate, tudo nos
promette um successo feliz e glorioso. O Deus dos exercitos
abençoará as nossas armas e nos dará uma completa victoria.
Os governadores do reino, o marechal, o exercito, e a nação
assim o esperam, e tem todos os motivos de o esperar.
É porém necessario que n'esta occasião vos acauteleis contra
os falsos rumores que podem espalhar a malicia ou a timidez.
Não vos assuste a passagem de tropas, a chegada de feridos,
o continuado giro de transportes e outros movimentos que
são necessaria consequencia das operações da guerra. Não
acrediteis noticia alguma que não for annunciada pelo go-
verno, de cuja franqueza tendes tido tantas provas. Elle dará
as providencias para castigar os malvados que se atreverem
a espalhar falsas vozes, com a severidade que exigem as cir-
cumstancias. Portuguezes! Socego, confiança, obediencia, e
seremos felizes».

O exercito luso-britannico tomára posição nas linhas com
o manifesto designio de disputar tenazmente ao inimigo a
entrada dos desfiladeiros principaes de Mafra, Montachique

e Bucellas; mas como os seus movimentos não foram seriamente inquietados pelo exercito invasor, o que se póde olhar como effeito da boa disciplina das tropas e da severa lição que os francezes tinham d'ellas recebido na batalha do Bussaco, estava-se então em duvida se se guardariam ou não as posições da primeira linha em Torres Vedras e no Monte Agraço. Occupa-las sómente como postos avançados, passando a verdadeira defeza a ser na segunda linha, mantida pela maior parte do exercito, era isolar e sacrificar sem alguma utilidade o corpo de tropas que ficasse guarnecendo a primeira, e por conseguinte expo-lo a caír em maior ou menor porção nas mãos do inimigo, fornecendo-lhe um motivo de triumpho, que produziria o mais perigoso effeito sobre a moral das tropas e da população. Convencido pois lord Wellington da respeitavel força que lhe offereciam as alturas da Alhandra, de Calhandriz, etc., sobre o flanco direito da dita primeira linha, e sabendo que as chuvas do outono, que com violencia começavam já a caír desde o dia 8 de outubro, encheriam bem depressa de lado a lado o leito do rio Sizandro, tornando-se pelo lado de Torres Vedras n'um formidavel obstaculo defensivo sobre o flanco esquerdo da citada linha, não lhe restando então em toda ella, desde o Oceano até ao Tejo, mais do que um intervallo de duas leguas e meia, pouco mais ou menos, não fortificado, ao sul do valle de Runa, entre a dita villa de Torres Vedras e Monte Agraço, resoluto se decidiu no Sobral a fazer frente ao inimigo. Este espaço offerecia-lhe effectivamente um excellente campo de batalha para um exercito inferior em cavallaria, por lhe apresentar uma frente vantajosa e entrecortada, sendo os seus dois flancos por assim dizer inatacaveis. Conseguintemente com toda a rasão fez do Sobral o centro das suas manobras defensivas, postando ali o principal corpo do seu exercito, e estabelecendo proximamente na retaguarda d'este ponto, ou em Pero Negro, como já vimos, o seu quartel general: era d'elle que partiam as suas communicações para todos os mais pontos da linha, por meio de um telegrapho, estabelecido sobre a serra de Monte Agraço,

que constituia o flanco direito d'esta posição central. Os reductos, assim como as outras obras, que formavam esta primeira linha de defeza, distante da segunda cousa de duas leguas, foram igualmente guarnecidos, não só por uma grande porção de tropa de milicias, mas até de ordenanças.

Já vimos que as tropas de primeira linha, pertencentes ao corpo do tenente general Hill, que se compunha de duas divisões, occupavam a posição da Alhandra. A divisão ligeira, commandada pelo general Crawfurd, tomou posição em frente da linha defensiva, desde a esquerda da Alhandra, passando pela Arruda, até á grande obra do Monte Agraço. Sir Thomás Picton tinha debaixo das suas ordens a terceira divisão, e com ella occupava Torres Vedras, defendendo a linha do rio Sizandro. A quinta divisão, do commando do tenente general Sir Jaimes Leith, foi destinada a tomar posição sobre a retaguarda das alturas de Monte Agraço, devendo a brigada portugueza de 1 e 16 com caçadores n.º 4, commandada pelo brigadeiro Diniz Pack, occupar o grande reducto, que se construira no cume d'esta serra. Finalmente a primeira, quarta e sexta divisões, commandadas pelos tenentes generaes Sir Brent Spenser, Sir George Lowry Cole, e Campbell, tomaram posição na Zibreira, Rebaldeira, Runa, etc., communicando a sua esquerda com as forças do general Picton, tendo a sua direita em immediato contacto com as do general Leith. Um corpo de quasi 10:000 hespanhoes[1], commandado em chefe pelo marquez de la Romana, e que de Badajoz viera para Campo Maior, saíra d'esta villa no dia 8 de outubro, e atravessando o Tejo no mesmo momento em que o exercito luso-britannico entrava nas liñhas, com elle

[1] Lord Wellington dá apenas a força de 5:000 homens á divisão do marquez de la Romana no seu relatorio das operações de 1810, datado de 23 de janeiro de 1811; mas Londonderry enumera 3:000, Napier 6:000, Toreno 8:000, e as *Victoires et conquetes* 10:000, que é o que nos parece mais provavel, numero que tambem é fixado por mr. M. de Rocca nas suas *Memorias da guerra dos francezes em Hespanha*, pag. 266. Mas se o leitor achar exagerado o numero que lhe damos, tomará dos auctores que temos apontado aquelle que mais adequado lhe parecer, segundo a idéa que d'isto formar.

veiu tomar parte na sua fortuna, occupando no dia 24 de outubro o ponto intermedio da Enxara dos Cavalleiros. A força principal de cavallaria, que pouco mais ou menos era de 2:800 a 3:000 homens, foi acantonada nos arredores da segunda linha defensiva principalmente nos seus flancos, para estar prompta a manobrar nas planicies que marginam o Tejo e aos pontos menos accidentados do terreno entre as duas linhas, quando acontecesse que alguma columna de infanteria inimiga ousasse penetrar pelos desfiladeiros impraticaveis á cavallaria e á artilheria. Na hypothese de que o exercito experimentasse uma derrota total ou parcial nas linhas, tinham-se segurado perfeitamente as linhas do interior de Lisboa por alguns dias, sem que o exercito soffresse com isto a menor reducção no seu estado effectivo, empregando-se para isso uma poderosa esquadra, fundeada no Tejo, guarnecida por um excellente corpo de marinha ingleza, que junto aos differentes corpos de milicias portuguezas, ás ordenanças do districto, e á guarnição ordinaria dos differentes reductos e baterias, apresentava uma respeitavel força, superior seguramente a 100:000 homens [1].

Quanto ao exercito portuguez, iremos dar das suas differentes armas e corpos a noticia que d'isto podémos encontrar. A cavallaria alliada tinha então por commandante geral o general Fane, sendo a força portugueza d'esta arma composta de duas brigadas; a primeira formava-se dos regimentos de cavallaria n.os 1 e 7, tendo por commandante o coronel Christovão da Costa de Araujo Teive; e a segunda dos regimentos n.os 4 e 10, tendo por commandante o coronel Otway. A força total do regimento n.º 1 era então de 362 homens, e a dos promptos, ou praças de pret (cabos, anspeçadas e soldados), presentes no campo, era de 311, com 336 cavallos;

[1] Segundo os calculos de Napier e Thibaudeau, as forças de lord Wellington nas linhas de Torres Vedras eram de 130:000 homens em outubro de 1810, sendo 70:000 de tropas regulares (34:000 inglezes, 30:000 portuguezes e 6:000 hespanhoes). Londonderry avalia as tropas regulares inglezas em 33:000 homens, as portuguezas em 30:000 e as hespanholas em 3:000.

o total do n.º 7 era de 376 homens, e o dos promptos, com
acima mencionámos, 313, com 294 cavallos; o total do n.º
era de 329 homens, e o dos promptos 270, com 223 caval
los; finalmente o do n.º 10 era de 360 homens, e o dos prom
ptos 299 com 263 cavallos. Vinha portanto a força total do
citados quatro corpos da cavallaria portugueza a ser de 1:42
homens, e o das praças de pret promptas no campo 1:393,
com 1:116 cavallos.

A força de infanteria e caçadores de primeira linha estava
distribuida pela seguinte maneira. O brigadeiro Diniz Pack,
commandava a brigada de 1 e 16 com caçadores n.º 4 (con-
stituindo a primeira brigada), sendo a força total do primeiro
d'estes corpos 1:054 praças, a do segundo 1:050 e a do ter-
ceiro 460, fazendo ao todo 2:564 homens, sendo as praças
de pret promptas no campo 2:267, incluindo as recrutas.

O brigadeiro Agostinho Luiz da Fonseca commandava a
segunda brigada de 2 e 14 de infanteria, sendo a força total
do primeiro d'estes corpos 1:379 praças, e a do segundo
1:284, fazendo ao todo 2:663 praças, sendo as de pret prom-
ptas no campo 2:414, incluindo as recrutas.

O brigadeiro Frederico Sprye commandava a terceira bri-
gada de 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 6, sendo a
força total do primeiro d'estes corpos 1:084 praças, a do se-
gundo 895 e a do terceiro 473, fazendo ao todo 2:452 pra-
ças, sendo as presentes no campo 2:163, incluindo as re-
crutas.

O coronel Archibaldo Campbell commandava a quarta bri-
gada de 4 e 10 de infanteria com caçadores n.º 5, sendo a
força total do primeiro d'estes dois corpos 1:107 praças, a
do segundo 1:104 e a do terceiro 468, fazendo ao todo
2:679 praças, sendo as presentes no campo 2:407, incluindo
as recrutas.

O brigadeiro Alexandre Campbell commandava a quinta
brigada de 6 e 18 de infanteria, sendo a força total do pri-
meiro d'estes corpos 1:285 praças e a do segundo 1:432,
fazendo ao todo 2:717, sendo o numero das presentes no
campo 2:442, incluindo as recrutas.

O brigadeiro Colleman commandava a sexta brigada de 7 e 19 de infanteria com caçadores n.º 2, sendo a força total do primeiro d'estes corpos 881 praças, a do segundo 1:137 e a do terceiro 444, fazendo ao todo 2:462, sendo o numero dos presentes 2:196, incluindo as recrutas.

O coronel barão d'Eben commandava a setima brigada, composta do oitavo regimento de infanteria e do primeiro e segundo batalhão da leal legião lusitana, sendo a força total do primeiro d'estes corpos 881 praças, a do segundo 735, e a do terceiro 712, fazendo ao todo 2:328 praças, sendo o numero total das presentes no campo 2:083, incluindo as recrutas.

O coronel Carlos Sutton commandava a oitava brigada de 9 e 21 de infanteria, sendo a força total do primeiro d'estes corpos 1:164 praças e a do segundo 1:026, fazendo ao todo 2:190, sendo o numero das presentes no campo 1:961, incluindo as recrutas.

O coronel Ricardo Colins commandava a nona brigada de 11 e 23 de infanteria, sendo a força total do primeiro d'estes corpos 1:437 praças, e a do segundo 1:357, fazendo ao todo 2:794, sendo o numero total das presentes no campo 2:535, incluindo as recrutas.

O tenente coronel Antonio de Lacerda Pinto da Silveira commandava o regimento n.º 12 de infanteria, cuja força total era de 1:331 praças, sendo o numero das presentes no campo 1:213, incluindo as recrutas. Este corpo fazia com o regimento n.º 13, que por então se achava em Peniche, a decima brigada de infanteria, da qual era commandante o brigadeiro Thomás Bradford[1].

O tenente coronel Jorge de Avillez Juzarte commandava o batalhão de caçadores n.º 1, sendo a sua força total 527 praças e o numero das presentes no campo 464, incluindo as recrutas.

[1] Falta n'esta relação o regimento n.º 24 de infanteria, que fôra prisioneiro em Almeida, e não tinha sido ainda reorganisado. O n.º 22 continuava de guarnição em Abrantes. Infanteria n.ºs 5 e 17 guarneciam Elvas, e o n.º 20 continuava a permanecer em Cadiz.

O tenente coronel Jorge Elder commandava o batalhão de caçadores n.º 3, sendo a sua força total 576 praças, e o numero total das presentes no campo 500, incluindo as recrutas.

Por conseguinte o total da força de infanteria portugueza da primeira linha que tomou posição nas linhas de Torres Vedras montava a 25:324 homens, sendo o numero das praças de pret presentes no campo, incluindo as recrutas, 22:645. A sua collocação nas linhas era a seguinte:

Brigada de 6 e 18 com caçadores n.º 6............ Brigada de 7 e 19 com caçadores n.º 2............	Torres Vedras.
Brigada de 9 e 21.......... Brigada de artilheria de 6 e 9	Cadreceira, entre Torres Vedras e S. Sebastião.

Infanteria n.º 8 e leal legião lusitana, Rebaldeira.

Brigada de infanteria 11 e 23, Portella e Patameira.

Brigada de 1 e 16 com caçadores n.º 4, em obras sobre as alturas do Sobral.

Brigada de 3 e 15 com caçadores n.º 5, atrás das obras do Sobral.

Caçadores 1 e 3, em Arruda, Matos, etc.

Brigada de 2 e 14.......... Brigada de 4 e 10.......... Brigada de artilheria de 6 e 9 Tres esquadrões de cavallaria do general Fane..........	Em Alhandra e Bucellas.

O resto da cavallaria do general Fane estava no Lumiar, Luz, Loures e Santo Antão do Tojal. Vinham portanto a estar no districto de Montachique os regimentos de infanteria n.ºs 6, 7, 8, 9, 11, 18, 19, 21 e 23, leal legião lusitana (primeiro e segundo batalhão), com caçadores n.ºs 2 e 6. No districto da Povoa os regimentos de infanteria n.ºs 2, 12 e 14, com caçadores n.º 5. No districto da Alhandra e Bucellas os regimentos de infanteria n.ºs 1, 3, 4, 10, 15 e 16, com os batalhões de caçadores n.ºs 1, 3 e 4.

A artilheria compunha-se de nove baterias: as primeiras

quatro *tinham* por commandante geral o major Arentschild, sendo uma d'estas de calibre 9, commandada por... (ignorados), cuja força total era de 79 homens, e o numero das praças de pret promptas 65. A outra, de calibre 6, era commandada por... (ignora-se igualmente), cuja força total era de 75 homens, e o numero das praças de pret presentes no campo 66. Uma de calibre 3, era commandada pelo capitão ... Porfirio da Silva, cuja força total era de 83 homens, e o numero dos presentes no campo 72. Uma de montanha de calibre 3, commandada pelo capitão Jacinto Pimentel Moreira Freire, cuja força total era de 91 homens, e o numero dos presentes no campo 83. As segundas quatro baterias tinham por commandante geral o major Alexandre Dickson, sendo uma d'estas de calibre 9, commandada pelo capitão Guilherme Brown, cuja força total era de 98 homens, sendo o numero dos presentes no campo 88. Outra de calibre 6, commandada pelo capitão Francisco Cypriano Pinto, cuja força total era de 103 homens, sendo o numero dos presentes no campo 91. Outra de calibre 6, commandada pelo capitão Pedro Roziers, cuja força total era de 94 homens, sendo o numero dos presentes no campo 84. Finalmente outra de calibre 6, commandada pelo capitão João da Cunha Preto, cuja força total era de 92 homens, e o numero dos presentes no campo 80. A nona bateria era tambem de calibre 6, tendo por commandante o capitão Antonio de Sousa Passos, sendo a sua força total de 82 homens, e o numero dos presentes no campo 72. Vinha portanto a força total da artilheria portugueza a ser de 797 homens, e o numero dos presentes no campo 701[1].

Quinze corpos de milicias tomaram tambem posição nas linhas de Torres Vedras, tendo os primeiros cinco por commandante geral o coronel Carlos Frederico Lecor, occupando todos estes a Povoa e a serra da Alhandra. Os referidos quinze

[1] Como os inglezes só contam as bayonetas como força presente no campo, excluindo officiaes e sargentos, entenda-se que a expressão de *presentes no campo* acima empregada quer dizer bayonetas, ou praças de pret (cabos, anspeçadas e soldados).

corpos eram: milicias de Santarem, commandadas pelo t
nente coronel José Climaco de Azevedo Moncada, cuja for
total era de 537 homens e o numero dos presentes no cam
488; ditas da Idanha, commandadas pelo tenente coron
Fernando Tudella de Castilho, cuja força total era de 646 h
mens, e o numero dos presentes 573; ditas de Castell
Branco, commandadas pelo tenente coronel Luiz da Cunh
Castro e Menezes, cuja força total era de 588 homens, e
numero dos presentes 529; ditas da Covilhã, commandada
pelo tenente coronel Francisco Eduardo da Silva Fragoso,
cuja força total era de 523 homens, e o numero dos presen-
tes 457; ditas da Feira, commandadas pelo tenente corone
Francisco Correia de Mello, cuja força total era de 634 ho-
mens, e o numero dos presentes 569. Occupavam o distric
de Bucellas: milicias do Termo de Lisboa occidental, com-
mandadas pelo tenente coronel Manuel Monteiro de Carvalho,
cuja força total era de 733 homens, e o numero dos presen-
tes 662; ditas de Thomar, commandadas pelo tenente coro-
nel Jorge de Mesquita, cuja força total era de 589 homens
e o numero dos presentes 538; ditas de Torres Vedras, com
mandadas pelo coronel Lazaro Cardoso Amado, cuja forç
total era de 788 homens, e o numero dos presentes 70
Occupavam o districto do Sobral: *atiradores* nacionaes d
Lisboa oriental (caçadores de milicias), commandante o ma
jor Leonardo Sabino Salvalici, cuja força total era de 41
homens, e o numero dos presentes 355; ditos de Lisbo
occidental (outro corpo de caçadores de milicias), comman
dante . . . (ignora-se), sendo a sua força total 454 homens,
o numero dos presentes 406. Occupavam o districto de Tor
res Vedras, que tambem se chamava de Montachique: mili
cias de Lisboa oriental, e ditas de Lisboa occidental, send
ambos estes corpos commandados pelo coronel Marcellin
José Manso, tendo o primeiro a força total de 539 homen
sendo o numero dos presentes 485; e o segundo a força tot
de 728, sendo o numero dos presentes 659; ditas de Setu
bal, commandadas pelo coronel visconde de Villa Nova
Souto de El-Rei, cuja força total era de 544 homens, e o n

ro dos presentes 472; milicias de Alcacer do Sal, com-
ndadas pelo coronel João Infante de Lacerda, cuja força
tal era de 689 homens, e o numero dos promptos 615.
lmente occupava a villa de Mafra, ainda pertencente ao
tricto de Montachique, o regimento de milicias de Vizeu,
mandado pelo coronel João de Azevedo e Sousa Mello e
concellos, cuja força total era de 756 homens, e o nu-
ro dos presentes 691. Vinha portanto a força total das
icias portuguezas, que tomaram posição nas linhas de
rres Vedras, a ser de 9:163 homens, sendo o numero das
ças de pret presentes no campo 8:206.
Alem da artilheria acima mencionada, estava mais na
ndra, commandada pelo major João Chrysostomo Pinto,
a porção de artilheria de linha na força total de 284 ho-
ns, sendo o numero dos presentes no campo 258; e uma
tra porção de artilheria de ordenanças na força total de
[illegible] homens, sendo o numero dos presentes no campo 164.
tava em Bucellas e Montachique, commandada pelo coro-
el Romão de Arriaga, uma outra porção de artilheria de li-
ha na força de 242 homens, sendo o numero dos presentes
o campo 218; e uma outra porção de artilheria de ordenan-
s na força total de 964 homens, sendo o numero dos prom-
tos 847. Estava na villa do Sobral, commandada pelo major
oaquim José da Cruz, uma outra porção de artilheria de li-
ha na força total de 163 homens, sendo o numero dos
romptos 150, e uma outra porção de artilheria de orde-
nças na força total de 331 homens, sendo o numero dos
promptos 300. Estava na villa de Torres Vedras, comman-
dada pelo capitão Francisco José Vellez Barreiros, uma ou-
tra porção de artilheria de linha, na força total de 164 ho-
mens, sendo o numero dos promptos 150; e uma outra
de artilheria de ordenanças na força total de 271 homens,
sendo o numero dos promptos 248. Finalmente estava na
villa de Mafra, commandada pelo major Francisco de Paula
Xavier, uma outra porção de artilheria de linha na força
total de 251 homens, sendo o numero dos promptos 233.
Vinha portanto a força total das differentes porções de ar-

tilheria a ser de 3:203, sendo o numero dos promptos no campo 2:891.

Recapitulando o que acima fica dito, vê-se que o total da força de cavallaria era de 1:427 homens, compondo-se dos regimentos n.os 1, 4, 7 e 10, sendo o numero dos promptos, ou praças de pret (cabos, anspeçadas e soldados presentes), 1:193, com 1:116 cavallos. A de infanteria e caçadores de primeira linha era no total de 25:324 homens, compondo-se dos regimentos de infanteria n.os 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23; caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5 e 6, e leal legião lusitana, sendo o numero dos promptos, segundo as mesmas classes acima mencionadas, 22:645. A de artilheria era no total de 797 homens, sendo o numero dos promptos 701. A das milicias era no total de 9:163 homens, sendo o numero dos promptos 8:206. A de artilheria de linha, e a de ordenanças, que estavam nas posições acima mencionadas, era no total de 3:203 homens, sendo o numero dos promptos 2:891. Vinha portanto o total das differentes armas do exercito portuguez, postado nas linhas de Torres Vedras, a ser de 39:914 homens, vindo o numero dos promptos, ou praças de pret (cabos, anspeçadas e soldados), a ser de 35:636[1]. Todas estas addições são referidas ao dia 29 de outubro de 1810; mas a 18 do seguinte mez, quando os francezes retiraram para Santarem, tinham já soffrido algumas variantes para mais. Os commandantes das brigadas de primeira linha e os dos corpos de milicias eram geralmente os mesmos n'esta ultima data (18 de novembro). Nos de linha, em logar do tenente coronel Sutton, que anteriormente commandava a brigada de 9 e 21, passára a commandar a referida brigada o coronel Ricardo Colins, que d'antes commandava a de 11 e 23, a qual passou a ser então commandada pelo coronel Guilherme Maumoy Harvey. Na artilheria o capitão Sebastião José de Arriaga passára a sub-

[1] Estes detalhes foram extrahidos de um mappa pertencente ao espolio do ajudante general, que foi do marechal Beresford durante a guerra da peninsula, Manuel de Brito Mousinho; todavia algumas differenças se notam entre os numeros contidos no referido mappa e os que

stituir o capitão Francisco Cypriano Pinto, que anteriormente commandava uma bateria de calibre 6. As milicias da Covilhã passaram a ser commandadas pelo tenente coronel Caetano Godinho, que substituira o tenente coronel Francisco Eduardo da Silva Fragoso. As milicias de Torres Vedras passaram a

se encontram na correspondencia do referido marechal com o governo, onde se designam pelo seguinte modo:

Artilheria

		Praças	Parelhas	Juntas de bois	Bestas de carga	Depositos
Brigada de calibre	9	162	72 ½	33	29	Montachique.
	6	135	59 ½	17	19	
	3	140	37	-	-	Bucellas.
	3	112	38 ½	-	-	Montachique.
	9	214	87 ½	10	-	
	6	190	57	18	-	
	6	198	60	18	-	
	6	174	58 ½	29	-	Povoa.
	3	92	11	12	42	
Nove brigadas com...		1:417	481 ½	137	90	

Artilheiros de linha e artilheiros de ordenanças, que guarneciam os pontos fortificados

Districtos	Praças em armas	Depositos
Alhandra.........................	466	Povoa.
Bucellas.........................	598	Bucellas.
Montachique......................	608	Montachique.
Sobral...........................	494	Bucellas.
Torres Vedras....................	435	Montachique.
Mafra............................	602	
	3:203	

ser commandadas pelo coronel José de Mello Lima, que substituíra o coronel Lazaro Cardoso Amado. As milicias de Lisboa oriental passaram a ser commandadas pelo coronel José Felix Falcão, e as de Lisboa occidental pelo coronel José Se-

Resumo

Da força regular portugueza em armas nas linhas de Torres Vedras em 29 de outubro de 1810

Armas	Praças em armas	Cavallos	Parelhas de machos	Juntas de bois	Bestas de carga
Infanteria e caçadores....	25:293	–	–	–	–
Cavallaria..............	1:427	1:116	–	–	–
Artilheria..............	1:447	–	481 ½	137	90
Total da força de linha...	28:167	1:116	481 ½	137	90
Artilheiros de linha ..... / Artilheiros de ordenanças	3:206	–	–	–	–
Milicias	9:221	–	–	–	–
Total geral....	40:594	1:116	481 ½	137	90

Praças que se tem a fornecer pelos depositos

Armas	Praças em armas	Cavallos	Parelhas de machos	Juntas de bois	Bestas de carga
Districto de Montachique	18:985	–	375	96	48
Santo Antonio do Tojal..	1:427	1:116	–	–	–
Bucellas...............	12:068	–	37	–	–
Povoa..................	8:121	–	69 ½	41	42
Somma.......	40:594	1:116	481 ½	137	90

N. B. Os viveres e forragens que deve fornecer o deposito de Santo Antonio do Tojal são para a cavallaria que ali se acha, e entre este ponto e Lisboa. Quartel general da Sapateira, 7 de novembro de 1810.

(Assignado) *Manuel de Brito Mouzinho*, ajudante general.

bastião Pereira Godinho, substituindo ambos o coronel Marcellino José Manço, que anteriormente commandava ambos estes corpos. As posições dos regimentos de milicias tambem tinham variado um pouco: o de Santarem occupava Cabandriz, o de Idanha o Sobral, o de Castello Branco o Sobral Pequeno, o da Covilhã Sucerra, o da Feira serra da Alhandra, o do Termo de Lisboa occidental Bucellas, o de Thomar Villa Nova das Cabras, o de Torres Vedras a quinta de Alpriate, os *atiradores* de Lisboa oriental Monte Agraço, os de Lisboa occidental a bateria n.° 11, o regimento de milicias de Lisboa oriental Torres Vedras, o de Lisboa occidental o forte de S. Vicente, o de Setubal Torres Vedras, o de Alcacer do Sal a quinta da Figueira, continuando o de Vizeu em Mafra. A força da cavallaria era já na mesma data de 18 de novembro de 2:232 homens, sendo o numero dos presentes no campo 1:916, incluindo as recrutas, com 1:749 cavallos. A de infanteria e caçadores de primeira linha era no total de 31:728 homens, sendo o numero dos presentes no campo, ou praças de pret (cabos, anspeçadas e soldados) 28:592, incluindo as recrutas. A de artilheria das baterias era de 982 homens, sendo o numero dos presentes no campo 873, incluindo as recrutas. A das milicias era no total de 10:980 homens, sendo a das praças de pret presentes no campo 9:843. A de artilheria de linha e ordenanças, occupando as posições da Alhandra, Bucêllas, Montachique, Sobral, Torres Vedras e Mafra, era no total de 3:032 homens, sendo a dos presentes no campo 2:701. Vinha portanto o total das differentes armas do exercito portuguez a ser no citado dia 18 de novembro de 48:954 homens, sendo o numero das praças de pret presentes no campo 43:995[1]. Na sobredita data as posições dos corpos de primeira linha eram as seguintes:

Brigadas de infanteria 2 e 14, de 4 e 10, e uma brigada de cavallaria, na margem esquerda do Tejo defronte de Vallada. Esta força fazia parte da divisão do general Hill.

[1] Assim consta de um outro mappa pertencente igualmente ao espolio do dito Manuel de Brito Mouzinho.

Brigada de 3 e 15, com caçadores n.º 6 e duas brigadas de artilheria, Azambuja.

Brigada de 11 e 23, com duas brigadas de artilheria, Alemquer.

Infanteria n.º 8 e leal legião lusitana, Sobral.

Brigada de 9 e 21 e duas brigadas de artilheria, Torres Vedras.

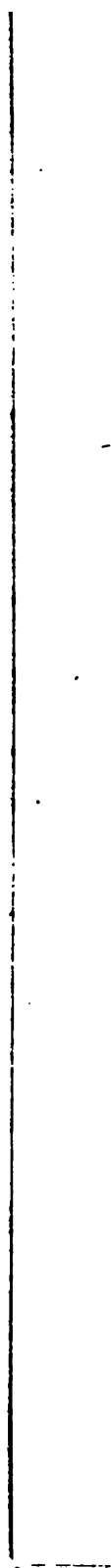
Brigada de 1 e 16 com caçadores n.º 4, e os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3, entre o Cartaxo e Santarem.

Brigadas de 6 e 18 e 7 e 19, com caçadores n.º 2, Torres Vedras.

Divisão de milicias commandada pelo coronel Lecor, Alhandra.

Repetiremos o que já dissemos, quanto aos corpos de primeira linha que acima se não mencionam, isto é, que o regimento n.º 20 continuava de guarnição em Cadix, a brigada de 5 e 17 de guarnição em Elvas, o regimento n.º 13 passára de Peniche a guarnecer Abrantes, e o regimento n.º 22, que guarnecia esta praça, passára para Setubal: quanto ao regimento n.º 24, que fôra prisioneiro em Almeida, ainda não tinha sido reorganisado. Os batalhões de caçadores ainda por então se limitavam sómente aos primeiros seis. O certo é que no fim do mez de outubro o numero dos defensores das linhas de Torres Vedras tinha já subido a tanto, que n'ellas se recebiam viveres para 130:000 homens de todas as classes. Os depositos de que as tropas portuguezas se forneciam eram os de Montachique, Bucellas e Povoa. Pelo primeiro forneciam-se as brigadas de 6 e 18 com caçadores n.º 6, 7 e 19 com caçadores n.º 2, 9 e 21, 11 e 23, e leal legião lusitana com infanteria n.º 8; pelo segundo forneciam-se as brigadas de 1 e 16 com caçadores n.º 4, 3 e 15, 4 e 10, e caçadores n.ºs 1 e 3; pelo terceiro forneciam-se a brigada de 2 e 14, caçadores n.º 5, infanteria n.º 12 e milicias do coronel Lecor. Do numero acima designado mais de 70:000 homens eram portuguezes e inglezes, pertencendo aos corpos regulares de primeira linha e milicias, e dispostos a obrarem activamente, podendo dizer-se que a força do exercito ingle

pouco mais contaria de 36:000 homens, por se haver reforçado depois da batalha do Bussaco com as tropas, que desde o dia 10 de agosto de 1810 em diante haviam desembarcado em Lisboa, vindas de Inglaterra. Ao referido numero deve juntar-se mais o de 10:000 homens, proveniente da divisão hespanhola do marquez de la Romana, que da Extremadura e visinhanças de Badajoz viera atravessar o Alemtejo, e por fim refugiar-se igualmente nas linhas de Torres Vedras, como já notámos. N'estas havia portanto mais de 40:000 homens portuguezes de primeira e segunda linha, 36:000 de tropas inglezas, e 10:000 de tropas hespanholas, alem das ordenanças portuguezas e marinhagem ingleza, vindo o total dos combatentes de todas as classes a andar para cima de 120:000 homens, podendo-se calcular em 60:000 a 70:000 os de tropa de linha. Alem do exposto achavam-se em attitude hostil contra os invasores, debaixo do commando em chefe do tenente general Manuel Pinto Bacellar, como já vimos, as milicias do norte do reino, constituindo as divisões commandadas pelos coroneis Wilson e Trant, e generaes Miller e Silveira, perseguindo-lhes a retaguarda, tendo-se as dos primeiros tres assenhoreado já do Bussaco, d'onde em breve viriam para as planicies. Pela sua parte o general Silveira guardava as estradas da Beira Alta. Em circumstancias taes era portanto de esperar que, melhorando o exercito alliado de um para outro dia nas linhas em que se intrincheirára, o exercito francez passasse dentro em pouco tempo a sentir todos os males, filhos immediatos da atrevida resolução que tomára em se afastar para mais de quarenta leguas dos seus armazens de deposito, tanto de munições de guerra, como de bôca, cousas de que dentro em breve não podia deixar de experimentar grandissima falta, quer pela difficuldade de alcançar transportes, que da Hespanha lhe podessem trazer uma e outra cousa, quer por ter de residir n'um paiz em grande parte devastado, e portanto impossibilitado de lhe póder fornecer regularmente os viveres de que precisava. Esta devia potanto ser a natural consequencia de preferir á posição central de Coimbra, onde de facto inutilisaria a

lord Wellington o levantamento das suas linhas, o vir-se encerrar na Extremadura, tendo apenas por si o espaço que vae desde o rio Zezere até ao mar, e desde Alhandrá até Condeixa, e portanto sem communicação alguma fóra d'estes limites, a não empregar para isso uma consideravel força. Com a circumstancia de se ver assim perseguido pela sua retaguarda e flancos, tendo na sua esquerda a praça de Abrantes, occupada pelos alliados, e na sua direita a de Peniche, cujas guarnições não podiam deixar de o incommodar, dava-se igualmente a dos povos de Portugal se acharem por toda a parte levantados em massa contra si. O resultado de tudo isto forçosamente havia de ser o ver-se dentro em pouco tempo victima da fome e de mil outras privações graves que lhe prognosticavam um proximo e desastrado futuro.

CAPITULO IV

Emquanto o exercito francez avançava de Coimbra sobre Lisboa, marchando na retaguarda do exercito luso-britannico, vindo por fim postar-se de observação ás linhas de Torres Vedras, um assignalado feito de armas se praticava em Coimbra por parte de uma divisão de milicias portuguezas, commandada pelo coronel inglez Nicolau Trant, o qual se assenhoreou com ella da referida cidade, onde aprisionou uma força franceza de 5:000 homens e 3:500 espingardas. Massena, depois de ter tomado posição com o seu exercito em frente das linhas de Torres Vedras e dos reconhecimentos que a ellas se fizeram, convenceu-se de as não poder levar com as forças de que dispunha, de que resultou retirar-se para Santarem, d'onde mandou para París o general Foy com o fim de pedir soccorro de mais tropas ao imperador Napoleão. Critica posição de Massena em Santarem, onde a falta de viveres o levou a permittir aos seus soldados divagarem soltamente pelo paiz, commettendo n'elle toda a especie de destruição e de horrores, obrigando os portuguezes ao emprego de uma justa vingança contra elles. Tendo o mesmo Massena conseguido lançar uma ponte sobre o Zezere e fabricar alguns barcos para atravessar o Tejo, lord Wellington se propoz a lhe mallograr o intento, fazendo-o cuidadosamente vigiar, tanto pelo corpo de tropas que mandou passar para a margem esquerda do Tejo, commandadas pelo general Hill, substituido depois pelo marechal Beresford, como pelas milicias e ordenanças do norte do reino, sendo as milicias do já citado coronel Trant as que, occupando Coimbra, difficultaram a juncção do general Drouet com Massena, juncção que por fim conseguiu, o que depois d'elle igualmente fez o general Foy, voltando de Paris, tendo uma e outra cousa tido logar sem vantagem de importancia para o exercito francez, retido em Santarem, onde a fome e as miserias de toda a ordem o perseguiram fortemente, vendo-se obrigado a continuar nas devastações do paiz para poder viver.

Emquanto se passava em Lisboa e suas vizinhanças o que no precedente capitulo fica relatado, um assignalado feito de armas se praticava na cidade de Coimbra por uma divisão de milicias portuguezas, commandada pelo coronel Trant. Massena, tendo saído d'aquella cidade no dia 4 de outubro, como já vimos, deixára lá ficar uma guarnição para segurança d'ella e de um hospital com doentes e feridos, estabelecido no convento de Santa Clara, sobre a margem esquerda do Mondego e a meia encosta do monte da Esperança. Logoque o exercito

francez saíu da referida cidade todos os habitantes que não vieram para as linhas de Torres Vedras, ou que as não poderam alcançar, deixaram o seu retiro das montanhas para se dirigirem a suas casas. Com esta circumstancia uma outra se deu igualmente, tal foi a dos coroneis Trant e Wilson, e brigadeiro Miller, com cousa de 10:000 homens de milicias, perseguirem muito seriamente a retaguarda do inimigo, como já notámos, cortando-lhe as suas communicações com Almeida, tomando-lhe os comboios, interceptando-lhe as correspondencias, e finalmente fazendo-lhe a mais crua e desapiedada guerra. Trant, achando-se sobre as margens do Vouga, dirigiu-se para a Mealhada no dia 6 de outubro, apenas soube que Massena avançára para Lisboa. Nos districtos junto ao Bussaco achavam-se os corpos de Miller e Wilson; mas demorados ali por falta de recursos, de que se viam inteiramente exhaustos, sem que a cavallaria podesse tambem avançar, em rasão das fadigas que experimentára nas suas primeiras marchas, Trant resolveu-se a marchar isoladamente para Coimbra, contando unicamente com a sua divisão. Conseguintemente poz-se da Mealhada em caminho para aquella cidade pelo meio dia de 6 de outubro, levando na vanguarda um esquadrão de cavallaria, commandado por um bravo official portuguez, o tenente Bernardo Doutel de Almeida. Este esquadrão marchava apoiado por 200 homens de tropas ligeiras. O regimento de milicias de Coimbra era o que vinha na frente da columna de infanteria. Trant projectava entrar na cidade por dois differentes pontos ao mesmo tempo, a saber uma divisão pela estrada do Porto, outra, separando-se da columna, logoque passasse de Fornos, devia ganhar as alturas que ficam ao nascente da cidade e entrar n'ella pelos arcos de Sant'Anna, plano que devia ter logar no caso do inimigo se encontrar nas suas portas. A pequena distancia de Fornos achou-se um destacamento francez, que depois de perder alguns homens se entregou, vendo cortada a sua communicação com Coimbra. O esquadrão de cavallaria da vanguarda, chegando na manhã de 7 a esta cidade, teve ordem de seguir por ella a todo o galope, o que effeituou, atravessando as ruas principaes e

a ponte, indo fazer alto da parte de lá d'ella, nas vistas de interceptar aos francezes toda a communicação com o seu exercito, commissão que o tenente Doutel desempenhou perfeitamente bem, tendo sómente um homem morto. As divisões de infanteria encaminharam-se para os sitios mais principaes da cidade, onde por espaço de uma hora houve resistencia da parte do inimigo, tendo os atacantes a perda de dois homens mortos e vinte e cinco feridos, entrando no numero d'estes o coronel Serpa Pinto das milicias de Penafiel, que commandava a primeira brigada. A maior força dos francezes achava-se em Santa Clara, da parte d'alem do Mondego, onde teve de capitular, entregando-se á discrição com a promessa de se lhe evitarem quanto possivel os insultos da parte dos paizanos.

Trant computára os prisioneiros na sua parte official em 5:000 homens, 4:000 dos quaes se achavam em marcha para o Porto, incluindo uma companhia inteira das guardas da marinha do imperador. Foram tomadas 3:500 espingardas, que quasi todas se achavam carregadas, signal de que seus donos estavam em estado de fazer com ellas serviço defensivo. Estas armas foram distribuidas pelas ordenanças do paiz. Não se achou artilheria; mas apprehendeu-se uma grande quantidade de bois e carneiros, que foi cousa de grande importancia para sustento das tropas de Trant. Entre os prisioneiros contavam-se 80 officiaes, incluindo mr. Flaudrin, que fazia de governador. Foi muito difficil conter a ira dos paizanos armados, que saquearam os prisioneiros que lhes caíram nas mãos, não passando de seis ou oito as victimas do seu resentimento. O mesmo Trant disse na sua parte official: «Devo observar que nada póde exceder o estado de miseria em que encontrei esta cidade. O inimigo, não contente de a ter saqueado em toda a sua extensão, e em despir os poucos moradores que n'ella achou da roupa que traziam vestida, roubando tudo quanto encontrava, tinha lançado fogo a algumas casas, e deitado ás ruas em geral desordem todos os moveis que o exercito não pôde levar comsigo: portanto não se podia esperar que os soldados, dos quaes 800 eram da cidade

e vizinhanças, acompanhados pelos seus desgraçados parentes, podessem com paciencia ser testemunhas de uma scena de ruina, na qual os seus bens tinham sido d'este modo, tão injusto e irremediavel, inteiramente destruidos.» O mesmo Trant esperava que no dia 8 entrassem em Coimbra os corpos de Miller e Wilson, e deixando-lhes uma brigada, contava marchar com o resto da sua divisão para o Porto, pois tinha feito nos povos uma tal exasperação a ultima passagem dos francezes, que era da mais absoluta necessidade reprimir-lhes a justa ira, empregando para isso a força [1].

Este desastre não produziu todavia alteração alguma nos planos do marechal Massena, posto que no seu exercito fizesse a mais dolorosa sensação em todos os espiritos, e particularmente nos soldados, que raciocinando só sobre os factos que conheciam, sem lhes importar com as causas, accusaram de imprevidencia o general em chefe. No dia 12 de outubro marchou o general Montbrun com a vanguarda do exercito francez para Villa Franca, tomando lá as posições que julgou convenientes, distribuindo as tropas pela dita villa, por Povos e Castanheira. O oitavo corpo marchou de Alemquer para o Sobral, onde conseguiu apoderar-se d'esta villa, construindo durante a noite algumas trincheiras para defeza propria, perto do centro das posições alliadas: foi no Sobral que o duque de Abrantes estabeleceu o seu quartel general. O sexto corpo alojára a sua primeira divisão em Villa Nova da Rainha, a segunda em Otta, e a terceira perto do Moinho do Cubo. O segundo corpo postára-se á direita e á esquerda do Carregado, estabelecendo o marechal Massena o seu quartel general em Alemquer. Para alem de Runa a serra do Barregudo e os fortes que se tinham levantado em Torres Vedras não permittiam ao marechal Massena movimento algum de flanco por aquelle lado, não lhe restando portanto mais que a possibilidade de dispor as suas tropas entre Villa Franca e o Sobral, com a vantagem de que emquanto a testa das suas columnas ameaçava as partes mais fracas da linha, podia elle em pou-

1 Veja o documento n.º 99-D.

a para diante do Sobral, occupando as menores alturas
tada serra do Barregudo, e guarnecendo tambem as
margens do rio Sizandro até ás Duas Portas, sobre a
la de Runa.

le portanto dizer-se que os postos avançados d'estes
orpos do exercito francez se achavam quasi em contacto
m os outros. A maior distancia a que o sexto corpo do
hal Ney se achava das linhas era a de Otta. A estas dis-
es do inimigo seguiram-se as escaramuças para segu-
das posições tomadas. No dia 13 o oitavo corpo travou
uns combates para este fim. O sexto não fez outro mo-
to senão o de mandar para o Porto de Mugem, perto do
na direcção de Santarem, uma brigada de dragões. O
do corpo conservou tambem as suas posições, fazendo
er na direita da linha dos alliados um reconhecimento,
do desalojar de uma obra de campanha o regimento
n.º 71. Bem longe de conseguir o seu intento, foi re-
a a sua força, e até mesmo perseguida até aos seus in-
eiramentos, junto dos quaes os inglezes sustentaram um
te até á tarde, de que resultou vir o oitavo corpo em
da dita força, podendo então recuperar as suas anti-
sições. O mesmo oitavo corpo sustentou tambem no
novos combates com os alliados para igualmente man-
suas posições adiante do Sobral. O general Reynier fez
mesmo dia um outro reconhecimento sobre a estrada

tudo isto foi o participarem os generaes Reynier e Junot ao marechal Massena que para se atacarem as posições do exercito luso-britannico era indispensavel o emprego de artilheria de grosso calibre, poisque os seus intrincheiramentos offereciam grande resistencia á artilheria de campanha, guarnecidos como se achavam similhantes intrincheiramentos por peças de 24, de 16 e de 12. Vê-se pois, pelo que fica dito, que o exercito francez formava até ao principio da serra do Barregudo um arco de circulo concentrico ao das linhas de Torres Vedras, com a desvantagem de ter de guarnecer uma linha muito mais extensa que a dos alliados.

O melindre da situação em que portanto Massena se veiu collocar com o seu exercito em frente das linhas de Lisboa o coronel de engenheiros Vincent a predisse em Paris n'uma memoria, que pela sua parte entregou ao imperador Napoleão durante a campanha do mesmo Massena em Portugal [1]. Descrevendo as vantagens defensivas que pelo lado de terra Lisboa tem por si ao norte e a leste, consistindo em summidades pouco accessiveis e profundas ravinas, excavadas por aguas de corrente extremamente rapida, entendia que tão importante posição, tendo os seus flancos apoiados no Tejo e no mar, só difficilmente podia ser atacada de frente. «Apoiada, dizia elle, na praça de Peniche, situada na costa do norte do isthmo em que a cidade assenta, a esquerda do inimigo póde receber, quando o mar lh'o permitta, todos os soccorros que lhe forem essenciaes. Pelo lado do sul, o Tejo sempre praticavel e servindo-lhe de apoio á sua direita, assegura-lhe igualmente toda a facilidade para as suas operações, bem como para tirar dos seus navios tudo quanto lhe seja preciso. Vê-se portanto que independente de numerosas vantagens que por si tem a posição do inimigo pelo lado de terra, a posse do mar vem-lhe ainda augmentar mais a sua força: e se houve casos em que uma defensa fosse animadora para a moral das tropas, este de que presentemente se trata adiante de Lisboa é seguramente um d'elles para o exercito inglez,

[1] Esta memoria é a que constitue parte do documento n.º 99-E.

poisque a ter algum revez, ou mesmo um grande numero d'elles, terá a sua retirada perfeitamente segura, sem ter a receiar cousa alguma, que lhe possa embaraçar o seu embarque em Lisboa, ou em todo o longo da praia, que desde esta cidade corre até S. Julião da barra, durante o tempo em que procurarmos ganhar as alturas de Almada e Torre Velha, e mesmo n'este caso será ainda segura a sua dita retirada por S. Julião e Cascaes». Realisaram-se pois as predições do coronel Vincent, quanto ás difficuldades que o marechal Massena encontrou de poder levar uma posição tal, difficuldades que elle pessoalmente avaliou no detalhado reconhecimento que no dia 16 do citado mez de outubro fez á mesma citada linha em frente da villa do Sobral[1]. N'este dia todos os corpos defensivos se achavam debaixo d'armas e em boa ordem nos seus respectivos pontos de reunião. A guarnição das obras de fortificação estava no seu estado completo e na maior vigilancia possivel, achando-se tambem a artilheria de posição prompta a marchar para onde necessario fosse.

Foi depois do meio dia que o marechal Massena atacou a referida linha com um corpo de cavallaria de 2:000 homens e outro de infanteria de igual força, e subindo as alturas, que dominam a villa do Sobral, foi d'ali que então manifestamente descobriu com um só golpe de vista dos seus proprios olhos toda a vasta extensão das obras de defeza, o formidavel aspecto que as fortificações apresentavam, as decididas tenções em que os alliados se achavam de lhe disputar pertinazmente o terreno, e finalmente a pouca probabilidade de os vencer, quando porventura os atacasse. N'este seu reconhecimento

[1] As difficuldades que para o inimigo offerecia a posição, tomada por lord Wellington nas linhas de Torres Vedras consistiam: 1.º, em que o ataque contra ellas dirigido só podia ter logar n'um pequeno numero de pontos; 2.º, em que os defensores podiam ir mais depressa de um a outro ponto do que os assaltantes; 3.º, em que o terreno na retaguarda dos mesmos defensores offerecia ás suas reservas um vantajoso campo de batalha; e 4.º, finalmente, em que os inglezes tinham alem d'isto por si o estarem senhores do mar, nada lhes faltando, sendo para elles de grande vantagem a affeição e apoio dos habitantes do paiz.

der tomar com as forças de que dispunha, e com a in
de as não atacar se retirou, sem todavia abandonar a
Sobral, de que o seu oitavo corpo se havia apodera
n'um d'aquelles dias que os francezes fizeram tambem
tro reconhecimento ás posições da direita da Alhand
Tejo achavam-se umas barcas canhoneiras, destinadas
portar a direita do exercito luso-britannico: foi por u
d'estas barcas que o general Saint Croix foi morto, sen
um general de muitas esperanças, e cuja perda tant
mento causou no exercito francez. De tudo isto nã
deixar de resultar reconhecer manifestamente o marech
sena o melindre da sua situação. Se pois em vez de vi
Coimbra tivesse desprezado o exercito de lord Wellin
ladeando para a sua esquerda, viesse, como Junot, p
tello Branco a Abrantes e Santarem e por fim a Lisb
vez que mais facil lhe fosse ou apoderar-se d'esta cap
tornear o flanco direito do exercito de lord Wellingto
tendo-se de permeio entre elle e a referida cidade. S
rém, como for certo é que com o itinerario que trou
guindo as pisadas que na sua retirada do Bussaco lhe
lord Wellington, provavelmente na crença de que o l

[1] O capitão John Jones diz n'uma nota a paginas 68 da su
ria (traducção franceza), que nenhuma intenção havia de o
marechal Massena, nada mais se querendo do que convida-
rar-se, porque a não ser assim, contra elle se podiam dirigir, e

aceitar-lhe uma batalha em local onde o podesse esmagar com a superioridade da sua cavallaria, elle mesmo veiu abrir o passo para a sua perdição, avaliando de uma maneira muito injusta a capacidade do seu adversario. Illudido pois na sua espectativa, o que lhe aconteceu foi vir achar pela frente uma invencivel barreira, que lhe embaraçava a tomada de Lisboa e a expulsão dos inglezes para fóra da peninsula, como lhe ordenára Napoleão, e por conseguinte vir estar-se no interior de Portugal na distancia de 40 leugas dos seus armazens de guerra e bôca. Pela sua retaguarda tinha elle o general Bacellar, o brigadeiro Miller e os coroneis Trant e Wilson, que com os seus differentes corpos de milicias lhe continuavam a fazer o maior damno que podiam. Miller e Wilson tinham no dia 8 chegado a Coimbra com 350 prisioneiros francezes, que haviam apanhado extraviados dos seus respectivos corpos, com o fim de procurarem provimentos. Wilson avançára depois até Condeixa, e d'esta villa até Leiria com uma guarda de cavallaria e infanteria, ficando Miller em Coimbra, tendo-se o coronel Trant dirigido para o Porto. Foi tambem n'um d'aquelles dias que teve logar uma acção digna de referir-se, para se ver quanto ás vezes é proveitosa uma energica resolução de defeza em favor de quem a pratica. Onze soldados convalescentes do exercito portuguez comboiavam para dentro das linhas de Torres Vedras a bagagem do tenente general Antonio José de Miranda Henriques. Tendo o sargento que os commandava avistado dezesete dragões francezes, fez parar os carros do comboio e emboscar os soldados debaixo d'elles, e chegando os dragões a menos de tiro de espingarda da sua improvisada posição defensiva, deram-lhes uma descarga com tal acerto, que derrubaram logo oito, entregando-se os nove restantes, recolhendo-se com elles em triumpho ao logar do seu destino.

Reduzidas as cousas, depois do que fica dito, ao verdadeiro ponto de vista em que por aquelle tempo se achava a guerra em Portugal, é um facto ter ella assumido o caracter de um simples bloqueio, feito por parte dos invasores. Os

desde então a alimentação do exercito e a espera dos
ços que lhe podessem vir de França. Collocado p
modo nos confins de Portugal, tendo na sua frente un
cto invencivel para poder chegar a Lisboa, ponto car
sua commissão n'este reino, ao passo que pela su
guarda tinha um paiz devastado e sem população, é i
tionavel o melindre da sua situação entre nós, o qual
tornando cada vez mais critico com o andar do tempo,
a sua viva repugnancia em retrogradar, procurando u
sição melhor que a tomada por elle em frente das lin
Lisboa. O seu expediente foi desde então destacar co
moveis para alcançar viveres no paiz que lhe ficava
guarda, principiando tambem a formar armazens par
estabelecendo em Santarem o seu principal deposito
Wellington pela sua parte buscava contrariar-lhe os in
Em volta do Sobral postára elle quatro divisões ingle
corpo hespanhol do marquez de la Romana, formando
n'aquelle importante ponto um collectivo de 25:000 h
de tropa regular; e como para o lado da Arruda p
igualmente a maior parte da sua cavallaria e em Bucell
batalhões de infanteria, facil lhe era poder reunir em t
mais 8:000 ou 10:000 homens, os quaes, avançan
pouco para a planicie, podiam de concerto com o g
Hill ter em sobresalto o segundo corpo do general R
ao passo que os citados 25:000 homens, largando de
Agraço ao romper de uma bella manhã, bem como d
da Zibreira e do lado de Runa, igualmente podiam en

ção. Como já temos visto, lord Wellington tinha-o mandado perseguir seriamente pelas milicias do norte do reino, as quaes pela sua direita se communicavam com Peniche e pela esquerda com as milicias da Beira Baixa e a praça de Abrantes. Por este modo se viu o exercito francez sitiado pelos alliados, sem que para tal fim tivessem estes empregado um só homem de tropa regular. Em circumstancias taes Massena só ardentemente desejava, como meio de decidir a questão, que lord Wellington lhe offerecesse uma batalha fóra das linhas, desejos que elle Wellington lhe não satisfez, porque tendo friamente calculado que a fome por elle provocada no exercito francez era o seu melhor e mais poderoso auxiliar, seria ella com o andar do tempo a que havia de expulsar os francezes para fóra de Portugal, sem risco algum de vida para os seus soldados.

Mesmo postados em frente das linhas os francezes tinham contra si serias perseguições. O tenente coronel Waters, commandando em Torres Vedras uma columna movel, fez com ella algumas incursões no campo inimigo, conseguindo aprisionar n'uma d'ellas alguns dos seus forrageadores debandados, e uma boa parte de um consideravel comboio que atravessava a serra do Barregudo. O brigadeiro Blunt, nomeado governador de Peniche, não só conservou esta praça obediente sempre ao governo de Lisboa, mas até fez d'ella algumas sortidas com muito bom resultado contra a ala direita dos francezes. Uma d'estas sortidas foi por elle destinada á tomada de Obidos, mandando para este fim contra aquella villa um destacamento, commandado pelo major Fenwick, que d'ella se apoderou felizmente, depois que alguma tropa do inimigo a tinha já ido occupar. O resultado d'esta empreza foi serem aprisionados no dia 27 de outubro e no 1.º de novembro 24 soldados e 1 sargento, sendo mortos 7 soldados francezes. Alem d'isto tomaram-se-lhes tambem 16 bois e 200 camas do hospital. Por este modo se constituiu o capitão Fenwick, commandante militar da villa de Obidos, cujas muralhas mouriscas, velhas e carcomidas, o brigadeiro Blunt mandou logo fortificar e guarnecer por

300 portuguezes, dando-lhe por governador o dito capitão Fenwick.

Posta assim aquella villa ao abrigo de um golpe de mão, por meio d'ella se estabeleceu uma correspondencia directa com Torres Vedras, para a manutenção da qual lord Wellington mandou postar no Ramalhal um batalhão hespanhol e um numeroso corpo de cavallaria ingleza. Foi ainda o joven e valente capitão Fenwick o que, saíndo da mesma villa de Obidos no dia 8 de dezembro com alguns milicianos, se dirigiu para as vizinhanças de Evora, junto a Alcobaça, fazendo d'ali retroceder 80 granadeiros francezes, empreza em que foi gravemente ferido, morrendo no seguinte dia das feridas recebidas com geral sentimento de todos os inglezes seus patricios, particularmente de lord Wellington e marechal Beresford. Caíndo desapiedado, como costumava, sobre as partidas dos forrageadores francezes, não ha duvida que este bravo official se tinha tornado digno da estima e consideração publica. As milicias da Beira Baixa em communicação com as do norte, e apoiadas por D. Carlos de Hespanha, que a rogos de lord Wellington tinha passado o Tejo com uma columna movel, e se mantinha na direcção de Castello Branco a Abrantes, praça que os alliados tinham igualmente occupado e fortificado, tambem por aquelle lado perseguiam fortemente a retaguarda do exercito de Massena. Nenhum dos corpos francezes da Hespanha tinha ainda marchado em auxilio d'este general: o conde de Erlon (general Drouet) estava pela sua parte em Salamanca, e o marechal Mortier (duque de Treviso) não tinha podido passar o Guadiana para se dirigir ao Alemtejo, empreza de que definitivamente desistiu, retirando-se de Zafra e dos los Santos para se dirigir a Sevilha, chamado, como tinha sido, pelo marechal Soult, com o fim de o auxiliar no acommettimento, que com todo o empenho e seriedade pretendia fazer contra Cadiz. O general Ballesteros o havia pela sua parte seguido até ás vizinhanças de Castilho de las Guardias, tendo-se a cavallaria hespanhola de Mendizabal e a portugueza de Madden envolvido tambem para as paragens da serra Morena.

Aggravava cada vez mais a critica situação de Massena a *rescente* difficuldade que havia em prover regularmente á *bsistencia* do seu exercito, difficuldade proveniente de ter *dido* Portugal sem o apoio de depositos, nem o emprego *medidas* que lhe assegurassem a sua retaguarda, ou as communicações com Hespanha. O resultado d'estas fal- foi o ver-se obrigado á permissão, feita aos seus solda- , de se extraviarem dos seus corpos para procurarem bsistencias. Com este pretexto os soldados afastavam-se as e leguas do grosso do seu exercito para se dirigirem mais afastadas povoações, onde penetravam nas casas, de- avam tudo que n'ellas havia, quebravam e destruiam nto não aproveitavam, sem haver logar, por mais recon- o que fosse, que escapasse ás suas cuidadosas pesquizas e ntas diligencias. A procura das subsistencias era indis- nsavel; mas devia ter regra e methodo para se evitarem damnos que os soldados muito a seu arbitrio causavam s povos que haviam assaltado, levando-os á desesperação. lem d'estas considerações, outras não menos obvias faziam ntir a todos que as circumstancias em que o marechal Mas- na viera a Portugal eram muito mais difficeis do que o ti- ham sido as invasões de Junot e de Soult em 1807 e 1809. exaltação da nação portugueza, determinada pela expulsão 'estes dois generaes, achava-se no seu maior auge, particu- rmente vendo-se tão efficazmente apoiada por um poderoso ercito inglez, commandado por um general da sua mais in- ira confiança, coroado já pelos louros da batalha do Vimeiro m 1808, da portentosa passagem do Douro em 1809, e da emoravel batalha de Talavera de la Reina no mesmo anno, atalha cujas consequencias foram para os francezes a de fi- rem reduzidos á condição de vencidos, postoque ostensi- mente se não quizessem dar como taes. Alem d'isto o exer- to portuguez tinha já subido a um alto grau de perfeição a disciplina e manobra; o marechal Beresford, seu com- ndante em chefe, havia-lhe já feito adquirir todos aquelles os e primores marciaes, que tão celebre o tornaram du- nte a guerra da peninsula, e confiado n'este seu comman-

dante, julgava-se perfeitamente igual em disciplina, bravura e valor ao exercito inglez, que tomára por modelo, juizo para que a memoravel batalha do Bussaco lhe servia com toda a rasão de plausivel fundamento, o que tambem o andar do tempo exuberantemente confirmou em outras não menos memoraveis batalhas. Pela sua parte o exercito inglez, laureado igualmente pelas suas recentes victorias, tinha já perdido a idéa da invencibilidade até ali attribuida aos exercitos francezes, e estas transformações de pensar na parte moral do exercito luso-britannico prejudicavam no mais alto grau as aspirações de gloria do marechal Massena em Portugal, bem como as do seu exercito, tornando extremamente difficil, se é que não impossivel, o pontual desempenho da commissão com que elle tinha vindo á peninsula.

Os movimentos dos alliados nas suas linhas de defeza eram-lhes inteiramente livres para o que n'ellas quizessem fazer, favorecidos pelas suas mesmas obras; mas os dos francezes em volta d'ellas eram-lhes pelo contrario difficeis e embaraçados pela grande serra do Monte Junto, a qual, elevando-se formidavel defronte do centro da primeira linha, destacava alem d'isso obliquamente um dos seus contrafortes, a chamada serra do Barregudo, até ás alturas de Torres Vedras, sendo uma e outra serra separadas apenas pela estreita passagem de Runa. Esta passagem, dominada por grandes reductos, obrigava Massena a manobrar com o seu exercito unicamente para um dos lados do Barregudo, o que ainda assim não podia fazer sem perigo, impraticavel como é a dita serra pelas suas muitas difficuldades. Do Monte Agraço viam-se perfeitamente bem por parte dos alliados os movimentos das tropas inimigas, ao passo que a par d'aquella circumstancia se dava a dos mesmos alliados poderem dentro em poucas horas lançar-se contra a frente, o flanco e a retaguarda dos francezes, logoque estes se pozessem em marcha. Não deve isto causar espanto, porque os engenheiros inglezes tinham facilitado as communicações para todos os pontos da linha, havendo alem d'isto um systema de signaes, que dentro em alguns minutos permittia a transmis-

são das ordens do centro para as extremidades. Apenas as differentes divisões do exercito luso-britannico recolheram ás linhas, activamente se occuparam em fortificar as suas respectivas frentes, principalmente as que formavam o corpo principal do exercito entre Monte Agraço e Runa, intervallo que anteriormente não tinha sido fortificado, porque a verdadeira linha defensiva era a segunda, como já se tem dito, e não a primeira, ou a de Monte Agraço, de que resultára o não se ter cuidado em levantar com perfeição as suas fortificações, a não ser n'aquelles pontos avançados, destinados a serem sustentados pelas tropas, quando se retirassem para esta segunda linha. Pelo mesmo motivo as estradas do Sobral á Zibreira e á Rebaldeira não tinham sido fortificadas, de sorte que na posição avançada, occupada assim pelos alliados, os dois exercitos podiam ali bater-se sem que os francezes precisassem atacar ponto algum defensivo.

Não admira pois que a espectativa de uma batalha, ou de um acommettimento, feito pelos mesmos francezes ás linhas defensivas de Lisboa, noticia que n'esta cidade a cada momento se esperava receber, falhasse completamente, attento o formidavel aspecto das referidas linhas, e a inteira certeza de que os seus defensores repelliriam com o maior valor e denodo qualquer tentativa que contra ellas fizesse o inimigo, mal succedido como geralmente tinha sempre sido nos encontros que fóra d'ellas havia tido com os alliados, encontros em que se lhe fizeram alguns prisioneiros e se lhe promoveram algumas deserções. O facto é que, surprehendido Massena pela extensão e força da fortificação das linhas de Torres Vedras, cuja existencia ignorava cinco dias antes, julgára as alturas da Alhandra inatacaveis; mas os valles de Calhandriz e da Arruda, á direita de Monte Agraço, fixaram mais particularmente a sua attenção. Pelo primeiro julgou elle poder tornear as posições da Alhandra; mas os reductos e abatizes que já n'elle havia, e os que de um para outro momento se iam successivamente construindo, pouca esperança lhe deixavam de feliz ataque. Quanto ao valle da Arruda, esse tinha sido atravessado por uma duplicada linha de abatizes, não

migo n'esta primeira linha defensiva, era-lhe da maior
lade fortificar quanto antes as alturas que estavam
dito lado esquerdo de Monte Agraço. Em rasão d'isto
sos destacamentos de trabalhadores foram emprega-
i interrupção em construir grandes reductos sobre os
dominantes, acima da Rebaldeira e Runa. Fechou-se
da retaguarda da Gosandeira e Zibreira por meio de
itiz bem flanqueado. Estabeleceram-se baterias de
ha em diversos pontos, que flanqueavam o mesmo
, traçando-se as competentes communicações, de
ne em pouco tempo esta porção aberta da frente mu-
almente de aspecto, tornando-se quasi tão formidavel
s outras partes da linha. Para prejudicar a habil e
colhida posição que o exercito invasor tomára no So-
to batalhões do general Hill se mandaram postar no
em reserva na segunda linha, junto ao desfiladeiro de
s, promptos a marcharem em soccorro das posições
ndra, ou do corpo do exercito principal, pelas estra-
Zibreira e Sobral. Sobre uma collina inferior da subida
te Agraço, á direita da obra principal, construiu-se um
, onde se assestaram nove peças, para fechar e enfiar
nente a grande estrada do Sobral. Alem d'isto estabe-
tambem um outro reducto acima de Mata Cães, a
prohibir completamente ao inimigo o transito da es-
e passa pelo desfiladeiro de Runa. Escarparam-se as
la Portella e da Patameira, sendo occupadas por duas

mo as guarnições das obras. Lord Wellington apresent
pessoalmente no forte de Monte Agraço para dirigir di
mente por si o movimento geral, segundo as circumst
do momento. O exercito conservava-se debaixo das
até o commandante em chefe estar certo, por suas pr
observações e pela correspondencia de toda a linha, d
nas posições do inimigo não havia movimento algum pa
ataque immediato. Então as differentes divisões e bri
retomavam os seus trabalhos diarios, cujo objecto er
gmentarem as forças das suas respectivas frentes, ab
communicações lateraes, aperfeiçoarem as estradas ex
tes, segurarem os postos exteriores, etc.

O tempo, que desde a entrada nas linhas corrêra
sempre chuvoso, tornára o serviço bastantemente d
Todavia cada um dos corpos preenchia satisfactoriame
seu dever, pela inteira confiança que tinham de paraly
esforços dos seus adversarios, se porventura realisasse
gum ataque, attenta a posição ameaçadora em que se
vam diante da linha. A espectativa d'este ataque ad
maior fundamento quando no dia 16 de outubro se
marechal Massena, acompanhado do seu numeroso e
maior, fazer, como já vimos, o seu detalhado reconheci
á direita da linha, examinando a entrada do valle de C
driz. Concluido assim o seu exame, o marechal Massena
inteiramente convencido, ou mais se acabou de convenc
que as suas forças eram insufficientes para atacare
exercito, postado por similhante maneira em tão van
posição. Em consequencia d'isto chamou a conselho to
generaes, commandantes dos differentes corpos do seu
cito, resolvendo-se, por decisão do referido conselho, q
tomasse uma posição no interior do paiz, e se commun
o que havia a Napoleão, pedindo-lhe soccorro. Decidid
não houvesse ataque, Massena applicou toda a sua at
a procurar os meios de fazer subsistir as suas tropas
quanto não recebia novas ordens do imperador seu a
lançando por outro lado os olhos sobre a posição que
vamente devia occupar, recaíu a escolha com todo o

sobre Santarem. Com estas vistas pois o general Montbrun encarregou no dia 17 o coronel Dejean de ir com 200 cavallos reconhecer o terreno desde aquella villa (hoje cidade) até Punhete (actualmente Constancia), confluente do rio Zezere com o Tejo, passando por Pernes, Torres Novas e Barquinha. Emquanto se não tomou a resolução assentada, o exercito francez continuou fazendo aos alliados uma especie de bloqueio, vigiando-lhes os seus movimentos, sem contra elles tentar mais algum ataque ou reconhecimento, conservando o segundo corpo nas suas posições de Villa Franca, Castanheira e Carregado; o sexto nas de Villa Nova, Alemquer e Otta, vigiando as estradas de Torres Vedras e Peniche; e finalmente o oitavo nas do Sobral, vigiando o centro da linha alliada.

Desde o dia 18 até ao dia 20 de outubro tudo permaneceu inactivo da parte dos francezes. Sendo o maior cuidado do marechal Massena o fornecimento do exercito, ordenou no dia 20 o estabelecimento de um hospital em Santarem, e que o general Lazowski se encarregasse da reparação dos moinhos e fornos para o serviço das subsistencias; ordenou mais que os corpos pozessem á disposição do general Eblé todos os ferreiros, serralheiros, carpinteiros e serradores que n'elles houvesse, os quaes foram com o dito general para Santarem, sem deixarem de levar as suas espingardas, tendo por commissão a construcção de uma ponte em Punhete, para a passagem do Zezere, e a feitura de barcos para uma outra em que se podesse passar de Santarem para a margem esquerda do Tejo. Nas vistas de preparar as cousas para tal passagem, e de facilitar igualmente a acquisição de viveres e estabelecer armazens de deposito em Santarem, se mandou no dia 26 o general Loison com a sua divisão fazer um reconhecimento em força sobre o rio Zezere, como effeituou. Mas nada d'isto escapava ás penetrantes vistas de lord Wellington, que quanto maior era o cuidado do marechal Massena em alcançar viveres, tanto mais elle, para quem não era indifferente o mais pequeno movimento do inimigo, se empenhava em lhe mallograr os intentos. Foi para este fim que o mesmo Wellington moveu todas as milicias e ordenanças do

norte do reino, pondo a sua direita em communicação com a praça de Peniche e a sua esquerda com as forças da Beira Baixa e Abrantes, como já acima vimos. Não menos attento se achava igualmente quanto ao rio Tejo, em cuja margem esquerda tinha officiaes e individuos empregados em vigiarem cuidadosamente os movimentos do inimigo por aquelle lado, particularmente depois que soube da incursão que elle no dia 24 fizera sobre a Chamusca, para se apossar dos barcos que ali se achavam encalhados, intento que não conseguiu.

Por aquelle mesmo tempo o coronel Wilson, tendo estado em Leiria com o general Bacellar, progredira na sua marcha até Ourem, tornando-se por este modo senhor da estrada real de Leiria para Coimbra. Para as bandas de Obidos e Rio-maior a cavallaria britannica, com um batalhão de tropas ligeiras hespanholas, assim como as tropas da guarnição de Peniche, persistiam em limitar por aquelle lado quanto possivel lhes era as correrias e devastações dos francezes. Faltos de transportes como estes estavam, não tendo por si armazens, e portanto destituidos de viveres para a sua regular subsistencia, apenas chegaram ás linhas, viram-se logo reduzidos á mais extrema miseria, chegando até a comerem com o andar do tempo os cães, os burros e os cavallos, que os soldados traziam para lhes transportarem os roubos que tinham feito nas povoações assaltadas. Estas privações occasionaram uma forte deserção, não só para os alliados, mas tambem para o interior do paiz: e como estes desertores se encontrassem em muitas partes, resolveram entre si organisarem-se em um corpo regular, com a denominação de *undecimo corpo*. Elegeram depois d'isto um general para os commandar, officiaes superiores e subalternos, etc. Constituidos por este modo, começaram depois a devastar o paiz da parte da Nazareth, Alcobaça, Caldas, etc., e como o exercito em geral se visse reduzido á maior necessidade, e os chefes não ousassem permittir aos seus soldados a faculdade de irem isoladamente roubar, para se não enfraquecerem na frente do inimigo, tomaram o expediente de mandar destaca-

mentos a procurar viveres para serem distribuidos pela tropa, destacamentos que, sendo encontrados pelo dito *undecimo corpo*, que chegou a ter mais de 1:600 homens, eram por elle atacados e obrigados a capitular, prestando-se a servir com elles, ou a ficarem prisioneiros, não querendo servir. Passado algum tempo chegou esta insurreição á noticia de Massena, a quem não deixou de inquietar, de que resultou mandar logo duas divisões á caça dos rebellados, que em breve foram cercados, e depois de um disputado combate succumbiram á força, tendo de depor as armas. Os denominados chefes foram logo arcabuzados, e os soldados remettidos aos seus corpos. Só por este facto se póde bem fazer idéa de qual deveria ser por então a disciplina do exercito de Massena, e a desgraça do paiz que devastava[1].

No dia 29 de outubro escrevia este general ao major general Berthier, principe de Wagram, dizendo-lhe que julgára não dever atacar os intrincheiramentos dos alliados, por se acharem guarnecidos por uma formidavel artilheria, e tendo alem d'isto forças duas vezes mais numerosas que as do seu exercito: ataca-lo, acrescentava elle mais, seria dar-lhe uma grande vantagem. A isto juntava ainda, que não teria duvidado dar batalha em campanha rasa; mas que no estado em que as cousas se achavam apenas se limitava a observar o exercito luso-britannico, e que quando este se quizesse medir com elle, acha-lo-ía postado em uma vantajosa linha, tendo a sua esquerda em Villa Nova e a sua direita no Moinho do Cubo, na direcção de Alcoentre, cobrindo as estradas de Leiria e Thomar. Bem longe porém de ser vantajosa, esta linha tinha defeitos graves, que dentro em pouco levaram o mesmo Massena a abandona-la, defeitos que no seu *Jornal* o barão Fririon lhe nota pela seguinte maneira. «A villa do Sobral está quatro leguas distante de Alemquer e na direcção de Torres Vedras. Acha-se aquella povoação enterrada entre muitas alturas, defendidas pela divisão Clausel. Estas mesmas

[1] Citada *Relação da campanha de Massena*, publicada no *Investigador portuguez*.

alturas tambem a seu turno se acham cercadas de montanhas mais elevadas, uma das quaes domina todas as eminencias que se vão inclinando para o Sobral. O inimigo tinha n'ella construido um forte de muito difficil accesso. As montanhas da direita são muito menos approximadas das citadas alturas, occupadas pela divisão Clausel: ligam-se ellas a uma outra cadeia, que se prolonga na direcção de Torres Vedras a Otta. Ha communicações estabelecidas entre o Sobral e Villa Franca pelo valle da Arruda; mas esta ultima villa acha-se situada n'um declive de montanhas, cujas sumidades eram occupadas pelo inimigo, de que resultava não poder ser guardada vantajosamente pelas nossas tropas. Conseguintemente se as tropas do segundo corpo fossem chamadas de Villa Franca para o Sobral seriam obrigadas a passar por Alemquer, e portanto a fazer um rodeio de seis grandes leguas. O inimigo occupava alem d'isso as montanhas que estão á direita e na retaguarda do Sobral, e por modo tal, que esta villa podia ser considerada como o centro de um circulo, do qual o mesmo inimigo tinha pelo menos metade da sua circumferencia. Á vista d'esta curta exposição facil é reconhecer que as posições do oitavo corpo tinham sido mal escolhidas. Se o inimigo tivesse tido projectos offensivos, de dois modos os podia elle executar: 1.°, manobrando sobre o flanco direito e a retaguarda do oitavo corpo pela estrada de Torres Vedras; 2.°, manobrando sobre a esquerda do Sobral pela Arruda, de que estava senhor. Não era de presumir que quizesse emprehender o primeiro d'estes movimentos, visto ter-se mostrado muito circumspecto para uma expedição d'este genero. Lord Wellington, homem de guerra muito methodica, podia, a tornear o oitavo corpo, expor-se elle mesmo a ser torneado, em rasão d'este movimento o obrigar a desviar-se das suas posições, o que o conduzia ao risco de perder as vantagens que n'ellas tinha.

«O ataque do oitavo corpo pela Arruda parecia ser o mais provavel, porque estando o inimigo senhor d'esta villa, podia reunir n'ella durante a noite 15:000 a 20:000 homens, atacar com elles ao romper do dia a brigada Ferey, que era

unica que guardava este ponto, e no caso de ser feliz n'este ataque, deveria dirigir-se depois sobre a frente da divisão Clausel, que estava nas alturas de Alemquer. Esta divisão não podia então retirar-se senão sobre Otta, procurando o apoio do sexto corpo; mas seria em tal caso obrigada a abandonar sua artilheria, por serem os caminhos do Sobral a Otta muito encaixilhados, estreitos, e por assim dizer impraticaveis para carretas. Esta divisão ver-se-ía portanto compromettida, se o inimigo, manobrando com celeridade, se assenhoreasse dos desfiladeiros que havia na estrada para Otta. Acima demonstrámos que o segundo corpo não podia rapidamente vir em soccorro do oitavo, por causa do rodeio que era obrigado a fazer. O sexto corpo achava-se de reserva em Otta, duas leguas para lá de Alemquer. Mas calculando o tempo necessario para advertir e fazer metter em linha este corpo de exercito, ver-se-ía que o dito oitavo corpo ficava abandonado a si mesmo, e obrigado a lutar contra um inimigo tão numeroso, quanto lord Wellington o julgasse conveniente, senhor como estava das melhores posições. E com effeito do Sobral a Alemquer, onde estava o general em chefe, ha quatro leguas de distancia, e perto de duas leguas de Alemquer a Otta, quartel general do marechal Ney. Eis-aqui seis leguas de caminho que era preciso andar para que este marechal podesse ser avisado. Ajuntando agora a isto o espaço de cinco ou seis horas que era preciso gastar para dar as ordens ás tropas, espalhadas pelas differentes aldeias e reuni-las, é evidente que qualquer que fosse a rapidez que se empregasse em as levar ao ponto atacado, forçosamente haviam de chegar muito tarde. Por conseguinte a divisão Clausel e a brigada Ferey achavam-se fortemente compromettidas. Evidentemente a posição do exercito era muito viciosa. Depois de ter vindo até ao Sobral e Villa Franca, e da certeza que depois houve, sobre a difficuldade e o perigo de atacar o inimigo nas suas linhas, forçoso era fazer com o exercito um movimento de retirada, postando a sua esquerda em Santarem e a sua direita em Alcoentre, para cobrir por ali a estrada real; retomar Coimbra, cujo abandono só póde ser justi-

ficado pelo desejo de fazer embarcar os inglezes, cousa que se nos tinha tornado necessaria para as operações ulteriores; e finalmente attrahi-los fóra das suas linhas, e procurar de novo dar-lhes uma batalha, pela mesma rasão por que elles a evitavam.»

Resolvido pois como se achava Massena a abandonar as suas posições do Sobral, e a tomar outras na retaguarda d'estas, decidiu-se no dia 29 de outubro a ir elle mesmo a Santarem no intento de pessoalmente ver o que ali se tinha já feito, e o que ainda havia a fazer, prevenindo ao mesmo tempo o general Fririon, seu chefe de estado maior, da maneira por que o exercito se deveria retirar, quando assim houvesse de lh'o ordenar. Para este caso dizia elle: «O segundo corpo, abandonando as suas posições de Villa Franca, virá metter-se em batalha na estrada de Villa Nova, e as tropas que occupam Arruda seguirão o movimento do oitavo corpo, que evacuará o Sobral por modo que não descubra o seu flanco esquerdo. Concluido este movimento geral, o segundo corpo occupará a sua nova posição com todas as suas tropas, tendo a sua esquerda em Villa Nova com a cavallaria, e a sua direita sobre as alturas fronteiras ao moinho que está sobre a ribeira de Alemquer. O segundo corpo não deixará o Carregado senão depois de estar certo que o oitavo evacuou totalmente Alemquer, e que está sobre a estrada de Alcoentre. A sua cavallaria observará constantemente o inimigo. O senhor general Reynier fará cortaduras na estrada real, *e deitará fogo a Villa Franca e Castanheira*, se assim o julgar necessario para demorar a marcha ao inimigo. O oitavo corpo se retirará pela seguinte fórma: o primeira brigada sobre a segunda e successivamente até sobre a divisão Loison, defendendo sempre as elevações do caminho que tem de seguir. Chegando á altura de Alemquer, deverá lançar as suas tropas nas gargantas d'esta villa, para dar tempo a que a artilheria se retire pela estrada real do Moinho Novo. Depois que tiver passado a artilheria, este corpo se retirará para as alturas que estão por traz de Alemquer sobre o Moinho Novo, e depois sobre o Moinho de Cubo, para ir occupar as alturas

Aveiras, tendo a sua esquerda fronteira á confluente das ...iras de Otta e Guerchino. O senhor duque de Abrantes ...á o cuidado, começando o seu movimento retrogrado, de ...mar ao seu parque, que está no Moinho Novo, de se re-...r para traz do Moinho de Cubo. A divisão Marchand do ...o corpo, que está em Villa Nova, logoque saiba que o se-...o corpo fez o seu movimento retrogrado, dirigir-se-ha ...a Alcoentre pela estrada real. A divisão Mermet, certa de ...o oitavo corpo se retirou, e que está nas alturas do Moi-... de Cubo, dirigirá a sua marcha para a Senhora da Amei-...ra. A divisão Loison, fazendo a testa do oitavo corpo, ...tomar a sua posição de batalha, tendo a sua direita á es-...rda da divisão Mermet. A cavallaria do general Traillard ...á sempre em posição sobre Alcoentre». Foi por aquelle ...mo tempo que o marechal Massena escolheu o general Foy ...a em París ir fazer conhecer a Napoleão a critica situação ...a que se achava o exercito, e com esta commissão partiu ...ctivamente o mesmo Foy para o seu destino no dia 31 de ...tubro[1], levando para sua guarda uma escolta de 50 dra-...gões e um numeroso destacamento de infanteria. Este gene-ral simulou fazer um reconhecimento á praça de Abrantes, travando algumas escaramuças com a sua guarnição, depois das quaes seguiu rapidamente para Sobreira Formosa, sendo muito feliz em chegar no dia 8 de novembro sem contratempo algum á Cidade Rodrigo, passando de lá ao interior da Hespanha e por fim a París.

Pelo jornal do barão Fririon não consta o que o marechal Massena determinou pessoalmente em Santarem; mas segundo se lê na *Historia do duque de Wellington* de mr. Brialmont, parece ter elle reconhecido como vantajosa aquella posição, e em rasão d'isto determinado estabelecer n'ella os seus armazens e depositos. Ao general Montbrun ordenou elle reunir ali todos os materiaes necessarios para a construcção de uma ponte fluctuante, com que atravessasse o Tejo,

[1] É este o dia que no jornal do barão Fririon se marca para a partida do general Foy para Paris.

construcção especialmente commettida ao general Eblé, como já notámos, e para a qual se precisavam não menos de 80 barcos, tendo com ella em vista, não sómente enviar para o Alemtejo os seus destacamentos de forrageadores, mas dar igualmente a mão ao marechal Soult, e facilitar a par d'isto o cerco da praça de Abrantes. Desgraçadamente as tropas que se apossaram de Santarem no dia 31 de outubro *commetteram n'ella durante cinco dias excessos de uma ordem tal, que só se podiam comparar aos que em Leiria tinham anteriormente praticado* [1], sendo o resultado d'isto ficar privado o exercito dos muitos e valiosos recursos que ali havia, e de que o mesmo exercito tinha a maior precisão. De Santarem partiu o mesmo general Montbrun para o Zezere, levando comsigo o sexto e o decimo primeiro regimento de dragões e uma porção de artilheria ligeira, tendo n'isto por fim sondar a passagem d'aquelle rio, para d'ella se apossar definitivamente, reconhecida como já tinha sido pelo general Loison. Effeituada como por elle foi a dita passagem no dia 4 de outubro, d'ali se dirigiu depois á Barquinha, que estava inteiramente deserta: mas onde achou armazens de aguardente, de grãos, tabaco, assucar, arroz, linho, madeira, ferro, e finalmente quasi todos os materiaes necessarios para a construcção das duas desejadas pontes em que já fallámos, a do Tejo e a do Zezere.

Passando posteriormente a Punhete, ali foi dar com uma parte da guarnição de Abrantes, que defendia aquella villa: chegados ali os francezes no dia 22 do dito mez de outubro, os portuguezes metteram-se dentro das casas, que em amphitheatro se vão levantando sobre o rio, e de lá fizeram um tão terrivel fogo, que ninguem ousava chegar á margem opposta. A ponte que no rio Zezere havia era de barcos; mas á chegada dos francezes tinha sido queimada. Ali, quando este rio vae crescido, como por então succedia, uma pequena força é por si só bastante para defender o passo ao maior exercito. Estava já decidido entre os francezes bombearem

[1] *Memorias de Massena*, tom. VII, pag. 239.

incendiarem a villa, para durante o incendio poderem lançar uma nova ponte sobre o rio, quando a noticia da retirada dos portuguezes livrou por fortuna aquella villa de similhante desastre. A referida noticia não foi ao principio acreditada pelo inimigo, de que resultou mandar elle verificar se era, ou não verdadeira, e certo de que o era, ficou ainda assim receioso não fosse alguma cilada que os portuguezes lhe pretendessem armar. Montbrun mandou então passar para o outro lado do rio um destacamento de nadadores para reconhecerem a villa e os seus suburbios: pelo official que os commandava se verificou que os portuguezes tinham effectivamente abandonado a villa. Seguiu-se depois a isto a reconstrucção da ponte do Zezere, que demandava não menos de vinte barcos, sendo só por este meio que aquelle rio podia ser facilmente atravessado pela artilheria e infanteria, porque a cavallaria já anteriormente o tinha passado a nado. Nunca se soube a causa por que os portuguezes effeituaram tal retirada, a não os dominar a idéa de quererem poupar á villa os estragos de que podia ser victima.

O certo é que depois de atravessado o Zezere, e senhor como desde então ficou Montbrun da passagem d'este rio, marchou sobre Abrantes no dia 5 de novembro, praça de que o marechal Massena tinha muito a peito assenhorear-se, havendo para este fim dado as convenientes ordens áquelle general, que para o desempenho d'esta commissão se havia dirigido ao Zezere e depois á Barquinha, villa de que se apossára, como acabâmos de ver. Marchando pois contra Abrantes, a vanguarda da columna que commandava encontrou um posto avançado em Rio de Moinhos, com o qual se bateu, forçando-o a retirar-se até debaixo da artilheria da praça. N'este momento saíu d'ella a sua guarnição, indo oppor-se á marcha dos francezes, que tomaram posição no alto da montanha, que está por traz de Rio de Moinhos, onde se travou um combate pouco renhido, mas que mostrou bem qual era o espirito de que as tropas portuguezas se achavam possuidas. O commandante d'estas tropas era o coronel D. Joaquim da Camara, que se distinguiu a ponto dos francezes procurarem

saber quem era, retirando-se sem assaltarem a praça, nem mesmo [illegible] sem lançar mão de uns cincoenta barcos, que em frente da Chamusca se achavam encalhados n'um reconcavo da pequena angra das aguas do Tejo. A incursão de Montbrun foi-lhe por outro lado vantajosa, por ter conseguido com ella reunir não poucos viveres, de que se fez um armazem em Santarem, estabelecendo-se tambem por meio de tal incursão uma ponte sobre o Zezere, a qual facilitava ao inimigo a passagem d'este rio e a continuação das suas correrias.

Pela sua parte os alliados não deixaram de espreitar attentos os movimentos de Montbrun. A este respeito dizia lord Wellington ao secretario da regencia, D. Miguel Pereira Forjaz: «O inimigo fez a 5 do corrente mez de novembro um reconhecimento sobre Abrantes, e a coberto d'esta operação moveu um pequeno corpo de cavallaria e infanteria atravez da Beira Baixa para as bandas de Villa Velha, com a manifesta intenção de obter a posse da ponte, que existia n'aquelle logar sobre o Tejo: acharam-na comtudo destruida, voltando em rasão d'isto estes destacamentos do inimigo para Sobreira Formosa. O maior numero de barcos que o inimigo pôde juntar, depois de lançar mão dos que achou, estão servindo na ponte que se acha construida sobre o Zezere, ponte bastante má, e que eu espero fazer destruir pela cavallaria do major general Fane». A par da missão que se dera a este general, succedia igualmente que D. Carlos de Hespanha descia de Castello Branco sobre a praça de Abrantes; o coronel Trant operava tambem activamente com as suas milicias pelo lado de Villa Nova de Ourem, ao passo que o coronel Wilson fazia pela sua parte outro tanto entre o Espinhal e o Zezere, d'que resultou ser a divisão Loison destacada no dia 2 do dito mez de novembro para a Gollegã, indo por Santarem, a fim de o conter em respeito e dar mais segurança á ponte, que o inimigo tinha conseguido erigir no Zezere.

Sobre todos os males de que o exercito francez estava sen do victima, e a dura perseguição que as tropas irregular portuguezas lhe estavam continuamente fazendo pela ret

ı. vieram tambem as doenças e as crueis vinganças, que
os em particular empregavam contra todos os france-
garrados, que lhes caiam nas mãos, em punição dos
ırtaveis excessos por elles praticados nas suas incur-
ra agenciarem viveres. Entretanto Massena, apesar
; disposições para se retirar das linhas de Torres Ve-
o se resolvia a deixar definitivamente a posição que
:e d'ellas occupava, resolução que por fim tomou,
ıe a similhante passo o levasse a diligencia que até
feito para passar o Tejo, sem que o podesse conse-
ı baixo de Santarem, ou porque, estando o grosso
xercito na sua primeira posição, não podia commo-
mandar os seus destacamentos procurar viveres tão
ınto lhe era necessario, tendo já reduzido a um per-
erto muitas leguas do paiz que lhe ficava em torno,
ıe lhe convinha approximar-se mais dos soccorros
:rava lhe viessem da Hespanha e já se avizinhavam
as fronteiras, ou finalmente porque todos estes mo-
ınidos n'elle imperaram para dar tal passo. Cedendo
ı pezar seu á dura necessidade em que se via, pro-
or fim um campo onde com segurança podesse fazer
ɔs alliados, e expedir igualmente forrageadores em
de viveres aos districtos onde ainda se podessem
las a marcha retrograda era um pouco difficil, e exi-
as precauções, por ser a posição franceza dominada
te Agraço, e ter o oitavo corpo pela sua retaguarda
deiro de Alemquer.
ıccultar pois este movimento aos moradores do paiz,
smo afugenta-los d'elle, dois regimentos de cavalla-
eneral Traillard marcharam no dia 9 sobre Leiria,
do gente, tanto sobre a estrada de Pombal, como
ıdo do Zezere. Com a devida antecipação mandou
assena transportar nos dias 11 e 12 os doentes que
em Alemquer e outros mais pontos para Santarem
avallos de dragões. No dia 13 fez igualmente mar-
lá, deixando a villa do Cartaxo, o parque da re-
sexto corpo, o qual pela sua parte largou Otta e

Alemquer, para seguir a direcção de Thomar, co
do-se ao general Loison o guardar cuidadosamen
outra margem do Zezere, para onde no dia 2 tinl
como acima vimos, poisque perdida pela invernia a
ponte que n'aquelle rio havia, cuidavam os francez
lançar segunda. Feitas estas disposições, o genera
deixou o Sobral durante a noite de 14 de novemb
o oitavo corpo atravessou na manhã de 15 o desfil
Alemquer, protegido pela cavallaria, que ficára de
Arruda, e uma forte guarda de retaguarda, postad
altura que cobre Alemquer. O segundo corpo fez a
rada da Alhandra para Santarem, seguindo pela est
emquanto que o oitavo corpo marchava por Alcoen
Alcanede e Torres Novas. Este movimento retrog
foi interrompido por lord Wellington: um nevoeir
manhã de 15 cobriu a athmosphera, e que só se di
gumas horas depois do nascimento do sol, foi ca
tarde se conhecer o vacuo da posição inimiga e a l
das disposições tomadas pelo general francez na
rada. Receiando lord Wellington que Massena qui
near o Monte-Junto, e dirigisse depois a frente do se
contra Torres-Vedras, deixou a maior parte das su
estacionadas nas linhas, mandando na dita manhã
guir de perto o inimigo pela segunda divisão, bem
divisão ligeira. Esta foi até Alemquer, indo a outr
Franca. A cavallaria foi mandada pôr de aviso, sen
o almirante Berkley para que mandasse subir o Te
os barcos de que podesse dispor, a fim de que o
podessem passar para a outra margem d'este rio, s
rio lhes fosse.

Na manhã de 16, em que a cavallaria ingleza e
avançada chegaram a Azambuja, descobriu-se o inin
chando em duas columnas, uma dirigindo-se para
e outra para Santarem, marcha que evidentement
não ter elle tenções algumas de ir contra Torr
o que deu logar a que lord Wellington mandasse
das linhas em sua perseguição as tropas que den

tinham ficado. O mesmo lord Wellington, enganado pelas informações que o general Fane lhe dera, pensou que Massena se retirava inteiramente de Portugal, buscando passar o Zezere, não sendo a força de Santarem mais que uma simples guarda da sua retaguarda. A par d'esta crença veio-lhe depois a noticia de que um grande corpo de tropas francezas era mandado de Santarem para as partes da Gollegã. Isto foi tomado por lord Wellington como intenções de querer o marechal Massena dominar a margem esquerda do Tejo, de que resultou ordenar no dia 17 ao general Hill que passasse immediatamente para aquella margem com a força do seu commando, o que elle promptamente fez no seguinte dia, embarcando-se em Vallada nos barcos, que para ali tinha já mandado o almirante Berkley. O fim d'este movimento foi postar aquelle general (a quem se ordenou igualmente que com a vanguarda do seu corpo fizesse alto na villa da Chamusca) em situação não só de proteger Abrantes, no caso de que o inimigo se propozesse a um novo ataque contra esta praça, mas até de o perseguir e incommodar na sua retirada para fóra do reino, se porventura a emprehendesse fazer pela Beira Baixa, e tambem de embaraçar a sua passagem para o Alemtejo, dado que este fosse o seu intento, como podia bem succeder. O major general Fane illudira-se pela sua parte, vendo que o inimigo tinha mandado marchar uma porção consideravel das suas tropas e bagagens pela estrada, situada ao longo da margem direita do Tejo com direcção ao Zezere. Massena estava ainda longe de effeituar tal retirada, e d'isto mesmo se convenceu lord Wellington, quando no dia 18 de novembro, ordenando á cavallaria britannica e á sua guarda avançada, chegadas ao Cartaxo no dia anterior, que atacassem a força franceza, postada em Santarem, viu não ser possivel acommette-la de frente com esperança de bom resultado, sendo igualmente difficil desaloja-la de flanco, porque as pesadas chuvas, que desde o dia 13 tinham caído, obstruindo as estradas e enchendo as ribeiras e vallas, embaraçavam a mais pequena operação, ou marcha que se preendesse fazer.

Informado pois o marechal Massena pelo general Montbr[illegible] de que em Torres Novas e Pernes se encontrava uma pro[illegible] giosa quantidade de grãos, que podia bem sustentar o ex[illegible] cito por muitos mezes, e bem assim que os campos de Va[illegible] lada, Gollegã e Santarem estavam ainda cobertos de milho [illegible] feijão da colheita serodia, que era abundantissima, entende[illegible] que lhe competia esperar em Santarem as ordens do impera- dor Napoleão, e com este fim foi tomar posição n'aquella ci- dade, collocando as suas tropas pela seguinte maneira. O se- gundo corpo cobria pelo lado do norte de Santarem os campos da Azinhaga e Gollegã, occupados tambem pela divisão Loi- son, pertencente ao sexto corpo, tendo por incumbencia ob- servar o Tejo e manter a communicação com Punhete. O oi- tavo postára-se á direita do dito segundo corpo, n'um terreno coberto de collinas, que separam Santarem do Monte Junto e das serras de Minde e Alvados. Formava o dito oitavo corpo uma linha continua com o de Reynier, cuja direita se achava em Alcanede, o seu centro em Pernes, e a sua es- querda por traz de Torres Novas, onde o marechal Massena fixára o seu quartel general. A cavallaria estèndia-se desde Alcanede até Leiria, achando-se a maior parte da força do sexto corpo em Thomar, depois de ter feito previamente re- tirar do Zezere as milicias do coronel Wilson, que de lá fo- ram para o Espinhal. Por este modo cobria o marechal Mas- sena com as suas tropas o mais fertil terreno de Portugal, fornecendo-lhe o campo da Gollegã o milho e os legumes, e a serra de Alcoentre o gado.

Lord Wellington, tendo perdido as idèas que ao principio tivera de que Massena se retirava de Portugal, quando retro- gradou para Santarem, tomou no dia 18 de novembro as suas medidas para o atacar na posição que occupava; mas julgan- do-a depois muito forte, resolveu-se a continuar na defensiva. Opiniões houve de pessoas competentes que lhe censuraram esta resolução, dizendo que por causa d'ella deixára elle fi- car tranquillamente Massena em Santarem durante muitos mezes, de que resultou poder-lhe depois vir em seu auxilio o nono corpo, commandado por Drouet, sem fallar nos nu

merosos destacamentos que igualmente recebeu; prolongou os terriveis soffrimentos dos 50:000 habitantes, que da Beira e Extremadura mandou recolher ás linhas; inflammou mais contra si as iras da opposição, tanto por parte de alguns portuguezes, como do parlamento inglez; tornou, no pensar de muitos, bastantemente duvidoso o triumpho do exercito que commandava, emquanto Massena esteve em Santarem; e finalmente deu occasião a que o marechal Soult podesse vir com o corpo por elle commandado em soccorro do mesmo Massena, e a par do d'elle a que outros mais corpos francezes viessem tambem o mesmo. Tudo isto era realmente verdade, e cremos que lord Wellington seguramente o conheceu muito bem; mas as rasões que o levaram a persistir na defensiva pareceram-lhe ainda mais attendiveis, de que resultou não mudar de systema, porque a soffrer uma derrota, a consequencia d'ella seria provavelmente o chamamento do exercito inglez para o seu paiz, e portanto o acabamento da guerra da peninsula, ao passo que elle sem risco, a continuar na defensiva, tinha por seguro o seu pleno triumpho, fundado sómente nos males que ao inimigo havia de trazer-lhe o tempo.

Decidido pois á defensiva, a collocação do seu exercito foi a seguinte. Sendo a estrada de Alemquer para Torres Vedras de uma extensão maior que a do Cartaxo, poz n'esta villa (onde tambem estabeleceu o seu quartel general) duas das suas divisões, para apoiar com ellas a do general Picton, que continuou a permanecer em Torres Vedras. A divisão ligeira do general Crawfurd foi postada adiante do Cartaxo e na pequena povoação do Valle, perto do Tejo, em observação á vanguarda e á ala esquerda dos francezes. O brigadeiro Campbell occupou Alemquer, o general Cole a Azambuja, e o general Leith postou-se em Alcoentre, continuando na guarnição das linhas o resto do exercito. O general sir Rowland Hill teve ordem de permanecer na Chamusca, com o fim de obstar á passagem do inimigo para a margem esquerda do Tejo, e vigiar igualmente a praça de Abrantes, que se mandou fortificar o melhor possivel, reputando-se muito impor-

tante para os alliados, não só por que interceptava con
panha as communicações do exercito francez pela
Baixa, mas porque tambem por outro lado as facilit
nosso exercito atravez do Tejo. Alem d'isto esta pra
concurso com a de Peniche, que igualmente se havia
cado, tendo-se confiado o seu governo ao brigadeiro
como já notámos, tinham constantemente posto o inim
maior vigilancia e continuado alarme, ameaçando-lhe a
taguarda. Para que o marechal Massena podesse atacar
mente Abrantes era-lhe necessario o emprego de gross
lheria, que só lhe podia vir atravez da serra da Estrella,
que no meio das suas apuradas circumstancias e no p
inverno, como então se estava, se devia ter por imprat
A guarnição da praça de Abrantes era unicamente con
de tropas portuguezas, commandadas por um official
guez, o já citado D. Joaquim da Camara, que ao n
tempo era o governador da praça. Os unicos officiaes
zes que n'ella havia eram os engenheiros, o mais anti
quaes era o capitão Patton, sendo elle o que dirigia
strucção das obras: era este um official distincto, recon
davel pela sua bravura e experimentada firmeza. Lor
lington o tinha designado para fazer parte do conse
defeza, ordenando que qualquer proposição, tendente
mover a entrega da praça, não fosse feita, nem recebi
approvação e acquiescencia d'este official. Não admir
que Abrantes merecesse em circumstancias taes a ma
ticular attenção do mesmo lord Wellington, á vista da
derosas rasões que temos acabado de expor. Situada
esta praça se achava na retaguarda dos francezes,
conservação na mão dos alliados continuou a ser da
ma, se é que não de maior importancia, depois que
sena se retirou para Santarem. Durante o inverno o
tos dos dois exercitos conservaram as suas posições
Rio Maior; a vanguarda do exercito francez estava n
villa (hoje cidade) de Santarem, ao passo que a d
liados se achava adiante do Cartaxo e da pequena
ção do Valle, junto do Tejo, estando as sentinellas d

e outros contendores separadas unicamente pela ponte da *Asseca*[1].

Ambos os exercitos estavam portanto na maior vigilancia, *temendo* cada um dos seus commandantes a habilidade do seu adversario, porque effectivamente ambos elles eram de uma alta capacidade militar, como o testemunhavam os seus anteriores feitos de armas. O commandante inglez punha toda a sua confiança em uma mina, que havia sido preparada debaixo do principal arco da citada ponte, á qual se largaria fogo logoque tivesse logar algum ataque imprevisto da parte dos francezes, julgando-se que o suspenderia; ao passo que o commandante francez fundava as suas esperanças na artilheria de uma bateria, construida sobre uma altura que estava na calçada, que da ponte da Asseca vae para Santarem, cujo fogo enfiava a dita calçada, chegando a embaraçar o transito dos nossos em todo o comprimento da referida ponte. Pelo flanco esquerdo dos alliados as tropas inimigas não estavam com elles em tão immediato contacto. Pela sua parte os nossos intrincheiraram-se em Alcoentre, tendo um piquete de observação na villa de Rio Maior. O principal corpo do exercito francez estava em Alcanede, havendo todavia para este lado a mesma vigilancia que havia no nosso flanco direito. Na margem esquerda do Tejo, independentemente da boa disposição dos piquetes, que ali se tinham estabelecido, construiram-se baterias para dominar a embocadura do rio Zezere, onde os francezes tinham reunido alguns barcos, reduzindo o velho e arruinado castello de Tancos a um posto militar.

Durante todo este tempo haviam-se empregado todos os possiveis cuidados em completar as diversas defezas das linhas de Torres Vedras, melhorando as suas escarpas e aperfeiçoando as suas communicações lateraes. Com este fim construiu-se uma estrada bem calçada, que communicava com

[1] O detalhe d'estas occorrencias foi participado por lord Wellington ao governo portuguez em officio de 21 de novembro de 1810, constituindo o documento n.º 99-F.

vera de 1811 construiram-se obras addicionaes, guarne
por cincoenta e seis peças de artilheria á retaguarda d
Sizandro, escarpando-se a margem esquerda d'este rio,
de compensar a diminuição das suas aguas no proximo v
e conservar o equilibrio da defeza. Minaram-se os pont
tuados na grande estrada, que ia desde a retaguarda
acantonamentos do exercito até á frente das respectiv
nhas: os das communicações lateraes foram destruido
movendo-se tambem todos os obstaculos, que podiam e
raçar o fogo das barcas canhoneiras sobre a estrad
margem direita do Tejo.

No meio das grandes difficuldades e consideraveis a
em que o exercito francez se via, forçoso é confessar que
sena desenvolveu o seu talento da mais apropriada mane
suas circumstancias; as suas tropas haviam sido condu
por elle, durante a sua retirada, com a mais admirav
dem, e a sua sagacidade brilhou na escolha da sua nov
sição, reputada quasi intomavel. Effectivamente Sant
assenta no alto de uma montanha, que sobre as agu
Tejo se despenha em ribanceira perpendicular, sendo o
longamento d'esta montanha para o interior do paiz qu
uma legua de extensão. Fronteira á povoação vê-se un
deia de alturas secundarias, que formam uma especie de
avançada, coberta pela parte do nordeste pelo maior d
riachos, que correm um perto do outro na extensão d
quarto de legua, no fim do qual se reunem, para seg
por espaço de algumas milhas uma direcção paralle
Tejo, onde o Rio Maior, que dá o seu nome á villa que b
pouco depois da sua origem, vem por fim terminar
sando por baixo da ponte da Asseca, que fica ao sudoe

Santarem. O terreno comprehendido entre um e outro rio é sem ondulações, formando uma planicie, chamada de Santarem. Adiante da ponte da Asseca começa uma ladeira de uns duzentos metros de extensão, que vae acabar no alto de Santarem[1]; em frente d'esta ladeira, ou no meio d'ella, levantaram os francezes o reducto ou bateria acima mencionada, cuja artilheria enfiava a dita ladeira, tornando impraticavel qualquer ataque que por ella se pretendesse fazer. Terras alagadiças, cheias de juncaes e muito difficeis de atravessar, particularmente de inverno, em rasão das suas muitas cortaduras, se acham entre a ponte da Asseca e o rio Tejo, sendo ellas as que cobriam a esquerda da posição inimiga. Por outro lado os dois ribeiros, affluentes do Rio Maior, transbordando pela agua das chuvas, formavam uma especie de cascata e pantanos, que protegiam a direita da sua dita posição, a qual pelo lado do sul de Santarem apresentava aos alliados uma formidavel frente; pelo do norte dominava, por meio do oitavo corpo e da cavallaria que tinha em Ourem, a estrada de Leiria para Coimbra; e pelo de Thomar, onde se aquartelava a maior parte do sexto corpo, estava igualmente senhor da estrada, que da referida cidade se dirige tambem para Coimbra, bem como do ramal que ía para os Cabaços, Espinhal, Miranda do Corvo, Foz de Arouce e ponte da Murcella.

Estabelecida como foi pelo mesmo Massena uma segunda ponte sobre o rio Zezere, alcançára elle por meio d'ella abrir uma outra linha de communicação para a fronteira da Hespanha, quer por Castello Branco, Coria e Plasencia, quer pela Estrada Nova, Enxabarda, Belmonte, Guarda e Cidade Rodrigo. Tendo alem d'isto a possibilidade da iniciativa das ope-

[1] No fim do *Cerco do Porto,* ou por occasião da occupação de Santarem pelo exercito de D. Miguel em 1834, daremos uma descripção mais miuda d'esta cidade e da sua posição, se porventura chegarmos a escrever a terceira epocha d'esta obra, do que muito duvidâmos, á vista da nossa idade, a qual nos não permitte muitos annos de vida, segundo a regra ordinaria para os que chegam a mais dos setenta e um, como os que actualmente contâmos.

rações militares, quer tentasse atravessar o Tejo, quer tornear pela sua direita a serra de Monte Junto, facil lhe era n'este segundo caso paralysar uma grande parte das forças alliadas, como de facto succedeu, ficando nas linhas em rasão d'isto uma avultada porção d'ellas. Apesar do exposto a posição do exercito francez não era inteiramente isenta de defeitos. Ficando desoccupado entre Santarem e as divisões do oitavo corpo (sendo este o que d'aquella cidade se achava mais perto) um grande espaço de terreno com quasi quatro leguas de extensão, lord Wellington podia muito bem penetrar por esta parte, e tornear por ali a direita do segundo corpo, separando-o assim do resto do exercito. Tanto se receiou d'isto o general Reynier, que se apressou logo em mandar as suas bagagens e hospital para a Gollegã, encarregando tambem a dois dos seus regimentos dirigirem-se para a parte de Rio Maior, com o fim de vigiarem as pontes do seu lado direito, presumindo que fosse por ali que os alliados se interpozessem entre elle e o oitavo corpo. Ainda assim lord Wellington nunca se abalançou a atacar os francezes em similhante posição, fundado nas rasões por elle expostas a D. Miguel Pereira Forjaz, dizendo-lhe no seu officio de 1 de dezembro de 1810 o seguinte: «Impossivel tem sido fazer movimento algum de importancia sobre o flanco direito do inimigo, ou da sua posição, por isso que no decurso d'elle algumas das divisões das tropas poderiam ver-se inutilisadas e expostas a serem cortadas. Demais, como o inimigo tem concentrado o seu exercito nas vizinhanças de Torres Novas, etc., não me proponho a fazer movimento algum pelo qual eu tenha de incorrer no risco de envolver o exercito n'uma acção geral em terreno menos vantajoso do que aquelle que tinha escolhido para trazer a contenda a um feliz exito. O inimigo só póde ser livre das difficuldades em que se acha na sua situação pela occorrencia de alguma desgraça acontecida ao exercito alliado, e n'este caso promoveria eu mesmo a sua fortuna, quando houvesse de pôr a decisão da campanha no resultado de uma batalha, dada sobre um terreno que o inimigo elegesse, em logar de o fazer n'aquelle

que mais me conviesse ser por mim eleito. Por conseguinte proponho-me a continuar as operações dos destacamentos ligeiros nos flancos e retaguarda do inimigo, e a aperta-lo no ponto em que elle se acha, tanto quanto me for possivel; porém não me envolverei em cousa seria n'este ponto do paiz em terrenos sobre os quaes possa ser o resultado duvidoso».

É innegavel que este procedimento de lord Wellington era acertado e prudente, evitando dar uma batalha em arriscadas circumstancias, para não comprometter inutilmente uma causa, de que não só dependia a fortuna da sua patria, mas igualmente a de toda a peninsula, e talvez mesmo que indirectamente a de toda a Europa. Certo de que o tempo lhe havia de dar uma victoria, que a sorte das armas lhe podia por então tornar indecisa, com toda a rasão evitou essa batalha, antepondo á gloria pessoal que d'ella lhe podia resultar o inutil sacrificio das vidas dos seus soldados, a segurança da causa que se lhe confiára, e a destruição lenta e gradual do exercito francez, quotidianamente desfalcado pelas doenças, fome e miserias de toda a ordem. Este procedimento era por outro lado tanto mais louvavel, quanto que com qualquer operação menos pensada facil era descobrir a estrada de Lisboa, e dar logar a Massena a precipitar-se rapidamente sobre ella, indo-se apoderar das linhas dos alliados, levantadas com tanto trabalho e despeza, não para n'ellas os francezes se abrigarem e defenderem, mas para a todo o transe os guerrear e combater, defendendo Lisboa. Com rasão pois lord Wellington se limitou por mais algum tempo ao seu plano de salutar defensiva, tendo a principal força do seu exercito empregada em vigiar as estradas que se dirigiam ás linhas, e em observar attentamente os movimentos do inimigo. Cuidando ainda em aperfeiçoar quanto possivel as fortificações das referidas linhas, fez igualmente levantar as que do outro lado do Tejo se projectaram fazer em Almada, para embaraçar que os francezes se apoderassem d'estas alturas e impedissem mais ou menos efficazmente a navegação do mesmo Tejo desde a sua foz até Lisboa, quando

sul d'aquelle rio. Foram pois estes receios os que obri
lord Wellington a mandar intrincheirar na margem es
do Tejo o promontorio de Almada, que domina a nav
d'este rio, e d'onde com a artilheria então usada podia
assim bombear-se uma parte da cidade de Lisboa. A es
d'esta posição foi então apoiada na vasta bahia do r
Tejo, sendo constituida pelas alturas que estão por ci
Mutella; o centro collocára-se no monte de Caparica e
Senhora do Monte, assentando-se a direita nos altos
poseira, que são uns rochedos escarpados, banhados j
mar.

Dezesete reductos, que mutuamente se flanqueavan
lunetas e flexas na frente, para limpar e descobrir o
dos barrancos, foram construidos sobre as alturas m
lientes da linha, cuja defeza estava ligada e sustentad
casas altas de campo, as quaes em caso de urgencia p
vantajosamente reduzir-se a postos fortificados. Em
desenvolvimento da posição á retaguarda dos reducto
um caminho coberto, que ministrava uma communica
gura entre os mesmos reductos. O official encarreg
direcção d'estes trabalhos, aproveitando este caminh
a defeza, o dispoz convenientemente, addicionando-lh
banqueta e a competente esplanada, formando assin
estrada coberta regular com as necessarias praças
mas, que offereciam mais flanqueamento. O castello
mada foi reparado e reduzido a estado de defeza
funccionar de cidadella interior e conservar até ao

[illegible]. Como a sua defeza havia de ser confiada á guarnição da esquadra, auxiliada pelas milicias e ordenanças portuguezas, tornou-se necessario construir os reductos de uma grandeza extraordinaria, sendo alguns d'elles susceptiveis de conter [illegible], 500, e mesmo 600 homens, com 6 a 10 peças de artilheria. N'aquella epocha um ataque contra Almada não seria mais do que uma operação secundaria, porque mesmo sendo coroada de feliz successo, o Tejo apresentava uma grande difficuldade ao alcance da artilheria de então, a par de uma barreira invencivel entre os vencedores e a cidade de Lisboa; e a conservação do promontorio, ou castello de Almada, estava inteiramente subordinada ás vantagens que se podessem obter na sua frente. Debaixo d'este ponto de vista não podia justificar-se uma firme e decidida occupação do forte de Almada, quando houvesse de prejudicar ou de pôr em risco a defeza das linhas de Lisboa; mas era um objecto da maior importancia o tirar a um pequeno corpo inimigo, por meio de poderosas obras de fortificação, e pelo emprego das respectivas guarnições, a possibilidade de inquietar Lisboa e espalhar n'ella o alarme e a confusão, a par de um certo terror panico, que isto forçosamente havia de trazer comsigo, e que affectaria necessariamente todo o paiz situado á retaguarda do exercito, no momento em que elle se achasse occupado em repellir um ataque contra as linhas. Não contente ainda com estas precauções, lord Wellington projectou tambem mandar construir na margem esquerda do Tejo uma nova linha de defeza desde Aldeia Gallega até Setubal, em conformidade da memoria que para este fim lhe tinha anteriormente dirigido D. Miguel Pereira Forjaz, como já notámos, alem de uma serie de fortes entre Almada e a Trafaria.

Massena tambem pela sua parte cuidava em se fortificar o melhor possivel na sua posição, espreitando com o maior cuidado os movimentos dos alliados. Entretanto o seu exercito soffria e soffria muito terrivelmente. Desde o momento da sua retirada para Santarem quasi se póde dizer que não houve n'elle mais ordem, nem disciplina, nem subordinação: cada

soldado tinha a faculdade de entrar e saír do seu acampamento como e quando muito bem lhe convinha, sem que os officiaes podessem jamais conte-los nos limites da obediencia, porque, com o pretexto de irem buscar mantimentos, faziam incursões longinquas pelo interior do paiz, desde os seus acampamentos até ás margens do Mondego, e lateralmente desde o rio Zezere até ao mar, queimando e roubando todas as povoações que invadiam, e até mesmo assassinando os desgraçados habitantes que lhes caíam nas mãos. Foi esta infame conducta a que começou a exasperar cada vez mais os miseraveis povos, que se tinham refugiado nas montanhas, e a quem a miseria e a fome obrigava a virem de quando em quando ao centro das suas povoações para se proverem de mantimentos, não só para si, mas tambem para as suas desgraçadas familias, que igualmente estavam escondidas com elles, a fim de se salvarem d'este novo exercito de vandalos, que levaram a toda a parte o ferro, a devastação e a morte. Similhante estado de cousas foi uma das principaes causas da ruina do exercito invasor, porque os paizanos portuguezes, para desforra dos seus concidadãos, já mortos pelos soldados francezes, e das suas casas por elles roubadas e incendiadas, não perdiam uma só occasião de assassinarem tambem os seus oppressores e roubadores, ou quando os encontravam desgarrados pelos montes e trilhos das serras, ou quando os achavam, fatigados pelo trabalho do dia, alojados á noite nas povoações desertas. Os paizanos portuguezes, aproveitando-se então d'esta ultima circumstancia, entravam nas povoações pelo meio da noite, e examinando com toda a cautela quaes as casas, occupadas pelos assassinos francezes, buscavam depois o momento em que os achassem dormindo, para a seu salvo entrarem n'ellas e os assassinarem sem risco. Por este modo purgavam a sua patria d'estes monstros de iniquidade, e desaggravando-se d'aquelles que tantos males lhes causavam, no que tambem faziam um serviço á humanidade, iam com os despojos de que os achavam carregados sustentar finalmente as suas afflictas e amarguradas familias. Apesar da sua rusticidade, estes paizanos não deixavam de prevenir as

duras consequencias da sua conducta, e por isso ou enterravam logo os corpos mortos, ou os lançavam nos poços[1].

Foi por este modo e no meio d'estes contratempos que o

[1] A desesperação dos nossos paizanos contra os francezes chegára ao maior auge possivel: foram os que habitavam para alem do Zezere os que, depois do dia 25 de novembro, mataram á sua parte cousa de [illegible] geralmente de cavallaria, sem auxilio algum de tropa. Um barbeiro [illegible] n'uma das villas d'aquelle districto que só á sua conta matou 18, [illegible] 11 da arma de cavallaria. Nas *Observações* feitas sobre o estado do exercito portuguez d'aquelle tempo pelo dr. Halliday lê-se, que um [illegible] portuguez vivia pela maior parte do tempo em uma cova nas montanhas da margem do Zezere, emquanto o exercito francez se demorou em Santarem e suas vizinhanças, e que saíndo d'ella, penetrava depois no acampamento do mesmo exercito francez em Thomar, de que resultou vir-lhe a matar para cima de 30 homens por suas proprias mãos, e tomar-lhe uns 50 cavallos e machos, etc. Na serra distante duas leguas de Thomar foram os proprios paizanos os que, caíndo sobre varias partidas inimigas, as perseguiram e mataram, só desamparando aquelle ponto, quando se viram atacados por muita tropa franceza, de que resultou mudarem de sitio, mas não de tenções hostis contra os invasores, que tantos males lhes estavam causando. Na serra de Patello, para as bandas de Leiria, e em geral para toda a parte do paiz invadido, os nossos paizanos, constituindo o que então se chamava *ordenanças*, e assumindo o caracter de verdadeiros soldados, atacavam e destruiam muitas partidas de francezes, sendo tal a sua ousadia, que chegaram a atacar algumas superiores ás suas. O odio contra o jugo francez era tanto, e a resolução e valor dos portuguezes para o sacudirem tão pronunciados, que desde então se viu cada vez mais arreigada a crença de que a luta entre os naturaes do paiz e os seus invasores era decididamente de vida ou de morte, de modo que, ou Portugal se havia de submergir em ruinas, ou os francezes haviam de ser mortos e expulsos para fóra d'elle. É um facto que muitas victimas portuguezas caíram debaixo do ferro inimigo; mas tambem é um facto que muitas dos francezes foram igualmente sacrificadas aos manes d'esses desgraçados, que lhes tinham caído nas mãos. A represalia era portanto a todo o transe, e quantos mais paizanos succumbiam, victimas do desenfreamento da soldadesca franceza, tanto mais se irritavam os que lhe sobreviviam. A alguns se ouviu dizer: *Perdida a minha casa e fortuna, e perdido como tambem estou, nada tenho mais que fazer senão vingar-me e saquear igualmente os inimigos.* E assim effectivamente o cumpriram e executaram aquelles a quem a cobardia não dominava o seu espirito de vingança e represalia.

exercito francez se alimentou durante os ultimos mezes do anno de 1810. O pão de milho foi quasi a sua unica nutrição. Para apanharem algum gado era-lhes necessario enviarem a dois e a tres dias de marcha destacamentos de 400 e 500 homens, porque a serem de menor força, corriam o risco de serem apanhados pelos paizanos, desesperados por se verem roubados dos poucos animaes que ainda lhes restavam[1]. O fardamento e o calçado cada vez mais se deterioravam, não se achando no paiz, inteiramente devastado, meio algum de supprir as suas faltas. No mez de dezembro de 1810 deviam-se ao exercito sete mezes de soldos e prets. Os mesmos medicamentos tinham-se tambem consumido, sendo até necessario andar por toda a parte procurando pannos para fios e outros mais meios de curativo. As chuvas tinham-se tornado abundantes, as ribeiras e rios achavam-se consideravelmente engrossados, os menores regatos formavam caudalosas torrentes, sem que os soldados francezes tivessem para se abrigarem mais que miseraveis cabanas. Nas villas e aldeias a maior parte das casas achavam-se sem portas e janellas, que os mesmos soldados haviam queimado e destruido. Finalmente a penuria do exercito francez em todos os sentidos chegou a um ponto tal, que até para escrever as participações officiaes e as ordens do dia, necessario foi empregar as folhas brancas dos livros, achados nas differentes bibliothecas abandonadas pelos habitantes, ou pelos moradores das casas conventuaes. Já desde o fim do mez de outubro tinha o intendente geral Lambert, então em Alemquer, dado conta ao marechal Massena da deploravel situação em que o exercito de Portugal se achava: relatava elle as penosas marchas que tinha feito por um paiz cheio de montanhas, sem guias que lhe podessem supprir a imperfeição das cartas topographicas, o esgotamento total do vestuario, do equipamento e a carencia de transportes; as enormes sommas que se estavam devendo, e o vacuo absoluto da caixa do exercito, que apenas tinha 4:800 francos; a impossibilidade de recorrer ao meio das

[1] *Jornal historico* do barão Fririon, pag. 124.

contribuições em cidades e villas absolutamente desertas, e a insufficiencia dos recursos que essas contribuições offereceriam, mesmo na eventualidade do bom exito da expedição. Pela sua parte o marechal Massena fazia ao principe major general (o principe de Wagram) outra que tal pintura das miserias do exercito, terminando por pedir soccorros, sem os quaes não lhe era possivel desempenhar a ardua e difficil commissão, que se lhe confiára. A chegada d'estes soccorros era portanto o unico recurso que de França esperava o marechal Massena para recomeçar com as suas operações offensivas. Foi no meio d'este grande apuro que o referido marechal pareceu querer transferir-se com o seu exercito para o Alemtejo, no que foi impedido pelas forças do general Hill, que a 18 de novembro passára, como já vimos, para a margem esquerda do Tejo, não só para o vigiar, mas até para seriamente lhe embaraçar tal intento.

As communicações do exercito francez com a Cidade Rodrigo, base das suas operações, achavam-se interrompidas, tanto pelas partidas hespanholas dos reinos de Leão e Castella, como pelas marchas e perseguição que contra elle fazia o general portuguez, Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, que deixando o Douro a 29 de outubro, fôra bloquear Almeida, interpondo-se entre Portugal e Hespanha, movimento que foi de grande vantagem para lord Wellington; e postoque Silveira nem sempre fosse feliz nas suas operações, negar-lhe a importancia dos serviços que por então prestou á causa da patria e dos alliados, e muito mais invectiva-lo, como faz o coronel Napier na sua *Historia da guerra da peninsula*, é um acto de flagrante ingratidão, e só proprio do caracter e orgulho britannico, acto que não praticará o auctor d'este escripto, que, posto lhe censure a certos respeitos a sua conducta, nem por isso deixa de lhe fazer a devida justiça na parte que lhe é gloriosa, justiça que igualmente fará a todos os mais, quando o sentimento intimo da sua consciencia lhe imponha esse dever. Na critica posição que temos visto se achava portanto o marechal Massena, quando o nono corpo, ás ordens do general Drouet, conde de Erlon, partindo de

que se achava de guarnição na mesma Cidade Rodrigo e
de Almeida: estas tropas eram as que de Portugal t
saido com o general Foy, quando partiu para Paris, ás
se haviam depois aggregado as que pertenciam aos tr
pos do exercito invasor de Massena, e que elle tinha d
de guarnição em Salamanca, Cidade Rodrigo e Almeid

Gardanne, pondo-se em marcha para se juntar a Ma
obrigára o general Silveira no dia 13 de novembro a le
o cerco de Almeida, de que resultou poderem entrar o
cezes em terras de Portugal. Todavia Silveira não
mou, e buscando depois d'isto o rasto dos inimigos
elles se foi encontrar no dia 14 entre Valverde, junto a
e um outro povo contiguo (Perciro Gavillos), onde não
matou 300 homens, sendo 8 ou 10 officiaes, mas até l
muitos prisioneiros, retirando-se depois para Trancos
a perda de 30 mortos e outros tantos feridos. Entretan
danne, voltando á esquerda, foi no dia 19 entrar no S
d'onde tomou para a Beira Baixa, na direcção de Belm
Fundão. Chegando por fim a Cardigos no dia 25 (te
guramente em vista dirigir-se ao Zezere), ali se viu vi
seguido de perto pelas ordenanças portuguezas de A
nha, commandadas pelo bravo coronel Grant, de que
tou dar credito á falsa noticia de que o general Hill se
postado em Abrantes, e retirar-se precipitadamente, i
novo entrar outra vez no Sabugal, não obstante a p
dade em que já se achava dos primeiros postos fra
perdendo muita gente n'esta retirada, e uma parte d

esquerda do Zezere, nada mais tinha que passa-lo, para logo a unir a alguma porção da retaguarda do exercito de Massena; mas preoccupado em grau extremo com as phantasticas narrações que lhe fizeram sobre o estado do paiz, apezar de não ter n'elle tido encontro algum serio, alem do de Silveira, foi tamanho o seu terror e o dos seus soldados, que, deixando as armas e bagagens, não se julgaram seguros senão quando se tornaram a ver no coração da Hespanha, reunidos ao exercito de Drouet.

Pela sua parte este outro general, deixando a Biscaya e a Castella Velha, approximou-se da fronteira portugueza com toda a sua força, computada em 17:000 infantes e 2:000 cavallos. No dia 15 de dezembro achava-se nas vizinhanças de Almeida, vindo atravessar o Côa no dia 17. D'ali seguiu depois para a Beira Alta pelas estradas de Pinhel, Trancoso, Alverca, Celorico, Gouveia, etc., até que no dia 22 se achava com as suas avançadas na Maceira, já no valle do Mondego. De guarnição em Trancoso e Pinhel deixára lá ficar a divisão Claparede, acompanhada de uma numerosa cavallaria, nas vistas de manter por meio de tal divisão as communicações do exercito de Massena com o interior da Hespanha. Continuando na sua marcha, depois de ganhar o valle do Mondego, chegou á ponte da Murcella no dia 24. No seguinte dia marchou do Alva para o Espinhal, d'onde a 26, reunido já a Gardanne, se poz em communicação com Massena por meio do sexto corpo, estacionado em Thomar, indo por fim estabelecer-se definitivamente com a sua divisão em Leiria. D'ali pôde o mesmo Drouet estender desde então a sua linha até á beira mar, com que conseguiu cortar as communicações de lord Wellington com as provincias do norte, onde até então tinham felizmente operado os differentes chefes dos corpos de milicias, a saber, Bacellar, Silveira, Trant, Miller e Wilson. Entretanto Claparede dirigira-se contra Silveira, o qual, tendo poucas forças comsigo, e estas mesmas irregulares, viu-se repentinamente atacado pelas tropas d'aquelle general no dia 31 de dezembro, de que resultou ser por elle batido em Ponte de Abbade, do lado de Trancoso, com a perda de 200 ho-

mens mortos, e atacado novamente em 11 de janeiro [em] Villa da Ponte, teve de se retirar de Lamego, e de atravessar o Douro no dia 13, soffrendo novamente bastante perda de gente. Conseguido que foi isto, Claparede entrou depois em Lamego e ameaçou o Porto, antes que o general Manoel Pinto Bacellar podesse com as suas milicias chegar em soccorro d'aquella cidade. Felizmente Claparede, vendo-se ameaçado nos seus flancos e retaguarda em Pavia e Castro Daire pelas milicias do mesmo Bacellar e dos coroneis Trant e Wilson[1], não passára mais avante, tornando para Moimenta da Beira e Trancoso, o que permittiu a Bacellar ir então cobrir o Porto mais desassombradamente com a sua divisão. Claparede foi depois postar-se na Guarda, vigiando a estrada que se dirigia a Belmonte, como lhe ordenavam as suas instrucções, assenhoreando-se tambem da Covilhã. Foi n'esta situação dos dois exercitos contendores que terminou a memoravel campanha do anno de 1810, de que lord Wellington mandou para o seu governo um interessante relatorio, na data de 23 de fevereiro de 1811[2].

Durante o mez de dezembro de 1810 e janeiro de 1811 as inundações do Tejo paralysaram as operações dos exercitos contendores, que nada mais fizeram de que reciprocamente observar-se. Massena aproveitou este tempo, não só para reforçar a sua posição e a dos seus postos avançados o melhor possivel, mas tambem para estender as excursões dos seus soldados, destinados á pesquiza de viveres, e com tanta mais latitude, quanta maior era a urgente precisão que d'elles ia experimentando. O ponto mais fraco para os dois exercitos era Rio Maior; o menor movimento que por aquelle lado se fizesse excitava logo a inquietação de qualquer d'elles, particularmente depois que a estação das chuvas abrandou, e os caminhos se enxugaram, tornando-se praticaveis. A 19 de janeiro, tendo sabido os francezes que alguns reforços inglezes tinham desembarcado em Lisboa poucos dias antes, temeram

[1] O brigadeiro Miller tinha por aquelle tempo fallecido em Vizeu.
[2] Damo-lo como peça justificativa, constituindo o documento n.º 99-G.

que os alliados se concentrassem em Alcoentre, e para se assegurar do que a tal respeito havia, ordenou o marechal Massena que o duque de Abrantes fizesse um reconhecimento aquelle ponto. Em consequencia d'isto 5:000 homens da divisão Clausel e da brigada Gratien, com 500 cavallos, se dirigiram sobre Rio Maior, d'onde logo se retiraram os postos avançados dos alliados. O duque de Abrantes, marchando na frente das suas tropas, para melhor julgar qual o numero das forças luso-britannicas, foi gravemente ferido no rosto por uma bala, circumstancia que o obrigou a entregar o commando ao general Clausel, ficando impossibilitado para o serviço, durante o resto da campanha[1]. Muito se temeu que

[1] Ninguem por aquelle tempo ignorou que junto a Rio Maior o general Junot havia sido ferido no rosto, e que das consequencias d'aquella ferida lhe resultaram padecimentos graves. Todavia muito poucos souberam as individuaes circumstancias de similhante successo, que fez ali verificar-se o devido premio com que os portuguezes tinham a galardoar o ferido pela ostentação da sua fingida batalha, quando em 1808 invadiu este reino, batalha que lhe proporcionou o titulo de duque de Abrantes, ducado que de facto nunca possuiu. Este personagem, que tanto vulto faz na moderna historia d'este reino, merece que saibamos d'elle os menores incidentes da sua vida. «O duque de Abrantes, segundo o testemunho de quem presenceára o facto, devia conduzir forças contra Rio Maior, a fim de expulsar d'ali o inimigo e observar as cercanias de Alcoentre. A 19 de janeiro de 1811 á testa de 5:000 homens de infanteria e 500 cavallos partiu de Alcanede pelas cinco horas da madrugada. O inimigo (os alliados, poisque a testemunha presencial que isto nos conta estava no exercito francez), tinha constantemente na dita villa de Rio Maior varios batalhões e alguma cavallaria. O duque mandou acommetter os intrincheiramentos e a ponte, e em menos de meia hora fomos senhores da villa e expulso o inimigo (os alliados) em desordem. O duque, impaciente de observar pessoalmente a direcção que tomavam as columnas inglezas, correu a galope a uma pequena eminencia, alem dos caçadores avançados. N'este momento foi gravemente ferido de uma bala, que o apanhou pelo rosto. Quatro hussards inglezes, que tinham ficado de atalaia n'uma altura vizinha, para observarem a nossa marcha, vendo approximarem-se alguns cavalleiros, descarregaram as clavinas e correram a juntar-se á retaguarda dos seus, não imaginando certamente haverem em tal occasião ferido um general em chefe. A bala quebrou-lhe o osso proprio do nariz, junto á sua articulação, e escorregou sobre o pómulo da face direita. O duque de Abrantes con-

este reconhecimento fosse o previo annuncio de uma acção geral: mas não passou de mera escaramuça, reentrando o general Clausel novamente em Alcanede com as suas tropas, não havendo mais novidade.

Por aquelle mesmo tempo, ou antes d'elle, correndo ainda o mez de dezembro, o general Hill tinha adoecido; mas sabendo lord Wellington que o marechal Soult reunia algumas das suas tropas por trás da serra Morena, augmentou mais pela sua parte as forças que tinha na margem esquerda do Tejo, dando o commando d'ellas ao marechal Beresford, sendo desde então que as tropas portuguezas passaram a intercallar-se mais intimamente com as inglezas, constituindo em definitivo caso o exercito luso-britannico, como adiante se verá. O principal fim a que as suas ditas forças se destinavam continuava a ser o de embaraçarem activamente as communicações de Massena com o mesmo Soult; o de se opporem á passagem do proprio Massena para a margem esquerda do Tejo, se o pretendesse fazer: e o de auxiliarem quanto possivel as operações dos hespanhoes na sua provincia da Extremadura. Foi com este mesmo fim que lord Wellington fez entrar na referida provincia as divisões hespanholas, que debaixo do commando do marquez de la Romana se tinham reunido ao exercito luso-britannico, quando recolheu para as linhas, bem como a divisão de D. Carlos de Hespanha, que até então tinha operado pelo lado de Abrantes. Todas estas divisões se pozeram em movimento depois de meado de janeiro de 1811, e a ultima, composta de 1:200 infantes e 200 cavallos, achava-se já em Campo Maior no dia 22 do dito

servou o maior sangue frio em uma parte tão perigosa, emquanto se lhe poz o primeiro apparelho, e supportou o incommodo de voltar a cavallo ao seu quartel general de Pernes, não obstante padecer immensas dores. O cirurgião mór do oitavo corpo lhe fez immediatamente a operação de lhe incisar a face para lhe extrahir a bala, que se achava inteiramente achatada, pela resistencia que experimentára ao resvalar sobre o osso maxillar. Poucos dias depois o mesmo cirurgião pôde assegurar ao exercito que a ferida d'aquelle general não era mortal, porém não dissimulou que lhe podia cedo ou tarde produzir graves e funestas consequencias».

n quartel general do Cartaxo [1]. Muitas pessoas lamen-

1. Pedro Caro y Suréda, marquez de la Romana, um dos mais ce-
generaes hespanhoes durante a guerra da peninsula, pertencia a
as mais illustres familias da ilha de Mayorca, nascendo no anno de
a cidade de Palma, capital da dita ilha. Aos dez annos de idade
ndado para França para receber no collegio do Oratorio de Leão
rimeira educação, passando de lá á universidade de Salamanca, e
ao seminario dos nobres em Madrid. Tendo praça de guarda ma-
em 1775, passou em 1778 á escola de Carthagena, sendo no se-
anno despachado official e escolhido para ajudante de campo do
l D. Ventura Moreno. Tendo servido com distincção a bordo das
as canhoneiras e nas baterias fluctuantes no cêrco de Gibraltar,
-se depois da paz de 1783 para Valencia com o fim de aperfei-
s seus conhecimentos, sendo com estas vistas que tambem depois
a viajar pela França e Allemanha. Na sua volta fez algumas di-
es maritimas, sendo no anno de 1790 despachado capitão de fra-
Rompendo a guerra entre a França e a Hespanha, la Romana pas-
1793 do serviço de mar para o de terra, sendo como tal empre-
debaixo das ordens de seu tio, D. Ventura Caro, que na Navarra
enéos occidentaes commandava o exercito hespanhol contra os
zes. Obtendo o commando de um corpo de caçadores, com elle to-
parte nos mais notaveis acontecimentos das campanhas dos annos
93 e 1794. Passando depois á Catalunha, serviu debaixo das or-
lo conde da União, sendo então promovido ao posto de marechal
mpo, invadindo já n'esta categoria a Cerdenha franceza no mez de
le 1795, tendo de a evacuar, por effeito da paz concluida e assi-
em Bâle aos 22 de julho d'aquelle anno. Foi por este mesmo tempo
a Romana teve o posto de tenente general. Em 1800 foi chamado
mmando geral da Catalunha, e depois a fazer parte do conselho su-

taram a falta d'este chefe, não tanto pelas suas qualidades como homem d'estado e de grande capitão, que na opinião de muitos aliás lhe faltavam, quanto pela sua grande fortuna, que tinha nas ilhas Baleares, e não menos pela celebridade que adquirira, quando da Dinamarca se retirou para a Hespanha em 1808 com a divisão do seu commando. O seu cadaver foi transportado para a sua patria, honrando-lhe as côrtes de Cadiz a sua memoria, mandando-lhe erigir um tumulo com a seguinte inscripção: *Ao general marquez de la Romana, a patria reconhecida.*

Era por aquelle mesmo tempo que o general Foy, tomando a direcção de Belmonte, entrava em Portugal á testa de 3:000 convalescentes, tanto de cavallaria, como de infanteria. Enviado por Massena a Napoleão, como já vimos, voltava agora de França, depois de ter desempenhado completamente a sua commissão, não obstante os numerosos perigos por que passára em Hespanha até chegar a Salamanca. Em Pancorvo pouco faltou para que as guerrilhas hespanholas o

derrotado n'aquella memoravel batalha, em que entrou a sua propria divisão, vinda de Dinamarca, e desembarcada em Santander em 9 de outubro, la Romana buscou inspirar uma nova energia aos habitantes das Asturias, da Galliza e Reino de Leão, fazendo desde então uma figura mais como chefe de guerrilhas, do que como general de tropas regulares, mostrando assim que a sua reputação militar era muito superior ao seu merito real. Chamado depois a occupar um logar na junta central, o papel que n'ella fez não ficou ao abrigo de censuras, por se metter nos corrilhos facciosos de que a dita junta era victima. Depois da famosa derrota dos hespanhoes em Ocaña, aos 18 de novembro de 1809, la Romana appareceu na Castella, commandando um exercito de 15:000 homens, que outros levam a 25:000, d'onde com parte d'elles veio para as linhas de Torres Vedras, chamado por lord Wellington, por occasião da invasão de Massena em Portugal no anno de 1810, como acima vimos. Morrendo na villa do Cartaxo a 23 de janeiro de 1811, contava apenas cincoenta annos de idade, e talvez ainda não feitos. Foi homem de mediana estatura, de compleição secca e nervosa, acostumado á abstinencia e a todos os [illegible] de experimentar na carreira das armas. A este general, diz o conde de Toreno, faltava-lhe a precisa firmeza, ao passo que a sua extrema distracção o fazia cair em esquecimentos e notaveis contradicções. Joguete de lisonjeiros, lançava-se algumas vezes em actos inconsiderados e reprehensiveis.

assem: todavia perdeu, não só metade da sua es-
as até mesmo uma parte dos seus despachos com
Paris aos 18 de janeiro de 1811. A sua marcha, na
a Portugal, foi feita pela mesma *Estrada Nova*, que
Gardanne anteriormente seguira; o coronel Grant
uindo com as suas ordenanças sobre a escolta de
a fortuna de a derrotar, perdendo uma parte do
que escoltava, successo que teve logar nas aperta-
tas dos montes, junto a aldeia de Enxabarda, onde
Foy tinha feito entrar o seu corpo, sem que pri-
e tivesse mandado examinar os logares que havia
sar. A este respeito officiou lord Wellington a D. Mi-
ra Forjaz, dizendo-lhe do Cartaxo na data de 9 de
o seguinte: «O coronel Grant, que commandava as
s da Beira Baixa, seguiu até ás vizinhanças do Sa-
ça que escoltava um correio, partido do Zezere a
sado, tomando-lhe prisioneiros e alguma bagagem.
ta atacou em 1 do corrente o general Foy no logar
rda, na entrada da *Estrada Nova*, fazendo-lhe 18
onsideravel numero de feridos e 10 prisioneiros,
gumas bagagens e carros apprehendidos. No dia 2
e muitos mortos pela estrada dos que tinham sido
ntava-se em 500 a perda d'este encontro[1]». Tão
i elle ao inimigo que por noticias, vindas do quar-
l de Massena, onde Foy chegára sómente no dia 5
ez de fevereiro, constou que para não descoroçoa-
dados, se espalhou de proposito a voz de que tinha
a tremenda tempestade nos montes, a qual fizera

echal Beresford, participando este mesmo successo a lord
em officio de 7 de fevereiro de 1811, expressava-se pelo se-
: «Mylord. O tenente coronel Grant foi encarregado do com-
ordenanças da Beira Baixa e para as partes da Guarda.
y, escoltado desde a Cidade Rodrigo por 2:000 a 3:000 ho-
ava juntar-se a Massena, para lhe entregar as ordens que
mandára. O tenente coronel Grant postou-se em Enxabar-
as de Alpedrinha, ao pé do principio da *Estrada Nova*, que
undão, por onde o inimigo foi obrigado a passar. Postando
orça de umas 80 ordenanças na posição que julgou acer-

jornaes inglezes, para ter d'elle algumas noticias vag[illegible]
era a confusão que nas communicações do inimigo lan[illegible]
bellicosa actividade das milicias e ordenanças portug[illegible]
a par das numerosas guerrilhas hespanholas. Foi port[illegible]
mesmo Foy o primeiro que poz Napoleão ao alcance [illegible]
verdadeiramente se tinha passado em Portugal.

Apesar da energica exposição feita em París pelo re[illegible]
general ao imperador Napoleão, pintando-lhe com as
vivas côres o miseravel estado a que em Portugal se [illegible]
duzido o exercito francez de Massena, parece que pou[illegible]
nenhum effeito produziu n'elle similhante exposição
obstante as muitas instancias dos soccorros que n'ella
pediam. Alem do pouco fundamento que em taes p[illegible]
achava, acrescia ter elle por então outros motivos que [illegible]
viavam de lhe mandar taes soccorros. E com effeito d[illegible]
mez de janeiro de 1811 que as suas vistas se come[illegible]
attentamente a voltar para o norte da Europa, tendo [illegible]
propinqua uma guerra com a Russia, motivada pela[illegible]
exigencias, mal cabidas para com aquella potencia, par[illegible]
a effeito o bloqueio continental em que elle Napoleão t[illegible]
penhado se achava. Possuido como portanto estava d[illegible]

tada no dia 1 de fevereiro, d'ella sustentou um bem dirigido f[illegible]
espaço de duas horas contra o inimigo, de que resultou fazer-l[illegible]
de 200 mortos, muitos dos quaes acabaram a vida em consequen[illegible]
seus graves ferimentos, exacerbados pela inclemencia do tempo[illegible]
ez-lhe alem d'isto 18 prisioneiros, fóra 4 inglezes que havia ci[illegible]
nos se achavam prisioneiros, e haviam sido mettidos no serviço[illegible]
migo perdeu tambem alguns carros de grãos, consideravel num[illegible]
bois e uma grande parte da sua bagagem. Da parte dos atacant[illegible]
nas se perdeu 1 homem, havendo alguns cavallos feridos».

de similhante guerra e da necessidade que para ella já das tropas que se lhe pediam, quando Foy chegou a nenhuns soccorros mandou a Massena, nada mais fa- que ordenar ao marechal Soult, que se dirigisse para com o quinto corpo, que suppunha estar na força de 0 a 20:000 homens, com os quaes devia ir auxiliar o da praça de Abrantes, occupando a margem esquerda mo Tejo[1]. Ao general Drouet ordenou elle igualmente accelerasse a sua marcha para Portugal, a Dorsene, que ava em Burgos, que sustentasse a divisão de Drouet, ei José, que enviasse para Alcantara todas as forças dis- eis. Ao marechal Massena recommendou que estabele- boas communicações com Madrid e Almeida, que occu- as duas margens do Tejo, que construisse duas pontes e o rio Zezere, suppondo que no mesmo Tejo houvesse tras duas, que tomasse Abrantes e Alcantara, que espe- pelas tropas do general Drouet e do marechal Mortier, e reunindo assim 80:000 homens, com elles atacasse as as inimigas, e que no caso de as não poder levar, conti- asse com o bloqueio que lhes pozera, esperando por alguma dança favoravel na politica da Gran-Bretanha.

Em tudo isto havia na cabeça do imperador dos francezes ita mais illusão que realidade, já porque as tropas do ge-

[1] Já antes da chegada do general Foy a París se tinham expedido para este fim as ordens ao marechal Soult. Em officio de 4 de dezembro de 1810 dizia o principe de Wagram a Massena: «Acabo de dar ordem, já por muitas vezes repetida, ao marechal Soult para enviar o quinto corpo sobre o Tejo, postando-o entre Montalvão e Villa Flor para fazer a sua juncção comvosco». O mesmo principe de Wagram dizia ao ma- rechal Soult em officio de 24 de janeiro de 1811: «O imperador me en- carrega de vos renovar a ordem para que marcheis em soccorro do prin- cipe de Essling, que ha tempo se acha em Santarem». No seu officio de 4 de dezembro tinha o mesmo major general formalmente recommendado a Soult que mandasse immediatamente 10:000 homens, dizendo-lhe, for- maes palavras: «Todas as considerações devem desapparecer perante o movimento que vos ordeno». Apesar de uma ordem tão positiva, Soult respondeu-lhe em 22 e 25 de janeiro, que não podia soccorrer Massena, que apenas se limitaria por então á tomada de Badajoz.

neral Drouet não eram em tamanha força quanta ell
suppunha, e já porque nem Soult se achava em est
poder ir em auxilio de Massena, a não querer desis
cerco de Cadiz, nem mesmo quando estivesse em tal e
se mostrava disposto a lhe prestar efficazmente tal a
Alem d'isto a construcção das pontes sobre o Tejo e
zere exigiam o emprego de materiaes que elle Masse
tinha, ignorando Napoleão, ou fingindo ignorar, que a
tamente lhe faltavam madeiras e ferro; que o exercit
cez carecia de cartuxos e pão, que em Portugal não
achado a mais pequena porção de moeda, que o seu
mento e calçado se achavam no mais deploravel estad
os soldados sómente viviam da pilhagem, e que os seu
prios officiaes, ainda mais miseraveis do que elles, ape
alimentavam d'aquillo que os seus mesmos subordi
por caridade lhes davam, repartindo com elles o que
vam. O certo é que Massena apenas recebeu o auxil
tropas de Drouet na força de uns 19:000 homens, in
2:000 cavallos, e ainda assim este mesmo general es
ponto de o abandonar, querendo continuar a manter-
provincias do norte da Hespanha, fundando-se para is
instrucções que do imperador Napoleão recebêra, não
possivel a Massena conseguir d'elle mais do que vir
lecer-se em Leiria para interceptar a lord Wellington
communicação com as provincias septentrionaes de
gal. Limitado portanto ás suas proprias forças, era
sivel a Massena o pode-las dividir sem imminente risc
com uma parte d'ellas atravessar o Tejo, já com o
ir occupar com ella a margem esquerda d'este rio
com o de effeituar o bloqueio da praça de Abrantes
em qualquer dos casos iria achar contra si o general H
a sua divisão, falto como de mais a mais se achava
ponte por meio da qual podesse effeituar a passag
mesmo Tejo, particularmente achando-se divididas

traria, allegando não a poder conduzir de Punhete para *io por* falta de transportes, e que a conduzi-la pela agua, *or-se-ia* a ficar sem ella, em rasão do fogo que o inimigo *dirigiria*. Á vista pois d'isto Massena entendeu que o me- era esperar pela promettida chegada do quinto corpo[1]. milhante resolução foi ainda assim para elle bastante pe- e dura, já pelo mallogro da sua espectativa sobre tal ada, e já pela grande difficuldade que tinha em poder entar o seu exercito, difficuldade aggravada, quer pelo do deploravel em que o paiz se achava, quanto a poder- fornecer as precisas subsistencias, quer pelo rigor da es- ão invernosa que teve de atravessar. Effectivamente as uvas, que por aquelle tempo tinham caído, haviam occasio- do a podridão de todos os grãos da colheita serodia, a al por um imperdoavel descuido se abandonára quasi in- ramente nos campos, sendo aliás abundantissima. Se Mas- na a tivesse com a devida previdencia mandado levantar, e colher depois em armazens, os viveres que por meio d'esta edida obteria, reunidos aos que por differentes partes do ino se tinham encontrado, e que os soldados estragaram o meio do seu louco e vandalico furor, sem se lhes pôr co- ro, nem medida, seguramente poderiam ter mantido o ercito francez por mais seis ou oito mezes em Portugal, rando-o assim ás fomes, doenças e miserias de que foi esgraçada victima, por se não terem feito depositos, prova-

[1] Dois ou tres dias antes da chegada do general Foy, como se lê no *rnal* de Fririon, a pag. 130, e nas *Memorias de Massena*, a pag. 304 do m. VII, já este general tinha expedido ordens secretas para a sua reti- da, a qual ficou sem effeito, em rasão d'aquella chegada. Agora quanto passagem do Tejo pelo exercito francez, diremos que foi na Gollegã e o dia 18 de fevereiro, ou treze dias antes da chegada de Foy, que teve gar a reunião dos generaes para se discutirem os differentes projectos, lativos á citada passagem. Os trabalhos do general Eblé para a con- strucção das pontes sobre aquelle rio achavam-se promptos desde o fim o anterior mez de janeiro, como tambem consta das citadas *Memorias de Massena*, a pag. 307 do tom. VII. A passagem devia portanto fazer-se na presença das forças com que o marechal Beresford se achava em frente de Punhete, cousa que todavia nunca teve logar.

velmente pela imaginaria crença que Massena teve, de que tomada de Lisboa era para elle apenas o insignificante negocio de uma marcha triumphal contra ella, ao partir da Cidad Rodrigo e Almeida. Nos primeiros dias de fevereiro uma columna de 6:000 francezes recomeçou a divagar por todo o paiz alem do Zezere, trazendo comsigo grande numero de provisões, que em Pedrogão achára escondidas. Outros destacamentos se mandaram para outras partes com o mesmo fim, tendo a fortuna de apanharem abaixo de Coimbra 400 bois e 2:000 carneiros, pertencentes ao exercito alliado. Com estas novas disposições recomeçaram tambem os soldados a fazer isoladamente as suas repetidas e multiplicadas incursões; e como não achassem já dentro das casas que roubar, principiaram a sondar as lojas e os campos, que achavam com a terra movida, e ao mesmo tempo que marchavam espetavam as espadas e as bayonetas, para verem se encontravam alguma cousa. Este arbitrio foi uma nova e extraordinaria fonte de recursos, poisque d'este modo não só se achava o grão, mas tambem o azeite, carne de porco salgada, moveis, fazendas dos negociantes, dinheiro, etc., o que muito promoveu a avidez dos soldados, que com o pretexto de buscarem viveres, se espalhavam por todo o já citado territorio, sendo o seu principal objecto o roubarem os moveis, roupas e o mais que os fugitivos tinham deixado enterrado; por consequencia quando no campo achavam uma caixa de grão só se aproveitavam de uma pequena parte, e muitas vezes mesmo de nada, e continuavam na busca do precioso, que era o que mais lhes interessava, deixando o primeiro achado inteiramente exposto ás vicissitudes do tempo, que, sendo chuvoso, como então era, dentro em poucas horas o inutilisava. D'este modo se perderam preciosos e consideraveis recursos, e todavia o exercito francez não se póde dizer, segundo a affirmativa de alguns, que no meio de tudo isto padecesse todo elle verdadeira e extrema fome, que algumas das suas praças todavia sentiram com não pequena força. Igualmente acharam os soldados francezes por meio de taes incursões muito gado de todas as especies, gado que não só os susten-

durante o tempo que estiveram na posição em volta das linhas de Torres Vedras e em Santarem, mas até mesmo depois da sua retirada para Hespanha, onde se viram manadas de gado de Portugal mui consideraveis, que tinham seguido o exercito.

Entretanto forçoso é confessar que os soldados de Massena, ou pela sua perversa e natural má indole, ou pela sua desesperação, filha das suas quotidianas fadigas e privações, entregavam-se a todo o genero de excesso, incendiando casas e povoações no meio das suas pesquizas. Foi assim que profanaram igrejas, quebraram santos e altares, roubaram ornamentos e violaram tumulos, dispersando pelo chão as reliquias que dentro d'elles encontravam, como quem tomava por expediente vingar nas cinzas dos mortos as suppostas culpas dos vivos, que não podiam apanhar; e se alguns d'estes desgraçados lhes caiam nas mãos, sendo do sexo masculino, sobre elles descarregavam toda a especie de barbaridade e judiaria, que muitas vezes terminava pela morte, e sendo do feminino, toda a ordem de affronta á sua honestidade e honradez, no meio de scenas de brutalidade, as quaes tambem não era raro terminarem pelas mesmas barbaridades e judiarias que praticavam para com os do sexo masculino[1]. Os horrores que nas suas excursões as tropas francezas commetteram entre nós foram tantos e tão extraordinarios, que para os contar seria preciso muito tempo e paciencia, e comtudo não houve mais que tres soldados que fossem castigados pelo general Montbrun, um em Poisos, e dois em Ourem. Os motivos foram estes: passando ao pé de Poisos um official inferior e dois soldados da sua companhia, encontraram um miseravel velho com duas creanças nos braços, a que se seguiu correr direito a elles um d'aquelles monstros e dar-lhe com os dedos tal pancada nos olhos, que o miseravel cegou, de que resultou deixar elle caír as creanças no chão para ir

[1] Os proprios escriptores francezes d'isto prestam o mais insuspeito testemunho, taes como mr. Guingret na sua *Relação historica e militar da campanha de Massena em Portugal*, e Mr. M. de Rocca nas suas *Memorias sobre a guerra dos francezes em Hespanha*.

pelos francezes tinham fugido, indo grande numero d'e[illegible]
para as montanhas, onde viveram de preferencia a estar
confundidas com taes facinorsos. Não havendo por con[illegible]
guinte mulheres com quem elles podessem satisfazer a [illegible]
brutalidade, tomaram o partido de irem á caça d'ellas, co[illegible]
se fossem á caça de lobos em montaria, e logoque as enc[illegible]
travam, depois de terem abusado d'ellas no meio de mais o
menos judiarias, as traziam para os acantonamentos, ond[illegible]
então as vendiam aos officiaes que mais davam por ellas.
O coronel Dejans, do undecimo regimento de dragões, com-
prou a um dos seus soldados por tres peças duas d'estas
infelizes, das quaes uma de sentimentos honrados succumbiu
á sua desgraça, e a outra, gostando do comprador, foi-se
com elle para França. Mas para que nos não accusem de
exageração no que temos dito, iremos transcrever alguns
trechos de uma obra escripta por um official francez, o chefe
de batalhão, mr. Guingret, publicada em Limoges no anno
de 1817, com o titulo de *Relação historica e militar da
campanha de Portugal debaixo das ordens do marechal Mas-
sena.* N'ella diz o seu auctor o seguinte:

«Desde a occasião da batalha do Bussaco o exercito viveu
unicamente do saque. Todos os habitantes fugiam á nossa
chegada, abandonando as casas e procurando abrigo nos es-
conderijos das montanhas, ou no centro dos matos, para
onde levavam seus moveis e provisões, bem como seus ga-
dos, e enterravam cuidadosamente o que não podiam trans-
portar. Se por effeito de uma marcha apressada e inesperada
não podiam encontrar logares para se occultarem, lançavam
tudo nos rios, tanques e poços, e o mais quanto podia ser
util ao nosso exercito. Esta conducta tinha sido determinada
pelos inglezes, e a regencia de Lisboa, inteiramente dedicada
a lord Wellington, tinha declarado pena de morte aos que
desobedecessem. Este plano, facilmente executado, teve em
resultado obrigar-nos dentro em pouco tempo a evacuar as
provincias onde destinavamos ficar permanentemente. Ver-
dade é que isto fez durar por alguns annos a devastação e
ruina do paiz; mas os portuguezes, resolutos e vingativos,

remente supportavam estes sacrificios, por saberem os
is padecimentos que nos causavam. Por toda a parte en-
ravamos os moinhos destruidos, os utensilios de fazer
quebrados, os fornos inutilisados, e achavamos-nos con-
mente na dura necessidade de construir nós mesmos
nsilios necessarios a prover ao sustento do homem. Por
fertil e abundante que um paiz possa ser, é impossivel
m exercito estrangeiro possa viver n'elle, quando se
rivado do serviço dos seus habitantes; os comestiveis
pressa consumidos, se elles não renovam as produc-
ı terra. Esta observação é applicada *a fortiori* ao exer-
Portugal, que se achava cortado e longe de todos os
ıs, e que até mesmo não podia receber comboios de
es, para substituir aquellas que tinham sido consumi-
combates. Tentou-se expedir partidos de forrageado-
mmandados por officiaes, mas estes destacamentos,
ngidos pela sujeição da disciplina militar, nada tra-
mquanto que os soldados que furtivamente se esca-
do campo, ou dos seus acantonamentos, e que depois
ıiam em bandos, voltavam sempre com machos ou
carregados de farinha de trigo, toucinho, presuntos,
s e odres com vinho.
differentes corpos tinham ordem de prover por si
á sua subsistencia, de que resultou abandonar-se o
ı de fazer saír grandes bandos para similhante fim,
indo-se, apesar dos inconvenientes que d'isto se se-
a saída para o interior de destacamentos independen-
companhias, por não ter resultado algum qualquer
nethodo de proceder á sustentação do exercito. Os
saqueadores, atravessando o paiz, facilmente se es-
a dos magotes de portuguezes, que incessantemente
ıvam as nossas tropas nas estradas, e que sempre

pava Thomar, Santa Cruz, Ourem, etc., em segunda lin[illegible]
era menos constrangido a procurar viveres do que o re[illegible]
do exercito; as villas e terras por elle occupadas não
achavam tão arruinadas como as vizinhas a Santarem, e
seus soldados percorriam menores distancias para encont[illegible]
rem sitios que ainda não tivessem sido saqueados. Por e[illegible]
modo pôde o sexto corpo fornecer algumas vezes de ma[illegible]
mentos os outros, que se não achavam tão favoravelme[illegible]
acantonados. Em todas as companhias havia um ou mai[illegible]
homens com um tacto e sentido de percepção tão agudos
que esconderijo algum lhes escapava, a ponto de o indica-
rem, logoque entravam em qualquer casa. Nos campos, ma-
tos e rochedos, descobriam-os a cincoenta passos de distancia.
Talvez se não acredite, mas conheci em Portugal soldados,
cujo olfacto era tão fino, que descobriam os esconderijos a
uma distancia tal, que espantavam aquelles que os acompa-
nhavam. Tinha na minha companhia um homem chamado
Tabaco, o qual podera ter feito a sua fortuna, se podesse
ter adoptado o prestigio do annel adivinhador. O seu talento
não consistia em descobrir minas, nem dizer onde haviam
aguas subterraneas; mas principiava a farejar até que des-
cobria onde havia vinhos enterrados: quando passava pro-
ximo de algum logar, onde havia d'aquelle licor escondido,
parava de repente e nunca se enganava.

«Nas nossas circumstancias os instinctos d'estes soldados,
assim dotados, eram grandemente apreciados pelos seus ca-
maradas; punham-se á testa dos ranchos de saqueadores, e
assim forneciam as suas respectivas companhias do necessa-
rio para o seu sustento. Os officiaes dirigiam pela sua parte a
construcção dos fornos, nomeavam os padeiros e cortadores,
organisavam os officiaes de alfaiates e sapateiros, emprega-
vam outros em reconstruirem moinhos arruinados, mesmo
em sitio onde nunca os tinha havido: soldados houve que
inventaram alguns, que se moviam a braço, ou por meio de
um burro. As mós eram feitas de lages tiradas das igrejas,
por não haver outras. Estes moinhos tinham muita simi-
lhança com aquelles usados na Bretanha para moerem cen-

teio. *D'esta fórma* inventava o nosso exercito substituições para *tudo quanto* era necessario á vida. A necessidade é uma hábil *mestra!* As excursões feitas para a pilhagem, que ao principio *foram* bem succedidas, tornaram-se diariamente menos productivas e de mais fadiga. O paiz occupado pelo exercito produzia pouco trigo, e em breve ficámos reduzidos a pão de milho, e d'este mesmo havia pequena quantidade. Muitos dos corpos estavam a meia porção, e mesmo a um terço. Alguns regimentos viviam unicamente de hortaliça ou carne, e nem sempre tinham o sufficiente. Houve abundancia de vinho; mas tendo sido gasto pelos soldados que o achavam, ou tendo-o consumido em extravagancias, por fim havia-se acabado. Era em vão que os nossos saqueadores se espalhavam a 60 e 80 milhas para os flancos e retaguarda do exercito, porque pouco ou nada traziam, e mesmo algumas vezes as provisões que achavam eram consumidas na sua retirada para os acantonamentos. As differentes companhias esperavam sempre impacientes a sua chegada com tanta anciedade, que postavam vigias nos caminhos por onde os esperavam. Se a expedição tinha sido feliz, os soldados postos de vedeta vinham correndo informar os seus camaradas, e a alegria da necessidade satisfeita brilhava em pouco tempo nos seus rostos; mas se tinha sido mal succedida, todas as physionomias se alongavam e ficavam succumbidas. Foi desde então por diante que todos os regimentos principiaram realmente a experimentar toda a casta de privações.

«Os membros das administrações, os commissarios de guerra, os empregados na repartição dos viveres e nos hospitaes, que antecipadamente tinham feito tão bellos projectos sobre a occupação e riqueza de Portugal, não tendo soldados que os provessem, soffriam muito mais que os militares; e confesso, para nossa vergonha, que ninguem se affligia com isto. Muitos d'estes meus senhores tinham vindo fazer esta campanha munidos de pequenos pacotes de fazendas da moda, leques, etc., cousas de que esperavam tirar grande proveito; mas enganaram-se completamente nas suas especulações, não encontrando nem um só comprador, sendo as suas delicadas

mercadorias tragadas pelas correntes. Algum gado se encontrava ainda em logares quasi inaccessiveis, taes como no mais escuro e denso dos bosques, ou por de traz de immensos rochedos, onde homem algum tinha penetrado antes d'esta guerra, ou no fundo dos mais horriveis precipicios. Ali se encontravam tambem muitos fugitivos, aos quaes o medo e a solidão tinham tornado meios selvagens; as suas barbas compridas e cabellos desgrenhados, seus rostos denegridos pelos fogos, que só á noite se atreviam a accender, representavam a apathia, excitada por terriveis padecimentos. Muitas pessoas de distincção e padres, separados de Lisboa pelos differentes movimentos das nossas columnas, eram encontrados refugiados em cavernas, misturados com familias de camponezes. N'estes antros, para onde não havia caminho, julgavam-se estas infelizes creaturas em segurança com o que ainda possuiam; mas estes reductos naturaes, que os deviam ter protegido contra a rapacidade dos soldados sem lei, aguçada pela necessidade e cansaço, tornavam-se ás vezes a sua sepultura. Mulheres e raparigas, achadas n'aquellas habitações selvagens, eram obrigadas a sujeitarem-se ás mais desenfreadas paixões para evitarem a morte. Com pezar o digo, algumas se viram assassinadas pelos tigres a quem tinham acabado de satisfazer os seus brutaes appetites! Os que commettiam d'estas abominações eram geralmente alguns miseraveis, desterrados das grandes cidades, que se introduziram no exercito pela conscrição. Eram estes infames que, quando iam saquear, achando-se livres de toda a sujeição, se entregavam cegamente á sua natural ferocidade [1]. Mas é justo não confundir tão atrozes salteadores com os verdadeiros soldados. Os homens que são mais crueis, são tambem quasi sempre os mais cobardes. Na crise em que por então se achava o nosso exercito todas as leis e regulamentos de policia, ou de disciplina, tinham sido desprezados. *Apenas se castigavam alguns delinquentes só por insubordinação militar*, commettida para

[1] Eis uma nova e mais insuspeita prova das atrocidades que em Portugal foram praticadas pelos francezes.

com os seus superiores, e mesmo para com estes crimes havia muitas vezes uma culposa indulgencia. Se uma ou outra vez se dava algum exemplo contra algum culpado em flagrante-delicto, pouco tempo depois era solto pela policia, de que resultava entrar outra vez o vicio no seu desenfreado curso. Um estado de cousas tão pernicioso devia sem duvida corromper os nossos soldados, e só os inflexiveis laços da lei são capazes de manter a boa ordem nos grandes corpos. No principio traziam os soldados muitas vezes comsigo, sem distincção de classe ou qualidade, mulheres moças e bonitas, que encontravam nas suas vagabundas descobertas, sendo obrigadas a vestir os fatos que os soldados achavam, de sorte que ás vezes se viam raparigas do campo trajadas como condessas, e senhoras de nascimento illustre vestidas á camponeza. Era curioso ver a discordancia em que os fatos se achavam com a graduação da pessoa que os trazia.

«Estas captivas mostravam ao principio tristeza, mas com o andar do tempo habituavam-se facilmente a uma situação, que pelo menos as garantia dos soffrimentos e numerosos perigos a que estavam expostas entre os seus agrestes rochedos. Cada uma tinha o seu protector, que a fazia ser respeitada nos acampamentos, e a elle de ordinario se affeiçoavam fortemente. Succedeu tambem que algumas se elevaram de grau em grau até chegarem a ser companheiras de generaes, exemplos estes que não foram raros. Um dia, estando eu de observação na quinta da Sardinha, perto de Leiria, um bravo soldado, veterano da minha companhia, trouxe-me uma joven e bella rapariga com a sua mãe, de conhecido e respeitado nome em Portugal: o seu vestuario sujo, mas de fazenda de preço, via-se em desordem, indicando bem pelas suas lagrimas e suspiros a sua mais viva afflicção. O meu estimavel soldado acabava de as arrancar d'entre as mãos de um grupo de saqueadores no mesmo momento em que os unicos obstaculos da natureza defendiam ainda a joven moça da ignominia dos tratamentos que acabava de experimentar sua mãe. Os cuidados mais respeitosos que lhes prodigalisei durante alguns dias não foram capazes de lhes enxugar as suas lagri-

mas, de que resultou o tomar sobre mim o faze-las conduzir algumas leguas alem dos postos avançados pelo mesmo digno soldado que por uma vez as tinha já salvado[1]. Um caso singular que occorreu n'esta guerra de que nunca se fez menção, foi chegar a relaxação a ponto de se venderem as mulheres, chegando a trocarem-se por cavallos de recreio e comestiveis. Jogos vi eu de cartas em que se parava uma rapariga contra um objecto de luxo. Um empregado de viveres me chegou o solicitar a mim proprio com viva instancia para que lhe cedesse em propriedade por duas onças de oiro uma das mulheres refugiadas na pequena aldeia em que eu governava. De tantos esconderijos que havia já por fim não existia um só que não tivesse sido descoberto, e quando alguns houvesse sem o serem, era por terem sido feitos com tal arte que era quasi impossivel descobri-los. O tacto que os nossos soldados tinham adquirido pelo habito tornava-se cada vez mais improductivo, e as precisões augmentavam diariamente pela mais espantosa maneira. O mal tinha crescido a tal ponto, que os nossos soldados se tinham tornado crueis e insensiveis; excitados pela fome, chegaram a torturar os habitantes teimosos, que casualmente apanhavam dentro dos limites das aldeias abandonadas, a fim de os obrigarem a lhes declararem os esconderijos, que ainda não tinham sido descobertos. Este meio de inaudita barbaridade lhes aproveitou,

[1] Muitos mezes depois da nossa entrada em Hespanha um homem, vestido de camponez hespanhol, foi lá ter commigo para me entregar uma carta no meio do maior segredo: era da dama portugueza a que acima me refiro. Tão reconhecida como a mais terna mãe, prodigalisava-me as mais affectuosas expressões, e me encarregava de dar ao bom soldado francez o consideravel presente que lhe enviava. Ai d'elle! O bravo caçador, que lhe prestára o serviço de lhe defender a filha, já não existia; uma bala portugueza lhe tirára a vida. Reenviei-lhe o seu dinheiro, e terminei a minha resposta, prevenindo a dama de que uma nova carta da sua parte me podia comprometter e perder-me. (Nota do auctor da *Relação historica* acima citada). Todavia sendo o testemunho d'este escriptor tão insuspeito, nenhum caso faz d'elle mr. Thiers, elevando a boa conducta dos seus patricios ao grau de puritanismo que bem lhe apraz, menoscabando a dos portuguezes. Eis a belleza da sua historia!

e o exercito viveu por algum tempo das confissões, arrancadas assim por meio de torturas. Os soldados, que nas circumstancias anteriores tinham mostrado sentimentos generosos, eram os que a sangue frio relatavam então estas abominações! Se a historia contar n'algum dia estas atrocidades, não deve omittir declarar que ao exercito de Portugal, commandado pelo principe de Essling, não restava senão este unico e ultimo meio para não succumbir, victima das agonias da fome [1].»

Eis-aqui a critica situação do exercito francez em Santarem e terras da sua vizinhança, ao finalisar o memoravel anno de 1810 e ao começar o de 1811, pintada por um dos seus officiaes, testemunha ocular das horriveis scenas por que Portugal passou durante aquelle ominoso tempo, scenas que hoje a muitos parecerão incriveis; mas que uma outra testemunha ocular, tal como a do coronel John Jones, dos reaes engenheiros britannicos, confirma na sua *Historia da guerra da Hespanha, de Portugal e do sul da França,* dizendo: «As perdas e soffrimentos dos francezes foram nada em comparação do que soffreu Portugal e os seus habitantes. Perto de 2:000 milhas quadradas de paiz permaneceram durante cinco mezes quasi sem um só habitante. Tudo quanto elle continha foi devorado pelo inimigo, ou destruido pela estação... Era um espectaculo melancolico o ver, á medida que os francezes avançavam, a população inteira das differentes provincias acompanhando o exercito em retirada, deixando as suas casas e os seus haveres por causa do bem geral. Homens, mulheres e creanças, aterrados e fugitivos, não sabendo quando e aonde haviam de parar; 200:000 d'estes fugitivos acharam auxilio e consolação na hospitalidade e bondade dos cidadãos de Lisboa; mas 50:000, que passaram para o sul do Tejo, ficaram durante muito tempo sem abrigos, e um grande numero d'elles pereceu miseravelmente de fome e de doença, antes que podessem ser soccorridos. Terrivel como era a sua

[1] Citada *Relação historica* de mr. Guingret, desde paginas 114 até 128.

sorte, foi comtudo menos infeliz do que a d'aquelles que ficaram na retaguarda. Muitos d'estes miseraveis passaram o inverno nos matos, subsistindo de raizes e hervas. E quando os alliados avançaram, elles voltavam para as suas moradas, apparecendo muitos d'elles magros e em extrema fraqueza, e até alguns com a rasão desvairada, pelo terror continuado em que estiveram; raparigas havia de quinze e dezeseis annos que estavam perfeitamente idiotas, parecendo ter cincoenta annos, e as creanças dos dois sexos, que haviam escapado a tantos males, arrastavam-se para a borda dos caminhos á chegada do exercito, implorando a caridade, achando-se em tal estado de magreza, pallidez e tão aterradas, que muitos veteranos, endurecidos pela guerra, afastavam a vista, cheios de dó, emquanto que com ellas repartiam a ração de bolacha que haviam recebido.»

Á vista do que fica dito é um facto que os soffrimentos do povo portuguez em tão calamitosa epocha foram da mais extrema gravidade, não sendo tambem de pequena monta aquelles por que passou o exercito francez de Massena, o qual não foi mais feliz na sua posição de Santarem do que o tinha sido na que occupára em volta das linhas de Torres Vedras. Pela sua frente tinha elle contra si no Cartaxo as tropas alliadas, que por este lado lhe embaraçavam seriamente os movimentos; pelo seu flanco esquerdo tinha na margem esquerda do Tejo a divisão do general Hill, que lord Wellington para ali mandára para lhe embaraçar igualmente qualquer tentativa que sobre ella quizesse fazer; e pelo seu flanco direito, temendo ser atacado, precisava ter n'elle grandes forças, pois lord Wellington o ameaçava de perseguição por esta parte, já por ser a mais accessivel a qualquer ataque, e já por não poder destacar mais tropas do que as que mandára para a margem esquerda do Tejo, vigiando a foz do rio Zezere, onde tinham de repellir qualquer corpo inimigo, que n'aquelle ponto pretendesse atravessar o Tejo. Conseguintemente era só por este lado que Massena mais facilmente se podia alargar; mas ainda assim não lhe estava inteiramente livre. Um corpo de quatro regimentos de cavallaria foi mandado por Massena em

ĩo a Coimbra, d'onde retrogradou, quando soube estar
da pelas tropas do general Bacellar. Para obter infor-
: era-lhe preciso empregar grandes forças, que atra-
m o Zezere, e por Castello Branco se dirigiam á fron-
s milicias das provincias do norte de continuo o acos-
ɔela retaguarda, sem que o mesmo Drouet se podésse
urança dirigir de Leiria para a parte de Pombal, Con-
Coimbra. Era assim que pela sua esquerda lord Wel-
ameaçava seriamente Massena, impossibilitando-o de
om grandes forças ao ataque que contra elle fizesse
o do Tejo, tratando, para melhor conseguir isto, de
com a sua artilheria a confluencia do Zezere com o
Tejo. A consequencia d'isto foi portanto que Massena
io apertado na sua segunda, como estivera na sua pri-
ɔsição. Drouet mandára ordem a Claparede para se
na Guarda com a sua divisão, o que elle cumpriu.
stado n'aquella cidade, elle Claparede nem a pouca
ı podia conter as tropas irregulares dos portuguezes.
upar com alguma força a Covilhã em meiado de feve-
ıas as ordenanças, commandadas pelo coronel Grant,
m-se com tal bizarria, que d'isso o fizeram desistir.
or de tudo isto lord Wellington, e informado igual-
e que ás tropas francezas lhes faltavam viveres, cal-
ıgamento, e todos os artigos de equipamento, sendo
lvação o apoio que lhes podesse dar o corpo de Mor-
: nunca apparecia, entendeu que no meio de taes cir-
cias era inutil arriscar uma batalha, tendo por certa
do inimigo com a continuação do tempo. A este res-
onfirmando o que já em parte tinha dito em 1 de
o de 1810 a D. Miguel Pereira Forjaz), se expressava
ı seguinte modo no seu officio de 29 do mesmo mez:
o d'estas circumstancias, e tendo a contender com um
tal, e sabendo que na peninsula não ha outro algum
ıpaz de se lhe oppor, alem d'aquelle do meu com-
e que não ha meios de reparar qualquer grande perda
possa succeder, e igualmente que quaesquer vanta-
ɔseguidas com grandes sacrificios de homens seriam

seguidas das mais desastrosas consequencias para a causa dos alliados, tenho por todos os motivos determinado continuar com o systema que tem até aqui salvado este exercito e a causa que defende, e espero assim acabar com a destruição do inimigo.» A verdade d'esta prophecia dentro em poucos mezes se viu realisada. Tal foi pois o resultado de Massena ter como certo, quando entrou em Portugal, o que não passava de mera conjectura; errou portanto em se convencer de que lord Wellington lhe não daria batalha antes de chegar a Lisboa, e não errou menos em tambem ter como certo que as milicias portuguezas se não atreviam a atacar Coimbra, nem a fazer-lhe a dura guerra que effectivamente lhe fizeram pela sua retaguarda e flancos. O mesmo Massena tambem alem d'isto errou, tendo igualmente como certo que lord Wellington lhe deixaria Portugal, logoque o apertasse sobre Lisboa. De todas estas illusões duramente o desenganaram as linhas de Torres Vedras. Foi desde então por diante que a sua conducta se mostrou digna da sua alta reputação, verificando-se assim n'esta campanha a pintura que do seu caracter nos fez Napoleão, quando d'elle disse: «Bravo, resoluto, insignificante na conversação, mas adquirindo no meio dos perigos um forte e lucido pensamento. Ambicioso, cheio de amor proprio, desprezador da disciplina, sem nenhuma attenção para a administração do exercito, e por conseguinte pouco estimado das tropas. As suas disposições para o combate eram más, sendo durante elle obstinado no mais alto grau, sem nunca desanimar».

invenciveis em Portugal. Aqui encontrou elle pela prim[eira]
vez um povo unanimemente levantado, sacrificando em
feza da sua independencia tudo quanto ha de mais caro so[bre]
a terra, oppondo por este meio a um exercito bravo e [nu]
meroso um invencivel obstaculo, diante do qual succum[bira]
o talento e o prestigioso nome de um grande capitão, ca[indo]
posteriormente em desgraça por este facto. A Inglaterra,
disposição da qual o governo portuguez, que no contine[nte]
da Europa dirigia os destinos d'este reino, pozera todos o[s]
braços da nação, o seu exercito, a sua marinha, as suas pr[a]
ças de guerra, e os seus arsenaes, sacrificando até mesm[o]
os seus proprios pundonores ás exigencias do governo br[i]
tannico e dos seus generaes, promovia, firmada em tão p[o]
deroso auxilio, o progresso da mais efficaz resistencia cont[ra]
a França. Regularisando pois essa resistencia, e fornecend[o]
aos portuguezes os recursos pecuniarios que não tinha[m]
nem podiam ter, a mesma Inglaterra achou em Portugal u[m]
famoso campo de batalha, e juntamente com elle um notav[el]
ponto de apoio, o mais vantajoso possivel para si, e consid[e]
ravelmente adverso ao seu formidavel inimigo.

Até ao momento em que Napoleão, por um funesto azar [d]a
sua sorte, se empenhára na definitiva conquista da Peninsul[a]
sempre a fortuna lhe proporcionou meios de fazer com a côrt[e]
de Londres uma paz, que não custaria á França sacrificio al[-]
gum notavel, nem de honra, nem de interesses, e nem mesm[o]
do seu amor proprio; mas desde 1810 por diante para cheg[ar]
a essa paz era-lhe preciso, ou terminar a conquista dos do[is]
reinos peninsulares, empreza summamente difficil e arris[ca]
da, que em todo o caso lhe custaria muito sangue e temp[o],
ou abandonar os ditos dois reinos, desthronando com a su[a]
propria mão o rei, que á força tinha imposto aos hespanhoes,
cousa que equivaleria á publica confissão do seu engano, e
a patentear ao mundo inteiro a illusoria fama da sua invenci[bilidade]
na guerra e infallibilidade na politica, ou a renuncia[r]
[...]lo do seu proprio nome, d'onde provinha a princ[ipal força]
da sua omnipotencia. Esta alternativa era sobreman[eira pen]
[os]el para elle, e inteiramente contraria ao grande

ɔ inglezes, que n'ella effectivamente existiam, não ɛm a mais pequena noticia das monumentaes linhas ɛs Vedras, nem fazendo idéa alguma dos recursos, Wellington acharia em Portugal.

pois Napoleão sómente nas suas phantasias, usou fa- ı ostentosa ameaça de atirar com os inglezes ao mar;) sobre isto lhe faziam quaesquer objecções, a sua era, *que convinha marchar quanto antes para a por modo algum vacillar diante dos inglezes.* Foi causa que o marechal Massena se decidiu a entrar ıgal, confiado igualmente no prestigio do seu nome, ıra e superioridade do seu exercito, e mais que tudo no grande excesso da sua cavallaria sobre a dos al- ı retirada por estes feita para a serra do Bussaco, deixaram as immediações de Almeida, pela funesta ı que n'esta praça tivera logar, mais o fizeram con- le que a victoria era sua, e de que, á imitação da Almeida, todas as mais fortalezas d'este reino lhe immediatamente nas mãos, não lhe passando jamais ı de que em ponto algum d'este reino podesse achar ia seria. E todavia quando assim pensava, achou for- n linha de batalha, ao subir a historica serra do Bus- invenciveis hostes luso-britannicas. Pela sua parte os ; obtiveram no primeiro impeto apoderarem-se de al- lturas; mas d'ellas foram logo desalojados e perse- ıuasi até á raiz da montanha pelas tropas portugue-

em força numerica, e de quem a fama contava innumeras façanhas, representando-o dotado da maior pericia e sangue frio, pelo seu habitual costume de pelejar e vencer. Tão conhecida foi esta verdade, que o general francez Sarrasin disse, na sua *Historia da guerra da Hespanha e Portugal*, o seguinte: «A vigorosa resistencia do Bussaco admirou ainda mais os francezes, por ser metade do exercito alliado composta de novas tropas portuguezas, pouco habituadas ao fogo; mas a exemplo das inglezas, fizeram prodigios de valor contra os famosos vencedores de Austerlitz e Wagram.» E com toda a rasão se admirou esta conducta da parte das tropas portuguezas, sabendo-se que poucos mezes antes os soldados que as compunham eram uns simples paizanos, e muitos dos seus officiaes homens da classe mechanica, ou tirados á vida do campo, ao passo que os francezes eram já desde muitos annos antes soldados amestrados na guerra; os nossos viam pela primeira vez o fogo, os francezes estavam desde longo tempo acostumados ás mais renhidas e sanguinolentas batalhas; os nossos estavam em desalento pelo infeliz successo da praça de Almeida e pelo abandono do terreno, que desde lá até ao Bussaco se tinha sem combate cedido ao inimigo, achando-se este enthusiasmado pelos favoraveis successos do começo da campanha, e pela sua firme crença de que, invencivel a França no norte da Europa, não podia ser vencida em Portugal por tropas bisonhas e ainda não afeitas á guerra. E todavia a superioridade da força moral do exercito francez foi no Bussaco completamente aniquilada, e a sua força physica destruida por um punhado de recrutas portuguezas, auxiliadas pela bravura do exercito inglez e pela consummada pericia do seu habilissimo general.

Foi altamente grato ao coração dos portuguezes o louvor, que ao seu exercito foi dado por lord Wellington, seguramente um dos maiores generaes da Europa moderna, se é que não o maior d'elles; mas se a narração da victoria do Bussaco, feita nos officios do general que a ganhou, tão interessante foi para a nação portugueza, á qual pertencia uma grande parte dos louros n'ella colhidos pelo exercito trium-

muito mais interessante se deve julgar para ella o
l respeito disse o proprio inimigo, que experimentou
ı. O general vencedor póde nos seus officios mencio-
to ordenou e viu executar; mas não póde relatar
inimigo intentou, os esforços que empregou, se-
seu plano de ataque, e os sentimentos de que ficou
mallogrado que foi esse ataque. A este respeito
mr. Fririon no seu *Jornal da campanha de Por-*
marechal Massena, muito confiado na sua boa for-
a a peito abrir a campanha por uma espantosa vi-
paciente de alcançar o inimigo, que se lhe occultava
legrou-se logoque o viu parado a espera-lo...
importou com a escolha do terreno. O inglez pára:
nto o momento de lhe dar batalha. Despreza os
se lhe deram; quer vencer, e prefere correr os
uma derrota ao evitar a occasião de atacar o seu
. Alem d'isso uma victoria póde conduzi-lo a Lis-
os os inglezes, elle os impelle, de espada sobre os
orça a reganhar os seus navios. Portugal fica então
hantes resultados teriam sem duvida terminado a
; mas não foi no Bussaco que se tornou possivel
. Póde dizer-se d'estes dois generaes (lord Wel-
narechal Massena), que o primeiro deu provas de
ssiva circumspecção, emquanto que o segundo,
o muito dos successos, que desde quinze annos
to a sua gloria, comprometteu o futuro da campa-
ıe se mostrou temerario».
io marechal Massena tambem na sua parte official
e a tal respeito pelo seguinte modo: «Depois de
le marcha cheguei diante da posição do Bussaco,
ı occupada pelos exercitos portuguez e inglez com-
lo dia seguinte (27 de setembro), ao romper do dia
esta posição: mandei atacar na esquerda pelo se-
po, e no centro pelo sexto, ficando de reserva o oi-
. Esta posição é certamente a mais forte de todo o
ıpesar d'isso o general Reynier ganhou o cume do
omeçou a estabelecer-se n'elle, quando o general

Hill com um corpo de 20:000 homens atacou em columna cerrada as nossas tropas, que estancadas de fadiga, começavam a formar-se no cume das montanhas, e as fez descer d'ali. Esta retirada, sustentada por uma forte reserva, foi executada em boa ordem, e o segundo corpo tornou a tomar a sua primeira posição. No centro estavam as duas divisões, Loison e Marchand. A primeira fez um ataque sobre a direita da estrada, que conduz ao convento do Bussaco, e outro sobre a esquerda. O general Loison, sendo obrigado a trepar por uma montanha muito escarpada, para ganhar a estrada real, chegou a ella depois de grandes esforços; mas não tinha tido ainda tempo de se formar em columna cerrada e estabelecer-se ali, quando duas columnas inglezas, vindas em ordem cerrada, e protegidas por uma numerosa artilheria, carregaram esta divisão e a obrigaram a se retirar. O general Marchand, que devia sustentar este ataque, tomou uma posição para suspender o inimigo. Os inglezes não ousaram adiantar-se mais de trezentas toezas da sua linha de batalha. O resto do dia passou-se em escaramuças».

Já vimos que Massena, mallogrado no seu intento de tomar de frente a posição do Bussaco, teve a fortuna de a flanquear, e illudido na sua espectativa de que lord Wellington lhe offereceria batalha nas planicies de Coimbra, d'onde aliás se retirára, fez a respeito do seu adversario o errado juizo de que ia embarcar-se em Lisboa, não tendo das linhas de Torres Vedras a mais pequena noticia. Com esta lisonjeira idéa avançou para a capital do reino, onde o surprehendeu o inesperado encontro das ditas linhas, que entendeu prudente não atacar, apesar da imperfeição em que a parte central d'ellas ainda por então se achava, e o bom acabamento dos seus dois flancos, á vista do estado a que depois chegaram. Retirando-se diante d'ellas, para se ir postar entre Santarem e Punhete, o seu fim era seguramente passar para o Alemtejo, projecto que lord Wellington inteiramente lhe frustrou, pelas forças que de prompto fez marchar para a margem esquerda do Tejo, e as ligeiras fortificações que tambem n'ella mandou construir. Desde então a guerra por parte de Mas-

limitou-se, como tambem já vimos, a esperar os reforços, que mandára pedir ao imperador Napoleão, vivendo entretanto dos recursos que lhe ministrava aquella parte do paiz em que dominava, empregando para este fim os seus soldados as mais inauditas barbaridades. Chegaram por fim os desejados reforços. O general Drouet juntou-se effectivamente a Massena com os seus 9:000 ou 10:000 homens, pertencentes ao nono corpo, vindo das fronteiras da Castella Velha pela Beira Alta, tomando finalmente com elles posição em Leiria, á direita do exercito inimigo. Uma outra divisão do dito nono corpo, ás ordens do general Claparede, constando de 7:000 a 8:000 homens, depois de derrotar Silveira, obrigando-o a repassar o Douro, avançára até Lamego; mas o general Bacellar, tendo posto as divisões de milicias, commandadas pelo brigadeiro Miller e coronel Wilson, sobre os seus flancos, ameaçando-lhe as suas communicações com o exercito principal da Hespanha, obrigou-o a se retirar, indo postar-se na Guarda, para onde Massena lhe tinha ordenado que fosse.

Todos esperavam que Massena atacasse vigorosamente lord Wellington, o qual tinha por então uma parte das suas tropas a cobrir as linhas, que em similhantes circumstancias por modo algum podiam ser abandonadas; uma outra parte das referidas tropas achava-se da outra banda do Tejo, vigiando e cuidando em attentamente defender ao inimigo a passagem d'este rio para aquelle lado: conseguintemente lord Wellington não tinha em posição na frente de Santarem por certo metade da totalidade das forças do seu exercito em attenta observação do seu adversario, cuja superioridade numerica era portanto muito consideravel, em relação áquella que os alliados lhe podiam directamente oppor á sua marcha para um ataque. Apesar d'isto nem lord Wellington foi atacado, nem um só dos seus postos pôde ser surprehendido. Massena procedeu bem em não querer tentar contra os alliados acommettimento algum, o qual em todas as hypotheses lhe seria inutil, poisque o seu inimigo, havendo profundamente calculado as suas differentes posições e mar-

chas, immediatamente se recolheria ás linhas, e poria outra vez Massena nas mesmas circumstancias em que estivera antes de ir para Santarem. Conseguintemente é um facto que o marechal Massena foi por lord Wellington constantemente frustrado em todos os seus projectos, primeiramente no de bater o exercito luso-britannico na serra do Bussaco; depois no de tomar Lisboa, atacando as linhas de Torres Vedras; em terceiro logar no de passar o Tejo; e em quarto logar no de forçar lord Wellington a lhe aceitar batalha, quando em frente de Santarem cuidadosamente o observava, não tendo a sua situação inactiva outra explicação militar senão a de esperar que os marechaes Mortier e Soult apparecessem no Alemtejo para assim lhe facilitarem os seus ulteriores projectos. É cousa realmente admiravel que quatro corpos do exercito francez, incluindo o de Drouet, reunidos todos elles debaixo das ordens do marechal Massena, e de outros tantos chefes acreditados, e de mais a mais apoiados por aquelles dois marechaes, se vissem reduzidos a uma tão deploravel situação, nada fazendo, ou nada tentando de importancia contra o seu adversario!

Entretanto é um facto que a cidade de Lisboa se viu n'uma perigosa e terrivel crise, na occasião em que o exercito francez se achou em frente das suas linhas de defeza. Não foram então sonhos de espiritos timoratos, nem o são ainda hoje de imaginações ardentes, que em tudo vêem precipicios, depois de passado o perigo, ou como então se suppunha, traiçoeiras machinações do jacobinismo, os factos que temos relatado. A situação foi critica, o perigo real e muito imminente, senão que se leiam os escriptos francezes, onde se encontrarão d'esta nossa asserção a evidencia e a prova. Não nos serviremos de um auctor, que achando-se a duzentas ou trezentas leguas distante do logar do conflicto, se lhe póde irrogar a censura de que imaginára quanto escrevêra, ou se guiára só pelo testemunho de pessoas ignorantes, ou pelas narrações de escriptores superficiaes; as auctoridades de que nos temos servido são de pessoas intelligentes, são de homens da profissão militar, e foram finalmente testemunhas

oculares do que nos contam, narrando os factos, que por então succederam. Uma d'estas auctoridades é certamente a de mr. de la Grave, official superior, empregado no estado maior de Massena, o qual, com relação ao ponto acima citado, nos diz na sua *Campanha do exercito francez em Portugal nos annos de 1810 e 1811,* o seguinte: «Os inglezes tinham proclamado com ostentação a victoria de 27 de setembro: o fim d'esta charlatanaria era exaltar a coragem das tropas e o espirito da nação portugueza. A immensa população de Lisboa, acrescida pela massa dos refugiados, entregou-se ao principio ao excesso da alegria, que lhe podia inspirar a idéa de um grande triumpho; mas esta viva impressão foi de curta duração, seguindo-se-lhe um descontentamento geral. Vendo apressadamente retrogradar o exercito luso-britannico, sabendo que nós tinhamos occupado a opulenta Coimbra, e que apesar das abundantes chuvas, nós nos approximavamos a marchas forçadas dos muros de Lisboa, todos os habitantes se julgaram indignamente enganados. O povo é tão desconfiado, como facil de illudir. Dotados de uma imaginação ardente, os portuguezes exageravam os males de que seriam victimas, quando os seus alliados os abandonassem, e nas suas apprehensões projectavam vagamente impedi-los de ganhar os seus navios». Effectivamente a confusão e o susto dominou por então em Lisboa, porque effectivamente os males, que se esperavam do dominio francez, não eram exagerados, como acima se diz, mas sim uma realidade, á vista do que já se tinha experimentado durante as invasões de Junot e Soult, e da conducta que os soldados de Massena tinham tido em todas as differentes terras por que passaram. Com toda a rasão pois os procuravam evitar, uns apresentando-se dominados pelo susto, intentavam fugir, sem bem saberem para onde, nem como; outros, apesar da vigilancia da policia, começaram a manifestar livremente os seus sentimentos de hostilidade contra os inglezes.

Todavia isto estava longe do inimigo poder suppor que similhantes murmurios eram o effeito de opiniões favoraveis ao seu triumpho, apesar das relações, que, segundo um es-

criptor francez, o mesmo inimigo mantinha com alguns exaltados jacobinos, que ainda havia na capital do reino. As atrocidades de Evora, bem como as da Nazareth e Leiria, que todo o Portugal com horror presenceára em 1808, assignalando os triumphos do barbaro e cruel Loison, estavam ainda frescas na memoria de todos, mostrando bem ao vivo o que seriam as provenientes dos de Massena, se á testa do seu exercito podesse victoriosamente entrar em Lisboa. Felizmente livrou Deus esta grande cidade das funestas desgraças que similhante acontecimento forçosamente lhe havia de acarretar, sendo a retirada de Massena para Santarem um feliz agouro do mallogrado intento da sua empreza contra a capital d'este reino, e de auspiciosa esperança e salutar respiro para todos os seus moradores, cessando instantaneamente todos esses murmurios por elles até então levantados, murmurios a que de repente succederam as mais justas expansões de alegria, quando longe das suas habitações viram esses homens crueis e sanguinarios, encanecidos no roubo, nas mortes, na malvadez e no crime, nunca respeitando a desgraça, nem acatando lei alguma de civilisação, de moral e de humanidade.

Foi então que com rasão os applausos ao marechal general lord Wellington rebentaram espontaneamente da bôca de todos, altamente dominados pelo reconhecimento, succedendo-se tudo isto ás anteriores censuras, particularmente quando com tão feliz successo se viu dar-se um outro de não pequena importancia para o paiz, tal era o dos generaes Bacellar, Silveira e Miller, e juntamente com elles o dos coroneis Trant e Wilson haverem embaraçado, tão sómente com as suas milicias, a entrada dos francezes no Porto, e geralmente nas duas provincias do norte do reino, Minho e Traz os Montes, constituidas por este facto em preciosa fonte de recursos alimenticios para as forças combatentes. A similhantes successos, do mais esperançoso futuro, dava maior realce a inacção a que depois se viu reduzido o marechal Massena nas suas posições de Santarem e nas das suas immediações, esperando pelos soccorros e ordens que lhe ha-

mandar o imperador Napoleão, o qual, para sustentar
ra em Portugal fizera apenas reunir ao exercito do
Massena, como no anterior capitulo já vimos, o nono
ordenando a par d'isto ao referido marechal que se
esse firme entre Santarem e o Zezere, e que sitiasse
a praça de Abrantes, devendo para tal fim contar
cooperação do duque de Dalmacia, a quem já por
vezes se tinha ordenado que marchasse com o quinto
ara o Alemtejo. Por fatalidade a primeira via das or-
pedidas para este fim a Soult fôra interceptada pelos
as hespanhoes, chegando-lhe á mão a segunda via
e no fim do mez de dezembro de 1810. Mesmo depois
ceber pouco cuidado lhe deu accelerar a sua marcha,
embaraço dos seus proprios movimentos, e já pela
ancia que tambem tinha em prestar efficaz assistencia
echal Massena n'uma empreza em que, a ser feliz, a
parte da gloria d'ella havia de recaír certamente so-
e ultimo general. Antes porém de continuarmos com a
o da mallograda empreza do marechal Massena justo
e lancemos os olhos para o estado em que a Hespa-
r então se achava ao começar da campanha de 1811.
iá era a situação d'aquelle reino no anterior anno de
ná continuou a ser no seguinte, durante a invasão de
a em Portugal. Já anteriormente dissemos ser alheio
o proposito expor miudamente n'esta obra as opera-
detalhes militares que tiveram logar no Aragão e Ca-
(quer por parte dos alliados, quer da dos francezes),
stes se limitaram apenas a combater os exercitos hes-
s da propria Catalunha e Valencia, operações que te-
r distinctas das que se executaram nas provincias oc-
es e meridionaes da peninsula, tendo como taes pouca,
numa influencia directa nas de lord Wellington, quando
te general e as do exercito por elle commandado fo-
que decidiram a luta, que por aquelle tempo se achava
tinazmente travada n'esta parte da Europa contra a
. A Inglaterra tinha em Cadix uma esquadra e um pe-
exercito, como já vimos, tendo tambem na Corunha

uma outra esquadra, constituindo por similhante modo aquellas duas cidades as duas verdadeiras alas do exercito luso-britannico. Vejamos pois o auxilio que n'uma e n'outra parte lhe davam os exercitos hespanhoes. O general Mahi commandava na Galliza uma força, que de ordinario se mantinha nas fronteiras de Leão, a qual geralmente se computava em 20:000 homens, pedindo-se para elles igual numero de armas e munições, quando o seu numero no campo não chegaria talvez a metade. Mas qualquer que elle fosse, é um facto que Mahi não fez com similhantes tropas o mais pequeno movimento em favor dos alliados, como o podia ter feito com vantagem, logo que Massena se dedicou á tomada da Cidade Rodrigo, á de Almeida, e depois a invadir Portugal, em cujo caso seriam de muito auxilio os serviços do mesmo Mahi, a dirigir-se contra o general Serras, cujas forças, reputadas apenas em 8:000 homens, se achavam disseminadas desde Benavente até ao rio Agueda.

A chegada do nono corpo no mez de outubro á Castella Velha tambem nenhum obstaculo achou em Mahi para a sua marcha sobre Portugal, nada mais fazendo que surprehender-lhe alguns postos e comboios. Por traz d'este general um corpo francez de 4:000 a 6:000 homens, commandado por Bonnet, defendia o litoral das Asturias, contrariando-lhe os seus movimentos as forças hespanholas d'aquelle principado, computadas em 8:000 homens, incluindo os guerrilhas de Porlier. Bonnet dominou por muitas vezes as Asturias, mas nunca se pôde lá manter com firmeza e segurança, e quando se dirigia para a Galliza, as fragatas inglezas e hespanholas, estacionadas na Corunha, íam logo desembarcar tropas em Gijon, Santander, ou Santona, as quaes poderam sempre effeituar lá a sua juncção com os guerrilhas de Longa, Mina e Amor, excitando insurreições pela retaguarda do inimigo. O mesmo Bonnet, tendo noticia de que na Corunha se organisava contra elle uma expedição, que no dia 16 de outubro saíu effectivamente d'aquelle porto, concentrou-se ao principio em Oviedo, d'onde depois passou a Santander, deixando um posto em Gijon. A força expedicionaria, entrando

te porto no dia 19, n'elle capturou alguns navios france-
e *Porlier*, dirigindo-se tambem pela sua parte contra elle
lado da terra, conseguiu apanhar algum dinheiro e apri-
r cousa de 80 homens. A mesma força expedicionaria
no seguinte dia de véla para Santona; mas sobrevindo-
n temporal muito forte, foi no dia 2 de novembro en-
ovamente na Corunha, em cujo porto se perderam igual-
por aquella mesma causa doze navios.
meio d'estas occorrencias Mahi, tendo deixado a divi-
boada-Gil de observação ao general Serras, entrou nas
is com o resto das tropas gallegas, a que depois se jun-
as d'aquelle principado, fazendo um numero muito su-
ás dos francezes; mas apesar d'isso cousa alguma em-
ideu com seriedade, de que resultou poder o general
t manter a sua linha desde Gijon até ás fronteiras de
atravez de Oviedo. Verdade é que as hostilidades não
im contra o inimigo, mas a guerra não passou d'aqui.
isto vinham tambem reunir-se os desacertos e a avi-
i junta das Asturias, a qual foi por tal motivo uma das
de não ter aquelle principado feito cousa alguma de
em para as operações de lord Wellington. Ainda as-
; guerrilhas não deixaram de incommodar bastante os
zes, e foi para os cohibir, e ao mesmo tempo manter
i as suas communicações com a França, que Napoleão
vou um consideravel numero de tropas nos governos
es, vizinhos á bahia da Biscaya. Foi igualmente com
istas que o nono corpo se manteve nos mezes de agosto
mbro nas provincias do norte da Hespanha; mas ape-
ellas saiu, de prompto se tornaram o theatro das mais
las emprezas dos já citados guerrilheiros Mina, Longa,
llo e Amor. Foi tambem por aquelle tempo que o ge-
Walker, commissionado pelo governo inglez para ope-

zendo-lhe no seu despacho de 7 de maio de 1810 o seguinte:
«Tudo o que vos posso dizer é que obrarei contra o inimigo, tanto quanto podér e as minhas instrucções me permittirem fazer, segundo um ou outro dos planos a seguir, e o melhor juizo que podér formar da situação dos negocios. Será pois necessario que continueis a mandar-nos reforços, e sobretudo bons cavallos para a artilheria e cavallaria. Recommendo-vos instantemente que não emprehendaes nas costas da Hespanha operações maritimas de qualquer especie, a respeito das quaes vós quereis ouvir o meu parecer. A não enviardes forças consideraveis, difficilmente estareis em estado de effeituar um desembarque, e de vos manterdes na posição de que vos tiverdes assenhoreado. Ainda assim, a mandar-se uma força consideravel, as suas vantagens não compensarão as suas despezas, provindo isto de se acharem as tropas de desembarque sempre desprovidas do preciso material. Será uma pura illusão esperar cousa boa de similhante empreza, e ainda menos apoio algum militar por parte das tropas hespanholas, certo de que a primeira cousa que vos pediriam seria seguramente dinheiro, depois d'isto armas, munições, vestuario de toda a especie, provisões, forragens, cavallos, meios de transporte, e por fim de tudo o que os proprios expedicionarios teriam direito de lhes pedir. E depois de se lhes conceder tudo isto, este povo extraordinario e obstinado apenas permittiria ao commandante da vossa expedição emittir uma opinião no plano de operações a seguir, no momento em que tudo se achasse prompto para a execução. *Não percaes jamais de vista que Portugal deve ser a base fundamental de todas as vossas operações na peninsula, de qualquer natureza que sejam. Sobre este ponto nunca tenho variado.* Se taes operações forem de natureza offensiva, e a Hespanha for d'ellas o theatro, preciso é que aquelles a quem confiardes o commando d'ellas estejam em posição de fazer tudo independentemente das auctoridades hespanholas. Será este o unico meio de os pôrdes em estado de tirarem alguns recursos do paiz e algum soccorro dos exercitos hespanhoes.»

Foi por aquelle tempo que Napoleão mandou entrar em

Hespanha o general Caffareli, ordenando igualmente que Massena se fortificasse em Santarem; e expedindo a par d'isto outros mais reforços para as provincias septentrionaes da Hespanha, confiou ao marechal Bessieres o commando da nova guarda com os governos militares terceiro e quarto e o das Asturias, comprehendendo n'isto a divisão Bonnet. A reunião de todos estes soccorros, com as tropas já existentes nas provincias do norte da Hespanha, formava uma força distincta das mais, designada pelo nome de *exercito do norte*, contando elle no primeiro de janeiro de 1811 para mais de 70:000 homens, dos quaes se achavam promptos no campo 59:000 de infanteria com 8:000 de cavallaria[1]: o mesmo Bessieres, recebendo por então poderes illimitados, tambem pela sua parte devia prestar apoio ao exercito de Massena. Tal era pois o estado em que por aquelle tempo se achavam as provincias septentrionaes da Hespanha, pois quanto ás intermedias, convem saber que, tendo o exercito do centro, commandado pelo proprio rei José, sido primeiramente de 20:000 homens, foi depois elevado a 27:000, não se comprehendendo n'este numero a guarda do mesmo rei, tanto a franceza, como a hespanhola, nem tão pouco os ajuramentados, ou tropas nacionaes que tinham jurado fidelidade a José. Este exercito era destinado a proteger a côrte, a observar os movimentos dos valencianos, e a bater os guerrilhas do interior, sendo

[1] Força do exercito do norte, commandado pelo marechal Bessieres, duque d'Istria.

Datas	Debaixo de armas		Destacados	Hospital	Effectivo	Cavallos	
	Homens	Cavallos	Homens	Homens	Homens	Cavallaria	Trem
1.º de fevereiro de 1811	58:515	8:874	1:992	6:860	67:767	7:979	1:073
1.º de abril de 1811	53:148	6:930	2:221	5:350	60:719	6:065	879

marechaes francezes que se achavam na Hespanha, ex
do apenas o marechal Massena, mostrou-se pouco
a obrar de acordo com elles, nada mais fazendo qu
no sentido de segurar a sua corôa, sendo em taes cir
cias tão penosa para elle a sua situação, e tão repu
doçura do seu caracter as scenas de devastação e
de que por então aquelle reino estava sendo victima
chegou a querer deixar o throno e a voltar para Fr

Passando a tratar agora das operações dos exerc
cezes nas provincias meridionaes da Hespanha, de
mais importantes e de mais immediata relação co
exercito loso-britannico, começaremos pelas do ge
bastiani. O quarto corpo, por elle commandado e est
em Granada, tinha por fim a conservação d'este
baixo do dominio francez, bem como ameaçar o d
vigiando tambem a respectiva costa do mar. Separa
entre si se acham os dois ditos reinos, por effeito
tanhas que entre elles se interpõe, Sebastiani via-se
a ter junto do Mediterraneo uma consideravel porção
que commandava, sendo um dos seus flancos amea
Gibraltar e pelas tropas hespanholas do campo de S
e o outro pelo exercito de Murcia, ao passo que na s
tinha contra si as incursões das tropas do interior
Conseguintemente á vista de uma tamanha extens
reno, tanto no sentido longitudinal, como no da su
didade, similhante posição não permittia ao gener

cidades de Murcia e Carthagena, ameaçando aos francezes a sua linha das costas do mar e a de Granada. O menor movimento que por este lado fizesse attrahia logo para elle os mesmos francezes, sendo n'estes casos que as tropas vindas de Cadiz ou de Gibraltar caíam sobre os seus postos disseminados ao longo da costa, cousa que obrigava o mesmo Sebastiani a ter as suas reservas nas vizinhanças de Granada, onde estabeleceu com o caracter de permanencia um campo intrincheirado. Isto porém não o impediu das subitas incursões que fez, umas vezes contra os de Murcia, que em tal caso se retiravam para Carthagena, outras contra os do lado de Gibraltar, praça para onde estes então se refugiavam. Alem d'isto pôde tambem não só assenhorear-se dos castellos de Estipona e de Marbella, mas dominar tambem a insurreição que rebentára em Velez-Malaga, batendo a par d'isto o general Blake, que de Cadiz fôra em auxilio d'aquelles patriotas, operação commettida por Sebastiani á divisão Milland, a qual, tendo alcançado Blake em Almanzora no dia 4 de novembro, ali lhe dispersou o exercito, seguindo-se a isto o apparecimento de uma febre contagiosa ao longo da costa, que paralysou as operações dos hespanhoes pelo lado de Murcia.

No bloqueio de Cadiz continuava empregado o primeiro corpo, do immediato commando do marechal Victor, tendo-se os exercitos hespanhoes retirado para a Extremadura. Era principalmente do condado de Niebla que Cadiz tirava o seu aprovisionamento, recurso que o general Copons lhe pretendeu assegurar, sendo n'isto apoiado pelo general Ballesteros, o qual pela sua parte ameaçava Sevilha por Araceña e pelas montanhas de Aroche. O mesmo Ballesteros tinha nas suas operações por apoio as praças de Badajoz e Olivença, as quaes igualmente cobriam a linha do marquez de la Romana, emquanto divagou pela Extremadura. Por conseguinte as referidas praças eram em ultimo caso as que pela sua parte asseguravam o fornecimento de Cadiz. Sevilha era por então, quanto aos francezes, a principal base das suas operações, nas quaes tinham contra si Cadiz, e as tropas hespanholas da Extremadura e do condado de Niebla. Ballesteros os amea-

çava tambem pelo lado de Araceña, como já notámos, e l
Romana os chamava para a Extremadura, para onde o mare
chal Soult mandára effectivamente o quinto corpo, do com
mando do marechal Mortier, destinando-o a imprevistos gol
pes de mão contra os hespanhoes, não perdendo occasião d
recorrer a este meio através das montanhas, para os impe
dir de se estabelecerem de um modo permanente nas fron
teiras da Andaluzia. Quando no mez de outubro de 1810
marquez de la Romana passou para o Alemtejo, d'onde vei
para as linhas de Torres Vedras, o general Mendizabal, qu
ficára na Extremadura com duas divisões do seu exercito
com ellas se dirigiu depois para Mérida, d'onde posterior
mente marchou no dia 20 de novembro para Badajoz, reti
rando-se de uma columna movel franceza. O resultado d
retirada do marquez de la Romana para Portugal e da d
Mendizabal para Badajoz foi poderem-se os francezes dirig
para o condado de Niebla, Gibraleon e outros mais ponto
Apparecendo em Guadalcanal a divisão Girard, forrageand
no paiz em direcção a Llerena, de concerto com uma column
movel, vinda da Mancha, o general Mendizabal, saíndo ent
de Badajoz, foi tomar posição em Zafra, levando comsig
9:000 infantes e 2:000 cavallos, em que se comprehend
uma brigada portugueza d'esta ultima arma, commanda
pelo brigadeiro Madden, compondo-se dos regimentos n.os
5 e 8, na força de 800 cavallos. A força de Copons, orça
em 4:000 homens, e que acima dissemos achar-se no co
dado de Niebla, foi por aquelle tempo totalmente derrota
em Castillejos por d'Aremberg, retirando-se depois o gene
hespanhol para Puebla de Gusman, segurando por este mo
o general Girard as communicações francezas de Sevilha co
as forças que sitiavam Cadiz.

Quanto á tomada d'esta cidade, tão appetecida pelo mar
chal Soult, continuava a ser-lhe mais difficil e demorada d
que anteriormente o pensára, não obstante as muitas di
gencias que para isto fazia. A prompta invasão do marech
Soult na Andaluzia, antes de se effeituar a expulsão dos i
glezes para fóra de Portugal, foi seguramente uma fal

grave da parte d'elle. Era a citada expulsão a primeira empreza a que os exercitos francezes se deviam ter dedicado, embora tivessem de empregar para este fim grandes forças, porque, mesmo no caso de se verem a isso obrigados, teriam ainda assim em sobresalto os exercitos hespanhoes da mesma Andaluzia, como sempre os tiveram antes de a invadir. Uma vez expulsos os inglezes para fóra de Portugal, não só lhes seria facil a conquista d'aquella extensa e rica provincia, mas até mesmo a de toda a Hespanha. Não o fazendo assim, Soult viu-se depois compellido a mandar sair da mesma Andaluzia muitas das suas forças, á frente das quaes elle mesmo teve de se collocar, até que por fim se viu obrigado a abandonar inteiramente a preza, baldando-se-lhe por este modo os esforços que empregava para se assenhorear d'aquella rica provincia. Notaveis obras de fortificação tinha elle construido para aquelle fim, consistindo n'uma linha de fortes, cada um dos quaes era no seu genero uma obra completa, com seu fosso, palissadas e provisões para uma semana. As baterias do Trocadero eram formidaveis, tendo alem d'isso flotilhas em S. Lucar de Barrameda, Santa Maria, Porto Real e Chiclana. Soult dirigíra-se em pessoa a S. Lucar na ultima noite do mez de outubro: trinta pinaças e chalupas canhoneiras saíram por então subrepticiamente do Guadalquivir, illudindo a flotilha alliada, e seguindo ao longo da costa até Rota, de lá se dirigiram para Santa Maria e S. Pedro, sustentadas pelas baterias da praia. Para evitar o fogo da frota alliada e dos seus fortes, dobrando Matagorda, o duque de Dalmacia fez transportar em rolos de madeira a sua flotilha por terra, expediente a que já no anno de 1809 tinha recorrido na Galliza, quando de lá veiu sobre o rio Minho, no intento de o atravessar. Por este modo póde elle reunir no mez de novembro no canal do Trocadero 130 embarcações armadas, ou de transporte, tendo n'esta empreza perdido a vida o general Senarmont, official de artilheria de grande merito e distincção. As immensas baterias do Trocadero, e as peças de grande calibre, chamadas canhões morteiros, ou *Villantroys,* causaram grande espanto

entre os defensores e habitantes de Cadiz, prejudicand
propria frota pelo seu grande alcance. Os preparativos
Soult tornaram-se tão formidaveis, que necessario foi ref
çar a guarnição de Cadiz com tropas inglezas, mandadas
de Gibraltar.

N'este estado se achavam os negocios da guerra nas pr
vincias da Hespanha, banhadas pelo Mediterraneo ao su
sudoeste de Aragão, quando o marechal Soult, recebendo
París as terminantes ordens de Napoleão para marchar
auxilio de Massena, teve finalmente de se dispor ao cump
mento de similhantes ordens, não deixando de ser para
cousa bem dolorosa haver de se ausentar da Andaluzia n'u
occasião em que já tão proximo julgava tê-la por conqu
sua. Por outro lado penetrar no Alemtejo com mesquinh
forças, deixando atrás de si as praças de Badajoz e Oliven
as tropas hespanholas do condado de Niebla, para onde B
lesteros tinha sido mandado pela regencia de Cadiz, e as
Extremadura, antes de as derrotar, ou pelo menos de
afugentar d'aquelles dois territorios, parecia-lhe cousa ar
cada. Forçado pois a saír da Andaluzia, deixou ao cuid
do marechal Victor o cerco de Cadiz, partindo de lá para
vilha no dia 21 de dezembro com 5:000 homens, os qu
reuniu n'esta cidade a algumas outras tropas com que p
tendia entrar na Extremadura. Por este modo formou
um exercito de 20:000 homens, incluindo 4:000 de cav
ria. As suas instrucções não lhe marcavam movimento al
designadamente, nem operação decisiva; mas o princip
Essling devia communicar-lhe os seus planos e subme
lh'os ao seu parecer. Apesar d'isto foi tal o cuidado com
lord Wellington buscou embaraçar a communicação entr
tes dois marechaes, que por muito tempo ignoraram os m
vimentos um do outro, sem saberem os seus planos, n
até mesmo a sua situação. Napoleão, deferindo a prop
de Soult, auctorisou-o a que effeituasse o cerco de Bad
e Olivença, antes de se internar no Alemtejo, e impedis
juncção do general Ballesteros com Mendizabal. Por
modo conseguiu Soult eximir-se a auxiliar de prompto o

ssena, como lhe fôra ordenado, sendo talvez este o
fim da sua dita proposta. O certo é que desde então
nada se lhe deu com as operações do seu collega,
al Massena, nem com a critica situação em que se
'al foi pelo menos o rumor que mereceu mais cre-
jue mais abertamente motivou as desintelligencias,
is se notaram entre os dois marechaes. Antes de
a a Extremadura o mesmo Soult tomou as precau-
lhe pareceram acertadas, collocando as tropas de
nha como entendeu conveniente. No principio de
e 1811 poz-se finalmente em marcha para o seu
om os ditos 20:000 homens e 54 peças de artilhe-
de um material de cerco, um comboio de provi-
utros mais effeitos de guerra. Uma parte d'estas
rtencia ao primeiro corpo, do commando do mare-
r, e outra parte ao quinto, do commando do ma-
ortier. De Toledo deviam-se-lhe vir reunir mais
antes e 500 cavallos do chamado exercito do cen-
se comprehendendo este numero no que acima vae
, e á testa do qual avançou sobre Truxillo o gene-
ssaye.
do da Extremadura operava, como já temos visto,
dos hespanhoes o general D. Gabriel Mendizabal,
que Ballesteros tambem pela sua parte operava no
de Niebla. Com a marcha dos francezes para Zafra,
al retirou-se d'ali para Mérida, e depois para a mar-
ita do Guadiana, tomando Ballesteros a direcção de
de la Sierra. Pela sua parte Latour-Maubourg aper-
rto com a cavallaria do primeiro, e Gazan perse-
em o segundo, nas vistas de proteger a marcha da
e dos comboios do exercito que ía com Soult. As
mmandadas por Lahoussaye retrogradaram, a fim
as margens do Tejo ao abrigo das irrupções de
Sanches, e limpar tambem o paiz de outros mais
guerrilhas. Soult marchou então para Olivença,
tro tempo portugueza, mas que desde o ominoso
Badajoz de 1801 Portugal havia cedido á Hespa-

nha. Apesar de regularmente fortificada, e defendida por um caminho coberto e nove bastiões, com alguns revelins, sendo o seu governador o hespanhol D. Manuel Herk, com guarnição da mesma nação, deixada ali por Mendizabal, os francezes a investiram a 11 de janeiro de 1811, a 12 abriram-lhe trincheira pela parte de oeste, a 20 começou o fogo contra ella com peças de grosso calibre, e na manhã de 22 o citado governador Herk capitulou, não sem que muitas pessoas d'aquelle tempo ligassem grande deshonra a similhante acção, pois tinha ainda por si munições de guerra e de bôca, 18 peças de artilheria, e 4:100 homens presentes de guarnição. Era por então que Ballesteros se dirigia para Niebla; mas Gazan o alcançou a 25 em Castillejos, como atrás dissemos, repellindo-o para o outro lado do Guadiana, depois de perder 1:000 homens. A artilheria hespanhola refugiou-se no castello de Paimogo, e a infanteria em Alcoutim e Mertola, e para que nada inquietasse por este lado os francezes, a regencia chamára para Cadiz as tropas que ainda tinha comsigo o general Copons.

Vê-se portanto que vinte dias depois da partida do marechal Soult da Andaluzia para a Extremadura tinha elle tomado uma praça de guerra, e dispersado e feito prisioneiros 12:000 hespanhoes, os quaes, se fossem bem empregados, e tivessem cumprido com o seu dever, podiam bem ter feito mallograr os planos do referido marechal contra Badajoz. Se os conselhos e planos de lord Wellington tivessem sido aceitos e executados, Soult não poderia investir esta praça, nem mesmo embaraçar as suas communicações com o exercito de Mendizabal, que a soccorreria; mas lord Wellington, conhecendo já bem o que eram as tropas hespanholas, disse o seguinte a D. Miguel Pereira Forjaz no seu officio, datado do Cartaxo a 2 de fevereiro do dito anno de 1811, com relação ao cerco de Badajoz, que o marechal Soult lhe ía pôr: «Os differentes acontecimentos da guerra terão mostrado a v. ex.ª que nenhum calculo se póde fazer, a respeito do resultado de qualquer operação em que as tropas hespanholas se envolvam; porém se acaso o mesmo numero de tropas de qualquer ou-

tra nação (10:000) fosse empregado na referida operação, eu não teria duvida a respeito do seu feliz resultado, ou da sua aptidão para impedir que os francezes atacassem Badajoz com a força que têem agora empregada n'este serviço». Estas expressões o historiador Napier as traduziu pela seguinte fórma: «Com soldados de qualquer outra nação o successo seria certo; mas nenhum calculo se póde fazer, nem julgar por boa operação alguma, uma vez que as tropas hespanholas sejam as que a tenham de executar». Nós temos os hespanhoes por uma nação bellicosa e valente; mas a falta que por então tinham de bons officiaes e de disciplina foi seguramente a verdadeira causa das suas constantes derrotas na luta contra os francezes, durante a guerra da peninsula, o que não destroe a proposição de terem sido os seus exercitos de insignificante auxilio para lord Wellington[1].

Depois da quêda de Olivença uma pequena guarnição existia em Albuquerque e uma outra em Valencia de Alcantara. D. Carlos de Hespanha viera de Abrantes para Campo Maior, e Viruès achava-se em Montemór com as divisões do marquez de la Romana, que com elle tinham estado nas linhas de Torres Vedras. Pela sua parte Soult repelliu no dia 26 de janeiro os postos avançados de Badajoz, para onde Mendizabal se foi encerrar com 6:000 homens. A 27 o general Latour-Maubourg atravessou o Guadiana em Merida, passou a vau o pequeno rio Gevora[2], e cortou as communicações com Campo Maior e Elvas. Começou portanto o primeiro sitio de Badajoz, feito pelo marechal Soult. Junto do rio Guadiana, na extremidade da Extremadura hespanhola, está situada a cidade e praça de Badajoz sobre a fronteira de Portugal, distando d'ella apenas duas leguas. Os romanos lhe chamaram *Pax-Augusta*, nome que depois se trocou pelo de Baledaixox, ou paiz saudavel, que os mouros lhe deram, e de que é corru-

[1] Assim o diz Napier no liv. XIV, cap. II, da sua *Historia da guerra da peninsula*.

[2] O Gevora é o primeiro rio que ao norte de Badajoz vem desaguar na margem direita do Guadiana.

pção o que hoje tem. Foram os mesmos mouros os que pri-
meiro lhe construiram o seu castello e muralhas, sen-
D. João de Austria o que depois a mandou fortificar á mo-
derna em 1661, durante as guerras da independencia de
Portugal. A praça de Badajoz tornou-se ultimamente mais
interessante na historia pela recordação dos nobres feitos
de armas, que durante os seus disputados cercos pratica-
ram os soldados inglezes e portuguezes, durante a memo-
ravel guerra da peninsula. É sobre a margem esquerda do
Guadiana que esta praça se acha situada, levantando-se so-
bre uma lingua de terra, formada pela confluente do mesmo
Guadiana, que ali tem quatrocentos e noventa metros de lar-
go, e da pequena ribeira Revillas, banhando-a aquelle pelo
lado do norte, na extensão de um quarto do seu recinto, e a
Revillas ao nordeste. A dita lingua de terra apresenta uma
eminencia, que gradualmente se inclina para a planicie, e
termina um pouco mais precipitada no sitio do castello. É a
referida eminencia o final da cordilheira das montanhas de
Toledo, da qual se acha separada pelo rio Guadiana. Um ter-
rapleno, revestido por uma muralha de pedras brutas a de-
fende pelo lado do campo, sendo alem d'isto guarnecida esta
mesma praça de oito bastiões regulares, fossos seccos, meias
luas, um caminho coberto, e uma esplanada. Perto da con-
fluente da Revillas com o Guadiana levanta-se um rochedo,
coroado pelo velho e antigo castello mourisco, de que acima
fallámos, o qual conjunctamente com dois dos seus bastiões
defende a praça pelo lado do nascente. A cidade, que neces-
sariamente se estreita para o lado da confluente, formando
ali uma especie de angulo, alarga-se em fórma de leque para
o lado opposto. Á esquerda do Guadiana, e na margem di-
reita da Revillas, levanta-se sobre uma altura, a uns duzen-
tos e oitenta metros ao sueste da cidade, o *forte da Picuri-
nha*, e ao sudoeste d'ella o *revelim das Pardaleras*, outra
obra externa defeituosa, que não tem mais que um fosso,
e uma gola mal fechada. Tambem ha uma pequena meia lua,
ou *luneta*, chamada *de S. Roque*, ao norte da Picurinha, e
quasi contigua com este forte, com o qual se communica,

esta luneta destinada a cobrir uma represa das aguas
illas, por meio da qual se póde obter uma inundação.
bre a margem direita do Guadiana que existe um
prolongação da cordilheira de que acima se faz men-
ido elle a ultima das montanhas de Toledo: no cume
onte, que fica ao norte da cidade, levanta-se um ou-
regular de trezentos pés quadrados, chamado *forte
ristovão*, o qual domina o velho castello, levantado
rochedo, que está ao nascente da praça e perto da
e da Revillas com o Guadiana, como já se disse.
vau n'estas paragens, é o mesmo Guadiana aqui
do por uma bella ponte, que fica em frente da porta
as, e se acha defendida por um reducto, verdadeira
a ponte. A praça tinha por governador o marechal
› D. Rafael Menacho, a artilheria por commandante
im Camaño, sendo D. João Albo o commandante
or da engenheria. A guarnição da praça montava a
00 homens, elevando-se de 11:000 a 12:000 o nu-
; seus moradores. O cerco principiou a 28 de janeiro
is as margens do Guadiana. Soult, tendo feito con-
n barco n'este rio, acima da sua confluente com o
dirigiu depois tres ataques contra a cidade, dois pelo
Picurinha e um pelo das Pardaleras. Nos dias 29 e
tado mez de janeiro repelliu duas sortidas, que da
fizeram com pequena força, vendo por aquella
destruidas as obras começadas, por effeito do mau
ue sobreveiu. A divisão do general Gazan, achan-
sviada, e tendo por então pouca infanteria, a guar-
no mesmo dia 30 pelas Pardaleras uma nova sor-
ra ella, matando-lhe ou ferindo-lhe cousa de 60 ho-
destruindo-lhe a trincheira. Durante este tempo um
le cavallaria hespanhola, caindo com destreza sobre
da dos francezes, acutilou muitos engenheiros e mi-
'oltando depois para a praça. Na noite de 2 de feve-
a violenta tempestade fez transbordar a Revillas, le-
pontes por onde era atravessada, afogando homens
s, e estragando os depositos. No dia 3 os hespa-

nhoes fizeram uma nova sortida do forte das Pardaleras matando ou ferindo ao inimigo cousa de 80 homens, destruindo-lhe alem d'isto uma parte da parallela. No mesmo dia 3 o general Gazan, tendo chegado ao campo, retirou da margem direita do Guadiana a cavallaria franceza, por causa do mau tempo, de que resultou restabelecer-se a communicação com Elvas, e chamar para junto de si o general Mendizabal as divisões hespanholas que estavam em Portugal. Viruès marchou então de Montemór para Elvas, juntando-se em Campo Maior D. Carlos de Hespanha e o brigadeiro Madden, com a cavallaria portugueza que commandava, a D. Julião Sanches, que da Extremadura para ali se tinha dirigido com os seus guerrilheiros.

Pela sua parte o general Mendizabal foi pessoalmente na noite do dia 5 a Elvas, passou o Caya no dia 6, e encontrando no caminho as tropas que vinham de Campo Maior, repelliu sobre o Gevora alguma da cavallaria franceza, que ainda se achava na margem direita do Guadiana. A brigada de cavallaria portugueza, perseguindo-a do outro lado do mesmo Gevora, travou com ella um rude choque, no qual, vendo-se abandonada pelos hespanhoes, teve de repassar para cá aquelle rio, trazendo comsigo algumas bagagens que havia tomado ao inimigo, tendo-se a infanteria recolhido a Badajoz, por um notavel desacerto de Mendizabal. Este general, em vez de seguir n'esta conjunctura os salutares conselhos de lord Wellington, projectou fazer levantar o cerco da praça por meio de uma sortida, que espaçou para o seguinte dia 7, preferindo a taes conselhos metter o seu exercito n'uma fortaleza mal aprovisionada. Latour-Maubourg, vendo que a cavallaria de Madden, na força de 972 homens, não tinha sido sustentada pelos hespanhoes, sobre ella caíu vigorosamente no dito dia 6, obrigando-a a retirar-se para alem do Gevora com a perda de 11 homens mortos, entrando 1 official, 7 soldados feridos e 19 extraviados, alem de 29 cavallos mortos, 3 feridos e 6 extraviados. Esta força de cavallaria portugueza compunha-se, como já dissemos, dos regimentos n.os 3, 5 e 8 da respectiva arma. No citado dia 7 verificou-se com effeito

pelo forte da Picurinha a projectada sortida de Mendizabal, na *força* de 5:000 infantes e 300 cavallos. Os hespanhoes bateram-se bem n'aquelle dia; mas mal dirigidos pelos seus generaes, foram por fim repellidos desordenadamente para dentro da praça, perdendo 85 officiaes e perto de 600 soldados entre mortos e feridos, contando-se entre estes o brigadeiro D. Carlos de Hespanha. Latour-Maubourg, ficando pela sua parte occupando o terreno entre o Gevora e o Caya, cortou por mais outra vez a communicação de Badajoz com Elvas e Campo Maior, ao passo que Mendizabal, abandonando inteiramente a cidade ao governador, D. Rafael Menacho, foi estabelecer o seu campo nas alturas do forte de S. Christovão. Soult porém, receiando que a demora na entrega da praça lhe podesse trazer difficuldades, resolveu apressar contra ella os seus ataques, um dos quaes foi no dia 11 dirigido contra o forte das Pardaleras, enviando tambem no dia 12 1:500 homens de cavallaria para o Montijo, do outro lado do Guadiana. Começando o inimigo com o bombardeamento do forte de S. Christovão, Mendizabal deixou as alturas que junto d'elle occupava, retirando-se então para trás do Gevora.

Foi por aquelle mesmo tempo que o general Castanhos recebeu a nomeação de governador da Extremadura, cousa que desgostou tanto as tropas que foram do exercito do marquez de la Romana, que a maior indisciplina se manifestou n'ellas abertamente, circumstancia funesta com que por outro lado se deu a do proprio Mendizabal se conformar então com os conselhos de lord Wellington, quanto a augmentar por meio de intrincheiramentos a força natural da sua ultima posição, tomada por trás do Gevora, a qual, se por elle fosse devidamente sustentada, lhe permittiria em tal caso conservar livre a sua communicação com o Alemtejo, e esperar n'ella a chegada dos reforços, que lhe deviam ser enviados nos ultimos dias de janeiro, reforços que o habilitariam a fazer levantar o cerco. Collocado por fim por trás do Gevora, depois de ter estado por doze dias continuos na mais completa inacção nas alturas de S. Christovão, não sómente os seus desacertos o levaram a destruir a pequena ponte d'aquelle rio, mas igual-

mente os seus vaus, que lhe facilitariam o poder atacar os francezes, quando houvessem de passar o Guadiana, o que estes facilmente podiam fazer por meio da ponte de barcos que os alliados ali tinham, a qual para cumulo de desacerto deixou de retirar para Elvas, como se lhe recommendára. De tudo isto se aproveitou habilmente o marechal Soult, o qual contra elle se dirigiu por surpreza na manhã de 19 de fevereiro, atravessando para este fim o Guadiana e o Gevora. Quando pelas oito horas do dia se desfez o nevoeiro, que até então havia encoberto a marcha do inimigo, e Mendizabal conheceu o perigo em que estava, já a esse tempo a esquerda dos hespanhoes se via cercada pela cavallaria franceza; no centro da sua linha as tropas de todas as armas achavam-se em aberta desordem, e sobre a direita apenas havia um batalhão para defender S. Christovão. O exercito francez avançou em columna debaixo da protecção da sua artilheria, que por toda a parte varejava o campo dos hespanhoes. Os francezes avançaram em corpo cerrado, como sendo um só homem. Seis dos seus batalhões caíram impetuosamente contra o centro do exercito contrario: o general Girard dirigiu-se perpendicularmente com a sua força contra a direita do referido exercito, e Latour-Maubourg contra a esquerda. Cercados os hespanhoes por similhante modo, reuniram-se sobre o seu centro por uma especie de instincto, resistindo pela inercia durante algum tempo; mas a infanteria franceza de tão perto os apertou com o seu mortifero fogo, e a cavallaria com tal impeto se lançou tambem contra elles, acutilando tudo quanto encontrava adiante de si, que de prompto se dispersaram. A cavallaria hespanhola fugiu in continenti, e a portugueza, vendo-se de novo abandonada por aquella, como já se tinha visto no dia 6, seguiu-lhe tambem o exemplo, dando as costas ao inimigo, para evitar ser feita em postas, como provavelmente ficaria no campo, resistindo só por si a todo o peso dos contrarios. Por este modo 9:000 francezes atacaram 15:000 hespanhoes[1], fazendo-o com tal impe-

[1] Londonderry avalia as forças hespanholas em 9:000 homens; Sherer em 10:000, Belmas e Thiers em 12:000, Toreno em 8:000 infantes

pelas dez horas da manhã o combate tinha inteira-
ssado. Viruès ficou prisioneiro, Mendizabal e la Car-
ıparam com difficuldade; tendo D. Carlos de Hes-
ıdido retirar-se em boa ordem para Campo Maior
0 homens. Os hespanhoes deixaram no campo 900
; bandeiras, 17 peças de artilheria, armas, muni-
agens e 5:200 prisioneiros, retirando-se para Ba-
00 fugitivos[1]. Os francezes perderam apenas 400
Tal foi o infeliz desfecho da batalha, conhecida pelo
batalha do Gevora[2].

;ão que junto d'este rio Mendizabal occupára impe-
inimigo se podesse assenhorear da praça, emquanto
na mão dos alliados, e postoque tal posição se não
;onvenientemente intrincheirada, não era todavia
;omada com a facilidade com que o foi. Lord Wel-
sse d'este infeliz successo o seguinte a D. Miguel
orjaz no seu officio de 23 de fevereiro: «Aindaque
ıcia me ha ensinado a não pôr confiança nos esfor-
ropas hespanholas, apesar mesmo das frequentes
ı sua bravura, confesso que este recente desastre
ıdo as minhas esperanças, e me deixa mui mortifi-

rallos, Jones em 9:000 homens de infanteria com uma bri-
rallaria portugueza. O mesmo auctor avalia as forças france-
00 homens, Maxwel em 7:000, dos quaes 2:000 de cavalla-
nderry, Belmas e Sherer em 6:000, e Thiers em 8:000. (Nota
; do tom. I de mr. Brialmont.)

do Belmas, os hespanhoes tiveram 850 homens mortos e
oneiros; perderam seis bandeiras, dezesete peças de artilheria,
es, uma equipagem de ponte, e um acampamento. Por causa
ıtre foi Mendizabal tão fortemente censurado pelos proprios
ı, que para se rehabilitar alistou-se como soldado, e n'esta
combateu depois em Albuera, passados tres mezes. (Outra
toria de mr. Brialmont.)

successo; a estação continuava rigorosa contra os si
ainda por então sem communicação alguma com M
Pela sua parte lord Wellington, esperando de um par
momento a chegada dos reforços que lhe haviam de
Inglaterra, e começando tambem por outro lado Ma
tomar já as suas medidas para se retirar de Portug
toda a rasão se confiava na breve solução da luta e
dos alliados. No meio de tudo isto Soult continuava
queio de Badajoz pelo lado do Guadiana, asseguran
d'isto as suas communicações de uma com a outra r
d'este rio por meio das pontes que sobre elle lançou.
4 de março teve o bravo governador de Badajoz, D
Monacho, a infelicidade de ser morto por uma bala
lheria do inimigo, succedendo-lhe no logar o mare
campo D. José Imaz, que tão mal correspondeu á c
que n'elle se pozera, pois a 10 do dito mez capitulo
inimigo, sem que a brecha estivesse sufficientement
na cortina de S. Thiago, e para maior vergonha sua
mo momento em que de Elvas se lhe participava p
grapho que Massena se retirava de Santarem, e que
seria em breve soccorrida pelos alliados. No dia 11
praça occupada pelos francezes, diante dos quaes de
as armas 9:000 homens da sua guarnição, havendo
pitaes perto de 1:000 doentes: n'ella acharam os ve
150 peças de artilheria, morteiros e obuzes, alem
ciente numero de provisões de bôca e de guerra [1].

Effeituada que foi a quéda da praça de Badajoz, a qual lord Wellington, apesar do muito que lhe interessava a sua conservação, não pôde soccorrer antes de capitular, pela mesma rasão por que já no anno anterior não podéra soccorrer a Cidade Rodrigo e Almeida, o marechal Mortier dirigiu-e para Campo Maior, e Latour Maubourg para Albuquerque Valencia de Alcantara, praça de que sem grande difficuldade : assenhoreou. Emquanto isto se passava na Extremadura espanhola, o general sir Thomás Graham, commandante das opas alliadas em Cadiz, sabendo da partida de Soult para Extremadura, projectou obrigar o marechal Victor a levanr o cêrco d'aquella cidade, começando desde os fins de jairo com os preparativos que para tal empreza lhe pare-

m subir a 12:000 de todas as armas. Mas suppondo que este fosse almente o seu numero, como d'elle se deve abater o de 1:500 ou 2:000 mens de cavallaria, que se achavam da outra parte do Guadiana, imssibilitados de cooperarem no assalto, póde dizer-se que os sitiantes m em numero igual, se não menor, que o dos sitiados. A guarnição . praça era superior a todo o elogio, por sua constancia, intrepidez e lentia. Um numero regular de artilheiros déstros e esforçados (entre quaes se contavam alguns portuguezes, que debaixo do commando valente capitão, João Nepomuceno de Mello, tinham ido auxiliar os spanhoes), desempenhava o seu espinhoso e importantissimo dever ás dens de officiaes dignos. Cento e cincoenta bôcas de fogo tinha a praça, itre morteiros, obuzes e peças de artilheria propriamente ditas, tudo de ronze, e quasi tudo de grosso calibre. Havia abundancia de bombas, llas e granadas de todas as classes, polvora e cartuchos de fuzil, vindo ido isto a cair na mão do inimigo. Tambem não havia falta de viveres, contrando-se para mais de um mez, quando se capitulou. Achavam-se n bom pé todas as fortificações exteriores, excepto o mal perdido forte s Pardaleras, estando intactas todas as da praça, com a unica exceção da cortina de S. Thiago, ou de S. Francisco, em que se abrira uma recha. Nenhum dos fogos da praça fôra obrigado a calar-se, nem a isso dia ser facilmente levado. A brecha que se allegava não era praticael, facto provado por não ter a guarnição saido por ella, segundo o estipulado no artigo 3.º da capitulação, saida que só se effeituou pela rta da Trindade, indo depôr as armas no campo de S. Roque: foram guns sapadores os unicos que com algum trabalho desceram pela dita recha, para preenchimento do ceremonial do acto. Dos doze officiaes e votaram sobre a capitulação só cinco affirmaram que a brecha era aticavel, não obstante terem os francezes de trepar por um caminho

ciam mais adequados. O marechal Victor, informado de s
milhante projecto, começou tambem a tomar as suas dispo
sições, preparando-se para receber o ataque, pondo-se de
sobreaviso com as suas tropas. Durante o mez de fevereiro
12:000 homens francezes vieram das provincias do norte da
Hespanha para a Andaluzia, elevando-se a força do primeiro
corpo a 20:000 homens, dos quaes 15:000 se achavam adiante
de Cadiz, formando-lhe o cêrco, e os restantes 5:000 em
S. Lucar, Medina Sidonia e outros mais logares.

No dia 21 do citado mez de fevereiro 10:000 homens de
infanteria alliada com perto de 600 de cavallaria, incluindo
as tropas hespanholas, saíram de Cadiz com destino a irem
desembarcar em Tarifa, para de lá marcharem sobre a re

tão difficil como aquelle por que tinham de andar para ganharem a al
tura de um terrapleno, onde os sitiados com tanta vantagem sua po
diam multiplicar-lhes os embaraços. Alem do exposto, que evidente
mente prova a cobardia, que presidiu a uma similhante capitulação
acresceu mais que o general portuguez, governador de Elvas, tinha por
signaes avisado D. José Imaz, de que em auxilio da praça iriam prom
ptos soccorros do exercito luso-britannico, por se achar o marechal
Massena em retirada. Entre os officiaes que em conselho militar susten
taram dever-se continuar a defeza, figurou o voto do commandante dos
artilheiros portuguezes, o já citado capitão João Nepomuceno de Mello
Mas para maior desdouro do governador Imaz, deve dizer-se mais, que
foi elle o proprio que julgou não se dever capitular, e sem embargo
d'isso capitulou! Prova isto ter elle mesmo entendido que a praça se
podia bem defender. *Sou de parecer*, disse elle, *que á força de valor*

taguarda do campo que o inimigo tinha em Chiclana. O ge-
eral D. José Zayas, por então commandante da guarnição
e Cadiz, devia lançar uma ponte no rio de Santi Petri, perto
a sua abertura no mar, ao passo que Ballesteros com os
stos do seu exercito devia ameaçar Sevilha, competindo ás
opas irregulares das guerrilhas dirigirem-se contra o gene-
l Sebastiani. No dia 22 os inglezes saídos de Cadiz desem-
rcaram em Algeziras, entrando no seguinte dia em Tarifa,
de ás suas tropas se lhes reuniram algumas outras, ele-
ndo-se todas a 4:000 homens effectivos, nos quaes se com-
ehendiam 331 praças do regimento portuguez n.º 20, e 180
s hussards allemães, sendo a totalidade d'esta força com-
ndada superiormente pelo proprio general Graham, chefe
laz e intelligente, como n'esta guerra constantemente se
strou. No dia 27 chegaram igualmente a Tarifa as tropas
panholas, contando 7:000 homens, commandados pelo ge-
al D. Manuel La Pêna, que litigando com Graham supe-
ridades de commando, este cavalheiramente lh'as cedeu,
sar de ser isto contrario ás suas instrucções, o que fez
a evitar questões de competencia, tão nocivas como em
occasião era de esperar que fossem. No dia 28 estas for-
atravessaram as collinas que da serra da Ronda se incli-
n, descendo até ao mar, separando as planicies de S. Ro-
e das de Medina Sidonia e Chiclana, organisando-se para
ataque na distancia de quatro leguas dos postos inimigos.
tropas inglezas com as praças do regimento portuguez
20 e dois regimentos hespanhoes, constituindo a reserva
s alliados, foram destinadas ao immediato commando do
ado general sir Thomás Graham, as da vanguarda ao ge-
ral Lardizabal, as do centro ao principe de Angelona, e a
vallaria ingleza e hespanhola ao coronel inglez Witting-
m, que então se achava ao serviço da Hespanha.

A chegada áquelle ponto e a organisação que n'elle se fez
todas estas forças provocou sublevações nos povos e ata-
es das guerrilhas contra os francezes, a quem inquietaram
n resultado algum de importancia. La Peña pôde então ele-
r a 12:000 homens as forças do seu commando, incluindo

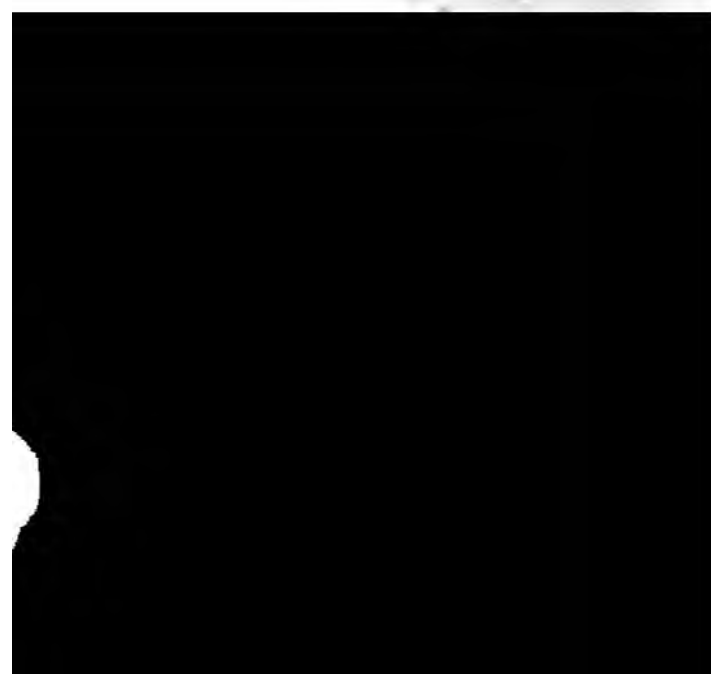
800 de cavallaria[1], por se lhe haverem juntado, vi
Algeziras, 1:600 infantes com algumas centenas de
de cavallaria irregular, do commando do general Beg
los Rios, entrando n'aquelle numero 24 peças de a
Seguindo depois para Medina Sidonia no dia 2 de
não pôde ali entrar, em rasão da opposição dos fr
que achára lá intrincheirados, commandados pelo
Cassange. No dia 3 continuou a sua marcha, mas en
opposto ao acordo que tinha feito com o general
porque em vez de tomar o caminho de Casa-Vieja,
entre os dois, tomou o de Veger de la Frontera, em
á costa do mar, repellindo d'ali os francezes, send
intento approximar-se de Santi-Petri, para se pôr
municação com D. José Zayas, o qual, não tendo
parte sido prevenido da nova resolução tomada por
nenhum auxilio pôde com as suas tropas prestar
dos. Pelas nove horas da manhã do dia 5 continu
marcha, depois de uma escaramuça em que foi der
vanguarda da sua cavallaria por um esquadrão fran
rota a que se seguiu alcançar elle o Cerro de Pue
mado pelos inglezes alturas de Barrosa, desviadas d
cadura de Santi Petri cousa de uma legua e um terç
d'esta marcha, feita sem prevenir o general Graham,
pouco concertar cousa alguma com Zayas, La Peña
ao general inglez que avançasse com as suas tropa
recção de Bermeja, estreita collina adiante de B
qual tinha na sua frente um grande pinheiral. Grah

[1] Sendo as forças de La Peña as acima indicadas, e as de
4:000 homens, como já se disse, as de Victor eram de uns 12:000.
diminuindo sempre a força dos exercitos francezes, dá a Vic
5:000 homens de infanteria e 500 cavallos, elevando as trop
ham a 9:000 homens, e as dos hespanhoes a 11:000. Tam
verdade que Graham perdesse 2:000 homens, e que a honra d
tencesse ao marechal Victor. As *Victorias e Conquistas* tambe
parte se enganam inteiramente, tanto quando affirmam que
nha 12:000 homens, como quando nos dizem que os francez
teram na rasão de 1 contra 2, e que os alliados perderam 3:5
3 bandeiras e 4 peças de artilheria.

ali se dirigiu, pensando que La Peña iria occupar as alturas de Barrosa, as quaes elle Graham entendia de necessidade occuparem-se, considerando-as como sendo a chave de todos os movimentos offensivos e defensivos dos alliados.

Pela sua parte o marechal Victor, abandonando a sua linha, veiu estabelecer-se adiante de Chiclana com uma força de 12:000 homens de boas tropas, formando tres divisões, sendo a da ala direita commandada pelo general Villatte, a da esquerda pelo general Ruffin, e a do centro pelo general Laval. La Peña havia promettido a Graham, quando ainda se achavam em Tarifa, de só fazer pequenas marchas para conservar sempre frescas as suas tropas, não se devendo approximar do inimigo senão com toda a sua força. Todavia os maus caminhos e a ignorancia dos guias fizeram com que as suas ditas tropas marchassem durante quinze horas successivas, depois que partiram de Casa-Vieja, sendo ainda mais penosa a marcha que de noite fizeram sobre Barrosa. Chegadas ali desordenadamente, e antes que todas se achassem reunidas, o mesmo La Peña, continuando a nada dizer a Graham, nem prevenir Zayas por signaes, ou por algum outro modo, mandou avançar a sua vanguarda com um esquadrão e tres peças de artilheria em direcção á embocadura de Santi-Petri, onde o mesmo Zayas tinha effectivamente estabelecido no dia 2 a ponte em que já se fallou, e feito alguns intrincheiramentos, empreza que os francezes lhe mallograram, surprehendendo-o de noite, e obrigando-o a retirar-se para a ilha gaditana. Lardizabal, que commandava a referida vanguarda, sustentando com Villatte uma rude escaramuça, na qual perdeu 300 homens, conseguiu repellir o inimigo sobre os seus intrincheiramentos, e feliz seria no seu ataque, se lhe não falhasse o auxilio de Zayas, em rasão do que acima fica dito. Para remate de tantos desacertos de La Peña, este general, apenas viu entrar os inglezes no pinheiral, chamou a si o principal corpo de batalha, e seguido pela cavallaria, tratou de costear a beira mar para se dirigir a Santi-Petri, deixando as alturas de Barrosa cobertas de bagagens, protegidas sómente por uma guarda de retaguarda, composta de

cinco batalhões com quatro peças de artilheria, sendo toda esta força commandada pelo já citado general Beguines de los Rios. Durante estes movimentos Victor havia-se concentrado na floresta de Chiclana, e apenas viu que Graham havia penetrado no já citado pinheiral, que um consideravel corpo hespanhol se achava em Bermeja, que um terceiro se postára em Barrosa com todas as bagagens, e que um quarto vinha em marcha de Veger, de prompto caíu com as suas tres divisões sobre os seus contrarios, batendo a de Ruffin nas alturas de Barrosa a retaguarda dos hespanhoes, commandada ali pelo dito general Beguines, a qual dispersou em muitas direcções, e seguidamente o seu exercito, tomando-lhe tres peças de artilheria. Graham, sendo informado de similhante successo, retrogradou logo para a planicie, e não vendo La Peña nas alturas de Barrosa, decidiu-se a atacar elle só resolutamente os francezes com as unicas tropas do seu commando, que dividiu em duas columnas, sem que em tal conjunctura podesse ter noticia do general La Peña.

Felizmente as tropas inglezas e os soldados portuguezes bateram-se com a maior coragem, repellindo o ataque do duque de Belluno (marechal Victor), cujas forças tiveram de se retirar com sentidas perdas, ficando prisioneiro o proprio general Ruffin, coberto de mortaes feridas. Pela sua parte o general Graham foi victoriosamente entrar em Cadiz com a perda de 50 officiaes e 1:260 homens, deixados no campo da

as tropas que serviram debaixo do seu commando, diz que os soldados do regimento portuguez n.º 20 se comportaram *admiravelmente bem, e que todos os individuos de que o dito regimento se compunha se mostraram dignos associados dos bravos alliados da sua nação*. O marechal Beresford na sua ordem do dia do 1.º de maio de 1811 felicita a nação portugueza e o seu exercito pela addição de gloria que o regimento portuguez n.º 20 lhes adquiriu[1]. Por effeito das recommendações e elogios do general Graham foram promovidos, pondo-se-lhes nas suas patentes com grandes caracteres *por boa conducta no campo da batalha*, a major graduado, o capitão da segunda companhia, Luiz Diogo Pereira Forjaz; a capitães graduados, o tenente da quinta companhia, Pantaleão de Oliveira e Sousa, e o tenente da setima, Estevão Carvajal; a tenente aggregado com o soldo de effectivo, o alferes da quarta companhia, Felix Antonio de Miranda; e a alferes os sargentos João Antonio Apparicio e Manuel Pereira de Matos.

Lord Wellington, logoque pela sua parte soube da derrota de Mendizabal, dispoz-se a tomar a offensiva, apenas lhe chegassem os reforços que esperava de Inglaterra, e que os rios e as estradas se achassem praticaveis. Segundo os seus calculos, o exercito de Massena, que entrára em Portugal na força de 72:000 homens, perdêra na batalha do Bussaco, e em consequencia d'ella, 10:000 homens; desde então até janeiro de 1811 suppoz-lhe outros 10:000 de perda, ficando assim reduzido a 52:000 homens, antes de se lhe juntarem os generaes Drouet e Foy, cujos reforços, computados em 12:000 a 14:000 homens, faziam novamente subir o mesmo exercito a 64:000 ou 66:000 homens. Admittindo que os doentes chegassem a 14:000, o marechal Massena não podia, por estes calculos, ter presentes no campo menos de 50:000 a 52:000 homens. Reforçado como tinha sido o exercito inglez, o seu numero, em 20 de janeiro de 1811, era de 40:040 homens, entrando 6:715 doentes, 1:974 empregados em destacamentos, e 1:586 prisioneiros de guerra. Por con-

[1] Veja o documento n.º 100-C.

ponto de não embaraçarem a passagem dos barcos do ini-
igo para Santarem, emendou-se este defeito por meio de
ma chalupa canhoneira, fundeada ao pé da dita embocadu-
a, sendo o seu serviço feito por modo tal, que barco algum
odia por ali passar sem se presentir.

De grande vantagem era pois esta divisão, postada na
margem esquerda do Tejo; mas o exercito principal, sendo
esfalcado por ella, a sua força ficou reduzida pouco mais ou
menos a 40:000 homens portuguezes e inglezes, sendo esta
unica força que na margem direita do mesmo rio fazia rosto
o exercito de Massena; se portanto este general avançasse
om os seus 50:000 homens, ou depois de se lhe ter reunido
laparede, que continuava postado na Guarda, tendo avan-
adas suas em Belmonte, claro estava que em qualquer d'es-
s casos o inimigo apresentaria forças muito superiores ás
os alliados, emquanto se lhes não reunisse a divisão de Be-
esford, postada, como se acaba de ver, na margem esquerda
lo Tejo. Para enviar portanto uma força qualquer em soccorro
le Badajoz, ou fosse nas vistas de effeituar alguma cousa util,
u nas de nada deixar que receiar, attenta a maneira por
que as tropas hespanholas se costumavam conduzir, essa
força não podia ser menor de 13:000 homens, numero que
seguramente se não podia distrahir do exercito principal
desde o fim de janeiro até 19 de fevereiro. Esperava lord
Wellington de um para outro dia, que da Inglaterra lhe che-
gasse um reforço de 6:000 para 7:000 homens, reforço que
só lhe chegou no principio de março. Á vista pois d'isto insi-
nuára-se aos hespanhoes, que não se arriscassem a empreza
alguma, emquanto não aportasse ás aguas do Tejo o sobre-
dito reforço, por ser só então que se podia destacar alguma
força em soccorro de Badajoz, antes de se tentar alguma
operação contra Massena. O adiamento de uma e outra cousa
continuou portanto a ser uma necessidade, determinada tam-
bem pelo mau estado em que estavam as estradas e as ribei-
as do paiz, cousa aliás muito attendivel, ainda quando o
xercito luso-britannico se achasse com forças sufficientes
ara emprehender um ataque. Todavia o resultado da bata-

lha do Gevora, ou a de 19 de fevereiro de 1811, de que j fallámos, destruiu todas as esperanças concebidas, mesm para o caso do exercito poder destacar alguma força em soccorro de Badajoz, depois da chegada do supradito refor ço, sobretudo tendo os hespanhoes desprezado o aviso de tirarem do Guadiana a ponte de barcos que lá estava, para a mandarem para Elvas, circumstancia que levaria as tropas que se mandassem de soccorro áquella praça, a não pode rem atravessar aquelle rio senão na ponte ordinaria que por ella dá passagem. Conseguintemente depois da referida ba talha nenhum outro recurso ficou a lord Wellington senão o de atacar Massena, logoque de Inglaterra lhe chegasse o soc corro que de lá esperava. Entretanto as cousas correram por outro modo.

Como já vimos, os alliados tinham construido baterias destinadas a dominar a entrada do rio Zezere, e a vigiar o inimigo pela margem esquerda do Tejo com piquetes de ob servação, tornando assim consideravelmente difficil sobre o Alemtejo qualquer tentativa do seu exercito, postado na mar gem direita do mesmo Tejo. Alem d'isto os reforços de Drouet e de Foy apenas punham o referido exercito no mesmo es tado em que estivera, quando se retirou para Santarem. D porfiada espera da juncção do marechal Soult com as forças de Massena nenhum resultado tinha apparecido até ao fim de fevereiro, em que os recursos do paiz estavam quasi inteir

ı, grande numero de molestias no exercito francez, das nas muita gente morria diariamente. Mas o que certamente sou maior numero de doenças foi a má qualidade de carne que ultimamente se alimentava a tropa. Os bois eram re-vados sómente para os estados maiores, e para os offi-s de alguma graduação. Os soldados pela sua parte só iam carne de cabra e de ovelha, que sem sal, e nos me-de janeiro e fevereiro, quando têem os filhos, é um dos entos doentios do nosso paiz, sendo a natural conse-ncia d'elle as diarrhéas e febres mortiferas, como n'este o succedeu. Estas privações de regular alimento para a llaria produziram em Santarem a morte de 12 a 15 ca-los por dia, o que tambem proporcionalmente succedia nas isões, que estavam nas outras terras. Na propria villa de rres Novas, onde o mesmo Massena se achava de quartel e u estado maior, suppunha-se haver 1:000 doentes. Sobre privações de mantimentos, vinham tambem as de farda-nto e calçado. Das excursões dos soldados para a retaguar-(porque para os lados e frente nenhumas se podiam fazer), ouco, ou nada lhes resultava. Para a margem direita do ndego nunca poderam passar, e se o passassem, nenhuns ursos achariam, porque o activo coronel Trant todos ha-removido d'aquella parte do paiz. Faltos pois de manti-ntos, morta, como já tinha, uma terça parte da sua caval-, e n'um grande estado de fraqueza a que lhe restava, e mente expostas as tropas a uma extraordinaria e quoti-na mortandade, Massena não podia no fim de fevereiro de 11 existir por mais tempo em Santarem, tendo experi-ntado em Portugal uma das mais funestas campanhas por passaram os exercitos francezes desde 1793.

Com este miseravel estado do exercito de Massena con-tava por outro lado o dos alliados, cuja confiança se ti-a augmentado muito, sabendo que os reforços, esperados de tanto tempo de Inglaterra, deviam chegar a toda a ra, sendo voz constante que lord Wellington só esperava a chegada para principiar as suas operações offensivas. ndo portanto o marechal Massena encerrado o seu exer-

deviam reunir-se em Zamora, para terem os gallegos em respeito, devendo o resto da guarda ir para Valladolid, e pôr a par d'isto em escalão fortes destacamentos de cavallaria no terreno que medeia entre estas duas praças, para diariamente haverem informações do que então se passasse em Portugal. Por esta fórma ficava livre a Massena operar como entendesse, sem se julgar adstricto á sua primitiva commissão; mas todas estas ordens foram recebidas tarde, e por conseguinte já depois da retirada d'este marechal para Hespanha.

Por differentes modos podia Massena effeituar a sua retirada; mas o que mais particularmente pareceu ter tido em vista foi o de atravessar o Mondego para se dirigir ao Porto. Tendo pois destruido as suas munições, encravado as peças de artilheria, e inutilisando tudo o que não podia levar comsigo, por falta de cavallos, fez a pouco e pouco marchar os seus doentes e bagagens para Thomar, deixando ficar somente os combatentes na frente da sua posição, manifestando indicios de querer passar o Tejo em Punhete, ou retirar-se para traz do Zezere para ganhar Castello Branco; mas logoque as cousas, que lhe embaraçavam a retirada, ganharam dois dias de marcha, Ney reuniu subitamente no dia 5 de março o sexto corpo, com o qual marchou sobre o rio Lis, para perto de Leiria, e reconhecendo no dia 7 as estradas de Rio Maior, Porto de Moz e Alcobaça, bem como as costas do mar, pareceu por este modo querer avançar sobre Torres Vedras, movimento que necessariamente poz lord Wellington em suspenso. O nono corpo, que formava a testa da columna, marchára no mesmo dia 5 de Leiria para Pombal, levando comsigo os doentes e os feridos. O oitavo corpo fazia o centro, e no mesmo dia marchou de Pernes, indo no dia 7 acampar-se em Chão de Maçãs, d'onde foi por uma estrada, que vae unir-se á real junto a Pombal, chegando a esta villa no dia 8, escoltando o quartel general e as grossas equipagens. A cavallaria partiu no mesmo dia 5 de março de Ourem, e foi até Leiria, aonde ficou em posição no dia 6, para esperar pelo sexto corpo, com o qual devia fazer a cauda da columna, ou a retaguarda do exercito, seguindo assim a estrada de

'cha, e finalmente via a par d'isto pela sua retaguarda as
rniçōes de Badajoz e Olivença, que tambem não eram
a desprezar. Para cumulo de difficuldades acrescia mais
; lord Wellington tinha á sua disposição um grande nu-
ro de barcos, por meio dos quaes podia promptamente
çar na margem esquerda do Tejo qualquer numero de tro-
, que para ali quizesse mandar, sem que os esforços de
sena podessem servir de utilidade alguma ao marechal
lt, e se este experimentasse uma derrota, como é que elle
ia desculpar-se de emprehender a sua marcha contra Por-
al no meio de taes contrariedades? Se essa marcha a effei-
sse, e o mais pequeno desar lhe acontecesse, a sua repu-
ão como general ficava inteiramente perdida.
'allemos portanto a verdade: a causa mais palpavel do
llogro da expedição de Massena foi a insufficiencia dos
ios que teve á sua disposição para se oppôr ás combina-
s de lord Wellington. Desalentado e reduzido o exercito
ıcez apenas a 40:000 homens, excluindo a divisão de
ınet, que se achava em Leiria, claro está que Massena não
lia manter-se na sua posição de Santarem, nem expôr-se
ɔremeditado ataque de lord Wellington, e informado, como
pelos officiaes portuguezes, que se achavam no exercito
ıcez, da chegada ao Tejo dos reforços inglezes, com rasão
lecidiu á evacuação d'aquella villa, hoje cidade. Alem do
: fica dito, acresceu mais ser tambem por aquelle tempo que
ɔoleão reorganisou os exercitos da Hespanha sobre novas
ses. O exercito do rei José foi diminuido, o do meio dia
ɣmentado; o general Drouet teve ordem de ir juntar-se ao
into corpo, que elle ia commandar, em substituição ao
ırechal Mortier: o resto do nono corpo formou duas divi-
ɔs, que debaixo das ordens dos generaes Clausel e Foy,
am encorporadas no exercito de Portugal. Marmont foi tam-
m nomeado commandante do sexto corpo em substituição
ley; Loison passou a commandar o segundo, substituindo
ynier; Bessieres teve ordem de postar 6:000 homens na
lade Rodrigo, para vigiarem as fronteiras de Portugal e
tentarem Claparede. Sete mil homens da guarda imperial

ua emuaua an uos nanoezes, ao retirarem-se das linhas de ...
em meiado de novembro de 1810. Era portanto elle quem co
a Beresford o que se passava e corria entre o inimigo pe
modo. Havendo que participar, ía durante a noite um hom
Ribeira, e n'um dado sitio junto do Tejo acocorava-se, e al
um gibão petiscava lume entre os joelhos: o relampejar do
de signal para que um outro homem, que do outro lado do ri
de vigia, viesse ter com elle n'uma bateira, que dentro de un
guardava na quinta do Reguengo, e recebesse assim a respe
cipação, que depois se mandava por uma ordenança ao mare
ford. Foi n'uma d'estas participações que Salinas, logoque p
projectos da retirada do inimigo, preveniu o mesmo Beresf
o avisaria d'ella por meio de uns foguetes, deitados ao ar n
sendo este o modo por que similhante retirada foi com effeit
marechal, o qual a participou depois a lord Wellington, e
general se achava por então no Cartaxo. O homem que da i
querda do Tejo vinha á da direita receber as participações er
quinta do Reguengo, pertencente então ao pae do dito sr. i
Sá. Foi por esta circumstancia que elle marquez teve tamben
retirada do inimigo, de que resultou pedir ao visconde de
tenente coronel de cavallaria n.º 10, e então commandante
dito regimento (cuja oitava companhia, de que o marquez
se achava na dita quinta do Reguengo), licença para ir a Sa
outro camarada, como effectivamente foi no dia 5 de ma
horas depois d'aquella retirada, presenceando lá o seguinte e
«Ali vi, diz elle na sua dita *Memoria*, as casas completame
das, os moveis destruidos, as igrejas convertidas, umas em c
outra (a de S. Martinho) em theatro, e outras em matadour
d'onde saíam emanações insupportaveis; as oliveiras, laranjei
arvores dos numerosos pomares suburbanos haviam sido cor
olivaes e pomares constituiam uma das principaes riqueza

...om que só no dia 8 de março mandasse marchar Beres... em direcção a Thomar, nas vistas de segurar assim o seu ... direito, e de afugentar d'aquella cidade os francezes, ... pareceram querer ajuntar uma consideravel força, ... de que desistiram por causa do movimento de Beres... O major general Stuart passou o Tejo em Abrantes com ... parte do corpo do mesmo Beresford, e atravessando ... por meio de uma ponte volante, que comsigo trou... d'aquella praça, marchou tambem para Thomar, em... que a primeira, quarta e sexta divisões, com duas ... de cavallaria, se dirigiram para a Gollegã, d'onde ...ente marcharam para Thomar. A divisão das tropas ... marchou para Pernes, onde a respectiva ponte se ... promptamente restabelecido.

... portanto no dia 8 que lord Wellington positivamente ...heceu que o marechal Massena effeituava a sua reti... sobre o Mondego, e foi igualmente n'esse dia que, se...do os francezes com o seu proprio exercito, a van...da alliada, ou os seus postos avançados, alcançaram ...stos da retaguarda dos francezes, começando com el... uma escaramuça, que sem consequencia alguma durou ... ao meio dia. Com a certeza da retirada de Massena, ...nou o mesmo lord Wellington que a tropa chegada a ...mar ali se demorasse, e que a divisão das tropas ligei... com os hussards allemães, seguisse o oitavo corpo, ... assim fez, tomando-lhe 200 prisioneiros. «O dia 7 de ..., segundo diz Napier, foi marcado por uma horrivel ...berta: encontrou-se na baixa de uma montanha uma ... casa cheia de individuos dos dois sexos, uns mor... outros morrendo de fome. Mais de trinta d'estes indi... tinham succumbido, e junto dos seus cadaveres ja... ainda umas quinze mulheres e um só homem; mas ...fracos, que nada poderam engulir da escassa nutrição ... se lhes offereceu. Os mais novos foram os primeiros ... tinham morrido, não existindo creança alguma com vida. ... seus corpos pareciam não ter emagrecido; sómente os ...sculos da face se achavam encrispados por tal sorte, que

todos estes cadaveres pareciam estar-se sorrindo: este espe-
ctaculo tornou-se pavoroso, alem de toda a imaginação.
O homem testemunhou o desejo de viver; as mulheres,
apesar do seu angustioso estado, tinham ainda assim arran-
jado com cuidado e decencia o vestuario d'aquellas que já
não existiam». A parte do paiz que tinha sido occupada pelos
francezes apresentava o mais lastimoso estado: todas as po-
voações se achavam saqueadas e desertas, tendo sido mui-
tas das suas casas incendiadas. Os poucos habitantes que ao
caminho se íam encontrar com o exercito luso-britannico,
homens, mulheres e creanças, apresentavam o mais desgra-
çado aspecto, vendo-se todos elles famintos, cobertos de far-
rapos, e parecendo alguns terem perdido a rasão. Pessoas
entre esta gente se divisavam que pelos seus vestidos, posto
que em pessimo estado, pareciam ter sido abastadas. A pre-
sença d'estes infelizes causava a todos os que os viam o mais
extremo dó: os soldados e officiaes do exercito alliado pro-
curavam soccorre-los, partilhando com elles das suas escas-
sas rações, que elles comiam com toda a avidez da fome. De
tudo isto dão irrefragavel testemunho, não só os escriptores
portuguezes contemporaneos, mas igualmente as obras dos
auctores militares inglezes e francezes que fizeram tão me-
moravel campanha.

Emquanto que uma parte do exercito luso-britannico se
achava occupada na perseguição dos francezes, a terceira e
a quinta divisão saíram logo no dia 6 das linhas, marchando
sobre Leiria: os barcos, que se tinham reunido em Abran-
tes, desceram pelo rio abaixo até Tancos, onde se estabele-
ceu uma ponte. A segunda e quarta divisão com alguns caval-
los tiveram ordem de voltar para Thomar, a fim de parti-
rem d'ali para o Alemtejo em soccorro da praça de Badajoz.
Beresford, que com uma parte do seu corpo, ficára perto da
Barquinha, havia com as mesmas vistas mandado já uma bri-
gada de cavallaria para Portalegre. Tivera isto logar na ma-
nhã do dia 9, quando o inimigo, em logar de continuar a sua
retirada, concentrou o sexto e oitavo corpo, com a cavallaria
de Montbrun, sobre uma planicie, que está para aquem da

mbal. Tendo havido algumas escaramuças na frente, lor
lington não pôde preparar-se definitivamente para atacar
inimigo antes do dia 11, que verdadeiramente se tornou o
meiro da perseguição que mais seriamente lhe começou a
r. No meio das grandes difficuldades que o rodeavam,
que o marechal Massena se mostrou n'esta retirada um
e intelligente capitão. Desde o dia 5 de março até ao
11 tinha elle reunido em frente de Pombal as tropas do
o, oitavo e nono corpo, bem como a cavallaria de Mont-
, com destino a combater os alliados, havendo executado
nte sete dias uma operação de guerra das mais difficeis,
ando sobre o seu adversario tres para quatro dias de
rcha, e organisando completamente a sua retirada. Foi
no dia 11 que a primeira, terceira, quarta e sexta divi-
de infanteria, a divisão ligeira, a brigada portugueza de
16 com caçadores n.º 4, commandada pelo general Pack,
oda a cavallaria britannica, se reuniram com o fim de per-
uirem o inimigo, o qual já tinha começado a retirar-se da
posição durante a noite da vespera, sendo seguido pela
visão ligeira dos alliados, pelos hussards, dragões reaes, e
itada brigada portugueza do general Pack, tudo debaixo do
mmando do major general Sir W. Erskine, e do major ge-
ral Slade: apesar dos esforços que os francezes fizeram
ra manterem o antigo castello da villa de Pombal, foram
elle desalojados; mas o sexto corpo, e a cavallaria do ge-
ral Montbrun, que formavam a retaguarda do exercito fran-
, como já notámos, apoiados no oitavo corpo, sustentaram
m tenacidade o campo da banda de lá da villa, não tendo
tropas alliadas chegado a tempo para completarem as dis-
sições do ataque antes que anoitecesse, o que de certo acon-
ceria, pois foi constante que a cavallaria franceza, que tanto
ado mettêra no principio da campanha, se mostrou pouco
posta a batalhar, circumstancia que talvez proviesse do es-
do de ruina em que se achava[1]. Foi n'esta occasião que

[1] Os corpos portuguezes que entraram no combate de Pombal foram
infanteria n.º 1 e 16; caçadores 1, 3 e 4, e leal legião lusitana, sendo o

muito se distinguiu o batalhão portuguez de caçadores n.º commandado pelo seu bravo tenente coronel, Jorge Elde distincto, como sempre se mostrou, em todas as acções combates a que assistiu.

Durante a noite de 11 para 12 o inimigo continuou a reti rar-se; mas na manhã de 12 o sexto corpo, com a cavallari do general Montbrun, tomaram uma forte posição na saída de um desfiladeiro, situado entre o Pombal e a Redinha, col locando a sua direita em um pinhal, servindo-lhe como de fosso o rio de Soure; a sua esquerda estendia-se para a banda dos terrenos montuosos, que estão por cima do rio que passa na Redinha, ficando-lhes esta villa pela sua retaguarda. Foi por aquelle mesmo tempo que o general Drouet, retido con tra a sua vontade em Portugal, pelo differente destino que Napoleão lhe tinha dado em Hespanha, formalmente declarou a Massena, quando o pretendia demorar em Pombal, com as vistas de tomar parte na batalha, que effectivamente ali pre tendeu dar aos alliados, que estava firmemente decidido a deixa-lo, quer elle quizesse, quer não. A scena entre Drouet e Massena foi bastante violenta, intervindo n'ella o marecha Ney; e posto que de similhante batalha se desistisse, nem po isso deixou de se manter firme a conservação do terreno a do castello da villa, obrigando assim lord Wellington a s preparar para um ataque, como já acima se viu. Mas com por outro lado as estradas se achassem obstruidas pela art lheria e bagagens, necessario foi fazer alto na Redinha, e ace tar ali um combate de retaguarda para proteger a marcha d uma e outra cousa, e desembaraçar o movimento das colun nas. Tal foi a rasão da posição, que os francezes tomaram sob o desfiladeiro que está entre Pombal e a Redinha. Esta pos ção foi atacada pela terceira e quarta divisão do exercito lus britannico, bem como pela divisão ligeira, a brigada portu gueza do general Pack, e a cavallaria britannica, ficando to das as mais tropas de reserva. Este combate tornou-se ba

total da sua força 4:243 homens, tendo de perda 11 soldados mortos, official e 19 soldados feridos, e 1 soldado extraviado.

tante renhido. Os postos da direita e esquerda dos francezes foram seriamente atacados, sendo o inimigo obrigado a retirar-se finalmente, com perda de bastantes mortos, feridos e prisioneiros: n'este ataque muito se distinguiram os batalhões de caçadores portuguezes n.º 1, 3 e 4. A placidez e talentos militares do marechal Ney adquiriram por aquella occasião um novo e bem merecido realce, confirmando-se assim o juizo que desde o dia de Amskerdof adquirira de ser n dos mais habeis generaes da guarda da retaguarda que ır então tinha a França, por ser n'aquelle dia que pela primeira vez desenvolveu o seu profundo conhecimento na arte s retiradas. Tambem não foi pouco notavel a bravura com ıe combateu o sexto corpo do exercito francez do seu commando, tirando elle Ney por immediato resultado da sua intrepidez o ser desde então por diante constantemente respeitado por lord Wellington, que se eximiu a travar com elle ma serie de combates parciaes, que sem duvida alguma teriam tido logar com qualquer outro chefe menos considerado pelo general inglez [1].

A ponte, que fica na estrada, logoque se passa a Redinha, para quem de Lisboa se dirige para Coimbra, e as respectivas passagens da ribeira d'aquella villa, eram defendidas pela artilheria franceza, sendo necessario a lord Wellington reunir tropas para poder fazer novas disposições de ataque sobre as alturas, que o inimigo lhe ia assim em boa ordem lenta e successivamente abandonando. Antes da retirada do exercito francez da Redinha para Condeixa, o marechal Massena tinha ordenado a Drouet que fizesse duas marchas forçadas até á ponte da Murcella, a fim de tomar esta importante posição, antes que os alliados destacassem de Coimbra alguma força, que n'aquelle ponto fosse defender as passagens do Alva, e que embaraçassem a marcha do exercito, cousa que facilmente

[1] Os corpos portuguezes que entraram no combate da Redinha foram cavallaria 4 e 10; infanteria 1, 2, 3, 6, 9, 11, 15, 16, 18, 21 e 23; caçadores 1, 3, 4 e 6, sendo o total da sua força 14:572 homens, tendo perda 11 soldados mortos, 3 officiaes e 23 soldados feridos, e mais soldados extraviados.

podiam fazer-lhe pela fortaleza da posição. Drouet cumpr
pela sua parte a ordem que se lhe tinha dado, continuand
o marechal Massena a sua marcha retrograda, dirigindo-
para Condeixa, á excepção do segundo corpo, que se acha
no Espinhal. O momento era realmente critico para o referid
marechal; por trás de si tinha elle os desfiladeiros de Co
deixa, que conduzem a Coimbra, á direita os de Miranda d
Corvo, que vão á ponte da Murcella; Ney occupava na fo
quilha d'estes dois caminhos uma forte cadeia de altura
defendidas por um charco, não sendo possivel a approxima
ção d'esta posição senão por uma estrada, que seguia pel
sua direita, através de uma profunda ravina. Alem d'isto ti
nham-se cortado arvores para obstruir a passagem, con
struido uma paliçada através da dita ravina, e de cada um
dos seus lados levantado parapeitos. Era ali que Massena es
perava demorar a incommoda perseguição, que os alliado
tão seriamente lhe tinham começado a fazer, emquanto Mont
brun buscava assenhorear-se de Coimbra, pois Massena, com
já dissemos, projectava passar o Mondego, dirigir-se ao Port
e ali conservar-se n'uma posição entre o Douro e o mesm
Mondego, até que as activas operações de Soult chamasse
contra si o exercito luso-britannico, ou que a chegada d
Bessieres com o exercito do norte lhe permittissem retoma
a offensiva. Foi portanto em Condeixa que Massena suste
tou um novo combate com os alliados, a quem aliás não pód
demorar a marcha[1]. Até aqui é inquestionavel que Masse
tinha desenvolvido mais habilidade na sua retirada do qu
lord Wellington na perseguição que lhe fazia; mas da Redi
nha por diante foi o mesmo lord Wellington o que mostro
superioridade sobre Massena, por se considerar desde entã
bastante forte para o perseguir, o que até ali lhe não suc
cedia. Durante a sua estada em Thomar havia lord Wellingto
ordenado ao general Bacellar que vigiasse sobre a seguranç

[1] Os corpos portuguezes que entraram no combate de Condeixa fo
ram infanteria n.os 1, 3, 9, 15 e 21; caçadores n.os 1, 3 e 4; sendo o to
tal da sua força 5:849 homens, tendo de perda 2 officiaes, e 2 soldado
feridos, e 1 official extraviado.

...rto, e aos coroneis Wilson e Trant que abandonassem ...dego e o Vouga, logoque estes dois rios se tornassem ...veis, devendo-se em tal caso retirar para alem do Dou... ...struir os caminhos durante a sua marcha, e levar com... ...dos os barcos que encontrassem, ou então queima-los, ... não podessem levar.

...lson tinha-se posto em marcha para o Vouga ao tempo ...que já acima fallámos; mas Trant, que tinha mandado al... ...um arco da ponte de Coimbra, da parte da cidade, e ha... ...guarnecido de tropas todos os vaus do Mondego até á ...eira, tomára a resolução de se oppor á passagem do ini...go; os seus posos avançados tinham ouvido o estrondo ...artilheria, disparada nos campos da Redinha; o rio en...chava com as aguas, e um certo presentimento lhe dizia, ... o exercito lusobritannico vinha em perseguição do ini...go pela sua retaguarda. O mesmo Trant mandára recolher ...ra Coimbra e para o norte do Mondego todos os habitantes ... Miranda do Corvo, Louzã e suas vizinhanças até ao Alva, ...m todos os seus effeitos, tanto para impedir que fossem ...victimas da barbaridade franceza na sua retirada, como para ...vitar que o inimigo encontrasse subsistencias na sua passa...gem. Em março já esta gente emigrada havia entrado em ...Coimbra em grande numero, destinando-se-lhe para sua ha...bitação as casas que estavam devolutas. No dia 10 do dito ...mez de março apparecera já alguns francezes nas alturas ...do monte da Esperança, em cuja encosta se acha construido ...o novo convento das freiras e Santa Clara, na margem es...querda do Mondego, havendo já algum fogo entre elles e a ...gente armada de Coimbra. Isto era já o effeito da approxima...ção do general Montbrun, que de Condeixa fôra mandado re...conhecer aquella cidade, attenta a reluctancia da cavallaria ...de que dispunha para entrar em batalha. Este general foi ...pois com a referida arma do seu commando, e algumas com...panhias de exploradores, e duas peças de artilheria, direito ...á Cruz dos Moroiços, onde tomou posição, mandando avan...çadas até ao citado convento de Santa Clara. Os explorado...res deviam sondar os vaus e reconhecer as forças que exis-

tiam na cidade. Com este fim appareceram os francezes no dia 11 de tarde no Campo de Santa Clara a Velha, indo um destacamento de dragões tentar a passagem do rio Mondego no vau de Pereira, o que não conseguiu.

Durante a tarde do dia 12, em que teve logar o combate da Redinha, fez-se da parte de Coimbra um vivo fogo contra o inimigo, fogo que durou até á madrugada do dia 13, mas sem objecto algum, nem alvo certo, a que se seguiu um silencio, que contrastava com a actividade do fogo anterior. Era isto o effeito da ordem que tinha dado o coronel Trant, para se evacuar a cidade, e elle mesmo se havia posto em marcha para o rio Vouga na noite de 12 para 13, por se não julgar em estado de resistir ao exercito inimigo, levando comsigo a sua divisão de milicias, que andava por uns 3:000 homens, pouco mais ou menos. Alem disto o coronel Wilson, que na confluente do Alva com o Mondego se achava tambem postado com um troço de 1:200 homens, para impedir as incursões, que os forrageadores francezes costumavam ir fazer ás margens do Mondego, igualmente se retirou para o Vouga. O mesmo Trant havia ainda assim deixado em Coimbra um pequeno destacamento de artilheria para defeza da ponte, alem do reforço de uma pequena guarda de milicias. Seriam oito horas da manhã do dia 13 quando na cortadura da ponte se apresentou um parlamentario francez com uma carta do general Montbrun para o general governador de Coimbra, requerendo-lhe a entrega da cidade, com a promessa de não fazer hostilidade alguma, quando similhante entrega lhe fosse pacificamente feita. No referido dia 13 já as tropas alliadas entravam na E[illegible] e em Condeixa, não dando isto logar a que os francezes podessem por muito tempo parar na esquerda do Mondego, cousas que aliás se ignoravam em Coimbra. Entretanto respondia o sargento, commandante do destacamento da artilheria, que ficára na cidade, José Augusto Correia Leal, que o seu general se achava por aquella occasião fóra de Coimbra, por ter ido examinar um ponto de observação, d'onde não podia voltar senão no seguinte dia (14 do mez), sendo sómente então que officialmente se podia

ı decisiva resposta sobre tão importante assumpto;
ȝ se no entanto elles francezes quizessem forçar a
ão o fariam impunemente, por ter ordem de a fazer
s ares, quando tal circumstancia se desse.
do se crê, parece que o general Montbrun se persua-
os reforços inglezes, chegados ao Tejo nos primeiros
narço, haviam sido mandados por mar para o norte
sendo por elles que Coimbra se achava por então
a. Como quer que seja certo é que elle fez o seu re-
Massena com tal força de colorido imaginativo, no
eita á resistencia da guarnição de Coimbra, que o
promptamente desistiu de atravessar o Mondego
ȝ d'aquella cidade, decidindo-se a passa-lo na ponte
lla[1]. Para se assegurar portanto d'esta mudança de
conservar igualmente as suas communicações com
Reynier, o mesmo Massena mandára a divisão Clau-

entes são as rasões que os francezes dão para justificar a sua
ação de Coimbra. O general Pelet diz que Massena não deve
) responsavel. «O marechal Ney, acrescenta elle, tinha ordem
ia 10 de março para fazer marchar n'aquella direcção a bri-
ognet, que se achava retardada, ao passo que pela sua parte
Montbrun, em vez de ir pessoalmente a Coimbra, mandou lá
us officiaes, cujo relatorio foi: *que só com alguma infanteria
assenhorear da ponte*».
ı, na carta que dirigiu a Berthier em 19 de março, justificando
ı da sua linha de retirada, diz-lhe que o Mondego ia cheio de
a ponte de Coimbra estava arruinada, que a margem direita
io se achava occupada pelas tropas de Trant e Silveira, e de-
ır artilheria! Que portanto eram precisos muitos dias para
passagem, e que durante esse tempo o exercito teria contra
los pela retaguarda.
inação póde muito, particularmente em occasiões de terror.
et attribue a Massena o projecto de se querer apoderar de
ara se estabelecer sobre o Mondego, demorando-se ali até que
em os reforços pedidos para Paris. Sendo isto assim, censu-
lo ter mandado occupar aquella cidade antes de ter effeituado
ıda, poisque no momento de a fazer *Coimbra se achava por*
ada por um corpo de 20:000 a 30:000 alliados! Foi isto, se-
o que embaraçou a realisação do projecto de Massena, tendo
de seguir para a ponte da Murcella.

sel para Fonte Coberta, povoação situada a uma legua e tre quartos distante da sua direita, e na juncção do caminho que de Ancião vem para Coimbra e ponte da Murcella. Foi lá que Loison se lhe reuniu, e como tinha por principal ponto de apoio a serra de Ancião, que lhe cobria a linha de communicação com o segundo corpo, o qual continuava com a sua marcha pela estrada do Espinhal, ao mesmo tempo que Ney se conservava em Condeixa, julgou a sua posição sufficientemente boa. Mas os alliados, avançando sobre Ney, notaram que o inimigo fazia desfilar as suas bagagens pela estrada da ponte da Murcella, e lord Wellington, comprehendendo desde logo a rasão d'isto, destacou a terceira divisão por um caminho muito escarpado para a serra de Ancião, a fim de tornear a direita do inimigo por uma marcha de flanco contra elle. De Coimbra via-se desfilar a tropa franceza pela estrada da Copeira para Miranda do Corvo, sem nada mais se saber. Pelas dez horas da noite chegou um official inglez defronte da ponte, e tendo primeiro sido reconhecido, lançou-se depois uma prancha sobre a cortadura para a poder passar. Feito isto, redigiu logo um officio para o coronel Trant, que ás sete horas da manhã do dia 14 se foi já encontrar nas margens do rio Vouga: retrocedeu immediatamente, e tomando a estrada do Bussaco, marchou de lá para a Beira Alta a unir-se aos outros corpos de milicias, que por aquellas paragens se achavam postados, fazendo rosto ao inimigo. Aberta por este modo a communicação com Coimbra, para ella affluiu desde logo grande quantidade de individuos, e muitas mulheres, tanto inglezas, como portuguezas, para agenciarem viveres e os conduzirem para o exercito.

É justo notar-se n'este logar a leal conducta dos habitantes de Coimbra por aquella occasião, pois não appareceu entre elles um só individuo, que nos perigosos dias 12 e 13 de março fosse dar parte aos francezes do estado de abandono em que aquella cidade se via, dando-se tambem com isto a fortuna da mesma guarda de milicias se não sobresaltar na presença das columnas inimigas. Trant, com a sua brava divisão miliciana, buscou desde então approximar-se da mai

reita do Mondego, ou para caír sobre o centro do exer-
Massena, ou para ataca-lo no seu flanco esquerdo, ao
ue lord Wellington o buscava perseguir pelo direito e
rda. Emquanto para este fim elle destacava para a serra
ão a terceira divisão, do commando do general Picton,
eria ligeira e a cavallaria britannica caíam em Con-
bre o grosso do exercito inimigo. Entretanto Mas-
ebia uma parte do general Drouet, annunciando-lhe
da ponte da Murcella, e que tendo achado esta mes-
e cortada, havia feito passar n'um vau uma parte do
po para se assegurar das duas margens, emquanto
rios se empregavam em fazer as precisas reparações,
ficando a dita ponte. Esta noticia foi muito agradavel
na, que a este tempo já não desejava outra cousa se-
rar-se o mais depressa possivel, renunciando comple-
ao plano que concebêra de ir tomar posição entre o
o e o Douro, na conformidade do aviso que mandára
parte, tendo-lhe para este fim expedido por segunda
neral Foy, visto terem os alliados determinado pele-
ra elle decididamente. Foram estas as rasões que
m a ordenar, que todo o exercito seguisse a estrada
nda do Corvo. A retaguarda, que a esse tempo se es-
tendo vigorosamente em Condeixa, começou logo a
se, deixando igualmente o quartel general aquella
villa, que Massena mandou incendiar, como já tinha
Alcobaça, Leiria, Pombal e Redinha, sómente com as
le demorar a passagem aos alliados. Por este motivo
al Montbrun ficava descoberto em frente de Coimbra,
prevenir da nova marcha, que o exercito seguia, lhe
aviso, ordenando-lhe que se retirasse sobre Fonte
, sem perder tempo. Montbrun, que pela sua parte
varios destacamentos sobre a margem esquerda do
o, não esperou que se lhe reunissem, começando logo
tirada, de que resultou caírem alguns dos ditos des-
tos nas mãos das tropas alliadas.
ndeixa o sexto e oitavo corpo retiraram para o Casal
stabelecendo Massena o seu quartel general em Fonte

divisão de Ney, circumstancia que obrigou este
tirar-se apressado mais para diante, movimen
quartel general e a divisão Loison ficaram a
Fonte Coberta, e em perigo de caírem nas mão
por lhes não ter mandado o marechal Ney avis
milhante movimento. Desde então Massena per
isto tinha sido executado por Ney muito de pr
fazer caír a elle, e ao seu quartel general, nas
Wellington, o que podia bem ser verdade, atten
crescente, e os manifestos actos de hostilidade
que de um para outro dia se manifestavam,
graves e vehementes, entre os dois marechaes.
cezes só podiam ser desalojados da sua posi
Novo unicamente por movimentos de flanco, lo
fez mover a sua quarta divisão, commandada
Cole, sobre a villa de Penella, para segurar a
rio Eça, e a communicação com o Espinhal,
logar o major general Nightingale havia estad
14 de observação aos movimentos que fazia o s
francez, emquanto que a divisão ligeira e a b
gueza do general Pack, commandada toda esta f
jor general sir William Erskine, flanqueavam a
migo, e o major general Alexandre Campbell
divisão apoiava as tropas ligeiras, pelas quaes
migo era atacado pela sua frente, sendo-o ao
pela sua esquerda pela divisão do general Pic

ontanhas successivamente por elle, sendo o sexto e oi-
orpo dos francezes repellidos sobre Miranda do Corvo
Eça, com consideravel perda de mortos, feridos e pri-
ros.
de então a confusão espalhou-se no campo dos inimi-
endo n'esta occasião que o marechal Massena se viu em
Coberta effectivamente em perigo de ser agarrado com
seu estado maior por uma partida de cavallaria, quando
itecer do mesmo dia 14 se dispunha para jantar; e como
lla povoação não havia mais que um destacamento de
mes, que fugiu, Massena, assim como o seu estado
e varios generaes que o seguiam, saíram pela parte
t das casas, indo unir-se á divisão do general Loison,
achava em posição a pequena distancia, abandonando
até mesmo o jantar, que n'este dia foi nullo; mas os
s não se aproveitaram da comida abandonada, porque
eram mais do que entrar na aldeia, e d'ella saírem a
galope, acutilando quantos inimigos encontravam, em
mero se disse entrára um ajudante de campo de Mas-
Loison mandou logo um batalhão para expulsar os al-
da povoação; mas estes já pela sua parte a tinham eva-
Não obstante isso Massena não voltou mais a ella,
acampar na retaguarda do sexto corpo. Vendo Rey-
urante este dia 14, que a quarta divisão dos alliados
pproximando d'elle rapidamente, abandonou Penella a
pressa, ao passo que o general Cole, tendo effeituado
uncção com Nightingale, passou o Eça. Massena, te-
que estes dois generaes lhe alcançassem a retaguarda
rcito, poz fogo á villa de Miranda do Corvo, e passou
n'esta mesma noite. Todo o exercito francez se achava
o inteiramente restricto a uma unica linha entre as
rras d'aquellas paragens e o Mondego: para tornar
l a sua marcha, encravou-se uma grande quantidade
de artilheria, e inutilisaram-se cavallos, munições e
s. Como se nada d'isto bastasse, a confusão cresceu
nto tal, que Massena mandou cobrir a passagem pelo
al Ney com alguns dos seus batalhões, ordenando-lhe

Tendo-se o general Cole reunido effectivamente com Nightingale na tarde do dia 14, como já vimos, e senhores como os alliados se achavam do Espinhal, circumstancia com que tambem se reunia o terem passado o Eça, facil lhes era forçar a posição que o marechal Ney teimosamente occupava, contra as ordens de Massena, em Miranda do Corvo. Finalmente reconhecendo isto mesmo o proprio Ney, effeituou elle então a sua retirada, sem ser perseguido pelos alliados, e descendo a montanha que está por traz de Miranda do Corvo, foi tomar uma nova e não menos respeitavel posição na margem do rio Ceira, postando um corpo da vanguarda em face de Foz de Arouce. A contestação entre os marechaes Ney e Massena tinha sido muito séria: n'ella se haviam reciprocamente jogado um ao outro ditos insultuosos e indignos do caracter que representavam, sendo tudo proveniente das queixas feitas pelo marechal Ney contra a lentidão da marcha da columna, lentidão que elle attribuia á immensa quantidade de carros e caleças de particulares, e a um sem numero de bestas de carga que conduziam os roubos, que seus donos tinham feito nas diversas cidades e villas de Portugal por onde tinham passado. O mesmo Ney quiz então pôr termo a uma tamanha desordem, e na noite de 13 para 14 um batalhão do seu corpo foi tomar a frente da columna, com ordem de se ir postar em Foz de Arouce, e não deixar passar para alem da ponte mais do que a artilheria e os caixões carregados de munições, devendo queimar todos os que fossem vasios, assim como os carros cobertos, carroções e caleças dos particulares, devendo a par d'isto cortar os curvilhões a todas as bestas de carga. Os primeiros carros cobertos, carroções e caleças que chegaram á ponte foram os de Massena, por formarem a testa das equipagens, de que resultou manda-los o chefe do batalhão para um campo que estava ao lado da estrada para se lhes lançar o fogo. Um official que os acompanhava oppoz-se a esta ordem, indo dar parte a Massena, que ficou surprehendido do successo; mas vindo informar-se de quem era a ordem, e sabendo que era de Ney, retirou-se, sem se atrever a contramanda-la, limitando-se

mas a fazer passar um carroção e dois carros cobertos
, deixando queimar o resto e executar a ordem restricta-
te.

lem do exposto motivo de desavença, um outro houve
menos ponderoso. Era innegavel que os talentos militares
marechal Ney tinham consideravelmente brilhado n'esta
da. Aproveitando-se com habilidade das vantagens que
ira depois do combate da Redinha, elle se retirou
o seu corpo por *escalão,* cobrindo a retaguarda do exer-
e disputando passo a passo o terreno aos alliados até á
ão de Miranda do Corvo, sempre com o maior sangue
e presença de espirito. Ney tinha até ali sustentado todo
o do exercito luso-britannico sómente com as duas divi-
Marchand e Mermet; mas chegando a Miranda do Cor-
não se julgou seguro sómente com ellas, e por essa causa
u o reforço da divisão Loison, que tambem pertencia ao
o corpo, mas que desde longo tempo se achava desta-
a d'elle. Havendo porém recusa na satisfação d'esta exi-
cia, aliás justa, foi um novo motivo de contestação, d'onde
ultou a teima de Ney em se conservar em Miranda do
rvo contra as ordens de Massena. Retirado á Foz de Arou-
, e postando-se n'uma e n'outra margem do rio Ceira, ali
ntou elle Ney renovar na manhã de 15 de março um com-
e igual ao da Redinha, dispondo para este fim uma parte
sua infanteria e uma brigada de cavallaria, reforçadas
m alguma artilheria, convenientemente postadas. Uma
sa nevoa, que na citada manhã de 15 durou até ao alto
, tolheu por muito tempo aos alliados a vista dos france-
, sendo sómente ao desfazer da nevoa que elles os viram
mados sobre a direita do Ceira, tendo uma avançada em
z de Arouce na esquerda. Os alliados de prompto acom-
tteram esta avançada pelos seus dois flancos e centro.
combate que ali teve logar tornou-se desde então vivo e
carniçado, durando até mesmo pela noite dentro. Eram já
ve horas da noite quando o general Lamote ordenou de
u motu proprio que um posto avançado passasse o rio
ra a margem direita. Perdendo-se os soldados no caminho,

foram encontrar-se com um outro posto avançado francez, que fez fogo sobre o que se approximava. Este de prompto lhe respondeu, e em breve as tropas postadas nas duas margens travaram entre si uma dura peleja, e por modo tal, que querendo as da margem esquerda passar a ponte, não o poderam fazer sem perigo, vendo-se um regimento obrigado a tomar o partido de passar o rio a vau, de que resultou perder n'esta passagem um grande numero de soldados afogados, alguns officiaes e um guia, por saírem fóra do mesmo vau, pois o Ceira ía consideravelmente cheio de agua, em rasão das chuvas que tinham caído. Duas peças que estavam na margem esquerda foram abandonadas, fugindo os seus conductores com os cavallos, passando-se com elles para a margem direita. O engano d'este combate entre os francezes só acabou, quando um dos corpos combatentes, resolvendo-se a atacar o outro á bayoneta, reconheceu que não era de inimigos, na occasião em que fez o ataque. O general Lamote foi logo preso, e depois remettido para França, onde foi destituido e desgraçado[1].

A não ter sido o já citado nevoeiro, que na manhã do dia 15 obrigou lord Wellington a operar muito tarde com as

[1] Assim consta da *Relação da campanha de Massena em Portugal, escripta por um official que acompanhou o seu exercito,* publicada no *Investigador* de março e abril de 1813, pag. 57 e 210 do volume VI, *Relação* já atrás citada. O barão Fririon mostra bem a má fé do seu escripto historico, omittindo no seu *Jornal* esta importante circumstancia, de que elle mesmo nos dá ainda assim uma idéa escassa, quando diz: «Na Foz de Arouce ainda o exercito inglez não soube tirar partido da sua vantagem; elle atacou sem combinação e mollemente, bastando sómente o valor de uma brigada, *fuzilada pelos seus,* para o obrigar a se retirar precipitadamente». D'este e de outros mais factos resulta que tambem o *Jornal historico* do barão Fririon nos não merece credito como historia, e seria caso de pasmar ver um francez tão amante da verdade que a confessasse, particularmente entendendo que d'ella resultava algum desaire para a gloria da França. No combate de Foz de Arouce figuraram os corpos portuguezes de infanteria n.os 3, 9, 15 e 21, e caçadores n.os 1 e 3, todos elles na força de 4:361 homens, tendo de perda 6 soldados feridos.

s de que dispunha, o combate de Foz de Arouce seria
os francezes muito mais funesto do que lhes foi. Apesar
similhante combate tornou-se ainda assim de vantagem
s alliados, como se vê das duas partes officiaes que o
lord Wellington dirigiu a D. Miguel Pereira Forjaz,
tada da Louzã aos 16 de março, e outra de Villar
o aos 8 de maio. Na primeira começa elle dizendo:
m estes movimentos o effeito de forçarem o inimigo
donar a sua forte posição d'este lado do Ceira, soffren-
perda mui consideravel, ficando prisioneiro o coro-
regimento n.º 39... Tomaram as nossas tropas muitas
s e alguns carros de munições em Foz de Arouce».
nda das ditas partes exprime-se elle tambem pela se-
maneira: «Em consequencia pois da grande superio-
das forças inimigas, a que nos havemos n'esta occa-
pposto, v. ex.ª poderá julgar qual tem sido a conducta
ficiaes e tropas: os combates foram parciaes, porém
renhidos e severamente disputados. A nossa perda ha
grande; mas a do inimigo é mais avantajada; poisque só
gar de Fuentes deixou 400 mortos, alem de muitos
oneiros que lhe fizemos». D'aqui se vê pois que o exer-
alliado era inferior ao francez por occasião d'aquelle
bate; que este ultimo exercito não ficou senhor do cam-
m conservou as suas primeiras posições, porque no
e perdeu elle a posição alem do rio, e em Fuentes re-
se batido, sem poder introduzir soccorros alguns na
de Almeida. E todavia escriptores houve francezes que
ram de gloria para o seu exercito o combate de Foz de
e, o qual, como já dissemos, muito mais funesto lhe
a não ter havido o citado nevoeiro de que já fallámos[1].
tirarem-se do logar da peleja os francezes cortaram a
do Ceira, circumstancia que, reunida ao cansaço e á
de falta de viveres, experimentada pelas tropas alliadas,

[1] Assim se lê na relação que d'isto nos faz o livro intitulado *Cam-
de l'armée française en Portugal dans les années* 1810 *et* 1811,
mr. A. D. L. G. * * *

obrigou lord Wellington a dar-lhes descanso em Foz d
Arouce no dia 16 de março.

Pelo que se tem visto é um facto que lord Wellington p
uma serie de movimentos de flanco bem combinados, reun
dos com vigorosos ataques de frente, se tornou senhor d
todas as posições dos francezes; casos houve em que elle
força de armas lh'as obrigou a ceder, quasi sem opposiçã
ameaçando occupar os desfiladeiros, que tinham pela ret
guarda das suas columnas, sendo o combate de Foz d
Arouce o que mais prova a verdade do que dizemos, isto n
obstante as serias difficuldades com que lutou na sua pers
guição contra o exercito francez. Graves e bem graves fora
essas difficuldades, particularmente as que sobrevieram d
Pombal para diante, em que as tropas portuguezas se ach
vam por tal modo faltas de viveres, que quasi lhes foi imp
sivel continuar a marcha, perseguidas cruelmente pela fom
As brigadas commandadas por Pack e Ashworth, posto q
sempre debaixo de armas, e quotidianamente empregad
contra o inimigo, occasiões houve de não receberem pão d
rante quatro dias. Muitos soldados se viram que, extenuad
pela fome, caíram no chão durante a marcha, sendo prec
como meio de se obstar a maiores desgraças, que o exerc
inglez dividisse as suas provisões com o portuguez. Assim
comprova o proprio lord Wellington no despacho, que em
de março de 1811 dirigiu ao conde de Liverpool, dizend
lhe: «Vi-me obrigado a ordenar ao commissario geral ingl
que fornecesse viveres ás tropas portuguezas, para não m
rerem de fome. O resultado d'isto foi esgotarem-se os vive
res destinados ao exercito inglez, e sermos obrigados a de
morar-nos até que elles nos cheguem, o que hoje deverá t
logar, segundo espero». Ao ministro inglez em Lisbo
mr. Carlos Stuart, lhe dizia elle tambem a similhante re
peito, n'uma sua carta de 18 do citado mez de març
«A idéa favorita de alguns membros do governo é a de q
as tropas portuguezas só precisam de pouco alimento, p
dendo até mesmo passar inteiramente sem elle. *No num
das boas qualidades que ellas tem sobresáe particularment*

rtarem as privações com paciencia; mas não se póde com as obrigações de soldado sem comer. Tres ho- brigada do general Pack morreram de fome hon- caminho, e uns cento e cincoenta, pouco mais ou me- ram no chão de fraqueza, e d'este numero muitos em morrido por similhante causa».

o marechal Massena, tendo no dia anterior retirado a sua retaguarda, achava-se em posição na margem lo Alva, na ponte da Murcella, onde por alguns dias nanter-se, tomando para este fim as convenientes , collocando tropas em posição, e despedindo até um numero de forrageadores em procura de viveres. ellington não estava todavia disposto a dar o mais respiro ao seu adversario, cuja esquerda forçou no- or meio de um combate na serra de Santa Quiteria, o que com uma outra divisão o atacava tambem pela a serra da Murcella. Em consequencia d'estes ata- francezes deixaram o rio Alva, cuja ponte destrui- sando-se á serra da Moita, sem esperarem pelos for- es que tinham destacado do exercito, abandonando ıltima posição na noite do citado dia 18, para conti- com a maior rapidez possivel a sua retirada, vindo os forrageadores a caír depois prisioneiros nas mãos contrarios, quando tornavam para os *bivouacs,* aviam saído[1], o que foi devido a estarem já perto il as avançadas da direita dos alliados, tendo tam- s da sua esquerda passado o rio Alva. Tanto que os deixaram na citada noite de 18 a serra da Moita, a caminhar para a fronteira com a maior diligencia, ndo a destruir carros, artilheria e tudo mais que lhes tardar a sua marcha. No dia 19 juntou-se na Moita exercito alliado, chegando as suas avançadas a Pi- no dia 21, ao tempo em que as milicias de Trant e

rpos portuguezes que entraram no combate da ponte da Mur- infanteria n.os 1 e 16, e caçadores n.os 1, 3 e 4, na força to- 9 homens, sem no referido combate terem tido perda alguma.

de Wilson estavam tambem já em Fornos. Chegado com
áquellas paragens, lord Wellington recebeu varios despa
do seu governo, cheios de bem amargas recriminações
elle, motivadas pelas consideraveis despezas que exigia o
systema de guerra. Tão cheios de queixas e resentimentos
nham similhantes despachos, que se lhe antolharam como
nuncio do proximo chamamento do exercito para Inglate
Já durante a inactividade do referido exercito nas
posições do Cartaxo, posto de observação a Massena, alg
generaes distinctos, taes como Fane e Crawfurd, tinham
diversos pretextos partido para Inglaterra, onde fizeram
grande opposição aos partidistas de lord Wellington,
rando o ministerio (apertado por um numeroso partido,
contra si tinha na camara dos communs), a pôr termo
tão ruinosa guerra, cujo resultado olhavam por inteiram
duvidoso. Lord Wellington e seu irmão, o marquez de W
lesley, haviam combatido os citados officiaes pelo recurs
insinuações justas para com elles nos jornaes *torys*. Mas
sar d'isto lord Wellington conservava-se crente em ser
mado para o seu paiz, uma vez que os francezes se demo
sem por mais algum tempo em Portugal, de que res
que ao deixar a posição do Cartaxo, para se lançar na pe
guição dos francezes na sua retirada, ordenou o emba
das bagagens do exercito, renovando elle mesmo no di
de março esta ordem ao almirante Berkeley n'uma carta,
de Celorico da Beira lhe dirigiu n'aquella data, dizendo
«Como sei que os actuaes ministros se queixam das de
zas da guerra na peninsula, a ponto dos seus antago
declararem que elles retirarão d'aqui o exercito inglez,
dida para que a conducta do exercito hespanhol fornece
bom pretexto, julgo do meu dever não me achar despr
nido para obedecer a esta ordem, quando me for dada,
obedecer-lhe por modo que não exponha aos insultos da
pulaça de Lisboa o ministro do rei, eu mesmo, e aquelles
officiaes e subditos de Sua Magestade que aqui residem.
gundo este motivo, tenho resolvido que as bagagens dos
gimentos se conservem nos transportes, ou sejam para

embarcadas, e tenho por tanto ordenado aos commandantes dos regimentos que mandem cada um para Lisboa um official dos seus respectivos corpos para fazer este arranjo, destruindo as bagagens que se julgarem inuteis. Ficar-vos-hei obrigado, até que isto se faça, se destinardes um transporte que receba a bagagem de um, de dois, ou de tres batalhões, pertencentes á mesma divisão».

Ao conde de Liverpool respondeu elle tambem do logar de Santa Marinha na Beira, em despacho de 23 de março, dizendo-lhe a tal respeito o seguinte: «Sempre tenho sido de parecer que *era do interesse da Gran-Bretanha conservar em Portugal o maior exercito que podesse dispensar de quaesquer outros serviços,* e de que não precisava ter em Cadiz mais que 2:000 ou 2:500 homens, os quaes lhe não teriam custado um só shelling, alem da sua paga. A despeza feita em Cadiz, que não é cousa de bagatela, poisque se eleva de seis a nove milhões, é, segundo a mim, uma despeza inteiramente perdida, assim como o serviço das tropas, que seria bem differente d'aquelle que aqui prestariam, se aqui tivessem estado desde o começo do passado estio. Muito sentirei que o governo se veja obrigado a mandar evacuar este paiz, por causa da despeza que lhe occasiona a guerra. Segundo o que tenho visto dos projectos do governo francez, e dos sacrificios que faz para os executar, não duvido que, se o exercito inglez por uma qualquer rasão se retirar da peninsula, ficando por este facto o governo francez livre do embaraço que lhe causam as operações militares no continente, elle não recue diante dos perigos de desembarcar um exercito nas possessões de Sua Magestade. Será então que começará uma dispendiosa luta, e será tambem então que os subditos de Sua Magestade saberão quaes os males da guerra, e tudo o mais que elles, graças a Deus, presentemente não conhecem. Então a cultura das terras, a belleza e a prosperidade do nosso paiz, assim como o bem estar e a fortuna dos seus habitantes serão em tal caso destruidos, quaesquer que sejam os resultados das operações militares. Deus me defenda de presencear similhantes acontecimentos, e ainda menos

de desempenhar no meio d'elles qualquer papel! Espe
mente que o governo do rei tomará em grande conside
o que acima exponho a vossa senhoria; que assegurará
breve que poder a despeza a fazer com um certo nume
homens n'este paiz sobre o que lhe custariam em Ingla
ou em qualquer outra parte, e que porá aqui as suas
em tal pé, que assegure em todos os casos a posse do
sem precisar de transportes, quando elle não ponha o
mandante que aqui estiver em estado de se aproveita
acontecimentos, e de tomar a offensiva[1]».

Já se vê pois com que dissabores não teve lord Welli
de lutar no meio do feliz successo das suas operações
pulsão de Massena para fóra de Portugal, por occasião d
retirada. Depois que passára o Alva suspendeu elle a m
da totalidade do seu exercito por algum tempo, parec
lhe que só com a cavallaria e a divisão ligeira, suste
pela terceira e sexta divisão de infanteria e pelas m
portuguezas na direita do Mondego podia ultimar a p
guição do mesmo Massena para fóra do paiz. No seu co
não lhe eram por então necessarias maiores forças, n
falta de viveres comportava tambem o emprego de um
crescido numero. Effectivamente a habil manobra de
Wellington na ponte da Murcella fizera conceber ao ma

[1] Eis-aqui pois verificado o que já anteriormente dissemos n
posta a pag. 211 do capitulo III do presente volume, isto é, que a
terra nada mais fez que vir defender-se a si propria em Portugal
defender os naturaes d'este reino, conseguindo por similhante m
vrar-se dos males por que elles passaram e que lord Wellington
riormente enumera, males de que a nossa patria a livrou, forne
lhe tudo que para os seus fins lhe podia convir, tal como o seu e
e as recrutas para lhe preencher as vacaturas, a sua força naval,
arsenaes e praças de guerra, e até mesmo a influencia directa no s
prio governo por meio dos seus generaes e do seu ministro em l
dando-lhes n'elle assento, com sacrificio da propria honra e brio
nal! Que mais lhe podiamos fazer? E todavia como recompensou a
terra a Portugal similhantes sacrificios? Sanccionando, por um
com a França, a injusta desmembração do seu territorio, e dispon
usurpar-lhe alguns dos seus dominios ultramarinos! *Credite, post*

Ney a necessidade de quanto antes pôr o seu exercito ao abrigo das praças de Almeida e Cidade Rodrigo, para lhe dar descanso, abastece-lo, reorganisa-lo, e finalmente vesti-lo, e calça-lo, o que não podia fazer, seguindo a opinião de Massena, que desejando cumprir a promessa de não saír de Portugal, sem receber ordens de Napoleão, queria forçosamente manter-se n'este reino[1], e para este fim dirigir-se de Celorico para a cidade da Guarda, como elle Massena effectivamente praticou, tendo antes d'isso destituido para esse fim o marechal Ney do commando do sexto corpo, pela sua formal desobediencia para com elle, á vista do mesmo Ney ter ordenado que as suas tropas marchassem para a Cidade Rodrigo, em vez de as dirigir para a da Guarda, sendo em tal caso necessario, para isto se conseguir, dar o commando do sexto corpo ao general Loison, pelo facto de ser elle o mais antigo general de divisão. O segundo corpo, destinado a ir effectivamente tomar a posição da dita cidade da Guarda, segundo as ordens de Massena, marchou para aquelle fim por Gouveia, seguindo a estrada que passa atravez da serra com direcção á sobredita cidade, ao passo que o restante do exercito tomou pela estrada real, que se dirige a Celorico.

Dentro em pouco tempo reconheceu Massena o illusorio de todo o seu plano, quanto a manter-se na Guarda. As tropas luso-britannicas tinham ali chegado da serra da Moita no dia 28 de março. A divisão ligeira e a cavallaria passaram pela sua parte o Mondego em Celorico, e batendo os postos francezes em Freixedo, occuparam as povoações que para alem d'este ponto se acham. As milicias portuguezas dos coroneis Trant e Wilson foram-se estabelecer em Pinhel, e a terceira divisão em Porca de Misarella, a meia encosta da montanha, com o fim de proteger as pontes sobre o alto Mondego. Na manhã de 29 a terceira e a sexta divisão e a das tropas ligeiras com dois regimentos de cavallaria ligeira foram postas

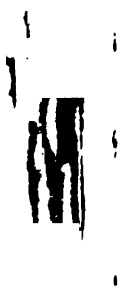
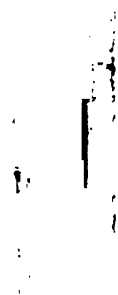
[1] *Se eu achar viveres, não deixarei as fronteiras da Hespanha e Portugal.* (Carta de Massena para Bessières, datada da Guarda aos 29 de março de 1811.)

em cinco columnas de ataque, formando
volta da raiz da montanha da Guarda, á
por outros tantos caminhos, que n'aquell
nar, flanqueando por este modo a esquer
migo. As referidas cinco columnas eram
lado pelas milicias portuguezas, já acima
tro pela quinta divisão, apoiando-lhes o
a setima, que vinham de Celorico. D'est
ças resultou ver-se o inimigo torneado
seguiu lançar-se n'uma grande confusão
dono de uma posição quasi inexpugnavel,
mar uma só escorva. Napier diz a este re
seguição contra elle fosse tão vigorosa e
posição para o ataque, difficultosa cousa
corpo o poder-se juntar a Massena. O c
da Guarda se dirigiu elle depois para o S
brir-se no dia 30 de março com os roch
reita do Côa, que lhe offereciam uma
onde todavia não foi mais feliz do que na

Era este rio a ultima barreira que P
inimigo no meio das circumstancias en
achava, poisque em toda a sua marcha
pre escolhendo posições a que se abrigass
mente fôra deixando, á proporção que se
fronteira. Chegado que portanto foi ás m
sena collocou em Rovina a sua direita,
corpo, tendo um destacamento na ponte
esquerda achava-se no Sabugal, e o seu
faiates [1]. Pela sua parte os alliados tinh
fronte do Sabugal e a sua esquerda na
rarias. As milicias dos coroneis Trant e
rigido para o Côa, approximando-se de A
vimos, para ameaçarem por ali de inter
cações d'aquella praça com a Cidade R
francez. É o rio Côa de profundo e diffi

[1] Veja na estampa n.º 10 a parte que n'ella

tro pela quinta divisão, apoiando-lhes o centro a
a setima, que vinham de Celorico. D'esta dispos
ças resultou ver-se o inimigo torneado na Guard
seguiu lançar-se n'uma grande confusão e precip
dono de uma posição quasi inexpugnavel, o que fe
mar uma só escorva. Napier diz a este respeito, q
seguição contra elle fosse tão vigorosa e energica
posição para o ataque, difficultosa cousa seria par
corpo o poder-se juntar a Massena. O certo é qu
da Guarda se dirigiu elle depois para o Sabugal,
brir-se no dia 30 de março com os rochedos da r
reita do Côa, que lhe offereciam uma excellen
onde todavia não foi mais feliz do que na anterior

Era este rio a ultima barreira que Portugal
inimigo no meio das circumstancias em que p
achava, poisque em toda a sua marcha retrogra
pre escolhendo posições a que se abrigasse, as qua
mente fôra deixando, á proporção que se ia appro
fronteira. Chegado que portanto foi ás margens d
sena collocou em Rovina a sua direita, formada
corpo, tendo um destacamento na ponte de Ferra
esquerda achava-se no Sabugal, e o seu oitavo co
faiates [1]. Pela sua parte os alliados tinham a sua
fronte do Sabugal e a sua esquerda na citada po
rarias. As milicias dos coroneis Trant e Wilson ti
rigido para o Côa, approximando-se de Almeida,
vimos, para ameaçarem por ali de interrupção as

ndo o seu curso, e a posição que o inimigo n'elle occupava muito forte, não se podendo chegar a ella senão pela sua querda. Foi na manhã do dia 3 de abril que lord Wellington poz em movimento as tropas do seu commando, destinadas a tornearem a dita esquerda acima do Sabugal, e a forçarem a passagem da ponte d'esta villa, postando-se a sexta divisão defronte do sexto corpo, que se achava em Rovina, ao passo que um batalhão da setima divisão observava o destacamento inimigo, postado na ponte de Ferrarias. O segundo corpo francez achava-se n'uma forte posição, por trás Sabugal, apoiando a sua direita n'uma altura immediata ra alem da villa e da sua respectiva ponte, e estendendo a a esquerda para a estrada de Alfaiates até umas alturas, e dominavam todas as approximações da villa do Sabugal de os vaus do Côa acima d'esta villa. O segundo corpo ntinha a sua communicação por meio de Rendo com o to, postado em Rovina.

Por parte do exercito alliado a divisão ligeira foi destinada a near a esquerda d'este corpo, devendo a cavallaria passar Côa em differentes vaus sobre a direita, commandada pelos ijores generaes Erskine e Slade. A brigada do coronel ckwith, pertencente á divisão ligeira, foi a primeira que ssou o Côa com dois esquadrões de cavallaria sobre a sua reita. Tinham já sido repellidos os piquetes do inimigo, uando sobreveiu um denso nevoeiro, que depois se transformou em pesada chuva, circumstancia que paralysou as perações a um ponto tal, que impediu a vista da brigada, a impossibilitou de poder perceber o risco em que se achava. Ao aclarar a atmosphera foi quando reconheceu que ia sobre a esquerda do grosso do inimigo, o qual tambem só então viu as poucas forças que o pretendiam envolver. Com violencia caíu então Reynier sobre a brigada de Beckwith, o qual se não acobardou, antes recebeu o inimigo com tal esforço, que no primeiro ataque lhe ganhou logo um obuz. Recuou comtudo para melhor posição, decidido a não abandonar o campo. Tres vezes avançou sobre os contrarios, sendo repellido por outras tantas; mas quando os francezes se dis-

proprias ordenanças prestaram tambem bom serviço, sendo algumas d'ellas empregadas dentro das linhas e outras fóra d'ellas, pois como já se viu o bravo coronel Grant com 80 homens das ordenanças de Alpedrinha com grande vantagem operou contra as escoltas dos correios de Massena, por elle mandados a Napoleão, a ponto da mesma escolta do general Foy ser por elle acommettida em Enxabarda, á entrada da Estrada Nova da parte do Fundão, causando-lhe, quando voltava de França, a consideravel perda que já referimos.

É portanto um facto que toda a nação portugueza mais ou menos directamente tomou parte n'esta terceira expulsão dos francezes para fóra do reino, facto memoravel que á mesma nação foi officialmente communicado por uma proclamação de lord Wellington, dizendo-lhe que o inimigo tinha abandonado o paiz, depois de experimentar grandes perdas, retirando-se para alem do Agueda: «O seu objecto fôra em 1807 a sua sêde insaciavel de roubo, lhe acrescentava elle mais, bem como o desejo de perturbar a tranquillidade, e o de se assenhorear das riquezas de um povo, que desde meio seculo gosava da paz. Este mesmo desejo foi causa da invasão das provincias septentrionaes de Portugal em 1809, e a mesma sêde de roubo determinou ainda a invasão de 1810, felizmente repellida por agora. O marechal general appella para a experiencia d'aquelles que têem sido testemunhas da conducta do exercito francez durante estas tres invasões, para dizerem se elle teve outra cousa em vista, que não fosse o confisco, o roubo e as affrontas, desde o general até ao simples soldado. As terras que lhe têem estado sujeitas não foram por elle mais bem tratadas que as que lhe têem resistido. Os habitantes das provincias têem perdido tudo que possuiam, as suas familias têem sido deshonradas, as suas leis violadas, a sua religião destruida, acrescendo sobre tudo isto terem-se elles privado da honra d'esta corajosa resistencia contra o oppressor, de que o povo portuguez deu um tão feliz e notavel exemplo[1]».

[1] Veja o documento n.º 100.

emquanto muitos d'estes se haviam recolhido ás linhas
pital, e na sua defeza haviam sido empregados, muitos
s houve igualmente que pela retaguarda do inimigo
aram offensivamente, prestando com isto magnifico ser-
. Foram effectivamente as milicias do general Silveira e
os coroneis Trant, Wilson e brigadeiro Miller as tropas
o norte do reino tornaram supportavel a existencia do
rcito francez de Massena no coração do paiz, poisque a
serem as divisões milicianas do sobredito general e co-
eis, as forças de Drouet ter-se-íam seguramente apode-
o do Minho, Traz os Montes e Beira, d'onde em tal caso
íam todas as provisões necessarias para as tropas france-
s de Massena, de que resultaria mallograr-se a principal
se do plano de defeza, que lord Wellington tinha imaginado
ara Portugal, plano que sobre tudo pareceu assentar na falta
e provisões para a sustentação do exercito francez na Extre-
adura. Tambem igualmente cooperaram com muito bom
esultado para a retirada de Massena para fóra do reino os
feridos corpos de milicias nas suas respectivas operações,
ndo importante o serviço que prestaram não só na restau-
ção de Coimbra, onde fizeram 5:000 prisioneiros, mas
ualmente em impedir que Massena, ao retirar-se de Portu-
l, atravessasse o Mondego para aquella cidade. Quando no
a 22 de março as columnas francezas marcharam na direc-
ão de Pinhel, o general Bacellar estabelecia em Fornos de
lgodres o seu quartel general. Pela sua parte o coronel
rant ia-se igualmente dirigindo para as vizinhanças de Tran-
oso. O coronel Wilson, que occupava Figueiró, sabendo que
inimigo, com infanteria na força de 500 homens, e com o
egimento n.º 26 de cavallaria, passára o Mondego no vau da
erraria, ao encontro d'elle foi com as suas milicias, conse-
uindo bate-lo e persegui-lo até ao referido vau, causando-
e a perda de 7 mortos, 5 cavallos, 36 cavalgaduras e 4
ois, não tendo elle mais que 2 soldados feridos. A 29 de
arço a divisão de Trant occupava Granja e Ervas Tenras,
a do coronel Wilson Alverca e Avelãs da Ribeira. Final-
ente não deve esquecer-se que occasiões houve em que as

ximando-nos de Lisboa, devemos redobrar de rigor
N'uma sua circular, datada de Santarem, tomou elle
ainda mais severo: «Eu sei, disse elle, que os soldados
cados para procurarem viveres são arrastados aos mai
ditos excessos. Os habitantes que têem já fornecido t
subsistencias, que tinham em seu poder, e aquelles
a miseria impede de lh'as fornecer, são victimas da s
baridade. Vós não sabereis, sem estremecer, *que ell*
enforcado alguns d'estes desgraçados. A honra das ar
imperador e a generosidade do caracter francez se re
igualmente contra similhantes atrocidades. Se nos não
sarmos em as reprimir, bem depressa seremos banido
tre as nações civilisadas...» O incendio de Condeixa
nado pelo marechal Ney, motivou um novo protesto d
do general em chefe. «Este incendio, escreveu elle a N
para nós alguma cousa de penoso: o systema que par
adoptar deve necessariamente chamar para o exerci
cez um grande desfavor».

Não duvidâmos de que todas as expressões attrib
Massena por mr. Brialmont, tidas como destinadas a
lhe a memoria, se achem com effeito nos papeis offi
sua secretaria; mas é notavel que d'isto se não enc
mais pequeno vestigio no *Jornal historico* do barão
Tambem por outro lado vemos que lord Wellington,
já citado officio a D. Miguel Pereira Forjaz, e o corone
dizem que a cidade de Leiria e o mosteiro de Alcobaç
incendiados por ordem de Massena. Como podia p
general condemnar conscienciosamente os seus subor
e castiga-los por actos que elle mesmo determinava
dens suas? E que receio podiam elles ter de os p
vendo isto? Acresce mais que nem pelas *Memoria*
Massena, nem pelo citado *Jornal* do barão Fririon, n
Memoria justificativa do general Pamplona, e nem fin
pela *Relação da campanha do exercito francez em 18*
cripta por um official que acompanhou o referido e
ou por qualquer outra publicação de igual teor, nos
ter havido caso algum de castigo que Massena mand

por immediata ordem sua a um só dos seus soldados para a repressão dos crimes que condemnava em theoria, apesar da multiplicidade dos que se praticavam em contravenção das suas ordens. E como pela referida *Memoria justificativa* do general Pamplona, já por nós citada a pag. 192 e 196 do capitulo III do presente volume, nos consta ter elle Massena sido o proprio que na sua entrada em Coimbra, depois da batalha do Bussaco, se esqueceu das ordens que, dera para se poupar aquella cidade ao saque, sem que cousa alguma dissesse, nem castigo algum infligisse aos perpetradores dos roubos e devastações que n'ella praticaram, e de que elle mesmo foi testemunha ocular ao entrar na referida cidade, estamos crentes de que por igual modo se conduziu tambem nos mais casos, pelo facto observado na Extremadura, quanto á sua tolerancia para com os criminosos de similhantes delictos, praticados pelos seus soldados n'esta provincia e n'outras mais partes do reino, contrariando assim na pratica o que ordenava em theoria. Não é portanto admissivel a absolvição que lhe dá mr. Brialmont sobre este ponto, caíndo no erro de suppor que o que condemnava por escripto era por elle observado na pratica[1].

[1] Repetiremos portanto aqui o que já a pag. 198 do capitulo III d'este volume dissemos, mostrando a tolerancia de Massena para com os horrorosos crimes dos seus soldados, indo nós copiar textualmente para este fim o que se lê na *Relação da sua campanha em Portugal, escripta por um official que acompanhou o seu exercito*, o que em parte já por nós foi dito. N'ella se refere que «Massena, tendo ficado fóra da cidade de Coimbra, quando n'ella entrou o seu exercito, com o fim de visitar as posições que estão nos seus suburbios, tambem entrou pela porta da Sophia, quando o saque da cidade estava no maior calor, e tendo-se esquecido da sua ordem para lhe evitar os roubos e a devastação, nem perguntou, nem disse uma só palavra contra o que se apresentava a seus olhos. Elle mesmo parou algumas vezes, para examinar a qualidade dos roubos de que os seus soldados íam carregados, e como encontrasse um com um barril de manteiga e outro com um cesto de vélas de cêra, *ordenou que isto lhe fosse levado para casa:* tal era o exemplo que dava aos seus subordinados!»

No folheto do general Pamplona, intitulado *Aperçu nouveau sur les campagnes des français en Portugal*, diz elle a pag. 155: «Massena avait

Por esta occasião não podemos tambem deixar de dizer que é sobremaneira notavel que Napier negue na sua *Historia da guerra da peninsula*, em manifesta contradicção ao que se acha consignado nas partes officiaes do proprio lord Wellington, as atrocidades praticadas em Portugal pelos francezes durante a invasão de Massena, atrocidades confirmadas, como no anterior capitulo já vimos, não só pelo testemunho dos proprios escriptores francezes que as presencearam, mas até mesmo pelo do marechal Massena, como se prova pelas ordens por elle irrisoriamente dadas para se castigarem e cohibirem. E Napier não só n'este ponto nega a verdade reconhecida por tal, mas até para maior escandalo torna os portuguezes culpados d'essas mesmas atrocidades, provavelmente nas vistas de defender lord Wellington da fria indifferença com que sempre olhou para similhante procedimento da parte do inimigo. Diz-nos portanto Napier, no capitulo IV do seu livro XVI, volume VII, pag. 223 da traducção franceza da sua dita historia, o seguinte: «Devemos aqui observar que a multiplicidade das queixas feitas contra as crueldades exercidas pelo exercito de Massena durante a sua estada em Santarem, *quasi tinham decidido lord Wellington a usar de represalias*, quando se descobriu, em consequencia de um severo inquerito, que na maior parte dos casos as *ordenan-*

fait tout au monde pour empecher de saccager Coimbra; il y envoya un commandant et la brigade Taupin pour la garder, avec ordre d'en défendre l'entrée à qui que ce fût; et il s'abstient d'y entrer lui-même pour en donner l'exemple aux chefs; mais le general Junot se présenta le soir aux portes avec son état major, et sur le refus qu'on lui fit de le laisser entrer, il força la consigne, et entra d'autorité. Après cet exemple il fût impossible de maintenir aucun ordre dans la ville, et tout ce que put obtenir le commandant, ce fût d'empecher le pillage et la degradation de la bibliothéque, de l'observatoire et des autres établissemens publics de l'université; mais non l'enlevement des télescopes et instrumens de mathematiques, *fait par ordre de Massena et autres généraux*. Massena crut faire plaisir au marechal Ney en lui envoyant une superbe lunette d'approche, choisie parmi celles dont il s'était emparé; mais Ney le refusa». Eis aqui uma nova prova de que a conducta de Massena na pratica era inteiramente contraria ao que ordenava em theoria.

ois de terem feito a sua submissão aos francezes *e d'elles protecção,* isto lhes deu a vantagem de pode-
tar os soldados dispersos e os pequenos destaca-
não sendo portanto as crueldades de que elles se
am mais do que um castigo legitimo infligido á sua
a. Por conseguinte o projecto de represalias foi sub-
por uma severa prohibição, feita ás *ordenanças* de
em a guerra por similhante modo». Vê-se por esta
ue Napier admitte a existencia das atrocidades prati-
elos francezes, o que destroe a negativa que n'algu-
ras partes da sua historia faz sobre este ponto; mas
-as para fazer d'ellas cargo aos portuguezes, os quaes,
requinte da sua injustiça, dá como submettendo-se
mos francezes, para á sombra da protecção que d'el-
biam os assassinarem depois!

e sobre esta tirada podemos com verdade dizer é que
s *despachos officiaes* de lord Wellington, nem nas *or-
dia* do marechal Beresford, onde este negocio devia
ser tratado, achámos o mais pequeno vestigio, nem
ao inquerito mandado fazer por lord Wellington, se-
allegação de Napier, sobre a conducta das *ordenan-
tuguezas,* nem quanto á prohibição por elle feita ás
ordenanças do modo por que faziam a guerra, d'onde
termos por uma verdadeira ficção a existencia de uma
cousa. Mas se Napier achou prova ou documento so-
fundou as suas asserções, porque o não citou ou pu-
Cremos que se assim o não fez, é porque não exis-
ão ser na sua phantasia, para vilipendiar torpemente
uguezes. Bem longe da allegada prohibição de lord
ton, a respeito da criminosa conducta das *ordenan-*
que vimos foi que, tendo-as o coronel Grant capita-
m Enxabarda, na Estrada Nova, durante a invasão de
a, e feito com ellas a mais crua guerra aos francezes,
ellington, em vez de lh'a reprovar e cohibir, bem pelo
io lh'a louvou, e se a guerra por ellas feita foi cruel e

ticou. Tambem é pura ficção, e altamente calumniosa, a submissão que o mesmo Napier diz ter sido feita aos francezes pelas *ordenanças portuguezas;* nem mesmo podia haver tal submissão, pois as terras invadidas pelo inimigo foram todas despovoadas, como no fim do anterior capitulo se provou com a citação que fizemos da Historia de John Jones, retirando-se os seus moradores, ou para dentro das linhas de Torres Vedras, ou para as serras e logares escusos, que n'ellas havia. Se pois as terras ficaram desertas, como é que Napier achou n'ellas *ordenanças* e quem as commandasse, fazendo submissão aos francezes, para em paga da *protecção* que d'elles recebiamos matarem depois cruamente? Não poderemos pois á vista d'isto accusar Napier de historiador falsario e calumniador, pelo menos n'este ponto?

Não negaremos que por parte dos portuguezes, refugiados nas serras, se praticassem algumas mortes nos soldados francezes que apanhavam desgarrados, quando esses refugiados vinham ás suas habitações, para buscar soccorros de roupas ou de comestiveis; mas alem d'estas mortes não serem feitas no meio dos horrores e actos vandalicos com que os francezes as praticavam nos portuguezes que lhes caiam nas mãos, as d'estes nada mais eram do que uma justa represalia em pequenissimo ponto das muitas que os invasores começaram logo a fazer desde a sua entrada em Portugal, sem ainda haver motivo algum que se lhes tivesse dado para um tal procedimento. Isto é a pura verdade, e nega-la ou desconhece-la, como faz Napier, é tirar a luz ao sol, é escrever dominado por odienta paixão, e é finalmente mostrar um caracter indigno de um historiador, cuja missão é sómente ser justo nas suas apreciações e verdadeiro nos factos que relata. Não se póde exigir, dos escriptores d'este ramo especial de litteratura, por ser cousa impraticavel e enfadonha, a apresentação de documentos justificativos de todas as suas asserções, para muitas das quaes forçoso nos é confiar na auctoridade do historiador; mas quando ellas versam sobre cousas de transcendente importancia, sendo de mais a mais contrarias ás crenças e voz geral de uma nação inteira, ao testemunho

sono dos seus escriptores, e até mesmo ao dos estrangei-
, que presencearam o que nos contam, como n'este caso
ede a respeito das atrocidades praticadas pelos france-
em Portugal, é forçoso apresentar provas do que se diz,
merecer credito. E assim o devia fazer Napier, não só
to ao seu allegado inquerito, ordenado por lord Wel-
on, mas tambem quanto aos actos de submissão aos
cezes, que diz praticados pelas *ordenanças portuguezas*,
ados com os da *protecção* recebida e os de *traição* que
e para com essa mesma protecção. Não o ter feito assim,
os todo o direito a poder ter Napier na conta de um his-
dor falsario e calumniador, quanto a este assumpto, po-
do tambem duvidar-se do que nos diz a respeito de ou-
s, juizo bem merecido para com todo aquelle que assim
eve com paixão tão manifesta e reconhecida parcialidade.
e pois não podemos deixar de ter por falso e calumnioso
e o mesmo Napier nos diz sobre a precedente materia,
gual teor reputâmos tambem, senão no todo, ao menos
grande parte, o que escreveu a respeito do principal
a e do seu supposto partido contra lord Wellington e
echal Beresford, sem exceptuar o que o referido lord nos
tambem a este respeito, como apaixonado n'alguns dos
s despachos, em que é juiz e parte. Para se ver o pouco
upulo que Napier tinha em fazer asserções temerarias ou
s, citaremos o que no capitulo II do livro XII, pag. 302 do
v da traducção franceza da sua dita historia, se lê, quando
da familia Linhares, onde nos dá com a maior leveza
o irmão do principal Sousa, provavelmente só pela rasão
er este mesmo appellido, o primeiro conde, primeiro
quez e primeiro duque de Palmella, D. Pedro de Sousa
tein. Sobre este ponto nos, diz elle: «Formou-se uma
de cabala para se assenhorear (refere-se ao supposto
ido do referido principal) da direcção dos negocios,
o civis, como militares de Portugal, e contrabalançar
o quanto fizessem lord Wellington e marechal Beresford.
nde de Linhares, chefe da familia Sousa (aliás chefe da
ilia Linhares, mas não da familia Sousa) era primeiro

ministro no Brazil, o principal Sousa fazia parte da regencia em Lisboa, o cavalheiro Sousa (D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho) tinha sido enviado para a côrte de Inglaterra, *e um quarto membro d'esta familia, Pedro de Sousa, desempenhava o mesmo emprego junto da regencia de Hespanha*. Entendendo-se todos, e tendo sobre tudo o que os cercava uma influencia igual á que sobre elles exercia o principal, facil lhes era concertarem as mais perigosas intrigas. Como bem se póde julgar, a sua conducta foi ao principio dirigida pelo gabinete do Rio de Janeiro, o qual, a dizer a verdade, foi depois trazido a idéas mais racionaes pelas energicas representações de lord Wellesley; mas esta facção nem por isso deixou de continuar com as suas machinações, e o que ella não ousou tentar pela força, buscou alcança-lo pelos artificios». Tratarmos pois de rebater mais detalhadamente o muito que Napier falsa e injustamente diz do governo portuguez e dos portuguezes em geral, seria um nunca acabar pela nossa parte, o que alem de ser enfadonho e esteril, é cousa que temos por impropria da natureza d'este escripto, cujo assumpto é historiar e não entrar em discussões prolixas com outros escriptores, quando votados a dizer, não aquillo que é, mas o que phantasiam, como faz Napier. Temos para nós que a seu respeito havemos dito bastante para se ver até que ponto chegou a sua ingratidão e injustiça para com os portuguezes em paga dos importantes serviços que prestaram á Gran-Bretanha n'aquella tão critica e calamitosa epocha, não perdendo a mais pequena occasião de os vilipendiar na sua historia.

Mas deixando estas questões de parte, para voltarmos á materia de que nos cumpre tratar, diremos ser innegavel que em vez do marechal Massena vir a Portugal cumprir as ordens que Napoleão lhe dera para expulsar d'elle os inglezes, o que de facto fez foi vir devasta-lo e assola-lo por todas as fórmas e maneiras, não passando de uma ridicula ameaça a referida expulsão. Se depois d'isto olharmos para a conducta do marechal em frente das linhas de Torres Vedras, abandonando-as sem combate, para ir occupar Santarem,

nada que admirar temos n'ella. Apesar da respeitabilidade e competencia dos votos que em conselho militar decidiram fazer o exercito francez retirar-se para uma posição no interior do paiz, julgando por intomaveis as citadas linhas com as forças que então tinha Massena, cremos que similhante resolução foi mais depressa o effeito da severa lição que o marechal levára no Bussaco, do que um passo honroso para um exercito, pois nos parece incrivel que uma bala de artilheria, batendo n'um muro velho do Sobral junto de Massena, quando as observava, fosse bastante para lhes dar aquelle caracter! Cremos que a sua posição n'aquella villa era na verdade difficil; mas isto, em vez de o levar a desistir do ataque ás ditas linhas, parece que mais o induziria a dar-lh'o quanto antes, porque quanto mais tempo se demorasse isto, mais critica tornava a sua dita posição. Mas fossem ou não intomaveis as citadas linhas, o certo é que nenhuma tentativa seria, que os francezes contra ellas fizessem, as demonstrou como taes. Nem ellas effectivamente o eram, quando do Bussaco para ellas se retirou lord Wellington, pois desde o Sobral até Torres Vedras havia ainda uma aberta de duas leguas sem fortificações algumas, isto alem da confusão e desordem em que tudo ainda no seu interior por então se achava. Mas intomaveis que fossem, parece-nos que nada justifica a inactividade a que para com ellas o marechal Massena se entregou, reduzindo-se unicamente á espectativa dos soccorros que mandára pedir para França, depois de se retirar para Santarem, sem lá fazer mais nada do que devastar o paiz, até que a fome e a miseria de toda a ordem o obrigaram a sair da sua nullidade, deixando Portugal, sem vantagem alguma ter alcançado. Conseguintemente a sua ridicula ameaça, de que em breve atiraria com os inglezes ao mar, não se verificou, apesar dos poderosos meios e extraordinarios esforços que para isso empregára.

Pela sua parte lord Wellington, depois de ter cansado o marechal Massena com as suas marchas, e de o conservar sempre em respeito, sem nunca lhe dar batalha, desde a do Bussaco, pela certeza que tinha de que a ampulheta do tempo

forçosamente havia de causar no seu exercito os mesmos effeitos de uma formal derrota em batalha campal; depois de com este systema lhe haver prolongado uma funesta campanha, enfraquecendo-lhe diariamente os soldados, e debilitando o seu exercito pela fome, doenças, deserções e mortes, pervertendo-lhe com tudo isto a sua disciplina, sem jamais lhe dar logar a realisar os seus planos, alcançou por fim, com grande satisfação sua, o ver retirar de Santarem o mesmo Massena nos memoraveis dias 4 e 5 de março de 1811, sem que para isto queimasse directamente uma só escorva. Eis-aqui pois a vantagem de uma guerra methodicamente espectante, que quando bem conduzida e apropriadamente applicada pela capacidade de um habil general, se constitue em arma de segura ruina para o seu adversario. Lord Wellington, imitador assim do famoso romano Fabio Maximo, e mais recentemente de Francisco I de França na sua guerra contra Carlos V, tirou contra Massena vantagens iguaes ás que aquelle habil general e este soberano da França tiraram dos seus adversarios. Frustrados pois os projectos do principe de Essling, a sua retirada de Portugal era a sua natural consequencia. Esta retirada, postoque feita com regularidade e saber até á Redinha, muitos n'aquelle tempo a olharam como uma verdadeira fuga, opinião que se não póde ter como disparatada, vendo-se que Massena, antes de adoptar aquelle expediente, queimou em Santarem os reparos das peças que por falta de cavallos de tiro não podia levar comsigo, fazendo o mesmo a muitas das suas carretas, inutilisando tambem na dita villa (hoje cidade), 12 ou 14 peças de artilheria grossa, alem de mais umas 300 carretas e carros, que igualmente queimou em Thomar, deitando ao Nabão mais de 200 carradas de balas e granadas.

Supponhamos porém que a falta de cavallos de tiro, ou o desejo de marchar com mais desembaraço fosse o que obrigasse Massena a esta rigorosa medida. Analysemos pois a sua conducta, quer anterior, quer posterior a similhante retirada. A primeira que por elle foi feita do Sobral e Alemquer para Santarem e Torres Novas, depois da qual tomou

logo em seguida uma posição firme, não sendo facil poder ser ali atacado, fez de prompto lembrar que não seria mais feliz, quando porventura se visse obrigado a fazer a segunda. A sua constante inactividade, depois que ali chegou, não podia induzir lord Wellington a fazer outro juizo. A posição de Santarem era magnifica, para n'ella esperar os soccorros que pedira a Napoleão; mas cremos que não devia reduzir-se sómente a isto a sua estada n'aquelle ponto. Quando mais não fosse incumbia-lhe tentar apoderar-se da praça de Abrantes, o que muito bem podéra ter feito, chegado que foi a Santarem, como logo lhe propozera o general Montbrun, cousa que talvez lhe trouxesse a vantagem de poder estabelecer uma ponte sobre o Tejo, interceptar por aquelle lado as communicações do norte do reino com a capital, e até mudar a sua linha de operações, nullas como constantemente as teve, limitando-se sómente á margem direita d'aquelle rio. A ver-se impossibilitado de passar para a sua margem esquerda e de se apoderar de Abrantes, como depois succedeu, nenhuma difficuldade tinha de reunir em Thomar todo o seu exercito, e senhor como estava da passagem do Zezere pelas pontes que n'elle estabelecêra, facilmente poderia ir para a Beira Baixa, e fixar lá a sua residencia, sem que podesse ser molestado; o corpo do marechal Beresford, aindaque o flanqueasse por Abrantes, não podia fazer abalo sobre o seu exercito reunido, nem lord Wellington podia tambem pela sua parte passar o rio Zezere, invadeavel por aquelle tempo, antes d'elle Massena ter tomado as suas posições, nem quando o perseguisse poderia levar comsigo todo o seu exercito, uma parte do qual teria forçosamente de ficar guarnecendo as linhas. Então ou se sustentaria na Covilhã, Fundão, Castello Branco, etc., abrindo por Alcantara communicações regulares com as forças do marechal Soult, occupadas como estiveram no sitio de Badajoz, ou poderia lançar talvez alguma ponte em Villa Velha, e por meio d'ella assenhorear-se de ambas as margens do Tejo. Se por este caminho não alcançasse as grandes vantagens que acabâmos de ponderar, pelo menos é certo que se retiraria para Hespanha com mais com-

para o realisar, esse mesmo lhe ficou inteiramente f

Parece na verdade incrivel que, querendo o mare
sena assenhorear-se das provincias do norte, não t
guns dias antes mandado occupar o importante
Coimbra, cuja cidade ganharia depois facilmente co
quatro dias de marcha. A tal extremo chegou a sua
dencia que nem ao menos fez ali reunir alguns ba
passar o Mondego, por isso que quando o mandou
na mesma occasião em que lord Wellington estava f
combatendo a sua retaguarda na Redinha, as chuva
tre nós são frequentes no mez de março, e o fog
parte de Coimbra os milicianos lhe fizeram no
dito mez, tornaram impraticavel a passagem d'aqu
d'este modo a parte essencial do seu plano, ou aq
realmente tornava a retirada boa, e muito preju
alliados, foi inteiramente mallograda pela reuniã
circumstancias, que em si mesmas parecem pouc
raveis. Qualquer que fosse o plano de Massena n
rada, não se póde dizer que elle conseguisse o f
Buonaparte o mandou a Portugal, a não ser o ter
com a commissão especial de esterilisar por mane
vel com o seu ar pestilente todas as terras por ond
e onde se demorou, e voltar depois outra vez q
mesmo caminho que trouxe. Os francezes não tinha
mentos, nem transportes que lh'os podessem co
Hespanha, attento o estado de insurreição geral

abominaveis aos povos no mais alto grau. Todos os armazens que o marechal Massena formára por meio dos generos que achára no valle do Tejo, estavam inteiramente exhaustos a 28 de fevereiro de 1811. Os forrageadores eram mandados a mais de vinte leguas de distancia do quartel general, e já nada achavam que trazer comsigo. No 1.º de março estavam reduzidos todos os francezes a subsistirem unicamente do biscouto da reserva, que só lhes podia dar mantimento para quinze dias. A colheita futura pouco ou nada promettia, pelos poucos ou nenhuns lavradores que no paiz invadido haviam semeado as suas terras, e quando mesmo promettesse muito, os francezes não tinham recursos para poderem viver até junho, que era o tempo proprio para a colheita temporã se effeituar.

Não se tendo pois Massena abalançado, no meio de taes extremos, a atacar as linhas de Torres Vedras; não querendo tambem arriscar-se a estabelecer por força das suas armas uma passagem para o Alemtejo, por meio da qual faria a sua juncção com o exercito da Andaluzia, d'onde lhe proviriam consideraveis vantagens; e nem finalmente querendo ir alojar-se na Beira Baixa, como já dissemos, só se lembrou de ir occupar as provincias do norte do reino, pondo-se para este fim em movimento nos já citados dias 4 e 5 de março, confiando a guarda da retaguarda ao duque de Elchingen (o marechal Ney), o qual retrogradou de Leiria para os Molianos, fingindo voltar assim outra vez para as suas antigas posições. Marchando depois para o norte, lord Wellington o foi seguindo de perto com todo o seu exercito, não podendo deitar-se logo seriamente a elle, não só por falta de mantimentos para sustentação do exercito, mas igualmente por falta da sua artilheria, que só lhe chegou pelas cinco horas da tarde do dia 11, cousa que permittiu aos francezes retirarem-se a salvamento da Redinha. Não sendo possivel a Massena dirigir-se para o norte do Mondego, como pretendia, só lhe restava o recurso, que tomou de se dirigir pelos difficeis caminhos que o conduziram ao Alva, e fronteiras do reino por aquella parte, onde talvez se poderia manter, se fizesse

voltar de Condeixa para Fonte Coberta e Miranda
estrada da Murcella. Desde esta mudança de marc
cito alliado poz-se á vista do francez por todos os
que resultou achar-se Massena nas mesmas circu
em que estiveram o general Moreau na Suabia,
Moore na Galliza. Era-lhe indispensavel bater um
divisões das tropas luso-britannicas, para poder d
çar sem perda notavel o seu exercito, e principalm
artilheria e bagagens, como fizera o primeiro d'aqu
generaes na sua famosa retirada. Nos combates a
cionados, e depois d'elles nos das margens do Al
na, em vez de repellir o seu adversario, para pod
se, elle mesmo foi desalojado e batido de todas a
que tomára, acrescendo a isto ser o marechal Ne
a inutilisar de novo alguma da sua artilheria, quei
tas, caixões e bagagens, tendo de abandonar até
gumas d'estas cousas aos alliados.

No combate de Foz de Arouce, que foi o de mai
perdas para o inimigo, cousa de 1:000 francezes t
passar o Ceira a vau, já depois da noite, de que res
gar-se alguma parte d'elles, pelo grande peso de
aquelle rio então levava. Desde o Ceira até ao Alva
que Massena seguia na sua retirada, via-se juncada
de reparos e de caixões destruidos, alem das bagag
donadas, e de muitos cadaveres de homens e caval
encontraram, ou victimas da fadiga, da miseria,
das enfermidades, ou mortos pelo exercito alliado.

Pombal, 200; na Redinha, 700; em Miranda do Corvo e Casal
[illegible]ro, 150; em Foz de Arouce, mortos, prisioneiros e afoga-
[illegible], 2:000; nas margens do rio Alva, mortos e prisioneiros,
[illegible]00; total d'estas differentes perdas 4:350. É possivel que
[illegible]es calculos haja exageração; mas dado e não concedido
[illegible] sejam verdadeiras as cifras que o barão Fririon apre-
[illegible] no seu *Jornal historico da campanha de Portugal*, te-
[illegible] que o numero de officiaes e soldados, que entraram
[illegible]te reino em 15 de setembro de 1810, foi, segundo elle,
[illegible] 59:706. Tendo Foy trazido da Hespanha comsigo 2:000
[illegible] 3:000 homens, quando voltou de París, ou 2:500, termo
[illegible]dio, e o general Drouet 9:000, excluindo os que deixou
[illegible] fronteira, vem o numero dos que entraram em Portugal a
[illegible] de 71:206. A cifra do mesmo exercito, dada pelo dito
[illegible]rion em 15 de março de 1811, é, entre officiaes e solda-
[illegible] presentes no combate, 40:751; doentes, 5:424; total,
[illegible]:175: abatendo esta cifra da de 71:206 homens, vem a
[illegible]rda a ser de 25:021. Mas como o dia 15 de março foi o
[illegible] combate de Foz de Arouce, que durou depois da noite
[illegible]hada, dia seguramente improprio para depois de tal com-
[illegible]te se formalisarem logo e entregarem os mappas da força
[illegible]s differentes corpos, devemos suppor que a cifra do barão
[illegible]rion, marcada para o exercito de Massena n'aquelle dia, só
[illegible]de ser anterior ao do referido combate, d'onde se infere
[illegible]e a perda experimentada pelo referido exercito, desde
[illegible]e entrou até que saíu de Portugal, não póde ser inferior
[illegible]25:000 ou 26:000 homens[1].

[1] Massena invadíra Portugal com 59:000 homens, aos quaes se jun-
[illegible]am depois os 9:000 do general Drouet, conde de Erlon, força com
[illegible] veiu até Leiria. Quando largou de Santarem havia já perdido 27:000
[illegible]nes, tom. I, pag. 198). Chegado á Guarda não tinha mais que 34:161
[illegible]antes e 3:400 cavallos *(Memorias de Massena)*. «A sua cavallaria,
[illegible] Belmas, tinha sómente 2:000 homens em estado de combater; a ar-
[illegible]eria não podia montar mais que doze peças, e o exercito estava ainda
[illegible]is fraco pela moral do que pelo numero». Jones avalia as perdas dos
[illegible]ncezes, depois que deixaram Santarem, em 5:000 homens, e em 650
[illegible]dos alliados. Napier tem para si que a invasão de Portugal em 1810
[illegible]tou aos francezes 30:000 homens, pouco mais ou menos, dos quaes

O mallogro da expedição de Massena contra Portugal com toda a rasão cobriu lord Wellington e o exercito luso-britannico da mais justa e immarcessivel gloria[1]. Foi elle quem não só decidiu a sorte do mesmo Portugal e a de toda a peninsula, consolidando os interesses da Gran-Bretanha, e ao mesmo tempo tornando-se em salutar ponto de partida para a declinação da extraordinaria fortuna que até então Napoleão tinha tido por si, mas até se constituiu n'um poderoso incentivo para a formação de uma nova liga geral de todas as nações da Europa contra o mesmo Napoleão, de que resultou tornarem-se por este facto as linhas de Torres Vedras em eterno monumento da libertação de todas as nações europeas, poisque todas ellas em 1810 se achavam mais ou

14:000 cairam no campo da batalha ou prisioneiros. Segundo um estado official, publicado por Gurwood, lord Wellington teve de perda, desde 16 de março até 7 de abril, 20 homens mortos, 147 feridos e 5 extraviados; e segundo a situação do marechal Massena, as perdas dos francezes foram, desde 1 de março até 11 de abril, 1:534 homens e 1:955 cavallos. (Nota de mr. Brialmont, vol. I, pag. 385.)

[1] Cremos que foi por esta, ou alguma outra occasião memoravel da guerra da peninsula, que o celebre padre José Agostinho de Macedo fez a lord Wellington o seguinte

SONETO

Quando a Europa convulsa vacillava,
No meio da oppressão que a comprimia,
E até Lysia fiel já se curvava
Ao peso da mais bruta tyrannia;

Um Deus, que antigos votos recordava,
Quando instaurára a lusa monarchia,
Só de ti, raro Wellington, confiava
O manter-lhe as promessas de algum dia.

Manda-te a Lysia e no maior conflicto,
Mal o teu braço milagroso assoma,
Por ti rebenta da victoria o grito:

Em vão erriça o gallo a accesa coma,
Que esmagado por tua espada invicta,
Vales em Lysia quanto Fabio em Roma.

sujeitas á prepotencia da França e do dictador orgu-
ue a opprimia, sujeição em que provavelmente conti-
ı a estar, a não ser a victoria que por meio d'ellas se
ı. Para o exercito portuguez trouxe em Inglaterra a
victoria uma solemne retractação de tudo quanto
o lá se tinha dito contra as tropas portuguezas den-
a do parlamento, a ponto de ser no proprio mez de
em que ella se alcançou, que o mesmo parlamento
elevado subsidio de dois milhões de libras para a
ıção de 30:000 homens de tropas portuguezas. Uma
ntagem, por certo de grande monta, foi o annullar
oder da França para effeituar uma nova expedição
'ortugal.
ıte a campanha de Massena viu-se que lord Wel-
teve dentro das linhas de Torres Vedras um exercito
000 homens, conta redonda. Pelos officios que re-
tanto para o governo inglez, como para o portu-
ırnára-se evidente que as tropas inglezas e portu-
ram iguaes, se é que não superiores, ás francezas em
disciplina. Por conseguinte uma nova expedição fran-
ıtra Portugal só podia ser feita com uma força supe-
)0:000 homens, para ter por si probabilidade de for-
ısa que por aquelle tempo era summamente difficil
francezes, reduzidos como por então se achavam, não
em de occupar militarmente a Hespanha, mas até á
bilidade de poderem para tal exercito arranjar os
; mantimentos, ao passo que o exercito luso-britan-
n toda a facilidade os conseguia, tendo pela sua parte
de Lisboa aberta, e a par d'isso livre a navegação do
) Mondego e do Douro, por onde os referidos manti-
lhe podiam ir até á fronteira, ao passo que os fran-
ó os podiam receber por terra, transportados por
; bestas muares. Uma mulla não podia cem mais
o que um quintal de feno, por exemplo, para o pre-
stento da cavallaria, nem viajar carregada mais do
ıtro ou mesmo seis leguas por dia, e a comer do feno
ısportava, muito menos de tal artigo chegaria ao seu

druplicava as difficuldades da operação. Taes eram
rasões sobre que se fundava a crença publica de qu
do mallogro da invasão de Massena em Portugal no
1811 os francezes não podiam tornar por mais out
este reino com probabilidade de bom exito, a per
no mesmo pé a força luso-britannica, como de fac
nuou a permanecer.

A retirada, ou antes fuga, como alguns querem,
chal Massena e do seu exercito para fóra de Portu
de ter para sempre livrado este reino do jugo franc
vantagem trouxe comsigo, tal foi a de tornar inuteis
esforços que as tropas francezas de Soult podiam f
sua parte do sul, porque o fim d'estes ultimos inin
soccorrerem Massena, o que depois lhes não foi po
passo que por si só não tinham força bastante para
isoladamente, pois o corpo de Mortier não contava p
mais que 12:000 ou 15:000 homens. O certo é que
gro da expedição de Massena a primeira e mais trans
consequencia foi a inteira liberdade de Portugal, se
francezes podessem voltar jamais a elle, sendo a se
não menos transcendente vantagem, o habilitar o
portuguez para se constituir émulo do exercito brit
de reunião com elle dispor-se a libertar igualmente
nha, para onde desde então passou o theatro da gu
vando sempre os francezes adiante de si de victoria
ria até ás fronteiras do seu proprio paiz. Parece inc

mo dia as suas costumadas invectivas contra a Inglater-
e o parlamento britannico, dizendo: «Se Massena, tendo
bido reforços, quizer marchar contra vós, depois de ha-
arrasado as vossas baterias; ou se vós mesmos, cansa-
já de tão ruinosa luta, quizerdes marchar contra elle,
será o resultado? Se ganhardes a victoria, nenhuma uti-
le d'ella podereis tirar, porque antes de dois dias de mar-
encontrareis infallivelmente novos exercitos[1]». O exer-
francez de Massena fez trinta e cinco marchas desde 5 de
o até 9 de abril de 1811, seguido sempre de perto pelo
cito luso-britannico, e em vez d'este encontrar um unico
o de tropas francezas, que viesse em soccorro do que se
rava, bem pelo contrario viu-se o de Massena inteira-
nte abandonado, sendo obrigado a caminhar até Zamora
oro, antes que achasse em seu apoio as primeiras tropas
marechal Bessières, que só aliás encontrou em distancia
a mais de trinta leguas do ponto da fronteira de Portu-
por onde se havia escapado.
o mesmo dia em que o referido *Moniteur* invectivára
Wellington e o seu exercito pela batalha do Bussaco,
rindo ao mesmo tempo dos mais excessivos applausos o
rcito de Massena, n'esse mesmo se soube em París que
lliados tinham defendido Portugal, defendendo a capital
te reino dentro das linhas de Torres Vedras, muito mais
azmente do que o tinham feito no Bussaco; que o exer-
francez já nada podia tirar dos immensos provimentos
valle do Tejo, nem da Hespanha, e todavia sem pejo di-
para desvanecer o temor, que em França podiam causar
puros em que o referido exercito se achava: «Que os re-
entos e soldados francezes recebiam regularmente ração
ria de pão e biscouto; que se tinham formado abundantes
azens de grão; que nada havia que receiar, a respeito das
nições de bôca; que todo o exercito podia alimentar-se,
tentar a campanha, e zombar das vãs jactancias dos in-
zes; que o marechal, principe de Essling, conhecia melhor

[1] *Moniteur* de 26 de fevereiro de 1811.

cito luso-britannico perseguia vigorosamente de p
exercitos inteiramente desorganisados, que lhe f
caminhos impraticaveis, nada tendo feito, nem c
o marechal Massena, e nem mesmo executado u
seus projectos.

Não foram as alturas do Bussaco, mas sim as
Torres Vedras, que lord Wellington escolheu para
ponto de defeza de Portugal. A sua consummada
o persuadiu a não arriscar temerariamente n'uma
nas fronteiras d'este reino, a sagrada causa da lib
peninsula, e a do seu paiz, que se lhe tinham con
este seu systema conseguiu elle nullificar os esforç
nados de oito corpos do exercito francez, montan
de todos elles ao prodigioso numero de 240:000 h
dos empenhados mais ou menos directamente na co
Portugal, que vergonhosamente tiveram por fim d
nar. Estes corpos eram o do marechal Bessières,
parte do norte cobria o exercito invasor; os quat
de que este mesmo exercito invasor se compunha,
Ney, Reynier, Junot e Drouet; e os tres corpos do e
Andaluzia, ás ordens do marechal Soult, ou os d
Victor e Sebastiani, competindo a uns atacar Port
parte de leste, devendo os outros auxiliar a invasão
de muitas diversões, executadas ao mesmo tempo.
é que a luta foi para Portugal consideravelmente
damnosa, longa e arriscada[2]; mas a final o exercit

tannico póde triumphalmente zombar de todas as tentativas e combinações d'esses 240:000 francezes, pela maior parte acostumados á victoria, e zombar igualmente do saber militar dos mais afamados marechaes de França, que os commandavam, fazendo desde então por diante desabar o colossal poder do afortunado Napoleão Buonaparte.

Mais prompta seria a marcha do exercito luso-britannico contra o marechal Massena, e muito mais funesta seria para este a sua retirada, se os fornecimentos do commissariado portuguez tivessem sido mais rapidos e regularmente feitos, como já acima notámos, cousa de que muito se queixou lord Wellington e o marechal Beresford. Sobre este mal um outro bastantemente grave veiu ainda affligir mais o mesmo Wellington, tal foi o da noticia que teve na noite de 13 de março da entrega da praça de Badajoz aos francezes. Vendo Coimbra livre da invasão do inimigo, e cuidadoso como por outro lado estava sobre a sorte do Alemtejo, temendo as incursões que n'esta provincia podia fazer o marechal Soult ou Mortier, elle Wellington, forte como já se julgava desde a Redinha por diante, destacou logo no dia 14 de Condeixa para a citada provincia o marechal Beresford, levando debaixo das suas ordens um exercito de 22:000 homens[1], em que entrava uma brigada de cavallaria com a competente artilheria e duas divisões de infanteria, uma ingleza e outra portugueza, compondo-se esta das brigadas do 2 e 14 e 4 e 10, e fazendo

tempo da partida dos francezes extensos districtos havia que não tinham uma só cabeça de gado, nem um unico objecto de subsistencia. *As cidades e as villas estavam abandonadas, os moinhos destruidos, o vinho correndo nas goteiras, montões de trigo queimados, os moveis quebrados; não se via um só cavallo, mulla ou burro, não se encontrava uma vacca, e nem mesmo uma cabra!*» Esta descripção, que os proprios francezes assim fizeram do paiz que deixaram, é da mais rigorosa verdade.

[1] Elevou-se a força que acima se diz destacada de Condeixa a 22:000 homens, em rasão de se additar ás tropas que durante a estada de Massena em Santarem mandára passar para a margem esquerda do Tejo, a quarta divisão luso-britannica do commando do general Cole, poisque o primitivo numero das referidas tropas fôra apenas de 14:000 homens, como se diz a pag. 344 do presente volume.

Campo Maior, passar depois o Guadiana, e reto
maior brevidade possivel a praça de Badajoz, caíd
do marechal Soult. Como a estrada do Espinhal
nho mais curto para o Alemtejo, foi este o que t
neral Cole, commandante da quarta divisão, dir
Penella, como já vimos, ameaçando assim os flan
guarda de Massena, ao mesmo tempo que segui
para o seu destino. Os coroneis Trant e Wilson
com as suas milicias a margem direita do Monde
lamente á retirada da linha dos francezes, impedi
forrageadores de atravessarem este rio, ao me
que mettidos entre o Porto e os mesmos franceze
era poderem operar contra elles, ou no seu flanc
retaguarda. No meio d'estas occorrencias o horis
apresentava-se ainda aos olhos dos alliados ba
sombrio e carregado. As noticias vindas do nort
sula diziam, que o general Bessières, depois de te
segurança do seu governo, tinha ainda podido re
mora mais de 7:000 homens, com que ameaçav
Galliza, e postoque o general Mahi dispozesse
da Hespanha de um exercito de 16:000 homens
lington não contava que fizesse com elles resiste
proficua, já pelo que d'elle tinha visto no anno a
por ter perdido a confiança nos exercitos hespanh

Quanto aos negocios do sul, seguramente ap
um aspecto ainda mais assustador. A batalha d

[d]epois a da Barrosa, dada esta perto de Cadiz no dia 5 de [m]arço, e as graves contestações que d'ella resultaram entre [o g]eneral Graham e os hespanhoes, commandados pelo dis[par]atado e orgulhoso general La Peña, contestações que de[ter]minaram a saida de Cadiz para Portugal do mesmo Gra[ha]m[1]; a cobarde conducta de D. José Imaz, entregando aos [fra]ncezes a praça de Badajoz, que governava; e o procedi[me]nto do mesmo teor do general Mendizabal, provavam bem [que] do lado da Hespanha não se podia effectivamente esperar [por] então cooperação alguma util. Os francezes do quinto [cor]po, do commando do marechal Mortier, tinham já por [aqu]elle tempo investido a praça de Campo Maior, a que no [di]a 14 haviam posto cerco, de que resultou receiar-se muito [qu]e o marechal Beresford não chegasse a tempo de obstar á [su]a rendição, como de facto succedeu[2]. Os hespanhoes, a [qu]em se tinha confiado a defeza da dita praça, debaixo da [pro]messa de que a defenderiam até á ultima extremidade, [pro]messa feita pelo marquez de la Romana, e depois da sua [mo]rte pelo general Mendizabal, seu successor no commando [do] seu exercito, nada mais fizeram que abandona-la, desde [o m]omento em que a de Badajoz se entregára ao inimigo[3]!

[1] O general Graham, até então commandante das tropas luso-britan[nica]s em Cadiz, saira d'esta cidade, fazendo-se de véla para a de Lis[boa], chegando ao Tejo no dia 13 de julho de 1811: lord Wellington o [coll]ocou pela sua parte no commando da primeira divisão do exercito [luso]-britannico, sendo substituido em Cadiz pelo major general Cooke. [Na]sceu esta mudança das fortes disputas que se levantaram entre o mes[mo] Graham e o general hespanhol La Peña, por occasião da batalha da [Bar]rosa, acima mencionada, dizendo alguns que até chegaram a haver [des]afios entre Graham e o general Lacy, que se não realisaram pela me[dia]ção de amigaveis interventores.

[2] As operações do marechal Beresford no Alemtejo e Extremadura [hes]panhola achar-se-hão relatadas no seguinte capitulo.

[3] Causou-nos por certo admiração o vermos que no volume quarto, [pag]. 25 da *Historia* do conde de Toreno (traducção franceza), se omitte [a c]ircumstancia de que acima se faz menção, ou a dos hespanhoes de [Men]dizabal terem abandonado a praça de Campo Maior pelo modo por [que] o fizeram, o que nos leva a crer que omissões iguaes a esta fará o [refe]rido historiador, quando deparar com factos de desaire para os seus

Duzentos milicianos portuguezes se haviam lançado n'ell[a]
a toda a pressa para a defender; mas exigindo ella uma gua[r]nição de 5:000 homens para este fim, pouco ou nada se p[o]dia esperar de similhante circumstancia, e effectivamente [o] major de engenheiros, José Joaquim Talaia, seu governador no dia 23 de março a entregou ao inimigo por meio de um[a] honrosa capitulação, por não ter sido convenientemente soc[c]orrido, tendo-se aliás portado mui dignamente, merecend[o] não só o galardão que lhe deu o governo portuguez, mas at[é] mesmo os elogios dos generaes inglezes, incluindo os d[o] proprio marechal Beresford. Foi no meio d'estes apuros qu[e] lord Wellington teve de continuar a sua perseguição ao exer[]cito de Massena, sendo este general obrigado por aquelle [a] refugiar-se no reino de Leão, como já vimos, achando-se [o] mesmo Wellington triumphalmente estabelecido nas fronte[i]ras de Portugal, depois de ter vencido innumeras difficulda[]des, algumas das quaes se reputaram de uma incrivel tem[e]ridade. Emquanto Massena se dirigia para Salamanca, lor[d] Wellington dispunha-se a investir a praça de Almeida, tend[o] com o seu exercito tomado a posição já anteriormente des[]cripta, isto é, a de Duas Casas, occupando Gallegos e Esp[e]
a divisão das tropas ligeiras, sendo o grosso do exercito al[o]jado nas povoações das duas margens do Côa, e estabelecen[]do-se o quartel general em Villar Formoso. Lord Wellingto[n] despedíra as tropas de milicias, que o tinham auxiliado a[té] á posição que tomára entre o Côa e o Agueda. Restabelece[]ram-se os depositos em Lamego, alimentados pela navegação do rio Douro, e na Raiva os fornecidos por meio da do Mon[]dego. Estabeleceram-se igualmente armazens de viveres par[a]

patricios, e entenda que o póde assim fazer sem reparo do leitor, o q[ue] para nós é tanto mais certo, quanto que por outro lado vemos igual[]mente ter elle tambem omittido que 200 artilheiros portuguezes tinham ido em auxilio da guarnição de Badajoz, e que n'aquella praça se con[du]ziram mui dignamente, tendo o seu commandante, o capitão João Ne[po]muceno de Mello, sido um dos que opinaram para que a dita praça [se] não entregasse aos francezes em 11 de março de 1811, como já vim[os] na nota de pag. 338, copiando-a do insuspeito folheto hespanhol, cit[ado] na dita nota.

exercito em Celorico, d'onde as brigadas de machos os transportavam pelo caminho de Castello Bom. Armazens similhantes se estabeleceram tambem na Guarda, Penamacor e Castello Branco, sendo alimentados por Abrantes, para onde eram levados pela navegação do Tejo.

Postoque por aquelle tempo o ministerio inglez parecesse disposto a limitar os seus esforços unicamente a Portugal, lord Wellington pensava pela sua parte em transferir para a Hespanha o theatro da guerra, para cujo fim se lhe apresentavam duas linhas de operações: 1.ª, suppondo que Massena não podesse por muito tempo tentar cousa alguma séria contra Portugal, lord Wellington podia n'este caso conservar-se na Beira em posição defensiva, e marchar contra o exercito de Soult, para o obrigar a levantar o cerco de Cadiz; 2.ª, sitiar a Cidade Rodrigo, depois da entrega de Almeida, ou mesmo, se esta ultima praça resistisse, sitiar ambas ao mesmo tempo, e tomadas que fossem, marchar de frente para o interior da Hespanha, abrindo uma communicação com Valencia e o exercito da Sicilia. Esta operação livraria de inimigos a Andaluzia, com tanta certeza como a operação directa, porque em tal caso Madrid, este grande deposito dos exercitos francezes, caindo na mão dos alliados, separaria o exercito francez do norte do exercito francez do sul, e por conseguinte a base das operações militares fixar-se-ia por momentos nas costas do Mediterraneo, e portanto todas as forças hespanholas e luso-britannicas se concentrariam, podendo bem decidir-se n'uma ou duas batalhas a sorte da Hespanha. Preoccupado lord Wellington com o segundo plano, pediu reforços ao seu governo, esperando occasião opportuna de o realisar. Para similhante fim era-lhe necessario apoderar-se primeiro das praças da Cidade Rodrigo e de Almeida. Esta segunda parecia achar-se por então abandonada, de que resultou mandar lord Wellington investi-la, indo elle mesmo com um exercito de observação postar-se adiante do Côa, poisque, falto de tropas disponiveis, não podia sitiar por então ao mesmo tempo ambas aquellas praças.

N'este estado se achavam as cousas, quando elle Wellington teve por necessario dirigir-se no dia 15 de abril a Badajoz, para pessoalmente ver e examinar os corpos ali commandados pelo marechal Beresford e o estado das suas operações. Massena havia pela sua parte recebido da Extremadura alguns soccorros, entre os quaes figurava uma excellente divisão de cavallaria; e tendo-se-lhe ordenado fazer alguma tentativa para salvar Almeida, entendeu, apenas soube da ausencia de lord Wellington, que esta era a melhor occasião de poder com vantagem cumprir aquella ordem, dando uma batalha aos alliados. Todavia lord Wellington, informado das tenções de Massena, por uma carta que no dia 25 do citado mez de abril lhe dirigira sir Brent Spencer, que interinamente o substituira no commando do exercito[1], voltára promptamente ao Côa, achando-se já no dia 28 novamente estabelecido no seu quartel de Villar Formoso. Se portanto Massena tivesse no dia 26 começado com a sua empreza, teria sem difficuldade podido aprovisionar Almeida; mas não o tendo assim feito, deu logar a que lord Wellington acudisse de prompto a tomar o commando do exercito, chegando na mesma occasião em que elle Massena, tendo reunido a si as forças que podia, se dispunha a soccorrer Almeida com o maior empenho, havendo-se para este fim dirigido para a Cidade Rodrigo com o segundo, sexto, oitavo e nono corpo. Bessières, que segundo as ordens do imperador, devia auxiliar Massena n'esta expedição com uma parte do exercito do norte, de que era commandante, tão pouca vontade mostrou de o fazer, que o principe de Essling, apesar das suas numerosas e instantes solicitações, não pôde obter d'elle mais que uma brigada de cavallaria ligeira, na força de 800 homens, um destacamento de cavallaria da guarda, montando a 700 homens, uma bateria de seis peças e trinta parelhas. Estes soccorros, trazidos em pessoa pelo mesmo Bessières, muitos

[1] Escusado é dizer que ainda por então não tinha partido de Cadiz para Lisboa o general sir Thomás Graham, o que só fez em julho de 1811, como já notámos.

dias depois do praso fixado[1], só chegaram á Cidade Rodrigo no dia 30 de abril, não se reunindo ao grosso do exercito senão no dia 2 de maio.

Postoque lord Wellington se achasse firmemente resolvido a não se expor a grandes riscos para sustentar o bloqueio de Almeida, aceitou todavia a batalha que Massena lhe offerecia, apesar da incontestavel superioridade da cavallaria franceza sobre a sua, confiando para isto no valor das tropas que commandava, e querendo a todo o preço conservar-lhes o ascendente moral, que elle lhes tinha já grangeado[2]. Todavia

[1] O praso fixado foi primeiramente o do dia 22 de abril, espaçado depois para 26, que tambem ficou sem effeito.

[2] A força do exercito luso-britannico por aquelle tempo era de 32:000 homens, 12:000 dos quaes eram portuguezes e guerrilhas, 1:200 de cavallaria mal montada, e 42 peças de artilheria. «A inferioridade da minha cavallaria, disse lord Wellington, provém do lastimoso estado dos nossos cavallos, causado pelas ultimas fadigas e pela penuria das forragens». (Officio de 8 de maio para o conde de Liverpool). Massena tinha pela sua parte 44:000 homens, 7:000 dos quaes eram de cavallaria. Estes numeros são os que lhe dá Napier na sua historia. Sherer avalia as forças de lord Wellington em 32:000 homens de infanteria e 1:500 de cavallaria, e as de Massena em 44:000 homens, sendo 4:000 de cavallaria. Segundo Toreno, lord Wellington tinha 32:000 a 34:000 homens de infanteria, 1:500 de cavallaria e 43 peças de artilheria. Massena 40:000 de infanteria e mais de 5:000 de cavallaria.

Londonderry avalia as forças de lord Wellington em 29:000 homens, inglezes e portuguezes, sendo 1:500 a 1:600 de cavallaria; e as de Massena em 45:000 homens, dos quaes 4:000 de cavallaria. Mr. Thiers, sempre inimitavel n'estas apreciações, avalia as forças de Massena em 32:000 homens de infanteria, 3:500 de cavallaria e 46 peças de artilheria, dando a lord Wellington 28:000 inglezes, 12:000 portuguezes e 2:000 a 3:000 hespanhoes. Belmas pretende que lord Wellington tinha 45:000 homens, não comprehendendo as milicias portuguezas, e os bandos de guerrilhas hespanhoes. O general Pelet e as *Victorias e Conquistas* cáem n'uma exageração ainda muito maior, dizendo que o exercito de lord Wellington era superior em dois quintos ao de Massena. Bessières no seu *Relatorio de 12 de maio de 1811, dirigido a Berthier*, não duvidou affirmar que em Fuentes de Oñoro havia 50:000 inglezes e 25:000 a 28:000 francezes! A verdade é que, segundo as situações officiaes, Massena tinha, no 1.º de maio de 1811, 42:123 homens presentes no seu estado effectivo, dos quaes 4:518 de cavallaria, trazendo-lhe ainda mais o marechal Bes-

já no dia 23 do citado mez de abril havia o inimigo atacado os nossos postos avançados do Azava, sendo repellido, não obstante a superioridade das suas forças. No dia 27 novamente repetiu o ataque contra os ditos postos com o mesmo resultado. No dia 28 foram por mais outra vez reconhecidas as margens d'aquelle rio por oito esquadrões de cavallaria com tres batalhões de infanteria, sem que fizessem tentativa alguma para passarem o rio, nem para atacarem os piquetes, postados na ponte de Marialva. A Cidade Rodrigo era o ponto de reunião de toda a força inimiga, que se elevava a 40:000 infantes e 5:000 cavallos, tendo o marechal Massena estabelecido n'aquella praça o seu quartel general. No dia 2 de maio saíu elle de Cidade Rodrigo para caír sobre os alliados com uma força de 44:000 homens, incluindo 7:000 de cavallaria, destinados evidentemente a fazer levantar o bloqueio que os mesmos alliados tinham posto a Almeida.

Esta praça, que o inimigo vinha soccorrer, estava mal provida de viveres, e lord Wellington não só se decidiu a lhe conservar o cerco, mas até em permanecer entre o Côa e o Agueda. O seu exercito occupava em Fuentes de Oñoro uma posição importante, por lhe cobrir pela ponte de Castello Bom sobre o Côa a sua communicação com Portugal. Privado d'esta ponte não lhe restava senão uma passagem abaixo de Almeida, muito insufficiente para um exercito em retirada, sobretudo quando fortemente perseguido. A esquerda dos alliados apoiava-se no antigo forte da Conceição, na estrada de Almeida, servindo assim a completar o bloqueio d'esta praça, confiado á brigada portugueza de Diniz Pack, debaixo da direcção de sir Brent Spencer. O centro postára-se nas collinas que bordam o rio Duas Casas, á esquerda de Fuentes, tocando a direita nos bosques pantanosos de Poço Velho.

sières na manhã do seguinte dia 1:500 de cavallaria e 6 peças de artilheria, o que elevou o seu estado effectivo a 44:000 homens, pouco mais ou menos. O exercito de lord Wellington na mesma epocha não passava de 35:000 homens. (Vejam-se as *situações de Napier*, no tom. VI pag. 32[illegible], e as *Memorias de Massena*, tom. VII pag. 596.) Nota de mr. Brialmont na sua *Historia do duque de Wellington*, pag. 391 do primeiro volume.

Para lá d'estes bosques achavam-se as tropas hespanholas de D. Julião Sanches, sustentadas pela divisão do general Houston, tendo por fim guardar a montanha de Nave de Aver, separada do Côa por um terreno cortado, que lord Wellington julgára impraticavel. A frente d'esta posição, com mais de duas leguas de desenvolvimento, era protegida pelo rio Duas Casas. Um outro rio, mas mais pequeno, o Turones, corria parallelamente por trás da linha de batalha. Na direita e no centro o exercito não tinha para effeituar a sua retirada senão um só caminho de carro, tal como o de Castello Bom. Finalmente mais para a retaguarda achava-se ainda o rio Côa, cujas ribas escarpadas não offereciam por toda a parte senão precipicios, a não se poderem os alliados servir da ponte que o atravessa em Castello Bom.

A primeira idéa de Massena foi assenhorear-se d'esta communicação, repellindo os alliados para o baixo Côa. Como os francezes eram superiores em cavallaria, lord Wellington não lhes fez opposição á marcha que traziam, passando portanto o Azava sem difficuldade no mesmo dia 2 de maio nas vizinhanças de Espeja, Carpio e Gallegos. Na manhã do dia 3 continuaram a marchar, vindo em tres columnas, uma em direcção ás paragens de Duas Casas, e as outras ás vizinhanças de Almeida e forte da Conceição. Com a approximação do inimigo a divisão ligeira retrogradou de Gallegos e Espeja, onde até então se achava, para Fuentes de Oñoro, no rio Duas Casas, assim como tambem a cavallaria britannica, e isto á proporção que avançava a cavallaria inimiga. No dito logar de Fuentes de Oñoro se reuniram as divisões luso-britannicas primeira, terceira e setima, indo a sexta de observação para a ponte de Almeida, e a quinta para a passagem do rio Duas Casas, junto ás ruinas do forte da Conceição e Aldeia do Bispo, esquerda da posição alliada. O bloqueio da praça de Almeida era feito pela brigada portugueza de 1 e 16 com caçadores n.º 4, commandada pelo general Pack, como já notámos, e pelo regimento britannico da rainha, havendo-se estipulado com D. Julião Sanches que occupasse com o corpo do seu commando Nave de Aver, que era até onde

minando o combate com a noite. Verdade é que no
repellão a vantagem foi dos francezes, que da resp
voação fizeram desalojar os nossos; mas lord W
reforçando a tempo as suas tropas com corpos nov
guiu retomar em breve as posições que perdêra,
dois exercitos durante a noite na mesma situação e
tavam antes de começar o ataque.

O dia 4 de maio foi empregado pelos francezes
nhecer com mais vagar as posições do exercito lu
nico, de que resultou inferir lord Wellington que
diligenciava com muito empenho a posse de F
Oñoro e do terreno que as suas tropas occupavam,
fim teria de passar o rio Duas Casas em Poço Vel
por esta causa mandada para ali a setima divisão
tannica, do commando do major general Houston,
de impedir simillhante passagem. Durante a noite
4 de maio tinha Massena feito dirigir sobre a direi
liados o grosso do seu exercito, na intenção de ga
vina do rio Duas Casas, situada para alem do bosqu
Velho e de tornear a planicie, que se acha entre es
e a montanha de Nave de Aver. Este plano, que ell
deveria ter executado no dia 3, realisaria o seu pe
antes de lord Wellington ter dirigido forças para o
com o fim de lhe não cortarem a estrada de Cast
Montbrun formava a extrema esquerda dos fran
lado d'elle, e em face de Poço Velho, achavam-se

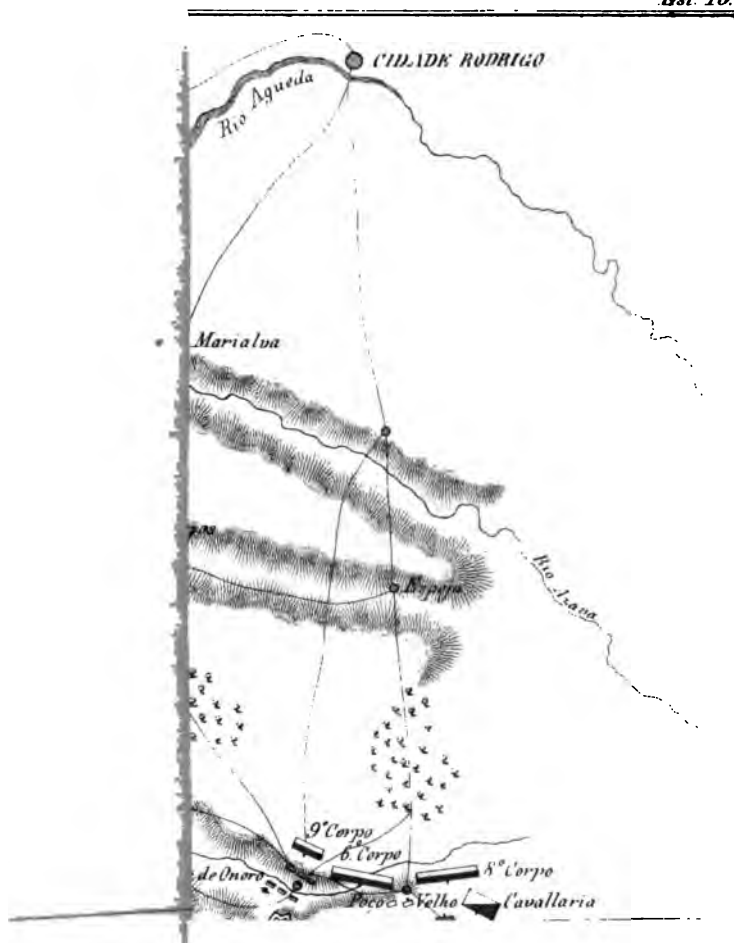
trás d'ella, o centro da posição franceza. A sua direita era formada pelo segundo corpo, cuja primeira divisão se apoiava em Alameda, occupando a segunda o logar que ficava livre entre esta mesma aldeia e Fuentes de Oñoro. Emquanto a direita se mantinha firme, chamando sobre si a attenção dos alliados, devia por outro lado verificar-se o ataque em Alameda e Fuentes, para lhes fazer a diversão mais completa. Este plano, que não era mal concebido, falhou todavia na execução, o que muitas vezes succede na guerra aos mais bem pensados planos.

Na manhã do dia 5 atacaram os francezes vigorosamente Fuentes de Oñoro e a aldeia do Poço Velho, conseguindo o general Montbrun, á testa da sua cavallaria, pôr em fuga para trás do Turones as forças de D. Julião Sanches, e carregar com todo o vigor e feliz successo a cavallaria ingleza, que no seu movimento retrogrado semeou a confusão e a desordem por alguns quadrados da sua infanteria, seguindo-se a isto as mais sensiveis perdas. Foi muito notavel a retirada que em quadrado fez por esta occasião a brigada portugueza de 7 e 19 de infanteria, á direita da estrada de Villa Formosa, brigada que n'esta batalha muito se distinguiu, fazendo parte da já citada setima divisão do exercito luso-britannico. N'este critico momento a divisão ligeira do general Crawfurd, dirigindo bem e certeiramente o seu fogo contra o inimigo, fez-lhe parar os esforços empregados por elle até então com vantagem. Crawfurd formou a sua divisão em tres quadrados, apoiados n'uma forte massa de cavallaria e por quinze peças de artilheria. Os esquadrões francezes atacaram resolutamente esta linha, e já dois dos citados quadrados tinham sido entrados, quando o general Montbrun, commandante da cavallaria inimiga, acabrunhado fortemente pela metralha, que os alliados contra elle dirigiam, e vendo alem d'isso marchar tambem contra elle a cavallaria ingleza, julgou-se obrigado a retirar, reclamando com instancia o auxilio da cavallaria da guarda e o apoio da infanteria. Era n'esta occasião que o general Montbrun teria podido ganhar a estrada de Castello Bom, cortando a retirada aos alliados,

feita dos alliados tivesse sido bem succedido, se
da guarda o tivesse de prompto auxiliado. Mass
muito tempo antes para aquelle fim; mas o gen
lhe respondeu que não reconhecia ali por chefe s
que de Istria (marechal Bessières), não tirando
d'elle o sabre da bainha. A consequencia de tudo
der lord Wellington reforçar a sua ala direita no
já mencionado, e tornar impraticavel ao genera
poder supportar por mais tempo, na impetuosid
ataque, o mortifero fogo da artilheria alliada.

Contra o centro dos alliados em Fuentes de Oñ
as tropas do nono corpo francez, executando o
com alguma vantagem até certo ponto. Foi a segu
do dito nono corpo a que rompeu o referido ata
neral Ferrey pôde com effeito ganhar Fuentes de
gando mesmo a expulsar os alliados de uma p
povoação, conservando sómente a outra em seu p
do-se n'estas circumstancias ordenado á citada
ladeasse um pouco sobre a sua esquerda, para no
se ligar com o das tropas, feito contra o flanco
alliados, deu isto logar a que os francezes fosse
das posições já por elles occupadas em Fuentes
sendo contra ellas empregado o mais terrivel fog
dos atacados, operação em que muito se disting
lhão portuguez de caçadores n.º 6, commandad
bravo tenente coronel, Sebastião Pinto de Araujo
qual, postado vantajosamente por trás de uns roc

Est.ª 13.

CIDADE RODRIGO
Rio Agueda
Marialva
Rio Azava
9.º Corpo
6. Corpo
8.º Corpo
de Onoro
Poço Velho
Cavallaria

alliados. Em similhantes circumstancias Massena resolveu operar um golpe decisivo, ordenando para este fim ao general Loison que obliquasse para a sua esquerda para auxiliar Montbrun, ordem a que resistiu pela inercia. Reynier e Ferrey, que tambem pela sua parte tinham com frouxidão atacado o centro dos alliados, fraco auxilio prestaram n'esta batalha a Massena, o qual, deixando Fuentes, onde até então se tinha inactivamente conservado, se decidiu por fim a dirigir pessoalmente um novo ataque contra a direita dos alliados. Eram já cinco horas da tarde, e ía-se tomar a offensiva contra toda a linha, quando o mesmo Massena foi advertido pelo general Eblé que muito poucos cartuchos tinham ficado na patrona dos soldados[1], e que o marechal Bessières ainda não tinha chegado, o que deu causa a que o mesmo Massena suspendesse o seu projectado ataque, mandando buscar munições á Cidade Rodrigo, sem nada mais fazer de hostilidade. As tropas francezas ficaram no campo da batalha, consumindo os viveres que se queriam introduzir na praça de Almeida. Lord Wellington intrincheirou durante a noite o seu campo de Fuentes de Oñoro, circumstancia que reunida ao mau espirito dos generaes francezes para com Massena, fez com que muitos officiaes o aconselhassem a que desistisse do seu intentado ataque, conselho que elle aceitou, deixando finalmente as margens do Agueda. Seguiu-se a isto expedirem-se commissarios ao general Brenier, que defendia Almeida, avisando-o da impossibilidade que havia em poder ser soccorrido, da necessidade de fazer saltar aos ares as fortificações, e finalmente de se salvar como lhe fosse possivel.

O cerco da praça de Almeida começára no dia 16 de abril e durára até 11 de maio, em que foi abandonada pelo ini-

[1] Diz-se nas *Memorias de Massena*, que cada soldado não tinha mais que trinta cartuchos. Todavia as *Victorias e Conquistas* omittem esta circumstancia, dizendo que Massena desistiu da batalha em consequencia de uma mudança, operada por lord Wellington no seu centro, ficando-lhe a direita pela retaguarda, e que seria uma falta ataca-lo n'uma posição em que tinha de batalhar até ao ponto de vencer ou morrer.

reforçar o bloqueio da praça de Almeida. Um dos
lhões fôra mandado para Barba de Porco. Foi na n
para 11 que o general Brenier executou a empreza q
raria, que se lhe havia ordenado de abandonar a pr
elle se resolveu fazer saltar aos ares por meio de
nas suas fortificações havia feito. Um pouco antes d
da manhã de 11 de maio lançou fogo ao rastilho
calculado para duas horas, depois do que saíu
praça com a sua guarnição, indo logo atacar os pi
a observavam, com a fortuna de abrir passagem
d'elles. O fogo que fez foi pouco, parecendo que
por entre as tropas destinadas a sustentar os pi
primeiro alarme o general Pack, que se achava en
da, reuniu os piquetes e perseguiu o inimigo,
um incessante fogo, a fim de guiar a marcha dos
pos empregados no bloqueio. Todavia o inimigo
a sua marcha em corpo cerrado e compacto, sem
e sendo n'ella bem succedido, teve a fortuna de
entre as posições occupadas pelas nossas tropas,
a perda de 150 mortos e 200 prisioneiros. O co
do quarto regimento inglez, que do major gene
Erskine recebêra ordem para ir occupar Barba de
porque se enganou no caminho, como lhe suppo
lington, ou por descuido seu, julgou dever expiar
o seu engano, ou falta por elle commettida.

Effeituada a explosão foram por effeito d'ella in

são da praça de Almeida foram as cousas que terminaram a terceira e ultima invasão dos francezes n'este reino, invasão confiada por Napoleão ao marechal Massena, que poucos dias depois da referida batalha, origem de tamanho damno para a praça de Almeida, se retirou para Paris, sendo substituido no commando do exercito de Portugal pelo marechal Marmont (duque de Ragusa), que do referido commando tomou posse no dia 12 de maio, organisando o seu exercito em seis divisões, confiadas ao commando dos generaes Foy, Clausel, Ferrey, Sarrut, Maucune e Brenier. A perda do exercito francez nos dias 3 e 5 de maio foi a de 2:844 homens, sendo 343 mortos, 2:287 feridos e 214 prisioneiros ou extraviados; a perda dos cavallos mortos foi a de 266[1]. O exercito luso-britannico teve de perda nos mesmos dias 3 e 5 de maio 234 mortos, 1:234 feridos, e 316 prisioneiros ou extraviados, sendo o total 1:784 homens, incluindo n'este numero a perda do exercito portuguez, a qual no dia da batalha foi de 167 homens, ou 52 mortos, 89 feridos e 26 prisioneiros ou extraviados. A perda dos cavallos em ambos aquelles dias foi a de 156 mortos.

As brigadas e corpos portuguezes que entraram na batalha de Fuentes de Oñoro foram as que constam da seguinte relação:

Artilheria n.º 1 — Presentes na acção 220 praças, commandadas pelo major Victor Von Arentschild. Este corpo não teve perda alguma.

Artilheria n.º 2 — Presentes na acção 330 praças, commandadas pelo referido major Arentschild. Este corpo tambem não teve perda alguma.

Cavallaria n.º 4 — Presentes na acção 104 praças, commandadas pelo capitão Joaquim Cazimiro Rodrigues Vieira Botelho. Este corpo não teve perda alguma.

Cavallaria n.º 10 — Presentes na acção 208 praças, commandadas pelo major Nuno José de Brito Ferreira Taborda. Este corpo não teve perda alguma.

[1] Estas cifras foram-nos fornecidas pelo *Jornal historico* do barão Fririon.

3.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Regimento n.º 3 — Presentes na acção 724 praças, commandadas pelo coronel João Antonio Tavares. Este corpo não teve perda alguma.

Regimento n.º 15 — Presentes na acção 556 praças, commandadas pelo coronel Mac Mahon. Este corpo não teve perda alguma.

Caçadores n.º 8 — Presentes na acção 484 praças, commandadas pelo tenente coronel Offley. A perda d'este corpo foi a de 6 soldados feridos.

5.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Ashworth

Regimento n.º 6 — Presentes na acção 986 praças, commandadas pelo tenente coronel Maxwell Grant. A perda d'este corpo foi a de 4 soldados feridos.

Regimento n.º 18 — Presentes na acção 1:130 praças, commandadas pelo coronel Manuel Pamplona Carneiro Rangel. A perda d'este corpo foi a de 9 soldados mortos e 3 feridos, ou a de 12 homens ao todo.

Batalhão de caçadores n.º 6 — Presentes na acção 423 praças, commandadas pelo tenente coronel Sebastião Pinto de Araujo Correia. A perda d'este corpo foi a de 10 homens mortos (1 official e 9 soldados), 14 feridos (4 officiaes e 10 soldados) e 5 extraviados, ou a de 29 homens ao todo.

6.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Ricardo Collins

Regimento n.º 7 — Presentes na acção 713 praças, commandadas pelo coronel José Cardoso de Menezes Souto Maior. A perda d'este corpo foi a de 3 soldados mortos, 4 feridos e 1 extraviado, ou a de 8 homens ao todo.

Regimento n.º 19 — Presentes na acção 1:026 praças, commandadas pelo major Sl. João Travers. A perda d'este corpo foi a de 2 soldados feridos.

Batalhão de caçadores n.º 2 — Presentes na acção 442 praças, commandadas pelo tenente coronel Nixon. A perda d'este corpo foi a de 18 soldados mortos, 13 feridos e 19 extraviados, ou a de 50 homens ao todo.

7.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Madden

Regimento n.º 8 — Presentes na acção 915 praças, commandadas pelo tenente coronel João Douglas. Este corpo não teve perda alguma.

Regimento n.º 12 — Presentes na acção 1:222 praças, commandadas pelo coronel Antonio de Lacerda Pinto da Silveira. A perda d'este corpo foi a de 2 soldados mortos e 2 feridos, ou a de 4 homens ao todo.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Manley Power

Regimento n.º 9 — Presentes na acção 910 praças, commandadas pelo major Francisco Xavier Calheiros. A perda d'este corpo foi a de 2 soldados mortos e 6 feridos, ou a de 8 homens ao todo.

Regimento n.º 21 — Presentes na acção 740 praças, commandadas pelo tenente coronel João Maria de Araujo Bacellar. A perda d'este corpo foi a de 8 soldados mortos, 11 feridos e 1 extraviado, ou a de 20 homens ao todo.

Brigada ligeira de caçadores

Batalhão de caçadores n.º 1 — Presentes na acção 450 praças, commandadas pelo tenente coronel Jorge de Avillez Zuzarte. A perda d'este corpo foi a de 7 soldados feridos.

Batalhão de caçadores n.º 3 — Presentes na acção 447 praças, commandadas pelo tenente coronel Jorge Elder. A perda d'este corpo foi a de 17 homens feridos (2 officiaes e 15 soldados).

Foi portanto a força portugueza entrada n'esta batalha a de 12:030 homens, incluindo os officiaes, sendo a sua perda

a de 1 official morto e 6 feridos, e 51 soldados morto
ridos e 26 extraviados, ou a de 167 homens ao tod
já acima se disse.

Para completa intelligencia do leitor forçoso é d
que por aquelle tempo escriptores houve que julgara
cisa a batalha de Fuentes de Oñoro, fundados em que
exercitos contendores conservaram no fim d'ella as
posições que tinham antes de a começarem, circun
com que tambem se deu a da povoação d'aquelle no
dadeiro alvo a que ambos elles se dirigiam, não ser
dade occupada, nem por um, nem por outro dos e
combatentes. Como porém os resultados foram fa
aos alliados, poisque os francezes não poderam aprov
e nem mesmo conservar Almeida, com toda a rasão
reputar a victoria ganha pelo exercito luso-britanni
guinolenta como foi esta batalha para ambos os ex
lord Wellington temeu que mais sanguinolenta se lhe
se, suppondo que o inimigo voltaria no dia 6 novam
combate, e n'esta supposição começou a mandar leva
trincheiramentos para lhe cobrirem a sua propria
habilitando-o a pode-la defender com pouca perda d
Todavia Massena, ficando immovel nos dias 6 e 7, re
no dia 8, sem ser incommodado pelos alliados, seg
da regra, como n'este caso foram, de que *para qu*
uma ponte de prata. No dia 10 o seu exercito atrav
Agueda, indo a maior parte d'elle para a Cidade Ro
o corpo de Reynier para Barba de Porco.

A batalha de Fuentes de Oñoro parece não estar
monia com a indole e o genio que os dois generaes
dores tinham até então manifestado, surprehenden
conseguinte os homens entendidos e experimentados
da guerra, segundo a opinião de alguns. Com effeito
admirar, diziam os que criticavam lord Wellington
sendo elle tão circumspecto, como sempre foi, e tão
larmente se tinha mostrado, desde que saiu das lin
Torres Vedras em perseguição de Massena, desse de
sua habitual prudencia e reserva por occasião d'aque

talha, succedendo isto quando o seu exercito (a quem tanto buscava evitar serios encontros, sem que uma urgente necessidade e a espectativa de reconhecida vantagem a isso o obrigassem), se achava tão consideravelmente desfalcado, pelos reforços que tinha enviado para o sul do Tejo, debaixo das ordens do marechal Beresford, de que resultava ser portanto de muito risco mette-lo em batalha com o francez, que pela sua parte havia sido refeito e augmentado. Foi no meio d'estas circumstancias que elle aventurou uma batalha n'uma posição tão extensa e defeituosa, tendo pela sua retaguarda a praça de Almeida ainda em poder do inimigo, e depois d'ella o rio Côa, cujas margens, profundas e alcantiladas, tão difficil faziam a passagem para qualquer exercito, quando houvesse de se lançar n'uma precipitada retirada. Á vista do exposto qual seria pois a causa que obrigaria o general inglez a abandonar o seu anterior systema, seguido até então com tanto afferro e perseverança? Parece que ostensivamente nenhuma outra foi senão o desejo de obstar ao aprovisionamento da praça de Almeida. O motivo era realmente ponderoso, attento o seu empenho em se assenhorear d'esta praça; mas seria a sua posse comparavel ao risco da empreza, ou seria porventura menos perigosa que a de tentar destruir o exercito francez, na marcha que effeituou desde Santarem até ás fronteiras da Hespanha? A tê-lo feito assim, não sómente a praça de Almeida, mas até mesmo a da propria Cidade Rodrigo lhe caíriam nas mãos, sem grande difficuldade, e a destruição do exercito francez, chamado de Portugal, traria forçosamente comsigo a mais feliz influencia nas operações da Extremadura hespanhola, e mesmo nas de todo o meio dia da Hespanha.

E valeria porventura no anno de 1811 a nossa praça de Almeida arriscar lord Wellington pela sua posse a sorte de uma batalha nas circumstancias de inferioridade de forças em que o seu exercito por então se achava, e n'uma posição que seguramente se não podia dizer boa, quando no anno anterior nem a dita praça de Almeida, nem a da Cidade Rodrigo lhe mereceram similhante consideração? Muito nos

aventurar a causa dos alliados na peninsula ao
uma batalha, que, a perder-se, ficaria tal causa
perdida. Não nos admira menos que, fundado
milhante rasão, o mesmo lord Wellington não d
tregar no dito anno de 1810 á devastação do exe
as nossas duas Beiras, e juntamente com ellas a
da Extremadura, não fallando na total ruina a
todos os seus habitantes, nem nos horrores, m
graças a que os expoz, indo uns d'elles refugiar-
tes e brenhas do paiz, e outros nas linhas de To
por obediencia ao mandato do mesmo Wellingt
teria mais rasão de ser a batalha que no anno
desse para salvar as praças da Cidade Rodrigo e
evitar ao mesmo tempo todos esses males, [q
mesmo anno vieram sobre Portugal, do que por
talha de Fuentes de Oñoro, cujo resultado, a s
aos alliados, forçosamente havia de trazer comsi
retirada sobre as ditas linhas, seguramente ain
nesta e desordenada de que o fôra a do Bussaco

Sem duvida o marechal Massena, a ser feliz
de Oñoro, não podia deixar de vir novamente
gal, elle que, depois de chegar á raia, projectára
vez para este reino. E com effeito da cidade da
villa de Belmonte intentou elle marchar para Co
tara, com o fim de estabelecer uma communicaç
do outro lado do Tejo, e com o rei José pelo

dem expressa do imperador se não prestava a similhante empreza. Parece-nos portanto que a ter Massena sido feliz em Fuentes de Oñoro, e a ser depois auxiliado pelo marechal Soult na sua nova campanha contra Lisboa, muito mais difficil seria a lord Wellington manter-se em Portugal do que lhe foi no anterior anno de 1810; e a ser obrigado a saír d'elle, como seria provavel, attenta a grande desanimação em que o governo inglez por então se achava para continuar na peninsula a sua guerra contra a França, ficaria ella de todo acabada. Acreditâmos portanto que para destruir similhante desanimação, manifestada a lord Wellington nos despachos que ultimamente recebêra de Londres, segundo o que n'outra parte já vimos, foi a verdadeira causa da batalha de Fuentes de Oñoro, no que lord Wellington se mostrou mais condescendente para com o seu governo do que o fôra para com o governo portuguez, de quem aliás zombava e a quem orgulhosamente deprimia, tornando-se tão intolerante como foi para com o principal Sousa.

Fallando agora do marechal Massena, parece-nos que em Fuentes de Oñoro elle se não mostrou tão habil, quanto até então se tinha feito conhecer, porque tendo durante a batalha obtido vantagens sobre a direita do exercito luso-britannico, se vigorosamente o continuasse a perseguir por aquelle lado, particularmente no momento em que retrocedeu e mudou de posição, a victoria seria provavelmente sua, e este grande successo, compensando-lhe os pesados revezes que até ali soffrêra, teria talvez mudado em seu favor toda a face da guerra peninsular. Em conformidade com isto diz Londonderry que Massena devêra ter lançado a sua cavallaria contra o flanco direito dos alliados, atravessado o Côa, avançar sobre as linhas de communicação dos seus contrarios, apprehender-lhes os comboios, e emquanto a sua infanteria os ameaçava de tornear-lhes o seu dito flanco direito, dirigir-se sobre o Sabugal e as terras proximas, a fim de obrigar lord Wellington a repassar o Côa nos pontos mais difficeis, cortando-lhe por fim a sua mais segura retirada. D'isto se temeu effectivamente lord Wellington, que hesitou entre abandonar

o Sabugal e levantar o cerco de Almeida, decidindo-se antes por deixar aquella villa do que o cerco d'esta praça, resolução atrevida e perigosa, que lhe podia trazer o córte da sua retirada, o que lhe não succedeu pela incuria de Massena, o qual viu muito tarde a fraqueza da posição dos alliados, reunindo-se com isto o ter perdido o dia 3 em ataques inuteis contra Fuentes de Oñoro, e o dia 4 em reconhecimentos tardios. Reynier devêra no dia 5 mostrar-se mais resoluto diante de Almeida, Drouet buscar ganhar Fuentes com todo o seu corpo, e Loison marchar mais rapido e mais directamente ao verdadeiro fim dos seus movimentos. Disse-se que Massena e varios dos seus generaes, sabendo que íam ser substituidos, mostraram-se frouxos no cumprimento dos seus deveres, e portanto pouco empenhados em conseguirem a victoria. Certo é que a par de Massena, Junot e Loison foram tambem chamados a Paris; mas o barão Fririon nega que similhante causa podesse produzir tal effeito, pelo menos quanto a Massena, o qual no dia da batalha ignorava ainda que ía ser substituido pelo marechal Marmont. Entretanto este, assumindo o commando em chefe do exercito de Portugal no dia 12 de maio, como já vimos, acantonou as suas tropas sobre as margens do Tormes, deixando sómente uma pequena parte d'ellas entre este rio e o Agueda, mudando assim a antiga ordem e distribuição dos corpos. Drouet tomou pela sua parte o caminho da Andaluzia e Extremadura hespanhola com os seus 10:000 ou 11:000 homens, que lhe restavam do nono corpo, ao passo que lord Wellington acampou o exercito luso-britannico entre o Côa e o rio Duas Casas; mas a 16 de maio seguiu de lá com duas divisões para a Extremadura hespanhóla, em rasão da marcha que o marechal Soult por segunda vez fazia contra esta mesma provincia, acompanhado de respeitaveis forças.

Terminou pois em Portugal a grande e momentosa luta que n'elle se travára entre o marechal Massena e lord Wellington, nos annos de 1810 e 1811, luta que, como já vimos, chamára sobre si os olhos da Europa inteira, não porque em similhante luta se tratasse unicamente da sorte d[illegible]

Portugal, ou mesmo da da Hespanha, mas porque n'ella se ia com effeito decidir a da mesma Europa. É innegavel que o exercito por Napoleão confiado ao marechal Massena, foi, como já dissemos, o mais formidavel que na peninsula se viu, tendo todos por certo que com similhante exercito a occupação de Portugal era para os francezes segura, commissionada como fôra a um general dos de maior prestigio e fortuna que por então havia no exercito francez. O revez que todavia experimentou no Bussaco, onde as tropas portuguezas deram ao inimigo a primeira e decisiva prova da intrepidez e disciplina a que já tinham chegado; o estado de petrificação a que o mesmo Massena se viu reduzido, quando, internando-se no paiz até Torres Vedras, depois d'aquella batalha, se não atreveu a atacar as linhas a que aquella mesma villa dera o seu nome, sendo até mesmo mui seriamente perseguido na sua retaguarda pelas milicias portuguezas, que contra elle fizeram prodigios de valor; o portentoso facto do heroismo praticado pelos habitantes das provincias invadidas, abandonando todos elles as suas casas, sem distincção de classe, de sexo e de idade, depois de terem destruido tudo quanto podia servir de utilidade ao exercito invasor, sendo o proprio *Moniteur* o que confessou acharem-se as povoações inteiramente abandonadas, foi esta uma serie de cousas que effectivamente encheu de pasmo a Europa inteira, e com o mais justificado motivo cobriu de immarcessivel gloria a nação portugueza. Eis-aqui pois o exemplo que por dois annos antes Portugal deu aos russos, quando na sua retirada de Smolensko, effeituada até Moscow em 1812, abandonaram ou queimaram as suas casas e aldeias, devastando tudo quanto podia servir á tropa franceza. Esta decisão heroica dos portuguezes foi attribuida pelo mesmo *Moniteur* á barbaridade dos inglezes, dizendo que trataram Portugal á indiana (les anglais ont traité le Portugal à l'indienne), como se um exercito que apressadamente se retira diante de um outro mais formidavel do que elle, vendo-se sempre seguido e perseguido de perto por espaço de cincoenta leguas, tivesse força bastante para obrigar os povos a

abandonarem as suas casas, quando o não quizessem fazer por sua propria vontade. É portanto indubitavel que tamanho sacrificio teve o merito de ser um acto voluntario, devendo com este caracter ser transmittido á posteridade, e figurar como tal nos annaes do patriotismo da nação portugueza.

Pela sua parte lord Wellington retirou de Almeida para Coimbra, depois da tomada d'aquella praça pelo exercito francez. Coimbra estava fóra da marcha retrograda do mesmo Wellington; mas como este general via em risco de perdição os armazens que tinha n'aquella cidade, depois que Massena passára da esquerda para a margem direita do Mondego, necessario lhe foi demorar-lhe o passo nas alturas do Bussaco, d'onde o general inimigo foi por fim repellido com grande perda, e maior seria o desaire por que ali passou, se um acaso lhe não deparasse um paizano, que lhe ensinou a estrada de flanco por que então marchou e pôde ir até Coimbra. Foi esta circumstancia a que obrigou lord Wellington a deixar immediatamente o Bussaco e a atravessar depois aquella cidade, evacuada já dos seus armazens, d'onde proseguiu na sua retirada para as linhas de Torres Vedras. Tal foi a rapidez d'estes movimentos, que os habitantes de Coimbra só tiveram um dia para d'ella sairem, antes de ser entrada pelos francezes. Foi n'esse mesmo dia que toda a sua população, orçada em 14:000 para 15:000 almas, abandonou voluntariamente as suas casas, que os francezes acharam cheias de provisões, mas desertas de moradores. A este estado de cousas se seguiram de prompto as epidemias, os vexames e incommodos de toda a ordem, as perseguições e assassinatos feitos pelas tropas francezas, e finalmente a fome, de que resultou a morte de milhares de pessoas de um e outro sexo. Mas se funesta foi a Massena esta devastação da Beira e Extremadura, durante a sua invasão, quer na sua entrada em Portugal em 1810, quer na sua saída em 1811, ella não foi menos nociva ao exercito luso-britannico, que no ultimo d'aquelles annos se deitou a persegui-lo na sua retirada, vendo-se lord Wellington obrigado a deter-se por alguns dias por falta de provimentos e de transportes, circumstancia que

talvez foi causa do exercito francez poder saír, como saíu para fóra de Portugal.

Por conseguinte a vantagem d'aquella devastação não foi tão util como á primeira vista se antolhou, sendo todavia vantajosa á emigração a que para a capital do reino obrigou as pessoas ricas e notaveis das provincias, por isso que os generaes francezes tinham por costume conserva-las como presas, servindo-lhes de refens, aggregadas aos seus exercitos, como meio de lhes assegurar a posse e as provisões do paiz que occupavam. Pensâmos tambem por outro lado que a emigração para Lisboa de todas as classes de povo das provincias invadidas pelos francezes foi obra de fortuna para os invasores, porque á vista da grande indisposição e odio dos portuguezes contra os francezes era bem de esperar que todos os habitantes, capazes de pegar em armas, e que ficassem pela retaguarda do referido exercito, se teriam armado em guerrilhas, e imitando assim os hespanhoes, não só haveriam perseguido terrivelmente os invasores, mas até poupariam á morte grande parte das victimas, que a barbaridade franceza immolou entre aquellas pessoas, cujo sexo ou idade tornou incapazes de se exporem aos trabalhos da emigração. Debaixo pois d'este ponto de vista a medida dos povos abandonarem as suas casas para se recolherem á capital não póde deixar de se ter como feliz para o exercito francez de Massena; mas como similhante exercito foi tido por então como invencivel, a citada medida foi ainda assim a que no meio de taes circumstancias se antolhou como a melhor que se podia adoptar. Esta heroica dedicação dos portuguezes, abraçando o conselho que lhes dera lord Wellington, foi para elles a origem de innumeras calamidades, taes como a fome, a miseria e a morte, que a todos elles perseguiu em maior ou menor grau, dedicação que nos fastos da nação constitue por certo uma das mais brilhantes paginas da sua historia, e que honrará para sempre a memoria de tão illustres victimas. A cidade de Lisboa, coberta então pelas linhas de Torres Vedras, foi seguramente o maior receptaculo de tão patrioticos fugitivos. O seu numero, junto ao dos habi-

todos os portuguezes d'aquelle tempo, que tão her
para tal fim se sacrificaram.

Fôra com effeito n'aquelle celebre promontorio
Portugal fica entre o Tejo e o mar, que verdadeir
disputára o imperio do mundo entre a Inglaterra e
porque a serem os inglezes expulsos d'este rein
belecimento da paz geral, á inteira vontade de Nap
naparte, era a sua natural consequencia, ao pass
manecendo n'elle um exercito inglez, patente se
aos olhos do mundo a declinação da fortuna
diante do magestoso augmento do poder britann
dido este a abysmar inteiramente aquella potencia
da espantosa catastrophe que lhe preparava. A qu
portanto da mais extraordinaria importancia, por tr
sigo de envolta a questão do imperio do mundo,
fortemente entre aquellas duas grandes potencias
que ambas ellas tinham confiado ao saber milita
homens extraordinarios, ambos elles de considera
na sua profissão, decidindo-se finalmente a fortuna
da Inglaterra, não por effeito de elementos ou c
cias fortuitas, como por tantas vezes acontece n
nem pela sorte de uma batalha perdida ou ganha
acaso, mas pela superioridade da combinação do
feitos pelo grande general, que o ministerio brit
zera á testa dos seus exercitos, superioridade qu
venceu a do general francez, depois de se ter assi
a já citada luta entre um e outro d'estes dois gr

por ser cousa da nossa intima convicção, que os talentos militares de lord Wellington eram effectivamente superiores aos do marechal Massena; todavia justo é confessar que a perda da questão por parte d'este ultimo general dependeu menos d'elle que do seu governo, porque na situação a que as cousas tinham chegado, a resolução da contenda, travada entre elle e o seu adversario, dependia mais dos meios, que os respectivos governos pozessem á disposição dos seus generaes, do que da capacidade d'estes; e como n'esta parte Massena não foi convenientemente soccorrido por Napoleão, o desar que experimentou na commissão que se lhe confiára deve menos attribuir-se a elle proprio, do que ao abandono em que se achou, não se lhe tendo mandado o reforço de que precisava para a poder levar a effeito.

Por uns poucos de mezes se viu o marechal Massena inactivo á testa de um dos mais formidaveis exercitos, fornecidos pela França aos seus generaes, olhando como intomaveis as linhas a que se recolhêra o exercito luso-britannico para defender Lisboa, cuja posse fôra o principal fim da invasão de Massena. Entendeu elle que atacar em similhante posição o referido exercito, cujo valor tinha já experimentado na famosa serra do Bussaco, era seguramente sacrificar a vida dos seus soldados, sem esperança alguma de bom resultado. Póde bem ser que assim fosse, mas retirar-se d'ellas sem um motivo urgente, ou tentar combate, era abandonar tambem sem causa justa uma empreza, que se confiára, tanto á sua habilidade, como á sua boa fortuna, da qual o mesmo Napoleão tantas vantagens tinha até então colhido. Massena tentou tudo quanto o talento militar podia humanamente suggerir para attrahir o seu inimigo fóra da posição a que se recolhêra, ora ameaçando-o de levar a guerra á provincia do Alemtejo, e ora propondo-se a transferi-la para as provincias do norte. Nada conseguindo, quer por uma, quer por outra fórma, o partido que por fim lhe restava era o que effectivamente tomou, isto é, o de pedir soccorros ao imperador Napoleão, para se habilitar a acommetter com elles o exercito luso-britannico na sua respectiva posição,

d'onde não queria saír, nem lhe era possivel desaloja-lo com as forças que comsigo primitivamente trouxera. Por esses pedidos soccorros esperou elle até á ultima extremidade; mas não lhe tendo chegado, foi a final vencido, não por meio das armas, que lord Wellington contra elle empregasse directamente, mas sim pela fome, ou escassez de subsistencias a que se viu reduzido, porque lord Wellington, tomando por systema, na sua defeza de Portugal nos annos de 1810 e 1811, reduzir os francezes á mais desesperada penuria, sem nada lhe importar com a ruina, occasionada a este reino com similhante systema, pôde por meio d'elle conseguir o seu fim, tornando impraticavel a residencia dos francezes por mais tempo no paiz. Obrigado pois á retirada, forçoso é confessar que Massena, effeituando-a, teve n'ella muito mais honra, apesar das faltas que atrás se lhe notaram, do que nas suas retiradas tiveram Junot e Soult, pois aquella pouco ou nada teve de similhante com esta, porque a de Junot foi o resultado de uma capitulação, subsequentemente a uma batalha, e a do marechal Soult a de uma surpreza e perseguição armada, que precipitadamente o obrigou a abandonar o Porto, e a perder toda a sua artilheria, e uma grande parte da sua cavallaria, entrando por fim em Galliza em deploravel estado, procurando para isso o caminho mais curto, sem nada lhe importar com as difficuldades que lhe offerecia para a sua marcha.

Massena porém demorou-se em Portugal por todo o tempo que quiz e pôde, até que, vendo-se sem viveres, sem soccorros, e sem communicações, nem noticias algumas da França, tomou por seu proprio arbitrio, e não coagido pela força das armas, o partido de se retirar de Portugal, visto achar-se n'uma das mais difficeis posições em que general algum se viu, e effeituando a sua retirada por espaço de sessenta leguas, percorridas n'um paiz inteiramente arruinado, mostrou ainda assim, não obstante as suas ditas faltas, e a confusão e desordem de tal retirada, uma capacidade tal, que apesar do exercito luso-britannico o seguir sempre de perto, lord Wellington não se atreveu a obriga-lo a lhe aceitar uma batalha,

nem mesmo a lhe fazer o damno, que em 1809 causára ao marechal Soult, damno que qualquer outro general experimentaria, a não ser dotado de uma capacidade igual á do marechal Massena. Mas para maior requinte da desgraça em que este general se viu acresceram ainda os actos de insubordinação e manifesta malquerença dos generaes seus immediatos para com elle. Á indocilidade d'estes generaes, e á frieza do seu zêlo no desempenho das suas obrigações, attribuiu Massena o mallogro da batalha do Bussaco; o não poder passar em Punhete da margem direita para a esquerda do Tejo; o não poder em Condeixa assegurar-se da linha do Mondego, passando da margem esquerda para a direita d'este rio, como pretendia; o ter sido exposto em Fonte Coberta a caír prisioneiro nas mãos dos seus inimigos; e finalmente o não poder manter-se na linha do Alva, depois que chegára á ponte da Murcella. Convencido pois de todos estes actos de rebeldia dos generaes seus immediatos para com elle, actos para que a sua conducta lhe fornecia provas e muito bons fundamentos, viu-se por fim necessitado a privar em Hespanha do commando do seu corpo o proprio marechal Ney, arrastado a isto pela desesperação em que o lançou a constante indocilidade e formal rebellião do referido marechal para com as suas ordens, sendo esta uma outra circumstancia poderosa, que muito deve attenuar o grande desar por que passou na sua invasão contra Portugal.

Se portanto temos feito ao marechal Massena a devida justiça, no que respeita aos seus actos como general, não o podemos como homem avaliar tão lisonjeiramente. Examinando os horrores, que em Portugal de facto permittiu fazer aos seus soldados, como já atrás notámos, estamos convencidos que o leitor, juntamente comnosco, se verá obrigado a olha-lo como um verdadeiro monstro. Mesmo debaixo d'este ponto de vista ainda ha para com elle circumstancias attenuantes a que é necessario attender. É innegavel que a indocilidade dos generaes subalternos a Massena foi uma das causas que determinaram o quebrantamento da disciplina militar no seu exercito, sendo igualmente innegavel que os seus soldados,

animados pela conducta dos chefes, tambem pela sua p[illegible] haviam de olhar Massena com muito menor respeito do [illegible] n'outras circumstancias, vendo-o ser alvo das satyras e c[illegible] cos, que constantemente lhe dirigiam generaes de tanta [illegible] sideração como o marechal Ney. A este grande element[illegible] desordem e indisciplina no exercito, outro não menos p[illegible] roso e energico veiu ainda reunir-se, tal foi o da necessi[illegible] de mandar forragear os seus soldados para lhes poder ga[illegible] tir a subsistencia, tanto quanto lhe era possivel faze-lo [illegible] meio das circumstancias de apuro em que se viu; mas [illegible] se recurso a este meio fosse debaixo de ordem e disciplina, e s[illegible] os crimes perpetrados fossem castigados, aindaque mau para o respectivo paiz fosse um tal recurso, pouca ou nenhuma censura se lhe podia fazer por tal motivo. O que porém não admitte desculpa foi a dispersão isolada, permittida por elle aos seus soldados com similhantes vistas, dispersão de que forçosamente havia de resultar a perpetração de todos os crimes e horrores, que effectivamente tiveram logar; foi a constante impunidade para com os perpetradores de similhantes crimes e horrores; e finalmente foi o ter elle mesmo expedido ordens para alguns actos de destruição vandalica, que por effeito d'ellas tiveram logar, e o constituem co-réu de todos os crimes dos seus soldados, pela manifesta homogeneidade de sentimentos, que por meio d'ellas mostrou ter com os d'elles. Estas ordens elle as expediu por occasião de effeituar a sua retirada para fóra de Portugal, e se executaram quando esta teve logar, porque Massena, á imitação do inimigo do genero humano, que, segundo a crença do vulgo, queima e destroe o proprio edificio onde teve logar a sua apparição, quando se vê obrigado a abandona-lo, resolveu similhantemente deixar tambem este reino submerso inteiramente em ruinas, como succedeu, já por effeito da odiosa e desenfreada licença, permittida por elle aos seus soldados para commetterem toda a especie de maleficios, e já por effeito das suas ditas ordens.

Deve porém confessar-se que todos os males, crimes e horrores de que Portugal foi victima pela licença que Mas-

a deu aos seus soldados de divagarem soltamente pelo
com o pretexto de procurarem subsistencias (cuja falta
olhado como a principal causa da ruina do seu exer-
e como titulo de gloria para lord Wellington pela des-
o que para ellas ordenára), não provieram tanto d'esta
stancia, como da de não haver um commissariado re-
que providenciasse sobre tal ponto o que convinha ao
ito invasor. A desordem que isto causou foi de tal mon-
e alguns officiaes intelligentes do proprio exercito inva-
lgaram que lord Wellington podia bem surprehender
a e destrui-lo inteiramente nas horas em que os sol-
francezes andavam vagueando, se d'isto buscasse ser
ado para tirar vantagem. Se portanto Massena tivesse
elecido um commissariado, não só evitaria as innume-
desgraças a que a falta d'elle deu logar, inclusivamente a
bra da disciplina dos seus soldados, mas até mesmo a
a de vida de milhares d'elles, caíndo durante as suas in-
sões nas mãos dos camponezes do paiz, quando, descendo
montanhas para as suas habitações, os matavam, achan-
s dormindo, ou desgarrados, ou dominados pelo vinho.
facto que os francezes, retirando-se d'este reino, deixa-
fecundados os seus campos com um não pequeno nu-
o de cadaveres dos seus compatriotas; mas isto não
pensou por modo algum as calamidades por que pas-
este reino, durante a memoravel invasão do marechal
sena, em resultado da qual augmentou consideravel-
te no coração de todos os portuguezes o profundo odio,
contra o dominio da França tinham já n'elles produzido
vasões de Junot e Soult.

um facto que durante a invasão do referido marechal
houve horror, nem deshumanidade, que os soldados do
exercito deixassem de perpetrar entre nós, sem respeito
a á idade, sexo ou condição dos portuguezes que lhes
nas mãos. O mais horroroso saque, mortes, incen-
, estupros e violações de todo o genero assignalaram,
toda a parte da sua residencia e do seu transito, a
ra e tyrannica conducta d'estes vandalos da moderna

igualmente ficaram quasi todas mutiladas e d
Na casa dos tumulos fizeram insolencias, que
por aquelle tempo os espiritos mais indifferente
dos os ditos tumulos foram abertos a pancadas
e picareta, de que resultou ficarem estragados, n
de D. Pedro I e D. Ignez de Castro, que eram
mente lavrados. Só ficaram intactos os tumulo
fonso II e D. Affonso III, o da infanta D. Sancha,
o do infante D. Fernando, filho de D. Affonso III.
res das rainhas D. Beatriz e D. Urraca apparecer
e o d'aquella ainda com os proprios vestidos co
sepultada. O corpo de el-rei D. Pedro I estava pe
organisado, mas não assim o de D. Ignez de Castr
pequenos tumulos jaziam tres infantes, cujos resto
receram depois. Dois religiosos foram mandado
estes estragos, e fazer recolher os cadaveres aos
ctivos jazigos. Ao tumulo da rainha D. Urraca re
alguns dos seus ossos e parte dos seus vestidos: a
triz o seu corpo perfeitamente organisado e incor
teiros os seus vestidos. Ao de D. Ignez de Castro
do seu corpo, que os barbaros tinham arrancado
queno buraco; ao de D. Pedro I o seu corpo int
tido de pelle e cabellos; e ao do infante D. Fern
de D. Affonso III, o seu corpo quasi inteiro. O fo
em muitas partes do mosteiro, consta que durou
dias, com mais ou menos intensidade, impedind

das varandas. Foram lançados para a cerca muitos livros, que se estragaram com o tempo, não sendo todavia os melhores e mais raros, por se terem posto a salvo antecipadamente os que o eram. Rasgaram muitos, quebrando tambem quatro globos, dois terraqueos, e dois celestes que havia. Na hospedaria ficou salva uma casa, ou sala chamada dos reis, rasgando comtudo as pinturas dos monarchas que n'ella havia.

Estragos iguaes a estes se reproduziram tambem no mosteiro da Batalha, onde os tumulos de D. João I e os dos principes, seus filhos, foram igualmente arrombados pelo mesmo modo por que o tinham sido os tumulos do mosteiro de Alcobaça. O cadaver de D. João II, que se achava n'um sarcophago de madeira, existente na capella que está em frente da nave do lado da epistola do altar mór, foi desorganisado e disperso pelo corpo da igreja, juntamente com outros, recolhendo-se depois ao dito sarcophago os ossos que se poderam juntar, o que se fez por intervenção dos religiosos, moradores da casa, a quem se commettêra reporem as cousas no seu antigo estado, do melhor modo possivel. Os estragos, feitos em Alcobaça e outras mais partes, foram o resultado das ordens, que para este fim expedíra o proprio marechal Massena. Já vimos que Santarem, Thomar, Torres Novas e Pernes, apesar de serem as terras onde elle e os seus generaes immediatos estabeleceram os seus respectivos quarteis, nem por isso foram por elles poupadas ao roubo e aos incendios, quando d'ellas se retiravam. Leiria, Pombal, Redinha, Condeixa e Miranda do Corvo foram, como tambem já vimos, incendiadas durante o seu transito, tendo passado por esta mesma sorte em Leiria o palacio do bispo, por ordem do general Drouet. Foi debaixo d'este plano de devastação, de incendios e mortes, que Massena assignalou a sua retirada pelas terras por onde passou, não podendo estender similhante plano a mais de uma legua de distancia para um e outro lado da estrada que seguia. Lançar o fogo sem motivo justo aos logares e terras da sua passagem denota uma miseravel vingança, só propria de um coração perverso, effeito

da desesperação que o abrasava, e da requintada crueldade e degradação a que as tropas francezas tinham chegado. Umas poucas de companhias, deixadas na retaguarda com tições accesos, bastavam para incendiarem todas as cidades e villas por onde se retiravam. Por toda a parte de Portugal por onde tal retirada se effeituou estes males se fizeram consideravelmente sentir; mas onde mais sobresaíram foi desde a Guarda até Pinhel, não havendo povoação, cujos moradores se não vissem atacados na sua honra e na das suas familias, bem como na sua vida e nos seus bens. Quanto á honra, foram sacrificadas todas as pessoas do sexo feminino, que não tiveram a felicidade de se poderem esconder á sua vista; todas ellas foram mais ou menos offendidas, sem attenção á idade, ou a qualquer outra consideração. Quanto á vida, calculou-se em mais de seiscentas pessoas o numero das que foram mortas no districto de Pinhel, sendo umas enforcadas, outras maçadas com pancadas, outras queimadas, outras espingardeadas, e outras finalmente degoladas. Quanto a bens, não escapou á pilhagem nem pão, nem vinho, nem carne de porco, de boi, carneiro ou gallinha: toda a gente ficou morrendo de fome, não havendo homem rico, nem pobre, a quem aquelles barbaros não nivelassem, reduzindo todos á miseria. A maior parte d'esta gente sustentava-se de hervas e de um pão, feito quasi todo de farellos. Alem d'estes males, acresceram tambem os do incendio, porque muitas povoações houve que foram reduzidas a cinzas. O resultado de tudo isto foi conservar-se sempre viva durante muitos annos na lembrança dos povos de Portugal a horrorosa memoria de tão detestavel invasão, passando ainda hoje de paes a filhos, pintada com as mais negras cores, iguaes sem duvida áquellas, que a historia nos tem transmittido, sobre a invasão dos barbaros do norte, incluindo a do proprio Attila, *o flagello de Deus* na Italia.

Pessoas houve que por aquelle tempo censuraram lord Wellington de não ter impedido, pelo menos em parte, similhantes desastres, acreditando que durante a estada do marechal Massena em Santarem não lhe seria difficil obrigar o

seu adversario por meio de movimentos offensivos a concentrar as suas forças, impedindo-o de as destacar a vinte, e mesmo a trinta leguas de distancia, como ultimamente fazia, levando por meio d'ellas a tamanha extensão do paiz o flagello da destruição e da morte. Outras houve que tambem o censuraram por não ter, durante a retirada dos francezes, tirado proveito algum das vantagens, que, antes da partida de Beresford para o Alemtejo, lhe davam o numero e o bom estado das suas forças, iguaes ou superiores em quasi tudo ás do inimigo, as quaes, diminuidas pelas molestias, e desmoralisadas pelas circumstancias occorrentes, não tinham comsigo mais viveres do que aquelles, que cada soldado levava no seu bornal, ou que ainda podia achar n'um paiz já por elle devastado. Não o desculpa o retardamento da sua artilheria, porque, sendo esperada e tida por elle como certa a retirada de Massena, não estar preparado para ella, é em lord Wellington uma falta indesculpavel. Os desfiladeiros e obstaculos naturaes (acrescentavam mais os referidos censores), que embaraçaram e retardaram a marcha do exercito francez, sobre tudo na Redinha, Condeixa, Casal Novo e Miranda do Corvo, permittiam bem a lord Wellington atacar e vencer facilmente o inimigo, podendo talvez então, sem grande risco, aniquilar um exercito, que dois mezes mais tarde, e já depois de refeito, vigorosamente foi combatido em Fuentes de Oñoro pelo exercito luso-britannico, abalançando-se a lhe disputar a victoria. Estas reflexões assentavam sobre fundamentos, que até certo ponto nem por isso deixavam de ser plausiveis. A conducta de lord Wellington, que uns condemnavam pelo modo por que se acaba de ver, outros a exaltavam, apresentando em favor d'ella as seguintes rasões. A impaciencia com que Napoleão desejava que elle Wellington arriscasse o exercito alliado no principio da campanha, aventurando-se a dar uma batalha campal para soccorrer Almeida e Cidade Rodrigo, e as expressões com que por outro lado procurava tambem provoca-lo a dar este passo, provam, muito melhor que todas as rasões, que aqui se podiam dar, a bondade do systema de prudencia, que a ne-

cessidade tinha feito adoptar ao general inglez. Elle muito bem sabia que uma vez derrotado o seu exercito, nem a Inglaterra, nem Portugal lhe podiam fornecer outro, ao passo que uma victoria poderia derrotar Massena, mas os outros exercitos francezes de prompto lhe substituiriam a falta.

Alem d'isto lord Wellington via bem que os esforços, que a França estava fazendo na promptificação de um exercito para a conquista de Portugal, eram os mais extraordinarios, que nunca se tinham visto, ainda mesmo nas occasiões em que lhe fôra necessario defender as suas proprias fronteiras. Via que não só tinham dado a esse mesmo exercito o mais feliz dos generaes francezes para o commandar em chefe, e o que então passava pelo mais habil de todos; mas que atè se tinham tirado os melhores officiaes dos outros exercitos para serem empregados no de Portugal. Sabia que a França estava no anno de 1810 em paz com todas as potencias da Europa, quando emprehendeu a conquista d'este reino, exceptuando apenas a Gran-Bretanha e os dois povos da peninsula; que a honra de Napoleão, nas mãos de quem por então pareciam estar os destinos da mesma Europa, e por conseguinte os do mundo, se achava altamente compromettida em similhante conquista; que as suas ameaças tinham bem alto soado por toda a Europa, e que elle sacrificaria tudo para se não desacreditar, buscando a todo o custo desempenhar a palavra que dera. Finalmente conheceu a necessidade em que estava de contemporisar, á vista de taes circumstancias, e n'este seu plano proseguiu firme e imperturbavel, sem dar ouvidos aos differentes juizos, que d'elle se podiam fazer, nunca faltando os de censura, ainda mesmo nos casos de fortuna, sobretudo por parte dos jornalistas. Mas supposto que lord Wellington houvesse abraçado similhante systema, nunca perdeu de vista o muito que lhe convinha tomar uma activa defensiva, todas as vezes que se lhe offerecesse uma probabilidade racional de lhe ser vantajosa a adopção d'este partido. Offerecendo-se-lhe com effeito esta probabilidade na acção do Bussaco, na qual se poz á prova o exercito portuguez, disciplinado por officiaes britannicos, deu essa acção,

e triumphou. N'esta importante batalha não se percebeu differença alguma entre o soldado portuguez e o inglez. Então foi que as tropas nacionaes d'este reino mereceram e alcançaram, por laureola da sua bravura, a inteira confiança de lord Wellington, e ellas mesmas ganharam tambem confiança na sua propria força e idoneidade para se medirem em campo com as afamadas e já tão aguerridas legiões francezas. O general, commandante em chefe do exercito luso-britannico, conheceu bem desde então o que podia esperar dos soldados que o compunham em todas as suas futuras operações.

Apesar do exposto, lord Wellington muito bem reconheceu, guiado pela sua habitual prudencia, que lhe não convinha apresentar uma batalha a Massena na forte posição que este foi occupar em Santarem. Ninguem melhor do que elle sabia avaliar a difficil situação em que o exercito francez ali se achava; podia elle calcular, quasi sem differença de um dia, a epocha em que o referido exercito se havia de retirar, para não ficar inteiramente perdido; sabia elle igualmente ser o seu proprio exercito o unico que podia por então salvar a Europa, lutando vantajosamente com os francezes na peninsula, da conservação da qual fóra do jugo da França dependia a liberdade da mesma Europa, a independencia dos dois povos peninsulares, e a fortuna da propria Gran-Bretanha. Por conseguinte a politica, não menos que a humanidade, oppunham-se a uma inutil effusão de sangue, quando havia a certeza de que a demora produziria infallivelmente os mesmos resultados. Em conformidade d'este plano todas as disposições para perseguir o inimigo, quando se retirasse, tinham sido maduramente combinadas e preparadas com tal exactidão, que apesar de todos os talentos do marechal do imperio, que superiormente dirigiu a retirada, foi o exercito francez constantemente batido na sua marcha até á fronteira, e até áquelle mesmo terreno onde o seu chefe publicára no anno anterior essas vãs proclamações, em que misturou com insolentes ameaças os mais insidiosos protestos de amisade e protecção para com os portuguezes.

Plausiveis como a certos respeitos são as rasões, que as-

sim apresentaram os defensores da conducta de lo
lington, todavia não destroem completamente as c
acima expostas, por não versarem sobre a circumst
se não ter imprudentemente acommettido o marech
sena na sua forte posição de Santarem, mas sómen
o não se ter evitado que as correrias e devastações
exercito se estendessem no paiz a vinte e a trinta le
extensão, como succedeu. O esperar lord Wellingto
rada de Massena, como effectivamente esperava, e
ter prevenido para d'ella tirar a maxima vantagem, é
que subsiste plenamente, sem argumento algum em
rio. Tambem fica sem justificação plausivel a outra
que em seguida a esta se faz, quando se nota de inco
a conducta do mesmo lord, dizendo-se que se elle nã
veitou a occasião de derrotar o exercito de Massena,
inferior ao seu se retirava de Portugal, desmoralisa
disciplina e sem viveres, não lhe devia ir dar uma
depois de se ter ordenado e refeito, travando-a c
n'uma posição, que aliás se não podia dizer boa, co
Fuentes de Oñoro. Não sendo pois destruidas as ba
censuras feitas, deve dizer-se que ficam ainda de pé
com toda, ao menos com bastante força.

Apesar pois da retirada do marechal Massena não
o effeito de uma batalha campal, nem ter o seu exerc
destruido na citada retirada, é inquestionavel que as
quencias, resultantes de similhante facto, foram d
transcendente vantagem para a causa da Inglaterra e
gal, como já notámos. Oppressas como então estavam
todas as nações da Europa pelo jugo da França, cujos
tos reputavam invenciveis, todas ellas viram, depois d'
facto, o errado de similhante juizo, sendo-lhes patent
milhação dos imponentes caprichos do imperador Na
cujas ostentosas promessas de atirar com os inglezes
e a da facil conquista de Portugal, se não tinham rea
Depois d'este transcendente facto facil foi ao governo
levar a uma nova colligação contra a França os gabine
norte da Europa, principiando pelo da Russia, predi

como para isto já anteriormente se achava. A par d'esta transformação moral, operada no modo de pensar dos referidos gabinetes, veiu-lhes logo, por natural consequencia, a crença de que, lançados outra vez na guerra contra a França, poderiam tambem a seu turno vencer igualmente aquelles, que até ali reputavam invenciveis. Pela sua parte os portuguezes, desconfiados como por algum tempo estiveram da prudencia de lord Wellington, e ignorantes da vantagem inherente ao systema defensivo por elle adoptado, reconheceram por fim, apesar das desgraças por que passára o paiz, que os seus planos tinham sido sabiamente calculados, porque, sem o emprego de uma batalha campal, conseguíra mallograr todos os esforços da França para conquistar Portugal, facto momentoso que cobria as armas francezas, e o colossal poder do imperador Napoleão, do maior desdouro possivel, de que resultou subir a grande altura, com justificado motivo, o credito de lord Wellington, tendo-se como o unico general capaz de combater vantajosamente o mesmo Napoleão, e por conseguinte depositando-se n'elle, e no seu saber militar, a mais justa e illimitada confiança.

Tanto abalo causou em Portugal a retirada, que d'elle fez o marechal Massena, que no dia 30 de março se congratularam por tal motivo os governadores do reino com a nação, por meio de uma proclamação, que n'aquella data lhe dirigiram, e na qual lhe disseram: «Portuguezes! Chegou finalmente o dia da nossa gloria: as tropas inimigas, postas em vergonhosa fuga, e derrotadas em todos os pontos, desampararam rapidamente o territorio portuguez, que impestavam com a sua presença. Os governadores do reino congratulam-se comvosco por este feliz successo. Sim, portuguezes! Os lamentaveis effeitos da invasão d'estes barbaros são de todos bem sabidos; os restos ainda fumantes da humilde habitação do pobre, do palacio do homem opulento, do claustro, do religioso, do hospital, que subministrava abrigo e soccorro ao indigente enfermo, dos templos dedicados ao culto do Altissimo; o sangue innocente de tantos cidadãos pacificos de ambos os sexos, e de todas as idades, de que ainda

d'esta invasão. Esta scena atroz, que faz estreme
nidade, é uma terrivel lição, que deveis grava
mente na memoria, para acabardes de conhecer
degenerada, que de homens só conservam a fi
em tudo o mais são peiores que as feras, e ma
de sangue que os tigres e leões. Desgraçados a
se fiam das suas promessas!» Por despacho do n
neral, lord Wellington, datado de Villar Formos
abril de 1811, foram os mesmos governadores
formados do definitivo e glorioso resultado da c
da completa expulsão dos francezes para fóra d
No dia 16 do referido mez festejou-se na capital
sejado acontecimento, dando o castello de S. Jorg
navios de guerra surtos no Tejo uma salva de vi
ros, cantando-se pela manhã na basilica patriarch
Maria Maior uma missa de rito solemne com
acção de graças pela feliz restauração de todas a
do reino, que tinham sido occupadas pelo inimi
cinco horas da tarde um *Te Deum Laudamus,*
em acção de graças, por similhante motivo. No
praça de D. Pedro, formaram-se tambem os b
atiradores nacionaes, e a infanteria ingleza, que s
Lisboa, fazendo o mesmo no Terreiro do Paço
o regimento do commercio, e os dois regimentos
de Lisboa, dando todos estes corpos as descar
tume em similhantes solemnidades.

ministro britannico e generaes inglezes de terra e mar. Recitou-se um bello e eloquente sermão, obra do padre mestre doutor, Fr. José Maria, por então religioso eremita da congregação de S. Paulo, o mesmo que depois foi bispo de Bragança. Ao *Te Deum* assistiram igualmente os governadores do reino, sendo a musica da composição de João José Baldy, mestre de musica da real capella da Bemposta e do seminario patriarchal, findando esta acção de graças por uma salva real do castello de S. Jorge, bem como das fortalezas e embarcações de guerra, tanto portuguezas, como inglezas, que se achavam no Tejo. Á noite toda a cidade espontaneamente se illuminou, não sendo possivel descrever-se por adequada maneira a grande satisfação que produziu em todos os individuos e differentes classes da nação tão memoravel acontecimento[1].

[1] Festejando-se na cidade de Lisboa com brilhantes illuminações, nos dias 16, 17 e 18 de abril de 1811, a expulsão do exercito francez do marechal Massena para fóra de Portugal, brilhou sobre todas ellas a que na praça do Rocio, hoje praça de D. Pedro, apresentou em frente das portas do seu botequim o cidadão José Pedro da Silva, consistindo n'um magnifico quadro allegorico de doze palmos de alto e oito de largo, no qual se achava o retrato de lord Wellington, coroado pela Fama com o symbolo da immortalidade. Mais se via no sobredito quadro Lysia exultando por terem sido expulsos para fóra do paiz os seus crueis inimigos; Marte ordenando ao Tempo que depozesse a fouce em honra do invicto heroe, e um Genio com um facho de fogo na mão, expulsando tres harpias, symbolo dos tres corpos, que compunham a totalidade do exercito invasor do referido Massena, havendo mais um outro Genio, mostrando uma fita, em que se lia o seguinte verso heroico:

Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.

De um lado do sobredito quadro lia-se o seguinte quarteto:

Das feras hostes do arrojado Brenno
Salvou Camillo a capital do mundo,
E da ambição do Corso furibundo
Wellington salva o portuguez terreno.

Do outro lado do mesmo quadro lia-se igualmente este outro quarteto:

Ó manes de Albuquerque e Castro forte,
Qu'inda os Elysios passeaes ovantes,
Vêde a lusa nação qual fôra d'antes
Só de gloria nutrir-se, estrago e morte.

Seguiu-se depois d'isto expedirem os mesmos governad
do reino um officio ao marechal Beresford para agradece
exercito a distincta parte que teve no glorioso feito de ex

SONETO AO MOTE
Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.

Por cem aureos clarins troando a Fama
Leva, Wellington, teu nome á plaga extrema;
Despotica ambição arde e blasphema,
Vendo cingir-te do triumpho a rama.

Lysia celebra do teu ardor a flamma,
Marte, a quem dás illustração suprema,
E vencendo do Corso a ferrea algema,
O rei dos evos immortal te acclama.

Domando a pompa á lusa herança opima
Com torva vista e inflammada coma
Corria o anjo da franceza esgrima:

Eis nos teus planos a victoria assoma,
O luso imperio ao teu saber se arrima,
Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.

OUTRO SONETO AO MESMO MOTE

O tyranno do mundo intenta irado
Mudar de Lysia o prospero destino,
Minando astuto o throno bragantino
Com orvalhos do Céu inteiro alçado.

Eis de insignias de paz Junot armado
O projecto a exercer corre ferino;
Mas Jorge com poder quasi divino
Salva a lusa nação no tronco amado.

Esbraveja o tyranno!... e á horrivel scena
De estragos infernaes que em Lysia assoma
O panno corre o barbaro Massena:

Foje, arrastando a viperina coma!
E tu, lord immortal, c'o a espada e penna
Vales em Lysia, quanto Fabio em Roma.

r para fóra da sua patria os francezes, o que o marechal fez sua ordem do dia, datada de Almendralejo aos 27 de abril 1811. N'ella se transcreveram as proprias expressões do cio, expedido sobre este ponto, dizendo-se: «Os felizes ccessos das nossas armas são o fructo da disciplina e do or, que fazem que as tropas, que ha pouco eram recrutas a maior parte, se tenham podido conduzir como veteranos perimentados, e merecer tão assignaladamente a estima do u soberano e dos seus concidadãos. O governo levará á sença de sua alteza real, com especial recommendação, merecimentos e gloriosos feitos do seu exercito; e deseja s v. ex.ª faça saber a todo elle, do modo o mais solemne, o rado conceito em que são tidos os seus serviços. *O exercito tem correspondido ás esperanças da patria*». A estas significativas expressõs o marechal Beresford acrescentou mais la sua parte as seguintes na dita ordem do dia: «O sr. marechal julga não poder communicar ao exercito os sentimentos do seu governo e da patria, de uma maneira mais solemne como com as proprias palavras de s. ex.ªs, e congratundo o exercito, a respeito do que elle tem merecido, e uindo a isto o seu fraco testemunho d'este merecimento, o fará s. ex.ª senão ajuntar que a Europa (ha muito tempo em uma falsa opinião sobre a nação portugueza), reconhecerá agora o seu erro, e verá que os d'esta nação são os descendentes verdadeiros e legitimos d'aquelle povo, que por ntos feitos gloriosos se constituiu tão famoso em as quatro artes do mundo».

Lord Wellington tambem pela sua parte dirigiu ao mesmo Beresford uma carta de agradecimentos pelo bom serviço que prestaram nas linhas de Torres Vedras os seguintes corpos de milicias; a saber: os regimentos de Tondella, Vizeu, Castello Branco, Covilhã, Idanha, Feira, Leiria, Thomar, Santarem, Setubal, Alcacer do Sal, Torres Vedras, Lisboa oriental e Lisboa occidental, batalhões de atiradores e de artilheiros de Lisboa oriental e Lisboa occidental, e finalmente diversas companhias de ordenanças, organisadas nas immediações das mesmas linhas. Por uma outra carta, dirigida por lord Welling-

ton ao tenente general Manuel Pinto Bacellar, agradeceu tambem elle os serviços, que prestaram na expulsão dos francezes o general Silveira, e os coroneis Trant e Wilson, confessando ter d'elles recebido bom e valioso auxilio, pois todos se haviam conduzido com zêlo e habilidade nas differentes situações em que individualmente se viram, como na dita carta se declara, concebida nos seguintes termos: «Ill.mo e ex.mo sr. Rogo a v. ex.ª que ponha em execução a disposição feita a respeito da divisão do commando do coronel Wilson, e a que igualmente respeita á mudança do quartel general de v. ex.ª, as quaes verbalmente communiquei esta manhã a v. ex.ª Devo-me aproveitar d'esta opportunidade para congratular a v. ex.ª, em rasão da evacuação que o inimigo acaba de fazer d'este paiz, e ao mesmo tempo dar a v. ex.ª os meus agradecimentos pela ajuda e cooperação que hei recebido de v. ex.ª nas operações que se hão dirigido durante o anno, e que hão sido trazidas ao presente resultado[1]. Igualmente peço

[1] Os agradecimentos que lord Wellington e marechal Beresford tributaram por aquella occasião ao tenente general Manuel Pinto Bacellar, um dos dignos portuguezes d'aquelle tempo, foram effectivamente justos e bem merecidos, tanto pelos bons serviços que durante a invasão franceza em 1810 prestára, operando acertadamente na retaguarda e flanco direito do exercito de Massena com todas as milicias do norte do reino, de que fôra nomeado commandante em chefe, tendo como tal debaixo das suas ordens a divisão do general Silveira, a do brigadeiro Miller, e as dos coroneis Trant e Wilson, como pelos que tambem fez como general das armas da provincia da Beira, na retirada do mesmo Massena em 1811, e geralmente fallando durante a sua longa carreira militar, como se vê da seguinte biographia.

Manuel Pinto Bacellar, primeiro visconde de Monte Alegre, do conselho de sua alteza real, tenente general dos reaes exercitos, commendador da Torre e Espada, e governador que foi das armas da Beira Alta, nasceu em 4 de setembro de 1742 em Villar de Ossos, pequena povoação do termo de Vinhaes, antiga comarca de Miranda, provincia de Traz os Montes, tendo por pae Lazaro Pinto de Moraes Bacellar, mestre de campo que foi de infanteria auxiliar da guarnição de Bragança, verdadeiro descendente dos antigos senhores da Torre de Bacellar, junto a Valença, sendo d'alí que exactamente deduz a sua varonia o seu terceiro avô, Fernando Pinto Bacellar. Foi sua mãe D. Ignez Bernarda da Costa Pessoa Teixeira de Amaral. Depois de cursar o estudo de humanidades,

a v. ex.ª que transmitta os meus agradecimentos ao general Silveira, coronel Trant e Wilson, pela ajuda que hei rece-

e quando apenas contava quatorze annos de idade, foi em 1756 assentar praça de cadete no regimento dos ligeiros de Chaves. Vindo a guerra de 1762, levantou á sua custa uma companhia de cavallaria, para a qual obteve a patente de capitão, por decreto de 19 de junho d'aquelle mesmo anno. Por proposta do coronel do citado regimento de ligeiros, João Forbes Skellater, foi Bacellar promovido a major, por decreto de 23 de julho de 1782. Foi por aquelle mesmo tempo que Bacellar escolheu para sua esposa a ex.ma sr.ª D. Joanna Delfina Wanzeller Teixeira de Andrade Pinto, da qual mais tarde teve por filha herdeira, D. Ignez Candida Pinto Bacellar, casada com Luiz Vaz Pinto Pereira Guedes, que depois foi segundo visconde de Monte Alegre, e que n'aquelle tempo era official de cavallaria do regimento de seu sogro. Era Luiz Vaz o representante da illustre casa do Arco, em Villa Real, familia que por si tem a legitima varonia dos antigos senhores de Murça, por Gonçalo Vaz Guedes, terceiro senhor de Murça e alcaide mór de Chaves, neto de Gonçalo Vaz Guedes, escudeiro e vassallo de el-rei D. João I por carta de 4 de setembro de 1385. Do referido casamento nasceu Manuel Pinto Vaz Guedes Bacellar, netodo general de que aqui se trata, e que actualmente o representa por sua mãe.

Por decreto de 23 de março de 1789 foi Manuel Pinto Bacellar promovido a tenente coronel do seu dito regimento, e por fim a coronel, por decreto de 26 de novembro de 1796. Na desgraçada empreza que por occasião da nossa guerra com Hespanha em 1801 o marechal de campo Gomes Freire de Andrade, quartel mestre general do exercito do norte, emprehendeu com as tropas do commando do tenente general D. Manuel José Lobo contra Monte Rey, figurou por distincto modo o coronel Manuel Pinto Bacellar, cobrindo com a maior bravura a precipitada retirada das sobreditas tropas, cujos restos dispersos salvou pela sua conducta. Concluida a referida guerra pelo ominoso tratado de Badajoz de 6 de junho de 1801, Bacellar foi promovido a brigadeiro de cavallaria por decreto de 14 de outubro de 1802, conservando o commando do seu regimento até á epocha em que foi refundido com a denominação de regimento de cavallaria n.º 6, ficando o seu chefe aggregado á primeira plana da côrte. A mágua que no coração do general Bacellar causára a invasão franceza do general Junot nos annos de 1807 e 1808, transformada em indignação pela barbara carnificina que nas Caldas da Rainha experimentára o regimento n.º 18 da parte do cruel Loison, fez com que elle promptamente acudisse ao grito da revolução, que contra os francezes rebentára em Bragança no dia 11 de junho de 1808, de que resultou ser nomeado pelo velho general Manuel Jorge

bido de cada um d'elles, e pelo zêlo que hão manifestado n
causa, e habilidade com que se tem conduzido nas differente

Gomes de Sepulveda commandante interino das tropas do districto d
Douro, nomeação que a junta do supremo governo do Porto posterio
mente confirmou por portaria de 1 de julho do dito anno de 1808. Alei
d'esta, outras mais portarias lhe expediu a referida junta sobre cous
de serviço, até que pela de 18 do citado mez de julho se lhe ordeno
que passasse á cidade de Vizeu, e ali assumisse as funcções de gener
das armas da provincia da Beira, em consequencia de haver n'ella r
bentado o grito da revolução contra os francezes. Determinando a me
ma junta do supremo governo do Porto no dia 22 do citado mez d
julho a organisação das tropas de que dispunha, approvando para es
fim o plano que lhe apresentára D. Miguel Pereira Forjaz Coutinh
ajudante general do exercito, que commandava o tenente general Be
nardim Freire de Andrade e Castro, foram as referidas tropas dividid
em tres corpos, o segundo dos quaes, denominado *exercito de observaçã
nas provincias da Beira e Traz os Montes,* foi confiado ao command
do general Bacellar, sendo composto de dois batalhões do regimen
n.º 23, do primeiro de caçadores da Beira, dos regimentos de milici
de Bragança, Miranda, Moncorvo, Chaves, Villa Real, Trancoso, Lameg
Vizeu, primeiro e segundo da Guarda, e do de Castello Branco, be
como do regimento de cavallaria n.º 11, com o competente trem de a
tilheria.

Emquanto o primeiro corpo, denominado *exercito de operações d
Extremadura,* que a junta do Porto confiára ao commando de Bernа
dim Freire de Andrade, partia de Coimbra para Leiria, marchava o
observação, commandado por Bacellar, das proximidades da Guarda e
direcção a Castello Branco, regulando as suas estações e marchas pel
do exercito *de operações,* de mutua combinação com as do exercito i
glez de sir Arthur Wellesley. Occupando a margem direita do Tejo, qua
na sua confluencia com o rio Zezere, Bacellar fez destacar de Abrant
uma partida forte sobre a actual villa de Constança, na qual foi appr
hender uma grande quantidade de effeitos importantes e preciosos, q
o inimigo tinha ali mandado depositar para de lá seguirem para Hesp
nha. De Abrantes veiu o mesmo Bacellar para Santarem, onde novamen
apprehendeu ao inimigo grandes armazens e depositos. De lá march
depois para Villa Franca, d'onde, estacionando o seu exercito, segu
para Santo Antonio do Tojal, a fim de se encorporar ao exercito *de op
rações,* estacionado em Mafra. Não se tendo porém effeituado por aquel
occasião a entrada em Lisboa dos exercitos de Bernardim Freire e B
cellar, todos os generaes foram a ella chamados, para se apresentare
ao legitimo governo, logoque fizessem desfilar as suas respectivas trop

situações em que individualmente hão sido postos. Tambem peço a v. ex.ª que da minha parte transmitta á officialidade,

para os seus antigos quarteis. Foi por esta occasião que se lhe conferiu a patente de marechal de campo, por decreto de 30 de setembro de 1808. Por aviso de 22 do seguinte mez de outubro foi mandado para o Porto, a fim de coadjuvar as importantes commissões que se tinham dado ao general Bernardim Freire de Andrade; mas por um outro aviso, com data de 7 de dezembro, ordenou-se-lhe que fosse tomar o commando do corpo de observação, destinado ás provincias da Beira e Traz os Montes, de que resultou dirigir-se para Villa Real, e depois marchar com o seu dito corpo para a cidade da Guarda, e ir occupar as posições que, segundo as instrucções recebidas, julgou conveniente entre aquella cidade e a de Castello Branco, posições d'onde em parte pôde tambem illudir, a par do coronel sir Roberto Wilson, as operações do general Lapisse, que por varias vezes buscou penetrar no paiz pela Beira Baixa, auxiliando com ellas as operações do marechal Soult, durante a sua invasão nas provincias do norte do reino, empreza em que Bacellar foi muito auxiliado pelo seu ajudante general, Francisco de Paula Vieira da Silva Tovar e Albuquerque, bem como por outros mais officiaes do seu estado maior.

Na marcha de sir Arthur Wellesley sobre o Porto, Bacellar teve ordem, datada de 4 de maio de 1809, para com os regimentos de infanteria 9 e 11, e a competente artilheria, se dirigir para Lamego, onde chegou no dia 8, indo depois passar o Douro no sitio da Regua com 300 a 400 soldados á vista do inimigo, o qual, depois de haver ganhado a ponte de Amarante, se tinha ido acampar nas alturas de Fontellas. Tendo Bacellar desembarcado no Calhau da Regua no dia 9 ao sol posto, recebeu ordem do marechal Beresford para cortar a serra do Marão, e seguir a estrada de Mondim de Basto e Peroalves, direito a Chaves, o que Bacellar fielmente executou, a que se seguiu ir todo o exercito entrar em Guinço na Galliza. Effeituada assim a expulsão do marechal Soult do territorio portuguez, Bacellar foi então promovido a tenente general por proposta do marechal Beresford, como ao agraciado se participou por aviso da secretaria da guerra de 15 de setembro do citado anno de 1809. Merecendo portanto a confiança do mesmo Beresford, foi este o que pelo seu officio de 24 de junho de 1810, achando-se Bacellar governador da Beira, o encarregou do commando das milicias das tres provincias do norte e partido do Porto, combinando os seus esforços com os que se podessem esperar das ordenanças d'aquellas provincias, enviando-se aos governadores d'ellas as necessarias ordens, e estabelecendo por centro de unidade, assim como na sua pessoa estava a do commando, o seu quartel general em Lamego, commissão que elle Bacellar tratou logo de desem-

e officiaes inferiores e soldados que tem servido debaixo da
direcção de v. ex.ª e immediato commando do general Sil-

penhar, formando no vasto districto do seu commando um respeitavel
exercito miliciano, situação em que o veiu achar a terceira invasão dos
francezes no mez de agosto de 1810. Massena, commandante em chefe
d'esta invasão, tendo entrado na Beira, passou para a margem direita do
Mondego no sitio dos Juncaes, e ganhando em Avelãs de Caminho a estrada real do Porto a Coimbra, depois da batalha do Bussaco, póde no
dia 4 de outubro marchar da mesma cidade de Coimbra para as vizinhanças de Lisboa, chegando no dia 9 defronte das linhas de Torres Vedras. Em similhante situação não era dado a Massena emprehender operação alguma pela sua retaguarda que Bacellar o não prevenisse, passando
para tal fim de Vizeu a estabelecer o seu quartel general em Coimbra,
sendo os seus serviços de tal ordem por aquella occasião, que lord Wellington lh'os agradeceu, como já acima se viu. O facto é que nenhumas
tropas francezas entraram mais em Portugal até ao tempo em que o general Claparede, encaminhando-se com um corpo de 7:000 a 8:000 homens de Pinhel a Lamego, chegou a esta cidade a 14 de janeiro de 1811,
depois de ter batido Silveira na ponte de Abbade, do lado de Trancoso,
fazendo-o atravessar o Douro no dia 13 do citado mez de janeiro. Bacellar, a quem o movimento das tropas francezas do general Drouet, que
haviam penetrado em varios districtos da comarca de Arganil, obrigára
a ir defender aquelles povos, indo occupar a margem direita do Alva,
viu-se portanto forçado a correr sobre Lamego com as mesmas duas divisões com que na comarca de Arganil acossára Drouet, ordenando a
Silveira que cobrisse aquella cidade, e entretivesse o inimigo até elle
chegar. Na tarde de 13 do citado mez de janeiro entrava Bacellar em
Castro Daire, o que bastou para que Claparede abandonasse Lamego, onde
já tinha entrado, deixando as immediações do Douro.

Começando Massena a effeituar a sua retirada para fóra de Portugal
no dia 5 de março de 1811, e buscando ganhar a raia da Hespanha pela
margem esquerda do Mondego, Bacellar promptamente se destinou a
persegui-lo, marchando com as suas duas divisões pela margem direita
d'aquelle rio parallelamente ao inimigo. Transportando rapidamente o
seu quartel general para Fornos de Algodres, attento observou Massena,
e de tão perto, que n'algumas paragens só d'elle o separava o mesmo
Mondego. Limitando-lhe assim o seu flanco esquerdo, conseguiu por
este modo proteger e preservar todos os povos da dita margem direita
de serem novamente saqueados e perseguidos pelos francezes. Restituido
depois a Lamego, effeituada que foi a retirada de Massena, com o maior
desvelo cuidou logo no recrutamento das milicias e nas providencias
destinadas á reparação dos males occasionados pela invasão inimiga. In-

veira, coronel Trant e Wilson, as expressões do alto apreço que entretenho da sua bizarria e disciplina, quanto a soldados, e do seu patriotismo e lealdade para com o seu soberano; e das minhas asseverações de confiança no ultimo e feliz resultado da causa por que tão justamente contendemos, se acaso elles e todos os mais em iguaes circumstancias con-

formado o principe regente dos importantes serviços do general Bacellar, houve por bem agracia-lo com o titulo de visconde de Montalegre no dia 17 de dezembro de 1811, anniversario natalicio de sua augusta mãe, a rainha D. Maria I. Quando em abril de 1812 o marechal Marmont se dirigiu sobre Cidade Rodrigo, para fazer diversão aos movimentos dos alliados, que com o maior denodo assaltavam por então a praça de Badajoz, o visconde de Montalegre immediatamente marchou para o alto Mondego, indo estabelecer o seu quartel general na Lagiosa, junto a Celorico. Emquanto lhe não chegavam dos seus respectivos districtos os regimentos que formavam as divisões milicianas do Minho e partido do Porto, o general Brenier entrou em Portugal á frente de um corpo de infanteria com alguma cavallaria, indo com elle saquear os povos do oriente da serra da Estrella, taes como Covilhã, Fundão, Belmonte e Castello Branco, em cuja comarca fez toda a ordem de maleficio. Igual scena de devastação praticou pela sua parte Marmont, desfilando do Sabugal sobre a Guarda, até que, retirando-se para as immediações de Salamanca, proporcionou ao visconde de Montalegre ir estabelecer novamente o seu quartel general em Lamego, poisque pela grande desigualdade entre as suas forças e as do inimigo, lhe não tinha podido evitar as suas incursões, tendo de se retirar, o que ao principio se fez com regularidade em frente da cavallaria inimiga: mas depois em desordem, como se vê na ordem do dia do marechal Beresford de 7 de maio de 1812. Desde este anno em diante continuou o visconde de Montalegre tranquillamente no desempenho do seu logar de general das armas da provincia da Beira, não só até ao fim da guerra da peninsula, mas tambem emquanto vivo. Tendo sido acommettido de uma febre grave em Lamego, onde tinha o seu quartel general, ainda mal convalescente, passou de lá, por causa do serviço, para a cidade de Vizeu, onde uma recaída o atacou tão duramente, que d'ella veiu a fallecer no dia 1 de maio de 1816, sendo sepultado na cathedral d'aquella cidade. Bacellar era affavel e officioso no seu trato para com os seus inferiores, polido e attencioso para com os seus iguaes, respeitoso e obedientissimo para com os seus superiores, podendo portanto olhar-se como modelo do bom general, do bom cidadão e do bom subdito. (Extracto das *Memorias biographicas do ill.mo e ex.mo sr. visconde de Montalegre*. Lisboa, impressão regia, 1819.)

tinuarem a fazer os mesmos esforços e a conduzirem-
maneira digna da antiga reputação d'este paiz. Como
rechal sir William Carr Beresford se acha distante de
faço directamente esta communicação a v. ex.ª, da qual
mittirei ao mesmo marechal uma competente copia». E
vamente assim succedeu, pois na ordem do dia do r
marechal, datada de Almendralejo aos 3 de maio de
se acha transcripta, não só esta carta de lord Wellingto
igualmente a que dirigiu ao proprio Beresford, felic
igualmente este general pela sua parte o citado Manue
Bacellar[1].

Um facto de não pequeno momento, que se seguiu a
logro da empreza do marechal Massena, foi a notav
dança, que na propria Gran-Bretanha se operou, tan
relação ao exercito portuguez, como ao proprio lor
lington, e á continuação da guerra da peninsula. Já
parte vimos que em Londres poucas pessoas havia,
entre os membros do governo, que seriamente acredi
na possibilidade de se poder defender Portugal contra
tativas do exercito francez. Levada d'estas idéas, a
ção parlamentar d'aquelle paiz mostrava-se violenta
o ministerio, o qual por esta causa chegou a imp
lord Wellington, recommendando-lhe abandonar a
peninsula, e cuidar na salvação do exercito. Um ac
funesto veiu fazer mais grave a situação do gabinet
tente, tornando ainda mais difficil a do proprio lord W
ton. El-rei George III tivera um terceiro ataque de al
mental. Este successo chamava á regencia do reino
cipe de Galles, seu filho, o qual, sendo amigo de
chefes da opposição, dava logar a suppor-se que os
ria ao poder. D'aqui nascia que o antigo partido de
portanto o partido da guerra (que era o partido
rial, através das transformações por que, depois da
d'aquelle grande estadista, passára o gabinete brit
diligenciára limitar quanto possivel os poderes ao r

[1] Veja o documento n.º 100–A.

que a opposição lh'os procurava alargar. Esta que-
ıto que a questão se limitasse a apresentar-lhe uma
nensagem para que assumisse a auctoridade real,
lireito lhe competia, durante a incapacidade de seu
pae, exercendo-a em toda a plenitude de funcções,
a auctoridade real uma e indivisivel, não podendo
iminuição, a querer-se conservar intacto o equilibrio
eres. O ministerio sustentava a necessidade de um
supprisse a sancção real por uma ordem do parla-
ommettendo aos depositarios do sêllo real a sancção
ıesmo *bill;* que a auctoridade do regente, devendo
ɔoraria, como se esperava, não podia ser tão plena
ı caso definitivo; e finalmente que seria cousa incon-
dar-lhe a faculdade de poder transtornar o estado
das cousas a um ponto tal, que restabelecido o rei,
ıse este impossibilitado de poder continuar com a
politica do seu reinado.
ırgumentação do ministerio, aliás capciosa e sophis-
vava bem que o interesse, mais do que a rasão e a jus-
cinavam poderosamente, tanto um, como outro par-
:erto é que a lei da regencia saíu com a interdicção
ação de pares, da iniciativa para certos *bills*, da de
ı guarda do rei, e da de escolher os officiaes da sua
ıdavia não se lhe pôde tirar a nomeação dos minis-
perando-se a todo o momento ver chamar ao minis-
'd Holland, lord Grey e lord Grenville, parentes, ou
ımigos e collegas de mr. Fox, de quem o mesmo re-
ra tambem amigo. Entretanto o regente, postoque
asse dos ministros de seu pae, e particularmente de
ceval, temia operar em similhantes circumstancias
ıdança tão radical e consideravel, tendo-a por peri-
como seria a do chamamento dos chefes da opposição
', até mesmo em rasão da sua propria responsabili-
ıe só por este facto iria chamar sobre si, passando
ma da guerra ao da paz. Antes de se decidir a isto
rimeiro saber se a enfermidade do rei se prolongaria
ıe valesse a pena de fazer uma tal mudança na poli-

tica do estado até ali seguida. Para este fim consultára e os medicos, e relatára as suas duvidas aos ditos lords Holland, Grey e Grenville, e como os medicos declarassem que a molestia do rei lhes parecia de curta duração, o principe resolveu-se a conservar o antigo ministerio. Mas seria a verdadeira expressão dos sentimentos reaes do principe a razão que elle dava para a conservação do ministerio? Isto podia bem ser; mas os seus mais exaltados partidistas começaram a notar que as suas repugnancias para as doutrinas torys não eram já tão fortes como n'outro tempo, e que symptomas de um proximo acordo para com as idéas conservadoras se manifestavam nos seus actos. Estes successos tinham logar em dezembro de 1810, e portanto na mesma epocha em que o marechal Massena se achava ainda em Santarem, observado de perto por lord Wellington. A esperança é quem de ordinario aviventa, incita e redobra o ardor e a actividade dos partidos. A opposição ingleza, sentindo que de qualquer occorrencia parlamentar podia depender a conducta do principe regente, multiplicava os seus ataques contra o ministerio, devendo todavia confessar-se que os acontecimentos de então davam um valor real ás suas queixas e constantes investidas.

Aos 11 de fevereiro de 1811 foi aberta a sessão do parlamento; no seu discurso manifestou o regente, no meio da mais viva emoção, o desgraçado acontecimento que o punha á frente dos negocios publicos. Fallou depois da situação politica do paiz; felicitou-se pelos successos, alcançados por terra e mar pelos exercitos inglezes, concluindo por pedir ao parlamento os meios de continuar a sustentar os esforços de Portugal e da Hespanha contra a França. Os subsidios pedidos pelo ministerio elevavam-se á importante somma de 56.000:000 libras esterlinas. A opposição fez por aquella occasião, e portanto cousa de um mez antes da expulsão de Massena, sobresair a incessante desinquietação que occasionava a guerra, e os pesados encargos que d'ella resultavam, a que vinha dar maior relevo uma das mais graves e extraordinarias crises commerciaes por que o paiz tinha passado.

quebras succediam-se repetidas umas ás outras por toda a parte da Gran-Bretanha, effeito necessario das medidas de Napoleão, ou do seu famoso systema continental, que tão poderosamente contribuia para a ruina total do commercio britannico. As colonias hespanholas, tendo-se recusado a reconhecer a auctoridade do rei José Buonaparte, e aproveitando-se da occasião para se declararem independentes, tinham aberto os seus portos ao commercio britannico, de que resultou fabricarem os inglezes muitas mais manufacturas para a America do que aquellas que lá se podiam pagar e consumir. Uma grande parte d'essas manufacturas tinham voltado para a Europa por falta de venda, e as que tiveram compradores eram pagas em generos coloniaes, que vindos para Londres, abarrotaram sobremaneira o mercado d'aquella capital. Emquanto isto se passava na America, 600 a 700 navios, transportando do Tamisa para o Baltico uma grande porção d'aquelles generos, tinham de lá voltado com elles, pela extrema baixa do preço a que chegaram. Alem d'isto, tendo-se concedido aos colonos hespanhoes e portuguezes, e até mesmo aos francezes, cujas possessões tinham sido invadidas, a faculdade de depositarem os seus generos em Londres, a massa não vendida das mercadorias exoticas havia-se tornado immensa, de que resultava que muitas cargas de assucar, café, algodão, tabaco, madeira e anil, apenas valiam a despeza da armazenagem. O papel, ou letras emittidas sobre estes valores não tinham credito algum, tendo sido protestadas pela maior parte, e como essa maior parte estava no poder do banco, o resultado era o achar-se elle n'um grande embaraço, e tendo as suas proprias notas caído em grande depreciação, passando de 16 e 17 a 20 por cento de perda. Tudo isto succedia quando a Inglaterra era n'aquelle anno obrigada a pagar aos paizes estrangeiros muitos milhões de libras para sustentar o seu exercito e marinha, sem saber como podesse satisfazer ao pagamento de taes sommas. Por todas estas razões o parlamento vira-se obrigado a votar um soccorro de 6.000:000 esterlinos para o commercio e industria. Uns queixavam-se da imprudencia dos fabricantes, outros da do ban-

co, e quasi todos do governo, pela sua obstinação em continuar a guerra. Succedeu mais que muitos proprietarios se recusaram a receber as notas do banco, a não ser com o acrescimo correspondente ao desconto que tinham, circumstancia que levou o ministerio á apresentação de um *bill*, pelo qual se tornava obrigatoria a aceitação das referidas notas pelo seu valor nominal.

Já se vê pois que em circumstancias taes nunca opposição alguma teve mais fortes e plausiveis motivos para as vehementes investidas contra um ministerio qualquer. Eis-aqui (gritavam na camara dos pares os lords Holland, Grenville e Grey, e na dos communs os deputados Fierney, Burdet, Brougham e Huskisson), eis-aqui o estado a que nos tem conduzido a continuação de uma guerra com o encarniçamento com que esta se tem feito alem de toda a medida. Por querermos humilhar a França, temo-la elevado de grandeza em grandeza á dominação da Europa, tendo-se tornado senhora de uma parte da Allemanha, da Italia, da Hespanha, e ultimamente da Hollanda. A nossa receita, acrescentavam ainda mais os citados oradores, é de 37.000:000 esterlinos, e a nossa despeza de 56.000:000: temos pois de contrahir annualmente um emprestimo de 19.000:000 para supprir o *deficit*. É impossivel pedir annualmente ao credito similhante somma, sem o arruinar, ao passo que já não é possivel augmentar mais os impostos directos, nem indirectos. Quanto á guerra, diziam elles, postoque tenha sido bem conduzida, o exercito acha-se n'uma arriscada situação. Emquanto que ao seu general em chefe se dão titulos e pensões, póde ser que bem merecidas, elle deixou tomar, debaixo dos seus proprios olhos, duas importantes fortalezas, taes como a da Cidade Rodrigo e Almeida. Verdade é que repelliu o inimigo no Bussaco, mas para no seguinte dia lhe abandonar Coimbra e o resto de Portugal. Postado como presentemente se acha o exercito inglez n'uma linha de terra, onde só vive de pão, que se lhe envia por mar, exposto a um ataque dos francezes, que bem mal avisados serão se não reunirem as suas forças, para de lá o expulsarem, a sua conservação

mesma linha de terra só poderá ter logar por um mi-
sendo a todo o instante muito para receiar um desas-
ıe será da Inglaterra se esse exercito, sua unica espe-
contra a invasão inimiga, houver de succumbir, ou
le assignar uma capitulação, que o constitua prisio-
le guerra? Quaes são as vantagens politicas, e as con-
; territoriaes, que contrabalançam tão consideraveis
s? Eis a linguagem que a opposição parlamentar quo-
mente empregava em Inglaterra contra o ministerio
al, emquanto viu o seu exercito inactivo nas linhas de
Vedras e em frente de Santarem, de que resultára ter
ministerio de officiar pela sua parte a lord Wellington,
já atrás notámos, do modo mais sentimental para este
l, pintando-lhe os seus justos receios e agitações, pelo
m que se achava a sorte do exercito inglez em Portu-
proprio marquez de Wellesley, dominado tambem pela
ação geral, que em toda a Inglaterra se manifestava,
ı até a temer que seu irmão, por obstinação do seu ca-
ou talvez mesmo por ambição pessoal, podesse com-
alguma imprudencia, pela teima que mostrava em se
ar por mais tempo no continente.
dos estes officios, que sobre tal assumpto se lhe diri-
respondia lord Wellington com um certo mau humor,
ndo-se, não só da injustiça da opposição, mas até da da
ısa periodica para com elle, postoque por então se não
ısse ainda tão ousado e sobranceiro, como depois se
ıu, pelo ascendente que o bom exito das suas opera-
ıe foi dando successivamente sobre o proprio ministe-
ıtretanto mostrava-se bastante sentido de que a longa
ıncia que já tinha adquirido n'esta guerra, e de que
ınos passados na peninsula não fossem capazes de in-
ao seu governo e ao publico inglez a confiança que
leviam ter, pois não vinha da Inglaterra um só cor-
m official, ou viajante algum, que lhe não trouxesse a
ão das duvidas mais humilhantes, e até mesmo oppro-
para com a sua pessoa: se portanto se demorava em
ıl, dizia elle, é porque o podia fazer sem perigo, pelo

menos segundo todos os calculos da prudencia humana, po[illegible]
que quando o perigo fosse real, elle não hesitaria em se re[illegible]
rar quanto antes, tanto para salvar o exercito, que tinha [illegible]
baixo do seu commando, como para não comprometter a [illegible]
propria gloria. Se estas eram as contrariedades, que lo[illegible]
Wellington experimentava por parte do seu governo, as q[illegible]
lhe provinham do governo portuguez tambem o não af[illegible]
giam pouco, contrariado, como até certo ponto estava se[illegible]
por baixo de mão, pelo principal Sousa, apoiado pelo [illegible]
triarcha eleito[1], aos quaes tinham penalisado por inuteis [illegible]
devastações e estragos, que lord Wellington ordenára p[illegible]
as provincias da Beira e Extremadura, com ruina total da
agricultura e dos proprietarios, a quem se não garanti[illegible] a
mais pequena indemnisação. As mesmas devastações e estra-
gos exigiu tambem lord Wellington para o Alemtejo, quando
as forças francezas, vindas da Andaluzia para a Extremadura
hespanhola, se approximavam da margem esquerda do Tejo,
cousa que todavia não conseguiu.

Em sentido contrario ao principal Sousa e patriarcha eleito
appareceu logo na mesma regencia um partido favoravel ás
exigencias britannicas, tendo por chefe o ministro inglez em
Lisboa, sir Carlos Stuart, desde que teve assento no go-
verno, agrupando-se-lhe, por identidade de sentimentos, Ri-
cardo Raymundo Nogueira, o conde de Redondo, o marquez
de Olhão, e os secretarios da regencia, D. Miguel Pereira
Forjaz e João Antonio Salter de Mendonça. Como delegado
e orgão do primeiro d'estes partidos, foi mandado para o
Rio de Janeiro o famigerado miguelista, como depois foi,
Raymundo José Pinheiro, destinado a expor ao principe re-
gente o errado systema de lord Wellington, e a irreparavel
ruina que d'elle resultava para o paiz, circumstancia que pro-

[1] Assim o diz o coronel Napier no cap. IV do liv. XIII da sua *Historia da guerra da peninsula;* mas isto não é prova que nos leve a ter por certa uma similhante asserção, postoque lord Wellington igualmente a faça pela sua parte. Se porém essa guerra existiu, não admira que o citado principal lh'a fizesse em represalia á que lord Wellington tão es- abridamente lhe declarára.

vavelmente originou a viva indisposição do marechal Beresford contra o mesmo Raymundo José Pinheiro, e a constante opposição que fez a todas as suas pretensões. Não contente ainda com isto, o patriarcha escreveu até mesmo ao principe de Galles e ao duque de Sussex, excitando-os contra lord Wellington e o marechal Beresford, tendo por fim remove-los dos seus respectivos commandos, e substitui-los pelo duque de Brunswick, na qualidade de generalissimo do exercito luso-britannico, segundo o que a tal respeito nos diz o proprio lord Wellington nos seus despachos, sem nos apresentar provas d'isso que diz, como devia fazer, para não ser juiz e parte ao mesmo tempo.

Das contestações a que tudo isto dera logar já o leitor foi d'ellas anteriormente informado, com relação ao anno de 1810, devendo agora saber mais que ainda se prolongaram por todo o anno de 1811, porque desvanecido lord Wellington com a favoravel opinião que o acerto dos seus calculos e a fortuna das suas operações lhe haviam adquirido, não só escrevêra ao principe regente uma segunda carta contra o principal Sousa, a que obteve uma lisonjeira resposta, mas até deu conhecimento d'esta aos governadores do reino, dirigindo-se tambem ao ministro inglez em Lisboa, mr. Carlos Stuart, mostrando-lhe a incoherencia da conducta do patriarcha eleito, pelo facto de lhe não ter approvado as medidas militares que propozera, e que já antes de as propor definitivamente haviam sido concordadas, tanto por parte d'elle patriarcha, como da dos seus restantes collegas no governo[1]. Foi pois o mallogro da expedição de Massena, ou antes a sua expulsão para fóra de Portugal, o extraordinario phenomeno que repentinamente poz côbro a todas as queixas da opposição contra lord Wellington, tanto em Inglaterra, como entre os mesmos governadores do reino. Inglezes e portuguezes tiveram todos de confessar desde então a uma voz que só elle lord Wellington havia bem comprehendido nos seus profundos calculos o genero de guerra que no meio de taes cir-

[1] Toda esta correspondencia vae incluida no documento n.º 100-B.

cumstancias mais convinha oppor aos francezes na peninsula, e que nas linhas de Torres Vedras levantára elle o unico obstaculo diante do qual a fortuna de Napoleão podia ser constrangida a parar, ou mesmo a fazer com que a sua inconstante roda começasse a girar em sentido opposto ao que até ali se tinha visto. A sua influencia, já por então muito consideravel, engrandeceu-se prodigiosamente, quer entre nós, quer entre os seus compatriotas, ao passo que Massena só achava em Buonaparte e no seu paiz acerbas injustiças, opprobriosas censuras e pungentes desgostos.

Postoque lord Wellington não tivesse ainda ganhado victoria alguma de transcendente vantagem, ou consequencias de maxima importancia, tendo apenas obrigado os francezes a saírem de Portugal, viu toda a opposição rendida aos seus dictames por meio de lord Grey, quando na camara dos lords este seu adversario prestou lealmente homenagem ao seu saber, declarando haver desmentido todos os seus temores, ultrapassado todas as suas esperanças, e mudado completamente a face das cousas, pela sua persistencia em se conservar nas linhas de Torres Vedras. Desde então a situação dos partidos da guerra e da paz mudou inteiramente de figura no parlamento britannico, tomando o da guerra um extraordinario ascendente com que definitivamente se segurou no poder. O principe de Galles, que tinha querido chamar um novo ministerio, não tornou mais a pensar n'isto, mesmo depois dos medicos lhe terem declarado incuravel a molestia de el-rei seu pae, chegando até a sustentar mr. Perceval e os seus collegas, com tanto afinco como o faria este mesmo soberano. Tão excessivo fôra o enthusiasmo que a noticia da expulsão de Massena para fóra de Portugal causára na Gran-Bretanha, tanto em favor do exercito, como do povo portuguez, que o nosso embaixador na côrte de Londres, D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, assistindo ao *levé* do principe de Galles, regente do Reino Unido, recebeu d'este eminente personagem e de todas as mais pessoas que em presença d'elle se achavam, os mais cordeaes parabens e felicitações pela heroica conducta, quer do exercito, quer do

ro portuguez, aos quaes ninguem deixou de applaudir,
)utando-lhes os mais excessivos elogios[1].
Desvanecido como por similhante causa se viu lord Wel-
gton, quiz tambem obter do governo hespanhol uma assi-
alada prova de particular confiança, pedindo o commando
litar das provincias limitrophes de Portugal, para util-
nte empregar os recursos que lhe offereciam, e combinar
n todo o possivel rigor as operações da guerra, que tinha
emprehender no futuro para a libertação da peninsula.
regencia da Hespanha, não acolhendo bem este pedido,
bmetteu-o á decisão das côrtes com toda a solemnidade e
parato. Foi o general Blake quem verbalmente relatou o
dido feito pelos inglezes, expondo diversas rasões para se
o admittir a pretensão, que segundo o seu modo de ver,
endia a honra e independencia nacional, acrescentando
e mais depressa resignaria elle o seu posto, do que sub-
rever a similhante humilhação. No mesmo sentido fallaram
nbem os dois outros regentes, Agar e Ciscar, de que re-
ltou negarem-se as côrtes á approvação do pedido feito.
Não era sem rasão bastante que os governos inglez e por-
guez applaudiam o systema defensivo de lord Wellington,
valorosa conducta do exercito luso-britannico, porque no
de contas os triumphos dos francezes na peninsula em
11, depois dos consideraveis reforços, que Napoleão lhes
ndára durante o anno de 1810, apenas se reduziram a
a expedição, ida para a Andaluzia, onde nada mais fez
e tomar Sevilha, por lhes ter aberto as portas, e a uma
ra, vinda para Portugal, onde tambem nada mais fez que
ecutar uma ostentosa marcha desde as fronteiras da Hes-
nha até diante das linhas de Torres Vedras, e devastar
lo o paiz por onde passára e onde residira, retirando-se
inal, depois de uma perda superior a 25:000 homens. Da
llograda empreza de Massena uma grande vantagem re-
ltou tambem para o exercito portuguez, tal foi a de reco-

[1] O officio do referido embaixador para D. Miguel Pereira Forjaz de
de abril de 1811 assim o refere a este ministro.

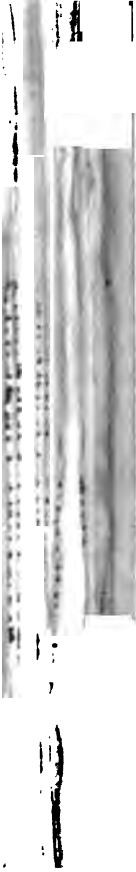
nhecer a Gran-Bretanha, em sentido opposto ás previsões de muitos dos seus homens notaveis, o efficaz auxilio, que elle lhe podia prestar na luta, em que a todo o transe se achava empenhada contra a França, quer isto fosse com relação á subordinação e disciplina do referido exercito, quer ás batalhas e victorias, que já tinha ajudado a ganhar ao exercito inglez, quer ás trabalhosas retiradas e penosas marchas que tambem já tinha feito, de reunião com este mesmo exercito, e quer finalmente á galhardia e denodo com que igualmente havia sustentado os sitios e posições arriscadas, que por espaço de muitos mezes se lhe confiaram. D'esta asserção é prova o voto de agradecimento, que pela primeira vez o parlamento britannico manifestou em favor das tropas portuguezas pela sua boa conducta na guerra, o que teve logar, depois de votados os agradecimentos a lord Wellington e ao exercito inglez do seu commando. Para tão grave offensa, como a que anteriormente se fizera ás tropas portuguezas, foi esta a mais justa e solemne reparação que se lhes podia dar, votada como unanimemente foi pelos dois corpos da representação nacional ingleza.

Para glorioso padrão do exercito portuguez, que na guerra da peninsula libertou o seu paiz do pesado jugo com que o imperador dos francezes o buscava escravisar, iremos aqui transcrever o documento de tão importante facto, copiando-o da ordem do dia do marechal Beresford, datada de Elvas aos 4 de junho de 1811, concebido nos seguintes termos: «S. ex.ª o sr. marechal tem a maior satisfação em comprazer com a vontade de s. ex.ª o sr. marechal general, lord visconde de Wellington, communicando ao exercito portuguez os sentimentos de que está penetrado o parlamento e o povo de Inglaterra, pelo merecimento e conducta do exercito, o que é uma nova prova do interesse, que toma a Gran-Bretanha em tudo o que diz respeito á honra e felicidade d'esta nação. S. ex.ª se congratula com a maior sinceridade com as tropas, por terem merecido um tão honroso signal de distincção. *Sexta feira, 26 de abril de 1811.* Resolvido, *nemine dissentiente,* pelos lords espirituaes e temporaes na assembléa do

:nto, que a casa dê os seus agradecimentos ao te-
eneral, lord visconde de Wellington, pela consum-
apacidade, fortaleza e constancia, que mostrou no
ıdo das forças britannicas e portuguezas, pelas quaes
de Portugal foi felizmente defendido, e foram feitos
; importantes e assignalados serviços ao seu rei e á
ria. ==(Assignado) *George Rose*, secretario do parla-
— *Sexta feira, 26 de abril de 1811.* Resolvido, *ne-
'ssentiente*, pelos lords espirituaes e temporaes na as-
ı do parlamento, que a casa reconhece altamente o
sciplina e intrepidez, tão conspicuamente mostrados
eneraes, officiaes, officiaes inferiores e soldados do
› portuguez, debaixo do immediato commando de sir
ı Carr Beresford, que contribuiram essencialmente
'eliz resultado das operações militares. ==(Assignado)
Rose, secretario do parlamento. — *Sexta feira, 26 de
: 1811.* Determinam os lords espirituaes e temporaes
mbléa do parlamento, que lord chanceller communi-
litas resoluções ao tenente general, lord visconde de
:ton, e que deseja que lord Wellington as communi-
exercito britannico e portuguez, e que lhes agradeça
exemplar e valoroso comportamento. ==(Assignado)
Rose, secretario do parlamento.
*ia de uma carta do Right Honorable, o orador, ao te-
neral lord visconde de Wellington, datada da casa dos
ns em 26 de abril de 1811.* Por ordem da camara dos
ns do Reino Unido da Gran-Bretanha e Irlanda, tenho
de transmittir a v. ex.ª os seus unanimes agradeci-
pela consummada capacidade, fortaleza e constancia,
ex.ª mostrou no commando das tropas britannicas e
ıezas, pelas quaes o reino de Portugal foi felizmente
lo, e foram executados os importantes e assignalados
; ao rei e á patria. Tenho tambem de communicar a
a unanime resolução da casa dos communs, appro-
: reconhecendo sobremaneira os eminentes e merito-
viços uniformemente executados pelos generaes, offi-
ficiaes inferiores e soldados do exercito britannico,

tado das ultimas operações militares. E detern
mais a mais que eu requeira a v. ex.ª particip
ções ao exercito britannico e portuguez, e lhe
seu exemplar e valoroso comportamento. Tanta
tas tive a felicidade de dar os agradecimentos
communs aos valorosos e distinctos chefes das
das e exercitos, a ninguem tantas vezes como
nunca presenciei uma expressão tão declarada
agradecimento e admiração, tributo justamente
grande feito, que frustrou o projecto favorito
confundiu e poz em fugida os seus mais celebr
tropas veteranas; e derribou a arrogancia das su
militares aos olhos da Europa. Tenho a honra
mais sinceros sentimentos de respeito, mylord
mais fiel e obediente creado.=(Assignado) *Ca*
Sexta feira, 26 de abril de 1811. Resolvido, *n*
tiente, que se dêem os agradecimentos d'esta ca
general, lord visconde de Wellington, pela co
pacidade, fortaleza e constancia patenteadas po
mando das forças britannicas e portuguezas,
reino de Portugal foi felizmente defendido, e f
mais importantes e assignalados serviços ao r
Resolvido, *nemine dissentiente*, que esta casa
reconhece o zêlo, disciplina e intrepidez, tão co
patenteadas pelos generaes, officiaes, officiae
soldados do exercito portuguez debaixo do im

ditas resoluções ao tenente general lord visconde de Wel-
ton, e que se requeira a lord Wellington que as participe
exercitos britannico e portuguez, e lhes agradeça o seu
roso e exemplar comportamento. =(Assignado) *J. Ley*,
tario da casa dos communs.»
endo-se igualmente no parlamento a proposição de que
ssem agradecimentos ao general Graham e ao exercito
u commando pela victoria da Barrosa, junto á ilha de
, assim se expressou tambem sobre o assumpto o ge-
l Fergusson: «Muito estimo poder prestar os mais ar-
es louvores a uma victoria, que é do mais brilhante ge-
, e no alcance da qual mostrou o general Graham ao
o tempo consummada habilidade e heroico valor, qua-
es estas que foram nobremente apoiadas pelos mais
os e constantes esforços dos officiaes, e intrepido valor
exercito debaixo do seu commando. Na lista d'aquelles
se distinguiram particularmente, sou feliz em poder ob-
r que os nossos alliados, *os portuguezes*, são mencio-
s com a maior honra pela sua conducta espirituosa e ga-
da n'aquelle dia. Quando se mencionou pela primeira vez
a casa a intenção de tomar ao nosso soldo tropas portu-
as, dei eu a minha opinião, que tal medida não corres-
dia aos fins propostos. Porém agora confesso ingenua-
te *que me enganei*, vista a sua valorosa conducta n'esta
endida acção, e em outras occasiões que temos ouvido.
xcellente disciplina introduzida, e o heroico exemplo que
dão os officiaes britannicos, produziram effeitos os mais
tares e importantes ao serviço, e reflectem a maior honra
re aquelles officiaes, e o maior credito sobre as tropas
uguezas. Como camarada official, julgo que é do meu
r em ponto de conducta fazer esta declaração no pre-
e momento, e expressar a minha cordeal satisfação de
achar *tão agradavelmente enganado* na opinião, que ao
cipio formei». Tal foi o galardão, repetimos ainda, que
a sua heroica conducta tirou o exercito portuguez, co-
rando, a par das tropas inglezas, na expulsão do exer-
o de Massena para fóra de Portugal em 1811, e tal a mu-

favor.

CAPITULO VI

depois da retirada de Massena que então se viu o miseravel estado das terras por elle nvadidas, sobresaíndo isto mais particularmente em Alcobaça, Leiria, Coimbra e Pinhel, ujos povos foram n'ellas victimas da fome, das epidemias, e da ladroagem d'aquelles esmos, que n'ellas tinham ficado durante a invasão. Alem d'estes males a que o intendente geral da policia, Jeronymo Francisco Lobo, que no referido cargo substituíra Lucas de Seabra da Silva, teve de providenciar, acresceu o ter esta auctoridade de tomar conta de sem numero de creanças orphãs e desamparadas, que vagueavam por aquellas terras e por Lisboa, dando origem á reinstallação da antiga Casa Pia do castello de S. Jorge. Foi este deploravel estado o que levou lord Wellington a pedir ao governo inglez o beneficio de alguns soccorros a favor dos habitantes da Beira e Extremadura, soccorros que o referido governo effectivamente lhes prestou no valor de 100:000 libras, tirando-se tambem em Londres uma subscripção de outra somma quasi igual para o mesmo fim, alem de mais 120:000 cruzados annuaes que por espaço de quarenta annos a côrte do Rio de Janeiro decretou para terem a mesma applicação. Com todos estes males reuniu-se a grande falta de meios para custear as despezas da guerra, obrigando o governo portuguez a recorrer á creação de novos tributos, a que se seguiu elevar o governo inglez de 1.000:000 a 2.000:000 libras o subsidio, que até ali ministrava a Portugal para a continuação da guerra, como se continuou, retomando o marechal Beresford aos francezes Campo Maior e Olivença, sitiando tambem Badajoz, cousa a que o marechal Soult procurou obstar, tendo por isto logar a batalha de Albuera, depois da qual se renovou o cerco de Badajoz, que por segunda vez teve de se levantar, vindo lord Wellington tomar posição com o seu exercito nas vizinhanças de Campo Maior, para obstar a uma nova invasão dos francezes pelo Alemtejo, como indicava a reunião dos exercitos de Marmont e Soult, que por fim se retiraram sem a verificar, a que se seguiu voltar lord Wellington para as margens do Agueda no intento de sitiar Cidade Rodrigo, o que deu logar ao celebrado combate de El Bodon, e á retirada do exercito para uma posição entre o Côa e o Agueda, estabelecendo o mesmo Wellington o seu quartel general em Freneda.

Tinha pois o exercito portuguez restaurado pela sua intrepidez e bravura no campo da batalha, a par do bom nome que para si adquirira, a reputação da nação a que pertencia; mas os males do paiz e os apuros do governo tinham chegado ao maior auge possivel. Despovoadas como tinham ficado as provincias da Beira e Extremadura, um dos primeiros cuida-

dos dos governadores do reino foi mandarem recolher
os povos, que em consequencia das ordens dos mesm
vernadores, e das do marechal general, lord Wellingt
tinham recolhido a Lisboa por occasião da invasão d
sena em 1810. Mas as terras de ambas essas provincia
vam-se no mais deploravel estado, e sem meios alg
n'ellas poderem viver os seus antigos moradores. O
rio, feito pelo juiz de fóra de Alcobaça em 30 de ma
1811 ao intendente geral da policia, apresentou a mai
e lamentavel pintura dos estragos, que os francezes
feito n'aquella villa, uma das mais notaveis da Extrem
Vinte e cinco moradas de casas haviam sido incendi
fabrica que ali havia destruida, o mosteiro dos frades
gue pela maior parte ás chammas, os sepulchros ar
dos, e finalmente apresentando tudo o quadro da ma
solação e miseria possivel. Uma devastadora epidemi
receu ali para cumulo de todas as desgraças, vend
doentes sem soccorro algum de medico, nem de boti
havendo nem ao menos um parocho para lhes minis
sua hora extrema os consoladores soccorros da relig
fazendas, e particularmente os pomares e vinhas, tin
cado estragados. A falta de cereaes era tal, que um
arratel se comprava ali por 200 réis[1].

[1] Não deve isto causar espanto, pois em Lisboa o trigo t
aquelle tempo o preço de 1$300 a 1$400 réis o alqueire, e a
vacca em verde o de 240 a 280 réis o arratel. Ainda no segui
de 1812 os governadores do reino tiveram de providenciar so
tigo carne por meio da seguinte portaria. «Para remover o c
monopolio, que tem feito subir extraordinariamente o preço d
verdes nos talhos d'esta cidade com muito prejuizo dos seus mo
manda o principe regente nosso senhor que José Manuel de I
encarregado do fornecimento das ditas carnes para se venderem
tos talhos desde o 1.º de janeiro até 2 de março proximo fut
preços que permittirem as despezas do dito fornecimento; e
effeito se fornecerá do cofre que mais convier a quantia de 40
réis ao dito encarregado, o qual a restituirá ao dito cofre dentr
tempo, e prestará ao real erario contas da sua administração
prohibida não só a todas e quaesquer pessoas, que não forem

Aos precedentes males se reunia tambem o da extrema falta de auctoridades para providenciarem de um modo analogo ás circumstancias. O proprio juiz de fóra, José Lucio da Veiga, que ali se tinha apresentado para tomar conta do seu logar, morrêra em 18 de abril, deixando abertos os officios, que se lhe tinham dirigido, e fechados os que eram para o corregedor da comarca, o qual nem estava n'aquella villa, nem se sabia onde parava. Um juiz vereador era por então a maior auctoridade da terra, que por este modo se achava sem ter quem executasse as ordens, que de Lisboa tinham sido expedidas para o seu bom regimen, nem haver quem dirigisse os meios necessarios para atalhar a epidemia, que tanta gente victimava. Á vista pois d'este quadro, tão afflictivo e triste, o intendente geral da policia mandou para lá o mesquinho soccorro de vinte saccas de farinha de pau e dois caixotes de *agua de Inglaterra*, panacéa por então muito em voga para grande numero de molestias, mas com especialidade para a cura das febres intermittentes; todavia a extrema falta de transportes, que para toda a parte havia, demorou consideravelmente a chegada de tal soccorro. O mesmo intendente ordenou mais que o citado juiz vereador, o bacha-

das pelo sobredito encarregado, ou não tiverem a qualidade de lavradores e creadores, cortar e vender carnes nos referidos talhos, mas tambem aos marchantes d'esta cidade, que não tiverem arrematado os direitos dos talhos do termo, comprar por si, ou interposta pessoa gado algum nas feiras do reino, ou fóra d'ellas, debaixo da pena do perdimento do mesmo gado, de que se applicará a terça parte aos denunciantes, outra terça parte aos officiaes que fizerem a apprehensão, e outra terça parte para a Casa Pia, e na falta de denunciante se repartirá o dito gado entre os officiaes e a dita Casa Pia, incorrendo os chanfaneiros e atravessadores nas mesmas penas, alem das outras impostas pelas leis. Manda outrosim que os ministros e mais justiças territoriaes prestem ao referido encarregado e seus commissarios todo o auxilio para as suas compras nas feiras, e fiquem responsaveis por toda a negligencia e falta de observancia d'esta portaria. O senado da camara e mais auctoridades e justiças a quem tocar o façam cumprir e cumpram inteiramente. Palacio do governo, em 24 de dezembro de 1812. — *Com cinco rubricas dos governadores do reino.*

cumstancias mais convinha oppor aos francezes na peninsula, e que nas linhas de Torres Vedras levantára elle o unico obstaculo diante do qual a fortuna de Napoleão podia ser constrangida a parar, ou mesmo a fazer com que a sua inconstante roda começasse a girar em sentido opposto ao que até ali se tinha visto. A sua influencia, já por então muito consideravel, engrandeceu-se prodigiosamente, quer entre nós, quer entre os seus compatriotas, ao passo que Massena só achava em Buonaparte e no seu paiz acerbas injustiças, opprobriosas censuras e pungentes desgostos.

Postoque lord Wellington não tivesse ainda ganhado victoria alguma de transcendente vantagem, ou consequencias de maxima importancia, tendo apenas obrigado os francezes a sairem de Portugal, viu toda a opposição rendida aos seus dictames por meio de lord Grey, quando na camara dos lords este seu adversario prestou lealmente homenagem ao seu saber, declarando haver desmentido todos os seus temores, ultrapassado todas as suas esperanças, e mudado completamente a face das cousas, pela sua persistencia em se conservar nas linhas de Torres Vedras. Desde então a situação dos partidos da guerra e da paz mudou inteiramente de figura no parlamento britannico, tomando o da guerra um extraordinario ascendente com que definitivamente se segurou no poder. O principe de Galles, que tinha querido chamar um novo ministerio, não tornou mais a pensar n'isto, mesmo depois dos medicos lhe terem declarado incuravel a molestia de el-rei seu pae, chegando até a sustentar mr. Perceval e os seus collegas, com tanto afinco como o faria este mesmo soberano. Tão excessivo fôra o enthusiasmo que a noticia da expulsão de Massena para fóra de Portugal causára na Gran-Bretanha, tanto em favor do exercito, como do povo portuguez, que o nosso embaixador na côrte de Londres, D. Domingos Antonio de Sousa Coutinho, assistindo ao *levé* do principe de Galles, regente do Reino Unido, recebeu d'esta eminente personagem e de todas as mais pessoas que em presença d'elle se achavam, os mais cordeaes parabens e felicitações pela heroica conducta, quer do exercito, quer do

povo portuguez, aos quaes ninguem deixou de applaudir, tributando-lhes os mais excessivos elogios[1].

Desvanecido como por similhante causa se viu lord Wellington, quiz tambem obter do governo hespanhol uma assignalada prova de particular confiança, pedindo o commando militar das provincias limitrophes de Portugal, para utilmente empregar os recursos que lhe offereciam, e combinar com todo o possivel rigor as operações da guerra, que tinha a emprehender no futuro para a libertação da peninsula. A regencia da Hespanha, não acolhendo bem este pedido, submetteu-o á decisão das côrtes com toda a solemnidade e apparato. Foi o general Blake quem verbalmente relatou o pedido feito pelos inglezes, expondo diversas rasões para se não admittir a pretensão, que segundo o seu modo de ver, offendia a honra e independencia nacional, acrescentando que mais depressa resignaria elle o seu posto, do que subscrever a similhante humilhação. No mesmo sentido fallaram tambem os dois outros regentes, Agar e Ciscar, de que resultou negarem-se as côrtes á approvação do pedido feito.

Não era sem rasão bastante que os governos inglez e portuguez applaudiam o systema defensivo de lord Wellington, e a valorosa conducta do exercito luso-britannico, porque no fim de contas os triumphos dos francezes na peninsula em 1811, depois dos consideraveis reforços, que Napoleão lhes mandára durante o anno de 1810, apenas se reduziram a uma expedição, ida para a Andaluzia, onde nada mais fez que tomar Sevilha, por lhes ter aberto as portas, e a uma outra, vinda para Portugal, onde tambem nada mais fez que executar uma ostentosa marcha desde as fronteiras da Hespanha até diante das linhas de Torres Vedras, e devastar todo o paiz por onde passára e onde residira, retirando-se final, depois de uma perda superior a 25:000 homens. Da mallograda empreza de Massena uma grande vantagem resultou tambem para o exercito portuguez, tal foi a de reco-

[1] O officio do referido embaixador para D. Miguel Pereira Forjaz de 9 de abril de 1811 assim o refere a este ministro.

não sómente as pessoas pobres e expatriadas, mas igualmente as bem tratadas. Dois cirurgiões havia n'aquella villa, que, sendo n'ella sufficientes em caso ordinario, não o eram depois que taes molestias se engravesceram, circumstancia que deu logar a que o intendente geral da policia mandasse indagar em Lisboa onde estavam os dois medicos do partido que n'ella havia, Manuel Tavares de Macedo, empregado no hospital militar da Junqueira, e Joaquim José Durão, para os fazer recolher a ella, devendo levar comsigo um enfermeiro do hospital de S. José, por terem adoecido todos os que havia em Torres. N'algumas outras terras a mortalidade era tão consideravel, que os parochos pediam sobre este assumpto providencias, dizendo que os mortos já não podiam enterrar-se nas sepulturas das igrejas[1]. O medico de Torres Novas participava que de cada 100 individuos mortos, 50 o tinham sido pela fome, 25 por causa de debilidade, e o resto por falta de curativo. A immundicie foi, n'algumas terras onde os francezes tinham residido, uma das mais poderosas causas da malignidade das molestias que n'ellas se desenvolveu. Umas das terras que mais immundas ficaram foram Thomar, Torres Novas, Santarem, Gollegã e Azinhaga. Os lavradores recusavam-se geralmente a promptificarem os seus carros, com o fundamento da isenção de embargos, allegação capciosa, porque a isenção invocada só era relativa a transportes, e não á limpeza, aliás tão necessaria como era para a propria lavoura, sendo portanto indispensavel que concorressem por turno para a limpeza publica, em cujo caso não só estavam as terras acima mencionadas, mas até mesmo Aveiras de Baixo, attento o estado immundo em que tambem ficou. Este mal era um dos que com mais urgencia convinha remediar, por impossibilitar a cada um dos individuos a residencia nas suas

[1] Escusado é lembrar que foi só depois da restauração do governo legitimo em 1834 que no reino se estabeleceram os cemiterios publicos, pois até então os enterramentos dos cadaveres humanos faziam-se todos no corpo das igrejas, e talvez que ainda hoje mesmo algumas terras haja onde tão damnoso costume se pratique.

proprias casas; mas para isto se effeituar havia muita falta de braços, e não menos de dinheiro.

Em Santarem, uma das terras do Ribatejo, que mais desgraçada ficou, estava extremamente falta de braços, cousa para que muito tinha concorrido o terem-lhe levado para fóra d'ella o seu regimento de milicias. O juiz ordinario de Punhete, ou da villa de Constancia, segundo o nome que ultimamente se lhe deu, officiava ao intendente geral da policia, pintando-lhe o estado de ruina em que aquella terra ficára; mas dentro d'ella, acrescentava o referido juiz, alguns meios ha de acudir á precisa reparação dos edificios, taes eram as differentes porções de madeira dos muitos pinhaes que os francezes tinham derrotado. Da referida madeira tinha querido tomar conta o governador da praça de Abrantes, mas o intendente propoz que fosse distribuida pelos moradores, que pretendessem trabalhar no reparo das suas habitações. A falta de braços para a limpeza das ruas tambem ali era extrema. Os homens que se achavam empregados na navegação do Tejo ainda eram poucos para acudirem á necessidade dos transportes. Em quaesquer outras circumstancias seria possivel valerem umas terras ás outras; mas no estado em que tinham ficado as da Extremadura e algumas da Beira, por onde os francezes haviam transitado, era impossivel recorrer a similhante meio, pelo grande estado de ruina em que as tinham deixado. As do sul do Tejo talvez podessem ministrar algum auxilio de braços ás terras do norte, mas tambem isto pareceu impraticavel pelo desvio dos braços, que isto podia occasionar á lavoura, cousa summamente sensivel para o estado em que o paiz por então se achava. Em Lisboa havia muitos trabalhadores provincianos, que n'ella se tinham deixado ficar, preferindo a mendicidade ao trabalho: a todos estes se lembrou o intendente mandar saír da capital para as suas terras, garantindo-lhes um jornal; mas para isto eram-lhe precisos meios pecuniarios, que se lhe não davam, nem elle os tinha á sua disposição. Já se vê pois que a lavoura forçosamente se havia de resentir do universal estado de miseria a que todo o paiz se achava reduzido. Para d'isto se fazer

uma idêa bastará dizer que no termo da Chamusca, d'on
tinham emigrado mais de quatrocentos dos seus morador
que pela maior parte andavam mendigando de porta e
porta, tinha o paul da rainha produzido em 1807 para ci
de 170 moios de trigo, 260 de milho e 14 de cevada,
passo que em 1811 apenas se semearam n'elle 2 moios
trigo, 6 de milho e 12 alqueires de cevada, sendo a prin
pal rasão d'isto a falta de bois, pois o carro que uma v
saía de qualquer terra para transporte, raras vezes volta
a ella. Fazia lastima ver ali e em muitas outras partes u
grande porção dos melhores terrenos do paiz cobertos
herva e incultos.

Para maior desgraça a colheita foi n'algumas terras tão m
seravel em 1811, que os lavradores apenas poderam colh
duas sementes, como succedeu em Castello Branco. Da Guar
dizia o juiz vereador: «As searas d'este anno são mais dim
nutas, porque o inimigo estragou tudo; para o anno ain
será peior, porque os lavradores, como lhe tiraram os gado
não poderam cultivar as terras, pelo que as lavouras vão su
cumbir e arruinar-se». A consequencia d'este estado de co
sas era achar-se ainda em Coimbra no meiado de julho
1811 o preço do milho por 1$300 e 1$400 réis o alqueir
faltava trigo, gallinhas e vinagre, custando 120 réis ca
quartilho de mau vinho. Mas alem da carestia, succedia q
os povos não tinham meios alguns pecuniarios para compr
rem a sua subsistencia, de que resultava andarem muit
individuos mendigando de terra em terra o seu pão quot
diano, encontrando-se não poucos d'elles mortos pelas estr
das, o que tambem ía succeder aos expostos, dizia o corr
gedor de Ourem, quando com algum dinheiro se não acudis
em breve ás amas, propensas como estavam a abandona-lo
O medico da dita villa de Ourem, Francisco Antonio de A
meida, que para ali fôra mandado pelo governo, fazia a ma
triste pintura do estado d'ella: «Os povos na sua chegada
suas casas, dizia elle, recorreram á venda do que tinham d
mais precioso, e fôra por elles enterrado no chão, para com
prarem os generos que vem para aqui de Lisboa. Homen

pela maior parte de outras terras foram os que compraram estas cousas pelo centesimo do seu valor. Estes recursos, tão tenues como eram, em breve se esgotaram, vendo-se em tal caso o povo obrigado a se alimentar de hervas, que os mesmos animaes rejeitam. O calor tem seccado estas mesmas. São já comidas as fructas do outomno (estava-se apenas por 20 de julho), e uma espontanea epidemia se tem de novo levantado. O donativo dos medicamentos que para aqui se mandou está quasi exhausto, e com elle acabará o ultimo recurso». As participações do juiz de fóra da dita villa de Ourem confirmavam plenamente o triste relatorio do medico, dizendo que a mortandade ali continuava, apesar dos soccorros e da chegada do medico, que o governo para lá mandára. Os doentes do hospital, acrescentava elle, alimentam-se de hervas, farinha de pau e bacalhau. Pedia portanto a esmola de se mandar para ali algum trigo do que estava na Barquinha para uso dos doentes. Por aquelle mesmo tempo a villa de Alcoentre não tinha medico, nem cirurgião, nem justiças, nem parocho. Os poucos moradores que para ella tornaram não tinham gado, nem sementes, estando por conseguinte faltos de todos os meios mais indispensaveis á vida. Tancos não tinha botica, nem um só padre que dissesse missa, ouvisse de confissão e administrasse os sacramentos. As instituições pias das differentes terras do reino, taes como misericordias e hospitaes, tendo soffrido uma consideravel quebra nos seus rendimentos, não podiam cumprir com os seus compromissos e regulamentos, valendo aos desgraçados, que tanto precisavam dos auxilios publicos.

A cidade de Leiria foi uma das terras que mais soffreu com a invasão dos francezes em 1810: incendios, immundicies e desolação de toda a especie, era o que n'ella se via. A sua população, que d'antes andava por umas 3:000 almas, apenas contava depois da invasão umas 150 pessoas! N'ella e nas terras proximas havia uma absoluta falta de tudo, sendo a mais sensivel a de viveres e sementes. Sobre o desgraçado estado d'aquella cidade officiava o seu respectivo corregedor ao intendente geral da policia, na data de 2 de abril de

tivos. Sobre estes males vieram depois os das
micas, originadas não só pela fome, e pelo d
que ficaram as terras, mas igualmente pela
atmosphera, nascida do estado immundo em q
terras ficaram, e sobretudo nascida da putrefa
veres e dos corpos insepultos, que espalharam
uma epidemia que ameaçava a propria capital,
cionaes e estrangeiros, de que resultava fugiren
zerem a Lisboa os viveres e mais soccorros de q
cisava. A par do corregedor, o juiz de fóra de Le
tambem a falta que ali havia de medicos, a da c
não tinha podido constituir, e até mesmo a d
justiça, sem os quaes dizia não se poder effeitu
não poder haver policia, nem circulação nas or
nalmente execução nas providencias. Foi esta
de facultativos, tanto de Leiria, como de muit
ras do reino, a que levou o intendente a mand
medicos, de que tinha noticia acharem-se em
dentro em vinte e quatro horas saírem para a
anteriormente residiam, ou onde tinham pa
d'elles saíram logo, outros preparavam-se para
guns houve que oppozeram viva resistencia, pa
os que não estavam ligados a partido, que era
fundamento da intimação feita.

A falta de camaras obrigou o governo a auct
pectivos corregedores para as constituirem co

tarem para os seus logares sob pena de prisão; assim se providenciou para se constituirem as auctoridades de Leiria e Alcobaça. Leiria tinha o grande recurso do pinhal de el-rei, que lhe fornecia um dos artigos mais necessarios para a reparação dos seus edificios; mas não havia quem cortasse, serrasse e apparelhasse as madeiras. Em fins de maio do citado anno de 1811 ainda a cidade de Leiria se achava nas mesmas circumstancias em que estava no principio de abril, por terem encontrado as providencias que para ella se tinham ordenado grande embaraço na sua execução por falta de officiaes de justiça, sendo o administrador, o thesoureiro, o escrivão dos reaes pinhaes e o do almoxarifado os unicos empregados publicos que se haviam recolhido aos seus logares.

A villa de Pombal, ou mais propriamente fallando o logar onde existíra, tambem pelos fins de maio não tinha podido ver ainda organisada a sua respectiva camara, não existindo mais que um vereador velho e doente; juiz de fóra tambem não tinha, não havendo ali senão ruinas, cadaveres, e muito poucos habitantes. Soure estava no mesmo estado de desamparo. As villas de Alpedriz, Batalha e Monte Real conservavam-se sem camaras, sem juizes e sem escrivães. Para uma comarca reduzida ao estado em que ficou a de Soure, tão devastada, e carecendo de toda a especie de soccorros, não era bastante um só magistrado, tendo de se providenciar em tantos e tão variados ramos de serviço publico, como exigia a reparação de tantos e tão consideraveis males. Em Soure tinham estes subido ao maior auge possivel, achando-se casas com oito doentes, sem haver quem lhes podesse ministrar uma fatia de pão, nem um só copo de agua para beberem; ouviam-se os gemidos da fome, mas não havia quem soccorresse os desgraçados que d'ella estavam sendo victimas. De 4:000 almas de que d'antes se compunha aquella villa e seu termo, tinham fallecido 1:224, estando doentes 1:120, acabando todos por falta de alimentos e de remedios. Á vista do exposto o intendente mandou para a villa da Figueira a bordo de um hiate algumas saccas de farinha de

uma quadrilha de ladrões, praticando todos os actos proprios de homens desalmados, sem moral, nem religião. O corregedor da comarca de Moncorvo participava em 24 de maio ao intendente geral da policia, que acabavam ali de ser roubadas as igrejas de Miranda e S. Thiago de Vallada, termo de Monforte. Um dos ladrões do primeiro delicto achava-se já preso confessando ter por socio um desertor, natural de Montalegre. Tambem se achavam presos em Villa Real tres salteadores, que atacavam os viandantes, alguns dos quaes tinham sido feridos. Em Barrancos, segundo um officio do corregedor de Beja, dois desertores hespanhoes andavam atacando os habitantes: o povo armou-se, e oito espingardas os foram procurar; mas tendo elles resistido, um dos dois foi morto, fugindo o outro. Segundo o mesmo officio havia n'aquella comarca muitos desertores hespanhoes que tinham por officio roubar. Na comarca de Alemquer divagava uma numerosa quadrilha de salteadores, a qual se achava distribuida pela estrada das Caldas, pinhal de Azambuja e da Amexoeira, atacando não só os viandantes, mas até mesmo as povoações, havendo toda a presumpção de ser a dita quadrilha um aggregado de guerrilhas e desertores. Depois de muitos insultos feitos por esta quadrilha, teve logar o assalto por ella dirigido contra o cirurgião assistente do hospital da Caridade, estabelecidó em Alemquer; apesar de ser acompanhado por quatro homens, viu-se atacado pelos salteadores da referida quadrilha, tres dos quaes eram fardados, parecendo serem milicianos. Por elles foi o dito cirurgião roubado, tirando-lhe uma mulla, o relogio, as botas, as esporas, o dinheiro e um jumento. Um dos ladrões trazia espingarda, outros pistolas e facas. O dito cirurgião ficou tão aterrado, que protestou não tornar mais a saír da villa, do que resultava ficarem os doentes fóra d'ella expostos a morrerem ao desamparo.

Pela sua parte o intendente geral da policia reclamava ao governo como medida necessaria mandar algumas patrulhas da guarda da mesma policia correr as estradas de Alemquer e suas vizinhanças; mas o seu ajudante, o desembargador

João Gaudencio Torres, lembrava empregar as milicias para a sua apprehensão, por lhe constar que as ligações dos ditos salteadores com os que se achavam na capital lhes faziam saber logo qualquer movimento, ou emprego que se desse á tropa da policia, cousa em que tambem convinha o coronel commandante d'este corpo, expondo que o emprego das milicias podia ser com effeito mais proveitoso, porque juntando-se os milicianos aos domingos para as suas revistas, de diversos pontos se podiam dirigir ás vizinhanças de Alemquer em um certo dia, por não desconfiarem os ladrões d'estes ajuntamentos, tanto como dos movimentos da guarda real da policia. O sitio em que os ladrões mais particularmente appareciam era em Alvarinho, pertença da vintena do Camarnal, termo de Alemquer. Tendo-se pois mandado uma porção da cavallaria da policia, commandada pelo alferes Francisco Pedro Gambôa, para perseguir esta quadrilha, conseguiu o dito alferes, encarregado como fôra pelo governo, da prisão e perseguição dos salteadores ao norte do Tejo, remetter para Lisboa no dia 18 de junho de 1811 dezesete individuos suspeitos d'aquelle crime. No logar do Espinhal, termo da villa de Penella, tinha-se até mesmo chegado a fazer um furto á tropa ingleza, do qual por bem pouco estiveram para se seguir as mais funestas consequencias. Foi por todas estas causas que o intendente requisitou ao governo medidas, que pozessem cobro ao grande numero de salteadores que accommettiam nas estradas os que por ellas transitavam, diligenciando-se por todas as maneiras a sua captura, cousa tanto mais urgente, quanto que elle intendente não podia realisar o plano que para similhante fim ideára, tal era a dos ministros territoriaes se entenderem com os respectivos capitães móres para arranjarem algumas rondas de ordenanças, pela falta de homens e emprego d'elles nos trabalhos dos campos, e n'algumas partes no trabalho mesmo das fortificações. Na propria cidade de Lisboa tambem se repetiam os furtos.

Alem dos salteadores de estrada, outra especie de ladrões havia, cujos roubos o referido intendente procurou evitar;

Effectivamente alguns individuos houve, moradores
ras invadidas, que n'ellas se deixaram ficar para mel
barem os seus concidadãos, e n'esta desgraçada ope
empregaram, fazendo conduzir para Lisboa as rou
assim tinham roubado, a fim de as não restituiren
donos, como se havia ordenado. Para obstar a sin
roubos ordenára o intendente que as cargas de tae
fossem examinadas nas barreiras da cidade, e os po
suspeitos conduzidos á presença dos ministros, para
o necessario exame, attenta a quasi certeza que ha
das terras onde tudo era necessario ninguem se po
brar de fazer transportar roupas para Lisboa, a não
esconder os seus latrocinios. Uma das terras em q
factos se deram foi a villa de Alemquer, onde o re
corregedor veiu no conhecimento de que n'ella se
feito roubos, praticados não só pelos individuos qu
tinham deixado ficar com o inimigo para roubarem
dos seus vizinhos, mas até por outros que, deixan
nhas, dentro das quaes se haviam recolhido, voltaram
terras, occupadas pelos francezes, para procederem
mo modo dos que lá ficaram, e que finalmente outro
que depois da saida dos francezes acudiram tambem
terras, e entraram nos mesmos excessos de furtar
poderam, sendo por isso grande o numero dos culp
de tal ordem foi elle, que nos ditos furtos se julgavan
sos metade dos habitantes de algumas povoações.
cumstancias taes adoptou-se por prudencia não este
procedimento judicial alem d'aquelles que fossem
réus em cada um dos logares. O intendente geral da
concordava pela sua parte que o procedimento deter
pela lei estava em opposição manifesta com os interes
estado, porque se aquella exigia por um lado o casti
culpados, tambem este exigia por outro que no meio
circumstancias se não affugentasse das terras, nem
mettida nas cadeias, uma grande parte d'aquelles ho
cujos braços tão necessarios eram por então, tanto
agricultura, como para as artes fabris. Dois grandes

venientes politicos havia pois a conciliar, a impunidade de alguns delinquentes, e a falta de braços para a agricultura e industria. Mas proceder sómente contra os maiores criminosos, deixando ficar impunes os menores, era uma anomalia que o intendente não podia admittir, porque o grau da culpabilidade só podia ter peso na gravidade ou menoridade das penas, mas não para a inteira impunidade dos réus. Deixar pois ao magistrado, simples executor da lei, o arbitrio de limitar ou restringir as suas disposições a quem muito bem lhe parecesse, era cousa muito irregular. Aindaque a pronuncia se regulava pelo arbitrio do juiz, era todavia um acto necessario, em consequencia das provas, cousa realmente differente d'aquelle caso, em que o juiz não era sómente juiz, mas tambem legislador.

Por aviso de 24 de novembro de 1810 tinha o intendente ordenado aos magistrados das provincias invadidas, que devassassem d'aquelles furtos, dando conta do resultado, remettendo-lhe as devassas que tirassem, para depois se proceder contra os réus. N'estes termos pareceu ao referido intendente que a medida das devassas se levasse por diante, para depois ver se á vista d'ellas lembraria alguma medida conciliatoria dos interesses do estado com as determinações da lei. O povo, que por um certo instincto poucas vezes se engana na apreciação da origem de certos crimes, chegando algumas vezes mesmo a indicar com segurança os seus auctores, não arguiu sem fundamento muitos dos habitantes da cidade de Thomar, como se verificou pela devassa e summarios que n'ella se tiraram para descobrir os perpetradores dos roubos, que ali se praticaram por occasião da invasão dos francezes em 1810 e 1811. Um grande numero de individuos foram tidos como réus de similhantes roubos, formando-se d'elles tres classes: 1.ª, ladrões que furtavam na companhia dos francezes, e lhes denunciavam cousas escondidas; 2.ª, ladrões que cortavam oliveiras para venderem as lenhas; 3.ª, ladrões que apenas furtavam os moveis das casas abandonadas. Propunha pois o intendente que nenhuma indulgencia se tivesse com os primeiros, por acompanharem os ini-

não tão graves como os da primeira, tambem e
um severo castigo: cortar as oliveiras, não só e
reito de propriedade, o mais sagrado de todos
ciaes, mas era atacar igualmente a riqueza da
do giro das transacções um importante produ
parte do contrapeso da balança do commercio
daque estes réus não tivessem nos seus crimes,
o mesmo intendente, espirito anti-patriotico, h
actos dois delictos, segundo as leis do paiz, qu
as arvores fructiferas, e furtar a cousa alheia
classe entravam todos os réus, que andavam
quanto achavam nas casas devolutas, e aind
campo; eram estes os mais dignos de descul
muitos dos seus furtos filhos provavelmente d
em cujo caso se podiam reputar os que tin
colmeias, acto a que sómente a fome os podia
Os d'esta classe julgava o mesmo intendente q
obrigados sómente a livramento ordinario, po
obrigação de se mostrarem livres era uma sat
blico, sem serem privados do seu trabalho corp
que o estado se livrava de ter com elles as ca
das. Uma classe houve de portuguezes degene
caram nas terras invadidas por seu apêgo e aff
cezes, sendo elles os que lhes prestaram tod
de serviços, fazendo-lhes apromptar moinhos
trando em mil negociações sordidas debaixo d

tão depravados sentimentos, que chegaram mesmo a ir buscar donzellas para as entregarem á brutalidade dos francezes, taes foram em Thomar um José Antunes Zagallo, Manuel Antonio do Carrascal, e um filho de Thomás de Faria, do logar do Freixo. Dos de primeira classe foram em Thomar pronunciados quinze individuos, dos da segunda quatro, e dos da terceira muitos, alem dos mais que foram envolvidos nos respectivos summarios. Sobre estas mesmas culpas se abriram igualmente devassas em Torres Novas e outras differentes terras, ficando tambem pronunciados e envolvidos nos respectivos summarios não poucos individuos.

No meio de tão tristes circumstancias é bem facil de ver quão grande não deveria ser o numero das creanças de um e outro sexo, que perdidas, ou desamparadas umas, e orphãs outras de pae e mãe, vagueavam sem abrigo, nem amparo algum, não só pelas differentes terras das provincias invadidas, mas até pelas praças e ruas de Lisboa. Commovido por tão lamentavel estado a que estes desgraçados menores se achavam reduzidos, buscou o philanthropo juiz de fóra de Coimbra dar todo o possivel amparo aos que vagabundos assim andavam por aquella cidade, e com estas vistas pôde accommodar doze no mosteiro de Santa Cruz, doze na Misericordia, e alguns em casas particulares. Mas tendo este pequeno principio feito apparecer de prompto um grande numero de outros, julgou o mesmo juiz de fóra indispensavel algum arranjo publico para salvar tantas vidas, que podiam ser uteis ao estado, cuja população, mais do que nunca diminuida pela guerra e pelas molestias a ella inherentes, exigia a solicitude do governo, poisque sem braços não era possivel existir agricultura, nem artes, nem se achariam vassallos para se effeituar o recrutamento do exercito, que com tamanho empenho se pedia para a defeza da patria. Lembrava pois o referido ministro a applicação dos sobejos das sizas para aquelle fim, expondo alem d'isso quanto era util estender aquella providencia ás villas de Miranda, Louzã, Penella, Rabaçal, Ancião, Soure, e outras onde os orphãos, abandonados assim á descripção da fortuna, eram victimas de

um total desamparo. Entre as cousas necessarias para a realisação do seu projecto occorria-lhe o estabelecimento de um hospicio, para que offerecia commodidade algum dos muitos collegios de religiosos que havia na cidade.

Onde porém o numero das creanças desamparadas se tinha tornado consideravel era em Leiria. Repetidas representações haviam sido feitas pelo corregedor da respectiva comarca ao intendente geral da policia sobre a necessidade de providencias a tal respeito. Tendo-se ao principio contado mais de duzentas creanças desamparadas, apenas existiam cincoenta d'ellas, tendo as outras morrido miseravelmente pelas ruas. Não admittindo precisões de tal natureza remedios lentos e morosos, o mesmo intendente escreveu logo ao dito corregedor para se encarregar de acudir aos que sobreviviam por meio de uma sopa economica, ou caldeirão de caridade, tirando por emprestimo do cofre dos orphãos o que fosse indispensavel para seu alimento, e que quando nenhum dinheiro houvesse n'elle, o tomasse a credito, empregando para similhante fim a maior economia na compra dos precisos generos, na certeza de que elle intendente se responsabilisava pelo seu pagamento. Mas o cofre dos orphãos não existia, tendo-se achado arrombado no fundo de uma escada, e a compra de viveres era impraticavel, havendo apenas alguns vivandeiros, que compravam com o dinheiro que faziam n'um dia o que haviam de vender no seguinte, não tendo o corregedor da comarca podido fazer mais do que abriga-los n'uma casa, e cobrir-lhes a nudez com as roupas a que não tinham apparecido dono.

Á vista pois d'isto pediu o intendente ao governo que sobre o deploravel estado d'aquella comarca lançasse as suas vistas humanitarias, porque sendo a pobreza geral em todos, impossivel era recorrer á repartição dos orphãos pelos proprietarios, porque familias que para si não tinham o necessario, não podiam ser oneradas com o peso de pessoas, que não só lhes eram estranhas, mas até mesmo inuteis. O corregedor lembrava-se de lançar mão dos generos e artigos, cujos donos se não tinha podido saber quaes fossem; mas

alem de se terem mandado applicar para o hospital d'aquella cidade as roupas que lhe podiam servir, segundo as ordens expedidas sobre tal assumpto, e para similhante fim commettidas ao bispo d'aquella diocese, acrescia que pelas restantes pouco ou nada se podia levantar. E com effeito sendo extrema a necessidade do sustento para todos os individuos, não era possivel achar compradores a similhantes objectos, nem podia haver preço que rastejasse o valor d'elles, e por conseguinte a somma que por elles se obtivesse seria sempre mesquinha, particularmente com relação a uma precisão, que não era só de um dia, mas que exigia quotidianamente a continuação de soccorros. Para maior acrescimo do mal estava-se em principio de junho, e ainda o hospital d'aquella cidade se não achava aberto, e o bispo, que para elle subscrevêra com 600$000 réis, tinha resolvido não o mandar abrir, sem que tivesse cem camas promptas, viveres, e o mais que necessario fosse para cem doentes. Era este um modo de pensar bem singular, porque emquanto aquelle hospital não estivesse em estado de receber os ditos cem doentes, entendia aquelle prelado que era bom deixar morrer á mingua aquelles de que desde logo se poderia tomar conta! Em tão grande aperto, postoque se entendesse que os pequenos soccorros não eram remedio, a elles se recorreu, ordenando-se ao corregedor que applicasse á sustentação dos orphãos o bacalhau que de Lisboa se lhe mandára para certas freguezias, taes como a da Serra de El-Rei e S. Leonardo, que não tinham sido invadidas no termo de Atouguia, mas que se suppoz terem-no sido. Uma subscripção em Lisboa era o unico meio que para mais prompto soccorro propunha o corregedor de Alcobaça, por ser impossivel tira-la n'aquella comarca, onde a desgraça nivelára todas as fortunas, havendo nos seus habitantes sómente a unica differença de terem alguns individuos predios seus, mas que n'aquellas circumstancias nenhum soccorro lhes ministravam.

Em 10 e 12 de junho participára o corregedor de Leiria que passavam de setenta os innocentes, expostos ao desamparo, morrendo tres e quatro por dia, tendo recolhido n'uma

casa para este fim destinada cincoenta e seis orphãos, aos quaes ministrava alimento por meio da sôpa economica, ou caldeirão de caridade, que o intendente mandára estabelecer. Para este fim tomára elle a credito dez arrobas de arroz, ajustando com um marchante dar-lhe a carne necessaria, com promessa de prompto pagamento. O effeito d'esta providencia foi o não morrer de então por diante um só orphão, depois de ter sido adoptada, e apparecerem todos os dias mais dois e tres, que vinham dos montes, morrendo de fome. «Á proporção que crescer este numero, acrescentava mais o corregedor, ha de necessariamente crescer a despeza para a qual necessario será que o governo providenceie como melhor lhe parecer». O intendente dizia pela sua parte: «Foi a necessidade de salvar a vida a tantos desgraçados o que me animou a auctorisar o dito corregedor para o estabelecimento do caldeirão da caridade; mas vossa alteza real sabe que eu não posso responsabilisar-me por uma despeza continuada nas actuaes circumstancias, e muito mais quando vossa alteza real me faz a honra de encarregar-me de dar providencias sobre esta classe de infelizes, que se acham em Lisboa». Com o tempo uma grande parte dos orphãos de Leiria foram-se successivamente entregando a curadores e feitores, que sobre elles vigiassem: para aquelles que adoeceram alugára-se uma casa para lhes servir de hospital, por estar ainda fechado o da cidade, com grande desgosto de todos os moradores d'ella, tendo a sua abertura tido logar sómente em 7 de agosto, entrando n'elle mais de 20 doentes de um e outro sexo, numero que successivamente se foi augmentado, e que em 24 do dito mez se elevava já a 137, sendo a maior parte das molestias sesões. Os orphãos de Leiria foram portanto sustentados pela policia, gastando com elles desde 12 de junho até 7 de agosto 128$713 réis. O numero dos ditos orphãos foi o de 67, dos quaes tinham morrido 17, tinham fugido 5, achavam-se doentes 6, e haviam-se entregado a parentes e tutores 39. Tambem em Villa Nova de Ourem se estabeleceu um caldeirão de caridade, que chegou a alimentar 200 orphãos por dia, servindo-lhe de muito

auxilio a porção de farinha de pau, que o intendente geral da policia para ali lhe mandára de Lisboa. Por aquelle mesmo tempo ainda a fome continuava a perseguir seriamente os desgraçados adultos, sendo a necessidade de tal ordem, que muitos homens ricos da comarca de Leiria se viram obrigados a desfazerem-se das suas pratas, que os ourives do Porto lhes compravam na rasão de 50 réis por oitava. O corregedor d'ali pedia ao intendente providencias, que sobre isto se não podiam dar, por não ser possivel obrigar os ditos ourives a comprarem prata por um preço que lhes não convinha, ou cujos interesses os não convidavam a empatarem n'este negocio o seu dinheiro.

Commettêra o governo ao intendente geral da policia, como acima se diz, o cuidado de vigiar na conservação dos orphãos, que pelas ruas da capital vagueavam abandonados, sem nenhum amparo, nem abrigo de especie alguma. Já n'outra parte vimos que um dos primeiros cuidados de Diogo Ignacio de Pina Manique, depois que o nomearam intendente geral da policia, foi o estabelecimento da chamada Casa Pia, que fundára no castello de S. Jorge, no mesmo local do antigo palacio real das Alcaçovas, que para tal fim se lhe dera, como bens nacionaes, e juntamente com elle uma parte dos terrenos da encosta do mesmo castello, que tambem eram bens nacionaes, adquirindo a outra parte do que ainda ali hoje possue por compra feita a João Rodrigues Caldas, ou a seu irmão. Tambem já vimos que em 29 de novembro de 1807 exigiram os francezes que se evacuasse o indicado edificio da real Casa Pia para ser por elles occupado, expedindo-se para este fim um aviso ao intendente geral da policia, Lucas de Seabra da Silva. Avêsso como este intendente foi sempre áquelle estabelecimento pio, entendeu que o melhor era dispersa-lo, e assim o fez, em conformidade com o systema francez, que consistia em destruir tudo, sem nada substituir. Algumas das orphãs foram recolhidas em um edificio, outras foram entregues a parentes, recolhendo-se em alguns collegios particulares os alumnos, que mais desamparados pareceram, ou mais titulos de recommendação por si tiveram. Lu-

cas de Seabra nunca mais se lhe importou com a restauração d'aquella casa, e vindo a ser demittido, por suspeito de affeiçoado aos francezes, de todos os cargos que occupava, por decreto de 1 de dezembro de 1810, conservando-se-lhe todavia os vencimentos que percebia, succedeu-lhe na intendencia o desembargador Jeronymo Francisco Lobo, nomeado intendente geral da policia por aviso dos governadores do reino de 18 de fevereiro de 1811. Foi este o que, sendo encarregado de abrigar os orphãos, que divagavam pelas ruas de Lisboa, cuidou em achar um edificio apropriado á sua recepção, cousa para que em toda a parte se lhe apresentavam grandes difficuldades. O palacio dos condes de S. Miguel em Arroios, que para tal fim se lhe indicára, estava muito arruinado, e alem d'isso não tinha as commodidades precisas, sendo falto de agua potavel, e estando muito longe do centro da cidade[1]. Lembrou logo o mosteiro do Desterro, pertencente por então aos monges de S. Bernardo, não só por ser mais central, mas tambem por ter proxima uma horta da antiga Casa Pia, que podia subministrar vegetaes, e tinha agua, ao menos para alguns usos domesticos[2]; mas achando-se então occupado por um regimento de milicias do termo, tornára-se necessaria a sua remoção. A casa occupada pelas mulheres perdidas na cordoaria da Junqueira não tinha as proporções adequadas, por ser uma grande sala onde dormiam, e outra mais interior.

Emquanto pois se não encontrava um edificio apropriado aos fins que se tinham em vista, foram mandados recolher, nos dias 23 e 24 de junho do referido anno de 1811, no seminario

[1] Este palacio é aquelle onde primitivamente se estabelecêra a estação da partida do caminho de ferro Larmanjat; d'elle fazia parte um outro, do qual apenas se vê uma parede com uma grande janella de cantaria, pouco antes de chegar ao caminho, ou azinhaga que vae para a Penha de França, e fica para cá do largo de Arroios. Hoje os ditos palacios são propriedade do conde dos Arcos com a quinta annexa.

[2] Esta horta é a que no largo do Intendente fica pegada ao chafariz do dito largo, onde estão umas fabricas de louça, e uma taverna, a que ultimamente se tem seguido algumas edificações de casas.

Senhora da Salvação, existente n'uma casa terrea da tra- de Santa Quiteria[1], seminario ali regido pelo padre el José de Brito, quatorze dos orphãos abandonados, ndo a intendencia por cada um d'elles ao referido padre réis diarios. Eram quatorze pequenos rapazes, que pe- nas andavam quasi nus, e precisavam ser vestidos, não o a maior parte d'elles camisa. Este numero foi pro- sivamente crescendo, particularmente tendo sido man- los recolher de Leiria a Lisboa os que ali estavam sus- tados por conta da intendencia, a que tambem por ultimo aggregaram os de Ourem, por estarem nas mesmas cir- stancias. Alem d'estes pequenos orphãos o intendente ndára, na noite de 22 para 23 do dito mez de junho, apa- r outros maiores de treze e quatorze annos, que podiam r empregados na cordoaria, para onde foram remettidos. guns eram d'aquelles que serviam aos ladrões para instru- nto dos seus roubos, julgando com toda a rasão o refe- lo intendente não dever confundir estes com os pequenos phãos, de quem se podia esperar uma boa educação, e rem no futuro para a patria bons e uteis cidadãos. Aos ima ditos seguiu-se depois uma leva de mais dezeseis, ndados para o dito seminario, d'onde todos saíram para mosteiro do Desterro no dia 31 de agosto do mesmo anno 1811. Foi só em março do seguinte anno que a Casa Pia Desterro se mandou definitivamente constituir, como se ova pelo seguinte documento: «Tendo o principe regente sso senhor ordenado que se restabeleça a Casa Pia, sup- imida pela invasão dos francezes, logoque as circumstan- as o permittam; e sendo indispensavel acudir sem demora necessidade e desamparo de muitos menores, emigrados la maior parte, que sem abrigo algum divagam por esta ipital, expostos a todos os vicios e miserias: manda sua al-

[1] A casa terrea onde por então se achava estabelecido o citado semi- rio da Senhora da Salvação é aquella que no alto da referida travessa Santa Quiteria, ao voltar para a igreja de Santa Izabel, se vê com o 107, occupada hoje por um dos asylos da infancia desvalida d'esta pital.

nova Casa Pia no faustissimo dia 13 do corre
vem entrar todas as menores desamparadas,
poderem manter. O intendente geral da polic
entendido e haja de executar. Palacio do go
maio de 1812. — *Com a rubrica dos governa*

Tantos e tão funestos foram os males que
tugal, em consequencia das ordens dadas po
ton para que os povos da Beira e Extremad
sem as suas casas, destruindo tudo quanto n'
podia ser util ao inimigo, para se recolherem
elle mesmo tomou a resolução de officiar de
bre este ponto ao ministro da guerra, o cond
na data de 27 de outubro de 1810 pela seg
«Mylord. V. ex.ª estará informado das med
sido adoptadas para persuadir os habitantes
deixarem aquella parte do paiz por onde o
para passar, ou que era provavel que fosse
suas operações, levando comsigo as suas p
tudo o que podia servir para a subsistencia
migo, ou para facilitar os seus progressos.
que estes habitantes tem sufficiente conhecim
cedente experiencia do tratamento que receb
sores, e não ha exemplo de terem ficado os
dade ou aldeia, ou de terem deixado de reti
lhes podia ser util, quando tiveram a tempo

mação dos desejos do governo, ou meus, de que abandonassem as suas casas, e levassem a sua propriedade. Todos os que conhecem a natureza das operações militares, a sua dependencia do auxilio do paiz para supprir as faltas do exercito, e particularmente até que grau os exercitos francezes dependem d'este auxilio, devem conhecer as necessidades que este systema tem causado ao inimigo, e cartas particulares e officiaes, que se tem interceptado são cheias de queixas dos seus effeitos, as quaes tem sido repetidas nos papeis officiaes, publicados no *Moniteur* de París. Succedeu desgraçadamente que as searas de milho, que é o principal alimento dos habitantes de grande parte de Portugal, estavam na terra no momento da invasão do inimigo. Estas foram em consequencia deixadas; mas onde a tropa do inimigo tem estado destruiram, como costumam, tudo o que não poderam consumir, e nada resta. Se por consequencia o resultado da campanha for obrigar o inimigo a retirar-se de Portugal, deve receiar-se muito que venham a haver as maiores privações n'aquelles districtos por onde tem passado as tropas do inimigo; e n'este paiz não ha meios de os poder soccorrer. Em occasiões antecedentes os habitantes ricos da Gran-Bretanha, e particularmente de Londres, tem-se antecipado em auxiliar e alliviar as calamidades das nações estrangeiras, ou fossm affligidas pela Providencia, ou por um inimigo cruel e poderoso. Esta nação tem recebido os beneficios do animo generoso dos vassallos de sua magestade, e nunca houve um caso em que fosse requerido o seu auxilio com fundamentos maiores, ou se considerem os padecimentos do povo, ou a sua fidelidade á causa que tem esposado, ou *o seu affecto aos vassallos de sua magestade*. Eu declaro que apenas conheço algum exemplo de pessoa em Portugal, ainda da mais baixa classe, que tenha tido communicação com o inimigo, contraria ao seu dever, para com o seu soberano, ou com as ordens que tenha recebido. Peço-vos pois licença para recommendar a infeliz parte dos habitantes, que tem padecido pela invasão do inimigo, á protecção de v. ex.ª, e supplico-vos que mediteis o modo de recommenda-los á

se soccorrerem com 100:000 libras os habitan
Extremadura, cujas casas e fortuna, por fugi
boa, haviam sido arruinadas por effeito da in
sena no anno de 1810, proposta que a camara
votou por unanimidade, o que tambem succe
dos lords. Inspiraram o maior interesse os dis
aquella occasião pronunciaram o marquez d
mr. Perceval, e os que de reforço a elles fizer
os outros membros do ministerio, assim com
reparo, e de certo foi um grande elogio para o
ver que quasi nenhum membro das duas cam
rectamente contra aquelle auxilio, á excepção
venor na camara dos lords, cujos despropósit
dões foram victoriosamente refutados por l
dando logar ao eloquente discurso, que então p
favor da mensagem o marquez de Landsdown,
ser um dos mais distinctos membros da opposi
effeito por aquella occasião que o enthusiasm
tes de Londres se patenteou geralmente em f
graçados moradores d'aquellas duas provinci
espontaneamente por effeito d'elle n'aquella ca
scripção para auxiliar a reparação dos males,
tismo dos portuguezes e a sua lealdade para
Bretanha lhes tinham occasionado, incorrendo
no odio que os francezes contra elles manifest
d'este reino foram expulsos em março de 1811

commerciantes da mesma nação, unidos com os portuguezes e hespanhoes, residentes n'aquella capital, se nomeou no dia 24 de abril uma commissão, a qual se devia igualmente encarregar de administrar o respectivo producto, que subiu 181:079 libras, commissão em que muito desejou entrar o proprio mr. João Carlos Villiers, o mesmo que estivera em Lisboa por ministro de Inglaterra, antes de mr. Carlos Stuart.

Para a distribuição das 100:000 libras, votadas pelo parlamento britannico, auctorisou o governo inglez o seu ministro plenipotenciario em Lisboa, o cavalheiro sir Carlos Stuart, a nomear uma commissão, que se compoz do governador do reino, Ricardo Raymundo Nogueira, João Bell e Henrique Teixeira de Sampaio, constituindo-se tambem membro d'ella o mesmo sir Carlos Stuart, os quaes, fazendo a sua primeira sessão no dia 26 de agosto de 1811, convieram em que o plano para se effeituar a citada distribuição assentasse nos seguintes pontos[1]: 1.º, que a respectiva somma fosse applicada por modo que os povos devastados tirassem d'ella a maxima utilidade, recebendo os soccorros de que mais necessitassem; 2.º, que os referidos soccorros fossem em generos, com o fim não só de remediar os males passados, mas tambem de lançar as bases da futura prosperidade das provincias assoladas, promovendo n'ellas a cultura das terras, o reparo das habitações, a saude dos respectivos povos, e o amparo dos orphãos; 3.º, que debaixo dos citados principios a respectiva importancia se empregasse em bois, vaccas, sementes, premios para os que construissem carros novos em certo tempo, instrumentos de agricultura e vasilhas, e bem assim em remedios e roupas para os doentes, creação de orphãos, e alguma madeira para o reparo de casas, applicando-se a cada um d'estes objectos uma quantia determinada, a qual se

[1] Advertimos aqui o leitor de que o que vamos dizer sobre o assumpto nada mais é do que o extracto de um folheto publicado sobre esta materia, julgâmos que no anno de 1812, o qual muito espontaneamente nos foi offerecido por emprestimo pelo nosso amigo e collega da secretaria da guerra, o sr. Jorge Oom, a quem cordealmente agradecemos a fineza que com isto nos fez.

poderia augmentar ou diminuir, quando esta alteração se reputasse necessaria; 4.°, que se pedisse ao governo portuguez a necessaria auctorisação para que o desembargador João Gaudencio Torres, associado a João Croft, fosse encarregado, mediante as instrucções que se lhe haviam de dar, de visitar as terras devastadas, e n'ellas distribuir os gados e sementes; de estabelecer providencias para assistir aos doentes, indicando as roupas e remedios que do deposito formado em Lisboa se lhe haviam de remetter; de dar conta do numero e qualidade dos instrumentos de agricultura que se precisasssem, para ser repartida a quantia que se podesse haver pela somma destinada para este artigo; de informar sobre o modo de promover a construcção de carros, e de fazer chegar aos logares competentes as madeiras que se podessem apromptar para reparação das casas; 5.°, que nos cofres dos orphãos das differentes terras se fariam entrar as sommas destinadas para soccorro dos desamparados d'esta classe, em proporção das suas idades, e em conformidade das relações que dos differentes orphãos os magistrados territoriaes enviassem para tal fim ao intendente geral da policia; 6.°, que a remessa de pipas e toneis se faria por intervenção do sobredito intendente, o qual se havia encarregado de obter as informações indispensaveis para a sua distribuição, dirigindo o transporte de taes objectos aos logares do seu destino; 7.°, que este plano seria submettido á approvação do governo, como assim se fez, pedindo-se-lhe igualmente que ajudasse a commissão na sua execução, e ordenasse a par d'isto aos funccionarios civis e militares que tambem auxiliassem pela sua parte o referido desembargador João Gaudencio Torres, cumprindo as suas requisições, e executando os artigos d'este mesmo plano na parte que lhes competisse.

Aceitando o citado desembargador e João Croft, membro da legação ingleza em Lisboa, a espinhosa commissão de correrem as terras devastadas, para fazerem n'ellas a distribuição dos respectivos soccorros, e remetterem ao intendente geral da policia as informações que obtivessem, relativas á

na dita commissão, deram-se-lhes as instrucções que os devia
iar no desempenho d'ella[1]. Com o indicado fim partiram pois
ra o seu destino os dois citados commissionados no dia 11
setembro de 1811, e executaram a diligencia pela maneira
posta no relatorio, que em 20 de setembro de 1812 dirigi-
m ao ministro inglez em Lisboa, o já citado cavalheiro sir
rlos Stuart, tendo-se empregado n'este arduo serviço pelo
paço de nove a dez mezes, apesar da assiduidade e dedica-
o com que trabalharam, depois de vencidas por elles gran-
ssimas difficuldades, resultantes da assolação geral das ter-
que visitaram, da falta de funccionarios publicos que n'ellas
via, das demoras em se lhes remetter o gado que deviam re-
rtir pelos lavradores, e da nova invasão das tropas do mare-
al Marmont em parte da provincia da Beira. Voltaram elles a
sboa em julho de 1812, havendo executado a diligencia com
naior zêlo e imparcialidade, conformando-se em tudo com
instrucções recebidas da commissão, que na capital dirigiu
periormente a distribuição dos respectivos soccorros, e pro-
dendo com a maior prudencia e acerto, a respeito dos obje-
s postos á sua disposição, e muito particularmente no que
relativo á visita dos hospitaes, fazendo-a com a maior ca-
lade e perigo das suas proprias vidas, por estarem cheios
enfermos de molestias contagiosas.

Ligando-se portanto ás suas ditas instrucções, como dizem
seu dito relatorio, começaram os dois referidos commissio-
dos a sua visita por Villa Franca de Xira, tendo previamente
sentado visitar em primeiro logar a provincia da Extrema-
ra, e depois d'esta a da Beira, em consequencia de ser a esta-
o propria para a cultura dos fructos mais usuaes na primeira
s referidas provincias mais temporã do que na segunda, e
chando-se já muito adiantada a citada estação, instava de ne-
essidade o acudir-se-lhe immediatamente com as sementes e
ado para a lavoura. A distribuição do gado foi feita por elles
as duas ditas provincias por 2:547 pessoas, sendo de 3:747
numero das cabeças que d'elle distribuiram na totalidade.

[1] Veja o documento n.º 100-D.

Entre as pessoas contempladas tiveram o primeiro logar de preferencia na distribuição os parentes dos soldados mortos no campo da batalha, avultando esta classe ao numero de 49 individuos; os segundos preferidos foram os parentes dos soldados que se achavam em campanha, elevando-se o numero d'estes a 248; os terceiros preferidos foram os milicianos que tinham servido e continuavam ainda a servir com armas na mão, subindo o numero d'estes a 493; e finalmente compunha-se a ultima classe dos não preferidos de 1:757 recrutas de milicias e lavradores, que tinham familias numerosas e se achavam na indigencia, entrando tambem outros lavradores menos pobres com menores familias.

Depois da retirada do marechal Massena tinha-se exigido de cada um dos magistrados das terras invadidas uma lista dos nomes dos proprietarios de uma junta de bois a quem os francezes a tivessem roubado. Foi em presença d'estas listas que os dois commissarios procederam ás necessarias averiguações, para effeituarem a distribuição do donativo. Para alcançarem com a devida exactidão as informações de que careciam convocaram elles as camaras municipaes das differentes terras: perante ellas chamavam o juiz e dois louvados de cada vintena, aos quaes faziam perguntas de prevenção, para virem no conhecimento da verdadeira causa da perda de cada uma das rezes, que nas mencionadas listas se dizia haverem sido *roubadas pelo inimigo;* os meios que cada um dos lesados tinha para reparar a perda soffrida; o valor dos seus bens; se tinham algum trafico ou emprego lucrativo, independentemente de agricultura, parentes ou amigos que podessem e quizessem soccorre-los; o numero dos seus filhos; o seu caracter moral; lealdade ao seu soberano; obediencia ás ordens de evacuar o paiz; capacidade e actividade nos trabalhos da agricultura; e finalmente promptidão em auxiliar o serviço dos transportes e as outras repartições do exercito. Depois de verificada a verdade das suas respostas por meio de novas perguntas, a fim de se procurarem todos os meios de informação e de se interrogarem os individuos de toda a classe, em prova do testemunho

pelo dito juiz e louvados, era no fim de tudo isto que s commissionados decidiam, com o acordo das respecti-maras, se o pretendente tinha ou não as circumstancias iptas pelas instrucções para ter direito ao donativo.

se conhecer quaes os milicianos n'elle comprehen- os mesmos commissionados pediram, todas as vezes o lhes foi possivel, aos coroneis dos regimentos, que ordem aos capitães para averiguarem quaes dos sol- las suas companhias se achavam nas referidas circum- ; de cada companhia se apresentava depois uma lista, la pelo seu commandante, e de todas ellas se formava umento geral, que o coronel assignava, sendo depois e aos commissionados. Os milicianos que contra si culpa de deserção, ou qualquer outra falta grave, cluidos do donativo. Na presença da camara e das es pessoas de cada districto o coronel fazia marchar egimento para o logar onde se devia fazer a distribui- se declarava a applicação que tinham tido as 100:000 le donativo [1], concluindo-se esta exposição por incul-

[1] uzidas a moeda de Portugal as citadas 100:000 libras, produ- as a quantia de 375:002 pesos duros, pelo cambio então cor- mo consta do seguinte mappa, pelo qual se vê tambem a appli- e tiveram.

			Duros
bras esterlinas ao cambio de 70d 1$000 réis, fazem		342:859$000	
sobre a metade em papel a 25 cento		42:857$375	
Fazem em metal		300:001$625	375:002
a destinada para	Gado		200:000
	Orphãos		38:133
	Sementes		50:000
	Madeiras		5:730
	Ferro para carros		10:000
	Vasilhas		1:200
			305:063
m para os hospitaes, medicamentos, roupas, etc.			69:939
Total em pesos duros			375:002

car o reconhecimento em que se devia ter o beneficio. A
do-se a pouca distancia o numero das rezes, destinada
os individuos apurados em cada corpo, lançava-se o
de cada um dos mesmos individuos, escripto em uma
papel dobrado, na barretina de um tambor, que saía á
do regimento: separava-se primeiro uma junta de b
resto da manada, e um sargento, tirando depois um
da barretina do tambor, declarava o nome do miliciano
escripto, ao qual se entregava immediatamente a dita
evitando por este modo o risco do conductor do gado
xar seduzir por algum dos beneficiados para lhe escol
guma junta de maior valor. Recebida a respectiva ju
bois, o miliciano assignava um termo em que se obri
não alienar o gado recebido, sem licença da auctoridad
do districto, e com as condições de provar a sua absol
capacidade para o trabalho, obrigando-se tambem o ve
a comprar uma outra junta em melhor estado, ou mos
a reciproca vantagem na troca, que houvesse de fazer
boi por outro, a fim de emparelhar melhor a junta. As
ctivas auctoridades foram por ordem regia encarrega
fiscalisar a fiel observancia dos referidos termos.

Para se fazer a distribuição do gado ás pessoas nã
tencentes á milicia, assignava-se um outro dia: para es
eram tambem chamados os juizes ordinarios de cada
e os juizes de vintena, com ordem de apresentarem o
viduos dos seus respectivos territorios, que tinham as
ficações exigidas para serem contemplados no donat
attestando os mesmos juizes a identidade das pessoas,
bia cada uma d'ellas uma junta de bois na presença
mara respectiva e dos principaes da terra, fazendo-se
a todos que o parlamento britannico era o auctor d'es
nativo, que devia considerar-se como uma prova
amisade, e como premio da lealdade e obediencia ás l
parte dos favorecidos. A entrega fazia-se aos individu
as mesmas precauções empregadas para com os mil
assignando cada um dos apurados um termo, obriga
tambem a não alienar o donativo recebido sem a comp

licença da auctoridade civil. Aos magistrados requeria-se que não permittissem similhante alienação, a não ser no caso de poderosos motivos que a justificassem. Quando sobre os requesitos exigidos para se ser contemplado no respectivo donativo se dava a circumstancia da pratica de alguma acção de extraordinaria lealdade e patriotismo, reconhecido valor hostilidade distincta contra o inimigo, prompta obediencia ordens que se deram para evacuar o paiz, actividade em servir o exercito, já com relação aos transportes, e já a outras repartições do mesmo exercito, merecendo igualmente menção as acções de probidade e bom comportamento em qualquer sentido, os commissionados preferiam sempre estes individuos para o donativo áquelles que só tinham por si as qualificações marcadas nas instrucções que haviam recebido. As viuvas e orphãos de lavradores tiveram tambem parte distribuição de gado, quando n'uns e n'outros concorriam necessarios requesitos. Commetteu-se aos competentes magistrados a nomeação de tutores para os orphãos que ainda os não tinham, a fim de se lhes entregar o gado a que sobreditos orphãos se reputavam com direito, ficando obrigados por um termo a empregarem o dito gado em utilidade dos seus respectivos pupillos, a quem ficava pertencendo a propriedade d'elle, recommendando-se aos corregedores e juizes subalternos, que vigiassem o fiel cumprimento similhante obrigação, e a fizessem effectiva por meio da sua auctoridade. Antes de se proceder á repartição do gado indagou-se se as pessoas que d'elle precisavam tinham ou não meios para o comprar, ou para o alcançarem por aluguer ou emprestimo, sendo excluidas do donativo todas as que estavam em similhantes circumstancias, só participando d'elle os que não tinham dinheiro para fazerem a respectiva compra, nem meios alguns de o obter. Lord Wellington tinha recommendado com especialidade ao ministro inglez em Lisboa os habitantes da margem do Côa, desde a sua origem até Pinhel. A 22 de janeiro de 1812 para ali se dirigiram os dois commissionados acima indicados, onde no seguinte mez de fevereiro fizeram a distribuição do gado que tocou, tanto

á parte das sobreditas terras da comarca de Pinhel, c
das de Castello Branco[1].

Quanto a providenciar sobre os doentes, requisitou-
corregedores das comarcas as relações do numero qu
les havia, declarando nas ditas relações as causas ger
molestia, a sua natureza e grau da sua gravidade, a
se remetterem de Lisboa as roupas e remedios resp
a cada districto, segundo as informações que d'elles s
vessem. Visitando-se os hospitaes civis, examinou-se
tado e as circumstancias de cada um d'elles, para se v
rem as necessidades que padeciam os doentes. Fize
todos os esforços para que os magistrados transmit
com a maior brevidade ao intendente geral da polici
nominaes dos orphãos desamparados, ás quaes se
seguir os competentes recibos, para por meio d'elles
rificar a applicação da somma remettida pelo mesmo
dente a cada um dos corregedores, extrahindo-se d
lhantes recibos um recibo geral. Tendo-se conhecido
periencia que seria necessario muito tempo para se o
dos magistrados informações exactas sobre a quantid
qualidade das sementes, que eram precisas para cada
ca, o que daria causa a passar a estação das lavouras
que as sementes podessem chegar aos sitios a que era
tinadas, resolveu-se que se remettesse de Lisboa certa
de dinheiro a cada corregedor, o qual, convocando as
ras da sua comarca, orçasse a quantia precisa em pro
dos estragos soffridos, do numero e pobreza dos cul
res de cada termo, para depois se entregar a quantia
a cada camara, ficando esta responsavel pela compra,
buição e justa applicação das sementes, e os correg
pela remessa dos competentes documentos, feita par
tendente geral da policia[2]. Tendo os governadores d

[1] A distribuição do gado foi feita como se vê do docum
100-E.

[2] *A repartição do dinheiro, destinado á compra de sementes*
este fim enviado para as comarcas invadidas, em proporção dos

...mittido que das matas reaes se tirassem as madeiras pre...as para soccorrer os habitantes das differentes cidades,

...n'ellas havia e do numero dos seus cultivadores, fez-se segundo as ...seguintes classificações:

1.ª Desolação grande; os fogos são multiplicados por 3
2.ª Estragos consideraveis 2
3.ª Damnos menores 1

Os numeros na primeira columna do seguinte mappa indicam o ...o; e os numeros que seguem cada comarca é o resultado dos fogos, ...tiplicados já pelos casos n.os 3, 2 ou 1.

Os 40:000$000 réis, destinados para sementes, sendo repartidos sobre ...mero total de 545:325, toca a cada fogo 73 réis 3:508, e as comar... seguintes tendo o numero, a saber:

...sos	Comarcas	Numeros	Toca-lhe	Approximadamente
3	Torres Vedras	6:747	494$897	494$900
2	Ribatejo	3:722	273$011	273$000
2	Santarem	38:644	2:834$568	2:834$600
3	Alcobaça	16:944	1:242$855	1:242$800
3	Alemquer	20:385	1:495$256	1:495$300
3	Ourem	20:112	1:475$231	1:475$200
3	Chão de Couce	3:645	267$363	267$400
2	Thomar	38:004	2:787$152	2:787$100
3	Leiria	45:621	3:346$336	3:346$300
2	Arganil	18:932	1:388$677	1:388$700
2	Coimbra	85:576	6:277$068	6:277$100
1	Crato	5:135	376$656	376$700
1	Aveiro	4:872	357$821	357$800
2	Linhares	9:270	679$961	680$000
2	Vizeu	59:086	4:334$005	4:334$000
3	Trancoso	40:422	2:964$986	2:965$000
3	Tentugal	19:503	1:430$560	1:430$600
2	Guarda	52:744	3:868$814	3:868$800
1	Lamego	12:081	886$151	886$100
1	Castello Branco	31:376	2:301$454	2:301$400
3	Pinhel	12:504	917$171	917$200
	Total	545:325	40:000$000	40:000$000

Lisboa, 17 de outubro de 1811. = (Assignado) *Jeronymo Francisco Lobo*, intendente geral da policia.

rem as ordens competentes para os cortes qu
fazer, comprovando-se as despezas d'estes p
competentes recibos, tornando-se responsavei
vas camaras pelo devido emprego das madei
construcção dos carros, pozeram-se em pratica t
de persuasão para se levar a effeito.

Uma outra parte do relatorio dos dois commis
diz respeito ao estado em que acharam o paiz,
demos deixar de transcrever integralmente, po
mação do sem numero de desgraças, que trouxe
a ominosa invasão do marechal Massena em 18
fazer uma idéa, diz o dito relatorio, da grand
causados pela invasão, e para se poderem acre
sario tê-los visto com os proprios olhos. A per
ção em alguns districtos é quasi incrivel. Na co
ria achou-se por averiguações officiaes que o
habitantes estava reduzido de 48:000 a 16:000,
a uma falta de 32:000 almas. No termo de
7:000 antes da invasão, dos quaes restam unica
Antes que o inimigo fizesse caír a sua vingan
villa havia n'ella 200 familias, que subsistiam
e fructos da agricultura. Estas 200 familias es
a restos de 36, cuja extrema miseria apresent
quadro de fomes e enfermidades. Em uma rua
só casa desmantelada deixava ver alguns pouc
habitantes no meio das suas ruinas[1]. O estad

disperso d'estas provincias não póde restabelecer a perda geral da sua povoação. O saque e destruição do grão, gado, instrumentos de agricultura, etc.; o incendio das casas dos habitantes; a devastação das suas terras; a obediencia com que abandonaram as suas moradas, e o muito tempo que o inimigo as occupou, fazendo necessario suspenderem-se com grande prejuizo os trabalhos da agricultura, e obrigando os fugitivos a venderem n'esta capital os poucos objectos de valor que poderam salvar para poderem subsistir, vieram a roubar a estes infelizes os meios de se restabelecerem em seus antigos modos de vida, e até muitas vezes de poderem tornar habitavel parte alguma dos restos ruinosos das suas casas. O espectaculo das barbaridades commettidas pelo inimigo, os assassinios de parentes e amigos, a acceleração e cansaço da fugida, a fome prolongada, a nudez, a necessidade de soffrer as inclemencias do tempo, a falta geral de tudo, e a triste contemplação da sua miseria deixaram as mais profundas impressões de terror, e produziram um abatimento e desanimação nos que foram victimas d'esta desgraça, que os tornaram inteiramente incapazes dos extraordinarios esforços que seriam necessarios para vencerem as implacaveis difficuldades que os opprimem.

«Os magistrados e escrivães, sendo obrigados tambem a evacuar as terras e a abandonar as suas residencias e casas ao inimigo, perderam os processos, os mappas e as contas dos seus respectivos districtos; a marcha do expediente judicial, diminuida pela perda, emigração e pobreza da povoação, se acha alem d'isto retardada pela necessidade em que se vêem os mesmos magistrados de empregarem o seu principal cuidado em acudir ás extraordinarias e accumuladas urgencias do tempo; e os officiaes que viviam dos emolumentos, que percebiam da execução das ordens dos seus superiores, achando-se privados da sua subsistencia pela suspensão dos

roubos e saques das differentes cidades e terras de maior vulto, e finalmente nos incendios de muitas das povoações d'este reino. Tudo isto soffreram os portuguezes com a maior resignação e constancia para libertarem a patria e sacudirem o jugo estranho que os opprimia.

negocios (que aindaque continuassem, não poderiam se
gos por falta de meios), foram constrangidos a procura
tro modo de vida de que podessem tirar a sua sustent
A maior parte d'aquelles lavradores, cujas forças e fac
des, aindaque irreparavelmente diminuidas pela calam
geral da invasão, não estão comtudo absoluta e total
aniquiladas, perdendo toda a esperança de se restituire
trabalhos do campo, ganham a sua vida empregando-s
na conducção de generos que transportam de um logar
outro, ou em algum pequeno trafico volante; a falta de
vadores necessariamente deve diminuir os productos.

«Em o espaço de legua e meia na estrada da cida
Guarda para o Sabugal encontrámos quatrocentas e dua
soas, homens, mulheres e creanças, que levavam mant
tos para a distancia de muitas leguas, ao mesmo temp
infinitos individuos, occupados no mesmo serviço, saía
Guarda para diversos outros sitios. Levam-se mantim
ás costas desde Coimbra até á fronteira. V. ex.ª poderá
idéa da geral carestia d'estas provincias, e do estado de
em que o todo de seus habitantes tem vivido, constan
que na falta ordinaria de carne:

«Uma gallinha custava 2$400 réis.

«Um alqueire de trigo 3$600 a 4$000 réis.

«Um arratel de pão alvo 240 réis a 300 réis.

«Um alqueire de milho 2$400 réis.

«Um alqueire de batatas 1$800 réis.

«Um arratel de arroz 200 réis.

«Uma canada de vinho ordinario 640 réis.

«Um arratel de bacalhau 160 réis.

«Um arratel de manteiga 600 réis.

«Um ovo 60 réis.

«A importação d'esta tão grande quantidade de gado
voura, que se tirou da Hespanha, augmentou geralmen
Portugal o provimento de uma especie essencial, que s
quasi extincta, ampliando os meios de transporte do ex
concorrendo para facilitar o cumprimento das urgent
quisições, e promovendo por diversos modos o intere

serviço publico. Postoque as nossas instrucções restringissem a distribuição do gado aos proprietarios de *uma só junta* de bois, comtudo como as terras dos lavradores d'esta ultima classe são poucas vezes tão extensas, que precisem de trabalho constante de uma junta de bois, vieram tambem outros individuos aproveitar-se d'este beneficio (com maior vantagem da agricultura), alugando o gado áquelles que tinham participado directamente do donativo. A cultura das terras deu que fazer a innumeraveis pessoas na sacha do milho e em varios outros trabalhos de agricultura, que foram consequencia de se lavrarem e semearem os campos. D'esta maneira serviu o donativo, votado pelo parlamento, para suspender o progresso da fome; cultivaram-se comarcas inteiras, as quaes, sem o soccorro dos gados, sementes e carros, ficariam de pousio, e se acabariam de arruinar, ao passo que por effeito do dito soccorro se acham este anno cobertas de abundantes searas. As pipas, que requeremos, chegaram a tempo de ajudar as vindimas. Muitos milhares de doentes foram arrancados das mãos da morte. Muitos mil orphãos, que seriam victimas da fome e da miseria, foram salvos e restituidos á patria.

«Nos livros das camaras ficaram registadas a origem e natureza do donativo, o estabelecimento da commissão, os objectos da sua inspecção e trabalho, e a execução das providencias que tomou. A tudo isto se deu a maior publicidade, pela visita que pessoalmente fizemos das terras invadidas, pela convocação das camaras, pela exposição que a ellas, a cada um dos magistrados, e a todos os individuos tivemos o cuidado de fazer no acto publico da distribuição, pela correspondencia com pessoas de todas as classes, pelo ajuntamento dos corpos de milicias e das principaes pessoas das terras, pelas fallas dos coroneis aos seus regimentos, e pela affixação de editaes impressos. É impossivel dar uma idéa exacta do empenho que todas as classes de individuos mostravam em serem contemplados na distribuição do gado. Os soldados da guarda da policia que nos acompanhavam, os officiaes de justiça e outras mais pessoas

A conta geral do producto e applicação das 1 esterlinas, votadas pelo parlamento britannico dos habitantes dos districtos de Portugal, invadi cito francez, commandado pelo marechal Mass é a que se vae ver no seguinte mappa[1]:

...na fórma da lei..................	97:280	.... a 70... são	333:531$428
	2:720	libras esterlinas pelos srs. Vanzellers e companhia........................ a 70 1/4	9:292$526
	100:000	ditas produziram na fórma da lei	342:823$954
		Abatimento da corretagem sobre 94:980 a 1/8 por cento	407$057
			342:416$897

Applicação	Papel	Metal	Rebate	Na lei — 1$000 réis	Reduzido a libras esterlinas na proporção de 342:416$897 réis a 100:000 libras — Lib. estr.	1:000 partes
Pelo custo de 3:747 cabeças de gado, distribuido segundo a conta geral em resumo n.º 14	-$-	166:558$306	–	189:276$767	55:276	702
Pela quantia distribuida a orphãos 27:199$997 réis na lei, e 10:582$843 réis em metal..	13:600$000	24:182$842	25 1/4	39:329$332	11:485	803
Pela quantia distribuida para sementes....................	-$-	40:000$000	25 1/4	45:845$272	13:388	730
Pela quantia distribuida para córte e serragem de madeiras	-$-	4:512$000	–	5:218$913	1:524	140
Pelo custo de 706 quintaes, 2 arrobas e 16 arrateis de ferro distribuido a 5$600 réis cada quintal....................	1:978$600	1:978$500	--	3:957$100	1:155	638
Pelo custo de 385 vasilhas, distribuidas	311$000	791$000	–	1:175$314	343	244
Pelo custo de 6:467 arrateis e 8 onças de quina..................	3:103$000	3:106$575	–	6:209$575	1:813	454
Pelo custo de 10:705 camisas	4:003$200	4:004$121	–	8:007$321	2:338	471
Pelo custo de 18:384 lençoes	7:353$600	7:353$600	–	14:707$200	4:295	115
Pelo custo de 8:694 cobertores, sendo 1:026 ditos de baeta	6:764$000	6:764$016	–	13:528$016	3:950	745
Pelo custo de 9:196 camas..................	4:598$000	4:598$000	–	9:196$000	2:685	645
Premio por alcançar 889 peças de 6$400 a 100 réis para se remetterem ás provincias.....	-$-	88$900	25	101$600	29	671
Pela despeza de jornadas do secretario e officiaes da escripturação, para se juntarem aos senhores encarregados da distribuição do donativo, despezas de secretaria, etc.........	-$-	670$130	–	748$541	218	605
Pela despeza de custeamento pelo ill.mo sr. intendente geral da policia..................	-$-	1:437$800	–	1:606$036	469	30
Para dotes de orphãs da casa pia de Lisboa..................	-$-	3:142$237	–	3:509$910	1:025	40
	41:711$400	269:190$027	–	342:416$897	100:000	–

Lisboa, 26 de julho de 1813 (Assignados) *Carlos Stuart=João Bell.* *Ricardo Raymundo Nogueira=Henrique Teixeira de Sampaio.*

Agora quanto á subscripção que se tirou em Londres, diremos que a commissão, que lá a promoveu, remetteu o seu producto a uma outra nomeada em Lisboa, composta de nove pessoas, sendo presidida pelo consul geral de sua magestade britannica. Esta segunda commissão, tendo previamente obtido as devidas informações, tanto no que respeita ás terras devastadas, como ao estado das familias que d'ellas tinham emigrado para Lisboa, bem como ao que era relativo aos orphãos e hospitaes, distribuiu o seu producto, como se vê do seguinte mappa:

A receita ou producto d'ella resultante foi de libras	81:079 » 0sh » 0d
Juro dos bilhetes do Exchequer, desconto concedido pelos pagamentos antecipados de letras sacadas...	3:340 » 3 » 2
Total da receita.........	84:419 » 3 » 2

Applicação

231:604$241 réis, distribuidos em Portugal, como abaixo se explica.	
2:108$890 réis, despezas em Portugal, impressão, portes de cartas, etc.	
233:713$131 réis, sacados de Lisboa, agio em termo medio $25\,^{6}/_{10}$ e termo medio do cambio a 72d por 1$000 réis, produziu	79:983 » 1sh » 11d
Avisos nas gazetas dos nomes dos assignantes por varias vezes em Londres e nas provincias, impressão, etc.	3:501 » 18 » 9
Escreventes, portes de cartas, papel e outras mais despezas	154 » 12 » 8
Total da despeza........	83:639 » 13 » 4
Balanço do banco em nome da commissão........	779 » 9 » 10
Total..................	84:419 » 3 » 2

Conta geral das sommas distribuidas em Portugal aos necessitados em varias provincias invadidas pelos francezes em 1810

Terras por que se fez a distribuição		Soccorro geral	Orphãos	Hospitaes	Mulheres e creanças	Total
Guarda		17:000$000	11:000$000	1:000$000	-$-	29:000$000
Thomar		4:400$000	3:000$000	600$000	400$000	8:400$000
Castello Branco		13:600$000	11:600$000	1:000$000	-$-	25:600$000
Pinhel	Pinhel	8:000$000	13:000$000	1:000$000	-$-	34:000$000
	Côa	12:000$000	-$-	-$-	-$-	
Coimbra	Coimbra	9:800$000	18:296$000	-$-	-$-	32:496$000
	Pombal, Redinha e Condeixa	2:400$000	-$-	-$-	-$-	
	Figueira e Soure	1:600$000	-$-	-$-	-$-	
	Sampaio	-$-	400$000	-$-	-$-	
Lisboa	Lisboa e familias indigentes do interior	9:695$000	3:370$000	-$-	1:723$241	43:908$241
	Santarem	3:400$000	2:200$000	1:900$000	-$-	
	Obidos	3:000$000	1:200$000	1:900$000	-$-	
	Caldas da Rainha	-$-	-$-	2:400$000	-$-	
	Alemquer	600$000	-$-	2:000$000	-$-	
	Torres Vedras	5:400$000	1:800$000	400$000	-$-	
	Arruda	-$-	-$-	600$000	-$-	
	Merceana	-$-	-$-	400$000	-$-	
	Cartaxo	720$000	-$-	-$-	-$-	
	Villa Franca	-$-	800$000	400$000	-$-	
Leiria		7:400$000	4:000$000	5:000$000	-$-	16:400$000
Aveiro		3:800$000	3:000$000	-$-	-$-	6:800$000
Lamego		5:400$000	3:000$000	-$-	-$-	8:400$000
Vizeu		11:000$000	11:000$000	-$-	-$-	22:000$000
Crato		1:600$000	3:000$000	-$-	-$-	4:600$000
Total		129:815$000	90:066$000	18:600$000	2:123$241	231:604$241

invasão de Massena, especialmente por occasiã
rada, em que commetteu roubos e assassinic
queimou casas, saqueou as povoações, talou
por toda a parte espalhou a fome, a miseria e a
bredita quantia devia ser paga pelas seguintes
saber: pela da Bahia 60:000 cruzados por a
Pernambuco 40:000, e pela do Maranhão 20:
estas quantias ficar invariavelmente reservadas
das mencionadas capitanias, e conservadas em
do, entrando n'elle com a respectiva verba n
trimestre, a principiar no 1.º de julho do citado
Pela dita carta regia se ordenava mais que par
o partido da sobredita somma annual os go
reino procurassem levantar um emprestimo
cruzados ao juro de 5 e 1 por cento de amortisa
que assim se levantasse devia ser destinada á
casas, á distribuição de instrumentos de lavou
gados, e finalmente ao restabelecimento de fa
de povoações e cidades devastadas[1]. Em con

[1] Ignorâmos se as disposições d'esta carta regia se
n'ella se determinava, isto é, se se contrahiu o emprest
referia, e se se applicou aos fins a que era destinado,
blicação alguma d'aquelle tempo ou documento offici
que nos faça crer terem-se cumprido, tão inteiramente
ciavam, as vistas do principe regente, quanto á realid
do donativo que ordenára. A terem-se ellas verifica
contrahido o emprestimo que se aconselhara, parece

das ordens do principe regente a tal respeito, os governadores do reino, dois annos depois da referida carta regia, logoque principiaram a receber algumas sommas, providenciaram sobre tão importante assumpto por meio da seguinte portaria: «Tendo o principe regente nosso senhor consideração ao triste estado em que se acham muitas villas e logares das estradas, que o inimigo devastou na sua retirada, e quanto se faz necessario animar e ajudar os povos nos reparos das suas propriedades para mais os interessar a que voltem ás suas aldeias, e que procurem pela cultura das suas terras reparar uma tal calamidade: manda o mesmo augusto senhor que o desembargador João Gaudencio Torres e Francisco Xavier de Montes, thesoureiro da casa da India, que tem sido encarregado da applicação dos fundos, destinados por sua alteza real nas capitanias do Maranhão, Pernambuco e Bahia, ao melhoramento dos povos, comecem logo os reparos nas portas, janellas e telhados d'aquellas villas e logares que mais o necessitarem, nas casas dos habitantes, que desejem recolher aos seus lares, ou n'elles já estiverem vivendo, e que não tenham possibilidade de fazerem os ditos reparos á sua custa; devendo a estrada central, como Leiria, Pombal, Redinha e Louriçal, merecer toda a attenção, como mais distante dos rios e privada de commercio. Conferirão entre si nos meios e modo com que poderão com a maior economia e igualdade repartir estes concertos, de sorte que se estenda o beneficio a um maior numero de habitantes. Terão em vista auxiliar os povos nos reparos d'aquellas igrejas e capellas a que são obrigados

vasão dos francezes em 1810 e 1811. Os cuidados pois d'essa reparação não só foram tardios, mas lentos e improficuos, já pela grande demora que se poz em os realisar, já pela mesquinhez dos meios que para isso se empregaram, como se vê do conteúdo da referida nota, e já finalmente pelo sem numero de casas que em ruinas, por effeito de taes incendios, ainda vimos depois de 1825 a 1828 nas praias da Nazareth, em Leiria e em Condeixa, quando cursavamos a universidade, o que bem prova a nenhuma efficacia que houve em se levarem a effeito as provisões contidas na carta regia a que nos referimos.

para que se não suspendam os officios divinos pela d
e pobreza em que se acham. Devendo o sobredito de
gador João Gaudencio, pelo grande conhecimento (
dos referidos povos devastados, dirigir todos os re
facilitar todos os meios para se conseguir tão impo
benefica providencia, e o dito Francisco Xavier de
ter todo o cuidado da escripturação de toda a despe
a individuação dos logares e povos, notando os repa
ciaes, que se ordenarem, assim como de tudo, tend
rezas e documentos que bastem para ser present
alteza real a execução das suas reaes ordens. Obra
bos de acordo, e fazendo aquellas diligencias ne(
para similhante fim, dando conta regularmente na se
d'estado dos negocios do reino, não só da despeza
que vão ordenando, mas de qualquer successo que
tar de prompta providencia. Todas as auctoridades,
este fim requeridas, lhes prestarão todo o auxilio e
vação, dando prompta execução na parte que lhe
O desembargador João Gaudencio Torres e Francisco
de Montes o tenham entendido e façam executar. Pa
governo, em 19 de junho de 1813. *Com as rubricas*
vernadores do reino[1]».

[1] Comprehendida nas disposições da portaria acima tran
achava portanto a reedificação das casas do dr. Thomé Rodr

Depois das calamidades da guerra, que acima ficam descriptas, era consequencia necessaria que as receitas do estado tivessem consideravelmente diminuido, ao passo que por outro lado as despezas tinham crescido por espantosa maneira, pela extrema necessidade de sustentar um numeroso exercito, o qual, depois de se ter levantado, organisado e equipado com grande dispendio, necessitava de avultadas sommas para a sua manutenção, de modo que nem a mais rigorosa economia, observada principalmente nos outros ramos de administração, nem os avultados soccorros, ministrados pela Gran-Bretanha, eram bastantes para fazer face ás despezas correntes. N'estas difficeis circumstancias o governo cogitava seriamente em augmentar ou crear novas receitas, e para este fim expediu a portaria de 1 de março de 1811, pela qual se ampliaram as disposições do alvará de 24 de janeiro e decreto de 12 de junho de 1804, sobre o sêllo

não poderei conseguir a justa distribuição de tão generoso, como paternal donativo, que sua magestade manda repartir por aquelles de seus vassallos, que soffreram ruina por aquella especial causa, sem que me acompanhe com o auxilio de v. s.as, tanto para as averiguações e fiscalisação das referidas obras, como para o seu projecto.

«Tenho portanto contemplado, em execução da ordem superior, para os primeiros trabalhos a obra do reparo das casas do lente de chimica Thomé Rodrigues Sobral. Já fiz affixar edital para a sua arrematação, e espero que esta se faça perante v. s.as em acto de camara, a cujo acto me acho auctorisado por sua magestade para concorrer em negocios d'esta qualidade, e por isso rogo a v. s.as me permittam hoje mesmo a minha assistencia para poder apresentar os orçamentos, e expor verbalmente o methodo de regular a applicação d'este donativo, emquanto não remetto a v. s.as as instrucções que me foram dadas a este respeito, ao que satisfarei, logoque se principie na obra dos reparos em geral n'esta cidade e seu termo, devendo emprehender-se com especialidade no logar de Condeixa.

«Para dar principio á obra que hoje se arrematar, tem o encarregado dos fundos, applicados para este beneficio, Francisco Xavier de Montes, remettido a v. s.as a quantia de 1:000$000 réis em metal, quantia por entanto sufficiente, e que v. s.as mandarão receber para a depositar no cofre geral da comarca, para d'ahi se fazerem os pagamentos aos arrematantes, pelo preço em que se receber o seu lanço, dando-se fianças e regulando-se os mesmos pagamentos, na conformidade do systema da

dos papeis, em observancia do alvará de 17 de ju
1809, publicado na côrte do Rio de Janeiro sobre o
assumpto. Por portaria de 10 de abril do citado a
1811 se mandou prorogar, emquanto durasse a guer
tra os francezes, a portaria de 22 de agosto de 1810,
á contribuição extraordinaria de defeza, segundo as m
ções ordenadas. Por portaria de 31 de julho de 1811
caram-se as decimas, marcando-se por meio de um m
contribuição extraordinaria, que deviam pagar as loja
sas, que no dito mappa se designavam. Todos os dizi
igrejas, sem excepção de qualquer particular, ficavam
ao pagamento do terço para a real fazenda no acto d
lha dos fructos nos celleiros, sem outro encargo ou d
algum mais que o da sua immediata arrecadação. Es
dimento mandava-se que annualmente se pozesse e
matação, segundo as disposições que para este fim s

real fazenda, por ser d'esta fórma mais seguro e commodo
obra. Espero receber de v. s.as o aviso para comparecer a h
prias.

«Deus guarde a v. s.as Coimbra, 22 de novembro de 1817.
srs. juiz de fóra, presidente e vereadores da camara da cidade
bra. = *João Gaudencio Torres.*»

«Com effeito reunida no mesmo dia a camara, com a assis
João Gaudencio Torres, se poz a lanços a obra da reconstrucçã
do dr. Thomé Rodrigues Sobral, e foi arrematada pela quanti
730$000, sendo arrematantes os carpinteiros Manuel Antonio
e seu filho, Manuel Antonio das Dores.

«Este contrato veiu porém a ser rescindido em 24 de janeiro
a requerimento do dr. Thomé Rodrigues Sobral. Preferiu este
fazer a obra por sua conta: e tendo os arrematantes feito ce
sua arrematação, mediante a quantia de 100$000 réis, pelos
que poderiam obter na obra, a camara auctorisou os arrematan
vantarem do cofre os 100$000 réis, e o dr. Thomé Rodrigues S
630$000 réis que restavam.»

Tão mesquinho e tardio como foi este começo da reparaçã
sas incendiadas pelos francezes na sua terceira invasão, elle só
tuou, quanto á reedificação das casas do dr. Thomé Rodrigue
nos fins do citado mez de janeiro de 1818, e talvez que a pou
mais nenhum predio se applicasse o beneficio da decretada re
por D. João VI, como nos parece ter succedido.

cionavam[1]. O proprio governo inglez, convencendo-se da impossibilidade de Portugal poder custear um exercito tão numeroso, como o que por então tinha em campanha, apresentou á camara dos communs, na sessão de 12 de março de 1811, a seguinte mensagem: «O principe regente, em nome da parte de sua magestade, julga dever informar a camara dos communs, que o auxilio que sua magestade póde prestar no anno passado ao governo portuguez, conservando ao seu soldo um corpo de tropas d'esta nação, tem produzido as mais importantes vantagens para a causa commum, e contribuido essencialmente para o objecto que se tinha em vista, a defeza de Portugal. O principe regente espera que a camara o porá em estado de o continuar durante o presente anno, e de prestar aquelle ulterior subsidio que a natureza e as circumstancias da guerra, em que sua magestade se acha empenhado, parecem requerer».

Na sessão de 18 do citado mez de março teve logar a discussão da mensagem acima referida, sendo energicamente defendida pelo chanceller do thesouro. Quando no decurso do anterior anno de 1810 se propoz ao parlamento um similhante voto, muitas objecções excitou da parte dos membros da opposição; mas as circumstancias do anno de 1811 eram tão differentes, e as bases sobre que se fundava a mensagem apresentada n'uma e n'outra camara eram-lhe tão favoraveis, que desde logo resolveram ambas as duas casas parlamentares votar um consideravel augmento á somma por elles anteriormente concedida, esperando que a isto não houvesse muita ou mesmo talvez nenhuma opposição. Os fundamentos apresentados no anno anterior tinham-se por tal modo realisado desde o periodo da sua apresentação, que ainda os que então se oppozeram a ella, podiam sem incon-

[1] Foram os apuros do governo quem o levaram a expedir a portaria de 29 de outubro de 1811, pela qual se mandou cunhar uma nova moeda de bronze do valor de 40 réis cada uma, devendo a porção a emittir ser proporcional ao que exigia o commercio por miudo, e a circulação do numerario no reino. A dita moeda de bronze é aquella que presentemente se acha ainda no giro, e que vulgarmente se denomina *patacos*.

sequencia votar agora a seu favor, como succedeu. Q
no anno anterior o governo recommendou a medida d
subsidios a Portugal para sustentação de uma parte da
pas portuguezas, a idéa de as tomar ao soldo britann
de as pôr debaixo do mando de officiaes inglezes, e final
a de as instruir na manobra e disciplina ingleza, era um
nova, e até mesmo repugnante, na opinião de muitos
bros do parlamento. E com effeito alguns houve na ca
dos communs que suppozeram tornarem-se o ludibr
opinião publica os que esperavam obter vantagem de
lhante corpo de tropas, e não só deram d'isto provas n
posição que fizeram á proposta, mas até disseram que
glaterra tomava inutilmente sobre si o peso da guer
Portugal, sem deixar cousa alguma á energia do pr
paiz. Mas em 1810 não havia senão conjecturas para a
os lados; a esperança de uns contrastava singularment
o desalento de outros, mas nenhuma das partes se a
apoiada n'uma serie de factos, que a guiasse nos seu
cursos, e a confirmasse nas suas opiniões. Em 1811 o
estava inteiramente mudado; muitos factos havia já par
se appellasse, factos que não só confirmavam, mas até
mo excediam as esperanças dos que tinham aceitado
dida, e a olhavam como de uma politica salutar para
paiz. O primeiro voto dado em 1810 podia dizer-se qu
um voto de especulação e de esperanças; mas em 181
fortificado pela experiencia, e apoiado, não sobre con
ras, mas sobre factos já por todos conhecidos.

Consideravelmente honrosa para o exercito portugu
portanto a discussão da mensagem acima mencionada.
dado pois na sua conducta, o chanceller do thesouro el
no seu excellente discurso o valor e disciplina do ref
exercito, chegando, dizia elle, a um ponto que excedia
a espectação, ainda mesmo a dos que n'elle mais confia
e reflectindo logo em seguida, que as rendas publicas de
tugal deviam estar muito diminuidas pela invasão dos
cezes, propoz que se concedessem ao governo port
dois milhões esterlinos, em logar de um para aquelle de

Lord Castlereagh, sustentando pela sua parte esta mesma proposta, declarou no seu discurso: «que apenas se podia chamar subsidio ao que era uma verdadeira concessão, destinada a vigorar os esforços dos nossos alliados, *em ajuda das operações dos nossos exercitos, obrando por objectos britannicos,* assim como pelos seus interesses: que todos os esforços que as tropas britannicas poderiam ter feito a sós, e mesmo os esplendidos talentos de lord Wellington, teriam talvez falhado em obter os felizes successos, alcançados nas suas operações, *senão fossem sustentados pela cooperação de uma força portugueza,* e que o subsidio em questão tinha trazido a campo; que o primeiro grande testemunho do valor das tropas portuguezas viera dos proprios francezes, os quaes, pela conducta d'ellas no Bussaco, pensaram ser tropas britannicas, que lord Wellington tinha vestido com o uniforme portuguez. Quanto porém a dizer-se que nada se deixava aos esforços do paiz, a asserção era inteiramente inexacta, porque as tropas portuguezas excederam muito em numero as tomadas a soldo pela Gran-Bretanha, porque em logar de 30:000 homens que por ella eram pagos, o exercito portuguez era de 45:000 homens, alem das milicias, que excediam a 40:000[1]». O resultado d'esta discussão foi portanto passar em ambas as camaras *por unanimidade de votos,* que se concedessem ao governo portuguez os dois milhões de li-

[1] Ainda aqui ha inexactidão, porque a força do exercito portuguez durante os annos da guerra da peninsula foi a seguinte, excluindo as milicias, cuja força regulou de 52:000 a 55:000 homens.

Armas	Annos						
	1808	1809	1810	1811	1812	1813	1814
Cavallaria	6:678	5:700	6:955	6:706	6:797	6:509	5:994
Infanteria	33:463	36:201	42:739	41:573	47:512	43:546	42:730
Artilheria	3:730	4:422	5:520	4:996	4:916	4:736	4:512
Engenheria e batalhão de artifices	140	110	105	98	197	226	282
Total da força de 1.ª linha	44:011	46:463	55:009	53:373	59:422	55:037	53:518

bras, pedidos pelo chanceller do thesouro para serem
gados na sustentação de 30:000 homens de tropas po
zas. Se portanto o subsidio inglez foi no anno de 1
um milhão de libras, em 1811 passou ao dobro, er
do bom comportamento, que o exercito portuguez tin
na campanha d'aquelle anno.

Foi seguramente por effeito da boa conducta, pat
pelo referido exercito na batalha do Bussaco, nas lin
Torres Vedras, nas posições do Cartaxo, na batalha
rosa, e geralmente fallando em todos os encontros qu
já tido com o inimigo, que o parlamento inglez vot
tado subsidio de dois milhões de libras para sustenta
30:000 homens portuguezes, que o governo britannic
vêra tomar a seu soldo, attenta a impossibilidade que
governo tinha de poder por aquelle tempo sustentar
de guerra um tão numeroso exercito, quanto a Gra
nha pretendia, á vista do miseravel estado a que a
do exercito francez de Massena havia reduzido Portug
embargo de similhante votação, occasiões houve d
consideravel atrazo no pagamento d'aquella somma,
filho em grande parte das difficuldades, que sobre ist
o ministro inglez em Lisboa, mr. Carlos Stuart, d
que segundo a affirmativa do conde de Redondo, pre
do real erario, apenas se recebêra n'um mez 6:000
e n'um outro 20:000, ou pouco mais de 80:000$00
isto alem do transtorno que fazia receber por conta
pectivo subsidio generos, não só em quantidade m
que se precisava, mas até mesmo carregados por u
superior áquelle por que se obtinham no paiz.

Apesar do dito conde ter respondido victoriosamen
das as duvidas, postas pelo mesmo Stuart (resposta q
tinha um formal protesto de que o exercito portug
podia continuar no grande pé em que se achava, q
subsidio não fosse regularmente pago), necessario f
via ao embaixador portuguez em Londres dirigir a
peito uma nota ao marquez de Wellesley contra taes
sendo só desde então por diante que mais alguma c

remediaram[1]. Para se ver quanto deficiente era ainda assim o subsidio em questão, destinado á regular sustentação do exercito portuguez, deve saber-se que o marechal Beresford declarou necessarios para o custeamento da sua despeza 45.000:000 cruzados ou 18.000:000$000 réis por anno, ao passo que os 2.000:000 libras do subsidio inglez andavam apenas por uns sete mil e tantos contos (segundo o cambio, ou valor que os governadores do reino haviam por então fixado para cada libra), ou 18.665:000 cruzados[2]. Até 31 de março de 1811 os governadores do reino tinham custeado a avultada despeza do exercito com a receita do paiz, mais os 1.200:000$000 réis, que de soccorro em especie metallica haviam recebido da Gran-Bretanha, e as 200:000 libras que o governo do Brazil lhes concedêra do ultimo emprestimo, que na somma de 600:000 libras se contrahíra em Londres[3].

[1] Officio para o Rio de Janeiro do mesmo embaixador de Portugal em Londres com data de 8 de julho de 1811.

[2] O valor do soberano, ou antigo guinéo inglez, fôra fixado pelos governadores do reino em 3$733 réis cada um, por portaria de 3 dezembro de 1812, ordenando que com o referido valor tivessem curso legal e como tal fossem recebidos em todos os pagamentos e transacções. Pelo documento n.º 101 verá o leitor a grande falta de meios com que D. Miguel Pereira Forjaz lutava para custear as despezas do exercito.

[3] Do citado emprestimo de 600:000 libras, que o principe regente mandára contrahir em Londres, destinava elle para Portugal a somma de 300:000 libras; mas d'ellas nada viria seguramente, se os governadores do reino não tomassem a deliberação de sacar sobre o ministro de Portugal em Londres a referida somma de 200:000 libras, que por então davam em dinheiro portuguez 1.866:500 cruzados, quantia que na data de 5 de dezembro de 1809 se esperava receber em Lisboa. Aquella somma pelo valor hoje legal de libra seria de 900:000$000 réis, ou de 2.250:000 cruzados. Para pagamento do capital e juros d'este emprestimo hypothecou-se uma parte dos rendimentos da ilha da Madeira, emprestimo que dentro em poucos mezes se esgotou no serviço do Brazil e no pagamento das letras para diversos. Felizmente o ministro portuguez em Londres póde satisfazer o pagamento das letras sacadas sobre elle pelos governadores do reino, e pelo governo do mesmo Brazil foi mandado louvar pelos esforços que para isto fez, recommendando-se-lhe igualmente que visse se podia conseguir do governo britannico que avançasse, ou em totalidade, ou ao menos em parte, algumas

que sem embargo do subsidio annual dos 2.(
votados para Portugal pelo parlamento britan
zas do exercito não podessem ser regularm(
dando causa ás incessantes queixas, tanto d(
ton, como do marechal Beresford, reclamand(
estado dos fornecimentos do mesmo exercit(
d'aquella causa, mas tambem da extrema fal
que havia no paiz para custear as regulares d
tão numeroso corpo de tropas, e tão despro|
meios pecuniarios de um reino tão devastado
achava Portugal. Assim o representava ao m
ford o secretario do governo na repartição da
guel Pereira Forjaz, o qual, rebatendo a a:
mesmo Beresford lhe fez, de que o exercito
muito dinheiro no paiz, lhe respondeu que
era só na mão dos agiotas e de outros, d'ond
tirar senão por violencia, quando mesmo se p
que elles o tinham, o que não era facil, e nem
possivel. A isto acrescentou mais que a maic
nheiro saia para fóra do reino, porque a m
subsistencias vinham de fóra, ao passo que o |

outras sommas á conta de um maior emprestimo, que
via abrir e procurar concluir em Londres, applicando
mento o necessario fundo, *tirado das rendas de Portu*
sem mais seguras, bem como para o do juro e amort
o que elle devia ajustar com os governadores do reino

nha que exportar em troca, o que não admirava, pois os desastres da guerra tinham augmentado as precisões da importação, e feito diminuir muito os artigos da sua exportação, d'onde resultava a saída do dinheiro para saldar a balança commercial. No mez de abril de 1811 o erario portuguez fornecêra 500:000$000 réis pouco mais ou menos para a sustentação do exercito, ao passo que a caixa dos auxilios britannicos apenas forneceu 21:000$000 réis, continuando assim a irregularidade da consignação a que o seu respectivo governo se obrigára.

A receita de Portugal era por então calculada em 12.000:000 cruzados, apesar das novas imposições: d'esta quantia o estado apenas podia fornecer tres quartos para o exercito, ou 9.000:000, o que dava 300:000$000 réis por mez, não fornecendo os restantes 3.000:000 metade das outras despezas, isto é, a da lista civil, casa real, juros, tenças, etc. Mas com os 300:000$000 réis mensaes, os 100:000$000 réis da caixa britannica e os 200:000$000 réis, que o governo inglez devia fornecer em objectos, ou 600:000$000 réis por mez, correspondentes aos 2.000:000 libras votadas pelo parlamento, esperava elle D. Miguel Pereira Forjaz custear com regularidade e economia as mais essenciaes despezas do exercito, quando tambem com regularidade se lhe fornecessem os ditos 600:000$000 réis. De outro modo, dizia elle, é absolutamente impossivel. Sendo preciso negocear cada remessa, esperar doze e quinze dias para alcançar quantias incertas, e dependentes de mil circumstancias variaveis, como poderá haver cousa alguma certa, ou responder pela execução de medidas, ainda as mais importantes? A simples demora causa quasi sempre uma dupla da despeza, e poderá mesmo succeder que occasione males irremediaveis, e constantemente o descredito, que é o peior de tudo. Tenho insistido muito sobre isto, porque conheço pela experiencia, que todo o nosso mal provém de não ter uma somma fixa com que se conte. Convenho em que se possam fazer muitos melhoramentos nas nossas finanças, e espero mesmo pode-los praticar; mas as despezas do exer-

fazer boas cousas do que ser atormentado ca
quietações e cuidados de uma precisão, que n
dientes para viver cada dia. Quanto a mim, ass
isto absorve a quasi totalidade do meu tempo
dido ordens á thesouraria para satisfazer a s
culaes necessaria para os viveres do exercit
mesmo para a caixa dos regimentos de cavall
alguma somma fornecida pela caixa dos auxili
parece-me que esta ordem não produzirá effe
tado de cousas ainda no mez seguinte não tinh
continuando portanto os apuros do governo p
assegurar os fornecimentos do exercito e custe
tras despezas, ainda as mais urgentes.

Pela unanimidade da votação do parlament
nova concessão do subsidio com que a Inglaterr
Portugal, é claro que as idéas da guerra se t
mente arreigado n'aquelle paiz, desapparecen
mesmo parlamento, depois da expulsão de Mas
de Portugal, toda a opposição, que por similha
então n'elle se fazia ao governo. Da parte de P
panha essas idéas estavam igualmente radica
dos povos e dos seus respectivos governos.
França a sua politica tambem nada tinha mu
peito. Pelo que antecedentemente se tem vist
leitor que o invariavel systema de Napoleão e

mas de uma nuvem de agentes e espias, por meio dos quaes ganhava um partido forte nos gabinetes, que ou comprava de todo, ou em parte, atemorisando o resto. Desacreditado o governo que buscava hostilisar, e estando mal avindos os seus membros, seguia-se fazer marchar os seus exercitos com qualquer pretexto que fosse, sendo na escolha d'este pretexto que se notavam as differenças, segundo a diversidade dos reinos, differenças que nunca eram essenciaes, subordinadas como estavam ao seu plano geral. Sabidas por elle as forças que lhe eram contrarias, reunia todos os seus meios de ataque até lhes serem superiores, e n'esta reunião de meios gastava elle occultamente todo o tempo que lhe era necessario. Feito isto, operava a invasão, desbaratava o exercito contrario, e marchava depois para a capital do reino por elle invadido. O governo d'esse reino, que já não estava firme e resoluto, fugia sem conselho, não oppondo resistencia alguma, deixando ficar depositos, arsenaes, archivos, etc., e emfim todas as repartições, que constituiam propriamente o governo, a que se seguia assignar qualquer tratado de paz, que se lhe apresentasse.

Chegadas as cousas a similhante estado, era então que Buonaparte fazia o papel de moderado, outorgando uma paz, pela qual ficava com uma parte das terras conquistadas, impondo enormissimos tributos á outra, a titulo de contribuição de guerra, rodeando ao mesmo tempo o throno e todas as repartições do paiz conquistado de emissarios seus, que lhe asseguravam o seu dominio. Eram estas as pazes de Napoleão !! Depois d'ellas as potencias perdiam de facto a sua autonomia, ou pelo menos ficavam em estado consideravelmente precario de soberania. Foi assim que o mesmo Napoleão procedeu em Portugal, e logo depois em Hespanha; os seus emissarios inundaram o territorio hespanhol, e minaram incansaveis o seu throno. Viu-se já a desordem que com similhante systema ali se introduziu, e as divisões que occasionou entre os membros da real familia. Recordemos pois n'um golpe de vista rapido os terriveis effeitos da politica de Napoleão em Hespanha, e o que desde aquelle tempo

achou elle logo na propria desordem que provo
o seu costume, representou n'ella o papel de p
derado, e debaixo d'esta apparencia lá se lhe
mãos em Bayonna como seu captivo o desgr
los IV, e juntamente com elle quasi toda a sua

Com tão notavel acontecimento muito folgo
tendo conseguido o seu fim, sem ao menos ter
essas curtas e sanguinolentas guerras, que nec
empregar para com outras potencias. Assenho
sim do rei e da capital da Hespanha, suppoz
mais tinha a fazer do que entender na adminis
novo dominio. Para este fim convocou alguns
dentro de uma praça de armas estrangeira fo
inteiro arbitrio uma constituição para a Hespan
lhe juntamente com ella um novo rei, inteiran
sua escolha. D'este e de outros que taes proce
ceu em Madrid o memoravel dia 2 de maio de
Daoiz, Belarde e outros martyres da patria, l
tas mãos ao estandarte da tyrannia e o despe
stituindo-lhe os heroicos canhões da autono
seus longos e profundos echos retumbaram de
toda a peninsula desde os valles dos Pyrenéo
Atlantico desagua o Tejo e o Douro. Grande e
seguramente o exemplo dado a toda a Hespa
de Sevilha, declarando guerra ao poder mais

e da sua artilheria, perseguindo-o fugitivo por es-
quatro leguas. Estabeleceu-se desde então em toda
la uma guerra nacional e a todo o transe, mantida
igal e Hespanha, guerra que assombrou Napoleão
nar a Europa, obrigando aquelle a proferir altivo,
em precisos 2.000:000 francezes para subjugarem
luas nações, esses 2.000:000 armaria para conse-
m. Esta promessa a fazia elle, quando ainda esta-
os os famosos triumphos da revolução franceza, de
u suppor que na Hespanha haveria uma igual ener-
te do povo hespanhol e resultados iguaes áquelles
im em França. A victoria de Baylen, a do Vimeiro,
os acontecimentos de Saragoça e de Valencia, e
e com elles a destruição dos francezes pelos *so-*
atalães confirmaram os sustos do tyranno da Eu-
admiração de todas as nações que n'ella existem,
isto a consoladora esperança de poderem recupe-
m a sua liberdade. Approximava-se o fim do anno
epocha em que Napoleão Buonaparte entrava na
com uns poucos de exercitos, rodeado de um im-
parato de guerra, e resoluto a abafar, no berço
éra, o heroico grito da liberdade hespanhola: o
la Polonia, que tinha succumbido, apesar da guerra
ao poder das armas russas, e o de outros povos
e desgraçados, inflammava a sua imaginação, con-
para o seu plano as mais lisonjeiras esperanças.
ito mãos á obra, e buscou realisa-lo, marchando
rid, depois da victoria de Tudela e outras, que por
seguiu.

desesperada era a sorte que diante de si tinha a
evilha no meio de taes circumstancias: os seus de-
veram apenas tempo para se escaparem, sendo Ma-
da pela funesta influencia de um traidor, tal como
a então chegado o momento de correr contra Se-
não deixar consolidar um governo, cujas reparti-
im inteiramente desorganisadas pela perda da ca-
não se podia sem risco deixar operar na Hespanha

irancezes; bem, porque a unal vieram a cor
que se propunham; e mal, porque o exercito
destruido como pretendiam, antes ganhou a
runha, e depois se embarcou, postoque com l
para o seu paiz, d'onde em breve tornou a v
de Lisboa ás ordens do famoso general lord
inglezes lamentaram profundamente a mor
Moore; mas a Providencia parece que destil
guerreiro de mais elevado genio para o total
armas francezas na peninsula. O corpo desti
de Saragoça conseguiu tambem a sua empre
gue que n'ella derramou deixou-o por tal m
lhe não era possivel continuar as operações
grandes e pesados esforços. Em tão critico
peu de novo a guerra de Austria, á qual N
furioso, deixando repentinamente Astorga p
París, passando de lá para a Allemanha. Fo
salvação da peninsula. Emquanto pois Buona
campanhas da Allemanha mais de 50:000 c
ganisava-se o governo de Sevilha e o de L
vam-se as repartições civis, e augmentavam-
alliados. A organisação do portuguez fôra inc
rechal Beresford, que pela sua parte soub
ousado e temerario dos portuguezes, os con
dispensaveis da disciplina e da tactica, com
neral algum podia melhor desempenhar do q

debaixo de uma só direcção, com unidade de plano e vigor de execução. Entretanto tomada a Galliza pelos francezes, o marechal Soult dirigiu-se para Portugal, entrou na cidade de Braga, e depois na do Porto. Seguiu-se a isto reunirem-se os conquistadores de Saragoça na Castella Nova para tentarem a passagem da serra Morena e a conquista de Sevilha. Veiu depois o primeiro clarão de luz destruir a densa treva do nosso horisonte politico com a conquista de Vigo e a de Villa Franca. Pela sua parte lord Wellington caiu então com a impetuosidade do raio sobre o marechal Soult, a quem surprehendeu no Porto, obrigando-o a saír apressadamente do territorio portuguez. O mesmo Wellington marchou depois para o centro da Castella Nova para obstar a uma outra empreza contra Portugal, indo lá travar a memoravel batalha de Talavera, onde ficou senhor do terreno, e teve portanto as honras da victoria. Os hespanhoes ainda por aquelle tempo se mostravam faltos d'aquelle grau de disciplina, que tão necessario é nas batalhas campaes para se alcançar a victoria. Entretanto os seus exercitos eram numerosos, e sabendo que os francezes haviam de tentar a conquista de Sevilha e a das Andaluzias, foi incrivel a cegueira com que deixaram as posições da serra Morena para tentarem a sorte das armas nas campinas da Mancha n'um mez que era já de inverno. Não menos incrivel foi a surdez com que desattenderam os clamores dos homens conhecedores da guerra, correndo a darem o mais temerario passo que na peninsula se tinha visto, experimentando para seu castigo o mais funesto desengano da sua impotencia no campo, pela sua geral derrota em Ocaña. A batalha de Talavera foi a principal causa dos marechaes Soult e Ney abandonarem a Galliza, e a perda de 8:000 ou 9:000 homens teria afastado para mui longe a invasão das Andaluzias, se aquella momentosa derrota lhes não viesse abrir espontaneamente as suas escarpadas portas.

Entraram pois os inimigos em Sevilha no principio do anno de 1810: o governo hespanhol, que não tinha tomado todas as precauções, tornou a salvar-se com precipitação e desor-

pela capacidade do general que tinha de
O resto das praças, visto não haver exercit
fendessem, iria caíndo em Hespanha succes
mãos das tropas invasoras; Napoleão apenas
como umas poucas de difficuldades, que era p
para o que bastavam sómente algumas tropas
que não envolviam opposição alguma séria,
modo de ver. A primeira empreza, ou a do e
Portugal, foi confiada ao marechal Massena, c
e a segunda, ou a da tomada das praças, ao
mais principalmente. Massena conduziu porta
roso exercito, o qual paralysado nas suas opera
das linhas de Torres Vedras, que defendiam Li
igualmente paralysado em Santarem, para ond
tirou, teve de ser reforçado por uma podero
uns 10:000 homens, que lhe trouxe o gener
perdas que soffreu no ataque da Cidade Rodr
a que experimentou no Bussaco, e depois na
portugueza, desfalcaram-lhe o seu exercito
uma terça parte, podendo dizer-se que, á exc
46:000 homens, que é o que pôde salvar, reti
Hespanha, tudo mais pereceu miseravelmente

Desde então Napoleão não pôde tornar a re
alguma de séria invasão contra este reino. As
de o poder fazer foram-se-lhe escasseando, á
o tempo ía percorrendo o seu curso. Pela sua

tante empreza tão necessario lhes era. Não succedeu assim m o primeiro ataque feito a Valencia: o governo hespanhol soube então desenvolver mais alguma energia e saber, ode vieram as grandes difficuldades, que o mesmo Suchet erimentou no acommettimento d'esta ultima praça. Era lente que Buonaparte havia de continuar no mesmo plamandar atacar uma a uma o resto das praças da Hespa, conservando a todo o custo as que já tinha ganho, até o tempo de tentar nova invasão em Portugal, ou novo ommettimento, se lhe fosse possivel, contra o exercito al). Tal é o modo por que temos deduzido n'um golpe ista rapido a ligação dos principaes acontecimentos da ra da peninsula, precedentemente relatados com muito r amplitude, e que aqui resumimos para fundamentar e em continuação a esta materia temos ainda a dizer.

; a campanha effeituada pelos alliados ao norte do Tejo nte o anno de 1811 tinha sido coroada do mais feliz reido pela expulsão do marechal Massena para fóra de Porl, a que depois se seguiu á batalha de Fuentes de Oñoro, elles ganha em 5 de maio de 1811, e a campanha do sul, luzida no mesmo anno pelo marechal Beresford, não o n menos. Lord Wellington lhe pozera debaixo do seu mando uma forte divisão, destacada de Condeixa no dia le março d'aquelle mesmo anno, dando-lhe por principal mbencia operar contra Badajoz. O mesmo Beresford, chedo a Portalegre no dia 22 do dito mez de março, estava m Arronches no dia 24, d'onde logo se dirigiu para a ta do Reguengo, que lhe ficava a meio caminho de po Maior, cuja praça era da sua intenção retomar. Mora tinha regularmente acommettido no já citado dia 14 de ço com um exercito infinitamente superior á pequena nição de milicias e ordenanças, que a defendia, a qual ia 23 capitulou, concedendo-se-lhe as honras da guerra, o precedentemente já vimos. O seu governador, que era ajor de engenheiros, José Joaquim Talaia, e os habitanda praça comportaram-se valorosamente, sendo para noque o batalhão de milicias de Portalegre, que estava den-

tro d'ella, não foi o que melhor se conduziu, desprezando o exemplo que os ditos habitantes lhe forneciam. O inimigo achava-se portanto postado nas alturas de Lopo de Matto, cousa de uma legua distante de Campo Maior, para onde se retirou, apenas viu manobrar os alliados sobre os seus flancos, o que não fez sem haver algumas escaramuças já ao pé dos muros da praça. Da parte de fóra d'ella achou Beresford postados quatro regimentos de cavallaria inimiga, tres batalhões do regimento n.º 100 de infanteria com alguma artilheria a cavallo. A cavallaria alliada teve ordem de tomar a direita dos francezes, marchando fóra do alcance da artilheria da praça. Este movimento fez retirar o inimigo com extraordinaria rapidez, dando assim logar á approximação dos alliados. Dois esquadrões do 13 de dragões ligeiros, e o primeiro e o setimo regimentos de cavallaria portugueza fizeram uma brilhante carga sobre os francezes, que avançando ao ataque, foram completamente derrotados, sendo perseguidos até Badajoz, duas leguas distante d'ella, no que perderam a maior parte dos seus, que foram acutilados, o que tambem succedeu aos conductores e artilheiros de umas dezeseis peças, que por algum tempo deixaram abandonadas no caminho, para não cairem prisioneiros na mão dos mesmos alliados, retomando-as posteriormente a infanteria franceza, que na força de uns 1:200 homens, continuou a marchar em columna e sem fazer alto, não se atrevendo Beresford a ataca-la, porque desfalcado dos dois citados esquadrões do 13 de dragões, e dos regimentos primeiro e setimo de cavallaria portugueza, de quem nada sabia, pela perseguição que faziam á cavallaria franceza na direcção de Badajoz, não quiz aventurar-se ao combate, que de certo seria sanguinolento, alem de incerto nos seus resultados. A perda do inimigo foi computada em 300 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros; a dos alliados tambem foi sensivel, consistindo em 24 homens e 20 cavallos mortos, 70 homens e 35 cavallos feridos, alem de mais 77 homens e 108 cavallos extraviados.

Por este modo caíu a praça de Campo Maior em poder dos

marechal Beresford no dia 25 do citado mez de março, tendo estado apenas quarenta e oito horas em poder dos francezes, que nem tempo tiveram para tirarem d'ella a mais pequena cousa. Depois das longas marchas e fadigas que tinha feito o referido marechal, aquartelou elle parte das suas tropas em Campo Maior, mandando outra parte para Elvas, depois de ter embaraçado que Mortier entrasse em Portugal, havendo expulsado as suas tropas do Alemtejo, como lord Wellington expulsára as de Massena da Extremadura e da Beira. Todavia tendo recommendado ao governo portuguez a brilhante e gloriosa defeza, que contra os francezes tinham feito o governador e habitantes d'aquella praça, dando provas da sua lealdade e valor, os governadores do reino, por decreto de 18 de abril de 1811, ordenaram que de então por diante aquella povoação se denominasse *a leal e valorosa villa de Campo Maior,* acrescentando por baixo do escudo das suas armas *lealdade e valor.* Ao seu governador, o major de engenheiros, José Joaquim Talaia, apesar de caír prisioneiro nas mãos do inimigo, promoveram ao posto immediato, para d'elle gosar, logoque cessasse o seu impedimento, declarando-se na sua patente em grandes caracteres, *pela gloriosa defeza que fez na praça de Campo Maior,* dando-se-lhe alem d'isso na provincia do Alemtejo um baldio de boa terra, livre de fôro, na extensão de meia legua. O juiz de fóra da mesma villa, José Joaquim Carneiro de Carvalho, foi tambem promovido a um logar de letras, immediato ao que exercia, e se achasse vago. Aos officiaes, officiaes inferiores e soldados, tanto de linha, como de milicias e reformados, que constasse terem-se conduzido com patriotismo e valor, mandou-se-lhes dar como gratificação extraordinaria uma somma igual ao soldo de um mez. Ás ordenanças e habitantes, que estavam no mesmo caso, tambem se lhes mandou dar uma gratificação, regulada pelo soldo das milicias, devendo o respectivo governador e juiz de fóra informarem pela secretaria da guerra sobre quaes fossem os individuos que estavam nas circumstancias de serem agraciados.

Tão repentina foi a tomada de Campo Maior, que os fran-

cezes deixaram n'ella oitocentas rações de pão, evacuando igualmente Albuquerque e Valencia de Alcantara: tanto se intimidaram elles com a presença de um forte exercito nas provincias do sul! E com effeito lord Wellington tão repentina e secretamente o tinha reunido, que o general francez não teve conhecimento d'elle senão pelo golpe, que inopinadamente recebeu com a sua expulsão da praça de Campo Maior; mas para que os planos ideados fossem tão proficuos quanto se imaginava, necessario era que se executassem com a maior rapidez possivel, não se dando logar a que o inimigo tornasse a si da surpreza. Isto era tanto mais urgente, quanto que a brecha feita na muralha de Badajoz não tinha ainda reparado, nem a trincheira entulhado, nem os armazens aprovisionado. Para commandar as tropas hespanholas, destinadas a auxiliar as operações começadas pelo marechal Beresford, dois generaes distinctos entre os hespanhoes tinham saido de Cadiz, taes foram Castanhos e Blake, o primeiro dos quaes sem justo fundamento se vangloriava com o celebrado triumpho de Baylen, e o segundo se ufanava de ser tido com rasão como o constante defensor do principado da Catalunha. Pela sua parte o marechal Soult, presumindo que a marcha de Beresford para o Alemtejo tinha por principal fim a tomada de Badajoz, dispoz-se de prompto a soccorre-la, decidindo-se a deixar a outrem a continuação do cerco de Cadiz, e a vir para Sevilha com aquellas vistas, tomando pessoalmente o commando do quinto corpo, que estava na Extremadura. O mesmo Soult levára comsigo uma respeitavel força de infanteria e um regimento de cavallaria.

Quatrocentos homens se tinham mandado para Olivença e 300 para Badajoz, o que junto ás perdas experimentadas nas diversas operações reduzia as forças do corpo de Mortier a menos de 6:000 homens. Por conseguinte o inimigo não podia manter-se na linha do Guadiana, e ao mesmo tempo armazenar provisões; e se o marechal Beresford tivesse marchado logo sobre Merida, repellindo o quinto corpo, e aberto uma nova communicação com Elvas por Juromenha, a quéda de Badajoz seria por então inevitavel

A confusão causada pela inopinada presença do exercito luso-britannico em Campo Maior, e a bravura d'este mesmo exercito garantiam o exito de similhante marcha: o mesmo Beresford teria até podido passar o rio de Merida antes do inimigo tornar a si. Mas Beresford, desprezando uma tão favoravel occasião, aquartelou as suas tropas em Campo Maior e Elvas, como já vimos, o que fez em rasão da fadiga e precisões do seu exercito, particularmente da quarta divisão, que marchando sem interrupção desde o dia 6 de março, se achava quasi descalça. De lord Wellington recebêra elle ordem de lançar uma ponte sobre o Guadiana junto a Juromenha, repellindo o quinto corpo, e investindo Olivença e Badajoz. O tempo que gastou, ou a demora que teve na construcção da ponte, deu logar a que o general Phillipon, um dos mais habeis governadores de praças d'aquelle tempo, reparasse a de Badajoz, que se lhe tinha confiado, emquanto que Latour-Maubourg, que succedêra a Mortier no commando do citado quinto corpo, espalhava por toda a Extremadura os seus forrageadores, e abarrotava do necessario os seus armazens de deposito.

Terminada que foi a ponte no dia 3 de abril, as tropas alliadas, que se tinham reunido durante a noite n'um bosque junto a Juromenha, deviam ao romper do dia effeituar por meio d'ella a sua passagem, quando uma repentina enchente do Guadiana a destruiu. Todavia por meio de cinco barcos, que anteriormente se tinham trazido de Badajoz para Elvas, fez-se uma ponte volante para a cavallaria e artilheria, construindo-se outra estreita para a infanteria por meio de bateis e pipas, apprehendidos aquelles e estas nas povoações vizinhas. A 5 do dito mez de abril começou pois a passagem do Guadiana, terminando-se antes da noite do dia 6: effeituada ella, o exercito tomou posição sobre uma serie de collinas, defendidas por um ribeiro pantanoso. Foi depois do exercito luso-britannico ter passado o Guadiana que o general francez Latour-Maubourg saiu no dia 7 de abril de Olivença com 3:000 homens, 300 cavallos e 4 peças de artilheria, nas vistas de se oppor a uma passagem que já tinha

sido effeituada na vespera: todavia ainda conseguiu
prehender um esquadrão do 13 de dragões ligeiros,
se achava postado na vanguarda, approximando-se po
modo do grosso do exercito alliado, que o obrigou a
disparar alguns tiros de fuzil, retirando-se depois para
buera, sem ser inquietado por Beresford, não obstan
força desproporcionadamente superior que tinha á sua
posição! Era da mente do mesmo Beresford obrigar o
migo a evacuar inteiramente a Extremadura hespan
antes de começar com as suas definitivas operações c
Badajoz. Com estas vistas marchára para a referida pr
cia, commettendo ao marechal de campo, sir George L
Cole, commandante da quarta divisão do exercito luso
tannico, de que fazia parte a nona brigada portugueza,
posta dos regimentos de infanteria n.os 11 e 23 com
dores n.° 7, o cuidado de atacar e tomar Olivença.
movimentos tinham tambem por objecto apoiar e prote
divisão de tropas hespanholas do general Ballesteros,
por uma divisão das tropas francezas, commandada pel
neral Maransin, fôra obrigado a se retirar successivam
de Frejenal sobre Xerez dos Cavalleiros e Salvaterra nos
13 e 14 de abril.

Depois que Beresford se separou do general Cole,
gindo-se para Albuera no dia 11, onde pela sua esquer
poz em communicação com Almendralejos, estendendo a
cavallaria pela sua frente, em ordem a cortar toda a
municação com Badajoz, o mesmo Cole tomou posse d
revelim, que o inimigo não tinha occupado, e se achava
frente da porta de S. Francisco, distante duzentos e qua
metros da praça de Olivença. Como a entrada para o dit
velim era por uma porta muito exposta á mosqueteria d
migo, necessario foi fazer outra para a passagem da artilh
que se havia de collocar no angulo exterior do citado r
lim. Feito isto, e acabada uma bateria em brecha na noit
13 de abril, julgou-se que n'ella se podesse logo mont
competente artilheria, o que se não póde realisar, pelo
estado do caminho e pelo comprimento da volta, que era

cessario fazer para evitar o fogo da praça. Seis peças de 24, vindas da praça de Elvas, se assestaram na noite de 14 na bateria acima mencionada, e estabelecidas mais duas baterias, que a flanqueavam, rompeu o fogo na manhã do dia 15, depois de rejeitadas as condições que se offereceram ao governador da praça para a entregar. Ás onze horas do dia os francezes pozeram bandeira branca, a que se seguiu sair um um official da praça com uma carta do governador francez, propondo condições que o general Cole não aceitou. Renovou-se pois o fogo contra a praça; mas depois de algumas descargas os francezes tornaram a pôr bandeira branca, a que se seguiu render-se á discrição a guarnição da praça, composta de 380 homens com 15 peças de artilheria. A porta de S. Francisco foi entregue á companhia de granadeiros portuguezes de infanteria n.º 11, e sendo finalmente a praça occupada pelos regimentos 11 e 23 de infanteria portugueza, passaram todos pelo desgosto de verem com o maior espanto arvorar nos seus muros o estandarte hespanhol! Ninguem pensava que sendo esta uma conquista feita ao inimigo por forças portuguezas, e ella mesma portugueza, se houvesse de restituir ou entregar, não ao seu legitimo senhor, mas sim ao governo hespanhol, seu intruso possuidor, pois que assim o quizeram, ou em similhante cousa consentiram os governadores do reino, por demasiada condescendencia com os nossos desleaes alliados, os generaes inglezes, e mais particularmente por attenção para com lord Wellington, que a similhante passo os induziu com a capciosa promessa de que no fim da guerra se trataria de restituir esta praça a Portugal, promessa em que se acreditou, tanto pela auctoridade da pessoa que a fazia, como pela circumstancia de se ter tomado Olivença aos francezes, sem que um só hespanhol entrasse na força que marchou contra esta praça[1]. Para a sua

[1] Tão ingratos foram para comnosco os inglezes p los importantes serviços que lhes prestámos durante a guerra da peninsula, e tão notavel a subserviencia do nosso governo para com elles, que nas portas da propria intendencia geral da policia se affixou um pasquim, assim concebido: *Senhora intendencia, auxilio, protecção e regencia, tem tudo a*

posse na mão dos alliados muito concorreu a artilheria por-
tugueza, commandada pelo major Alexandre Dickson, po-
dendo verdadeiramente dizer-se que foram só os portugue-
zes os que effeituaram a sua rendição.

Tal foi portanto a maneira por que a bandeira hespanhola
novamente se arvorou em Olivença para eterno padrão da
nenhuma cooperação militar dos hespanhoes, que nas mãos
dos francezes a deixaram cobardemente caír, e sobretudo
para eterno padrão da requintada má fé com que o governo
inglez e os seus generaes, a quem tanto o exercito portuguez
engrandeceu, trataram uma nação, que tinha posto á sua dis-
posição todos os seus meios de guerra, as suas praças mili-
tares, os seus arsenaes, e todas as suas forças de terra e mar,
como já por mais de uma vez temos dito; que admittíra nas
fileiras do seu exercito um prodigioso numero de officiaes
inglezes, desde a patente de alferes até á de marechal com-
mandante em chefe d'esse mesmo exercito; que em seu ser-
viço e para seu unico engrandecimento, e até mesmo para a
acquisição de ricas e multiplicadas colonias ou possessões que
hoje desfructam no Mediterraneo, na America, Africa e Asia,
se achava derramando abundantemente o seu sangue em mul-
tiplicadas e bem terceadas batalhas; e finalmente que lhe
franqueára o commercio de todo o Brazil, e reduzíra a insi-
gnificantissimos direitos de alfandega todos os generos, mer-
cadorias e artigos de producção, manufactura, industria ou in-
venção ingleza, e cobertos com a bandeira ingleza. Este facto
foi tanto mais escandaloso, quanto que a Inglaterra seguia para
si como regra de manifesto direito tomar as represas como
boas presas, e tendo sido represa a tomada de Olivença, por
ser tomada aos francezes pelas nossas tropas, depois que

mesma intelligencia. Isto era allusivo á conducta que para comnosco ti-
nham os inglezes, vindo em nosso auxilio; á contribuição que os fran-
cezes nos tinham lançado, sendo a essa contribuição que verdadeira-
mente se reduziu a protecção que Junot nos tinha afiançado; e final-
mente á subserviencia dos governadores do reino para com tudo quanto
os inglezes quizeram fazer no paiz, tratando-nos á indiana a todos os
respeitos.

principe regente de Portugal declarára nullos os tratados, que em 1801 fôra obrigado a aceitar, impostos como lhe foram por França e Hespanha, fazer em tal caso uma excepção á sua mesma regra para com um alliado tão fiel como Portugal, foi estabelecer, sómente por conveniencia sua, um odioso direito para si e outro para nós, foi postergar os tratados e obrigações que para comnosco tinha, e foi finalmente patentear a mais requintada má fé e falta de moralidade, tudo por effeito do seu demasiado aferro a mesquinhos e sordidos interesses, que alcançados com sacrificio da honra, e quebrantamento de tratados, feito sem respeito algum á moral e boa fé, poderão dar opulencia e riqueza, mas hão de por outro lado infamar até á mais remota posteridade os que assim se conduzem na opinião dos homens que prezam aquellas qualidades. E todavia os governadores do reino, querendo imitar a conducta do parlamento britannico nos seus votos de agradecimento para com lord Wellington e o exercito do seu commando, dirigiram a este general um officio na data de 17 de abril, testemunhando-lhe o seu reconhecimento pelos seus relevantes serviços, que promettiam levar á presença do principe regente, commemorando igualmente a conducta do seu exercito. Dois dias depois, ou em 19 de abril, dirigiram igualmente ao marechal Beresford outro que tal officio, felicitando-o pelos seus serviços e pelo bom resultado das armas portuguezas, seguramente effeito da disciplina, que com tamanho cuidado e esmero havia introduzido no nosso exercito. Pela sua parte a côrte do Brazil galardoou Beresford com o titulo de conde de Trancoso, por carta regia de 13 de maio de 1811, provando-lhe por este modo a conta em que tinha os seus serviços, não feitos a Portugal, mas á Hespanha, com a tomada de Olivença!

Effeituada que foi a tomada d'aquella praça, o general Cole poz-se em marcha para Zafra pelo caminho de Almendral, para onde igualmente Beresford se dirigiu pela estrada real, tendo por fim ambos estes generaes repellirem Latour-Maubourg para a serra Morena, e separar d'elle o general Ma-

para levantarem contribuições; o regimento
os carregou vigorosamente, fazendo-lhes perd
entre mortos e prisioneiros. Emquanto pois
em Zafra o exercito luso-britannico, Latour-
rava-se a 18 para Guadalcanal. Durante est
general barão Carlos Alten vinha de Lisboa
com mais uma brigada de infanteria ligeira al
que lord Wellington chegava tambem a Elva
foi juntar o marechal Beresford, depois de te
mar de Badajoz a sua infanteria. A presença
chefe satisfez muito o exercito, que tendo vist
movimentos de muita tropa, sem proporci
com toda a rasão pensava que as operaçõe
eram mais lentas que judiciosas. Todo o exe
sul do Tejo se achava no dia 7 reunido sob
sendo a força de que ali dispunha o marech
uns 35:000 homens, em cujo numero se comp
mente a força hespanhola de Montijo, ao pass
tour-Maubourg não excedia a 10:000 homens,
dos quaes andava dispersa para alcançar vive
general francez manteve-se por dez dias conti
madura hespanhola, e como durante este te
Beresford não emprehendêra cousa alguma s
dajoz, o governador d'esta praça pôde muito
ultimar os reparos que tinha a fazer, metter
todas as mais cousas de que precisava para

general Madden, bem como os allemães de Alten, dirigindo-se todos sobre Badajoz, a que logo n'este dia se fez um reconhecimento, demorando-se o ataque por effeito de uma outra cheia do Guadiana, que na noite de 23 de novo arrebatou uma segunda ponte, que Beresford mandára construir sobre este rio no mesmo logar da primeira junto a Juromenha. Por esta causa recebeu elle ordem de deferir as operações do cerco até ao estabelecimento de uma outra ponte: com a dita ordem recebeu elle igualmente auctorisação para poder dar batalha, e por meio d'ella proteger o referido cerco, se o julgasse conveniente. Estas mesmas instrucções se dirigiram tambem ao general Blake, que por aquelle tempo havia desembarcado em Ayamonte, tendo vindo de Cadiz, segundo o que já dissemos. Feitas estas disposições, lord Wellington novamente se dirigiu para o norte do reino, em consequencia dos avisos que teve de que o marechal Massena recebêra ordem de Paris para obrigar os alliados a levantarem o cerco de Almeida, empreza que o mesmo Wellington buscou embaraçar, e effectivamente embaraçou no dia 5 de maio por meio da batalha de Fuentes de Oñoro, como por nós já foi relatado, repetindo isto aqui novamente para em descripção seguida apresentarmos ao leitor as operações do marechal Beresford ao sul do Tejo.

Tendo pois a enchente do Guadiana destruido os meios de communicação, que se haviam estabelecido, Beresford fez não obstante os seus preparativos para o ataque do forte de S. Christovão. Com estas vistas mandou postar uma força em Azuaga para ameaçar a direita do inimigo, que ali tinha uma força de 500 infantes e 300 cavallos, que abandonaram precipitadamente aquelle logar. A 3 de maio ordenára o mesmo Beresford que tres brigadas de infanteria e alguns esquadrões de cavallaria apertassem a praça de Badajoz pelo lado do sul do rio. A 6 mandou que as divisões restantes marchassem para a dita praça, defronte da qual elle marechal Beresford se achava igualmente com ellas no dia 7. O regimento portuguez de infanteria n.º 17, e dois esquadrões de cavallaria de 4 e 6, igualmente portuguezes, tiveram ordem

de se irem encontrar no dia 8 com a brigada ingleza na Torre de Santa Engracia, cousa de duas milhas distante de Badajoz, na estrada de Campo Maior. D'ali se devia dirigir esta força ao ataque do forte de S. Christovão pelo lado do norte. No mesmo dia 8 o tenente coronel Fletcher tinha construido as competentes baterias contra os fortes das Pardaleiras e Picurinha, sobre as alturas que dominavam o respectivo terreno n'uma consideravel distancia. Ao abrir-se uma trincheira contra o forte de S. Christovão na noite do citado dia 8 ao clarão da lua e na distancia de uns trezentos metros da muralha, o inimigo oppoz-lhe um vivo e energico fogo de balas e bombas, fazendo no dia 10 uma sortida com 1:200 homens contra a bateria, que se estava construindo, e da qual conseguiu apoderar-se por algum tempo, circumstancia que fez com que toda a tropa pegasse em armas para d'ella o expulsar, como corajosamente fez com consideravel perda de parte a parte. Todavia os aprestos de engenheria eram insufficientes para um formal ataque contra a praça; a artilheria que para elle havia reduzia-se apenas a tres peças de bronze de calibre 24 com trezentos cartuchos cada uma e a dois obuzes de oito pollegadas com duzentos tiros. Alem d'isto a força empregada no cerco não passava de 4:000 homens, se tanto. A bateria de brecha que acima se disse estar em construcção rompeu o seu fogo contra S. Christovão pelas quatro horas da manhã do dia 11 de maio; mas d'esse seu fogo pouco ou nada resultou, tendo por fim de se calar, por effeito de uma bateria, levantada no interior do castello, a que se seguiu affrouxar desde então o ataque. Estavam as cousas n'este estado quando no dia 12 de maio o marechal Beresford teve a noticia de que o marechal Soult partira effectivamente de Sevilha no dia 10, destinado a embaraçar os progressos do cerco de Badajoz.

Como já n'outra parte se viu, o marechal Soult debalde tentára sustentar o marechal Massena em Portugal, durante a sua invasão e estada n'este reino, para cujo fim viera da Andaluzia para a fronteira do Alemtejo, na mente de fazer uma diversão de forças aos alliados. Nada tendo conseguido

sobre este ponto, alcançou todavia a vantagem de tomar a praça de Badajoz, depois da insignificante resistencia que o governador hespanhol lhe oppoz, não obstante as recommendações que lord Wellington lhe tinha feito para a manter vigorosa, na certeza de que dentro em poucos dias se lhe mandaria soccorro. Obtida assim por Soult esta vantagem, voltára depois para Sevilha, sabedor da retirada de Massena. Sendo porém informado de que o marechal Beresford, havendo retomado Campo Maior e Olivença, marchava para a Extremadura, destinado a apertar seriamente com as suas operações contra Badajoz, juntára o maior numero de tropas que pôde para de Sevilha ir em soccorro d'esta praça, como praticou. Mas se elle em vez de tomar para este fim a estrada de Villa Franca, tivesse logo marchado directamente para Albuera, iria encontrar-se em tal caso com o marechal Beresford, antes d'este haver concentrado lá o seu exercito, circumstancia que só por si nos faz ver a temeridade com que elle Beresford se dispoz a aceitar batalha ao inimigo, temeridade de uma ordem tal, que mesmo a ter elle a certeza, que seguramente não tinha, de reunir todas as suas tropas na propria occasião da batalha, ainda assim todas as alternativas lhe eram contra no começo d'ella[1]. Ver-

[1] É um facto que o marechal Beresford na descripção que faz das tropas, por elle postadas em Albuera no começo da batalha, enumera a rta divisão, do commando do general Cole, dando-lhe logo em tal copo uma posição na retaguarda do centro da linha de batalha. Parece-nos que isto não é exacto, e que similhante allegação é por elle feita com vistas de cohonestar a sua temeridade em aceitar a batalha antes de ra ella ter reunido todas as suas forças. O historiador Napier, que se não estava a ella presente, devia ter collegido a respeito d'ella todas as informações dos que a presencearam, diz-nos que no seu começo as tropas inglezas ainda não estavam todas reunidas, o que nos parece exacto, pois segundo o testemunho que adiante citaremos do nosso compatriota, o marechal de campo, Antonio de Oliva Sousa Sequeira, que então era alferes de infanteria n.º 11, corpo que fazia parte da divisão do general Cole, dá esta mesma divisão em marcha de Badajoz para o centro da linha de batalha em Albuera no proprio momento em que a victoria parecia pender para o lado dos francezes, sendo a dita divisão a que pelo vigor do seu ataque contra o inimigo n'aquelle ponto a fez depois

exercito, tal era a de se fazer bemquisto dos s
o que elle por si seguramente não tinha, pois
severidade e sobranceria como disciplinador,
geralmente a sua affeição. Seja porém como f
que Beresford manifestou n'esta critica conjun
traordinaria lentidão nas suas operações, desti
que da praça de Badajoz, e não pouca temerida
de Albuera, a qual não só lhe podia ser funest
mas até proporcionou ao governador Philippon
sejo para organisar o melhor possivel a defez
O mesmo Soult tambem por tal motivo pôde
lhor a posse da Andaluzia, preparando-se pa
mente resistir a qualquer nova empreza, que
tropas fizessem os alliados, existentes na ilha g
estas mesmas vistas principiou elle igualmen
uma nova linha de fortificação em volta de Se
a par d'isto continuar tambem aquella, que a b
rosa tinha suspendido em volta de Cadiz.

No meio de tudo isto tempo houve em que o
resford pensava que Soult nada mais pretendia
rar a sua dita posse da Andaluzia, sem nada
com valer a Badajoz. Nada mais inexacto, ne

decidir em favor dos alliados. Mr. Brialmont, fundar
mente na citada parte official do marechal Beresford,
mente o mesmo Napier de inexacto na asserção por ell
peito, a qual nós temos por verdadeira, não só pela falt

menos plausivel; 70:000 homens de tropas francezas occupavam por então aquella rica provincia, e Drouet, que deixára Massena immediatamente depois da batalha de Fuentes de Oñoro, para a mesma Andaluzia tinha vindo pela estrada de Avila e Toledo, trazendo comsigo 11:000 homens. Feitos os seus preparativos, Soult saíu de Sevilha, como acima se diz, no dia 10 de maio com um corpo avaliado por Beresford em 15:000 para 16:000 homens de infanteria, tirados dos corpos do marechal Victor e general Sebastiani, bem como do exercito do centro: trazia mais comsigo 40 peças de artilheria, montando a sua cavallaria ao numero de 3:000 homens. Entrando na Extremadura com esta força, juntou-lhe ainda o corpo do general Latour-Maubourg, que se dizia para mais de 5:000 homens. Certificado Beresford da marcha de Soult, immediatamente mandou suspender as operações do cerco, fazendo retirar para Elvas toda a artilheria e petrechos, que infelizmente estavam muito longe de ser o que para tal cerco se precisava. A retirada de tudo isto (queimando-se todo o material que não pôde ser removido), foi uma operação mui precaria, e de muito trabalho nas circumstancias em que o exercito se viu, obrigado a preparar-se para receber o exercito francez. Entretanto fez-se esta operação sem que a mais pequena cousa caísse nas mãos do inimigo, concorrendo muito para este bom resultado os trabalhos do tenente coronel Fletcher. Tambem por dever de justiça forçoso é confessar que quanto ao zêlo e incansavel actividade, manifestados em todos os ramos do serviço, muito se distinguiu o tenente general Francisco de Paula Leite, governador militar, que então era da praça de Elvas e da provincia do Alemtejo, fornecendo transportes, subministrando e accelerando tudo o que podia ser util para aquella retirada, que foi coberta pela quarta divisão, do commando do marechal de campo, sir George Lowry Cole, sendo elle o general que o marechal Beresford deixára ficar para este fim em frente de Badajoz. Foi só depois do dito marechal de campo ter dignamente desempenhado este importante serviço, que elle deixou esta praça, para se dirigir a Albuera, para onde

o exercito alliado tinha partido pelas cinco horas da tarde do dia 15, fazendo durante a noite a sua juncção com as tropas hespanholas, dando-se como prompto para receber a batalha pelas seis horas e meia da manhã do dia 16.

Deve aqui advertir-se que já no dia 13 reunira o marechal Beresford um conselho militar em Valverde, em que se conveiu com os generaes hespanhoes que a batalha se aceitasse na aldeia de Albuera. Tendo os corpos de Ballesteros e Blake effeituado a sua juncção em Baracota, dirigiram-se para Almendral, compromettendo-se Blake a que as suas tropas se achariam na linha de Albuera a 15 do mez pelo meio dia. Sendo portanto Badajoz o centro de um arco de circulo, formado por Valverde, Albuera e Talavera Real, concordou-se em que o exercito de Blake vigiaria os caminhos sobre a direita; que o exercito luso-britannico e o quinto exercito hespanhol guardariam os que se dirigiam ao centro, e que a cavallaria portugueza de Madden se estenderia sobre os da esquerda, ou os que vão para Talavera Real, sem que nenhuma parte do arco estivesse mais de quatro leguas de distancia da praça de Badajoz. A posição de Albuera era boa m si mesma, segundo o parecer de lord Wellington, tendo todavia sido mal occupada. Sobre a altura da direita, inteiramente desguarnecida de tropas, preciso era terem-se construido algumas obras de campanha, alem d'isto era prudente confiar a defeza d'esta importante ala, que cobria a estrada de Valverde, a outras tropas mais aguerridas e prestantes que as de Blake, victimas como se achavam do seu grande cançaso e muita fome, tendo por esta causa muitos dos seus soldados desertado para o inimigo alguns dias antes da batalha. Alem d'estes defeitos tinham tambem uma organisação defeituosa, a sua disciplina era pessima, e para maior desgraça o general Blake estava em desacordo com o marechal Beresford, não obstante o que este diz em contrario na sua parte official. No dia 14 o marechal Soult achava-se em Los Santos, distante oito leguas de Albuera, tendo por seus subalternos os generaes Godinot e Girard, sendo este o commandante do quinto corpo, e aquelle o das res-

tantes forças. Na manhã do dia 16 as tropas luso-britannicas occupavam a esquerda da posição de Albuera, formada por uma altura de uma legua e um terço de extensão, tendo pela retaguarda o Arroyo do valle de Sevilha, e pela sua frente o riacho ou ribeira de Albuera. A direita do exercito prolongava-se para Almendral, e a esquerda para Badajoz: para o lado do riacho a descida das alturas é doce, e o terreno por toda a parte favoravel á cavallaria e artilheria. Um pouco adiante do centro ficava a ponte e a povoação de Albuera; a ponte era defendida por uma bateria da divisão ligeira do marechal de campo barão Carlos Alten. A segunda divisão, commandada pelo tenente general Guilherme Stewart, achava-se arranjada n'uma só linha sobre uma eminencia em frente da dita ponte, na retaguarda de Alten, tocando a sua direita no caminho que vem de Valverde para Albuera, e a esquerda no que vem da praça de Badajoz: vinha portanto esta força a achar-se no centro da posição entre Badajoz e Valverde. A esquerda da linha de batalha fôra confiada á divisão portugueza do tenente general João Hamilton, composta da segunda e quarta brigadas, aquella formada pelos regimentos 2 e 14 de infanteria, e esta pelos de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10. A direita confiára-se ás tropas do general D. Joaquim Blake, que ali formavam duas linhas, estando na primeira D. José Lardizabal e D. Francisco Ballesteros, que tocavam pela sua esquerda no caminho de Valverde, e na segunda, a duzentos passos de distancia, o general D. José Zayas. A cavallaria hespanhola formava tambem duas linhas, tendo por commandante o general conde de Penne Villemur.

A direita era a chave da posição occupada, por ser a que protegia a unica linha da retirada para os alliados, e Beresford lhe ligava portanto a maior importancia. A artilheria luso-britannica estabeleceu-se n'uma só linha sobre o caminho de Valverde, a cavallaria portugueza, composta dos regimentos n.os 1, 5, 7 e 8, estava perto da divisão de Hamilton, na ala esquerda, e a ingleza em posição avançada, junto do riacho Chicapierna, d'onde recuára, quando o inimigo

hespanhoes, sendo os mais inglezes e portugue
estes os regimentos de infanteria n.os 2, 4, 5, 1
com caçadores n.os 5 e 7, e artilheria n.os 1 e
vallaria já mencionada. As forças do marech
vam, segundo a affirmativa de Napier, por 2
incluindo 4:000 de cavallaria. Na manhã do d
pelas nove horas a batalha, dirigindo Soult o
ral Girard contra a direita dos alliados, e as t
ral Godinot contra a esquerda, nas vistas de
da passagem da ponte de Albuera: tendo pois
aquella hora, só terminou pelas duas horas d
do meio dia, durando até então sem interrupç
impeto do ataque dos francezes, tendo previa
a vau a ribeira de Albuera e o riacho Chicap
gido contra a direita da linha de Beresford, o
tropas hespanholas, que sem grande resistenci
as alturas que occupavam, porque vendo-se
atacadas pelo exercito francez, que tinha p
ditos riachos, aproveitando um nevoeiro co
rasca que caía das nuvens, debandaram comp
pois de alguma resistencia em tiroteio, deixa
nente risco de perdição o exercito luso-brita
julgando este mesmo exercito entretido pelo
que, que lhe mandára fazer pelo general Go
de Albuera, diligente buscou estabelecer-se
samparada pelos hespanhoes com as tres arm

brigada da divisão Stewart, commandada pelo tenente coronel Colborne. Á sobredita brigada seguiu-se logo uma outra da referida divisão, commandada pelo coronel Abercrombie, a qual, tomando as columnas inimigas de flanco, lhes disputou bravamente a posição, não sem sensiveis perdas, que n'esta occasião soffreu, posição que aos alliados forçoso era retomar, por lhes cortar a sua linha de communicação com Valverde, expondo-os a verem-se encerrados entre as columnas francezas e o Arroyo do valle de Sevilha.

Pela sua parte o marechal Beresford só tinha prestado attenção ao simulado ataque, que julgou lhe vinha pela ponte do riacho de Albuera, e apesar de achar-se prevenido com a formatura do seu exercito em linha, desde ali até á posição occupada pelos hespanhoes, e parallela ao riacho, para observar-lhe os vaus, quando ouviu o tiroteio na direita da posição, e viu a dispersão dos hespanhoes, com rasão se sobresaltou, lembrando-se á primeira vista de uma retirada, substituida logo em seguida por uma prompta e firme resolução de combater! *Nada de retirada,* consta lhe dissera o seu quartel mestre general, Benjamin D'Urban, official de muita honra e reputação: *ahi chegou o general Cole com a sua quarta divisão luso-britannica,* apontando-lhe para esta divisão, que a marchas forçadas acabava effectivamente de chegar da tomada de Olivença e sitio de Badajoz. «*Bem, muito bem*», lhe respondeu promptamente o marechal Beresford: «faça-se já uma conversão sobre o centro das duas divisões, que ahi temos, para voltar a frente ao inimigo, que vamos desalojar, atacando-o em tres linhas successivas de infanteria, dando-se a frente e a direita da primeira d'ellas a esses bravos do general Cole, com a divisão de Stewart em segunda e terceira linha, e a cavallaria guarneça as suas alas, sem se empenhar em combate, porque estamos inferiores n'essa arma ao inimigo; e haja reserva». Dito isto, immediatamente se poz mão á obra[1]. Foi n'esta occasião, quando a

[1] O marechal Beresford não falla na sua parte official do bravo Benjamin D'Urban de um modo correspondente ao importante serviço que

rosas cargas da sua cavallaria, nem o mortifer
testas de columna, nem finalmente os terrive
tralha da sua artilheria. Debalde as reserv
sustentar o combate; as massas compactas
francezas vacillam, tremem, perturbam-se e
fim em confusa e precipitada retirada. O quin
forma-se n'uma vergonhosa massa de fugi
parte dos quaes, lançando para fóra de si a
reunir-se longe do campo da batalha, ao ab
que n'elle julgavam correr, repassando a ribei
Em tão critico momento todo o exercito franc
se a sua artilheria tambem pela sua parte se
suido de um igual terror. O bom comportame
e o da de cavallaria restabeleceram algum ta
retirada. «Este desastroso successo, dizem
Victorias e conquistas, exerceu na moral dos s
zes uma tão grande e tão funesta influencia, q
guerreiros, sempre vencedores no norte da
mais se approximaram dos inglezes sem se
um certo receio[1]». Se portanto o marechal
tando o exemplo que na Corunha lhe dera o n
quando este ali causou a morte do general
tasse a perseguir seriamente o inimigo, muito
seria por certo a sua victoria; dando porém
sião propicia de vingar as cinzas ultrajadas
triota e antigo general, Beresford commetteu

Est.ª XVI.

Rio Guadiana
Montigo
Talavera la Real
Merida
R. d'Albuera
Albuera
Solano
Sta. Marta
Almendralejo
Fuente del Maestro
Villa Franca
Rio Matachel
Los Santos
Zafra
Fuente de Cantos

batalha, se viu obrigado a servir-se da sua mesma espada para se livrar do accommettimento de um atrevido lanceiro francez, que caíu victima, não sómente d'elle, mas tambem de uma ordenança portugueza que com elle andava, e que n'este feito teve talvez o maior quinhão. O resto do dia passou-se em canhonadas e escaramuças de nenhuma consequencia; mas o campo da batalha estava coberto de mortos.

No curto espaço de quatro para cinco horas por que durou a batalha foi tal o encarniçamento dos contendores, que de 570 homens effectivos com que o regimento inglez n.º 57 entrára na luta, 400 soldados e 23 officiaes ficaram fóra do combate. As brigadas de fuzileiros de sir W. Myers e Hougton, que avançaram para a frente, cada uma com 1:400 praças, pelas duas horas da tarde ao cessar do fogo, achavam-se reduzidas a 400 combatentes[1]. Quasi regimento algum ficou com a terça parte da força que tinha. Perto de 7:000 homens da parte dos alliados e mais de 8:000 da parte dos francezes ficaram fóra do combate[2], contando-se da parte dos francezes dois generaes mortos e tres feridos, alem de 800 soldados mortos, que tambem lhes ficaram no campo da batalha. A perda dos portuguezes foi a de 2 officiaes e 86 soldados mortos, 11 officiaes e 130 soldados feridos e 16 extraviados, ou a de 245 homens ao todo. Quando os nossos artilheiros, diz Londonderry, atravessaram no fim do dia com as suas peças esta scena de mortifera carnagem, taparam os ouvidos aos lamentos e gritos dos feridos, e desviaram os olhos com espanto d'estes montões de bravos, que sem vida jaziam no campo. *A divisão portugueza do major general Hamilton* (formaes palavras da parte official do marechal Beresford), *mostrou em todas as circumstancias a maior firmeza e a maior coragem, e o mostrou tão bem como os inglezes. A brigada portugueza do brigadeiro general Harvey, pertencente á divisão do general Cole, teve occasião de dis-*

[1] É o que diz Sherer.

[2] É a perda que para uns e outros contendores enumera Napier na sua *Historia da guerra da peninsula.*

regimentos 4 e 10 de infanteria com caçador
mesmos soldados inglezes, e sobretudo os
Stwart e os da cavallaria dos hussards, que pr
acções heroicas, praticadas em Albuera pela
fanteria portugueza de 11 e 23, tomaram d
tempo por moda applaudirem os soldados d
gada, quando com elles se encontravam. *Viv*
elles, *quem marchando em linha por duas ve*
cavallaria polaca, e saltando por cima dos d
foi concluir a batalha! Viva quem deu a fort
de Albuera! A estas e a outras que taes
guiam-se depois os convites para as libações
dando-os novamente pelo heroismo marcial,
los nossos bravos n'aquelle assignalado e brill
o nome portuguez[2].

As brigadas e corpos portuguezes, que part
ria da batalha de Albuera, com a designação
mandantes, a da força com que n'ella entraram
que n'ella tiveram, são os que constam da
ção:

Artilheria n.º 1 — Presentes na acção 110
mandadas pelo major Alexandre Dickson. Pe
feridos.

Artilheria n.º 2 — Presentes na acção 110
mandadas pelo supradito major. Perda 1 solda

Cavallaria n.º 1 — Presentes na acção 327

Perda 1 soldado morto, 1 ferido e 1 extraviado, ou 3 soldados ao todo.

Cavallaria n.º 5 — Presentes na acção 104 praças, commandadas pelo capitão Frederico Watson. Perda 6 soldados mortos e 10 feridos, ou 16 homens ao todo.

Cavallaria n.º 7 — Presentes na acção 314 praças, commandadas pelo tenente coronel Henrique Watson. Perda 34 soldados mortos e 42 homens feridos (5 officiaes e 37 soldados), ou 76 homens ao todo.

Cavallaria n.º 8 — Presentes na acção 104 praças, commandadas pelo capitão Henrique Windham. Não houve perda alguma.

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Agostinho Luiz da Fonseca

Regimento n.º 2 — Teve presente na acção 1:225 praças, commandadas pelo coronel Antonio Hypolito da Costa. Perda 4 soldados mortos e 1 official ferido, ou 5 homens ao todo.

Regimento n.º 14 — Presentes na acção 1:204 homens, commandados pelo tenente coronel James Olivier. Perda 2 soldados mortos.

4.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Archibaldo Campbell

Regimento n.º 4 — Presentes na acção 1:271 praças, commandadas pelo tenente coronel Allan William Campbell. Perda 14 soldados mortos e 34 homens feridos (1 official e 33 soldados), ou 48 homens ao todo.

Regimento n.º 10 — Presentes na acção 1:119 praças, commandadas pelo coronel D. Luiz Innocencio Benedicto de Castro (conde de Rezende). Perda 1 soldado morto e 6 feridos, ou 7 homens ao todo.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Ricardo Collins

Regimento n.º 11 — Presentes na acção 1:154 praças, commandadas pelo tenente coronel Donald Mac Donald. Perda

mandadas pelo tenente coronel Eduardo Haw
34 soldados mortos e 42 homens feridos (5 offi
dados), ou 76 homens ao todo.

Brigada ligeira encorporada na divisão
do exercito

Regimento de infanteria n.º 5 — Presentes
praças, commandadas pelo tenente coronel Fr
da Silva Pereira. Perda 12 soldados mortos e
ridos (2 officiaes e 25 soldados), e 15 extravia
mens ao todo.

Caçadores n.º 5 — Presentes na acção 400
mandadas pelo tenente coronel Miguel Mac C
6 soldados mortos e 10 feridos.

Vinha portanto o total da força portugueza, p
batalha, a ser de 10:200 homens, tendo de pe
e 86 soldados mortos, 11 officiaes e 130 solda
16 soldados extraviados, ou 245 homens ao to

O desastre experimentado pelo marechal Sou
foi attribuido a duas causas, dizendo-se que a
viera da frouxidão de Godinot e das más cond
o ataque de Girard fôra feito; e que a segun
origem serem as columnas francezas demasiad
das e proximas umas ás outras, não se poder
ver, impossibilitadas até de poderem responder
mente ao terrivel fogo dos alliados e de evitare

estragos que n'ellas lhe fazia a sua artilheria. O systema das massas compactas, por tantas vezes empregado pelos francezes, não só deu logar a este desastre, como a alguns outros por elles experimentados. O marechal Beresford, a quem por certo os louros de Albuera não coroaram com o merito de general distincto em operações estrategicas, ficou no campo da batalha. O marechal Soult novamente o devêra atacar na manhã seguinte, o que não fez, perdendo assim a melhor occasião que podia ter para o derrotar, tomar-lhe a estrada da retirada e em seguida marchar para a margem do sul do Tejo com um numeroso corpo de tropas, com que seguramente iria lançar o desalento e a consternação no centro do proprio governo britannico. Em vez de fazer isto, tomou na manhã de 18 o expediente de se retirar pela estrada de Solano, esperando lá pelos reforços que lhe haviam de vir da Andaluzia.

Por este modo abandonou Soult á sua sorte a praça de Badajoz, deixando tambem no terreno por onde se retirava assignalado o rasto da marcha que seguia por um grande numero de feridos, a quem Beresford mandou logo prestar os convenientes soccorros. Apenas este general percebeu que o inimigo de todo se retirava, ordenou ao general Hamilton que fosse sobre Badajoz fazer uma demonstração de commettimento contra aquella praça, o que teve logar na manhã de 19, mas sómente sobre a margem esquerda do Guadiana. No mesmo dia 19 lord Wellington chegou ao campo da batalha, e depois de averiguar tudo quanto lhe convinha saber, recommendou a Beresford que seguisse o inimigo com prudencia. Feito isto, tornou para Elvas, ordenando á terceira e setima divisão, que se achavam já acampadas em Campo Maior, que fossem tambem sobre a margem direita d'aquelle rio completar o cerco de Badajoz. Em consequencia da ordem recebida, Beresford avançou para Solano sobre Almendralejos, onde tambem achou alguns feridos, nada se oppondo ao progresso da sua marcha. A perda de um grande numero de officiaes e as excessivas privações, experimentadas pelo exercito francez, haviam introduzido

n'elle, não só o descontentamento, mas até um grande desalento, a ponto da guarnição de Villalba se recusar a defender o castello. Constrangido a evacua-lo, o duque de Dalmacia continuou a sua retirada na direcção de Llerena, onde tomou posição a 23, tendo a sua cavallaria perto de Usagre. Nada mais bem imaginado do que esta mudança de direcção. Soult, entrando n'um paiz fertil e aberto, podia tirar d'elle um grande partido para a sua cavallaria, tão superior como era á dos alliados. A força natural das montanhas, que lhe ficavam pela retaguarda, o punham ao abrigo de um ataque por aquelle lado, ao passo que por meio de Belalcazar e de Almaden se achava em communicação com a Mancha, por onde lhe havia de vir a divisão de Drouet. Por trás de si tinha tambem o caminho de Guadalcanal, por meio do qual podia tirar de Cordova e do quarto corpo os reforços de que precisasse, estando alem d'isso certo de que os alliados se não aventurariam a descobrir o seu flanco esquerdo, marchando para Monasterio.

Esta posição de Soult, a reparação das faltas que até então havia experimentado o exercito portuguez, e os arranjos que alem d'isto este precisava fazer obrigaram o marechal Beresford a deixar o theatro da guerra. O tenente general sir Rowland Hill, tendo vindo de Inglaterra restabelecido da molestia de que fôra victima, e chegando a Portugal por aquelle tempo, retomou novamente o commando da segunda divisão do exercito luso-britannico, confiado durante a sua ausencia ao marechal Beresford, facto que encheu a todos de grande satisfação, attenta a bem merecida reputação de que este general gosava na opinião de lord Wellington, o qual tambem por então se apresentou a dirigir em pessoa os trabalhos do cerco de Badajoz. Postoque uma grande batalha traga sempre comsigo a reputação para o general que a ganha, Beresford bem pelo contrario perdeu, em vez de ganhar reputação, pela de Albuera: foram os seus proprios soldados quem lhe murcharam os louros da victoria que n'ella colheu, e lhe contestaram um triumpho de que elles mesmos se deviam encher de orgulho. «As suas queixas e censuras, diz Napier,

nada tem perdido da sua força, apesar do tempo que tem decorrido depois das suas operações, cujo exame, sendo bem profundado, prova a sem rasão de algumas objecções e a da exageração de criticas, o que certamente não destroe que o sentimento geral foi justo para com elle». Effectivamente Beresford apenas teve a vantagem de ficar senhor do campo da batalha, sem poder tomar Badajoz, que era o principal fim da sua commissão: a mesma Extremadura hespanhola não pôde por elle ser limpa de inimigos, porque Soult, postoque dispondo de menor força, manteve-se nas suas posições desde Llerena até Usagre. Qual foi portanto a vantagem do marechal Beresford? A possibilidade de poder retomar o cerco de Badajoz, e o manter-se nos seus acantonamentos da margem esquerda do Guadiana. E valeria isto a pena de pôr fóra do combate 7:000 homens do seu exercito? Cremos bem que não. Resulta pois podermos concluir, de acordo com outros mais escriptores, que o marechal Beresford era melhor disciplinador do que general de plano em campanha rasa.

A batalha de Albuera veiu tornar mais palpavel o facto de que, apesar da expulsão de Massena para fóra de Portugal e da victoria ganha por lord Wellington em Fuentes de Oñoro, este general tinha ainda assim muitas difficuldades a vencer para ultimar a libertação da peninsula, figurando entre ellas as contradicções e descuidos do seu proprio governo, sendo aquellas e estes de tal fórma, que até chegou a pensar em se retirar para o seu paiz, cujo designio já tinha por varias vezes manifestado, como anteriormente já vimos. *Considerando porém,* diz Napier, *que elle sustentava mais a causa da Inglaterra que a da peninsula;* que os embaraços da França podiam ser ainda maiores que os seus; e que o proprio Napoleão, por mais gigantescas que fossem as suas operações, não parecia comprehender bem os trabalhos e riscos, que para elle teria a completa conquista da Hespanha, emquanto Portugal fosse occupado por um exercito inglez; e antevendo a par d'isto a immarcessivel gloria de que cobriria o seu nome, supportando com paciencia as contrariedades e desgostos com que lutava, decidiu-se, como cousa de mais

cair sobre elle, de que resultava ser-lhe preci
der por aquelle lado a tomada, ou pelo menos
Cidade Rodrigo, antes de se dirigir contra elle
dio d'esta praça exigia que se mandasse vir de
equipagem, que tinha de atravessar por um p
ao passo que tambem junto da mesma Cidade
havia uma boa posição, que o seu exercito po
gurança occupar durante o cerco. Bloquear po
e passar alem era enfraquecer demasiadamen
ças, já bastantemente inferiores ás do inimigo
podesse trazer depois de si cousa alguma de
quencia. Alem do exposto acrescia por outro
rante este tempo podia bem succeder que o m
desviando-se da posição que occupava em Llei
a juntar Elvas ás suas anteriores conquistas. I
situação de lord Wellington, com relação ao n
sula, depois da batalha de Fuentes de Oñoro.

Passando agora a examinar a sua situação c
sul, o aspecto que ella lhe apresentava tamben
elle mais lisonjeiro. A querer permanecer na
Beira podia intentar contra Soult um duro go
a Andaluzia, o que lhe não era difficil fazer de
as forças hespanholas de Murcia e os corpos
Beguines e Graham, emquanto que a ausencia
ralysava o exercito do centro, e o de Portugal
melhor debaixo do commando de Marmont.

umstancias em que se via collocado; mas para isto era-lhe
ada assim indispensavel que Badajoz fosse bloqueada por
corpo bastante numeroso para impor ao exercito do cen-
, e destacar das forças alliadas do seu commando as que
a tal fim eram precisas, sendo a consequencia d'isto não
ficarem as necessarias para directamente atacar Soult.
a pois a batalha de Albuera o que mais racionalmente lhe
eceu dever fazer foi o emprehender novamente o cerco de
ajoz, praça digna da sua attenção, não só pela sua impor-
cia, como por ser igualmente o deposito das equipagens
pontes e da artilheria do inimigo. Todavia a não se darem
os fortuitos e imprevistos, não era de esperar que Badajoz
rendesse antes que Soult e Marmont viessem ambos em
soccorro, idéa a que lord Wellington se decidiu ainda
im a dar de mão pelo empenho que tinha emquanto antes
assenhorear de tal praça, a fim de ter por si livre e des-
baraçado mais que o simples terreno de Lisboa, libertado
do inimigo, depois da expulsão de Massena para fóra de
tugal. Ganhar pois uma nova base de operações na raia
Hespanha, para transferir para aquelle paiz o theatro da
rra, era-lhe indispensavel, quando para tal fim estivesse
litado. Antes porém de sitiar Badajoz não só lhe convi-
, mas até era conforme com as regras da arte, repellir
ult para alem das montanhas; mas o tempo faltava, e Mar-
t infundia serios receios, quanto á sua vinda para a Ex-
adura. Napier diz que lord Wellington sabia muito bem
para fazer regularmente o sitio de Badajoz era cousa que
andava mais tempo, e meios muito mais amplos do que
elles de que dispunha. Mas como a fortuna ajuda muitas
es os temerarios, n'isto se fiou elle para o seu projectado
mettimento.

ecidido como portanto se achava a recomeçar com o
o de Badajoz, reuniu elle no dia 22 de maio um conselho
tar, composto dos officiaes engenheiros e de outros mais
es, no qual, depois de uma madura deliberação, se de-
u continuar com as operações contra aquella praça, pelo
smo modo por que se tinha resolvido durante o primeiro

cerco, bem que com algumas modificações nos seus respectivos detalhes. Em consequencia d'isto a setima divisão ingleza, do commando do major general Houstoun, a quem se haviam confiado as operações da margem direita do Guadiana, investiu a praça no dia 25 por aquelle lado, onde se tinham construido umas quatro baterias contra o forte de S. Christovão, situado, como está, na dita margem direita. A 27 a terceira divisão foi mandada reforçar a divisão portugueza do commando do major general Hamilton, estabelecida sobre a margem esquerda d'aquelle rio, cuja passagem se havia assegurado por meio de uma ponte volante, tendo-se as operações d'esta outra margem confiado ao major general Picton. A 29 começou-se a abrir a trincheira diante do supradito forte de S. Christovão, chamando-se ao mesmo tempo a attenção do inimigo por meio de falsos ataques, feitos sobre a margem esquerda pelo lado do forte das Pardaleiras. De 30 a 31 os sitiantes começaram tambem os seus trabalhos de ataque contra o velho castello da praça por meio de duas baterias, assentes sobre a dita margem esquerda, cujo fogo tinha por alvo a face oriental do referido castello. Em todas estas operações, bem como nas subsequentes, tomaram parte os seguintes corpos portuguezes: cavallaria 3, 6 e 9; infanteria 2, 4, 5, 7, 9, 10, 14, 17, 19 e 21; caçadores 2 e 5, e artilheria 1, 2 e 3. Apesar de todo este apparato, os meios de levar a praça não estavam em relação com similhante empreza. A equipagem do trem (a mesma que já tinha servido a Beresford), estava em mau estado, as bôcas de fogo reputavam-se do tempo de Filippe II, sendo em geral muito fracas, as balas não tinham o conveniente calibre, o parque não possuia um só morteiro, os artilheiros inglezes não eram em sufficiente numero, os officiaes engenheiros eram poucos e inexperientes no assedio das praças, não havia sapadores mineiros, e finalmente faltava o tempo para ensinar os soldados a fazer gabiões e fachinas. «Para vergonha do gabinete inglez, diz Napier, nunca houve exercito tão mal provido das cousas necessarias para uma tal operação».

que assim se diz é um facto; mas se o general o sabia
nhecia pela sua parte, como é que Napier o póde ra-
mente desculpar do passo que deu, como faz na sua
ia? Quanto a nós, temos por difficil conceber a plausi-
le com que lord Wellington se julgou habilitado para
hender um cerco, que, por mais vantajoso que fosse
s seus ulteriores planos, era-lhe impraticavel, não tendo
ios precisos de o realisar, destituido como se achava,
) do pessoal technico, mas até do material adequado
al empreza, cousas por elle inteiramente sabidas e re-
:idas. Esta falta era um mal desde longo tempo sentida
:ercitos inglezes, mal do qual os seus generaes deviam
ariamente ser victimas, como effectivamente o foram.
falta de material a verdadeira causa por que o duque
rk não pôde em 1793 effeituar os cercos de Valencien-
Dunkerque. O duque dispunha para aquelle fim nos
Baixos de um exercito de 40:000 homens, isto alem
ande auxilio, que tambem lhe dava uma numerosa es-
a com uma guarnição de 100:000 homens, postada
se achava em Jersey, sob o commando de lord Moira.
respeitaveis forças nada poderam ultimar, tendo a final
retirar para Inglaterra, depois de fazerem as mais enor-
lespezas, e de perderem grande quantidade de homens
naterial de guerra. Com a indicada falta dava-se mais o
leravel atrazo em que os engenheiros inglezes ainda por
se achavam sobre as operações de sitio, vendo-se quasi
ismo estado em que estavam quando effectuaram o de
bourg no cabo Breton em 1758, o do castello de Belle-
-Mer em 1761, e o de Havana em 1762.
m pois da ignorancia dos detalhes na execução, havia
ais a mais uma certa falta de habilidade e de sciencia
isposições geraes, aggravado tudo isto com a falta de
ros, de fachinas, de morteiros, de granadas, de peças
iter, e até mesmo de muitos instrumentos proprios ao
ue se tinha em vista. Taes eram pois as deploraveis cir-
tancias em que os alliados se achavam em frente de Ba-
, praça a que tinham posto o cerco. As baterias por

elles dirigidas contra o forte de S. Christovão sobre este mesmo forte romperam o seu fogo no dia 2 de junho; mas as peças desmontavam-se umas depois das outras, só por effeito dos tiros. Todavia deu-se por aberta a brecha e julgou-se praticavel no dia 6 do dito mez. Na noite d'este mesmo dia lord Wellington mandou atacar a brecha, para a qual se destinaram os soldados do regimento inglez n.º 85, commandados pelo major Mackintosh do referido corpo, experimentando os atacantes um vivo e terrivel fogo de mosquetaria e granadas de mão, dirigido das obras exteriores do citado forte de S. Christovão, assim como da artilheria e morteiros, que da praça se fazia contra elles. Apesar d'isto os atacantes avançaram com a maior intrepidez e na melhor ordem até junto da brecha. Mas chegados a ella, viram que o inimigo tinha removido as ruinas do fundo da escarpa, e apesar dos atacantes se acharem providos de escadas de mão, de nada lhe serviram, por não poderem montar a brecha, retirando-se por fim com bastante perda.

Continuou pois o fogo das baterias nos dias 7, 8 e 9. N'este ultimo a brecha da muralha do forte parecia praticavel, de que resultou dirigir-se contra ella durante a noite um segundo assalto, effectuado por um destacamento portuguez do regimento n.º 17, commandado pelo major Mc Geechy, o qual foi morto por esta occasião com alguns outros officiaes. Ainda por mais outra vez se não pôde ganhar a brecha, porque o inimigo tinha novamente removido as ruinas do fundo da escarpa, de que resultou ficar igualmente este assalto de nenhum effeito. O serviço das baterias era desempenhado por destacamentos da artilheria portugueza, pertencentes aos regimentos n.os 1, 2 e 3, os quaes n'esta occasião se conduziram por maneira tão bizarra, que lord Wellington lhes dirigiu especiaes elogios na parte que deu d'estas operações, tanto ao seu governo, como a D. Miguel Pereira Forjaz. Na manhã do dia 10 levaram a lord Wellington um despacho interceptado do duque de Dalmacia para o duque de Ragusa, no qual se manifestava claramente o designio que aquelles dois marechaes tinham de reunir toda

as suas forças na Extremadura hespanhola, vendo-se os sitiantes á vista d'isto obrigados ao levantamento do cerco, depois de terem feito fogo contra a praça que sitiavam desde 2 até 10 de junho, mantido e feito por nove peças de artilheria, que tinham por alvo o forte de S. Christovão, e por mais doze que se dirigiam contra a muralha e castello de Badajoz, muralha construida de terra e pedras soltas, tudo batido a malho. A necessidade de levantar o cerco era por conseguinte bem fundada, tanto em rasão das tropas, que de Leão e Castella se achavam destinadas a vir reforçar o marechal Soult, elevando o seu exercito, depois de reforçado, a um numero muito superior ao do exercito luso-britannico, como pelos escassos meios que lord Wellington tinha por aquelle tempo para poder tomar Badajoz. Forçado pois a transformar o sitio em bloqueio, começou elle na tarde do dia 10 a fazer desfilar secretamente para Elvas os seus armazens e artilheria, levantando-se completamente o sitio no dia 12, consistindo a perda até ali experimentada pelos alliados em 34 officiaes e 451 soldados, entre mortos, feridos e extraviados. No primeiro assalto do forte de S. Christovão, em que foram empregados 133 homens do exercito portuguez, a perda que o referido exercito n'elle experimentou foi a de 12 soldados mortos, 8 feridos e 1 extraviado. No segundo assalto, dado ao referido forte, sendo n'elle empregados 706 homens do sobredito exercito, teve este a perda de 4 officiaes e 2 soldados mortos, 1 official e 7 soldados feridos, isto sem fallar na que tambem experimentou durante o sitio e bloqueio da praça, perda que consistiu em 3 officiaes e 49 soldados mortos, 4 officiaes e 56 soldados feridos e 3 extraviados, isto desde 19 de maio até 17 do seguinte mez de junho, computando-se em 11:666 homens o total da força portugueza empregada no referido sitio.

Como já acima vimos, Soult retirára-se de Albuera para Llerena, onde se conservou em posição defensiva, emquanto lhe não chegou de reforço, como succedeu no dia 14 do citado mez de junho, o general Drouet com a sua divisão, a que se seguiu retrogradar depois para los Santos, e d'aqui

para Fuente del Maestro, approximando-se novamente de Badajoz, levado do desejo de anteceder no seu encontro com lord Wellington a chegada dos reforços por que este esperava, segundo as noticias que sobre isto teve, o que fez com que o general Hill se lhe fosse com o seu exercito postar de observação na posição de Albuera. Não contente ainda com isto o mesmo Soult foi depois encontrar-se com Marmont para concertar com elle um novo plano de operações para baterem o exercito luso-britannico, plano que ou teve em origem, ou lhes foi ordenado executar pelo proprio Napoleão, como geralmente se crê. O certo é que para a realisação de um tal plano o duque de Dalmacia fez quanto em si cabia para se lhe juntar a maior força possivel. Em consequencia d'isto o marechal Victor tirou do cerco de Cadiz todas as tropas que pôde para com ellas se lhe reunir. O general Drouet, conde de Erlon, tendo-se separado do exercito de Massena, igualmente se poz em marcha para effectuar a juncção que com elle fez, dirigindo-se para este fim com os restos do seu nono corpo para Avila, Madrid, Toledo, Cidade Real e Cordova, d'onde então voltou sobre a sua direita, para ir a Belalcazar, e d'aqui para a Extremadura, indo por fim juntar-se ao marechal Soult em Llerena, como já notámos. Estas forças encorporaram-se então no quinto corpo, do qual o mesmo Drouet tomou o commando. Para igualmente auxiliar Soult, o marechal Marmont saíra de Salamanca com todo o seu exercito, pondo-se com elle em marcha para o Guadiana, depois de ter aprovisionado a praça da Cidade Rodrigo, onde mettêra um comboio, por elle proprio capitaneado. O fim de Soult era soccorrer a praça de Badajoz, e dar talvez mesmo uma formal batalha a lord Wellington; mas não o ousando fazer só por si, postoque dispozesse de um exercito já bastante augmentado, decidiu-se todavia a esperar pelas tropas do marechal Marmont.

Effectivamente o duque de Ragusa, deixando a Cidade Rodrigo no dia 6 de junho, endireitou com quatro divisões do seu exercito para o desfiladeiro de Perales, depois de ter feito um simples reconhecimento ás forças do general sir

Brent Spencer, postadas por trás do Agueda, e de se ter por meio d'elle certificado de não ser inquietado na sua marcha por aquellas forças: as restantes duas divisões, das seis de que o exercito de Portugal se compunha, eram commandadas pelo general Reynier, que com ellas veiu sobre os desfiladeiros de Bejar e Baños, d'onde seguiu para Almaraz, para onde igualmente se encaminhára Marmont. Ali atravessaram ambos o Tejo por meio de um barco de passagem, por lhes não ter chegado a ponte de cavaletes, que lhes devia vir de Madrid. Ganhando assim a margem esquerda do mesmo Tejo, ambos elles foram d'ali a Truxillo, d'onde Marmont se dirigiu a Merida, e Reynier a Medellin, onde chegaram no dia 11, abrindo então as suas communicações com Soult. As forças de que sir Brent Spencer dispunha por trás do Agueda, onde ficára substituindo lord Wellington, depois que este general veiu para o Guadiana, compunham-se da primeira, quinta e sexta divisões, tendo igualmente comsigo a divisão ligeira do general Crawfurd, e uma brigada de cavallaria. Incerto como o general Spencer esteve por algum tempo, quanto ao fim dos movimentos de Marmont, e reconhecendo a final que se dirigia para o Tejo, marchou pela sua parte na tarde do já citado dia 6 para Alfaiates, e seguindo uma marcha parallela á operada pelo inimigo, veiu a Penamacor e depois a Castello Branco, postando uma divisão em Coria para por ali lhe proteger o flanco: elle mesmo com o grosso do seu exercito foi atravessar o Tejo em Villa Velha, indo por fim para Niza e Portalegre, nas vistas de se unir a lord Wellington, como por fim effectuou nas alturas de Campo Maior.

Fôra sempre da intenção d'este general não apertar com o cerco de Badajoz alem do dia 10, sabendo bem que Soult lh'o podia fazer levantar, apenas se lhe tivesse unido a divisão Drouet: foi esta a rasão por que elle se apressou em dirigir os assaltos contra aquella praça. Estava elle decidido a combater Soult, não obstante ter levantado o sitio por elle posto a Badajoz, e como por um outro despacho interceptado em cifra soubesse que no dia 20 as munições se acabavam a Philippon, transformou o sitio em bloqueio, lembrando-se de

que alguma circumstancia imprevista lhe poderia talvez favorecer os seus intentos, como em parte succedeu pela demora que em Almaraz tiveram na sua passagem do Tejo o marechal Marmont e general Reynier. Disposto pois a aceitar batalha ao marechal Soult, lord Wellington, deixando em frente de Badajoz a terceira e setima divisão para manterem o bloqueio, foi para Albuera, onde o general Hill se achava de observação a Soult com a segunda e quarta divisão, indo igualmente para aquelle ponto a divisão portugueza do general Hamilton. Chegado que foi a Albuera e tendo por certo o combate, tratou logo de evitar a falta commettida por Beresford, intrincheirando a posição que ali tomára, não se esquecendo tambem de occupar convenientemente as alturas que tinha pela sua direita. No dia 14 soube-se que Marmont se achava em Truxillo, e que dentro em quatro dias se reuniria a Soult, circumstancia que obrigou lord Wellington, não só a levantar o bloqueio que deixára ficar a Badajoz, mas até a retirar-se com as suas tropas para o outro lado do Guadiana. Elle ainda por algum tempo se conservou em Albuera, na mente de que Soult o atacasse separado de Marmont, no que foi illudido pela prudencia do seu adversario, que em vez de fazer o que elle queria, bem pelo contrario se retirou para Almendralejo.

O bloqueio levantára-se no dia 16, e no seguinte dia 17, os alliados passaram o Guadiana em duas columnas, uma das quaes, composta dos inglezes e portuguezes, o atravessou perto de Badajoz por meio de uma ponte volante, e a outra, formada pelos hespanhoes, a vau o atravessára tambem em Juromenha. O general Jomini diz que lord Wellington deveria em seguida marchar por Campo Maior sobre Albuquerque para ir d'aqui ao encontro de Marmont, combinando as suas operações com o general Spencer. Este era seguramente o melhor meio que lord Wellington tinha para pela sua parte bater os dois marechaes por ordem de detalhe, imitando n'este caso, quando isto lhe fosse possivel, o que o general Buonaparte fizera em circumstancias analogas em Castiglione. Ainda assim a vantagem de lord Wellington sobre qualquer dos dois marechaes isoladamente não era tão consideravel

Jomini o suppõe, a terem-se por verdadeiras as cifras
;eneral inglez apresenta, quanto ás forças do seu exer-
o dia 20 de junho nos diz elle ter 11:812 homens de in-
a ingleza e 1:671 de cavallaria da mesma nação, com-
se a força portugueza de 12:885 homens de infanteria
le cavallaria, tendo mais 8:000 homens de tropas hes-
as, commandadas pelo general Blake. No dia 24, em
das as forças alliadas se lhe tinham já reunido, con-
le 48:446 inglezes e portuguezes, entrando n'este nu-
:400 de cavallaria, tendo sido os hespanhoes manda-
ra Sevilha para fazerem uma diversão a Soult, como
veremos. N'estas cifras comprehendiam-se ainda os
s, tão numerosos como eram por aquelle tempo. Ao
io d'isto só o duque de Ragusa, incluindo o destaca-
que do exercito do centro se lhe encorporára, contava
a parte 30:000 bayonetas com 4:500 cavallos e 54 pe-
artilheria, e Soult 25:000 homens de infanteria, 3:000
allaria e 36 peças de artilheria. Não nos parece pois
)peração lembrada por Jomini fosse tão segura e van-
juanto elle inculca.
o quer que seja certo é que, retirados os alliados para
em direita do Guadiana, sem maior obstaculo pode-
dois marechaes, Soult e Marmont, approximarem-se
outro, entrando ambos no dia 19 em Badajoz, praça
r este modo foi soccorrida, depois de duas honrosas
, e no proprio momento em que o seu governador
on, vendo-se sem esperanças de soccorro e falto de
, se dispunha a abrir caminho por entre os alliados,
do aqui o mesmo que anteriormente praticára em Al-
) general Brenier. A divisão de Godinot marchára por
le e apossára-se de Olivença no dia 21, mandando um
mento para Juromenha, o qual chegou a ir até de-
a sua artilheria. No citado dia 21 a cavallaria franceza
o Guadiana em duas columnas, uma das quaes endi-
com Villa Viçosa e Elvas, e outra com Campo Maior.
dia 20 que a frente do corpo de Spencer se uniu defi-
ente ao grosso do exercito alliado, o que a quinta di-

visão só fez no dia 24. Lord Wellington postára as
pas nas duas margens do Caya, estabelecendo post
vallaria na embocadura d'este rio e sobre o Guadiana
da praça de Elvas. A sua direita achava-se por trás
indo até á ponte, podendo-se dizer apoiada na praça
menha, e a sua esquerda postára-se em boa posiç
uma collina, que se estendia até ao Gevora, poden
mente dizer-se apoiada em Arronches. A sua vangu
tava em Campo Maior, cuja fortaleza tinha sido con
mente occupada, ficando-lhe como no centro a re
praça de Elvas, cuja guarnição andaria por uns 6
mens: o seu governador continuava a ser o distinct
general Francisco de Paula Leite, tendo por seu im
o marechal de campo Antonio Marcellino da Victori
de grande monta o valor e reputação militar, tanto
como de outro d'estes dois generaes. A divisão li
cupava o monte do Reguengo, posição que o inimigo
dia reconhecer, em rasão dos matos que havia entr
Maior e o Caya.

Se os francezes atacassem a esquerda dos alliado
cil a estes chamar por meio de uma manobra o gr
suas tropas para o ponto do ataque, não excedendo
quatro leguas a extensão occupada. As communicaçõ
boas, offerecendo todo o paiz desde Campo Maior a
joz planicies abertas, nas quaes todos os movimen
francezes podiam facilmente ser vistos, tanto da p
Elvas, como da dita villa de Campo Maior: alem d'
merosas atalaias ou pontos de observação se tinham
lecido por differentes partes na frente da linha, send
rito mais principal da posição ali tomada a difficuld
o inimigo tinha em a reconhecer. A primeira divis
va-se em Portalegre, como em reserva: collocada al
ella tomar o passo ao inimigo em Marvão ou Castello d
quando por Albuquerque e Valencia tentasse tornea
esquerda dos alliados, podendo igualmente caír sobr
quando este buscasse passar por entre Elvas e Ex
em direcção ao Tejo. No meio de tudo isto forçoso é

r que o desvio em que Portalegre se achava das mais for-
s do exercito não permittia poder-se contar muito com o
mpto apoio d'aquella divisão, se porventura o combate
se a ter logar perto de Elvas ou de Campo Maior. Foi
avia ali que lord Wellington se dispoz decididamente a
or-se aos marechaes Soult e Marmont, quando porven-
a pretendessem marchar sobre Lisboa, cuja posse ali lhes
putaria com a mesma resolução e confiança como já o ti-
a feito ao marechal Massena no Bussaco e nas linhas de
rres Vedras. Entretanto o *Moniteur*, narrando o movi-
ento operado por lord Wellington, quando passou da mar-
m esquerda para a direita do Guadiana, nenhum escrupulo
ve em faltar á verdade, dizendo que Soult tinha tomado ao
neral inglez muitos doentes e uma parte da artilheria de
io. Alem d'esta falsidade, teve como de grande importan-
a o levantamento do cerco de Badajoz, não se lembrando
e um dos mais bellos rasgos do saber militar de Napoleão,
principio das suas campanhas da Italia, foi a presteza com
e levantou o cerco de Mantua, quando o general austriaco
urmser vinha sobre elle com forças superiores, chegando
esmo Napoleão ao ponto de sacrificar a sua artilheria de
co (o que não fez lord Wellington), passo a que se seguiu
ar, para melhor poder avançar posteriormente contra o
adversario.

Das duas columnas de cavallaria franceza que no dia 21
iam passado o Guadiana, como acima notámos, uma d'el-
atravessára aquelle rio em Badajoz, e a outra nos dois
s, onde o caminho de Extremoz para Juromenha e Oli-
ça igualmente atravessa o dito rio abaixo do confluente
Caya. Depois de ter repellido os postos avançados dos
ados, a columna da direita, achando-se demorada pelo
osso da cavallaria ingleza e pela portugueza de Madden,
irou-se, sem que pelo lado de Campo Maior podesse ter
servado a posição occupada por lord Wellington; mas a
lumna da esquerda conseguiu surprehender nas vizinhan-
s de Villa Viçosa e de Elvas um esquadrão do undecimo
e dragões, não podendo o segundo dos dragões allemães,

que estava sobre o Guadiana, retirar-se para Elvas sem sof
rer sentidas perdas, calculadas em 150 homens, entre mor
tos e prisioneiros. Em seguida a isto as tropas francezas e
tabeleceram-se definitivamente ao longo do Guadiana, des
Montijo, ao nordeste de Badajoz, até Xerez de los Cabal
ros, que lhe fica ao sul, tratando de procurar viveres, ta
para si, como para abastecerem a praça que tinham vi do
soccorrer. Á excepção de uma infructuosa tentativa, dirigida pelos mesmos francezes para o lado de Albuquerque, no intento de cortarem os destacamentos da cavallaria alliada, elles nada mais fizeram, ficando por uma e outra parte as operações em suspenso. Chegadas as cousas a estes termos, com rasão se julgava imminente uma grande e decisiva batalha, e postoque esta não tivesse logar, nem por isso deixou aquella epocha de se ter para Portugal como uma das mais criticas que houve em toda a guerra da peninsula, á vista das consideraveis forças de que ali dispunham os marechaes Soult e Marmont, computadas em mais de 66:000 homens, numero muito superior ás que por si contava o exercito luso-britannico.

Para se reunir tão numeroso exercito necessario foi desguarnecer quasi de todo os reinos de Leão e Castella, reduzindo-se a par d'isto ao menor numero possivel os sitiantes de Cadiz. Bessieres tinha por então abandonado as suas emprezas contra a Galliza pelo lado das Asturias; Bonnet, reunido ao general Mayer, que no reino de Leão substituira o general Serras, apenas se achava em estado de conter os gallegos pelo lado de Orbigo. Por conseguinte os dois principaes exercitos francezes, que por então havia na peninsula, os de Marmont e Soult, achavam-se concentrados na Extremadura hespanhola, parecendo ser do seu intento, e não menos do seu interesse, darem effectivamente uma grande batalha, estando da parte d'elles a iniciativa. As vantagens por elles ganhas em Badajoz, a par da surpreza que contra os alliados a sua cavallaria tinha ultimamente feito no Caya com tão bom exito, amplamente os compensava dos revezes por elles experimentados nos encontros em los Santos e em Usagre: uma

lhante batalha era pois a natural consequencia do feliz
esso que por si tiveram na sua empreza de soccorrer
ıjoz, e na gloria de o fazerem, sem perda de um só sol-
), repellindo até certo ponto os alliados para Portugal,
scido tudo isto com a fallaz supposição de terem por sua
ctoria da batalha de Albuera. Era inquestionavelmente
) que o resultado da campanha, operada por elles na Ex-
adura, tinha-lhes sido favoravel, sendo-lhes portanto ne-
ırio segurar por alguma acção brilhante o bom aspecto,
por então apresentavam na Hespanha os seus negocios
icos. Segundo mr. Thiers aquelle seu exercito, submet-
n'aquella provincia ao commando superior do marechal
., não tinha por aquelle tempo outro igual na Europa,
:epção apenas do do marechal Davoust; a sua cavallaria
ı-lhe prestar o mais importantes serviços nos terrenos
ıs em que se achavam os exercitos contendores. Esta
ıião era por conseguinte uma das melhores, que a for-
lhes podia ter deparado para descarregarem sobre lord
ington um aspero e decisivo golpe, por meio do qual
ıriam com gloria sua o desaire da mallograda empreza
iassena, golpe que por certo obrigaria o general inglez a
novamente intrincheirar nas linhas de Torres Vedras,
vez mesmo, quem sabe, se a ausentar-se de todo para
da peninsula, com a attendivel circumstancia de que a
m mal succedidos na batalha que travassem, não lhes
ia trazer isso consequencia funesta, poisque a grande
a da sua cavallaria e a sua proximidade da praça de Ba-
z, que estava em seu poder, os livrava de uma formal
ota. Póde crer-se que uma das causas da sua inacção
iesse de supporem que o exercito alliado estava em
lo maior força do que aquella que na verdade tinha, re-
ndo encorporadas n'elle todas as tropas hespanholas,
não lhes ter sido possivel reconhecer devidamente a
ão de lord Wellington, a qual este general mantinha
a maior resolução e confiança. Fosse porém como fosse,
to é que a preconisada batalha não teve jamais logar.
: Napier, repetindo o axioma de Napoleão, que na guerra

a força moral vale mais do que a physica, acrescentando que a derrota do Bussaco, a do Sabugal, a de Fuentes de Oñoro e particularmente a horrivel carnagem da batalha de Albuera achavam-se ainda fortemente presentes na memoria dos exercitos francezes; as suas feridas, inflammadas como estavam, ainda gotejavam vivo e copioso sangue, e se Cesar, depois do revez de Dyrrachium não julgou prudente dar batalha com soldados recentemente batidos, o marechal Soult, apesar da sua experiencia da guerra e da sua bravura nos combates, póde merecer-nos desculpa da falta de resolução que n'este caso mostrou, e com tanta mais rasão, com quanta elle sabia e praticamente conhecia que as divisões do exercito luso-britannico que ali tinha na sua frente, postadas por trás do Caya, eram da mesma tempera, quanto ao seu valor, disciplina e coragem, que a d'aquellas que elle mesmo havia já combatido no Douro e sobretudo nas margens do Albuera, tendo ellas de mais a mais por si a lisonjeira experiencia do que valiam e podiam na sua luta contra os exercitos francezes. Quanto a lord Wellington, tambem a nós nos parece que a resolução e firmeza, patenteadas por elle em aceitar batalha ao inimigo nas margens do Caya, eram-lhe mais que tudo inspiradas por considerações moraes, filhas aliás da perigosa crise de que se achava ameaçada a causa por elle defendida, poisque debaixo de certos pontos de vista temos para nós que similhante resolução era uma grande temeridade, que bem podia para essa mesma causa trazer comsigo as mais graves consequencias: todavia não desconhecemos o peso que deve ter o que elle proprio nos diz, confessando que a idéa de proteger Elvas e Campo Maior muito concorrêra tambem para a resolução que tomára d'ali embaraçar a marcha dos francezes para o Alemtejo.

Para obrigar Soult a deixar-lhe o campo lord Wellington ordenou ao general Blake que fosse atacar Sevilha com as forças de que dispunha, tendo com isto em vista não sómente o fazer com que Soult corresse sem demora em defeza d'aquella cidade, cujos arsenaes e armazens tão indispensaveis lhe eram para manter no devido pé o sitio e bloqueio

diz, mas tambem com o fim de desviar do seu exercito
ollega indocil e recalcitrante, e juntamente com elle as
s do seu commando, as quaes não deixariam por certo
desavir bem depressa com as portuguezas, mal com
or outro lado igualmente se reunia a sua grande insu-
nação e indisciplina, de que resultava olhar mais como
a do que util a presença de Blake e a do seu exercito.
via este general, tendo-se posto em marcha no dia 18
nho, e repassando no dia 22 o Guadiana em Mertola,
ez de caír logo sobre Sevilha, onde pelo menos poderia
estruido por um repentino golpe de mão os seus arse-
e armazens, tão fraca como então era a sua guarnição,
ervou-se inactivo até ao dia 30 em Castillejos, indo de-
perder um tempo precioso diante do castello de Niebla
apenas 300 homens de guarnição, castello que aliás não
tomar, tanto por falta de artilheria de bater, como de
as. Sabedor como o marechal Soult foi da marcha de
, ordenou fazer saltar Olivença, e tomando a si alguma
aria, atravessou de prompto a serra Morena em Santa
a no dia 27 com a divisão de Godinot, que formava a
rda do seu exercito, e á frente d'esta força foi acudir
ilha, depois de ter novamente abastecido a praça de
oz, de que resultou desfilar Blake para Ayamonte e
rcar-se depois para Cadiz no dia 6 de julho, sendo
protegido pela cavallaria e uns 3:000 homens do ge-
Ballesteros, o qual para este fim tinha tomado posição
o rio Piedra, d'onde depois passou para as montanhas
oches, sobre a sua esquerda, até que os francezes o
ram d'ali a retirar-se, dirigindo-se de lá para a ilha
nelas, onde se intrincheirou. Conservando-se ali até ao
de agosto, em Villa Real se foi por fim embarcar para
, debaixo da protecção das milicias portuguezas, em-
o que a sua cavallaria subia pelo Guadiana para se ir
com Castaños, que se achava na Extremadura com
as tropas, ficando a Andaluzia novamente tranquilla
to do dominio francez na pessoa do marechal Soult.
o obstante o mallogro da tomada de Niebla, e do ne-

nhum effeito do seu projectado golpe de mão sobre a cidade de Sevilha, lord Wellington conseguiu todavia o fim que com a marcha do general Blake tivera principalmente em vista, isto é, o de fazer retirar Soult da Extremadura hespanhola para a Andaluzia, para onde se dirigira, reputando-se Portugal salvo dos males de uma nova invasão franceza na provincia do Alemtejo, projectada como fôra pelos marechaes Soult e Marmont. O exercito luso-britannico ficou na sua posição do Caya em frente dos do duque de Ragusa e Drouet até 14 de julho, no qual o dito duque, tendo guardado por alguns dias a direita do general Drouet, e mandado tambem fortificar os castellos de Medellin e Truxillo, deixando ficar n'este segundo a divisão do general Foy com quasi toda a cavallaria, para manter segura a sua communicação com Badajoz, se poz por fim em marcha para as margens do Tejo, indo-se estabelecer entre Alcantara e Talavera de la Reyna, occupando tambem Almaraz, Plasencia e os desfiladeiros de Bejar e Baños, tendo com isto em vista, não só cobrir Madrid, mas pôr-se tambem em communicação com os exercitos do norte e do sul. Similhante posição era por certo de vantagem para o inimigo, e Marmont sobeja rasão teve de a tomar contra a opinião de Soult, que queria conservar o exercito de Portugal na esphera das suas operações ordinarias, confiando-lhe a guarda de Badajoz. Á conservação de Almaraz ligou o marechal Marmont grande importancia com justificado motivo, tendo aquella ponte como centro das suas communicações, de que resultou julgar-se obrigado a construir ali, para segurança da passagem do Tejo, uma dupla cabeça de ponte, como effectivamente praticou. Soult pela sua parte, não podendo conseguir d'aquelle marechal o ficar em apoio da guarnição a Badajoz, commetteu a Drouet, cujo quartel general se estabeleceu em Zafra, a vigia e observação d'aquella praça, deixando-lhe para este fim, com a força que comsigo trouxe, uma porção da do quinto corpo debaixo do seu commando e um destacamento de cavallaria, cousa que por si não teve rasão de ser, porque quando o exercito luso-britannico abandonasse aquellas paragens, o corpo de Drouet tor-

ava-se perfeitamente inutil, e quando permanecesse n'ellas, s tropas d'aquelle general achavam-se inteiramente compromettidas, como dentro em pouco tempo se viu com a surpreza feita ao general Girard pelo general Hill, como se rá em breve.

A estação calmosa em que se estava, tão damnosa como já sabia ser para as tropas luso-britannicas nas margens e vizinhanças do Guadiana, n'ellas se começava a fazer novamente ntir, circumstancia que por então impediu recomeçar-se tra vez com o cerco de Badajoz por aquelle tempo, ainda esmo que a posição de Marmont no valle do Tejo o não esse tornado impraticavel, de que resultou ter o mesmo rd Wellington de adoptar um novo plano para as suas furas operações. Feliz como todavia se julgou em ter por is outra vez salvado Portugal, deixou finalmente o Caya 21 de julho, indo aquartelar o grosso das suas tropas em stello de Vide, Marvão e outros mais logares vizinhos ao jo, d'onde no mesmo mez de julho se dirigiu para a Beira, o só para impedir que a Galliza e o general Abadia fossem cados pelo exercito do norte, mas tambem para procurar veres e dispor-se para o ataque da Cidade Rodrigo, posndo novamente o mesmo Hill em Portalegre, Arronches, tremoz e Villa Viçosa, com o fim de cobrir o Alemtejo m a segunda divisão do seu immediato commando, em e entrava a segunda brigada portugueza de 6 e 18 de interia com caçadores n.º 6, e a divisão portugueza de interia do general Hamilton, composta por então de tres igadas, a de 2 e 14, 4 e 10 com caçadores n.º 10, e a de 5 17 com caçadores n.º 12. A passagem do Tejo achava-se sera em Abrantes, bem como as communicações com a Beira r meio de Niza e Villa Velha, onde se havia estabelecido a ponte de barcos. Hill tinha alem d'isso a sua frente progida por Elvas, Juromenha, Campo Maior e Ouguella. Francisco Xavier Castanhos com as poucas tropas do tinto exercito hespanhol tomou quarteis em Albuquerque, lencia de Alcantara e suas vizinhanças. Por este modo os is respectivos exercitos, e os corpos de cada um d'elles

retomaram novamente os pontos d'onde anteriorm
tiram, e cuja conservação especial e immediata l
sido confiada.

Vê-se pois que nos primeiros seis ou sete i
campanha de 1811 houve desde Cadiz até ao Dou
rendo do meio dia para o norte, praças perdidas e
batalhas ganhas, e não poucos momentos de crise
bos os exercitos contendores. Pela sua parte os all
deram Badajoz, mas recobraram por outro lado A
libertaram Portugal do jugo francez, propendend
seguinte a fortuna alguma cousa mais para o seu l
sar das severas perdas por elles experimentadas
marchas e operações. Lord Wellington, escrevend
guel Pereira Forjaz e ao conde de Liverpool na
de julho, terminava o seu respectivo officio pel
fórma: «Estimaria bem poder participar a v. ex.
tagens de maior importancia houvessem resultad
em consequencia da reunião das tropas inimigas n
da Extremadura, com o fim de levantarmos o cer
joz, e que fossem mais bem calculadas para n
rem com o mallogrado exito, que experiment
occasião. Porém temo que emquanto o govern
não reformar o seu systema militar: emquanto a
lidade não for instruida, as suas tropas disc
seus recursos regulares e applicados á manut

io de todas as suas forças contra nós, porque os exer-
hespanhoes não são nem disciplinados, nem providos,
equipados de maneira a poderem executar a mais insi-
ante operação, quando achem a mais pequena resis-
da parte do inimigo. Por conseguinte o que em taes
nstancias nos cumpre fazer é espreitar as occasiões
tunas de emprehender operações importantes, mas de
duração na sua execução, e isto com os meios que nos
immediatamente disponiveis, até que os exercitos hes-
oes estejam em melhor estado do que aquelle que fica
do». Tendo-se pois o inimigo retirado da Extremadura
anhola, o mesmo lord Wellington, depois de maduro
e, resolveu transferir novamente no mez de julho, como
támos, o theatro da guerra para as fronteiras de Leão
seguintes motivos geraes: 1.°, porque na estação em
se estava nada com esperança de bom exito se podia
ehender contra Badajoz; 2.°, por não ter o exercito
britannico força sufficiente para se aventurar a entrar na
luzia; 3.°, porque, segundo as noticias recebidas, a força
eza do exercito do norte era menor que a do sul, e por-
o exercito chamado de Portugal, destinado a combater o
britannico, fosse qual fosse o lado por que este effei-
e as suas operações, não seria tão fortemente susten-
no norte como no meio dia. N'esta ultima supposição
e engano da parte de lord Wellington, porque o exercito
ez do norte, mesmo antes da chegada dos reforços que
is lhe vieram de França no citado mez de julho e no de
o, era mais forte ainda que o do sul.
a por aquelle mesmo tempo que na Catalunha se tinha
a dispersão do seu exercito a par da tomada de Tarra-
e da do forte de Montserrat, effeituadas ambas por
et, como no seguinte capitulo veremos. Uma divisão do
ito do centro tinha batido as guerrilhas de Guadalaxara
enca, restabelecendo assim as communicações com o
lo. Os reinos de Valencia e Murcia estavam justamente
rontados pelos revezes experimentados nas suas fron-
, isto é, pelos de Tarragona e Baza. Pela sua parte Na-

. nado, para sacudir o jugo francez, durante a e
e Marmont no Guadiana, os generaes inimigos
ramente senhores dos meios de se preparar
como entendessem as suas conquistas, e is
promptamente, quanto que o rei José Buonap
proximo a voltar de París para a Hespanha, de
ciliado com o imperador seu irmão, como se v
no seguinte capitulo. Queria Napoleão que Suc
quanto antes os seus preparativos para sitiar
baixo de cujos muros aquelle general tinha reso
no meado do mez de setembro, ao passo que So
em segredo uma vasta empreza, que devia mu
pecto da guerra. A guarda imperial havia ent
de Leão no mesmo momento em que José Buon
em Valladolid, para se dirigir a Madrid, onde
dia 14 de julho de 1811, anno de que ao prese
occupando. No dia 17 treze mil homens do exe
haviam-se concentrado em Benavente, retiran
montanhas o general Santocildes. Bessières tin
um grande comboio na Cidade Rodrigo, retira
para França, em rasão do tratado feito entre
Napoleão, de que resultou dar-se ao genera
commando do exercito do norte, dispondo-se
elle na Galliza. Marmont teve ordem de aband
de Castella e Leão, em consequencia da prote
cito do norte, devendo retirar de lá todos os

s operações para o inimigo. Foi tambem por então que Mar-
ont recebeu ordem de tomar posição no valle do Tejo e em
uxillo, como já vimos, devendo fortificar Almaraz e Al-
ntara para segurar a passagem d'aquelle rio.
Pensava Napoleão que similhante posição permittia a Mar-
ont embaraçar o progresso dos alliados mais seriamente
que qualquer outra. Estes, dizia elle, não tem n'este mo-
nto outro projecto senão o de invadir a Andaluzia, para
rem levantar o cerco de Cadiz, empreza que o mesmo
rmont lhes deverá embaraçar, movendo-se sobre o seu
nco. Quanto ao norte, acrescentava mais, os alliados, nada
dendo ter em vista, achar-se-hão tanto menos dispostos a
tar qualquer cousa séria por este lado, quanto mais fa-
mente verão a promptidão com que os francezes lhes cai-
sempre a tempo sobre as suas reservas. A dirigirem-se
a Andaluzia, Marmont poderá operar igualmente sobre
lquer dos seus flancos, e a ficar estacionario, protegerá
drid e dará com isto força e actividade á administração do
Foi por effeito das ordens recebidas que o mesmo Mar-
nt, ao retirar-se da Extremadura hespanhola, passou a
upar Talavera de la Reyna e outros mais pontos no valle
Tejó, como já notámos, pondo uma divisão em Truxillo,
castello foi reparado, bem como o de Medellin. Uma ou-
divisão occupou Plasencia, tendo postos de observação
desfiladeiros de Bejar e Baños. Badajoz devia ser guar-
da por destacamentos do exercito do centro, do de Por-
l e do do sul, a fim de interessar todos os commandantes
tes differentes corpos na segura conservação d'esta praça.
mesma rasão devia a Cidade Rodrigo ser igualmente
necida por uma força do exercito do norte, a fim de que
mont se não descuidasse de soccorrer o exercito do sul,
o pretexto de precisar soccorrer aquella praça. Temos
nós que lord Wellington não podia deixar de penetrar
meio de tudo isto as intenções de Napoleão, não desani-
ndo em presença das difficuldades que contra si tinha.
baixo das suas ordens via elle por então um aguerrido e
perimentado exercito, cujos officiaes se achavam já ao cor-

rente das suas obrigações e deveres no campo, havendo elle
proprio avaliado tambem a capacidade dos seus adversarios
e reconhecido igualmente o seu merito na luta em que com
elles se achava empenhado. Soult era realmente um general
habil, concebendo vastos e judiciosos planos, prejudicados
ordinariamente na pratica pelo excesso da sua circumspec-
ção. Marmont juntava a temeridade ao seu muito vigor, pro-
vando estas qualidades pelas obras que levantára nas mar-
gens do Tejo, e pela maneira por que ali postára a divisão
Reynier. De tudo isto resultava julgar lord Wellington que nas
operações combinadas d'estes dois generaes não podia deixar
de lhes faltar o rigoroso acordo, cousa tão necessaria para
lhes garantir o bom exito do que entre si emprehendessem.

Combinadas e convenientemente estudadas como foram
por lord Wellington todas as cousas para o seu novo plano de
guerra, tratou elle de preparar tudo quanto para tal fim lhe
era necessario. Fôra da sua primitiva intenção ficar nos
acantonamentos que tomára no Alemtejo, depois da retirada
de Marmont, até que do Porto se remettessem para as vizi-
nhanças do Agueda a artilheria e munições necessarias para
o ataque da Cidade Rodrigo, que tinha na mente sitiar. Mas
esta marcha, que só devia ter logar no principio de setem-
bro, effeituou-se todavia nos fins do referido mez de julho e
principios de agosto, ou mais cedo do que se pensára, por
mais estas rasões em particular. Postoque no fim de julho
se soubesse que o marechal Bessières evacuára as Asturias
e Astorga, logoque Marmont se dirigiu para a Extremadura
no principio do dito mez, augmentando por esta causa as
suas forças disponiveis, tambem por outro lado se soube
que D. Julião Sanches bloqueára tão estreitamente a Cidade
Rodrigo, que não era possivel ao inimigo communicar com
esta praça, nem abastece-la[1]. Igualmente se interceptára um

[1] Uma grande parte do que se vae ler d'aqui até ao fim do capitulo
é geralmente tirado da Historia de Napier e do *memorandum* dirigido por
lord Wellington ao conde de Liverpool, com data de 29 de dezembro de
1811, sobre a campanha d'este mesmo anno, *memorandum* que constitue
o documento n.º 103.

de viveres, que para ella ia, quando Marmont a dei-
)rincipio de junho, circumstancia que deu logar a
que as suas provisões se achariam esgotadas a 20 de
[aes foram as rasões particulares por que em addita-
; geraes do anterior paragrapho se fez immediata-
ıarchar o exercito para o norte do Tejo com o fim
ıear a Cidade Rodrigo, a não ter sido abastecida, e
antonar na Beira Baixa, quando o tivesse sido, em-
ıão chegassem a artilheria e munições acima men-
. Alem d'estas, outras mais rasões havia ainda de
; quarteis do estio no reino de Leão, antes que na
ixa: uma era a de que no dito reino mais facilmente
m alcançar os viveres de que se precisasse do que
; a outra era a de que, ameaçando-se atacar a Ci-
lrigo, se impediria com este passo que a Galliza e o
do general Abadia fossem atacados pelo exercito
, do commando de Dorsenne, cousa de que por en-
o se receiava.
)s principaes requisitos do plano de lord Wellington,
tino a sitiar a Cidade Rodrigo, era o de dispor os
ıra tal empreza, sem que o inimigo o percebesse, e
ı que elle fez pelo seguinte modo. A bordo de alguns
navios, fundeados no Tejo, fez elle embarcar um
rem de artilheria, composto de peças de ferro, mor-
um reforço de artilheiros, ultimamente vindos de In-
De proposito se fez o respectivo embarque com toda
ção e apparato no publico, saindo a barra de Lisboa
ıs navios como em direcção para Cadiz. Chegados po-
ılto mar, baldearam a artilheria para bordo de navios
s. que secretamente a foram desembarcar no Porto,
ndo os grandes navios na sua viagem para Cadiz. Do
i a dita artilheria para Lamego, levada até áquelle
)s barcos do Douro. Officiaes de engenheria, de arti-
; empregados no commissariado a fizeram depois
, com o material de sitio, para a villa da Ponte, perto
ico. Lamego foi então a cidade onde se estabeleceu
principaes armazens do exercito inglez, havendo

marcha para a Beira. Era quasi impossivel em
cezes, a não ser o entranhavel odio que mui
lhes votavam todos os peninsulares, sendo c
mente era uma operação difficil a de conduzir,
notavel, o transporte de sessenta e oito peças
com as munições competentes por um paiz
n'uma extensão de dezoito leguas de camin
bois foram destinados a similhante operação,
milicianos portuguezes se empregaram duran
manas em reparar a estrada por onde havia de
a citada artilheria.

Logo que lord Wellington julgou, pelo já cit
interceptado, que na Cidade Rodrigo faltavam v
mente se decidiu a passar o Tejo em Villa Velh
sobre aquella praça por Castello Branco e Pen
rando surprehende-la, victima da falta de vivere
punha, dizendo todavia e espalhando que o m
operava não tinha outro fim senão o de procur
tropas aquartelamentos mais sadios que os
d'onde lhe era necessario remover quanto ante
tropas, attenta a insalubridade das margens
Era por então que o general Dorsenne (que no
exercito do norte substituíra o marechal Bes
çava seriamente a Galliza, como já notámos, a
marechal Soult operava contra Murcia. Por
marcha dos alliados para as vizinhanças do Cô

dade Rodrigo, enfraquecendo assim o exercito de Soult, a ponto de poder ser levado ao extremo de abandonar até a propria Andaluzia.

A conservação da Galliza fóra do jugo francez era de grande importancia para os alliados, por ser ella a base de todas as operações, destinadas a cortar a linha de communicação dos exercitos francezes com Paris; por ser dos seus portos que partiam todos os navios inglezes, destinados a manter e a tornar sempre activa a guerra das guerrilhas na Biscaya, no districto de Montaña, na Navarra, na Rioja e nas Asturias; por ser ella a que fornecia a maior parte do gado ao exercito alliado; e finalmente por tambem ser ella a que se olhava como um baluarte para Portugal pelo lado do norte, de modo que a ser governada com rectidão e vigor, poder-se-ía reputar de tanta ou ainda de maior importancia do que a propria Catalunha. Mas como em todo o resto da Hespanha as desavenças intestinas continuamente a debilitavam, receiava-se que Dorsenne facilmente se assenhoreasse d'ella, a permanecer no Alemtejo o exercito luso-britannico. Já se vê pois que muitas e differentes rasões levavam lord Wellington a remove-lo quanto antes d'aquella provincia para a da Beira Baixa e d'aqui para as vizinhanças do Côa, onde effectivamente chegou no dia 8 de agosto, projectando sitiar a praça da Cidade Rodrigo. Sabendo porém que os francezes lhe tinham já mettido no dia 6 d'aquelle mez um comboio de viveres para dois mezes, ficou por esta causa mallograda pela base a prompta execução do seu projecto. O exercito foi então aquartelado perto das origens do Côa e do Agueda, tocando quasi na linha de communicação entre Marmont e Dorsenne, e no districto que ainda tinha algum trigo para fornecer-lhe. Quando o inimigo avançasse em força, em tal caso poderia o exercito retirar-se d'ali por um paiz fortemente accidentado, para uma posição favoravel ao combate, tendo uma communicação directa com o general Hill para o Alemtejo. O resto da Beira não tinha perigo algum, não podendo os francezes avançar na direcção de Almeida, sem exporem o seu flanco esquerdo a um ataque dos alliados, ao passo

que estes tinham toda a facilidade de enviar destaca
para o valle do Mondego, soccorrendo ao mesmo te
armazens de Celorico: sómente a linha que seguiam o
boios e a artilheria, vindos de Lamego, se achava un
a descoberto.

Os preparativos destinados ao cêrco da Cidade R
avançavam rapidamente, mas sabendo lord Wellingt
a força dos exercitos francezes do norte se reforçá
mais de 20:000 homens, subindo o seu estado effe
mais de 100:000 no mez de agosto, e portanto que
impossivel atacar aquella praça com esperança de b
sultado, em presença de similhantes exercitos, incl
de Marmont, decidiu-se a mudar o cerco em bloqu
perando por occasião opportuna de descarregar subit
os seus golpes, tanto sobre aquella praça, como s
tropas inimigas. Lord Wellington fundava as suas e
ças na impossibilidade em que os francezes se acha
terem as suas forças reunidas, attenta a sua falta
res, cuja busca as dispersava; e como podia fazer
marcha dos seus exercitos nas fronteiras de Portugal
igualmente pôr o inimigo na alternativa ou de se
trar, ou de ver tomarem-lhe alguns dos seus postos
tantes. Nos primeiros dias de setembro Marmont con
mover algumas das suas tropas de Plasencia para os
deiros de Bejar e Baños, cousa que não embaraç
Wellington de continuar com o bloqueio posto á Cid
drigo. Em Fuente Guinaldo estabeleceu elle o seu
general, poz em Perales a 5.ª divisão de observação
mont, e postou em Penamacor a 1.ª divisão, já por
tempo commandada pelo general Graham. Uma ba
artilheria e tres brigadas do general Hill, reforçadas
regimento portuguez, passaram o Tejo e dirigiram-se
çul, adiante de Castello Branco, para protegerem os
zens que estavam n'esta linha de communicação. En
reunia-se perto do Douro, na Villa da Ponte, estrada de
da Pesqueira, todo o trem de artilheria, empregand
soldados em arranjar gabiões e fachinas, sendo igu

egados pela engenheria como sapadores 200 homens
ha. Reparou-se a ponte que o marechal Massena tinha
lo no Côa em direcção a Almeida, dando-se tambem as
; para que esta praça se reparasse e pozesse em bom
.
etido com estas providencias se achava lord Wellington,
› os movimentos do marechal Marmont o vieram pre-
para o combate. Bloqueada como a Cidade Rodrigo se
desde seis semanas atraz, a falta de viveres já n'ella se
ıva a sentir, e Marmont (cujo exercito, reforçado por
1:000 homens, que recentemente lhe tinham vindo de
, contava 50:000 debaixo d'armas) havia concertado
orsenne um grande movimento para libertar a praça.
arte do 5.º corpo occupava com estas vistas Truxillo,
tinha avançado com a outra para Merida, e Foy, re-
› por uma divisão inteira do exercito do centro, oc-
Plásencia. O mesmo Marmont, deixando Talavera, ti-
ssado as montanhas e reunido um grande comboio em
destinado á Cidade Rodrigo. Pela sua parte Dorsenne,
comsigo 8:000 homens de Souham, elevando com el-
orça do seu exercito a 25:000, formava ao mesmo
um outro comboio em Salamanca, destinado igual-
áquella praça, e deixando elle em Astorga a divisão
, á qual se tinham juntado as tropas do general Mayer,
ıva sobre Tamames. A juncção d'este seu exercito
de Marmont fez-se no dia 21 de setembro, formando
reunião uma força não menos de 60:000 homens,
dos quaes eram de cavallaria, trazendo comsigo 125
le artilheria, segundo a contagem feita por lord Wel-
.
aquelle mesmo tempo o exercito luso-britannico ele-
a mais de 80:000 homens, dos quaes 56:000 eram
s, incluindo a cavallaria, mas o numero dos presentes
po limitava-se apenas a 24:000 portuguezes e a 33:000
s, 5:000 dos quaes eram de cavallaria: a sua artilhe-
ava 90 peças. A campanha do Alemtejo tinha sido
ao referido exercito, em rasão das molestias, que em

grande escala n'elle se tinham desenvolvido, tornando—
cada vez mais contagiosas, de que resultára terem entra
no hospital mais de 23:000 homens[1]. Conseguintemente d
duzido do respectivo numero, ou do da totalidade do sobr
dito exercito o da parte commandada pelo general Hill, lo
Wellington não tinha debaixo do seu immediato comman
para fazer frente a Marmont e Dorsenne, mais de 40:000 h
mens no campo, incluindo a propria guerrilha de D. Jul
Sanches, sendo esta a força com que se destinava a mante
bloqueio da Cidade Rodrigo, a despeito das forças dos exercitos francezes d'aquelles dois generaes. O mesmo lord Wellington não esperava que tão cedo se fizesse a concentração das tropas inimigas no reino de Leão, circumstancia que tambem o levou a concentrar as suas tropas; e não podendo vantajosamente combater Marmont alem do rio Agueda, para sustentar o bloqueio que pozera á Cidade Rodrigo, retirou-se para uma outra posição, menos perigosa e mais vizinha d'aquella praça, posição d'onde mais facilmente se podia retirar, no caso

[1] O estado do exercito luso-britannico no 1.º de outubro de 1811 era o seguinte, não comprehendidos os tambores e artilheiros.

	Cavallaria				
	Presentes	Doentes	Officiaes	Prisioneiros	Total
Inglezes	3:571	1:114	947	298	5:930
Portuguezes	1:373	256	1:140	–	2:769
Total.......	4:944	1:370	2:087	298	8:699
	Infanteria				
	Presentes	Doentes	Officiaes	Prisioneiros	Total
Inglezes	29:530	17:974	2:663	1:684	51:851
Portuguezes.......	23:689	6:009	1:707	75	31:480
Total.......	53:219	23:983	4:370	1:759	83:331

de revez. Na referida posição o centro do seu exercito, formado pela terceira divisão e por uma porção da brigada de cavallaria do major general Victor Alten, occupava em El-Bodon, á esquerda do rio Agueda, a cadeia de montanhas que d'ali vae até Pastores, cousa de tres milhas distante da Cidade Rodrigo, sendo nas alturas de Pastores que se achava uma guarda avançada, formada pelo regimento inglez n.º 60, dominando-se d'ali as planicies que cercam aquella praça. A ala direita, constituida pela divisão ligeira, com alguns esquadrões de cavallaria e seis peças de artilheria, achava-se para alem do Agueda e por traz de Vadillo, pequena ribeira, que, profundando-se muito pelo terreno, e tendo a sua nascente em Peña de Francia, se vae por fim lançar no mesmo Agueda, cousa de uma legua distante da Cidade Rodrigo. D'esta posição podiam os alliados distinguir facilmente os movimentos do inimigo através dos desfiladeiros de Bejar e Baños, que lhes ficavam ao nascente da posição, que nas respectivas alturas occupavam. A ala esquerda, formada pela 6.ª divisão e a brigada de cavallaria do major general Anson, sendo toda esta força commandada em chefe pelo tenente general Graham, achava-se em Espeja, sobre o baixo Azava, tendo postos avançados em Carpio e Marialva. De lá até á Cidade Rodrigo havia perto de tres leguas de vastas planicies. Á esquerda do mesmo Graham achava-se D. Carlos de Hespanha de observação ao baixo Azava, commandando nominalmente a cavallaria e infanteria de D. Julião Sanches.

Á vista do exposto podia portanto dizer-se que a testa das columnas alliadas se dirigia contra a Cidade Rodrigo por tres differentes direcções; a saber: pelo vau de Vadillo, pelas collinas de Pastores e pelas de Espeja. Duas brigadas de grossa cavallaria, postadas no alto Azava, e sustentadas em Campillo pela brigada portugueza de Diniz Pack, mantinham a communicação entre a ala esquerda e o centro do exercito. Todavia esta ala achava-se muito desviada de Fuente Guinaldo, que era o ponto capital, ou a base fundamental das operações ali a executar. Para obstar ao movimento de uma marcha de flanco, no caso que o inimigo atacasse a posição e d'ella se

tornasse necessaria a retirada, postou-se em Alamedilla a
divisão como em reserva, e em Nave de Avor a 1.ª Eis-[illegible]
pois o modo por que o exercito luso-britannico se ac[illegible]á
postado nas diversas estradas que se dirigem para o Côa, fo-
mando assim uma especie de leque, tendo por eixo dos seus
movimentos a Cidade Rodrigo. A quinta divisão estabelecê-
ra-se em Sampaio, destinada a vigiar por ali o desfiladeiro de
Perales, attento o receio que havia de que o general Foy ap-
parecesse por aquelle lado, vindo da Extremadura, destinado
a caír sobre a retaguarda da ala direita dos alliados: e co-
mo o movimento de Marmont ameaçava cortar a linha de
communicação na fronteira oriental, o general Hill enviou
a divisão portugueza, do commando do general Hamilton,
para Albuquerque, com o fim de apoiar a cavallaria hespa-
nhola, ameaçada pelo 5.º corpo, medida a que depois se se-
guiu approximar do Tejo o resto das suas tropas, destinado
a substituir a terceira brigada, posta por então em marcha do
Ponçul para Penamacor.

A posição assim occupada por lord Wellington adiante da
Cidade Rodrigo tinha o defeito de ser muito extensa, com
relação á força que a defendia, e por conseguinte muito fra-
ca. O rio Agueda, posto que vadeavel na estação em que se
estava, é sujeito a repentinos crescimentos de agua, correndo
por entre duas cadeias de collinas muito elevadas, que para
elle a lançam em grandes jorros em occasião das chuvas. As
da margem esquerda, sobre as quaes se tinha estabelecido
uma parte das tropas, tem pouco mais ou menos uma legua
de extensão, terminando pela parte de cima de Pastores e
d'El-Bodon. Por cada uma das suas margens se encontram
grandes planicies e bosques, que vão até á Cidade Rodrigo.
Por conseguinte as alturas d'El-Bodon, occupadas como es-
tavam pelo centro do exercito luso-britannico, não se podiam
ali manter com segurança diante de um inimigo, senhor das
referidas planicies, e com muita cavallaria, permittindo a
grande distancia em que as suas alas se achavam cortar-se-
lhea respectiva linha, e oppor-se-lhe o mesmo inimigo á sua
retirada, no caso do referido centro se ver fortemente repel-

lido para Fuente Guinaldo, onde lord Wellington mandára de provenção construir algumas obras de defeza para impôr ali aos francezes, ganhar tempo para o que lhe podesse ser necessario, e observar-lhes as disposições, querendo assim mais que tudo evitar uma retirada, quando isto lhe fosse possivel; e quando a ella se visse obrigado, faze-la com segurança para áquem de Côa.

No dia 23 de setembro saíram os francezes de Tamames, indo-se acampar por traz das montanhas, que estão ao nordeste da Cidade Rodrigo, d'onde se retiraram pouco tempo depois. No seguinte dia (24) 6:000 homens de cavallaria com quatro divisões de infanteria passaram as referidas montanhas em duas columnas, deixando sobre Vadillo alguns postos de observação, a que se seguiu metterem na praça o seu respectivo comboio. N'aquelle mesmo dia chegára a Fuente Guinaldo a quarta divisão luso-britannica, que ali foi concluir os trabalhos dos reductos, que lá se haviam levantado, consistindo n'algumas obras de cintura, e em duas de campanha, abertas na gola e sem palissadas. Nada mais se fez por parte dos alliados, julgando elles que os francezes tambem nada mais fariam, depois de terem abastecido a praça, que vieram soccorrer. Todavia ao romper da manhã de 25 reconheceram os mesmos alliados a illusão da sua espectativa, quando viram tres esquadrões da guarda imperial, destinados a fazer um reconhecimento ao baixo Azava, repellindo em Carpio, na margem direita do mesmo Azava, as avançadas da sua ala esquerda. Tendo a cavallaria inimiga conseguido passar aquelle rio, foi de prompto recebida pela fuzilaria dos caçadores alliados, que occupavam os bosques, e carregada em seguida por dois esquadrões inglezes do 16.º de dragões ligeiros e por um outro do 14.º da mesma arma, os quaes poderam repellir os atacantes, de que resultou retomarem os atacados a sua posição em Carpio. Durante esta escaramuça percebeu-se que a attenção do inimigo se dirigia mais particularmente para a posição da terceira divisão, que occupava as collinas, que estão entre Fuente Guinaldo e Pastores. E effectivamente seriam oito horas da manhã d'aquelle mesmo dia,

quando se viu o general Montbrun ousadamente apresentar-se em campo á frente de 40 esquadrões de cavallaria, 14 batalhões de infanteria e 12 peças de artilheria. Á testa de tão respeitavel força passou elle o Agueda na ponte da Cidade Rodrigo, bem como nos vaus que estão rio acima, marchando em seguida pela estrada que ía para Fuente Guinaldo. Algum tempo houve de hesitação por parte dos alliados, filha da confusão, proveniente de uma bifurcação de caminhos, que a certa distancia apresentava a mesma estrada, seguida pelos francezes, ignorando-se se viriam pelo ramal que ía ter a Enciña, ou pelo que passa á direita d'El-Bodon e se dirige a Fuente Guinaldo. Vendo-se por fim que este era effectivamente o seguido pelo inimigo, e que seriamente atacava os postos avançados dos alliados, que se achavam espalhados pelas planicies, desappareceu a duvida em que até ali se estava, empenhando-se desde logo a cavallaria inimiga com os alliados n'um combate serio n'aquelle ponto, sem esperar pela sua infanteria.

Facil é pois de ver que o movimento operado pelos francezes torneára completamente a posição dos alliados em El-Bodon, onde se achava postada a terceira divisão, começando o combate muito desvantajosamente para os mesmos alliados. Para fazer rosto aos atacantes, que vinham sobre Fuente Guinaldo, mandára lord Wellington reforçar pelo regimento inglez n.º 77 e pelo portuguez n.º 21 o segundo batalhão do regimento n.º 5 de infanteria britannica, acompanhada toda esta força por duas brigadas de artilheria portugueza, sendo tudo commandado pelo major general C. Colville, indo tambem com ella alguma cavallaria do major general Victor Alten, ao qual lhe restavam ainda tres esquadrões, que não tinham sido empregados. Foi d'El-Bodon que se mandaram vir estas tropas, fazendo-se tambem avançar de Fuente Guinaldo uma brigada da quarta divisão, vindo por fim do mesmo ponto d'El-Bodon o restante da terceira divisão, commandada ali pelo tenente general sir Thomás Picton, o qual não podia com a necessaria presteza acudir com o dito resto ao logar do conflicto, travado na estrada seguida pelo

inimigo. Emquanto estas providencias se ordenavam mandou lord Wellington ao major general Colville que mettesse na linha os citados regimentos inglezes n.º 5 e 77 e o regimento portuguez n.º 21 com as duas brigadas de artilheria d'esta mesma nação, sendo apoiada toda esta força pelos tres esquadrões de cavallaria do major general Victor Alten, já acima mencionados. Não obstante a magnitude da força atacante pôde a pequenez da que foi atacada suster valorosamente a cavallaria e artilheria inimiga. N'este primeiro impeto conseguiu um regimento de dragões francezes assenhorear-se das duas peças de artilheria portugueza, as quaes se achavam postadas sobre uma altura, que ficava á direita das tropas alliadas, sendo as ditas peças posteriormente retomadas aos atacantes pelo já citado 2.º batalhão do regimento n.º 5, começando ellas promptamente o seu fogo contra o inimigo.

Emquanto isto se passava no flanco esquerdo dos atacados, um novo ataque lhes dirigiu um outro regimento francez contra a sua frente, ataque igualmente repellido pelo regimento n.º 77. Os tres esquadrões já citados do major general Victor Alten por varias vezes carregaram então os differentes corpos do inimigo ao subir da collina, que ficava á esquerda dos dois regimentos 77 e 5 da infanteria ingleza acima referidos, tendo na retaguarda pela sua direita o regimento n.º 21 de infanteria portugueza. Ao passo que o general Montbrun atacava assim a esquerda dos alliados com uma parte da sua cavallaria, outros dos seus esquadrões penetravam tambem com vigor por entre o flanco direito dos mesmos alliados, e a aldeia d'El-Bodon. Entretanto o general Picton não tinha ainda chegado ao logar do conflicto, pelas difficuldades que á sua marcha oppunham as tapadas e as vinhas, que cercavam aquella aldeia. A brigada que a quarta divisão devia para ali tambem ter posto em marcha não apparecia igualmente. Por dobrada fatalidade era em tão critico momento que os quatorze batalhões de infanteria inimiga, que da Cidade Rodrigo tinham saído juntamente com os esquadrões da sua cavallaria, se apresentavam no logar

do combate que assim temos descripto. Vendo pois lord Wellington a decidida vantagem que similhante circumstancia vinha dar ao inimigo, sem que de Guinaldo e El-Bodon lhe tivessem ainda chegado as tropas que de lá mandára vir de reforço, resolveu-se a retirar do logar do conflicto para Fuente Guinaldo, como praticou, formando-se em quadrado os dois batalhões do regimento n.° 77 e o segundo do regimento 5, retirando-se tambem em quadrado o regimento n.° 21 de infanteria portugueza, sendo este quadrado sustentado pelos tres referidos esquadrões de cavallaria do major general Victor Alten e pela artilheria portugueza. A cavallaria inimiga, lançando-se com arrojo a accommetter os alliados na sua retirada, obrigou os referidos esquadrões inglezes a se retirarem igualmente, para sustentarem o dito regimento portuguez n.° 21. Os batalhões dos regimentos inglezes n.° 5 e 77 foram seriamente carregados sobre tres das faces do seu respectivo quadrado pela cavallaria inimiga, que aliás fizeram parar, repellindo com a mais bizarra firmeza e a mais distincta coragem o ataque que a dita cavallaria lhes fazia. Foi então, diz o coronel Napier, que o poder do sabre cedeu manifestamente a palma ao da espingarda. Aquella multidão de homens a cavallo, que por sua contavam já a victoria, acclamando-a como tal em altos brados, debalde carregára a pequena força alliada, que julgava esmagar com o seu peso, e mortalmente ferir aos golpes dos seus sabres, porque em vez do que cuidava, o que de facto conheceu e o que rudemente experimentou foi ser constantemente repellida, ferida e dispersa, ouvindo-se o estrondo da fuzilaria repetido pelo echo d'aquelles montes, sobresahindo triumphantes as bayonetas atravez do fumo das expulsões, e observar-se por fim aquella pequena força marchar de um passo cadente e firme para o ponto do seu destino, ora avançando, ora desembaraçando-se do acommettimento do inimigo. Por este modo se continuou a retirada, durante a qual se lhe juntou o resto da terceira divisão, formada igualmente em quadrado, dirigindo-se tudo para Fuente Guinaldo, duas leguas á retaguarda do logar do combate, que assim se abandonou. Ne-

...huma outra tentativa fez o inimigo durante esta retirada ...ra carregar os alliados, contentando-se sómente em dis...rar alguns tiros de artilheria, seguindo-os na sua marcha ...trograda [1].

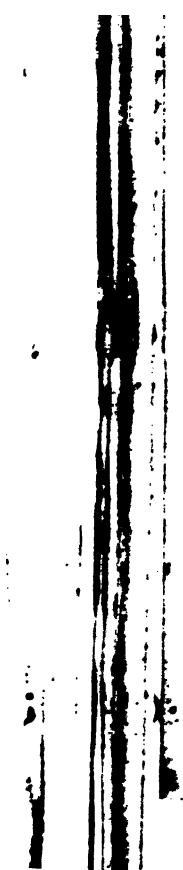
Lord Wellington, ao contrario do seu costume, publicou ...a ordem do dia, destinada a assignalar este notavel feito de ...mas, propondo-o a toda a sua infanteria como um bom mo...o a seguir. Realmente a retirada d'El-Bodon para Fuente ...inaldo, effeituada pelo modo por que se fez, foi um dos ...ntecimentos mais notaveis e brilhantes, que tiveram logar ...rante a guerra da peninsula, e do qual não ha exemplo ade...do nas historias militares. Parece incrivel, mas é um facto, ... cinco batalhões de infanteria, tres inglezes e dois portu...zes, apoiados sómente por tres esquadrões de cavallaria ...leza e por um parque de artilheria portugueza, pertencente ... regimento n.º 2 [2], podessem sustentar e repellir com o ...or denodo e sangue frio as repetidas cargas de quarenta ...uadrões de cavallaria inimiga, acompanhados por seis pe... de artilheria, sendo commandados por um general tão ...nte e decidido como era Montbrun! Era na verdade di... de ver-se a maneira brilhante por que os quadrados de ...nteria alliada se retiravam, fuzilando sempre o inimigo ... a maior coragem. Lord Wellington, que estava no logar ... conflicto, retirou-se de lá dentro do quadrado, formado ...as tropas portuguezas. Os elogios por elle feitos aos ba...hões, que tão celebrado fizeram o combate, e a retirada

1 O duque de Ragusa, dando conta d'este successo ao principe de ...fchatel, dizia-lhe: «O fogo de Montbrun foi tão vivo que esgotou to...as munições... Se eu tivesse então 15:000 homens á minha dis...ição, o exercito inglez teria sido surprehendido em flagrante deli... e batido em detalhe, sem se poder reunir.» A isto póde-se bem res...nder, que se o marechal tivesse sido mais habil não lhe teriam faltado ...xos á sua vanguarda, e os 15:000 homens que diz terem-lhe sido ...ssarios, deveria tê-los achado nos logares precisos no momento de...vo. (*Nota* de Mr. Brialmont,)

2 No combate d'El-Bodon as forças portuguezas que n'elle tomaram ...te subiam ao numero de 3:877 homens, pertencentes a infanteria 9, ... e 21 com caçadores n.º 7 e artilheria n.º 2.

d'El-Bodon, são assim formulados, na parte official por el
dirigida ao conde de Liverpool, na data de 29 de setembro
«Não posso terminar este relatorio dos acontecimentos
semana ultima sem exprimir a v. s.ª a minha admiraçã
pela conducta das tropas, que tomaram parte nos negocio
de 25 do corrente. A conducta do 2.º batalhão do 5.º re
gimento, commandado pelo major Ridge, é sobretudo u
exemplo memoravel do que a firmeza e a disciplina d
tropas e a sua confiança nos seus officiaes podem oper
nas mais difficeis e decisivas situações. A conducta do re
gimento n.º 77, commandado pelo tenente coronel Brom
head, tambem foi bellissima, e eu nunca vi um ataque ma
resoluto do que aquelle, que foi feito por toda a cavallar
inimiga, apoiada por uma artilheria superior, ataque qu
foi repellido por estes dois fracos batalhões. Tambem nã
devo omittir, nem deixar de ter por singular a excellen
conducta, manifestada n'esta occasião pelo regimento p
tuguez n.º 21, debaixo das ordens do coronel Bacellar (Jo
Maria de Araujo Bacellar), e pela artilheria do ma
Arentschildt. A infanteria portugueza não foi por então
regada, mas foi ameaçada por muitas vezes, manifestan
a maior firmeza e a melhor disciplina, tanto pela mane
por que se dispoz a receber o inimigo, como pelos seus m
vimentos de retirada, feita por uma planicie de seis mi
de extensão, em presença de uma cavallaria e de uma
tilheria bem superior. Os artilheiros portuguezes, liga
ao serviço das suas bôcas de fogo, que por um mome
caíram em poder do inimigo, foram mortos sobre as s
peças! [1]»

Como já notámos, lord Wellington tinha antecedenteme
levantado alguns intrincheiramentos na frente de Fuente G
naldo para onde se retirára, e ao abrigo d'elles se decid

[1] Effectivamente das quatro retiradas que lord Wellington fe
rante a guerra da peninsula, a de Talavera, a do Bussaco, a de Burg
a d'El-Bodon, foi esta a mais regular e a unica que se póde dizer
rada á maneira da dos 10:000 do Xenofonte, tão celebrada ent
gregos.

esperar ali pelas tropas, que em Vadillo e Espeja formavam as suas duas alas, cortadas como ambas tinham sido pelos movimentos offensivos do general Montbrun. Similhante espera foi na verdade uma resolução atrevida, porque lord Wellington apenas tinha então ali comsigo 14:000 homens de infanteria e 2:600 de cavallaria para se defender n'uma posição, que apesar de circumscripta e pouco para n'ella temer o ataque de frente, que o inimigo houvesse de lhe dirigir com os seus 60:000 homens e as suas 125 peças de artilheria, tinha todavia o defeito do mesmo inimigo a poder facilmente tornear pelos seus dois flancos. As forças alliadas por que ali esperava não se lhe poderam reunir senão depois de quatro ou cinco horas de marcha, e já quando o inimigo se apresentava em força á vista de Fuente Guinaldo. Postoque os francezes se não mostrassem muito desejosos de entrar n'um novo combate com o mesmo encarniçamento do anterior, nem por isso deixaram de perseguir seriamente os alliados na sua marcha retrograda, disparando contra elles repetidos tiros de metralha até ás quatro horas da tarde em que por então chegaram ao campo intrincheirado, onde a quarta divisão, que não entrára em combate, por ter ficado em Fuente Guinaldo, apresentava ali ao inimigo uma nova frente de tropas frescas, reforçadas como foram pela brigada portugueza de Diniz Pack, que chegava de Campillo, e pela grossa cavallaria, vinda do alto Azava, forças que de prompto se metteram igualmente em linha, fazendo cessar o combate. Os regimentos inglezes 16 e 74, que em Pastores tinham sido cortados pela marcha retrograda da esquerda e do centro da terceira divisão, passaram finalmente o Agueda a vau, podendo durante a noite chegar a Campillo, depois de uma marcha de quinze horas, durante a qual surprehenderam uma patrulha de cavallaria franceza. A ala esquerda do exercito retirou-se para Nave de Aver sobre a primeira divisão, deixando postos de observação no Azava, passando a setima divisão da Allamedilla para Albergaria, enviando-se as bagagens do quartel general para Casilla de Flores. D. Carlos de Hespanha postou-se na margem esquerda do Côa e D. Julião San-

ches foi destacado com a cavallaria para a retaguarda do inimigo.

No meio de tudo isto lord Wellington esperava ainda ancioso pela divisão ligeira do general Crawfurd, que igualmente havia de marchar para Fuente Guinaldo, tendo pelas duas horas recebido ordem para este fim. Ouvíra elle o estrondo da artilheria e poderia ter ganhado Guinaldo antes da meia noite, a não se ter dirigido para Cespedosa, uma legua distante de Vadillo, circumstancia que deu logar a que 1:500 francezes podessem immediatamente passar esta ribeira. Alem do transtorno que fazia a lord Wellington a falta da divisão ligeira, que em Cespedosa se achava a cinco leguas de distancia de Guinaldo, acrescia que a esquerda do exercito, concentrada em Nave de Aver, se achava a mais de tres, ao passo que a quinta divisão, postada nas montanhas em Sampaio, se achava a quatro. Por conseguinte a situação de lord Wellington tornou-se ali bastante embaraçosa, brilhando sobremaneira o seu imperturbavel sangue frio, contrariado pela demora de Crawfurd, que apreciando mal a situação do inimigo, tivera por perigoso retirar-se de Robledo, decidindo-se por tal motivo a fazer um longo circuito pelas montanhas, d'onde teve de voltar sobre os seus passos, retomando o caminho de Robledo. Felizmente para os alliados o duque de Ragusa, em logar de se aproveitar das circumstancias difficeis em que o general inglez por então se via, perdeu um tempo precioso, nada mais fazendo na frente d'elle do que uma apparatosa e inutil exhibição de forças. Reunidas como finalmente se viram todas as tropas alliadas, póde dizer-se que em Fuente Guinaldo se achava postado o centro do seu exercito, tendo a sua ala direita estabelecida na passagem de Perales, e a sua ala esquerda em Nave de Aver. Na manhã de 26 Marmont pareceu querer seriamente atacar os alliados, mas lord Wellington não esperou por isso, poisque apenas viu reunidas todas as suas tropas, levantou o seu campo, e com ellas se retirou por um habil movimento concentrico para um novo terreno entre o Côa e as nascentes do Agueda, tres a quatro leguas mais para a retaguarda de Fuente Gui-

naldo, onde se havia demorado trinta e seis horas, contadas desde o meio dia de 25 até á meia noite de 26, não obstante a viva inquietação, que lhe causou a demora da divisão ligeira do general Crawfurd[1].

Na sua nova posição lord Wellington collocou o seu exercito pelo seguinte modo. A quinta divisão foi posta á direita da Aldeia Velha; a quarta, os dragões ligeiros e a cavallaria de Victor Alten no convento de Sacaparte, adiante de Alfaiates; a terceira e setima divisões em segunda linha, por trás de Alfaiates; o corpo do commando do general Graham na esquerda de Bismula, tendo a sua vanguarda para alem da ribeira de Villa Maior; a cavallaria do tenente general sir Stapleton Cotton perto de Alfaiates; á esquerda da quarta divisão, tendo a mesma cavallaria pela sua esquerda, as brigadas dos generaes Pack e Mac-Mahon em Roblosa. Os piquetes de cavallaria estavam adiante da Aldeia da Ponte, para alem da ribeira de Villa Maior, e os do general Victor Alten para alem da mesma ribeira em Forcalhos. No dia 27 Marmont atacou os postos avançados da Aldeia da Ponte, da qual se assenhoreou depois de uma encarniçada luta, cousa que nenhuma vantagem lhe trouxe. N'este combate, que nós denominâmos de Alfaiates, e Napier lhe chama da Aldeia da Ponte, tomaram parte os seguintes corpos portuguezes: cavallaria n.º 1, infanteria n.^{os} 1, 9, 11, 13, 16, 21, 23 e 24; caçadores n.^{os} 1, 3, 4, 5 e 7, e artilheria n.º 2, perfazendo o total de 10:173 homens. No seguinte dia (28) lord Wellington, suppondo no duque de Ragusa a intenção de passar o Côa, estabeleceu o seu exercito nas alturas que estão por trás de Soito, tendo a sua direita apoiada na serra de Meras, e a sua esquerda em Rendo sobre o Côa, uma legua pouco

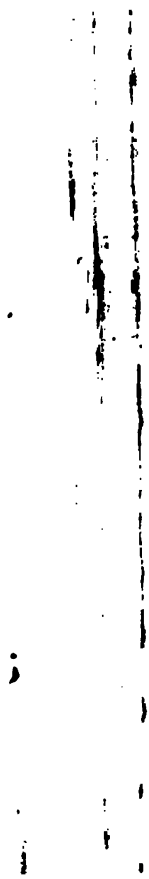
[1] Os auctores das *Victorias e Conquistas* sustentam que a posição de Guinaldo não foi acommettida em consequencia de um reconhecimento mal feito de que resultou ter-se por inatacavel, «vendo-se heriçada de reductos, e apoiada na sua direita por uma escarpa cortada a prumo, coroada por uma obra revestida e armada de peças de sitio, e na sua esquerda por um bosque impenetravel». Tudo isto não foi mais do que obra de imaginação.

mais ou menos para a retaguarda da posição tomada no dia 27, sendo mais forte do que esta era; mas apoiando-se n'uma profunda ravina, succederia que em caso de revez, o respectivo exercito teria compromettida a sua retirada. Marmont porém, tornando-se timido diante da altiva firmeza do general inglez, e achando-se por outro lado falto de viveres, que não podia haver no paiz, retrocedeu no mesmo dia 28 para o Tejo, sem nada mais ter feito do que abastecer a Cidade Rodrigo e haver mettido n'ella uma nova guarnição de uns 2:000 homens escassos, sendo-lhe com toda a rasão estranhado que deixasse perder uma nova occasião de aniquilar um exercito, que dentro em poucos mezes o havia de aniquilar a elle. Dorsenne foi pela sua parte para Salamanca, postando-se uma divisão em Alba de Tormes, para segurança da communicação com Marmont. Foy, tendo avançado com as suas duas divisões atè Zarza la Mayor, na direcção de Castello Branco, voltou para Plasencia. Girard, ameaçado pela divisão portugueza do general Hamilton, deixou 2:000 homens do quinto corpo em Merida, retirando-se elle Girard para Zafra. Desde que lord Wellington teve conhecimento d'estes movimentos ordenou que a divisão ligeira, reforçada por dois esquadrões de cavallaria, retomasse por formalidade o bloqueio da Cidade Rodrigo, de concerto com D. Julião Sanches. O resto do exercito aquartelou-se pelas duas margens do Côa, estabelecendo-se o quartel general em Freineda.

Pelo que temos dito não podemos deixar de confessar, que se com a marcha das tropas alliadas do Alemtejo para as margens do Agueda lord Wellington não conseguiu todos os objectos que com ella teve em vista, obrigou todavia o inimigo a reunir as forças, que lhe foi possivel para valer á Cidade Rodrigo, abandonando assim todas as suas mais operações e projectos. O exercito do norte, commandado por Dorsenne, deixou de perseguir o general Abadia, e portanto de invadir a Galliza, e tendo-se chamado da Calabria as duas divisões, que lá operavam e que na Navarra perseguiam os guerrilhas de Mina, habilitou-se este chefe a effeituar as suas

correrias com maior segurança. Depois das operações destinadas á tomada da Cidade Rodrigo lord Wellington resolveu perseverar no seu antigo systema de esperar na defensiva, até que o inimigo fizesse alguma mudança nas disposições das suas forças, que lhe podesse ser favoravel. Com estas vistas continuou portanto a ameaçar aquella praça, obrigando assim os francezes a empregar consideraveis forças em observar as operações dos alliados, impedindo-os por esta fórma de fazer por outra parte o que para si julgassem mais conveniente. Verdade é terem alguns entendidos condemnado a resolução de lord Wellington em aceitar uma batalha em El-Bodon com poucas esperanças de lhe ser favoravel; mas para destruir esta critica observou elle ao seu governo, que tinha por impolitico recuar precipitadamente com a approximação do inimigo. «Se o povo, lhe disse elle, não tivesse visto com os seus proprios olhos qual era a força de Marmont, faria uma opinião muito desfavoravel do exercito inglez, e foi isto mesmo o que busquei evitar». Se isto é desculpa admissivel, aceite-a quem assim a tiver como tal, cousa que nós não temos. Quanto ao duque de Ragusa, a sua fraqueza e indecisão são provadas pelo facto de ter permittido aos alliados, apesar da inferioridade das suas forças e dos defeitos da sua primeira posição, retirarem-se lentamente durante tres dias, sem serem destruidos por algum combate serio a que os obrigasse. O duque não soube aproveitar-se de alguma das circumstancias favoraveis que se lhe apresentaram, commettendo o grave erro de executar uma serie de ataques parciaes mal combinados, emquanto que uma batalha geral lhe teria assegurado decisivos resultados.

O general sir Rowland Hill continuou pela sua parte a permanecer no Alemtejo, para onde lord Wellington mandou novamente a divisão portugueza do general Hamilton, apenas lhe pareceu destinar-se o general Girard á invasão d'aquella provincia. Os acampamentos das tropas de Hill foram tomados nas villas de Souzel, Cano, Monforte, Arronches e Assumar, estendendo-se a linha dos mesmos acantonamentos desde Extremoz, por Veiros, Portalegre e Castello

lhões de caçadores com os seus jalecos de policia e desarmados, a fim de entrarem na agua para se lavarem, e nadarem os que soubessem ou quizessem aprender. O util, o instructivo e o solido é o que se praticava. As revistas de sanidade eram amiudadas, as mulheres vagabundas banidas, sob pena de castigo, e as que se consentiam acompanhar o exercito eram sujeitas á inspecção de saude, feita pelos cirurgiões dos corpos. Os oratorios volantes seguiam os regimentos e os differentes corpos do exercito, armando-se nos bosques proximos dos acampamentos em dias de missa, para todos a ouvirem, sendo maravilhoso e não pouco commovente, ver-se este acto solemne do catholico; e como dos corpos britannicos os soldados, que eram da mesma crença religiosa, concorressem tambem aos campos portuguezes áquella hora, a vista d'este acto tornava-se duplicadamente edificante; no campo do Reguengo foi sempre certissimo um major escocez, podendo servir de modêlo na sua exemplar devoção. As confissões na quaresma eram infalliveis, feitas pelas relações nominaes das companhias. Na quarta feira de Cinza e na sexta feira da Paixão nunca se deu, nem distribuiu carne ás tropas do exercito portuguez, publicando-se-lhes sempre durante as seis campanhas da guerra da peninsula as bullas pontificias para a poderem comer com aquellas duas excepcões. Esta fiel exactidão no cumprimento dos deveres militares e religiosos, acompanhada em tudo o mais de uma severa disciplina, teve o feliz resultado de produzir soldados valentes, soldados que mesmo então faziam, e agora com muita mais rasão fazem hoje a geral admiração dos homens mais sabios e entendidos na arte da guerra, homens que se destinavam a vencer, como effectivamente venceram, os vencedores do continente da Europa. A responsabilidade e o exemplo de tudo isto estava nos chefes. Durante o tempo a que nos estamos referindo o quartel do general Hill achava-se em Portalegre, considerando-se como sendo a testa do seu exercito a porção, que d'elle se achava n'esta cidade, d'onde estendia os seus postos avançados até á margem direita do Caya, observando por aquelle lado o inimigo. O de lord Wellington, tendo-se

CAPITULO VII

situação das cousas militares nas provincias da Hespanha, vizinhas a Portugal, tornava muito duvidoso o poder-se a nação hespanhola libertar por si mesma do pesado jugo francez que a opprimia, cousa que não conseguiria, a não ter por si o exercito luso-britannico, o qual terminou a sua campanha de 1811 com a surpreza feita em 28 de outubro pelo general Hill em Arroyo Molinos ao general Girard. Quanto aos negocios politicos d'aquelle reino, vê-se que a regencia de Cadiz, forçada pelas circumstancias occorrentes, teve de installar as côrtes na ilha de Leão em 24 de setembro de 1810, sendo para duvidar se aquella era a mais propria occasião d'ellas se reunirem, por se dever esperar que mais enfraquecessem do que fortificassem a auctoridade do governo, como aconteceu, sendo tambem causa de divergirem para a politica as opiniões unisonas, que até então convergiam todas para as cousas da guerra, de que resultou augmentar mais o estado anarchico em que aquelle paiz por então se achava. Depois da questão da liberdade da imprensa, da dos negocios da America, da da abolição dos direitos senhoriaes e da da apresentação da constituição, tratou-se nas ditas côrtes da nomeação para regente da Hespanha da princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, cujas pretenções sobre este ponto se mallograram, nomeando-se uma nova regencia com a clausula de n'ella não entrar pessoa real, acto a que mais tarde se seguiu a assignatura da constituição, a dissolução das côrtes extraordinarias e a reunião das ordinarias. Se quanto aos negocios da guerra, estes haviam melhorado de aspecto com a expulsão do marechal Massena para fóra de Portugal, e as victorias de Fuentes de Oñoro e Albuera, tambem por outro lado estas vantagens eram contrabalançadas pelas victorias de Suchet nas provincias de leste da Hespanha, onde, depois de haver tomado Maquinenza, Tortosa e Tarragona, e da derrota do exercito de Murcia pelas forças de Soult no combate de Jucar, o mesmo Suchet tomou por fim Valencia, entregando-se-lhe o general D. Joaquim Blake com o exercito, que tinha dentro d'aquella cidade. Estado do exercito francez na Castella Nova, e queixas feitas pelo rei José ao imperador Napoleão, seu irmão, com quem foi ter uma conferencia a París, d'onde voltou com certas auctorisações, depois das quaes novas queixas appareceram da parte do mesmo rei José, que por tal motivo buscou sem nenhum exito entrar em negociações com as côrtes de Cadiz.

Depois do que no anterior capitulo dissemos, de rasão nos parece agora começarmos n'este por dar ao leitor uma idéa retrospectiva da situação em que no anno de 1811 se achavam as cousas da guerra nas differentes provincias da Hespanha, com relação ás que desde o norte vão até ao sul e se

avizinham com Portugal. Já vimos que as operações do exercito luso-britannico, destinadas á tomada da Cidade Rodrigo, livraram a Galliza de ser invadida por Dorsenne. O general Abadia, commandante do exercito gallego, nada da respectiva junta tinha conseguido para elle, nem quanto á sua sustentação, nem quanto ao seu vestuario, sendo portanto baldados todos os esforços por elle feitos para a definitiva organisação militar d'aquella provincia. O governo inglez tinha feito aberturas ao governo hespanhol para tomar a seu soldo algumas das tropas gallegas, pelo mesmo modo por que havia tomado as portuguezas; mas a regencia de Cadiz, ao passo que por um lado lhe pedia para tal fim tres milhões de libras por anno, recusava-se por outro a admittir n'ellas os officiaes inglezes, coisa que tinha por humilhante e indigna do caracter nacional. Á vista d'isto o governo inglez tomou o expediente de dar o maior desenvolvimento possivel á guerra dos guerrilhas, commissionando para isto sir Howard Douglas, o qual na Galliza substituira o general Walker, como agente militar, que tinha sido por parte da Gran-Bretanha. Mas similhante guerra era inteiramente inefficaz para destruir a dos francezes, e tanto isto era verdade, que se alguma porção d'elles se recolhia a uma igreja, ou casa particular, e n'ella se fortificava, segura se conservava lá até lhe chegar reforço. Por outro lado achando-se as tropas regulares da Galliza mal pagas, nuas e descalças, commettiam mil excessos, não podendo em taes circumstancias exigir-se d'ellas disciplina nem subordinação. Já se vê pois que no meio de taes circumstancias não é gracioso dizer-se que a verdadeira defeza da Galliza estava inteiramente posta na vizinhança do exercito luso-britannico, unico estorvo que na realidade se oppunha á invasão dos francezes n'aquella provincia. O certo é que a Galliza no fim do anno de 1811 ainda não tinha armazens, hospitaes, nem systema algum de administração, quer civil, quer militar; as facções a dilaceravam, vendo-se os seus habitantes sobremaneira vexados e opprimidos; os seus governadores e generaes, mettidos em todas as intrigas dos corrilhos politicos, nem tinham capacidade,

... patriotismo; não havia cavallaria, e a infanteria morria ... fome, postoque sem difficuldade tivesse aquella provincia ...ecido aos alliados, emquanto limitados a Portugal, gados ... viveres. A indisciplina do seu exercito era por conseguinte consequencia natural de um tal estado de cousas, chegando ... a não poder avançar para as planicies de Leão, de que ...sultava tornar-se até mesmo de peso para a luta travada ...ntra a França, em vez de lhe ser util.

Quanto ao reino de Leão, diremos que emquanto o exer...o alliado, aquartelado como estava n'uma e n'outra mar...m do Côa, observava de longe a Cidade Rodrigo, D. Ju...o Sanches, postando-se perto d'ella, tomára ao inimigo no ... 15 de outubro 200 bois, mesmo debaixo da artilheria da ...aça, conseguindo tambem aprisionar o seu governador, o ...neral Renaud, que imprudentemente saíra d'ella, acompa...ado por uma fraca escolta[1]. Pela sua parte o marechal Mar...mont tinha por então uma divisão em Plasencia e o resto das ...as tropas entre esta cidade e a de Madrid, achando-se a ... cavallaria em Peñaranda, ao lado das montanhas de Sa...manca, passando a sua linha de communicação pela via ro...mana de Puerto do Pico, a qual havia sido reparada desde ... batalha de Talavera. O exercito do norte estendia-se desde ... Tormes até Astorga, cujos muros, a par dos de outras ...ais cidades, tinham sido reparados por modo tal, que com ...oucas tropas se podiam defender os terrenos planos, que ... avizinhavam, de quaesquer emprezas do exercito gallego; ...as logo que os reforços, vindos de França nos mezes de ...lho e agosto, chegaram ao exercito de Portugal, o do norte ...rnou-se de novo a concentrar, e teria sem duvida invadido ... Galliza, apoiado nas forças de Bonnet, devendo para tal ...o avançar das Asturias, se a apprehensão do comboio, feita ...r D. Julião Sanches, não tivesse tornado necessario met...r na Cidade Rodrigo um novo aprovisionamento. Dorsenne ... tentára fazer por mais outra vez, desde os primeiros dias

[1] Foi esta circumstancia e que deu logar a que o general Barrié pas...sse depois a governador interino da Cidade Rodrigo.

de novembro, quando o general Bonnet occupava já as Asturias. Escasso como estava de recursos o paiz, situado entre o Côa e o Agueda, lord Wellington viu-se por esta causa obrigado a pôr de lado as regras da arte, dispersando as tropas do seu exercito em presença do inimigo, e principalmente a cavallaria, que mandou para os valles do Mondego e Douro, para a não ver morrer de fome, tendo ainda assim alem do Côa um consideravel corpo, para mascarar, quanto possivel, similhante dispersão, a qual não podia ter contra si consequencias funestas, tendo Marmont destacado para Valencia em auxilio de Suchet o general Montbrun com tres divisões, chamado a divisão Foy de Plasencia, e concentrado a maior parte do seu exercito em Toledo. Esta posição, reputada de vantagem para o exercito francez, tambem o era para o luso-britannico, pois lord Wellington, nas vistas de tomar a Cidade Rodrigo, junto d'ella se foi postar, ao passo que o general Hill tambem pela sua parte se postára em torno da de Badajoz. Depois do que temos dito é visivel que lord Wellington tinha até certo ponto feito paralysar com as suas marchas e operações tres poderosos exercitos francezes; a saber: o de Soult, que vendo-se atacado pelo general Hill na Extremadura, e por Ballesteros e Skerret na Andaluzia, nada de importante conseguíra n'uma e n'outra provincia, e os de Marmont e Dorsenne, pois se por um lado poderam soccorrer a Cidade Rodrigo, tambem por outro o de Dorsenne não pôde invadir a Galliza, como era do seu intento, limitando-se todas as suas emprezas á occupação das Asturias. Finalmente terminaremos o que ha a dizer a respeito de Leão, notando que a praça de Almeida se havia posto ao abrigo de um golpe de mão dos francezes, que estavam n'aquelle reino, e que lord Wellington fizera recolher n'ella a artilheria e as equipagens, que destinava ao cerco da Cidade Rodrigo, fazendo igualmente aprompiar para o mesmo fim uma ponte de cavalletes, por meio da qual havia de atravessar o Agueda em occasião opportuna. Emquanto pois lord Wellington por um lado se mostrava destinado á defeza da sua posição junto ao Côa, por outro estava por baixo de

mão cuidando activamente em tudo o que lhe era preciso para sitiar e tomar aquella praça ao inimigo.

Passando a tratar agora da Extremadura hespanhola, diremos que esta provincia fôra, como já vimos, a arena onde por algum tempo a luta se apresentou difficil, tanto para um, como para o outro lado dos exercitos contendores. Badajoz tinha sido o alvo das operações dos referidos exercitos, mando o francez a seu cargo o soccorre-la, aprovisiona-la defende-la contra as emprezas do luso-britanno, cujo into era o retoma-la ao inimigo, o qual tinha no referido ercito o mais formidavel obstaculo para se apossar de toda peninsula, como pretendia, e já temos feito ver. Alem do posto, os francezes tinham de mais a mais a seu cargo na tremadura manter as communicações pela estrada de Truo entre Madrid e Andaluzía, alem da attitude defensiva, e na mesma Extremadura tambem deviam ter contra as ursões do general Hill, que na provincia do Alemtejo se iava de observação a elles. Ao corpo commandado por ouet, que para aquelle fim n'ella se via destinado, era-lhe cessario achar de que se manter n'um paiz devastado já sde muito tempo; era-lhe igualmente necessario proteger marcha dos comboios, que mensalmente se mandavam para dajoz; e era-lhe finalmente preciso observar tambem entamente o corpo do mesmo Hill, e oppor-se ás empres dos hespanhoes de Morillo, o qual se tornava cada dia is numeroso e aguerrido. Nem as divisões hespanholas, n as luso-britannicas podiam embaraçar Drouet de enviar nboios a Badajoz, pela falta de ponte no rio Guadiana; s Morillo inquietava sériamente os seus destacamentos de rageadores. Postado em Valencia de Alcantara, e tendo ua retirada segura para o territorio portuguez, elle detava o paiz nas vizinhanças de Caceres, estendendo mesmo mas incursões até Truxillo. Por conseguinte Drouet via-se igado a ter um forte destacamento do outro lado do Guana, ou na sua margem direita, circumstancia que expunha mas tropas ás atrevidas emprezas do general Hill, vizinho ito perigoso, tanto pela sua vigilancia, quanto pela sua ou-

ter uma divisão em Truxillo para manter a su
ção com o exercito do sul, eram cousas que r
vam o dito general Hill a ter-se em guarda p
mas até reforçavam as tropas do mesmo Dr
este general achava-se quasi sempre nas vizin
fra com a maior parte do seu exercito, form
parte do 5.º corpo, por ser de lá que mais fac
executar a sua retirada, ou para a Serra Morer
para Mérida e Badajoz, segundo a occorrenci
stancias.

Quanto á Andaluzia, diremos que estabelecid
rechal Soult se achava em Sevilha, póde con
zer-se, que esta cidade era de facto o centro
systema de operações, d'onde partiam os golpe
mo Soult em volta d'elle descarregava contra
inimigas. Sevilha, base dos seus movimentos,
ral destinado ao fornecimento das tropas que
achava-se fortificada com obras de campanha,
ao abrigo de um golpe de mão. D'este ponto
a sua linha de communicação com o chamad
Portugal, do commando de Marmont, atravez
dura, e com Madrid atravez da Mancha. Era t
ponto que elle estendia as suas operações para
Niebla, Cadiz, Granada, e a citada provincia da
O condado de Niebla, sendo o que fornecia c

que a fronteira de Portugal protegeria a reunião das respectivas tropas até ao momento do ataque. Alem d'isto frequentes expedições se enviavam de Cadiz para o Guadiana, tanto por parte dos francezes, como dos hespanhoes, segundo o que já se tem visto. Todavia logo que Blake e Bellesteros foram repellidos em Ayamonte em julho e agosto, retirando-se para Cadiz, os francezes apoderaram-se d'aquelle condado, á excepção do castello de Paimogo. Soult, nada mais tendo a temer por este lado do que as febres do outomno, deixou em Niebla sómente 1:200 homens. Pela sua parte o marechal Victor mantinha sempre activo o bloqueio da ilha de Leão. A sua posição em frente d'ella formava uma especie de crescente irregular, que pela sua direita se estendia até San Lucar de Barrameda, junto da foz do Guadalquivir, e pela sua esquerda até Conil, passando por Xerez, Arcos, Medina-Sidonia e Chiclana. Mas n'esta sua posição o mesmo marechal Victor parecia de alguma sorte estar bloqueado.

Comprehendendo-se na contagem que fazemos a divisão luso-britannica, as tropas da ilha de Leão não eram inferiores a 20:000 homens[1], e tendo ellas por mar as suas communicações inteiramente livres, facil lhes era caír de um para outro momento sobre os flancos da linha franceza. Os guerrilhas impediam por muitas vezes as suas communicações com Sevilha, postoque não fossem, nem em grande nu-

[1] Já em 22 de maio de 1810 o total da força effectiva da ilha de Leão e praças de fóra era a seguinte:

Exercito do duque de Albuquerque	10:400
Tropas inglezas	2:900
Tropas portuguezas	1:200
Voluntarios de Cadiz	2:400
Somma	16:900
Doentes e não effectivos	3:600
Total	20:500

As extensas obras de fortificação da ilha careciam para a sua guarnição não menos de 25:000 praças de pret effectivas. Assim se lê n'uma carta do general Stewart para sir David Dundas:

mero, nem tambem para temer por parte dos francezes. Os serranos da Ronda e as forças regulares de Algeziras, saindo de Gibraltar, podiam cortar-lhes a communicação com Granada. Tarifa achava-se sempre occupada pelos alliados, cujo exercito se alimentava do gado, que cobria a immensa planicie, chamada a Campiña de Tarifa. As expedições feitas para a Extremadura e para Murcia, as batalhas de Barrosa e de Albuera, e finalmente o combate que se travára em Baza tinham empregado todas as tropas disponiveis do exercito do sul. Era por esta rasão que o corpo de Victor nada mais podia fazer do que guardar meramente a sua posição intrincheirada e manter do melhor modo possivel o bloqueio da ilha gaditana. Sabia-se perfeitamente em Cadiz o pequeno numero de combatentes a que o exercito de Victor se achava reduzido em volta da dita ilha, e portanto nenhuma duvida havia sobre a conservação da cidade em poder dos alliados, d'onde até se chegou a mandar a lord Wellington alguma parte da sua guarnição. Adiante veremos que Blake tambem d'ella saíu para Valencia com aquelles dos seus soldados, que, tendo combatido em Albuera, formaram uma legião d'este mesmo nome.

Tal era a situação dos negocios militares sobre os diversos pontos do circulo, de que a cidade de Sevilha formava, por assim dizer o centro, quando lord Wellington tentava apertar seriamente com o bloqueio da Cidade Rodrigo. Ao passo que este general apenas dispunha em outubro de 1811 de 53:219 homens no campo, o marechal Soult podia ter por então debaixo das suas ordens cousa de 100:000 homens, para com elles sustentar as suas multiplicadas e extensissimas operações, se pela sua parte tivesse recebido alguma porção dos 100:000 homens, que de reforço ao exercito francez de Hespanha n'ella haviam entrado nos mezes de julho e agosto, e dos quaes 90:000 eram propriamente francezes; mas os reforços pertencentes á Andaluzia, ou a ella destinados, foram retidos nos diversos governos militares, e Soult não tinha no mez de outubro de 1811 mais do que 67:000 homens escassos presentes no campo, sendo 11:757

de cavallaria [1]. O primeiro corpo dos tres que formavam o exercito de Soult contava 20:000 homens, o quarto e o quinto corpo 11:000 cada um; Badajoz tinha 5:000 homens de guarnição; 20:000 formavam a reserva, o resto consistia em *escopeteros* e guardas nacionaes, empregados principalmente na policia das terras e nas suas guarnições. Em occasião urgente Soult podia entrar em campanha onde quer que fosse com 20:000 homens, e na Extremadura, se a precisão se tornasse demasiadamente grave, com um numero ainda maior de tropas excellentes e perfeitamente organisadas. No mez de outubro o general Drouet achava-se na Serra Morena, e o general Girard em Mérida, onde por fim se juntaram estes dois generaes, nas vistas de atacarem Morillo, que por então se achava em Caceres. Soult, que acabava de entrar em Sevilha, depois de uma expedição por elle tentada contra Murcia, enviou 3:000 homens para Fregenal, como para ameaçar o Alem-

[1] A força de cada um dos exercitos francezes em Hespanha, no 1.° de outubro de 1811, era a que consta do seguinte mappa:

Designação dos corpos	Debaixo de armas		Destacados		Ausentes		Effectivo		
	Homens	Cavallos	Homens	Cavallos	Hospitaes	Prisioneiros	Homens	Cavallos	
Exercito do meio dia.........	66:912	11:757	7:539	2:232	13:398	–	87:849	9:251 trem 3:393	12:644
Dito do centro.	19:125	6:262	511	84	1:685	–	21:321	5:196 » 553	5:749
Dito de Portugal	50:167	11:662	1:283	858	10:012	–	61.462	6:909 » 4:706	11:615
Dito de Aragão.	28:966	5:303	6:583	308	4:424	–	39:973	3:322 » 1:960	5:282
Dito do Norte..	87:913	10:821	6:204	1:069	9:414	–	103:528	6:769 » 4:186	10:955
Dito da Catalunha.........	26:954	1:365	993	168	11:186	–	39:133	1:150 » 289	1:439
Total.....	280:037	47:170	23:110	4:719	50:119	–	353:266		47:684
Reforços......	9:232	689	–	–	1:226		10:458		516
Total geral	289:269	47:859	23:110	4:719	51:345	–	363:724		48:200

tejo, cousa com que talvez o mesmo Soult julgasse obrigar lord Wellington a deixar a sua linha do Côa; mas estes movimentos eram cousa muito fraca para que o general inglez se inquietasse com elles, nada mais fazendo do que mandar reforçar o general Hill com a divisão portugueza, commandada pelo general Hamilton, o qual por então se achava postado com ella em Castello Branco. Tudo isto patenteava bem a firme idéa de um grande plano para uma nova invasão contra Portugal, a qual por certo se realisaria, se por ventura Napoleão tivesse podido terminar amigavelmente os sens negocios com o imperador Alexandre da Russia. Não se tendo isto realisado, tambem não podia enviar por mais outra vez as suas tropas contra Lisboa, seguindo a estrada que com este destino o marechal Massena trouxera em 1810, sem que as provincias portuguezas do norte do reino fossem igualmente invadidas, circumstancia que o obrigava á occupação preliminar da Galliza, pelo menos quanto ao seu interior, o que se não podia conseguir sem o reforço de mais tropas, vindas de França, d'onde não podiam vir por causa da sua imminente guerra com aquelle soberano, guerra que indiscretamente antepoz á da peninsula. O Alemtejo e a Beira tambem simultaneamente deviam ser invadidas, para o bom exito das operações contra Portugal, invasão que exigia o apoio da Andaluzia, apoio que o exercito francez d'esta provincia não podia prestar-lhe sem a occupação dos reinos de Valencia e Murcia por parte dos mesmos francezes. Este plano, apesar de tão vasto e complicado como parece, e que seguramente compromettia a futura sorte da peninsula, era ainda assim facil de executar, estando tudo prompto para isso, tendo até por si a occasual circumstancia das chuvas da estação do outomno lhe não terem posto embaraço. No exercito de Dorsenne abertamente se fallava n'um ataque das provincias septentrionaes de Portugal, devendo ao mesmo tempo ter logar a invasão da Galliza. Caffarelli devia juntar-se á expedição; uma reserva, ás ordens de Monthion, estava já destinada a substituir n'este caso a divisão de Caffarelli na linha de communicação com a França pelo norte da Hespanha, elevando-se a dita re-

serva ao numero de 6:000 homens. Dizia-se mais que o marechal Ney, ou Odinot, commandaria em chefe o exercito da projectada invasão contra Portugal, e que uma forte divisão se achava em marcha para vir reforçar o exercito do sul, arranjos estes, que tambem não podiam deixar de estar ligados com a presença do proprio Napoleão na peninsula. Por conseguinte o aborto do referido projecto foi manifestamente devido á feliz circumstancia do imperador da Russia se ter posto em aberta hostilidade com o imperador Napoleão, e antepor este á guerra da peninsula a d'aquelle imperio, a que se seguiu obrigar lord Wellington o general Dorsenne a abandonar a invasão da Galliza, acabando de se transtornar o citado projecto com os preparativos do mesmo Napoleão para a sua premeditada guerra do norte.

Seja porém como for, certo é que achando-se em 1811 ameaçada a provincia do Alemtejo pelas forças, que o marechal Soult mandára para Fregenal, teve o general Hill de concentrar pela sua parte no dia 9 do citado mez de outubro todas as forças do seu commando por traz de Campo Maior, reforçadas como já tinham sido pela divisão portugueza do general Hamilton, que de Castello Branco se lhe tinha ido unir. Tendo os generaes Drouet e Girard, depois de reunidos em Mérida, avançado no dia 11 do dito mez de outubro, a cavallaria das tropas de Morillo retirou-se de Caceres, repellindo os francezes o referido general hespanhol sobre Casa de Cantillaña. Tudo isto indicava bem a disposição de algum ataque serio, que aliás se não verificou, em razão da presença do general Ballesteros na Ronda ter obrigado Soult a chamar para junto de si as tropas que estavam em Fregenal. O general Drouet, que em Mérida se havia juntado a Girard, como superiormente notámos, d'aquella cidade se retirou para Zafra, deixando em Caceres o mesmo Girard com uma divisão e alguma cavallaria. Foi por occasião da retirada de Drouet para Zafra que o general Hill recebeu ordem de lord Wellington para expulsar de Caceres o general francez que ali ficára, a fim de que Morillo podesse n'aquelle paiz forragear livremente. Em cumprimento pois de tal ordem Hill reuniu o seu

corpo em Albuquerque no dia 23 de outubro, ao passo que Morillo conduziu o quinto exercito hespanhol do seu commando para Alisêda sobre o Salor. Girard estava ainda em Caceres, tendo a sua vanguarda em Arroyo del Puerco. No dia 24 o mesmo Hill occupou Alisêda e Casa de Cantillana, sendo os francezes repellidos de Arroyo del Puerco pela cavallaria hespanhola. No dia 26 pela manhã entraram as tropas luso-britannicas em Malpartida de Caceres, fazendo a sua cavallaria recuar a do inimigo. Girard abandonou então Caceres; o tempo tornára-se de tempestade, e o general Hill, ignorando os movimentos do inimigo, demorou-se por uma só noite em Malpartida. Na manhã do dia 27 os hespanhoes entraram em Caceres, achando em Torre-Mocha o rasto que os mesmos francezes após de si deixaram, tomando a estrada de Mérida. O mesmo Hill, esperando interceptar-lhes a marcha, seguiu por um caminho transversal para a Aldeia do Cano, e Casa de D. Antonio. Durante este movimento soube-se que Girard se demorava em Arroyo Molinos, tendo uma guarda de retaguarda em Albala, sobre a estrada real de Caceres. Hill, aproveitando-se logo da occasião propicia que isto lhe offerecia, de prompto se dirigiu para Alcuescar durante a noite por uma marcha forçada, ficando por este modo uma legua distante de Arroyo Molinos. Está esta villa situada n'uma planicie, tendo na sua retaguarda, e na distancia de uma pequena legua, uns rochedos que formam como um arco de circulo, de que a referida villa é por assim dizer a corda. De Alcuescar se dirige directamente um caminho para Arroyo, um outro entra n'esta mesma villa pela esquerda, que é o que vem de Caceres, e tres mais pela direita. O mais desviado d'estes é o de Truxillo, que torneja a extremidade da serra: o mais proximo é o de Mérida, achando-se entre estes dois o de Medellin. Posto que a noite estivesse fria e chuvosa, o general Hill não permittiu accender fogueiras, fazendo pelas duas horas da manhã de 28 marchar as tropas para uma cadeia de collinas pouco elevadas, a alguma distancia do Arroyo, o que mascarou a distribuição, que fez da sua força em tres corpos, formando a infanteria os dois das

ıas alas, e a cavallaria o do centro. O da esquerda marchou
'eito á povoação, o da direita ganhou pela extremidade da
ra o ponto onde a estrada de Truxillo torneja uma das
remidades do semi-circulo, formado pelos rochedos acima
ıcionados: a cavallaria conservou o seu logar entre as
s citadas columnas.
situação dos francezes era pela sua parte a seguinte.
ma brigada da divisão Girard marchára desde as 4 horas
ıanhã pela estrada de Medellin, ficando por conseguinte
de perigo; mas a brigada de Dombroski, e a cavallaria
riche estavam ainda em Arroyo; os cavallos da reta-
da achavam-se desenfreados e presos ás oliveiras; só-
e a infanteria se reunia fóra da villa para se formar so-
o caminho de Medellin. Girard estava ainda no seu
.el, esperando que lhe levassem um cavallo, quando dois
aes inglezes avançavam pela rua a galope. N'um instante
foi posto em confusão: os cavalleiros trataram de en-
apressadamente os cavallos, e a infanteria correu ao
de alarme. Mas immediatamente uma espessa nuvem de
los desceu das alturas vizinhas: espantosos gritos domi-
n o estrepito da tempestade. Os alliados avançaram e
garam com impeto tudo quanto encontraram pelas ruas.
obstante a persistencia da defeza, a cavallaria inimiga
estava na retaguarda foi repellida para o fim da villa, e
infanteria, formando-se precipitadamente em quadra-
protegeu o grosso da cavallaria, que se lhes reuniu so-
lado esquerdo. Contra os ditos quadrados dispararam
ıs dos alliados um mortifero fogo, emquanto que outros
nesmos alliados buscaram formar-se sobre o lado direito
rancezes. Entretanto o resto da columna alliada e a ca-
ia hespanhola formavam uma linha em volta da povoa-
para cortarem aos francezes a retirada. Chegando a ar-
ia, começou esta a abrir o seu fogo contra os batalhões
ezes, e desde então a desordem chegou ao seu auge.
d, official intrepido, ainda soube manter por algum
a sua infanteria, e posto que ferido, pôde por fim reti-
pela estrada de Truxillo. Girard via caír quasi que por

centenas os seus soldados, sem lhes poder valer; a sua posição era realmente desesperada, mas não se queria render. Com este intento deu ordem ás suas tropas para dispersarem e ganharem, como podessem, os rochedos mais inaccessiveis da serra. Os alliados, não menos obstinados, immediatamente os perseguiram, torneando a dita serra pelo lado de Truxillo, e aprisionando quantos encontraram. Girard, Dombroski e Briche poderam ganhar S. Fernando, Zorita, e as montanhas de Guadalupe, e depois de terem passado o Guadiana em Orellano a 9 de novembro, foram reunir-se a Drouet com perto de 600 homens, resto dos 3:000 que d'antes commandavam. Estas tropas tinham a reputação de serem as melhores, que por então havia na Hespanha, o que se prova pela resolução de não quererem depor as armas, não obstante a posição desesperada em que se viram[1].

Os trophéus d'este combate foram 1:200 a 1:300 prisioneiros, entre os quaes se contou o general Bron e o principe de Aremberg, toda a artilheria d'esta divisão, as bagagens, a intendencia militar, e a caixa com o producto de uma contribuição, que acabava de ser lançada á povoação. Tomaram parte n'esta empreza as brigadas portuguezas de 4 e 10 de infanteria, 6 e 18 da mesma arma com caçadores n.º 6, e artilheria n.º 1. Os alliados tiveram apenas a perda de 70 homens entre mortos e feridos. Girard perdeu sómente o commando da sua divisão, que foi dado ao general Barrois, apesar da sua falta ser realmente imperdoavel, porque sabendo desde dois ou tres dias antes que o general Hill estava perto d'elle, a sua injustificada demora em Arroyo Molinos e a falta de cautela com que ali se achou não podem ter desculpa alguma, particularmente vendo-se que dois mil bravos perderam por causa d'elle a vida ou a liberdade. Napoleão usou todavia da sua clemencia e magnanimidade

[1] A força portugueza, entrada na empreza de Arroyo Molinos, compunha-se de infanteria n.os 4, 6, 10 e 18, com caçadores n.º 6 e artilheria n.º 1, contando ao todo 5:207 homens.

Est.ª XV.

Para Coria
De Placencia
Tejo
Almaraz
Alcantara
d'Alcantara
Malpartida
Caceres
Truxillo
Aldea del Cano
Arroyo Molinos
Casas de Don Antonio
Merida
Medellin
Talavera la Real
Zalamea Serena
Almendralejo
Villa Franca
Hornachos
Para Cordova
Fuente del Maestro
Los Santos
Zafra
Uzagre
Benvenida
Llerena

ra com Girard, o qual lh'a retribuiu depois com a sua
rema devoção na batalha de Lutzen, quando a estrella
imperador começava em força a impallidecer-se. Pela sua
te o general Hill não desprezou precaução alguma, e
oveitando-se sempre da mais pequena vantagem, reuniu
i isto a circumstancia da celeridade dos seus movimen-
junta á maior firmeza e vigor na execução do seu ata-
O desastre de Girard poz todos os corpos do exercito
ez em movimento. Ao passo que as tropas hespanholas
cederam para trás do Salor, o general Drouet mandou,
ousa de mil homens, occupar novamente Caceres. Foy
ıu o Tejo em Almaraz a 16 de novembro, dirigindo-se
is para Truxillo. Um comboio, vindo de Zafra, entrára
ia 12 em Badajoz, onde um outro chegou no dia 20.
., emquanto se lhe reuniam as tropas em Sevilha, orde-
que Philippon fizesse semear batatas e trigo no terreno
rto pela artilheria de Badajoz. Estas disposições e cui-
s pareciam annunciar projectos de ataque serio contra
ıeral Hill, o qual pela sua parte deixára Arroyo Mollinos
de outubro para vir a Mirandella, e d'aqui a Mérida,
depois de tão penosas marchas fez alto no dia 30: no
I foi da margem direita do Guadiana para Torre Maior,
ıdo em Puebla de la Calçada. No 1.º de novembro se-
para Nossa Senhora da Botica, e passando a Evora, fez
em Campo Maior, sendo no Alemtejo onde os corpos do
exercito tornaram novamente a tomar os seus anteriores
onamentos. Foi n'elles que a disciplina e a rapidez das
bras chegou a uma perfeição tal, que postado um es-
rão da melhor cavallaria a cem passos de distancia do
o de uma columna aberta, com distancias inteiras de um
nento de infanteria em força, carregando a todo o galope
o esquadrão sobre o flanco da columna de infanteria, já
chegava a tempo de poder penetrar o quadrado, que esta
ı repentinamente formado, pelo fogo com que repellia
quadrão inimigo, e união de filas e firmeza com que sus-
ıva o quadrado.
pesar da actividade de uma campanha tão assidua e de

tão arduos trabalhos, os anniversarios das pessoas reaes, tal como o natalicio do principe regente de Portugal, eram sempre applaudidos e condignamente solemnisados com paradas no maior aceio, continencia geral, vivas, marcha em revista, e descargas de alegria. Era digno de veneração e de sensibilidade ver como os portuguezes se esmeravam n'estes dias em caprichosas pompas e solemnidades, dedicadas ao seu soberano, aindaque fosse no mais árido terreno e espesso bosque, em que elles se achassem acampados. As armas se apresentavam em toda a linha, as bandeiras se abatiam, e o hymno portuguez era tocado pelas musicas em grande parada, como se o mesmo principe estivesse realmente presente a todos estes actos. O respeito, o silencio, toda a formalidade e decoro eram rigidamente mantidos. A firmeza e elegancia das tropas eram companheiras fieis do patriotico enthusiasmo e crenças politicas d'aquelle tempo, em que tudo era o rei e nada fóra d'elle, ou a elle superior e á sua vontade. O principe regente de Portugal, residente como estava na America, a mais de duas mil leguas de distancia, era assim applaudido, estando sempre presente na memoria de todos os officiaes e soldados do seu bravo e fiel exercito da peninsula!

Foi pois a surpreza de Arroyo Molinos a que poz termo á campanha de 1811 por parte do general Hill, libertando por meio d'ella o paiz, que fica entre o Tejo e o Guadiana[1]. Verdade é que o general Drouet ainda em 5 de dezembro avançou com o seu exercito, na força de 14:000 infantes e 3:000 cavallos, sobre Almendralejo, occupando Mérida no dia 18 d'aquelle mez, ao mesmo tempo que o marechal Marmont concentrava uma parte das suas tropas em Toledo, d'onde o general Montbrun fôra mandado para Valencia em auxilio de Suchet, ao passo que o marechal Soult dirigia tambem com igual fim 10:000 homens do seu exercito sobre Despeña Perros, sendo o resultado de tudo isto mar-

[1] O relatorio d'esta campanha póde ver-se no já citado documento n.º 103.

char igualmente o general Hill, depois de varios movimentos, para Almendralejo no dia 1 de janeiro de 1812. Mas nada serio se seguiu a isto, pois Drouet se retirou por fim para Monasterio, e como as divisões de Marmont avançavam por outro lado pelo valle do Tejo sobre a fronteira oriental de Portugal, o general Hill retrocedeu por mais outra vez para Portalegre, enviando novamente a divisão de Hamilton para o outro lado do Tejo, a qual se foi postar em Castello Branco, como anteriormente estivera.

Tendo até aqui fallado das cousas militares da Andaluzia, parece-nos que será igualmente acertado dizer por esta occasião alguma cousa a respeito das occorrencias politicas, que por aquelle mesmo tempo tiveram logar em Cadiz, prendendo como esta materia effectivamente prende com o estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, para o qual poderosamente concorreram. O certo é que emquanto o governo portuguez se mantinha firme na continuação da sua guerra contra a França[1], na Hespanha, postoque a respectiva regencia não desistisse de a levar tambem por diante, é todavia um facto que o seu estado politico e os differentes

[1] Não eram sómente os governadores do reino que em Portugal se achavam altamente empenhados na continuação da guerra, porque este mesmo empenho manifestava igualmente no Brazil a côrte do Rio de Janeiro, auxiliando sempre quanto em si cabia o marechal Beresford em tudo o que lhe propunha, não só para elevar o exercito ao maior numero de praças possivel, mas tambem para effeituar a sua melhor organisação e disciplina. As deserções que n'elle havia, e a frouxidão que se notava em para elle se recrutar eram dois males que o referido marechal n'elle procurava evitar, sendo para os remediar que o principe regente lhe expediu a carta regia de 16 de novembro de 1811, ampliando-lhe as suas prerogativas, e nomeando-o conselheiro de guerra, a fim de n'esta qualidade poder melhor ordenar o que bem lhe parecesse para obstar ás deserções, effeituar o recrutamento e a remonta da cavallaria, castigar os omissos sobre similhantes pontos, e finalmente reformar as milicias e ordenanças. Da referida carta regia se deu tambem conhecimento aos governadores do reino, por uma outra carta regia da mesma data, recommendando-lhes que pela sua parte concorressem com o mesmo Beresford para a prompta execução do que n'ella se recommendava, como se póde ver no documento n.º 104.

partidos que n'ella havia prejudicavam não pouco a energia das vontades sobre os assumptos militares, desviando as attenções para a politica, como não podia deixar de ser, attenta a imminente destruição de que estava ameaçado o seu velho edificio social, dominados como por toda a parte se viam os apaixonados das innovações pelas doutrinas revolucionarias da França. Costumados como os francezes estavam desde um seculo atrás a influirem activamente nos destinos da Hespanha, quasi sem restricção, nem limites, as suas novas doutrinas não podiam deixar de fazer logo entre os hespanhoes grande numero de proselytos, visto que a sua administração, a sua politica, a sua lingua, a sua litteratura, e até mesmo a frivolidade das suas modas e gostos tinham sido para os hespanhoes, incluindo a propria côrte e o governo, um objecto da mais servil imitação. Alem d'isto tudo quanto em França arrastára o povo francez á sua famosa revolução de 1789 impellia igualmente o hespanhol, a imita-lo buscando reivindicar os seus direitos e recobrar a sua liberdade: os seus monumentos historicos, as suas mais populares tradições, alem das suas recordações e memorias mais venerandas, eram outros tantos incentivos, que a isto o arrastavam.

A carreira que tão brilhante e illustre a assembléa nacional franceza abrira, theoricamente fallando, ao talento, á virtude e ao patriotismo, captivou e seduziu, tanto em Hespanha, como em Portugal, grande numero de pessoas de todas as classes, condições e jerarchias sociaes, cousa em que a espectativa do publico tem sido muito illudida na pratica do que a tal respeito se lhe dizia, pois o merito partidario e clubistico é o que na realidade prefere a tudo. Os principios em que se fundavam as reformas da França haviam sido applaudidos por muitos dos peninsulares, apesar do rigor com que os governos hespanhol e portuguez os procuravam reprimir, cohibindo e comprimindo quanto lhes foi possivel a manifestação favoravel das opiniões politicas dos seus governados. Os crimes, que posteriormente á revolução franceza mancharam terrivelmente a muitos dos seus fautores

ropugnadores, tiveram-se como um extravio momentaneo
assageiro abuso d'esses mesmos principios, não se con-
dindo jamais com estes, nem com a necessidade das re-
mas, que lhes eram inherentes, ou com o nobre e gene-
o fim a que se dirigiam. Um governo sabio deveria prestar
a a sua attenção ao que assim se passava em Hespanha,
m vez de perseguir os que no meio de taes circumstan-
s se mostravam affectos ás reformas, procuraria remover
a sua conducta todos os pretextos, que davam causa ao
contentamento geral dos hespanhoes. Bem longe d'isto,
eceu-se a gravidade e o decoro da anterior côrte de
Carlos III, succedendo-se á ordem e systema da sua ad-
stração uma escandalosa dissipação, a par da mais torpe
senfreada dissolução. As rendas e os recursos do estado,
trimonio da corôa, as hypothecas consignadas á divida
ica, os fundos pertencentes aos estabelecimentos pios,
estinados á beneficencia, á educação e ao progresso, os
os capitaes e depositos privados, tudo foi ali presa da
cidade e cubiça da côrte e do governo de D. Carlos IV
satisfazer criminosos caprichos amorosos, enriquecer
reziveis validos, e apagar-lhes quanto possivel a insacia-
sêde de thesouros que os devorava. Os cargos publicos
todos os ramos serviam de premio á prevaricação, ao
rio, á prostituição escandalosa, á lisonja e vil adulação
homens obscuros e desconhecidos, e depois da adulação
onia. A integridade dos juizes, a independencia dos tri-
es, a inteireza e rectidão dos primeiros magistrados do
tudo absolutamente se qualificou de resistencia e desa-
á suprema auctoridade, castigando-se com demissões
tas e escandalosas, com prisões e desterros arbitra-
Sobre este mau estado de cousas veiu o famigerado
sso do Escurial, e o memoravel decreto de 30 de ou-
de 1807. Quinze annos tinham passado vendo-se du-
elles entregue a suprema direcção dos negocios publi-
inteira discrição de um desprezivel privado, cujo titulo
tanta confiança era só o haver sido na sua juventude o
to do amoroso requebro e galanteio de uma rainha im-

moral e dissoluta, que constituira o proprio paço real em escandaloso lupanar dos seus dissolutos desvarios, com offensa de todas as idéas da moral, do dever e da decencia. Por conseguinte ás disposições e tendencias que os liberaes hespanhoes já tinham para as reformas e adopção das novas doutrinas da França, acresceram depois os poderosos motivos de geral desgosto e descontentamento, que os mesmos liberaes pela sua parte provocavam pela má conducta do governo, excitando os homens mais illustrados a querer ver estabelecidas no paiz essas mesmas doutrinas e reformas, de que tantos bens esperavam, e portanto um novo systema de governo, que estivesse mais em harmonia com as luzes e aspirações do seculo que corria, do que estava o antigo, bem como com os usos, costumes, e até mesmo tradições monarchicas de outros tempos.

Foram pois as exigencias da opinião publica, filhas d'aquellas crenças, as que levaram a suprema junta central a prometter á nação hespanhola a convocação das côrtes; mas a regencia que lhe succedeu, temendo e receiando tal convocação, buscou retarda-la quanto póde, não obstante o juramento que prestára de concorrer para fazer reunir tão augusto congresso, como fôra estabelecido pela dita suprema junta central no seu respectivo decreto, no qual o dia 1.º de março de 1810 se achava fixado para a sua reunião. Todavia esta não se effeituou, de que resultou clamar por ella a opinião publica, reforçada pelo voto de muitos deputados de algumas das juntas provinciaes, que se achavam em Cadiz. Foram estes os que no dia 17 de junho d'aquelle mesmo anno nomearam dois d'entre si, a quem encarregaram de entregar á regencia uma exposição para que se realisasse a promessa da convocação das côrtes. Vivo e bastantemente animado foi o debate, que dois dos ditos deputados tiveram com o bispo de Orense, sendo o resultado d'isto ordenar a regencia, por decreto de 18 do citado mez de junho, que no mais breve espaço de tempo se fizessem as eleições ainda não effeituadas, devendo os deputados eleitos comparecer por todo o mez de agosto na ilha de Leão, onde se proce-

deria á abertura das sessões, logoque a maioria d'elles o permittisse. Foram portanto a impaciencia e a fermentação do publico, de concurso com as instancias dos votados á causa liberal, as causas que levaram o conselho da regencia á adopção d'esta medida, na qual todos os de boa fé esperavam achar o mais salutar remedio para todos os males, que por então affligiam a nação hespanhola. A falta que faziam os deputados de muitas das colonias da America, e até mesmo de varias provincias do continente europeu, occupadas pelos francezes, foi supprida por cincoenta e tres deputados supplementares, eleitos em Cadiz interinamente pelos individuos, que d'aquellas differentes partes ali se achavam, sendo trinta d'estes destinados a representarem a America. Era por aquelle mesmo tempo que chegava a Cadiz a primeira noticia da revolução de Caracas (cabeça da antiga capitania de Venezuela, que hoje faz parte da republica de Columbia), depois da qual se seguiu a de Buenos Ayres abertamente contra a metropole. Similhante noticia, vinda por Inglaterra, produziu logo no publico a maior agitação possivel. Excitaram-se graves queixas contra a regencia por não ter participado a sua installação com a celeridade e consideração devidas áquellas colonias; de não ter enviado para os governos da America pessoas de reconhecido talento e credito; e finalmente de ter seguido o mesmo systema mysterioso, incerto e illiberal com que a junta central causára tantos males á patria. A cidade de Cadiz, que tantos laços commerciaes por então mantinha com as colonias da America, era sem duvida aquella a quem maior somma de interesses prendia com a resolução d'esta tão grave e melindrosa questão. Foi no principio incerto o juizo, que em Cadiz se fez da sublevação de Caracas e de Buenos Ayres; a primeira d'estas, sendo fomentada pelo general Miranda, fundava-se nos perigosos principios da emancipação da metropole; a segunda tinha-se como nascida do estado de incerteza em que os buenayrenses estavam sobre o estado das cousas em Hespanha. Todavia após esta primeira noticia veiu a enganadora esperança das desavenças suscitadas se terminarem por feliz maneira,

sendo este objecto mais um novo motivo para que a grande maioria dos hespanhoes clamasse pela reunião das côrtes, que todos olhavam como o melhor meio de conciliação entre as colonias e a metropole, não obstante seguir-se em terceiro logar, á sublevação de Caracas e de Buenos Ayres, a da Santa Fé (Mexico).

É inquestionavel que no meio das criticas circumstancias em que se achava a Hespanha, extrema era sem duvida a precisão que havia de um governo, que alem de cortar vivo e profundo pelos abusos introduzidos nos ramos da guerra e da fazenda, formasse e reformasse exercitos, achasse recursos pecuniarios para o seu custeamento, e finalmente que assumisse aquella salutar energia de que tanto se precisava para salvar a nação. Louvaveis eram por certo estes desejos que muitos manifestavam, mas não era facil achar quem os preenchesse como convinha, não se attendendo mesmo se cabiam ou não nos limites da possibilidade humana, ou se a appetecida reunião das côrtes era com effeito o melhor meio de se alcançar, nas circumstancias em que por então se achava a Hespanha. O conselho de regencia, postoque em tudo melhor que a anterior suprema junta central, estava ainda assim longe de preencher a espectação da nação, suppondo-se bastante inferior ás difficuldades das referidas circumstancias, as quaes tinha por dever superar. Algumas provincias da Hespanha houve que só tinham reconhecido o dito conselho de regencia, como governo interino até á convocação das côrtes, sendo portanto palpavel a sua debilidade, quando n'elle tanto se precisava de energia de vontade e força na execução das medidas a adoptar. Para este estado de cousas tambem não concorria pouco a junta de Cadiz, que conseguindo apoderar-se do ramo financeiro, parecia querer rivalisar em auctoridade com a propria regencia, da qual seguramente se não podia esperar a salvação da Hespanha no meio de taes occorrencia[illegible] Os homens ardentemente apai[illegible] nados pelas innovaçõe[illegible] [illegible]icas, e os liberaes exce[illegible] pareciam predomin[illegible] [illegible]. A elles se deve [illegible] vocação de uma [illegible] [illegible]gitarios, ou do[illegible]

grandes do reino, que a junta central havia convo-
baixo da denominação de *estamento*, ou camara de
omo entre nós se chama, de que resultou confor-
maioria da regencia com a opinião de se dever con-
ıa só camara. A par dos antigos dignitarios, foram
te banidos, e até mesmo fulminados de anathema,
que se tinham por affectos ao regimen da velha mo-
Por toda a parte se viam juntas, reuniões, circulos,
:ias com a regencia, interrogatorios e esclarecimen-
utia-se o merito dos candidatos a eleger, e longe
ır a escolha nos que se recommendavam pelas suas
es, todas as attenções eram para os homens novos,
las novas doutrinas se tinham já fortemente pro-
, não tendo muitos d'elles outro merito mais que o
istas. Com estes auspicios se fizeram pois as elei-
phantasmagoria até certo ponto, e na ilha de Leão
am no dia 24 de setembro do citado anno de 1810
:tiva casa da camara os deputados eleitos, que em
io d'ali se dirigiram á cathedral para ouvirem a
Espirito Santo, celebrada pelo cardeal arcebispo de
). Luiz de Bourbon. Da cathedral, onde prestaram
spectivo juramento, se dirigiram os deputados para
as côrtes, que se havia preparado no *Colyséo*, isto é,
o da cidade, que foi a casa que mais conveniente
Chegados ao salão, ali foram saudados por inces-
vas dos espectadores que estavam nas galerias.
:ia, sentando-se no throno, foi quem abriu as ses-
diante uma pequena falla, que pronunciou o bispo
e, seu presidente, finda a qual, elle e os seus colle-
tiraram da sala com os ministros d'estado.
que foi a mesa da presidencia interina, passou-se a
effectiva, sendo nomeado presidente D. Ramon La-
Dou, deputado pela Catalunha, sendo secretarios
sto Perez de Castro e D. Manuel Lujan. Terminada
ão, leu-se na mesa um papel da regencia, em que
va o desejo de resignar o poder, indicando a neces-
e se nomear immediatamente um governo, em rela-

ção com a nova situação da monarchia. A esta nomeação antepozeram porém as côrtes, por proposta de D. Manuel Lujan, sustentada por D. Diogo Muñoz Torrero, o declararem-se as côrtes primeiro que tudo congresso nacional e extraordinario, e como tal representando a soberania da nação hespanhola, additando mais que reconheciam e proclamavam como seu legitimo rei o sr. D. Fernando VII de Bourbon, a quem prestavam juramento de obediencia: que a sua missão era sómente a do exercicio do poder legislativo com abstenção do executivo e judicial; que confirmavam todos os tribunaes e justiças do reino, assim como as auctoridades civis e militares; e finalmente que a pessoa dos deputados era inviolavel, não se podendo intentar acção contra elles, senão pela fórma fixada n'um regulamento, que proximamente iriam fazer. Esta primeira sessão durou treze horas a fio, e foi sempre publica. Desde logo mostraram os seus talentos oratorios, alem do citado D. Diogo Muñoz Torrero, deputado pela Extremadura, o famoso D. Agostinho Arguelles, deputado pelas Asturias, D. Antonio Oliveiros e D. José Mexia Lima: D. Benito Hermida, D. Evaristo Perez de Castro e D. Antonio Campusani, eram já talentos bem conhecidos. Como um dos mais notaveis hespanhoes d'aquelle tempo, de justiça é mencionar D. Gaspar Melchior de Jovellanos: era natural das Asturias, e nascido em Gijon em 1749. Passava em Hespanha por ser um dos mais famosos litteratos entre os seus compatriotas, tendo sido admittido á academia na curta idade de vinte e um annos, em consequencia dos seus poemas lyricos. D. Carlos III o nomeou conselheiro de estado, confiando-lhe a par d'isto importantes commissões. Mostrando-se liberal, e atrevendo-se no reinado de D. Carlos IV a aconselhar cousas n'este sentido, foi desgraçado até 1799, em que então foi chamado para ministro da graça e justiça, sendo por mais outra vez posteriormente desgraçado, em rasão de fallar contra Godoy. Voltando á Hespanha em 1808, foi nomeado membro da suprema junta central, e com ella caiu igualmente, partilhando parte do odio publico em que esta mesma junta incorrêra. Finalmente tido na conta de afrance-

zado, foi por fim desgraçada victima de uma commoção popular no anno de 1812.

D. Agostinho Arguelles tinha menos de trinta annos de idade em 1810, quando se apresentou nas côrtes, onde adquiriu a reputação de ser o seu melhor orador: era deputado pelas Asturias, e sobrinho de Jovellanos. A sua reputação oratoria era com effeito bem merecida pela abundancia das expressões, rapidez no estylo e na declamação, reunindo com isto bastante clareza para ordenar os seus discursos, e sensivelmente ferir os pontos mais vitaes e importantes da questão que se debatia. Constituindo-se o alvo da admiração publica, e dos elogios da mocidade ardente, que lhe chamava o *divino Arguelles*, era nas côrtes tido como chefe de partido, auxiliado por uma duzia de oradores, que fallavam no mesmo sentido do que elle, e por mais trinta ou quarenta deputados, que votavam o que elle lhes dictava, sendo elle o promotor do decreto pelo qual as côrtes se declararam soberanas, e do da liberdade da imprensa. Todavia os seus discursos eram sempre cheios de diatribes amargas contra a arbitrariedade e o despotismo do passado regimen. Antes da insurreição contra os francezes fôra empregado pelo principe da Paz n'uma commissão meio diplomatica a Inglaterra, de cuja constituição tinha perfeito conhecimento, bem como da lingua ingleza. Achando-se em Cadiz, quando foi da reunião das côrtes, ali o nomearam os seus comprovincianos deputado supplementar por aquelle principado.

D. Diogo Muñoz Torrero, deputado pela Extremadura, era ecclesiastico e reitor da universidade de Salamanca: mostrava nas côrtes ter muitos talentos e conhecimentos scientificos, sendo tido na conta de patriarcha dos innovadores, ou por outra, do partido republicano, de que Arguelles se podia chamar o Achilles, fazendo Torrero de Ulysses. Pela mesma provincia da Extremadura tinha elle por collegas D. José Calatrava e D. Antonio Oliveiros. O primeiro d'estes foi secretario da junta de Badajoz, e fez no congresso amargas queixas contra a arbitraria conducta dos generaes do exercito da esquerda na provincia que representava: o segundo era tambem eccle-

siastico, e intimo amigo de Torrero, cujas opiniões par
va, com a differença de ser mais arrebatado de caract
ter menos talentos e luzes do que elle tinha.

D. Benito Ramon Hermida, que tambem se fez notar
orador, era deputado pela Galliza, tendo por collega D.
quim Tenreiro Montenegro. Hermida era um velho res
vel, que nas côrtes foi augmentar a reputação, que
d'ellas já a tinha justamente adquirido, quanto aos se
lentos e opiniões: o seu unico defeito era a sua muita
que o embaraçava de brilhar n'uma tão numerosa a
bléa, onde não bastava possuir sómente talentos e sci
como elle possuia, mas era alem d'isso necessario ju
estas qualidades uma voz forte e mais actividade do q
ralmente costumam ter os homens de setenta annos.
tos empregos que occupára, e o cargo de conselhei
estado, que ainda tinha, eram entre os innovadores
dadeiros motivos da indisposição, que contra elle mostr
Tenreiro era um cavalheiro da Galliza, dotado de boas
ções, mas de pouco juizo: tendo-se imprudentemen
posto com mais calor do que ninguem a alguns dos m
mosos decretos das côrtes, como o da liberdade da imp
chamou contra si o odio do povo liberal, que frequent
galerias, e dos mais apaixonados pelas idéas em voga.

D. Antonio Campusani era deputado pela Catalunh
onde tinha por collega D. Jaime Creus. Campusani
redactor da *Sentinella da patria contra os francezes*
das melhores obras d'aquelle tempo: a sua reputação
tica não igualava a litteraria, talvez por causa de segui
conducta sempre duvidosa, nascida em parte da sua in
avançada, e em parte do pouco conhecimento que mo
ter das materias de que se tratava. Creus era um eccl
tico de bastante juizo, boas intenções, e sãos princ
sendo de todos os deputados pela Catalunha o que mai
fluencia exercia sobre os seus compatriotas, que quasi
pre votavam com elle.

D. José Mexia Lima, um dos mais famosos deputad
America pelo reino da Nova Granada, era um moço d

lento fóra do commum, dotado de extraordinaria viveza de espirito, penetração, e bastantes conhecimentos: o Quito fôra a sua patria natal e d'ella viera buscar fortuna á Hespanha, onde ultimamente conseguíra ser nomeado official de uma das secretarias de estado. Nos primeiros dias das côrtes ousou disputar ao *divino Arguelles* a palma da eloquencia parlamentar, decaindo d'estas aspirações por lhe faltar a energia, a clareza e a rapidez de estylo d'este segundo orador, usando nos seus discursos de muitas imagens e figuras, ás vezes mesmo fóra de proposito. As suas fallas eram pausadas, sendo por isso capaz de prolongar por horas a sua récita, sem nunca se alterar, nem confundir. A elle se deveu quasi inteiramente o famoso decreto relativo á America, que fez desapparecer as differenças, que existiam entre a metropole e as colonias, mandando que se esquecessem os ultimos acontecimentos d'aquelle paiz. Figuravam mais como deputados pela America D. Dionysio Inca Inpangui e D. Francisco Morales. Em D. Dionysio só havia a celebridade de ser descendente dos antigos Incas do Perú, gosando por esta causa uma pensão annual, que os reis da Hespanha davam a todos os individuos d'esta familia. Julgando que a sua origem lhe impunha a obrigação de defender a causa dos indios, tinha-se por este motivo tornado notavel, lembrando mesmo de certo modo, aindaque com modestia, os direitos dos seus antepassados. Morales, deputado supplementar da America, era homem de certa idade, de muito estudo e conhecimento das leis, estimado no seu paiz, d'onde chegára poucos mezes antes de ser eleito. D'entre os americanos era talvez o que tinha adquirido maior ascendencia nas côrtes, e mais justamente a merecia pela sensatez das suas opiniões, que o levavam a abraçar sempre o melhor partido. Elle, Mexia, e D. Joaquim Leyva, representante do Chile, e homem igualmente letrado, foram os tres americanos que se distinguiram no congresso. Com D. Francisco Morales não se deve confundir um outro Morales com o nome de D. José, que era deputado por Sevilha, e fôra presidente das côrtes no terceiro mez da sua existencia. Desde o principio da insurreição contra os

francezes que este D. José Morales se tinha feito conhecer na junta de Sevilha, cidade por onde foi eleito. Trazia o habito de Christo, que os governadores do reino de Portugal lhe tinham dado, em recompensa dos serviços, que a dita junta de Sevilha prestára ás juntas do Algarve e de Beja.

Taes foram os mais notaveis homens com que as côrtes de Cadiz incetaram as suas funcções legislativas em 24 de setembro de 1810. Figurou entre as suas primeiras medidas a da confirmação das auctoridades constituidas, e portanto a da regencia no exercicio do poder executivo, que tinha a seu cargo; mas o bispo de Orense, seu presidente, não querendo prestar o juramento, que d'elle se exigia, nem como regente, nem como deputado ás côrtes, retirou-se de Cadiz, e pouco tempo depois para o seu bispado. Outra das primeiras medidas das côrtes foi o seu decreto sobre a liberdade da imprensa, a que depois se seguiu o relatorio e decreto sobre os negocios da America, querendo os seus deputados que se elogiasse a conducta dos habitantes de Caracas e Buenos-Ayres. A nomeação de uma nova regencia foi outra das suas ditas medidas. As côrtes não podiam retardar esta nomeação sem graves inconvenientes. A antiga regencia não deixava de causar inquietações e desgostos. Uma ordem sua, communicada officialmente ás auctoridades de Cadiz, para que impedissem fallar mal das côrtes, havia acabado de irritar os animos. Os inimigos do congresso a davam como resultado das sessões secretas dos dias anteriores, e os seus amigos lamentavam que se lhe attribuisse similhante cousa. Emfim, depois de muitas conferencias preparatorias, as côrtes nomearam em 28 do outubro em sessão secreta e permanente tres regentes de propriedade, tendo-se anteriormente concordado que um d'elles fosse natural da America, para dar áquelles povos mais um novo testemunho da imparcialidade da metropole para com elles, e do seu zêlo para com o seu bem estar. Recaiu portanto a eleição por parte da Europa no general D. Joaquim Blake, e no chefe de esquadra D. Gabriel Ciscar, e por parte da America no capitão de navios D. Pedro Agar. O primeiro, aindaque pouco afortunado na

sorte das armas, era por então considerado como um dos mais sabios chefes militares na arte da guerra, e não menos integro e capaz para a direcção dos negocios publicos; o segundo unia á sua reputação scientifica a sua muita probidade e inteireza; e finalmente o terceiro não era menos estimado pelas suas luzes e conhecimentos, que por suas virtudes privadas. Para se supprirem os dois primeiros regentes, que então se achavam fôra de Cadiz, nomeou-se interinamente o general marquez de Palacios, e D. José Maria Puig, do conselho real: n'esta escolha não houve esmero algum, por se não dar importancia ao cargo de regentes substitutos. O marquez deu porém muito que fallar, porque na sessão das côrtes, em que perante ellas tinha de prestar o juramento do cargo, divergiu da formula prescripta pelas mesmas côrtes, no acto de lhe ser apresentada pelo respectivo secretario, dizendo em voz alta e atrevida, que jurava, sem prejuizo dos muitos juramentos, que já tinha prestado ao Senhor D. Fernando VII. Advertido pelo presidente de que o juramento devia ser sem restricção, insistiu no que já havia dito, de que resultou pôr-se em confusão e desordem a assembléa, até que por fim, restabelecida a ordem, se decidiu que o marquez passasse debaixo de prisão ao corpo da guarda immediata, até que se tomasse uma resolução, que foi a de se declarar ter elle perdido a confiança da nação, ficando por conseguinte excluido do logar para que tinha sido eleito.

Tanto este como outros mais escandalos, destinados a aggredir as côrtes, eram obra do partido reaccionario, que não perdia a mais pequena occasião de os provocar para alentar os seus correligionarios. Sem embargo d'estes desgraçados incidentes, as discussões e decretos das côrtes íam ganhando proselytos, fazendo por toda a parte tanto mais profunda impressão, quanto maiores e mais sensiveis iam sendo os desastres da guerra, os quaes não só haviam levado a timidez ao centro do supremo governo, mas tambem ao coração do mais esforçado e resoluto hespanhol. Apesar d'isto os amigos das innovações não desistiam dos seus enthusiasmos, exigindo das côrtes uma reforma de systema, acreditando, ou

fingindo acreditar, que todos aquelles desastres provinham de similhante falta. N'este sentido se apresentavam como em tropel ás côrtes incessantes planos, queixas, memorias, projectos e toda a ordem de representações. Finalmente formulou-se um regulamento provisional para governo da regencia, emquanto se não promulgava a constituição. Este regulamento continha os fundamentos do regimen representativo, conforme os principios promulgados em 24 de setembro, sendo as restricções impostas ao governo analogas ás circumstancias da epocha. As mais importantes das ditas restricções consistiam em não ser permittido aos regentes mandarem por si força armada, não sanccionarem as leis, communicarem confidencialmente ás côrtes, antes de se publicarem, as nomeações que houvessem de fazer na alta administração do estado; e nas relações diplomaticas apresentarem á sua approvação e ratificação os tratados que negociassem, mas sem que por isso estivessem obrigados a dar-lhes parte das negociações que a seu respeito entabolassem, nem do seu progresso, até que a sua propria descripção e prudencia o julgassem conveniente. Reunidos os novos regentes, resolveram as côrtes trasladarem-se para Cadiz, onde abriram as suas sessões no dia 24 de fevereiro de 1811, por se julgar imprudente que permanecessem na primeira linha de defeza, a fim de deixarem mais desembaraçado e livre um ponto tão importante como a linha de Leão, onde se tornavam cada vez mais propinquos todos os riscos e occorrencias de um assedio em que o inimigo se achava tão altamente empenhado.

É problema de certo para resolver se, no meio das circumstancias em que a Hespanha por então se achava, era com effeito aquella a occasião mais propicia dos liberaes hespanhoes realisarem os seus ardentes desejos da convocação das côrtes, e se a sua reunião foi, ou deixou de ser vantajosa á encarniçada luta em que a peninsula se achava por então empenhada contra a França. Quanto a nós, partilhâmos inteiramente a crença de que a occasião para tal convocação foi não só inopportuna, mas até prejudicial á causa publica, hes-

tando para o provar dizer que no meio dos embates e opiniões partidarias de um paiz qualquer, a braços com uma guerra estrangeira, entrelaçada com uma guerra civil, como por aquelle tempo se achava a Hespanha, em razão dos muitos hespanhoes que seguiam a causa da França, não deixaria o governo d'esse paiz, quando fosse representativo, não só de encerrar o seu parlamento, mas até de suspender as garantias individuaes. Se portanto era incoherente para tal governo manter aberto esse parlamento, quando n'elle se achasse estabelecido, muito mais incoherente seria por certo institui-lo como materia nova, pela inteira certeza de que elle havia forçosamente de enfraquecer a acção do governo, como por então se viu em Hespanha, em vez de lh'o fortalecer. É portanto innegavel que a reunião das côrtes de Cadiz, na occasião em que teve logar, e a conducta que ellas depois tiveram, estavam seguramente bem longe de se harmonisarem com as necessidades do paiz, que mais pedia uma dictadura do que a installação de um soberano congresso, de certo mais proprio para debilitar do que para dar vigor á acção do poder executivo. Devida a sua convocação aos clamores de uma meia duzia de escriptores, á testa dos quaes se achava D. Manuel José Quintana, arrogando-se o papel de orgãos da opinião publica, sem exhibirem documento por que se devessem considerar como taes, era moralmente impossivel que, reunidas ellas, e influenciadas por esses mesmos escriptores, deixassem de harmonisar muitas das suas discussões e medidas com muitas das utopias da revolução franceza, e as reformas sociaes, que lhes tinham andado annexas, persuadidas de que ellas não eram convocadas, tanto para repellirem o jugo estrangeiro, quanto para organisarem a constituição do paiz, segundo aquellas utopias.

Alem do que fica dito, dava-se tambem o facto de que as idéas liberaes estavam ainda por então muito longe de se poderem julgar abraçadas pela maioria da nação hespanhola, não obstante os esforços, que empregavam para as fazerem bemquistas no paiz os que d'ellas tinham sido fautores. O primeiro vicio que n'ellas se notou foi o não serem muitos

dos seus membros eleitos pelos povos de que se diziam representantes, sendo estes, constituidos em deputados supplementares, quasi tódos letrados, membros do clero, procuradores e homens d'esta classe, sempre dispostos a innovações, sendo elles os que nos primeiros tempos tiveram grande influencia, e decidiam os debates das côrtes, as quaes, devendo conter para cima de duzentos membros na totalidade, installaram-se sómente com 102, dos quaes 53 eram deputados supplementares pelas colonias da America e provincias européas, occupadas pelos francezes. O certo é que a reunião das côrtes de Cadiz trouxe logo comsigo por seu immediato effeito o enfraquecimento da resistencia contra os francezes, porque convergindo até então todos os animos para uma tal resistencia, desde aquella reunião as paixões politicas dividiram a unidade das vistas, que até ali havia, com relação á guerra, afrouxando por similhante causa a insurreição começada. Alem d'isto as côrtes, e a regencia por ellas nomeada, nenhuma medida tinham adoptado, que sensivelmente melhorasse os exercitos, o que bem se provava pela circumstancia de se achar a ilha de Leão bloqueada apenas por oito ou nove mil francezes, não havendo um só d'aquelles exercitos, que obrigasse os sitiantes a levantarem o cêrco, ou a fazerem com que Soult deixasse a Andaluzia. Isto era tanto mais para admirar, quanto que em Cadiz havia uns 12:000 homens de tropas hespanholas, alem de mais seis para sete mil inglezes e portuguezes. Tudo o que de mais notavel se tinha feito em Hespanha, militarmente fallando, era o terem-se organisado as suas forças nos principios do anno de 1811 em seis exercitos, que eram: 1.º o da Catalunha, 2.º o de Valencia e Aragão, 3.º o de Murcia, ou o chamado do centro, 4.º o da ilha de Leão, 5.º o da Extremadura, 6.º o da Galliza e das Asturias.

O que fica dito é bastante para se provar que a reunião das côrtes de Cadiz foi com effeito inopportuna na occasião em que teve logar, achando-se, como a Hespanha por então se achava, n'uma especie de anarchia, que a dita reunião veiu ainda mais provocar. Se a junta de Cadiz rivalisava com a re-

gencia em auctoridade, as juntas das differentes provincias fielmente a imitavam n'isto, variando portanto os interesses, segundo as localidades. Verdade é que o antigo systema de administração por meio dos capitães generaes subsistia ainda nas referidas provincias, mas a omnipotencia das juntas os supplantava, e postoque estas fossem nominalmente responsaveis para com as côrtes e a regencia, o certo é que de facto ellas obravam independentes, a não ser n'aquelles casos em que vistas interesseiras as obrigavam a uma obediencia apparente. Assim o provam as constantes altercações que houve entre ellas e os differentes generaes, sendo estes pela maior parte creaturas da regencia; ou das côrtes. Na Galliza, nas Asturias, na Catalunha e nos reinos de Valencia e de Murcia essas altercações cresciam, em vez de diminuirem. Os generaes Mahi, Abadia, Moscoso, Cámpo-Verde, Lacy, Sarsfield, Eroles, Milans, Bassecour, Coupigny, Castanhos, Blake e Ballesteros disputavam fortemente com as juntas. O marquez de Palacios, excluido da regencia, como já vimos, fôra nomeado capitão general do reino de Valencia, e subordinando a si os reaccionarios, ali continuou em aberta hostilidade ás côrtes. A junta de Sevilha julgava-se com auctoridade suprema sobre o condado de Niebla, de que resultou pôr o general Ballesteros por seu proprio arbitrio o sobredito condado debaixo da lei marcial. Algumas vezes succedeu annullarem as côrtes os decretos da regencia, cerceando-lhe de facto as suas prerogativas, de que resultava por justa retribuição o odio, que ás ditas côrtes votára a mesma regencia, o que faria qualquer outra a quem isto se fizesse, fossem quaes fossem os membros que a constituissem, particularmente n'uma occasião em que, alem de firmarem o seu poder, tinham por obrigação restricta fazerem triumphar a causa nacional contra os inimigos externos e internos.

A desordem era portanto geral, como se prova, tanto pelos papeis interceptados ao rei José, como pelo testemunho dos officiaes e diplomaticos inglezes, que accordes em unanimes sentimentos, sem rebuço algum confessavam que nem as côrtes, nem a regencia davam á guerra o impulso, que lhe

convinha, sendo apenas entretida pelo odio pessoal dos hespanhoes para com os francezes, odio que estes excitavam, e constantemente mantinham pela iniquidade e tyrannia da sua conducta para com aquelles. De Cadiz escrevia o secretario da embaixada ingleza, Mr. Vaughan, para Lisboa a Mr. Stuart na data de 27 de fevereiro de 1811, dizendo-lhe: «Affligem-me os poucos esforços que os hespanhoes fazem, e o que mais me afflige ainda é o pensar que nada se obterá d'elles. As côrtes não tem dado á guerra o impulso que d'ellas se esperava. Descansando na regencia, d'ella aguardam os planos da reforma do exercito, ao passo que esta regencia é peior que os precedentes governos. Blake, de quem vós fazeis bom conceito, assim como todo o mundo em geral, nada faz pela sua parte, sendo alem d'isso minha opinião que elle é decididamente opposto aos inglezes. O plano de Whittingham (o de se disciplinar um corpo de hespanhoes separado), tinha sido approvado antes da chegada de Blake, o qual busca entretanto por todos os meios ao seu alcance fazer rejeitar este plano, ou inutilisa-lo. As côrtes contam no seu gremio muitos padres, que de acordo com os catalães, querem conservar a antiga ordem de cousas, oppondo-se a que se tome decisão alguma, que possa dar certa energia e vigor ás decisões do governo. O fanatismo e interesse pessoal determinam as suas opiniões. Arguelles e o seu partido ardentemente desejam que se remedeie o miseravel e vergonhoso estado a que tem chegado os exercitos: não duvido que, apesar dos laços de amisade que os ligam a Blake, consintam n'uma mudança do actual governo, a terem a mais pequena probabilidade de que o partido catalão possa escolher um melhor. Estae certo, meu caro Stuart, de que as côrtes, taes como se acham constituidas, nada tem de revolucionarias, nem de jacobinas. Ellas amam a monarchia, e querem conservar a inquisição por todas as fórmas; é o unico ramo do antigo governo que parecem estar dispostas a sustentar com energia. Quando se não consiga dar uma nova direcção ás côrtes, ellas não passarão de uma junta, ingerindo-se nos mais miseraveis detalhes da politica, sem attenderem á salvação do paiz. Quanto á regen-

ır-se-ha de reinar, ainda que mal, tão sómente
e a ilha de Leão».
s se aggravarem as tristes circumstancias a que
estava por então reduzida, vieram-lhes dar mais
ıtrigas dos inglezes, para os quaes era sempre
ıanto decididamente se não conformasse com os
s, ou lhes não applanasse o caminho para chega-
potencia a que aspiravam, e effectivamente con-
ɔpois da guerra acabada. A regencia e o seu pre-
Joaquim Blake, não agradavam aos inglezes, os
opozeram tramar contra aquella e este, achando
voravel disposição no publico. Todavia é forçoso
ınto o governo existente, como os que o tinham
, e os que em iguaes circumstancias se lhes ha-
le seguir, não podiam deixar de se desconceituar
, e de adquirir, senão o odio, pelo menos o des-
eus governados. As côrtes, combatidas por fac-
ıpre lentas nas suas medidas, como succede a
o numeroso, por varias vezes tentaram formar
ɡencia, sem se resolverem a verifica-lo, allegan-
ɔtexto da dilação que havia, umas vezes o com-
ue o general Blake se achava revestido, e outras
le de concluirem a constituição, antes de entre-
verno a uma regencia mais permanente do que
por então existia. N'estes termos se achavam
ıando o embaixador de Inglaterra, persuadido da
essidade que havia de se adoptar esta medida,
asi publicamente, que não queria continuar a tra-
ɡencia existente, e que emquanto as côrtes não
outra, se negaria a entrar em qualquer especie
io, tanto sobre os subsidios, como sobre o com-
merica, e a cooperação militar do exercito inglez
, na certeza de que em ultima extremidade sua
ɔritannica continuaria a soccorrer as differentes
a Hespanha, sem conservar relação alguma com
no central. Similhante declaração não só era in-
mas até inopportuna, poisque demittir a regen-

cia, substituindo-a por outra, antes da approvação da constituição, nenhuma rasão plausivelmente o podia justificar, não podendo similhante medida deixar de offender altamente com sobejo motivo os membros de que se compunha a existente, e ao mesmo tempo mostrar a humilhante subserviencia em que as côrtes se achavam para com as exigencias inglezas, cousa que muito seriamente se oppunha aos nobres e patrioticos pundonores de toda a nação hespanhola. Á vista pois d'isto resolveram as mesmas côrtes não se desviarem do passo grave com que caminhavam sobre um ponto em que julgavam interessada a sua independencia e o seu decoro, de que resultou não se commoverem diante da absurda e impolitica declaração do embaixador inglez, o qual, fundando loucamente sobre ella indubitaveis esperanças, achou-se todavia enganado, tendo por conseguinte ou de desmentir as suas palavras, ou de obrar em contradicção com os interesses do seu paiz, suppondo-se que escolheria o primeiro d'estes partidos, como de facto succedeu, aconselhado por uma melhor politica, por ser este o meio, quando as côrtes elegessem outra regencia, de conseguir o referido embaixador, como conseguiu, collocar n'ella as pessoas que houvesse de indicar, dando-as como agradaveis ao seu governo, taes como o duque do Infantado, o general D. Henrique O'Donnell, e o almirante Villavicencio. Não era porém de estranhar que mr. Wellesley não conseguisse dar este golpe, quando assim lhe succedesse, attendendo a que já tinham sido frustradas todas as negociações de importancia por elle emprehendidas durante a sua missão, taes como o conferir-se o commando das tropas hespanholas a seu irmão, lord Wellington, as suas pretensões sobre o commercio da America, etc.

As côrtes, tendo-se occupado do estado financeiro do paiz, em presença do orçamento, que o ministro da repartição competente lhes apresentára, haviam creado uma nova ordem militar, a que chamaram *ordem do merito*, destinada a galardoar as façanhas do exercito, praticadas na guerra, desde o general até ás praças de pret. Seguiu-se a isto o decreto da abolição da tortura judicial, datado de 22 de abril de 1811,

e depois o da abolição das jurisdicções senhoreaes, e de todos os mais vestigios do antigo regimen feudal, que nada mais era do que uma verdadeira confederação de pequenos soberanos, constituidos em outros tantos despotas, desiguaes entre si, e que tendo uns a respeito dos outros certas obrigações e direitos, achavam-se todavia revestidos nos seus proprios dominios de um poder absoluto e arbitrario sobre os seus subditos. Postoque em Hespanha não tivesse tal regimen tido a mesma extensão e força, que havia tido em França, como já notámos no discurso preliminar d'esta obra, phenomeno provavelmente devido á invasão dos arabes, que d'elle foi coeva, nem por isso deixou de se fazer n'ella sentir, chegando os seus vestigios até á epocha, ou anno de 1811, em que por então se estava. Dos direitos dominicaes, prestações e privilegios, que lhes competiam, havia grande variedade e praticas estranhas, não se podendo negar que, quaesquer que ellas fossem, similhantes direitos, prestações e privilegios eram em todo o caso oppostos ao bom senso, e mais que tudo incompativeis com o systema liberal, ou governo representativo, que a Hespanha tinha por então abraçado. Póde ser que fossem boas similhantes instituições na epocha em que tiveram logar; mas com o andar do tempo não era possivel existirem diante do progresso e civilisação dos seculos XVIII e XIX. Sem embargo d'isto os privilegiados oppozeram tenaz e invencivel resistencia a uma tão justa, quanto necessaria extincção. Todos os monumentos historicos da Hespanha, todos os corpos da jurisprudencia civil e criminal, todas as memorias, e todas as tradições nacionaes provavam bem o excesso a que n'aquelle paiz tinham chegado a desmedida ambição, e insaciavel cubiça dos validos e cortezãos. Senhorios havia ainda em Hespanha onde os direitos, que se tratava de extinguir, eram violentos e oppressivos no mais alto grau. Casos havia em que o senhorio se estendia á jurisdicção, estabelecendo um intoleravel monopolio no trafico e mais operações necessarias á industria rural e fabril de varios ramos de cultura, taes como a prohibição que os lavradores tinham de moerem grão nos seus proprios

moinhos, de fabricarem vinho e azeite nos seus mesmos lagares, de cozerem pão nos seus proprios fornos, de darem hospedagem nas suas mesmas casas, e outras cousas similhantes: senhores de aguas e ventos, como eram muitos potentados, não havia moinho ou azenha, que por aquelle motivo lhes não pagasse tributos, cousa que os pescadores dos rios, e até mesmo os do alto mar, lhes tinham igualmente de pagar.

Todos estes absurdos, anteriores uns e posteriores outros á funesta e indefinida instituição dos morgados, constituiam na realidade a nação hespanhola n'uma dura servidão para com um pequeno numero de classes ou familias, de que resultava haver em similhante systema um vicio radical, que clamava por um prompto e efficaz remedio. Em abono de um tal estado de cousas não podia haver rasão, nem justiça, nem cousa que aconselhasse a sua conservação. Todavia os grandes, refugiados em Cadiz, por si, e em nome dos que se achavam ausentes, representaram contra a resolução, que podesse prejudicar os seus privilegios, fazendo allegações que offendiam a rasão, o bom senso, e os interesses geraes da nação n'uma epocha em que mais se olhava para isto do que para a conservação das cousas aliás contrarias ás antigas leis do paiz, cujo regimen e disposição se tinham manifestamente quebrantado, ou annullado com o andar do tempo. A sua vaidade e indiscrição chegaram ao ponto de se chamarem *senhores naturaes dos seus povos*, na sua dita representação. Apesar de tudo isto as côrtes decretaram a abolição dos senhorios, acto que reputaram de justiça e de politica, dando menos consideração aos privilegiados do que ás povoações feudatarias e invilecidas por multiplicadas vassallagens, sujeitas ao mesmo tempo ao poder supremo do estado e ao dominio parcial dos regulos, que tambem como ellas eram subditos da auctoridade dos principes, e como ellas igualmente sujeitos ás leis geraes do paiz. Não podia dar-se outro resultado n'uma epocha de tanta e tão pronunciada exaltação, em que não faltavam agitadores, que forçassem o governo, as côrtes e os magistrados á adopção de uma medida de tanta rasão e justiça como era esta, porque se assim não fosse, as violencias e os

desacatos seriam o resultado, que comsigo traria a annuencia ao pedido das classes privilegiadas, como não podia deixar de ser, abandonando uma questão de direito publico nacional á mercê de um litigio entre partes, perante os juizes e os tribunaes civis.

Um dos deputados mais empenhados em promover esta reforma nas côrtes foi seguramente D. Antonio Lloret, eleito por Valencia; foi elle quem fez ler na mesa o § 5.° do *papel instructivo, ácerca do direito da real coróa, seguido pelos fiscaes contra a collegiada de S. João das Abbadeças*, impresso em Madrid em 1786. N'elle se dizia o seguinte: «Elles (referia-se aos senhores allodiaes da Catalunha), se reservam e obrigam aos seus emphyteutas e homens proprios a não mudarem de domicilio, nem a casarem a sua familia sem licença do senhor; a entregar-lhes os filhos e as mulheres para seu serviço; a levarem as suas queixas ante os seus tribunaes; *a franquear-lhes a cama na primeira noite das bodas*, e a outros escandalos e vexações, que vulgarmente se chamam *usos maus*. São estas as prerogativas e posses, que allegam os senhores allodiaes contra o rei e os seus subditos». Depois de lido este paragrapho, o mesmo deputado acrescentou de viva voz: «A villa de Verdun na Catalunha paga annualmente ao senhor jurisdiccional, que é o real mosteiro de Poblet, setenta libras catalãs pelo *direito de pernada*[1], e este recibo se exhibe todos os annos na conta dos proprios». N'esta tão memoravel, quanto interessante questão, os debates duraram por vinte e sete dias, fallando n'ella por uma e outra parte não menos de quarenta e oito deputados[2]. Gar-

[1] Era o de metter a perna dentro da cama da noiva, na primeira noite das bodas. Mencionâmos aqui esta indecencia para approximadamente se fazer idéa do que seria o systema feudal, e o grau das suas violencias nos barbaros tempos da sua omnipotencia, e com quanta satisfação não devem os povos de hoje applaudir o desapparecimento de similhante systema, e os soberanos que para este fim trabalharam.

[2] *Exame historico da reforma constitucional, que fizeram as côrtes, installadas na ilha de Leão em 24 de setembro de* 1810, por D. Agostinho Arguelles; Londres, 1835, 8.° grande.

cia Herreros foi seguramente quem teve a palma da victoria em tão aturada e importante discussão. Com uma elocução nervosa, que fielmente pinta a severidade das feições do orador, a sua voz austera assim se fez ouvir n'um dos seus mais vehementes discursos: «Que diria do seu representante essa antiga Numancia (elle era deputado por Soria, edificada no recinto d'aquella antiga cidade), que para não soffrer a servidão, antes quiz lançar-se ás chammas do fogo abrasador que a consumiu? Os paes e as mães que assim votaram seus filhos á morte, julgar-me-íam digno de os representar aqui, se não sacrificasse tudo ao idolo da liberdade? Eu guardo no meu seio todo o calor d'essas chammas devoradoras: elle me excita a affirmar, que jamais os numantinos reconhecerão outro senhorio que não seja o da nação. Elles querem ser livres, e sabem o caminho de o serem». A discussão, aberta a 4 de junho, terminou finalmente pelo decreto de 6 de agosto de 1811. Por elle se declararam abolidas as jurisdicções e direitos senhoreaes; as expressões de vassallo e vassallagem, bem como as prestações, ou reaes ou pessoaes provenientes da mesma origem; igualmente se aboliram os privilegios, chamados exclusivos, privativos e prohibitivos, mencionando-se as disposições tomadas para este fim.

A 18 do citado mez de agosto é que se apresentaram ás côrtes os primeiros trabalhos da commissão da constituição, nomeada para este fim no mez de dezembro do precedente anno. Comprehendiam os referidos trabalhos as duas primeiras partes, ou titulos do referido codigo, sendo um relativo á nação hespanhola e aos hespanhoes, e o outro ao territorio da Hespanha, á religião e ao seu governo, aos direitos e obrigações dos cidadãos, assim como á fórma e aos poderes dos ramos legislativo e executivo. A terceira parte, relativa ao poder judicial, foi lida a 6 de novembro do mesmo anno, apresentando-se a 26 de dezembro seguinte a quarta e ultima parte, onde se determinava a administração das provincias e das camaras municipaes, estabelecendo-se tambem as regras geraes a respeito das contribuições, da força armada, da instrucção publica, e das condições precisas, os

regras a seguir para se poder reformar ou alterar a nova lei fundamental. O relatorio da commissão era acompanhado de um eloquente e muito notavel discurso, onde eram expostos os motivos da opinião adoptada sobre cada ponto, fundado nas antigas leis, usos e costumes, e nas alterações que exigiam as circumstancias e a marcha do tempo.

No sobredito discurso dizia a commissão: Que o projecto da constituição estava em harmonia e concordancia com as leis fundamentaes de Aragão, de Navarra e de Castella, em tudo o que era concernente á liberdade e independencia da nação, aos fóros e obrigações dos cidadãos, á dignidade e auctoridade do rei e dos tribunaes, ao estabelecimento e uso da força armada, e ao methodo economico e administrativo das provincias. Que nos ultimos reinados um espesso véu havia coberto a importante historia das côrtes de Hespanha; que com afinco se prohibiu qualquer escripto, que recordasse á nação os seus antigos fóros e liberdades, sem exceptuar as novas edições de alguns corpos de direito, d'onde com escandalo se arrancaram leis beneficas e liberaes. Que a leitura dos historiadores aragonezes, que tanto se avantajavam aos de Castella, nada deixava a desejar a quem quizesse instruir-se ácerca da admiravel constituição d'aquelle reino. Que a soberania da nação estava reconhecida e proclamada do modo mais authentico nas leis fundamentaes do *Fuero Juzgo*. N'ellas se dispõe que a corôa é electiva; que ninguem póde aspirar ao reino, sem ser eleito; que o rei deve ser nomeado pelos bispos, magnates e povo; explicam igualmente as qualidades que devem concorrer no eleito. Dizem que o rei deve ter um direito com o seu povo. Mandam expressamente que as leis se façam pelos que representam a nação, juntamente com o rei; que o monarcha e todos os subditos, sem distincção de classe e dignidade, guardem as leis; que o rei não tome a alguem por força cousa alguma, e que se o fizer, lh'o restitua. Que a nação nunca deixou esquecer que a corôa havia sido electiva na sua origem; que d'isso era prova clara, entre outros factos, o da deposição solemne, feita pelos estados do principado da Catalunha em 1462, de D. João II de

Aragão. Em Castella se executou o mesmo em 1465 com Henrique IV, por causa do seu mau governo e administração. Em 1406 tratou-se nas côrtes de Toledo, por occasião da menoridade de D. João II, de trespassar a coroa a seu tio, o infante D. Fernando, fundando-se os procuradores na faculdade que tinha a nação para elegerem o rei, segundo o pró commum do reino.

Ao que fica exposto acresce mais que os congressos nacionaes dos godos renasceram nas côrtes geraes de Aragão, de Navarra e de Castella, logoque começaram a resgatar-se da dominação dos arabes. O que dispunha o codigo godo isso mesmo se restabeleceu. O rei, os prelados, os magnates e o povo faziam as leis, outorgavam pedidos e contribuições, e tratavam de todos os assumptos graves que occorriam. Que havia porém entre estes estados differença, quanto á fórma e ao modo de se reunirem as côrtes, de deliberarem e de proclamarem as leis. Que o Aragão foi em todas as suas instituições mais livre do que Castella. N'aquelle reino o rei não podia resistir abertamente ás petições das côrtes, que passavam a ser leis, se o reino insistia. A formula que se usava para a sua publicação tira toda a duvida, dizendo assim: *El-rei, de voluntad de las côrtes, estatuesce y ordena*. Comtudo a constituição de Castella era admiravel. Por ella era prohibido ao rei partir o senhorio; não podia tomar a alguem a sua propriedade; não podia prender cidadão algum, quando desse fiador; por fôro antigo de Hespanha a sentença, dada contra alguem por mandado do rei, era nulla. O rei não podia tomar dos povos contribuições, tributos, nem pedidos, sem o outorgamento da nação, junta em côrtes, com a singularidade de que estas não os decretavam, sem terem obtido a competente indemnisação dos aggravos deduzidos n'ellas. Que em Aragão se estabeleceu em 1283: *Que el señor rei faga cort general de aragoneses en cada un año una vegada. La paz y la guerra la declaraban las cortes à propuesta del-rei.* Que differentes leis e fôros protegiam a liberdade dos aragonezes, como o de se não poder dar tormento, quando ao mesmo tempo em Castella e em toda a Europa estava em

toda a sua força o uso d'esta prova cruel. Finalmente que a constituição de Navarra, como viva e em exercicio, offerecia do que fica dito um testemunho claro.

Fôra D. Agostinho Arguelles o redactor d'este famoso discurso, sendo tambem elle o que em consequencia d'isto se ncarregou da sua leitura: o texto da constituição era obra e D. Evaristo Perez de Castro. A nobre e digna linguagem o discurso, bem como a clareza e a ordem do projecto da ommissão, a par das suas lisonjeiras e generosas idéas cauaram no publico o mais extremo enthusiasmo. Não se presou attenção ás ligeiras faltas, que o podiam obscurecer, orque em Hespanha eram bem conhecidos os males do espotismo, mas ainda não eram sabidos os extravios da iberdade, nem as seductoras utopias e exageradas ficções le muitos dos seus principios, falseados quasi sempre na pratica, principios em que mais figura o philosophismo abstracto dos idealistas politicos, do que o verdadeiro conhecimento do coração humano, e a execução ou fiel observancia d'elles na vida social. O certo é que apenas se leram as duas primeiras partes, o presidente das côrtes, D. João José Guereña, deputado americano pela Nova Biscaya, aindaque opposto ás reformas, deixando-se tambem levar, como muitos outros, pela torrente da opinião geral, fixou para a abertura dos debates o dia 25 do dito mez de agosto. A discussão durou por espaço de cinco mezes, fechando-se a 23 de janeiro de 1812. Ella foi grave e solemne, de modo que, firmando a auctoridade das côrtes, realçou ao mesmo tempo a fama dos membros d'este notavel corpo politico, cujos trabalhos foram depois incentivo, bandeira e norma para outras emprezas d'este genero, quando novas epochas liberaes se seguiram mais tarde a esta, tanto na Hespanha, como em Portugal. Se pois os liberaes se exaltaram com a apresentação e promptificação da constituição, os seus inimigos tomaam tambem desde então por plano levantar-lhe os obstacuos que podiam para a sua execução. Não nos compete menciona-los, por ser cousa alheia ao nosso proposito o sermos mais extensos sobre este assumpto, de que resulta passar-

mos a tratar sómente da materia, que prende com a nossa historia, tal como a da nomeação da nova regencia, na qual o nosso ministro em Cadiz, D. Pedro de Sousa Holstein[1], e juntamente com elle os reaccionarios hespanhoes, pretendiam fazer entrar a princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina. A questão do direito eventual d'esta princeza á successão da corôa da Hespanha já a passada regencia a tinha de facto resolvido a beneplacito do nosso dito ministro, e portanto em favor da sobredita princeza, como já vimos; mas restava ainda o assentimento das côrtes, o que fez com que esta mesma questão n'ellas se tornasse a agitar, sendo por ella que os mesmos reaccionarios começaram com a realisação do seu projecto liberticida, que os liberaes buscaram contrariar por meios violentos e não menos reaccionarios que os dos seus adversarios. Larga foi a discussão sobre uma questão, que brevemente se teria resolvido, a não se ter penetrado desde o principio, que á sombra de similhante materia se intentava introduzir a princeza na regencia com a sua rehabilitação a succeder no throno hespanhol. A systematica pertinacia com que os parciaes da princeza do Brazil insistiam no seu projecto de aplanar-lhe o caminho para a regencia foi causa dos mesmos que lhe resistiam accedessem a lhe declararem o seu direito eventual á corôa, conforme a antiga lei do reino, ainda antes de se apresentar nas côrtes o que a constituição dispunha a este respeito. A resolução foi quasi unanime: em tão pouca conta se teve a pretendida introducção em Hespanha da lei salica, que regulava em França, o que não admira, porque em Hespanha não tinha apoio no costume, nem na opinião de alguma epocha, tendo bem pelo contrario a manifesta contradicção da historia politica do paiz, segundo os varios casos do que a tal respeito n'ella se encontravam[2].

[1] D. Pedro de Sousa Holstein, tendo saido de Cadiz com licença, a esta cidade chegára novamente no dia 5 de agosto de 1810 a bordo da fragata ingleza *Mirtle*, no caracter de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal, junto á regencia de Cadiz.

[2] O decreto pelo qual as côrtes de Cadiz declararam successora even-

Desembaraçada como por este modo ficou a questão do
›conhecimento dos direitos eventuaes da princeza D. Car-
ta Joaquina á corôa da Hespanha, seguiu-se a da sua no-
eação para regente d'aquelle reino. Nem uma, nem outra
estas questões tinha por si o apoio do embaixador inglez
n Cadiz, manifestando á segunda d'ellas mais particular-
ente a sua decidida opposição. Prevaleceu a primeira, não
›r vontade d'elle, nem do seu governo, mas por anteverem
hespanhoes, que a sua favoravel solução podia trazer com-
go a reunião das duas corôas peninsulares na pessoa dos
hos herdeiros da referida princeza, reunião constantemente
›petecida pelos hespanhoes, e contrariada sempre pelos
›rtuguezes. Contra tal opposição da parte da Gran-Breta-
ha abertamente reclamou a côrte do Rio de Janeiro, decla-
ando que similhante conducta feria no mais alto ponto o
nimo do principe regente de Portugal, que nunca esperára,
em julgou possivel, que depois de ter dado as mais decidi-
las provas de amisade e adhesão ao governo inglez, assim
osse tratado por elle, porque sendo isto materia que a dita

al da corôa da Hespanha, a princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina,
do teor seguinte:
As côrtes geraes e extraordinarias, considerando que o bem e segu-
nça do estado são incompativeis com a concorrencia das circumstan-
s nas pessoas do infante D. Francisco de Paula, da infanta D. Maria
iza, rainha viuva da Etruria, irmão e irmã de D. Fernando VII; tem
solvido declarar e decretar, que o infante D. Francisco de Paula e
us descendentes, e a infanta D. Maria Luiza e seus descendentes, ficam
cluidos da successão á corôa da Hespanha. Em consequencia, na falta
infante D. Carlos Maria, e de seus legitimos descendentes, a infanta
Carlota Joaquina, princeza do Brazil, e seus legitimos descendentes,
rão chamados á successão da corôa; e na falta de seus herdeiros, en-
› D. Maria Izabel, princeza hereditaria das Duas Sicilias, e seus legi-
nos descendentes; e na falta d'estes tres parentes mais proximos de
Fernando VII e seus descendentes, então succederão as outras pes-
s e linhas, que devem succeder, segundo a constituição, na ordem e
'ma que está estabelecido. Ao mesmo tempo as côrtes declaram e de-
tam excluidos da successão á corôa de Hespanha, a archiduqueza de
stria, D. Maria Luiza, filha de Francisco II, imperador da Austria,
seu primeiro casamento, assim como tambem os descendentes
a archiduqueza. — Cadiz, 21 de março de 1812.

côrte reputava essencial, e do maior interesse do mesmo principe regente, o referido governo nem respondia ás memorias, que sobre tal assumpto o embaixador portuguez lhe apresentára, nem a este se lhe communicavam as intenções da Gran-Bretanha, quanto a este ponto, a não ser para no fim de tudo isto se lhe fazer uma formal e manifesta opposição. Para rematar mais o escandalo, o mesmo governo inglez acabava de nomear para seu embaixador em Cadiz a mr. Stewart, com o qual a côrte do Brazil estava tão altamente indisposta, dando por outro lado de mão a lord Strangford, que a referida côrte tanto até áquella data havia trabalhado para levar áquelle caracter diplomatico. D'aqui resultou dar o conde de Linhares a Gran-Bretanha como ligada já a um partido republicano na peninsula, partido que tão contrario reputava ser aos verdadeiros interesses da corôa portugueza[1]. Effectivamente o embaixador inglez em Cadiz achava-se ligado com o partido mais exaltado das côrtes, o qual facilmente arrastou á opinião e desejos do seu governo, tornando-o cada vez mais crente em ser a elevação da princeza do Brazil á regencia seguramente obnoxia á causa da liberdade da Hespanha, de que era prova o apoio, que lhe davam os homens reaccionarios.

O certo é que os deputados promotores de tal elevação allegavam como rasões bastantes para a conseguirem: 1.º, que o governo não seria respeitado, quando não tivesse á sua frente alguma pessoa real; 2.º, que só o seu prestigio podia conter os ambiciosos e discolos, tranquillisar as potencias estrangeiras, e conseguir a sua vigorosa cooperação e auxilio; 3.º, que nada era mais proprio para isto do que collocar no governo uma princeza, infanta da Hespanha, e ao mesmo tempo irmã de el-rei. Os que combatiam o projecto opinavam que a nação havia obedecido com gosto a todos os governos insurreccionaes, e n'elles tinha depositado a sua mais inteira confiança, apesar de nenhum d'elles ser presidido por pessoa real. Pelo contrario que debaixo da auctoridade

[1] Assim consta do officio que o conde de Linhares dirigiu para Londres a seu irmão em 30 de dezembro de 1811.

direcção dos seus magistrados havia feito sacrificios des-
nhecidos em epochas anteriores, levando-os todavia mais
inte do que esperavam os espiritos mais ardentes e atre-
os; que nenhuma ambição perigosa se tinha até ali dei-
lo de conter pelos meios communs das auctoridades e
leis; que nenhuma necessidade havia de tranquillisar os
ernos estrangeiros, depois da conducta moderada e pru-
ite, que as côrtes e a regencia tinham pela sua parte ob-
vado; que bem facil era comparar o espirito, que estes
pos tinham sabido inspirar á nação que dirigiam, com
los outros paizes da Europa, com cujos governos tantas
ão infructuosas coallisões haviam formado os gabinetes
quem se quizesse alludir na entrevista; que era inutil
pellar para uma princeza, que não podia trazer comsigo,
encarregar-se da regencia do reino, exercitos, esqua-
as, thesouros, ligações poderosas, nem outros meios que
io houvesse já sem tal nomeação; que se o seu prestigio
a de tamanha influencia, não se sabia porque é que a des-
ezasse Portugal, governado tambem por uma regencia,
mposta, como a da Hespanha, de pessoas particulares;
ie o direito eventual da infanta a succeder no throno, inter-
mpido pela existencia dos principes captivos, não melho-
va com a sua nomeação para o governo do reino, e que
por que se accelerasse por este modo o que se queria
r a entender, aindaque em sessões secretas, era tão indis-
ito, como incongruente: que similhante eleição daria ori-
m a um novo partido, tanto mais perigoso, quanto mais
gmentava os obstaculos na administração publica, multi-
cando gastos superfluos, e abrindo outra vez uma larga
rta á corrupção dos cortezãos e aduladores.

Para ganhar a boa vontade das côrtes costumava esta prin-
a escrever-lhes cartas todas de sua mão. Começavam sem-
: *meus queridos hespanhoes*, e terminavam *vossa infanta*
rlota Joaquina[1], lhaneza que não estava bem usar-se com

[1] Para se fazer uma idéa do que acima se diz, iremos aqui transcre-
uma das cartas acima citadas, dirigida ás côrtes de Cadiz pela prin-

omissão, ou desprezo dos seus desejos, uma r
sura. Não desdenhando pois aspirar aos favore
gresso, que merecia á nação as maiores dem
respeito e lealdade, sendo um acto livre e es
gir-se a elle, não parecia prudente aventurar a
sejava, dirigida por quem quer que fosse, sem
tacto, desconhecendo inteiramente o espirito
côrtes. Estas teriam pela sua parte repellido lo
siderações, que por ellas manifestava uma p

ceza do Brazil, D. Carlota Joaquina, depois rainha de
esposa de el-rei D. Ioão VI.

«Considerando attentamente la deplorable situacion d
patria, no puedo mirar com indiferencia los males y d
sufre con la opression del tirano de la Europa, con la fal
soberano, e con la division sistematica que enemigos y est
fines particulares procuran introduzir entre mys muy
triotas.

«*Yo quixe evitar en tiempo* todas las calamidades que
menta la peninsula; pero constituida por mi estado a
expectadora de quanto pasaba en las côrtes de Lisbo
nunca pude realisar mys justos deseos, apesar de alg
praticadas en medio de riesgos y peligros; y asi fue ta
pude ser util á España, ni al mismo Portugal.

«La obligacion que en aquel entonces tenia de mirar
bien de mys muy amados españoles, es mas rigorosa e
por la ausencia y cautividad de su legitimo soberano,
hermano Fernando, los veo expuestos á caer en una t
cuyas consequencias seran sin duda mas funestas qu

versada nos negocios d'esta classe, e de cuja inexperiente facilidade se via que abusavam pessoas ambiciosas, e pouco circumspectas; mas havendo-as prevenido em uma carta que nada revelassem ao principe seu marido[1], vendo ellas tão singular incoherencia, julgaram-se obrigadas a encarregar a regencia que rogasse a esta senhora, que sempre que lhes quizesse fazer alguma communicação, houvesse por bem dirigi-la ao governo, que era a auctoridade encarregada da administração do estado em ambos os mundos. O objecto d'este plano estava tão mal delineado, e os meios de o conduzir contrastavam por tal modo com a conducta dos que o impugnavam, que inuteis seriam por certo todos os esforços feitos para se arrancar no sigillo das sessões secretas a approvação das côrtes sobre este ponto. Na realidade quando não fôra descoberto pelos principios e maximas dos que dirigiam a

tencen, me han movido a encargarte y rogarte, que al momento de recibir esta mi carta, pongas en pratica todos los buenos oficios que quepan en la esfera de la jurisdiccion de tu empleo; para que los individuos de tu santa religion cooperen por aquellos medios, que prescribe la fidelidad, el honor, y el bien general de la monarquia, y los pueblos, que esencialmente dependen de ella; á que quanto antes se restabelesca en su antigo ser el gobierno de mi augusta casa de España: si bien que yo misma convengo y deseo para bien de los españoles, de mis proprios hijos, *que sea com aquellas modificaciones que se conseptuen capazes de acabar con toda especie de despotismo tan contrario á los intereses de los pueblos y de los mismos soberanos, que solo por ignorancia pueden exercerlo.*

«Yo creo tener todo derecho para hacerte esta demanda: y no dudo que conociendo que en ella se incluye la seguridad de nuestra amada patria, la integridad y augmento de la monarquia, y la estabilidad de esa propria religion que gobiernas, realizaras mis esperanzas, formentando la opinion publica, afin de que las cortes tomen sobre el indicado objecto una pronta y justa deliberacion.—Dios te guarde en su santo servicio.—Dada en el real palacio del Rio de Janeiro, á los 24 Julio de 1811.—Tu muy affecta Inffanta=*Carlota Joaquina de Borbon.*=Al R. P. F. Joze Ramires, vocal de la junta de Sevilla.»

[1] O leitor estará lembrado de que este mesmo systema de esconder as suas negociações aos olhos do principe seu marido, tinha a princeza D. Carlota Joaquina empregado já na sua correspondencia para Londres, d'onde resultára dirigir o conde de Linhares a seu irmão, D. Domingos

pratica dos agentes da princeza, bastava para penetra-los conhecer quaes eram os seus parciaes.

Os inimigos da liberdade, que como taes se haviam já manifestado: os que resistiam ás reformas mais desejadas e mais justas: os que viviam dos erros e abusos eram todos partidarios e promotores da nomeação da princeza D. Carlota Joaquina para regente da Hespanha, esperando que com ella á testa dos negocios publicos restabeleceriam de novo a sua predilecta fórma de governo, que nas suas mãos perecêra. Mas desenganados do nenhum fructo que tiravam de agitarem este negocio em segredo, revelado já pelo pedido feito ás côrtes e por ellas approvado de que se discutisse em publico toda a proposição de nomear pessoa real para a regencia, resolveram-se finalmente a apresenta-la na sessão de 29

Antonio de Sousa Coutinho, um officio na data de 12 de janeiro de 1809 ordenando-lhe que fizesse saber ao governo inglez, que constando a su alteza real que a princeza sua esposa dirigira a mr. Canning uma carta relativa aos negocios da Hespanha, e talvez mesmo aos seus direito eventuaes sobre a monarchia hespanhola, elle principe regente não res pondia, nem afiançava senão o que elle mandasse directamente partici par-lhe pelo seu ministro, esperando que se não desse credito a outra alguma insinuação, e que se faria justiça a sua moderação e delicadez para com a sua augusta esposa, a quem não podia dirigir, nem queria para com ella usar da violencia para acabar com taes correspondencias Apesar d'isto, não se póde negar o grande empenho, que a côrte d Brazil tinha em que a regencia da Hespanha se conferisse á princez D. Carlota Joaquina, chegando ao ponto de auctorisar o ministro portuguez em Cadiz para fazer as promessas de gratificar desde logo com pensões aquellas pessoas, que se julgassem poder utilmente servir a vistas e os interesses da dita côrte. Mas tendo-se as côrtes de Cadi mostrado logo desde o principio oppostas a similhante nomeação, e at mesmo contrariado o governo sobre este ponto, ficaram de nenhum effeito os sacrificios e promessas, que o referido ministro fôra auctorisado a fazer, como consta do officio, que a tal respeito dirigiu para o Rio de Janeiro na data de 28 de abril de 1810. Todavia elle nunca dei xou de diligenciar subornar as pessoas, que lhe convinha ter pelo seu partido, e podiam influir na citada nomeação, pois no ultimo trimestr de 1810 e primeiro de 1811 havia gasto com similhante fim 1:095$20 réis, como tambem consta de um outro seu officio, com data de 24 d abril de 1811.

de novembro de 1811. Para a realisação d'esta empreza elegeram o deputado D. Alonso de la Vera y Pantoja, eleito pela cidade de Mérida, o qual, posto se achasse animado de nobres e patrioticos sentimentos, carecia todavia dos precisos dotes parlamentares para adequadamente sustentar os debates. Com toda a rasão se estranhou confiar-se á capacidade e juizo de similhante deputado uma das mais complicadas questões, que n'aquella epocha podiam ventilar-se nas côrtes, sendo o resultado d'isto abandona-la na discussão. O principal fim d'este plano era que n'ellas se dissesse por bôca de um dos seus membros o que fóra d'ellas não podia ter a influencia que se desejava, nem deixar de acarretar responsabilidade aos que d'esta empreza se constituissem instigadores. Quando outro fructo d'ella não retirassem senão arrojar ao meio das mesmas côrtes um manancial de discordia, era ainda assim cousa ardua no meio de taes circumstancias abalançarem-se a similhante empreza. Todavia segundo o seu entender uma tal deliberação não podia deixar de comprometter a circumspecção e bom nome do congresso, e arrasta-lo portanto ao seu descredito era já para elles cousa de vantagem, e por isso metteram mãos á obra.

Estava precedida a proposição de um largo e estudado preambulo, em que não só se reproduziam as faustosas rasões já apresentadas nas sessões secretas, senão tambem toda a detracção e malignas censuras dos mais famosos libellos contra as côrtes, e em seguida varios artigos para ellas de vilipendio na sua substancia. Era a dita proposição que se nomeasse uma regencia, presidida por uma pessoa real: que esta se habilitasse depois a proporcionar á nação, por meio de tratados com a Gran-Bretanha, ou com quaesquer outras potencias amigas, ou mesmo neutraes, os auxilios de que se precisava para manter os exercitos; que se marcasse o termo peremptorio de um mez para a nomeação da regencia, e a conclusão da constituição; e finalmente que se não convocassem outras côrtes até ao anno de 1813. N'estes artigos achava-se envolvido o grande designio dos que, unidos na apparencia, aspiravam a objectos differentes. O exito d'esta

martyr da liberdade, D. Francisco Fernand
condoido da candura e inexperiencia do d
nente, não se sabe até onde chegariam as re
nem qual o embaraço das côrtes na incongru
suscitada sobre este assumpto. Confundido e
seus instigadores, outra vez a reproduziu n
diata. Não podendo entrar como mantenedor
incautamente provocára, á vista da exaltação
animos a insidia e o veneno do já citado pre
tenda exigia que se variasse de campo e de a

O movimento da reacção, como era bem n
a deliberação para o extremo opposto. As cô
resolverem sobre a proposição, admittiram
contraria, ou a que na realidade invertia a or
similhante empreza se tinha de combater. O
vigorosos, e concluidos elles, acordou-se no f
por 93 votos contra 32, *que na regencia, que s*
governar o reino, conforme á constituição,
nenhuma pessoa real. O pouco numero de de
vadores da proposição reaccionaria prova bem
não agradava á maioria da assembléa, não o
nho, que houve em o revestir com todo o pr
trinas mais favorecidas e plausiveis, que os s
podiam por então apresentar. Alem de se in
tigo para interessar os exercitos, apparent
manutenção dependia das negociações estran

com que alludiu ás differentes usurpações politicas o deputado pelas Asturias, D. Pedro Ingnanzo y Rivero, que foi o que mais se distinguiu em sustentar o projecto, tendo por fim tornar suspeitos os que se lhe oppunham. Depois de referir o attentado com que Oliveiro Cromwell dissolveu o parlamento de Inglaterra, e o celebre annuncio *aluga-se esta casa,* que alguns dizem ter mandado affixar na porta da camara, voltou os olhos para os seus adversarios, e dirigindo-lhes a peroração com toda a emphase de uma invectiva pessoal, acrescentou: *Com toda esta petulancia e desprezo se conduziu para arrogar a si o mando despotico e tyrannisar a nação, o que d'ella se havia intitulado seu protector.* Apesar de todas as estrategias empregadas pelos reaccionarios para conseguirem os seus fins, tudo se baldou para elles, á vista do resultado que acima se menciona.

No dia 21 de janeiro de 1812 nomeou-se pois uma nova regencia, a beneplacito do embaixador inglez, sir Henrique Wellesley, cujos candidatos mereceram o suffragio das côrtes, cousa para que muito concorreram as más noticias, que ultimamente se haviam recebido da situação do general Blake em Valencia, como adiante se verá. Dos cinco individuos nomeados tres foram europeus e dois americanos, sendo os primeiros tres o duque do Infantado, que por então se achava em Londres na qualidade de embaixador hespanhol; o tenente general conde de La Bisbal (D. Henrique O'Donnell), e D. João Maria Villavicencio, almirante governador de Cadiz; e os restantes dois D. Joaquim de Mosquera y Figueiroa, conselheiro das Indias, e D. Ignacio Rodrigues de Ribas. De todos os cinco eleitos só o duque do Infantado se achava ausente. Os deputados americanos pretenderam levar a membros da regencia dois compatriotas seus, residentes no Mexico; mas considerando-se esta eleição um pouco perigosa, por poderem estes dois individuos continuar a sua residencia na America, cousa que podia dar logar á questão de se trasladar para lá a séde do governo, entendeu-se mais prudente effeituar-se a eleição dos dois acima mencionados. Os tres regentes europeus eram de nome bem conhecido, particularmente por terem sido in-

verno de Gadiz, eram talvez os individuos,
partido mais receiava ver na regencia. A ins
tro regentes que se achavam em Cadiz tev
no dia 22 do citado mez de janeiro, depois d
pelas onze horas do referido dia no seio da
o juramento do estylo, passando d'ellas para
gencia, onde os membros da anterior lhes de
seus cargos.

A constituição achava-se por então quasi
perando-se que a sua publicação tivesse l
breve tempo. A nova regencia ía portanto e
dade, que a constituição conferia ao poder e
restricções impostas pelo regulamento, que a
tinham decretado. Um novo secretario d'est
pela nova regencia para a repartição dos ne
ros, recaindo a escolha em D. José Pizarr
que fôra da mesma secretaria, e que na qua
tario da legação de Vienna e de Paris, resi
taes: aos talentos do nomeado todos geraln
justiça, postoque ainda até então não tives
propicia para bem os desenvolver. Era hom
amaveis e francas, mostrando, a quem atten
penetração muito superior á do seu antece
de Bardaxi y Azara, ao qual todavia se não
os titulos de homem honrado e verdadeir

ı logar de Cangas Arguelles, e para o da guerra D. Raaria Carvajal, em logar do general Heredia. Azara foi destinado para a enviatura de Lisboa, sendo o conde nan Nunes, até então conhecido só pelo seu nasci- mas não por prendas algumas naturaes ou adquirianifestadas por elle, nomeado embaixador da Hespaı Londres, para render o duque do Infantado. N'esta ;ão tambem teve muita parte sir Henrique Wellesley, ı unicamente do intento de que se desse a um grande panha a embaixada da Inglaterra. A eleição dos memıra o conselho de estado recaíra nos seguintes indivi-

s de Hespanha	Conde de Altamira. Marquez de Castellar.
anos	D. Pedro Agar. ... Foncerrada. Marquez de Vistaflorida. ... Almansa. Marquez de Piedras Blancas. ... Aycinena.
ıus.............	General Blake. D. Gabriel Ciscar. D. Martin de Garay. General Castanhos. Conselheiro Villamil. D. Pedro Cevallos. Conselheiro Ibar Navarro. Conselheiro Rans Romanillos. Marechal de campo Requena. D. Estevão Varca.

gencia pareceu, depois de constituida, occupar-se da ıação do exercito. Com o seu systema refundíra em regimentos todas as tropas, que existiam na ilha de pertencentes a differentes corpos, suppondo-se que o ɔjecto era reforçar quanto possivel fosse a pequena o general Ballesteros, a quem se tinha dado o com-

mando em chefe do quarto exercito, e a capitania geral da Andaluzia, devendo estabelecer o seu quartel general em Algeciras, e deixar unicamente na ilha de Leão a guarnição necessaria. Mr. Waughan, secretario da embaixada britannica em Cadiz, como já notámos, tendo pouco tempo antes sido mandado para Inglaterra, voltára de lá, parecendo que, em consequencia das instrucções que trouxera, resolvêra sir Wellesley offerecer á regencia 700:000 patacas em dinheiro, 2.000:000 de rações para a tropa, 100:000 armas e 100:000 fardamentos. Esperava-se que estes soccorros, já por si só consideraveis, fossem ainda mais augmentados, quando chegasse a Londres a noticia dos individuos, que tinham sido postos á testa do governo, os quaes eram sem duvida os mais bemquistos do ministerio britannico. Tudo isto eram preparativos para que sir Wellesley podesse dentro em pouco tempo conseguir a nomeação de seu irmão, lord Wellington, para commandante em chefe dos exercitos hespanhoes, pretensão constantemente mal succedida até então. O certo é que o embaixador inglez se tornára por aquelle tempo omnipotente em Cadiz, e que o ministerio britannico tratava pela sua parte de merecer das côrtes e da regencia de Hespanha tudo quanto precisava para os seus fins politicos, e que tanto aquellas, como esta buscavam não desmerecer-lhes as boas graças, subscrevendo submissas ás suas exigencias e vontades, de que era prova a demissão, que se dera a D. José Pizarro, sem outra rasão plausivel mais que a de não ser agradavel ao embaixador inglez. Foi breve o ministerio de Pizarro, mas apesar d'isso deixou saudades em muita gente, pregoeira como ficou sendo dos seus talentos e patriotismo. D. Ignacio de la Pezuela foi quem o substituiu, passando a reunir nas suas mãos, com o ministerio da graça e justiça, o dos negocios estrangeiros. Pezuela era partidista da princeza D. Carlota Joaquina; não tinha até então seguido a carreira diplomatica nem dentro, nem fóra do reino, sendo um dos poucos exemplos que d'esta natureza se contava então em Hespanha, porque tanto lá, como em Portugal, era de antiga pratica tirar-se a maior parte dos ministros d'estado da carreira diplomatica

Este ministro entrava para o poder em circumstancias taes, que lhe não permittiam muita estabilidade no seu novo emprego, e rasões havia, nascidas das relações que sir Henrique Wellesley mantinha com a regencia existente, que tornavam summamente precaria e critica a posição dos differentes individuos no ministerio.

Passando da regencia ás côrtes, póde dizer-se que n'ellas poucos assumptos se tratavam dignos de attrahir a attenção do publico, e portanto de particular memoria. Pela sua parte a nação parecia achar-se já enfadada com a duração tão aturada do congresso nacional, e muitos dos seus proprios membros tambem se mostravam cansados das lutas e debates parlamentares, desejando portanto a sua dissolução. N'estes termos resolveram as côrtes assignar a constituição, o que fizeram a 18 de março de 1812, procedendo ao seu juramento no dia 19, acto a que compareceram cento e vinte e quatro dos seus membros, achando-se vinte e quatro doentes, ou ausentes com licença, prestando-lhe a regencia igualmente o seu juramento. Feito isto, dirigiram-se os dois poderes á igreja del Carmen para darem graças ao Todo Poderoso, officiando o bispo de Calahorra. A promulgação fez-se n'aquelle mesmo dia com as ceremonias do estylo, havendo durante aquella noite e nas seguintes luxuosas illuminações, em que muito se distinguiram a embaixada ingleza e a legação portugueza. Para perpetuar a memoria d'esta publicação cunharam-se medalhas, celebrando-se tambem por parte dos litteratos tão auspicioso acontecimento com composições de prosa e verso. A reunião das côrtes ordinarias, conforme a constituição, foi decretada pelas constituintes para o mez de outubro de 1813, suppondo-se muito provavel que o congresso existente se podesse manter até áquella epocha, suspendendo-se por alguns mezes as suas sessões. D'entre os assumptos mais importantes, que por então se agitaram no congresso, sobresaía a organisação do novo conselho d'estado, do supremo tribunal de justiça, e ainda mais que tudo a grande questão do restabelecimento, ou abolição do santo officio da inquisição, que havia excitado em Cadiz uma ex-

traordinaria guerra de impressos, e de incrivel divisã
opiniões, por ser em similhante terreno que os dois part
liberal e absolutista, passaram a combater-se, prevalec
todavia o da abolição, que effectivamente veiu a ter l
Figuravam entre aquelles impressos o *Diccionario Mo*
e o *Diccionario critico-burlesco,* sendo aquelle a favo
velhas doutrinas, e este a favor das novas, mas exceden
n'isto este ultimo, foi o seu auctor mettido em process
excessiva irreverencia com que na sua obra tratava
sumptos religiosos. O seu livro tornou-se tanto mais
daloso, quanto mais notavel se fazia, por ser o seu
ainda mancebo e dotado de verdadeiro talento, escre
com uma originalidade e pureza de estylo bem pouco c
cidos por aquelle tempo. Todavia para rematarmos o q
mos a dizer sobre as côrtes constituintes, convem sab
só no dia 14 de setembro de 1813 é que o seu presi
lhes declarou haverem definitivamente cessado n'a
mesmo dia as suas respectivas funcções, depois de
na cathedral assistido a um solemne *Te-Deum.* Ficou
tanto em pleno exercicio a deputação permanente, com
de sete individuos das mesmas côrtes, nomeados já
o dia 6 do dito mez. As novas côrtes, ou as côrtes o
rias, reuniram-se no dia 25 do citado mez de sete
compondo-se unicamente de cincoenta e nove deputad
ropeus e quarenta e oito americanos.

Não se póde negar que muitos dos principios, conti
constituição decretada pelas côrtes, eram inteiramen
formes á rasão e á justiça, acabando com os odiosos
do feudalismo, que ainda por então havia na Hespanh
theoria tinham os citados principios effectivamente
caracter, mas na pratica eram inteiramente sophism
sendo reconhecidos como taes por muitos dos seus m
tados partidistas, não poucos dos quaes se transform
posteriormente de seus amigos em inimigos. Mas dad
assim não fosse, poucos ou nenhuns bens podia a con
ção trazer á guerra. Entre es soldados nenhuma infl
podia ter a idéa de combater por um codigo, que os

rava da miseria, da nudez e de todas as mais privações de que estavam sendo victimas, ao passo que viam os seus fautores e propugnadores vivendo no luxo e na abundancia, em logar dos dinheiros, que tão sem proveito com elles se gastava, se destinarem para o seu vestuario, armas e viveres. A estima que aos olhos do povo hespanhol a mesma constituição podia ter era igualmente nulla, vendo, como por muitas vezes succedeu, que não era o merito, segundo o que a par d'ella se assoalhava, mas sómente a qualidade de zeloso e fiel partidista, o que valia para o provimento dos cargos publicos diante do governo, recaíndo por muitas vezes a escolha para elles em pessoas de um total descredito, quanto á honra, e de uma inteira incapacidade para o seu bom desempenho, quanto ao seu merito intellectual. Não admira pois que os homens do partido chamado servil começassem desde então a tramar contra o partido liberal, assoalhando boatos e derrotas, experimentadas pelos exercitos, e a par d'isto tramas, algumas das quaes tinham por si a verdade, postoque a respeito de outras se faltava a ella. Para mais se augmentar o numero dos descontentes D. Henrique O'Donnel fez pela sua parte riscar dos quadros da actividade os officiaes ausentes, ou que, estando fóra de taes quadros, para nada serviam, medida que comprehendeu em si não menos de cinco mil, segundo então se disse! Foi tambem por esta occasião que Ballesteros recebeu a nomeação de capitão general da Andaluzia e o commando do quarto exercito, cujo quartel general foi por prudencia estabelecido em Algeciras, como já superiormente notámos. Os destacamentos saídos de Cadiz levaram o referido exercito a 12:000 ou 14:000 homens, formando-se um novo em Murcia. E para aniquilar o commercio que os francezes faziam com a Hespanha, toda a costa que se achava em poder d'elles, desde Rosas até S. Sebastião, foi declarada em estado de bloqueio. Foi a nova regencia a que na Galliza organisou secretamente uma expedição contra a sublevação das colonias americanas, applicando para ella a artilheria e o dinheiro, que a Inglaterra lhe fornecêra para a continuação da guerra da peninsula.

1808, glorioso rompimento da insurreiçã
sulares contra os francezes, se tem visto
longo e difficil tempo com uma constancia
de que não ha muitos exemplos na histori
ropa, apresenta comtudo de quando em qu
intervallos, não de interrupção, mas de re
ou pelos rigores da estação, ou por outra
bilidade de ambas as partes contendoras,
necessidade de amadurecer planos, que se
para em ulterior tempo a elles se recorrer
exercitos ficavam como estacionados, nã
cessos importantes para se referirem. É
gum tempo aconteceu depois da batalha d
ro, dada a 5 de maio de 1811; da de Alb
do referido mez; e da retirada de El-Bodon
bro do mesmo anno. Recordando agora os m
sos da campanha de 1811, vê-se que a victo
Wellington em Fuentes de Oñoro, depois
Portugal pelos francezes, mais redobrou
d'este general, por se ver que não só a
fugir um inimigo tão poderoso e de tanta
como o marechal Massena, mas que até o
lha campal, não sendo esta a vez primeir
mais notaveis marechaes de França tinha
cido e humilhado. Ao mesmo tempo que
sos denotavam a grande prudencia e muita

que os levou a despirem-se de todos os caprichos e pundonores nacionaes, para se submetterem cega e humildemente á inteira discrição de um estrangeiro, que a seu arbitrio os disciplinava e dirigia, qual outro Sertorio do antigo tempo, depositando elles n'esse estrangeiro a sua mais illimitada confiança, promptos a lhe servirem submissamente na guerra pelo modo que entendesse, não obstante verem talados os seus campos, arruinadas as suas searas, queimadas as suas habitações, e victimas da fome, da miseria, das doenças e da emigração as suas duas bellas provincias, a da Beira e da Extremadura! Tempos de gloria, de abnegação e de inexcedivel patriotismo apresenta seguramente a historia de Portugal em varias das suas epochas; mas é forçoso confessar que a da resistencia, que por então se oppoz n'este reino aos numerosos e aguerridos exercitos francezes, os enormes sacrificios que a nação portugueza para isso fez, a exemplar resignação com que os supportou, a coragem e o heroismo que o seu exercito constantemente patenteou, e geralmente fallando o valor e energia manifestados por toda a nação foram taes, que rivalisaram por certo com os mais brilhantes feitos dos nossos antepassados: honra e gloria se faça e por gratidão se tribute de todo o coração aos portuguezes d'aquelle tempo e ao acrisolado amor da patria, que tão heroicamente mostraram para a libertarem do tyrannico jugo de Napoleão I, constituido por então em insupportavel despota de toda a Europa.

Estes factos tinham de alguma sorte attenuado já o aspecto funebre, que a guerra da peninsula havia apresentado durante o passado anno de 1810 com a audaciosa approximação de Lisboa, feita pelo marechal Massena; com a sentida perda para os alliados das praças da Cidade Rodrigo, de Almeida, Olivença, Campo Maior e Badajoz, cujas guarnições ascendiam a mais de 15:000 homens; e finalmente com a destruição quasi completa do exercito hespanhol da Extremadura, commandado por Mendizabal, quando em 19 de fevereiro de 1811 teve logar a batalha do Gevora, precursora como effectivamente se tornou da desastrosa entrega da praça de Ba-

sultado das ultimas operações militares do
tambem já vimos, a salvação de Portugal
esteve, de uma nova invasão pelo Alemtej
ciava pela reunião dos exercitos dos ma
Soult na Extremadura hespanhola em jun
tado que muito mais vantajoso se tornari
se o governo hespanhol, amestrado, com
duras lições da experiencia, se prestasse
dentes e bem cabidas insinuações do gen
modo de fazer a guerra aos francezes, e
tagem da inacção forçada a que o inimig
desde algum tempo, para convenientem
seus exercitos e pô-los assim em estado
mente em campanha. Lord Wellington, p
de Fuente de Oñoro, acabára de segurar
ção de Portugal, por elle effeituada, expul
o marechal Massena. Até Salamanca e Vall
tambem já vimos, pela sua frente o exercit
ferido marechal, no commando do qual fô
duque de Ragusa, exercito reduzido a pou
do numero com que no anno de 1810 havi
tugal. Depois que os francezes abandonar
mesma occasião em que o marechal Marm
de julho de 1811 a Extremadura hespanh
em Badajoz do exercito do marechal Sou
centrára o seu exercito no reino de Leão e

ous exercitos, não seriam ainda assim bastantes para com
intagem emprehenderem operações offensivas contra o
tercito luso-britannico, supposição muito alheia da verda-
), como já notámos.
Aproveitando a libertação em que portanto ficou durante
gum tempo o principado das Asturias com a partida do ge-
ral Bonnet para Orbigo, na mente de invadir por ali a Gal-
a, os hespanhoes começaram a organisar então em Lie-
iña o seu chamado *sexto exercito,* do qual era comman-
nte em segundo o guerrilheiro D. João Dias Porlier, occu-
ndo o logar de primeiro o general D. Gabriel Mendizabal,
ie por algum tempo se demorou em assumir similhante
mmando, por effeito da derrota que experimentára na ba-
lha do Gevora. Antes pois da chegada de Mendizabal ás
turias o mesmo Porlier pôde surprehender Santander,
de roubou algumas casas; mas vendo-se perseguido de
rto pelo general Caucault, teve de se retirar por mais ou-
vez para o districto de Liebaña, que lhe servia como de
taleza. Era por aquelle mesmo tempo que os cruzadores
lezes, com o apoio dos quaes elle Porlier operava, des-
íram aos francezes as baterias que tinham pela costa,
do tambem por então que a fragata *Iris* chegou á Biscaya,
regada de armas, no intuito de concertar algumas opera-
ie com as partidas soltas, que divagavam pelas provincias
norte da Hespanha. Era tambem por então que nas refe-
as provincias se tinham effectivamente tornado notaveis
ns dos chefes d'essas mesmas partidas, taes como Longa,
apillo, Pastor, Taipa, Merino, e mais particularmente o
bre D. Francisco Espoz y Mina, o qual conseguiu surpre-
nder no dia 22 de maio no porto de Arlaban um impor-
te comboio com que o marechal Massena se dirigia para
fronteiras da França, comboio que se compunha de 150
ros e caleças, escoltados por 1:200 homens de infanteria
avallaria, levando tambem comsigo 1:042 prisioneiros in-
zes e hespanhoes. O ataque começou pelas seis horas e
da manhã d'aquelle dia, acabando pelas tres horas da
de: n'elle perderam os francezes 800 homens, entrando

Rioja, mallogrando-se assim a commissão da
Iris. Pela sua parte o general Bonnet, impo
de facto se viu de invadir a Galliza, foi ma
senne novamente para as Asturias, o que
pando por mais outra vez Oviedo, Gijon e G
ter batido vergonhosamente no Lena o ge
logo em seguida a elle o proprio Mendizab
para Liebaña.

No intento de dar impulso a um systema d
thodica perseguição contra os guerrilhas, res
dor Napoleão pôr n'uma só mão a direcção s
lhante negocio, sujeitando á sua auctoridade
vae desde a Biscaya e o Ebro até ás frontei
Com as mesmas vistas dividiu elle este pai
governos militares, tendo já creado, por d
janeiro de 1811, o chamado exercito do n
mando confiou ao duque de Istria, marecha
d'este mesmo exercito que saíam as guarniç
das tres provincias bascas, de uma boa parte
lha, das Asturias e do reino de Leão; contav
70:000 homens, e a muito mais se elevou
em julho e agosto lhe chegaram os reforços,
ça, o que fez subir a sua força effectiva a 1
como já mostrámos. Mas Napoleão nada ga

mpre confusa e irregular, ia pelo contrario tomar parte n outra, methodica e systematica, e portanto muito mais nforme ás suas aspirações de gloria e ambição pessoal.

No meio de tudo isto forçoso é confessar que ainda no no de 1811 muitas contrariedades tinha a vencer o exerto luso-britannico na sua guerra contra os francezes, tanto s provincias do norte, como nas do sul da Hespanha, sendo bremaneira notavel a firme esperança, que lord Wellington ntinuava a ter no bom exito das suas operações, e no modo r que elle avaliava o estado da peninsula e as forças que poleão dentro d'ella tinha. «Ha quasi tres annos até hoje, ia elle para o general Dumouriez, na data de 5 de julho de 11, que eu tenho dirigido as operações de uma guerra a is extraordinaria que se tem visto. Aindaque os alliados ejam no seu proprio paiz, e que todo o mundo (sem exceo alguma em Portugal, e quasi sem excepção em Hespa-), seja inimigo dos francezes, os alliados raras vezes tem mais que metade da força do inimigo, e nunca, mesmo presente, mais que dois terços. A esta desvantagem se e mais acrescentar que nós somos alliados, que não tes cabeça, nem generaes, nem officiaes de estado maior, n tropas disciplinadas, e nenhuma cavallaria entre os hesboes; que estes dois governos tem começado a guerra armazens, ou recurso militar de especie alguma, sem diiro, nem meios financeiros; e que aquelles que tem eso á frente dos negocios são individuos tão fracos, quanto mesquinhos os recursos, que tem tido á sua disposição. lmente será para vós admiravel que no meio de taes umstancias possamos continuar uma luta com esperanças definitivo successo. Creio que nem Buonaparte, nem o ndo contaram com as difficuldades, que havia para se subr a peninsula, tendo contra si um bom exercito em Porl. Elle Buonaparte tem feito esforços gigantescos, dignos a reputação e das forças que tem tido á sua disposição; elle ainda não fez o bastante, e julgo que o antigo dito enrique IV, que *quando se faz guerra em Hespanha com a gente é-se batido, e com muita se morre de fome,* se

verá verificado nos nossos dias; e julgo mais que Buo[
não poderá sustentar, mesmo conforme a moderna n[
franceza, um exercito bastantemente grande para a co[
dos reinos da peninsula, quando os alliados tenham s[
um exercito bastantemente forte para lhe embaraçar [
gressos».

Depois de fallar do cerco de Badajoz, que elle fo[
gado a levantar, pela reunião das forças de Soult e Ma[
os quaes se não atreveram a ataca-lo na posição que [
perto de Campo Maior, acrescenta: «Acreditar-se-[
quando toda a força disponivel do inimigo estava reu[
Extremadura, cortar-se-ía a garganta aos francezes, [
sos pelas outras partes da Hespanha, e que todo o [
sendo aqui inimigo dos francezes, como verdadeir[
creio, se constituiria n'uma insurreição geral. Nada [
Eis o extraordinario d'esta guerra! Eis pela terceira [
menos de dois annos, dirigida contra mim toda a for[
ceza disponivel; mas ninguem ganha com isto, a não [
os guerrilhas, que por um momento tomam posse [
aberto da Castella, tendo apenas por si as grandes [
as auctoridades francezas. Todavia foram por esta ve[
gados a abandonar alguns pontos importantes, como [
turias e Astorga; e os guerrilhas, tendo mais força e [
riencia, tem-lhes descarregado alguns golpes, que lh[
vem fazer algum mal». Por este curto relatorio, tão s[
quanto verdadeiro, vê-se que lord Wellington nada es[
por então das forças regulares hespanholas na Extre[
e Leão, e rasão lhe sobrava para isto, pois o auxi[
guerrilhas, que era o mais certo e efficaz apoio, que [
panhoes lhe prestavam, pouco peso podia ter na mar[
uma guerra, feita tão regular e methodicamente, e em [
nho ponto como não podia deixar de ser aquella, qu[
de se oppor á dos francezes. Entretanto esse apoio do[
rilhas não era por certo tão nullo, que não obrigass[
migo a apresentar-se no campo com uma diminui[
30:000 homens, que por causa dos ditos guerrilhas s[
necessitados a terem em certos logares, para lhes gar[

as suas communicações, isto sem fallar nos que tambem tinham empregados na sua perseguição, nem no effeito moral que por então produzia na Europa esta guerra, que em Portugal e Hespanha tão acaloradamente se oppunha aos exercitos de Napoleão, com tamanha quebra da sua prestigiosa invencibilidade e omnipotencia.

Tendo pois informado já o leitor do estado das provincias da Hespanha, vizinhas a Portugal, e acabando de lhe apresentar tambem o das provincias do norte, cumpre-nos ir-lhe dar em seguida conhecimento do da Castella Nova em 1811, anno de que presentemente nos temos occupado, a fim de que o mesmo leitor cabalmente conheça que a unica salvação da peninsula, ou a esperança d'ella, só podia estar posta no exercito luso-britannico. Os francezes occupavam a referida Castella Nova por meio de um exercito, denominado *do centro*, sendo este o que estava posto debaixo das immediatas ordens do rei José, sendo tambem o unico de que elle a seu talante podia verdadeiramente dispor. Algumas vezes foi este exercito reforçado por destacamentos de tropa, que de diversas partes lhe vieram prestar apoio, e como as suas forças eram geralmente poucas para guarnecerem todos os districtos da sua competencia, taes como Avila, Segovia, Madrid, Toledo, Guadalaxára, Cuenca e a Mancha, necessario se tornou que este ultimo districto se mandasse occupar por uma divisão, commandada pelo general Large, pertencente ao quarto corpo francez, ou ao do general Sebastiani, pondo-se tambem a cargo d'ella o manter a communicação entre a Andaluzia e a capital da Hespanha pela mesma Mancha. Cada um dos districtos acima mencionados tinha um chefe militar, avaliando-se em 25:000 homens o total das tropas, que em todos elles havia. O exercito do centro não tinha contra si na Castella Nova tropas algumas regulares, mas tão sómente as suas guerrilhas. Em Cuenca, Guadalaxara e na Mancha haviam-se estabelecido juntas, como nas outras provincias da Hespanha: mas essas juntas mais se occupavam das querelas e discordias entre si levantadas, do que da defeza e libertação dos seus respectivos districtos. Tratando agora dos guerri-

lheiros, póde dizer-se que os d'esta provincia eram
mos que no anno proximo findo de 1810 os francezes
tido contra si, sendo elles quasi todos de pequeno
tendo de mais a mais alguns d'elles tido a infelici
caírem nas mãos do inimigo. Entre os que mais co
se fizeram devemos mencionar D. Eugenio Velasco
nuel Hernandez, cognominado *o Avô* (el Abuelo). T
tes guerrilheiros tinham por apoio nas suas emprezas
cito de Murcia, chamado *terceiro exercito*, ao qual s
incumbencia de procurar viveres nas ferteis plan
Mancha, sendo D. João Martin, *o Empecinado*, o que
lebre se tornou entre todos elles. Tendo este chefe
Aragão para a Castella Nova, corajoso se mediu po
vezes n'esta provincia com as tropas francezas, alc
sobre ellas reconhecidas vantagens, a ponto do gover
cez se ver obrigado a mandar especialmente contra
gumas das suas forças, as quaes D. João Martin ata
Segovia, e bateu em Somosierrra, bem como na re
real de Santo Ildefonso, chegando a sua audacia a p
mandar até por destacamentos seus rondar a estrada
Madrid. Tratar de mencionar, alem dos d'este, os f
mais alguns dos citados guerrilheiros é enfadar o lei
detalhes e miudezas, não sómente confusas, mas
pouca importancia directa para o andamento da gu
peninsula de que nos occupâmos, detalhes e miude
nem por isso são taes, que deixem de provar o grand
tismo do povo hespanhol por aquelle tempo, e o mu
tinha a peito libertar a sua patria do jugo de 200:0
cezes que a opprimiam, alem dos que estavam desti
tomar o passo ao exercito luso-britannico.

Passando a tratar agora das provincias orientaes
panha, diremos que em consequencia do plano ide
Napoleão para se assenhorear da peninsula, plano d
superiormente fallámos, ordenou elle a Suchet que
Tortosa, emquanto Macdonald marchava sobre Ta
Estas ordens foram dadas pela mesma occasião em q
sena concentrava o seu exercito, e se preparava a

invadir Portugal, competindo ao mesmo Suchet auxilia-lo com metade do terceiro exercito, depois da tomada de Tortosa. Mas a rendição d'esta praça e a da de Tarragona tornaram-se operações mais difficeis e demoradas do que Napoleão as julgára, quando as commetteu aos exercitos do Aragão e Catalunha. Do Aragão se achava Suchet tranquillo possuidor, não tanto pela sua influencia e bom conceito da sua administração, quanto pela força das armas com que o opprimia. Havendo-se estabelecido em Saragoça, constituindo esta cidade em centro das suas operações, tinha elle alem d'isto na Catalunha, Lerida, Mequinenza, e a planicie de Seu-d'Urgel, e no reino de Valencia o forte de Morella. Quando a par d'isto fortificasse Teruel e Alcanitz, achar-se-ía senhor das principaes passagens, que pelas montanhas se dirigem para o dito reino de Valencia. Podendo portanto invadir, como lhe conviesse, ou a Catalunha, ou Valencia, tinha igualmente a vantagem, pela posse de Mequinenza, de enviar por agua tudo o que preciso lhe fosse para sitiar Tortosa. Quanto á Catalunha, cujo commando, em substituição ao de Augereau, tinha sido confiado ao marechal Macdonald, no proprio momento em que Napoleão queria que as tropas do mesmo Macdonald auxiliassem Suchet, a sua occupação era cousa mais difficil de que tinha sido a do Aragão. Os francezes apenas n'aquelle principado tinham por si as praças de Gerona e Hostalrich, porque quanto a Barcelona só a podiam conservar por meio de expedições. O paiz não tinha recursos. O exercito só em tal caso se nutria do que lhe vinha de França, ou por meio de comboios, ou por meio de embarcações, ás quaes era muito custoso illudirem a vigilancia dos cruzadores inglezes. Em circumstancias taes tornava-se bastante difficil poder o marechal Macdonald operar regularmente, tomando Gerona por base do que tinha a fazer para se assenhorear da Catalunha. Alem d'isso todo o material indispensavel para sitiar Tarragona, como Napoleão lhe ordenára, lhe devia ir de França, nada mais podendo fazer do que incursões, emquanto lhe não chegasse.

Por parte dos hespanhoes era o general D. Henrique

os valles, occupando tambem os castello
d'Urgel, Cardona, Solsona e Berga, os qua
ponto de apoio para as suas operações. U
estava no Llobregat, vigiando a guarniçã
tendo destacamentos em Montserrat, Iguala
tabelecendo correspondencia com Campo
ceira divisão achava-se em reserva, occup
as alturas vizinhas a Tarragona, tendo esta
tosa fortes guarnições para sua defeza. F
de 1810 que a regencia de Cadiz reorganis
da Hespanha, chamando, como já notámos,
ao da Catalunha, denominado anteriorment
reita; deu o nome de *segundo exercito* ao d
gando-lhe a divisão de Villa Campa e os g
pecinado e Duran; o de *terceiro exercito*
Murcia; o de *quarto* ás tropas de Cadiz, Alg
de Niebla; o de *quinto* aos restos da antiga
quez de la Romana, escapados da mortan
o de *sexto* ás levas recrutadas na Galliza e
finalmente o de *setimo* aos guerrilhas do n
de Mina, Longa, Campillo e Porlier.

Entrar agora em seguimento ao exposto
pequenas operações, que nas provincias de l
tiveram logar por parte dos exercitos fra
nhoes, é tambem cousa de pequena monta

ais transcendentes, reputando como taes as do general ıchet. Em conformidade com isto diremos pois que para ntrabalançar os felizes successos do exercito luso-britan-o, ou os por elle alcançados nas provincias occidentaes da spanha em 1811, acompanhou a fortuna os d'aquelle ge-'al nas provincias orientaes, onde mostrou os seus gran-; talentos como bom capitão que provou ser. Napoleão o ıa já galardoado, pela victoria por elle alcançada em Santa ria contra o exercito de Valencia, com o commando em ;fe das forças francezas no Aragão, logo no principio do ıo de 1810. Suchet era com effeito o mais habil dos gene-s francezes, que por então havia na peninsula, depois do rechal Soult: a sua grande actividade e audacia torna-n-se logo notaveis desde o começo d'aquelle anno. Depois tomar Lerida em 14 de maio do mesmo anno de 1810, : um atrevido e inesperado assalto, dirigira-se d'ali contra astello de Mequinenza, situado sobre um rochedo eleva-, que está na juncção do Segre com o Ebro, castello que lhe entregou em 8 de junho, cinco dias depois de uma ca resistencia.

Voltando outra vez para o Aragão, começou-se logo a pre-'ar para o cerco de Tortosa, cuja posse o devia tornar se-ɔr da melhor passagem do rio Ebro, e habilita-lo a pôr por e modo um invencivel obstaculo ao esforço reunido das tres ındes provincias, ás quaes o curso d'este mesmo rio serve limite. Apesar das tentativas que fez para este intento, o ı premeditado cerco não pôde ter logar antes do mez de zembro do citado anno de 1810, epocha em que grandes forços vieram então de França para a Catalunha, pondo o ırechal Macdonald em estado de postar um corpo em Pe-lo, para apoiar as operações dirigidas contra Tortosa, praça e por então contava de 11:000 para 12:000 habitantes, ıdo uma guarnição de 7:000 para 8:000 homens de tropa ɡular. A sua situação é na margem esquerda do Ebro, e no ɖlive de uma montanha distante quatro leguas do Mediter-ıeo. As suas fortificações, aliás irregulares e de uma ordem erior, foram construidas em diversos tempos, seguindo a

desigualdade dos seus contornos a do proprio terreno sobre que assentam. A cidade communicava com a margem direita do Ebro por uma ponte de barcos, defendida por uma boa fortificação. Cinco pontas salientes de rochedos faziam parte da sua defeza geral, para a qual se achavam ligados por meio de obras exteriores. O chamado forte de Orleans coroava a saliencia, que estava ao sul da cidade, sendo a do norte defendida por um forte, denominado Tenaxas. Na parte de leste havia-se construido um revelim sobre um terceiro rochedo, o qual, prolongando-se um pouco, se eleva depois repentinamente entre a cidade e os arrabaldes: era n'esta elevação que se achava o respectivo castello, ou a cidadella da praça. As duas restantes saliencias, assim como as ravinas profundas, formadas pelas quebradas dos rochedos, eram defendidas pelas muralhas da praça, a qual tinha por governador o general Lilli, conde de Alacha, homem fraco e indigno do logar que occupava, cuja nomeação mereceu pela capacidade, que em 1808 mostrára sobre os outros generaes seus patricios, quando teve logar a retirada de Tudella.

Foi no dia 15 do citado mez de dezembro de 1810 que o general Suchet começou mais seriamente a sitiar Tortosa. Para este fim passára elle o Ebro na ponte que havia em Xerta, trazendo comsigo seis batalhões, os competentes sapadores, e dois esquadrões de hussards. A sua marcha foi logo dirigida contra o forte de Tenaxas, ao passo que o general Habert, partindo de Perillo com dois regimentos e 300 hussards, foi atacar um destacamento da guarnição, que se achava postado no desfiladeiro de Alba, a leste da cidade. Suchet chegando á vista das obras com a sua columna, a testa d'ella parou sobre o terreno, ao passo que a retaguarda, commandada pelo general Harispe, desfilando pela sua esquerda, e passando de cabeço em cabeço por cima dos numerosos rochedos, veiu até ao Ebro, abaixo da cidade. A investida contra a praça estava portanto completa sobre a margem esquerda do rio. Durante este tempo o general Habert, tendo-se assenhoreado do desfiladeiro de Alba, completou a investida pela margem direita, repellindo 600 ho-

mens, que por bem pouco não foram por elle cortados. Por este modo conseguiram os francezes estabelecer uma communicação de uma para a outra margem do Ebro, e regularisar o seu acampamento de assedio, vindo de la Roquetta, na outra margem do rio, a artilheria e as precisas munições de guerra e de bôca. No dia 19 todos os postos dos sitiados foram repellidos para o interior da praça, assenhoreando-se os francezes de uma obra começada sobre as alturas, que estão adiante do forte de Orleans, e que os hespanhoes não tinham podido concluir. Estabelecida a primeira parallela, os sitiados fizeram contra ella uma sortida, que os sitiantes repelliram com vantagem sua. Os trabalhos do cerco foram sempre continuando sem maior inconveniente, até que na noite de 31 de dezembro a excavação de uma mina, que andava entre mãos, a par do fogo das baterias, abriram uma brecha na cortina, onde se estabeleceu um alojamento para preparar o assalto. Pelas sete horas do 1.º de janeiro, decimo setimo da duração do cerco, duas brechas praticaveis, alem da da cortina, foram abertas pela artilheria, tendo a escarpa saltado aos ares, pela explosão da mina. Os sitiados, assustando-se com o que viam, pozeram bandeira branca; mas tendo ficado sem solução a negociação encetada, prepararam-se as columnas para o assalto, que se reputava de feliz exito, á vista do estado das brechas, sendo n'estas circumstancias que de novo appareceram, não uma, mas tres bandeiras brancas em tres differentes pontos da fortaleza, a que se seguiu pedir o governador Alacha capitulação, informando ao mesmo tempo Suchet, que a relaxação da disciplina era tal entre os soldados, que se lhe tornava impossivel poder concluir cousa alguma, quando não viesse em seu soccorro.

Á vista d'esta declaração Suchet tomou o expediente de se dirigir em pessoa á cidade, indo a cavallo, acompanhado apenas por alguns generaes e officiaes de estado maior, e por uma companhia de granadeiros. Chegando a uma das portas da praça, disse ao official da guarda que as hostilidades tinham cessado, e que n'esta conformidade o dirigissem para a cidadella á presença do governador, como pra-

ticaram: temerario expediente, diz o conde de Toreno, a não terem havido de antemão intelligencias secretas, que lhe assegurassem o bom exito de uma tal resolução. Seguiu-se a isto redigir-se á pressa uma convenção, a qual, na falta de mesa, foi assignada sobre um reparo de peça de artilheria. Conhecido como depois foi na cidade este acontecimento, formaram-se as tropas da guarnição, ás quaes Alacha ordenou em presença de Suchet que abaixassem as armas, como praticaram. Feito isto, a guarnição saíu da praça em numero de 3:974 homens, segundo o computo de Toreno, mas que outros elevam a muito mais. Este cerco, que apenas teve dezoito dias de duração, custou aos francezes a perda de 400 homens, e aos hespanhoes a de 1:400. Nove bandeiras, 100 peças de artilheria, 10:000 espingardas, e immensos armazens foram os despojos, que n'esta empreza coroaram os esforços do general Suchet, trophéus estes que uns attribuem a manifesta traição e outros á incapacidade do governador Alacha, o que talvez se deveu a uma e outra cousa. Entretanto é tambem justo dizer-se que similhante resultado foi igualmente devido á boa direcção dos approxes e boa collocação das baterias, e portanto á boa execução da arte de atacar as praças. Talvez que a atrevida e imprevista medida de collocar os approxes ao longo do Ebro, desprezando as obras das alturas, que dão para as planicies, concorresse tambem para tão feliz resultado.

Fosse porém como fosse, é um facto que a tomada de Tortosa foi um golpe mortal, descarregado sobre as provincias de leste da Hespanha, por ser esta cidade o principal ponto da sua communicação, alem de ser igualmente o grande deposito dos seus recursos militares. Effectivamente a Catalunha não só ficou aberta desde então pelo lado do occidente aos ataques e incursões dos francezes, cortando-se-lhe a par d'isto a sua communicação com Valencia, mas até se viu privada de todo o soccorro externo, a não ser aquelle que lhe podesse desembarcar na costa. Quanto a Suchet, a tomada de Tortosa deu-lhe a vantagem, entre outras, de reduzir consideravelmente o exercito hespanhol e

Catalunha, que por tal motivo se limitou a 20:000 homens, comprehendidas as guarnições das cidades, que ainda se achavam em poder dos mesmos hespanhoes. O marquez de Campo Verde retirou-se immediatamente com a sua divisão de Falcet para Montblanch, ao passo que Suchet, projectando novas emprezas militares, e dispondo-se a aproveitar-se de qualquer momento de consternação, que os hespanhoes manifestassem, cuidou pela sua parte em se apoderar dos fortes de Peniscola e de S. Filippe de Belaguer, o que em breve conseguiu, com relação a este ultimo, pois d'elle se assenhoreou em 9 de janeiro o general Habert, achando-lhe cinco peças de artilheria e uma guarnição de 100 homens. Não succedeu assim ao de Peniscola, cujo governador desprezou as intimações que se lhe fizeram, voltando de lá o destacamento francez sem resultado algum da sua missão.

Pelo seu despacho de 10 de março de 1811 encarregou o imperador Napoleão o general Suchet do cerco e tomada de Tarragona, que o marechal Macdonald não tinha podido realisar, pondo-lhe para este fim á sua disposição a força disponivel do corpo commandado pelo referido marechal, ao qual por similhante modo, como diz Toreno, se fez uma cruel affronta n'aquella sua qualidade, pois Suchet ainda por então não tinha pela sua parte recebido tão alta dignidade, como a de marechal de França. Para execução d'esta ordem os dois chefes tiveram uma entrevista em Lerida. A cargo de Macdonald ficou sómente a conservação de Barcelona e a parte septentrional da Catalunha, devendo tambem assenhorear-se das praças e postos fortificados de Seu-d'Urgel, Berga, Montserrat e Cardona. Á vista pois d'isto apenas as tropas de Macdonald se encorporaram ao exercito de Aragão, Suchet tratou logo dos aprestos de que precisava para o cerco de Tarragona, a unica praça de importancia, que pelo lado do mar se não achava ainda em poder dos francezes, nada se lhe dando com a tomada de Figueras, effeituada pelos hespanhoes no dia 9 de abril, tendo para si como certo o retoma-la em breve, concluida que fosse a rendição de Tarragona. A esta empreza se lançou portanto com o maior empenho,

não só pela grande importancia d'esta praça, como porto maritimo, mas tambem por ser a base principal das operações dos hespanhoes na Catalunha. Alem d'isto a retomada de Figueras competia mais ao marechal Macdonald do que a Suchet, ao passo que a conquista de Tarragona interessava a este no mais alto grau, tanto pela gloria que isto necessariamente lhe havia de trazer, como pelo consideravel augmento da sua reputação como general. Por conseguinte emquanto o primeiro se achava reduzido aos seus proprios e fracos recursos, o segundo tinha por fim adquirir, sem partilha de mais ninguem, novos e immarcessiveis louros, precursores para elle de novas distincções. Com similhante perspectiva Suchet, tendo segurado a sua retaguarda pelo lado de Aragão e Lerida, poz-se no dia 2 de maio em movimento para emprehender o cerco que se lhe confiára. Em Reus estabeleceu elle armazens de provisões de bóca e de guerra, e marchando para a realisação da empreza que tinha em vista, foi para ella acompanhado por cousa de uns 18:000 a 20:000 homens de tropa.

Tarragona era uma praça militar, que no seu vasto desenvolvimento apresentava a fórma de um parallelogrammo rectangulo: assenta ella sobre um rochedo de consideravel elevação, cuja base a leste e ao norte é banhada pelo Mediterraneo. Ao oeste acha-se a cidade baixa, para a qual se desce da alta por um declive doce e suave, sendo por este lado de oeste que se dirige para o mar a ribeira Francoli, atravessada por uma ponte de seis arcos, ponte extremamente estreita. Tarragona, antiga capital da Hespanha ceterior, quando provincia romana, ainda hoje conserva muitas das suas antiguidades, e vetustos restos da sua anterior grandeza. A sua população não passava por então de 11:000 habitantes. É cercada por uma muralha, construida no tempo dos romanos, e como na guerra da successão tivesse sido destruida a parte que olha para oeste, foi depois substituida por um terraço de uns dez pés de largo, com quatro bastiões, chamados, a contar da parte do mar, de Cervantes, de Jesus, de S. João e de S. Paulo. Algumas outras fortificações

apresentava ainda mais pelo lado da cidade baixa. Tarragona, para ser bem defendida, precisava ter uma guarnição de 14:000 homens, ao passo que no começo do cerco não contava mais que 6:000 infantes e 1:200 milicianos, numero que depois se elevou ao dobro, pelos reforços que se lhe mandaram, sendo a dita guarnição apoiada na sua resistencia contra o inimigo por uma esquadra ingleza, commandada pelo capitão Cordington, que mantinha o portó aberto para na praça se introduzirem provisões e refrescos. O seu governador até ao fim do mez de maio foi D. João Caro, o qual foi então substituido por D. João Sennen de Contreras. O acommettimento começou por parte dos francezes no dia 4 do citado mez de maio. No primeiro movimento por elles feito o exercito da Catalunha, já por então commandado pelo marquez de Campo Verde, em substituição a D. Henrique O'Donnel, enthusiasmado como se achava com a restauração de Figueras, bloqueada tambem já pelos francezes, reuniu-se e prometteu soccorrer Tarragona, poisque a ser tomada pelo inimigo reduziria logo a mesma Catalunha, privada como em tal caso ficava de todos os portos de mar, a sustentar unicamente uma guerra de guerrilhas, como se via na Navarra e nas Castellas. A regencia de Cadiz, persuadida do grande damno que receberia a causa da peninsula com a perda d'aquella praça, a toda a pressa lhe mandou tropas de Murcia, de Valencia, de Alicante e de Mahon. Era por isto mesmo que Suchet via adiante de si uma brilhante perspectiva para as suas operações, cujo resultado, a sair bem da empreza, seria assenhorear-se completamente de todo o paiz catalão. O seu projectado cerco e a resistencia contra elle feita foram dos mais pertinazes, que n'aquellas partes da Hespanha houve.

O forte de Olivo, obra destacada da praça, foi o primeiro alvo do ataque dos francezes, sendo no dia 27 morto n'uma sortida, feita do dito forte pelos sitiados, o general Salme, quando se adiantou contra elles com as suas reservas. O momento era critico para os atacantes, os quaes apenas viram praticavel a brecha, feita pelo fogo das suas baterias na noite

de 29, trataram logo de lhe dar o assalto, por meio do qual se apoderaram do referido forte, matando á ponta da bayoneta por essa occasião mais de mil pessoas da guarnição, segundo se disse, espalhando-se até que no respectivo muro escreveram com letras de sangue hespanhol: *Está vingada a morte do general Salme*[1]. Tomado que foi o forte de Olivo, seguiu-se depois dirigirem os francezes um novo ataque contra a cidade baixa. Na tarde do dia 21 de junho duas brechas havia praticaveis em dois bastiões da praça e uma no forte Real, e postoque ainda não fossem bastantemente largas, e o fogo dos sitiados respondesse ainda com vigor ao dos sitiantes, ordenou-se todavia o assalto. Destinadas que foram para ella as tropas, Suchet, tendo pessoalmente disposto os seus soldados, deu o signal para se levar a effeito, o que elles executaram emquanto era dia, abrasados no calor da sua impetuosidade. N'um instante as brechas, as trincheiras e o forte Real foram cobertos pelos assaltantes, a que se seguiu manifestar-se a desordem entre os hespanhoes, caíndo uns debaixo do ferro do inimigo, ao passo que outros se poseram em fuga para o porto, para o molhe, e para a cidade alta. Uma reserva, que se achava junto dos muros d'ella, foi igualmente derrotada. Alguns dos que fugiram para o molhe escaparam-se, por auxilio das chalupas inglezas, outros houve que poderam ganhar a cidade alta, sendo os restantes passados pelas armas, exceptuando os poucos que ficaram prisioneiros. Pelas oito horas da tarde toda a cidade baixa estava em poder do inimigo. Perto de 1:600 cadaveres, entre os quaes se contavam mais habitantes do que soldados, marcavam em diversos logares os diversos pontos do ataque. Consideraveis armazens de mercadorias eram pasto das chammas, acabando assim uma scena que o ferro tinha começado. Suchet, relatando este successo ao seu governo, foi o proprio que confessou terem-se n'elle feito apenas 160 prisioneiros, salvos milagrosamente do furor dos soldados, e que para queimar os mortos se chegaram a reunir 1:553 cadaveres.

[1] Assim o diz na sua historia o conde de Toreno.

acrescentando: «Temo muito que a guarnição sustente o assalto dos seus ultimos intrincheiramentos, o que me forçará a um terrivel exemplo, que para sempre amedrontará a Catalunha e a Hespanha inteira pela destruição total de uma cidade».

Acabada que foi a carnagem, reuniram-se as tropas para a conclusão da empreza. As da engenheria deitaram mãos á parte do que lhes dizia respeito, e por tal modo o fizeram, que, antes de cessar a confusão e a desordem, já os sitiantes se achavam intrincheirados, dispondo-se para o ataque da cidade alta, unica defeza que ainda restava aos hespanhoes. A frente que essa defeza oppunha aos inimigos consistia em quatro bastiões com cortina, mas sem fosso, ficando-lhes pela sua esquerda o bastião de S. Paulo, no centro o de S. João, e pela sua direita o de Jesus. O de Cervantes, que cobria o local mais principal do desembarque, chamado do *Milagre*, postoque estivesse na mesma frente, achava-se comtudo bastante á retaguarda para que contra elle se dirigissem tambem os trabalhos do ataque. Só no assalto da cidade baixa os francezes tinham perdido 600 homens e os hespanhoes 2:000; mas estes ainda contavam com 9:000 para a defeza do seu ultimo posto, numero quasi igual á infanteria de Suchet, cuja posição se havia tornado cada vez mais critica: nos quatro assaltos que anteriormente dera perdêra elle um quinto das suas tropas, as quaes por outro lado se achavam fatigadas pelos seus excessivos trabalhos; a sua communicação com Lerida estava inteiramente interceptada, e a de Mora interrompida, achando-se tambem pouco seguros os seus comboios. Os sitiados pareciam pela sua parte não ter perdido nada da sua primeira coragem, estando ainda livres as suas communicações com o mar, postoque expostas n'alguns pontos ao fogo dos francezes. O mar via-se coalhado de embarcações: consideraveis reforços podiam chegar de um para outro momento aos atacados, e o marquez de Campo Verde, que promettêra vir em auxilio de Tarragona, podia igualmente com os seus 10:000 homens atacar a retaguarda de Suchet. Finalmente dava-se ainda com tudo isto o estar o

Aragão ameaçado de uma invasão, que n'elle podia com facilidade operar, não só o exercito de Valencia, mas tambem os guerrilhas das montanhas de Albarracin, Moncayo e Navarra, taes como os de Villa Campa, Empecinado, Duran e Mina, o que fazia com que o mesmo Suchet não podesse mandar vir mais tropas das que ainda tinha na margem esquerda do Ebro, como pertencentes ao seu exercito.

Na noite de 21 para 22 de junho os francezes haviam construido a sua primeira parallela contra a cidade alta, apoiando a sua esquerda no bastião, chamado de S. Domingos, e a sua direita no mar, nada mais lhes faltando tomar do que aquelle ultimo recinto, aliás enfraquecido, e o menos importante dos que já tinham por seus. Varios contratempos e desintelligencias entre os generaes hespanhoes prejudicaram consideravelmente o acordo, que devia haver na defeza do que por parte d'elles lhes restava ainda em Tarragona, o que muito favoreceu a empreza dos francezes, que no meio d'estas discordias poderam ultimar os seus trabalhos, estabelecendo a sua segunda parallela na distancia de uns cento e vinte metros da parte que iam atacar, sendo na noite de 27 para 28 que as suas baterias de brecha se concluiram e armaram. Na manhã de 28 os sitiantes romperam o fogo, dirigido principalmente a bater em brecha a cortina da frente do bastião de S. João, no angulo que formava com o flanco esquerdo do de S. Paulo. Os hespanhoes responderam ao inimigo com um fogo terrivel e bem dirigido, por meio do qual lhes destruiram as espaldas das suas baterias, pondo-lhes assim a descoberto os seus artilheiros, dos quaes lhe mataram um bom numero. Foi n'esta occasião que a explosão de um deposito de polvora no bastião de Cervantes o impossibilitou de continuar o seu fogo, que em todos os mais pontos se tornou vivo e mortifero. Os francezes porém encarniçados em acertar os seus tiros contra a parte da muralha, que queriam derrubar e destruir, n'ella conseguiram por fim abrir pelas dez horas do dia uma larga brecha. Julgada praticavel como ella foi pelo meio dia, Suchet ordenou darlhe o assalto, confiado por elle á direcção dos generaes Ha-

bert, Ficatier e Montmarie. Pela sua parte o governador hespanhol, D. João Sennen de Contreras, preparou-se para receber e repellir o ataque dos francezes, não só na brecha, mas até mesmo nas ruas, onde se fizeram cortaduras, particularmente na da Rambala, tida como a mais principal. O inimigo avançou impetuosamente da sua trincheira contra a brecha. Os primeiros assaltantes desappareceram debaixo da metralha, que das baterias hespanholas os fulminava; substituidos logo por outros, caíram estes tambem a seu turno, o que nos mais produziu uma certa hesitação: em seguida acudiu a reserva, e depois os ajudantes de campo do proprio Suchet, tendo finalmente de se formar um batalhão de officiaes para dar o exemplo e reanimar os soldados francezes, cuja audacia e sangue frio tinham n'elles diminuido. Por muitas vezes as columnas inimigas se viram rotas, e por outras tantas reunidas, e outra vez postas no mesmo estado. No meio de uma tão viva e pertinaz luta a questão decidiu-se por fim em favor dos francezes, os quaes pelo seu numero poderam montar a brecha, e invadindo a cortina e o bastião de S. Paulo, buscaram logo estender-se ao longo da respectiva trincheira. Era este o plano previamente assentado pelo general Suchet, por que senhores como por este modo se tornaram os seus soldados de toda a muralha da cerca, facil lhes foi surprehender depois os sitiados, impossibilitando-os de levarem por diante a defeza interior da cidade.

Victoriosos como portanto os francezes se viram, o seu furor os levou então a roubar, queimar, violar e cobrir de sangue todas as ruas e edificios de Tarragona. O irmão do marquez de Campo Verde, D. José Gonzalez, foi morto defendendo-se com um punhado de bravos no adro, ou atrio da cathedral. O governador Contreras, ferido no ventre por um golpe de bayoneta, foi prisioneiro na porta de San-Magin. N'este barbaro e deshumano assalto, que pinta bem o feroz coração do general Suchet e dos seus soldados, imitadores fieis aquelle e estes dos mais barbaros conquistadores, antigos e modernos, quatro mil cidadãos de todas as classes, incluindo

velhos, creanças, religiosos e mulheres, pereceram victim
da crueldade e desenfreamento dos vencedores, porque se
embargo de muitos dos principaes habitantes terem aba
donado a praça antes do assalto, a maior parte da sua p
pulação tinha n'ella ficado para defender os seus lare
Entre os diversos objectos curiosos e importantes, que po
tão fatal occasião foram destruidos, deve mencionar-se
archivo da cidadella. O numero dos prisioneiros, caido
na mão do inimigo, subiu a 7:800, contando os feridos
que se achavam nos hospitaes; no citado numero entrara
os generaes Courten e Cabrery, alem dos officiaes sup
riores. Alguns destacamentos buscaram salvar-se pela port
de Santo Antonio, que deita para a estrada de Barcelon
mas não o poderam fazer, porque o general Harispe, po
tado por este lado, os envolveu e os fez novamente recolh
á praça.

A defeza de Tarragona, aindaque mal succedida para o
hespanhoes, foi dos feitos memoraveis, que os honrou d
rante a guerra da peninsula, sendo-lhes motivo de desculp
para o seu desastre as irregularidades e vicios da posiç
que defendiam. Postoque o governador Contreras seja acc
sado de sentimentos de despeito, e até de se entregar a i
trigas para indispor o povo contra os outros chefes, todav
a sua coragem e resolução devem para sempre honrar-lh
a memoria. Levado n'uma padiola á presença de Suchet
este lhe lançou em rosto a pertinacia da sua resistenci
dizendo-lhe: «que merecia a morte, por haver prolongad
a defeza alem do que permittiam as leis da guerra, e po
não ter capitulado, depois da abertura da brecha». A ist
lhe respondeu Contreras com dignidade: «Não sei de le
alguma da guerra, que prohiba repellir os assaltos, feito
contra uma praça sitiada; alem d'isto eu esperava soccorr
que me não chegou. A minha pessoa deve ser inviolavel
tanto como a de quaesquer outros prisioneiros. O genera
francez a respeitará, e quando não, a infamia virá sobre ell
e sobre mim a gloria». Apesar d'isto Suchet o tratou de
pois com todo o respeito, acariciando-o e fazendo-lhe pr

messas para passar ao serviço do rei José, propostas que elle desprezou nobremente. Nos cinco assaltos, dados pelo mesmo Suchet a Tarragona, perdeu elle, segundo a sua propria confissão, 4:293 homens, perda que outros calculam em 7:000, numero provavelmente exagerado. Na participação por elle dada para París se expressou pelo seguinte modo: «A raiva dos soldados era augmentada pela pertinacia da guarnição, que esperava ser soccorrida, e estava prompta a fazer uma sortida. O quinto assalto, dado hontem pelo meio dia ás obras exteriores, foi seguido de uma horrorosa mortandade com pouca perda da nossa parte. O terrivel exemplo, que com pezar previa na minha ultima parte a vossa alteza, teve com effeito logar, e a lembrança d'elle durará por longo tempo na memoria dos hespanhoes. Quatro mil homens foram mortos nas ruas. Entre 10:000 ou 12:000 que tentavam salvar-se, passando por cima das muralhas, 1:000 foram saibrados, ou afogados. Nós fizemos 10:000 prisioneiros, em cujo numero se comprehendem 100 officiaes: nos hospitaes existem 1:500 feridos, que se respeitaram». Suchet teve em recompensa da tomada de Tarragona, e das barbaridades que n'ella permittíra, a patente de marechal de França, isto sem fallar no consideravel augmento, que similhante tomada lhe trouxe para a sua reputação como general.

A noticia da perda de Tarragona produziu a maior desesperação e desalento em toda a Catalunha. O abalo e a desmoralisação que causou ganhou bem depressa o exercito, onde as deserções se tornaram numerosissimas. Os catalães, que d'elle faziam parte, preferindo a guerra dos guerrilhas á das tropas regulares, foram os que mais particularmente abandonaram as fileiras do general Campo Verde, deixando o seu exercito reduzido a quasi nada. Campo Verde, desacreditado como ficou por não ter prestado auxilio algum aos de Tarragona, como promettêra, foi substituido pelo general D. Luiz de Lacy, que de Cadiz saiu para este fim, indo desembarcar a 5 de julho em Mataró. O desastre de Tarragona não foi menos sentido pela regencia, que desde então dirigiu toda a sua attenção para a conservação de Carthagena. Com estas

cia e Murcia), conservando o seu emprego d
do-se-lhe a par d'isto o supremo commando
vincias orientaes da Hespanha, assim como
general Castanhos o das provincias occident
tremadura, Leão e Galliza. No dia 23 de jul
de Cadiz a expedição de Blake, na força de 9
homens, contando o seu comboio cento e cin
ções, entre ellas varias canhoneiras, sendo
por uma nau de 74, a *S. Paulo,* e tres fraga
meralda, Proserpina e *Lucia:* esta expediç
dia 31 de julho a Almeria.

A par da má noticia de Tarragona, outra
chegou logo a Cadiz. O celebre guerrilheiro
cebêra ordem do general O'Donnell para
marchar para o reino de Valencia. Dispond
esta ordem, a junta de Guadalaxara, em cu
então se achava, oppoz-se á sua marcha. D'
dissenções e disputas com a mesma tropa, c
o irem ás mãos os dissidentes uns contra os
grande effusão de sangue, a que se seguiu
este o primeiro caso que por então apparec
de se decidirem pela sorte das armas as di
nas d'aquelle paiz. Similhante acontecimento
mais graves as noticias da Catalunha, pr
tes questões interminaveis e declamações i

grande parte ainda ali se estavam fazendo, mas á custa do governo britannico[1].

Depois da tomada de Tarragona o afortunado Suchet dirigiu as suas operações contra o forte de Montserrat, fortificado pelo barão de Eroles, seu governador, tendo debaixo das suas ordens 2:500 a 3:000 homens, pela maior parte *somatenes*, correspondentes ás nossas antigas ordenanças. Montserrat, que está a sete leguas distante de Barcelona, é uma alta montanha, que constitue uma das notaveis curiosidades da Hespanha, tanto pela singularidade da sua natureza, quanto pelas fundações religiosas n'ella construidas. A base d'esta montanha tem umas oito leguas de circumferencia, sendo formada de rochedos escarpados de grande elevação, e cortada por barrancos e ravinas difficilmente praticaveis. A pouco mais de metade da sua altura achava-se sobre uma chapada um mosteiro de benedictinos, vasto e solido edificio, consagrado á Virgem Maria. D'ali para cima a montanha é inteiramente nua, e em muitas partes eriçada até ao cume de pontas de rochedos, similhantes ás torrinhas dos edificios gothicos, comparadas aos paus do jogo da bola. Do mosteiro até á crista da montanha vae um espaço, que leva a percorrer duas boas horas, e n'elle se contam treze pequenas capellas, ou ermidas, entretidas por seus anachoretas, ali entregues á vida mystica e contemplativa. Do cume de Monserrat gosa-se de uma das mais bellas vistas, que ha na peninsula, dominando todas as estradas e alturas, que ha no coração da Catalunha. Em todo o tempo foi um dos logares de maior nomeada entre as pessoas devotas e dadas a

[1] Deve advertir-se que o general Graham, depois de ter commandado em Cadiz a divisão luso britannica, retirou-se d'ali em meados de julho de 1811, desgostoso pelas contestações, que tivera com os generaes hespanhoes, por causa da batalha da Barrosa, devendo elle Graham substituir lord Wellington no commando em chefe do exercito nas suas faltas eventuaes, tendo vindo reunir-se ao referido exercito: em Cadiz foi substituido pelo major general Cooke, como já dissemos. Graham foi um dos generaes inglezes mais recommendaveis na peninsula pelo seu valor, talentos e optimas qualidades.

o foi pelo marquez de Palacios, sendo este o que se achava governando Valencia, quando ali chegou D. Joaquim Blake, e assumiu o commando dos exercitos de Valencia e Murcia: a força expedicionaria que comsigo levou, montando aos já citados 9:000 ou 10:000 homens, reunida á d'estes dois exercitos, fazia um total de 25:000 a 30:000 homens. Suppunha-se que com estas forças Blake podesse bem defender os pontos fortificados da fronteira de Valencia, retirando-se, em caso de desgraça, a tomar posição sòbre o Jucar, sem tentar a defeza da capital d'aquelle reino, que não podia ser de longa duração, e só servir para destruição d'aquella formosa cidade. Todavia Blake havia realisado os meios da sua defeza, reforçando o mais que pôde os regimentos que tinha debaixo das suas ordens, exercitando as recrutas, melhorando as obras do forte de Murviedro, e finalmente fortificando o antigo castello de Oropeza, que dominava a estrada real da Catalunha. Todos os que d'ali escreviam para Cadiz elogiavam as medidas tomadas pelo general Blake, acrescentando que todos haviam n'elle posto a sua maior confiança. Apesar d'isto o exercito de Valencia, segundo a opinião de alguns, não era para resistir aos francezes, por muito numeroso que fosse. A sua reputação militar era desgraçada, passando por ser o mais indisciplinado de todos os exercitos hespanhoes: tendo tido ao pé de Tortosa um pequeno choque com os exercitos francezes, portou-se n'elle de uma maneira vergonhosa. Depois d'este choque pretendeu ainda fazer uma diversão em favor de Tarragona, quando esta praça se achava em situação arriscada, cercada por Suchet, empreza em que não foi mais feliz do que na antecedente.

Se este era o estado do exercito de Valencia, o de Murcia não estava em melhor situação para se oppor aos francezes. Debaixo do ponto de vista numerico este exercito, elevando-se a 18:000 ou a 20:000 homens, incluindo a cavallaria, força que aliás se achava debaixo do commando de D. Manuel Freire, era seguramente de consideração; mas a não ser isto, nada mais tinha por si que o recommendasse, debaixo do

haviam produzido; e finalmente que a cousa mais agradavel por aquelle tempo para os hespanhoes seria o ficarem elles neutros, emquanto que a Inglaterra e a França entre si combatessem, e pagassem as despezas da luta». O general D. Nicolau Mahy, tendo commandado a Galliza e as Asturias até aos primeiros tempos de 1811, em rasão de ser lá reputado por desaffecto aos inglezes, foi depois substituido por D. José Maria Santocildes, de que resultou ser por tal motivo chamado por D. Joaquim Blake, quando de Cadiz saiu para Valencia, e collocado, por occasião da demissão do general D. Manuel Freire, no commando do exercito de Murcia, onde todavia se não mostrou, nem mais activo, nem mais habil do que o seu antecessor.

Passando a fallar agora de Cordova, podia com verdade dizer-se estar este pequeno reino submettido inteiramente aos francezes: a este estado o tinha reduzido uma divisão de 5:000 ou 6:000 homens do exercito de Soult, divisão que não só se achava prompta a operar na Extremadura, mas igualmente contra os guerrilhas que contra si tinha, ligados como de mais a mais se achavam nos seus movimentos com as tropas de Murcia. Em Granada e Andaluzia propriamente dita, póde dizer-se que a não ser o que se via na Ronda, todo o mais paiz d'estas duas provincias se achava igualmente submettido a Soult. Postado, como depois da batalha de Albuera se collocou em Llerena, póde elle, por meio tão sómente dos seus escopeteros, ou guardas civicas, fazer-se temer dos guerrilhas, nada havendo que lhe perturbasse a continuação do bloqueio de Cadiz, cidade que tambem lhe caíria nas mãos, se para sua defeza não tivesse uma esquadra ingleza numerosa, e a divisão luso-britannica, que dentro dos seus muros se achava, pois os hespanhoes mais se occupavam lá das intrigas e corrilhos politicos, do que dos negocios da guerra. É portanto provado que depois da batalha de Baylen nunca mais os francezes perderam na peninsula batalha alguma, que em ponto grande dessem aos hespanhoes, sendo as que perderam dadas por elles unicamente contra lord Wellington e o exercito luso-britannico, o que

citos hespanhoes, que a ellas se lhes oppunham, quanto em se dividirem e estenderem sufficientemente para guardarem com tropas suas todo o terreno, que haviam conquistado. Era isto o que tambem succedia com relação a Suchet, que depois da tomada de Tarragona, e da aniquilação quasi total do exercito da Catalunha, fôra ainda assim obrigado a conservar n'este principado quasi o mesmo numero de tropas, que até ali tivera, ao passo que o general D. Luiz Lacy, que na mesma Catalunha substituíra o marquez de Campo Verde, pôde com 2:000 ou 3:000 homens apenas saír das montanhas para fazer incursões na Cerdenha franceza, e impor até contribuições sobre aquelles povos, retirando-se novamente para a Hespanha muito a seu salvo. O que succedia a Soult na Andaluzia e a Suchet na Catalunha, succedia igualmente aos mais generaes francezes nas outras provincias da mesma Hespanha, d'onde se seguia que para que os exercitos inimigos podessem fazer uma guerra mais activa e vantajosa era-lhes necessario duplicarem as suas forças, e ainda quando n'este caso as quizessem empregar, não lhes era facil sustentarem-se, porque á medida que se fosse desfalcando tamanho exercito, tornaria a apparecer a necessidade de o refazer. Mas nada d'isto militava para com os hespanhoes, não tendo estes pela sua parte rasão alguma, que justificasse a sua constante inactividade e apathia, a não ser a total indisciplina a que os seus exercitos tinham chegado, sem quasi terem coragem alguma de arrostarem com os ataques dos francezes.

Uma nova prova do que fica dito, quanto ás tropas hespanholas, e quanto á sua fraqueza, por falta de disciplina, é o que succedeu ao exercito de Murcia, do commando de D. Manuel Freire. Blake, depois de desembarcar em Almeria, havia reunido a si este exercito, que se achava acantonado em Venta del Baul, do commando do dito Freire, tendo forças destacadas pela sua direita e esquerda. O mesmo Blake demorára-se ali até ao dia 7 de agosto, em que partiu para Valencia, antecipando-se ás forças do seu commando, nas vistas de preparar e reunir os meios de defeza

mais apropriados á sua importante commissão. Em frent
forças de Freire achava-se o general Laval, commandar
quarto corpo francez, cuja posição se tinha tornado
pela attitude ameaçadora, que em volta d'elle tomára
cito hespanhol com alguns corpos de guerrilhas. Es
cumstancia e o temor que inspirava o movimento das
expedicionarias resolveram Soult a marchar em socc
Granada, manobrando de modo que podesse envolver
truir o exercito hespanhol. Para este fim ordenou ao
Godinot que na noite de 6 para 7 do citado mez de
de 1811 caísse com a sua divisão, na força de 4:000
e 600 cavallos, sobre Baeza para envolver a direita
nhola, que debaixo das ordens de D. Ambrosio de la
se achava postada em Pozohalcon. Ao mesmo temp
nou que o general Laval se pozesse em movimento a
contra o centro dos hespanhoes, ponto que elle tam
pessoa acommetteria pela sua parte. Na cidade de
deixou ficar alguma tropa, não só para ali manter a t
lidade, como para manobrar sobre as Alpujarras c
bandos, commandados pelo conde de Montijo. D.
Freire, julgando-se bastante forte na Venta del Ba
abandonou este ponto, nada mais fazendo que reforç
direita com as tropas expedicionarias de D. José Z
força de 5:000 homens, e a cavallaria de D. Casimi
Durante a curta ausencia de Zayas teve o commando
forças D. José O'Donnell, chefe do estado maior do
exercito.

O'Donnell foi-se estabelecer perto do Jucar sobre
ras, que estão á direita da ribeira de Barbate, a qu
chamam Guardal, e Godinot, tendo-se adiantado sem
culo algum, ali o foi atacar nas suas posições. Os f
atravessaram a ribeira de Barbate (vadeavel em toda
pelas onze horas do dia 9, protegidos pela sua ar
arma que os hespanhoes por si não tinham, por ter
embarcar a Alicante a que Blake trouxera comsigo d
Godinot expedíra os seus atiradores contra a esque
panhola, ao passo que por um combate vivo lhes a

direita, que por fim poz em debandada. A cavallaria de D. Casimiro Loy teve pela sua parte a mesma sorte, dirigindo-se para Collera, onde se lhe foi reunir a infanteria. N'este recontro perderam os hespanhoes 433 mortos e feridos, alem de 1:100 prisioneiros e extraviados. Felizmente Godinot não se aproveitou d'esta victoria, como podera ter feito, temendo ser atacado pela sua retaguarda por D. Ambrosio de la Cuadra, contra o qual enviou toda a sua cavallaria, e a brigada do general Rignoux, nada mais fazendo que expedir algumas tropas da sua vanguarda para o lado de Cullar-de-Baza. A este acaso é que D. Manuel Freire deveu o poder-se retirar, sem que os francezes o perseguissem. Freire conservára-se por todo o citado dia 9 na sua posição de Venta del Baul, repellindo o ataque dos francezes; mas sabendo pelas cinco horas da tarde do desastre de Jucar, levantou o campo durante a noite, procurando ganhar Murcia. Atravessando sem obstaculo algum a villa de Baza, pôde ganhar Cullera, onde acabava de chegar D. José O'Donnell. D'ali dirigiu todo o exercito para Vertentes, marcha que Freire fez cobrir pela cavallaria do terceiro corpo, commandada pelo brigadeiro D. Vicente Osorio, e pela que commandava D. Casimiro Loy. O general Soult, irmão do marechal d'este nome, perseguia vivamente a cavallaria hespanhola de sabre sobre os rins, dando-lhe no dia 10 um violento ataque com que a poz em derrota, e a obrigou a procurar o apoio da sua infanteria.

Á vista pois d'isto resolveu o mesmo Freire continuar a retirar-se, apesar do cançasso das tropas, separando as suas forças, e mandando-as seguir na direcção das montanhas sobre os dois lados do caminho. D. José Antonio Sanz marchou portanto com a segunda e terceira divisão sobre as montanhas da direita, dirigindo-se para Murcia, tomando D. Manuel Freire pelas da esquerda em direcção á mesma cidade. Sanz conseguiu o seu intento, tendo a fortuna de derrotar 300 francezes, que encontrou durante a marcha, fortuna que por si não teve D. Manuel Freire, que se viu quasi inteiramente perdido, perseguido por uma fatal estrella: os seus soldados, dispersos, e separados das suas

desastre do Jucar, e pelos mais que experimentára na sua retirada até Murcia, a do de Valencia não lhe foi mais feliz, ameaçado como seriamente estava sendo este reino de uma invasão pelas armas de Suchet, que depois de subjugar o Aragão e a Catalunha, queria fazer o mesmo a Valencia. Com estas vistas Napoleão lhe ordenára a 15 de agosto que se conduzisse por maneira tal, que a 15 de setembro o seu exercito estivesse perto de Valencia o mais que lhe fosse possivel. Suchet, desejando cumprir fielmente esta ordem, tratou não só de formar consideraveis armazens em Morella e Tortosa, mas tambem de assegurar a sua retaguarda. Com estas vistas deixou 7:000 homens com o general Frere em Lérida, Montserrat e Tarragona, para cobrir estes tres pontos, assim como a navegação do Ebro: igual numero deixou tambem no Aragão, debaixo do commando do general Musnier. O exercito francez do norte da Catalunha, e um corpo de reserva, que se formára na Navarra, deviam igualmente apoiar com todas as suas forças as operações de Suchet, o que ao exercito do centro lhe cumpria tambem fazer pelo lado de Cuenca, e ao exercito do meio dia pelo lado de Murcia. Feitas estas disposições, Suchet poz-se effectivamente em marcha sobre Valencia no dia 15 de setembro, montando a 22:000 homens as forças que comsigo trazia, e que distribuiu em tres columnas de marcha. Uma d'estas partiu de Teruel debaixo das ordens do general Harispe, e em logar de seguir o caminho de Segorbe, torneou sobre a esquerda, para mais promptamente se reunir ás outras. A segunda columna era a divisão italiana de Palombini, onde se achavam os napolitanos: a sua marcha foi por Morella e S. Matheu. Suchet partiu de Tortosa com a terceira columna, composta da divisão do general Habert, de uma reserva, commandada pelo general Robert, bem como da cavallaria e artilheria de campanha. Marchando pela beira mar, de Tortosa a Benicarlo, Suchet seguiu a estrada real, que da Catalunha se dirige a Valencia. Em Cabanés se lhe juntaram as columnas de Harispe e Palombini: por este modo reuniu todo o seu exercito, com o qual foi no dia 21 occupar Villarcal, e atravessando o rio Mi-

jares (vadeavel durante o estio, alem de uma magnifica ponte de treze arcos, que lhe facilita a passagem), pôde sem obsta-culo algum apresentar-se diante da cidade e forte de Murvie-dro, primeiro fim da expedição de Suchet. Murviedro é a an-tiga e immortal Sagunto, nome que uns derivam do latim *muri veteres*, e outros de *muro verde*. A antiga Sagunto era edificada em volta de uma montanha, ao pé da qual se estend hoje a nova cidade sobre a vertente septentrional, cuja popu lação não excede a 6:000 almas. Os seus muros são banha dos pelo Palancia, que se lança no mar duas leguas mai adiante. Segundo Polibio a sua foz só distava da cidade set estadios, pouco mais ou menos mil passos, o que prova o que as aguas se tem d'ella afastado muito, ou que a antig cidade se estendia muito para o lado do Mediterraneo.

A chegada de Suchet foi mais prompta do que esperav D. Joaquim Blake, cujas forças consistiam nas do reino d Valencia, constituindo o segundo exercito; nas que d'es eram dependentes, e faziam a guerra em Aragão, comma dadas por D. José Obispo e D. Pedro Villacampa; e final mente n'uma parte das do terceiro exercito, e nas tropas ex pedicionarias, fazendo ao todo 25:300 homens, entrand 2:550 de cavallaria. Suchet, cuja artilheria o não tinha acom panhado, arriscou-se a uma escalada geral contra Murviedr na qual foi repellido com grande perda. Ficando inactivo at 18 de outubro, em que lhe chegou a sua artilheria, cuid logo em levantar baterias, por meio das quaes abriu um brecha, a que deu promptamente assalto, sendo novamen repellido com perda, desar que tambem lhe succedeu n'un segunda tentativa. Desde então Suchet procedeu mais reg larmente, e quando no dia 24 tinha já reduzido a praça a u estado de bloqueio, teve de suspender o ataque e concentr as suas tropas para se oppor ás hespanholas, que se lhe a proximavam, saídas de Valencia n'aquelle mesmo dia, co mandadas em pessoa pelo proprio D. Joaquim Blake, o q a 25 de outubro atacou precipitadamente o exercito franc As tropas hespanholas combateram com coragem, e tiver vantagens ao principio. Orgulhoso por esta perspectiva

victoria, Blake ordenou um movimento mais largo, com que buscava cortar a retirada dos francezes: mas Suchet, atacando por então bravamente o centro enfraquecido dos hespanhoes, começou a ter por si a ventura, que lhe coroou os esforços com a grande derrota dos contrarios: a isto se seguiu caír-lhes depois sobre as suas duas alas, derrotando-as igualmente, pondo-se por fim tudo em fugida. Os hespanhoes poderam conseguir passar o Guadalaviar, que na sua fuga lhes cobriu a retaguarda, estabelecendo-se o exercito francez em Batera, Albalat e Puig. A perda de Blake consistiu em 12 peças de artilheria, 900 homens mortos e feridos e 3:922 prisioneiros ou extraviados, podendo a de Suchet avaliar-se em 800 homens. Ganha assim a batalha, chamada de Sagunto, o forte de Murviedro capitulou na noite de 26, saíndo a guarnição pela brecha com as honras da guerra em numero de 2:672 homens. Desde então Suchet póde afoutamente marchar para as vizinhanças de Valencia, no intento de a tomar, em pontual cumprimento das ordens de Napoleão.

Esta cidade, construida em fórma oblonga, acha-se situada na margem direita do Guadalaviar, ou Turia, tendo uma população superior a 100:000 almas, das quaes mais de 60:000 vivem nos logarejos suburbanos, nas casas de campo, nas quintas e fazendas, que ha na sua deliciosa planicie. Postoque tivesse as honras de praça de guerra, por ser n'ella que residia um capitão general com o seu estado maior, as suas fortificações, para poder como tal ser considerada, avultavam a bem pouca cousa, consistindo apenas n'um velho muro de pedra bruta com trinta pés de alto e dez de grosso, do qual era cercada, apresentando oito portas com seus corpos de guarda. Alem d'este muro tinha tambem para sua defeza uma má cidadella, consistindo n'um trapezoide com duas torres. No anno de 1808 o marechal Moncey a tinha já cercado, mas infructuosamente. Já se vê pois que em circumstancias taes ella não podia offerecer ao inimigo, que ousadamente sobre ella marchava, uma longa e regular resistencia, attenta a falta que para isso tinha dos precisos meios. A sua

principal defeza estava por esta occasião posta em Manisès, distante da cidade uma legua, onde se acham as represa dos principaes canaes de irrigação, que para ella vem. D. Ni colau Mahy ali tinha o seu quartel general, e lá estavan igualmente, bem como em Santo Onofre, as divisões de Vi lacampa e D. José Obispo. A cavallaria postára-se sobre sua esquerda, e, um pouco mais para trás, em Aldaya Torrente. Em Curate, sobre a sua direita, achava-se uma ou tra divisão, pertencente ás forças do mesmo general, tend por commandante D. João Creagh. A de D. José Zayas e tava de quartel na aldeia de Mislata, a de Mendizabal e frente de Valencia, occupando a divisão de Miranda o Mon Olivete. Todas estas forças sommavam, como já se diss 25:300 homens, entrando 2:550 de cavallaria.

Não contente ainda com isto, Blake chamou tambem pa Valencia uma outra porção do terceiro exercito, do qual nã ficou em Murcia senão o indispensavel para vigiar as fronte ras de Granada. Estas forças, montando a 4:000 homen eram commandadas por D. Manuel Freire, o do desastre d Jucar, o qual se dirigiu primeiramente sobre o Requen ponto ameaçado por Darmagnac, o qual, destacado do exe cito do centro, para ali se dirigia pelo lado de Cuenca, d que resultou não poder o mesmo Freire reunir-se a Blake n preciso tempo. Os pontos fortificados que se achavam a longo da linha, que desde a cidade ía até á borda do ma eram guarnecidos por guerrilheiros e paizanos armados. A gumas chalupas, canhoneiras hespanholas e navios de guer inglezes cruzavam sobre a costa. Suchet, tendo feito uma i timação aos valencianos, que lh'a repelliram, tratou no d 3 de novembro de formar tambem uma linha, que se pod chamar de circumvallação, a qual se estendia desde o por do Grau até Paterna, sobre a esquerda do Guadalaviar, ten com isto em vista prevenir os ataques que lhe podessem f zer, tanto as tropas regulares de Blake, como as dos guer lhas, que contra elle viessem do interior; alem d'isto tin tambem em vista guardar a sua posição com a menor fo que podesse, para que no caso de tomar a offensiva, lhe

casse disponivel o maior numero de tropas possivel. Das cinco pontes que tinha o Guadalaviar duas foram cortadas por Blake, defendendo elle as outras com obras regulares. Conservando para si algumas casas e os conventos, que estavam para alem do rio, Suchet apoderou-se depois d'elles, fortificou o Grau, e bloqueou por este lado os hespanhoes, emquanto preparava os meios de atravessar o mesmo Guadalaviar.

Suchet achava-se inquieto pela demora, que se via obrigado a pôr nas suas operações, demora occasionada pela espera dos reforços que lhe haviam de vir, o que levou dois mezes, sem que o general hespanhol fizesse durante este longo espaço de tempo disposição alguma para lhe receber o ataque, fiado na illusoria crença de que uma insurreição geral havia de salvar Valencia, tendo assim esfriado consideravelmente n'elle o seu primeiro enthusiasmo da defeza. Napoleão, que tanto mostrava ter a peito a prompta occupação da peninsula, para mais descansado se voltar depois para o norte da Europa, que já contra elle se achava por então abalado, mandou de reforço a Suchet as divisões de Sèvèroli e Reille, montando ambas a 14:000 homens. No mez de dezembro Reille entregou o commando da Navarra e do Aragão a Caffarelli, marchando depois para Teruel, onde Sèvèroli se achava já á espera d'elle com os seus italianos. A reunião d'estas duas divisões ás forças de Suchet começou a fazer-se na noite de 25 de dezembro, contando assim o seu exercito 34:000 homens, entrando 2:644 da arma de cavallaria. Durante a mesma noite o exercito francez lançou á pressa tres pontes sobre o Guadalaviar, que na manhã de 26 atravessou acima da cidade, formando-se na margem direita. Em seguida a isto, Suchet mandou as tropas do general Harispe com a cavallaria para a lagoa de Albufera, que está para áquem de Valencia, nas vistas de cortar ao exercito de Blake toda a retirada para as margens do Jucar. A brigada de Robert ficou de reserva, para guardar as pontes até á chegada de Reille, que ainda por então não tinha apparecido: e emquanto as tropas deixadas na margem esquerda atacavam toda a linha dos intrincheiramentos hespanhoes, o mesmo

mado a attenção. Palombini, que tinha di
ataque, havia mandado os seus explorado
lado do rio, ao qual tinha lançado duas pon
pas marcharam então em força contra os in
hespanhoes; mas Zayas, dirigindo contra el
obrigou-as a retirar para o Guadalaviar.
pressa se reuniram outra vez, e tinham fra
quando uma reserva hespanhola veiu restab
e repellir novamente os francezes para o o
A divisão Reille, á excepção de uma brigad
podido chegar a tempo, tambem o atravess
e de concerto com a brigada Robert, que f
atacou Mahy nas aldeias de Manisès e Cuart
derou, não achando ali grande resistencia.
permaneceram no seu campo intrincheirado
na margem direita do Guadalaviar. Mahy po
trada de Alcira sobre o Jucar, não podend
lencia na sua passagem por trás das divisõe
a isto se lhe oppunham.

Todo o exercito hespanhol, que se achav
laviar, foi então inteiramente batido, perden
ria e bagagens. Para baixo da cidade Habert
mente victorioso, sem encontrar opposiçã
chalupas e canhoneiras hespanholas, que log
largo. O mesmo Habert lançou uma ponte na

fera, o que por certo completaria o ataque feito contra a cidade, quando D. José Obispo, fugindo adiante da cavallaria de Suchet, atravessou com a sua divisão os arrozaes, que estão entre a dita lagoa e o mar, e chegou a Cullera. O resto do exercito de Blake, pouco mais ou menos na força de 18:000 homens de todas as armas, entrou então no campo, que foi investido durante a noite. Tres destacamentos de dragões francezes, levando cada cavalleiro um caçador na garupa, foram enviados pelos caminhos de Alcira, Cullera e Cuenca; dois d'estes destacamentos deitaram-se a perseguir os generaes Mahy e Obispo, devendo o ultimo observar os movimentos do general Freire, que ainda por então se não tinha reunido a Blake. Mahy estava em Alcira n'uma posição defensiva; Blake lhe tinha ordenado que se conservasse na linha do Jucar; mas elle, tendo perdido a sua artilheria, e tendo as suas tropas desanimadas, abandonou a villa logo aos primeiros tiros de fuzil, apezar de ter ainda comsigo 3:000 homens, não sendo os francezes mais de 1:000. Obispo abandonou igualmente Cullera, não se podendo juntar a Mahy, em rasão de uma densa nevoa que sobreveiu.

Blake tentou no dia 28 de dezembro saír de Valencia em direcção ao Jucar com 10:000 homens, o que não conseguiu, sendo repellido na sua tentativa pelos francezes que já lá estavam. Suchet passou depois a fortificar o seu campo na margem direita do Guadalaviar, e tendo igualmente repellido, na noite de 30, 2:000 hespanhoes, que tentavam uma sortida, começou com o ataque regular do campo e da cidade pela dita margem direita. Impossibilitado Blake de se poder alimentar, pela falta de viveres, acrescendo alem d'isso o terem chegado a Suchet sessenta peças de artilheria de grosso calibre, vindas de Sagunto, as quaes deviam passar para a margem direita do Guadalaviar para bater as obras, achou-se n'uma critica posição. No dia 5 de jáneiro de 1812 os seus soldados abandonaram o campo, retirando-se para a cidade, de que resultou escalarem os francezes as obras e assenhorearem-se rapidamente dos suburbios, e de toda a artilheria, que nas citadas obras se achava. Um bombardeamento teve

então logar por tres dias consecutivos;
dendo por melhor acabar com toda a res
no dia 9 do citado mez de janeiro, caínd
guerra 18:000 homens de boas tropas,
Suchet para trophéus da sua victoria 20
cavallos, 390 peças de artilheria, 40:0
190:000 arrateis de polvora. No dia 14
quatro para cinco dias depois da rendiç
mesmo Suchet fez n'ella a sua entrada tri
seu victorioso exercito, recebendo de Nap
creto de 24 d'aquelle mez, o titulo de duq

N'esta batalha, que não custou aos fr
500 homens de perda, foi o general Zay
portou com energia: muitas vezes propoz
do se recolhiam ás linhas, fazer antes um
trada que Mahy tinha seguido, o que teria
mas Blake, fóra de si como estava, preo
mente pelo temor, nada lhe respondeu. «
meio de reparar faltas, e que faltas, diz o
Com 23:000 homens de infanteria, uma nu
um rio cobrindo as suas linhas, possuin
por meio das quaes lhe era facil operar s
margem, tendo no centro da sua posição
cada, d'onde as suas reservas se podiam
de duas horas aos pontos mais desviados
rações; com todas estas vantagens reunid
Suchet, cuja força (porque uma das briga
tomou parte no combate) não excedia a
todos os pontos, e o cercasse por uma gra
exigia um desenvolvimento de tropas sobr
menos de cinco leguas; e quando a sua in
trou assim com toda a evidencia, rejeitou

dos pelos hespanhoes, o que deu causa a que o velho general dissesse que os valencianos se achavam animados de um mau espirito».

Á vista do exposto póde bem julgar-se qual seria a funesta impressão, que uma tamanha serie de desastres causaria em Cadiz, tanto nas côrtes, como na propria regencia, de que resultou ficarem uns e outros sem bem saberem quaes as medidas, que tomariam para reanimarem o espirito publico, perdidos como verdadeiramente se podiam reputar o reino de Aragão, o principado da Catalunha, e o reino de Valencia, estado em que tambem se podiam reputar Granada, Cordova, e a propria Andaluzia, porque á excepção de Cadiz, tudo mais n'esta provincia estava em poder dos francezes. A regencia, amargurada por tantos e tão graves desastres, tomou o expediente de apresentar lord Wellington como o causador d'elles, por ter, segundo elia, permittido ao exercito do norte e ao de Portugal enviarem reforços a Suchet, cousa de que elle se defendeu, dizendo com rasão: «que as desgraças de Valencia só deviam ser attribuidas á ignorancia de Blake, e á cobardia e traição de Mahy», sendo este o que se havia opposto a toda a idéa de resistencia, proposta pelo consul inglez Tupper, por meio de uma linha defensiva no Jucar. Effectivamente as operações de Blake não podem ter outra explicação, que não seja a do total desprezo de todas as boas regras e preceitos militares, e a sua louca mania de querer com más tropas e com maus generaes dar grandes batalhas aos francezes. Só o bom senso era por si bastante para o levar a não se empenhar com taes tropas em combates serios e arriscados com um inimigo intelligente e bravo, tal como Suchet. Blake podia muito bem ter soccorrido Sagunto, sem se arriscar a perigosa luta, retirando-se com toda a segurança para trás do Guadalaviar, defendendo a passagem do rio, sem comprometter o seu exercito, ou tambem retirar-se para trás do Jucar; nem elle devia tão pouco ir encerrar-se com o seu exercito em Valencia, ou quando encerrado lá com elle, não devia jamais capitular, mas aceitar o expediente que o general Zayas judiciosamente lhe propo-

zera. Um exercito tal como o que elle tinha debaixo do s
commando, na força de 18:000 homens, ou ainda mais do q
isto, podia bem abrir caminho para o Jucar, por entre a
visão de Harispe, a unica que para a banda de Albufera
podia tomar o passo, e com tanta mais rasão, com quanta
hespanhoes tinham pela sua parte a faculdade de operar
quer sobre uma, quer sobre a outra margem do Guad
viar. Parece portanto claro que esta infeliz campanha n
mais foi que uma longa serie de graves erros, que não
dem ter desculpa, sobretudo da parte de um general
tamanha presumpção e orgulho como tinha Blake.

Pelo que se tem visto póde com verdade dizer-se
ainda no fim de 1811 a Hespanha se achava por consegui
sem exercito algum regular, reduzindo-se a defeza da pe
sula tão sómente ao exercito luso-britannico, por ser el
unico que com esperança de bom resultado podia contin
a guerra, restringindo-se os auxilios da Hespanha meram
ás operações dos guerrilhas. D. Francisco Ballesteros, te
vindo á serra de Ronda, e vendo-se ali acommettido por
força superior á sua, retirára-se para junto das fortifica
de Gibraltar, onde se conservava como sitiado, achand
os francezes, em numero de 12:000 homens, estabeleci
em Algeciras, S. Roque, etc. Por aquelle mesmo temp
general Coupons com a divisão ingleza da guarnição de
rifa tambem se via ameaçado por algumas das tropas in
gas, as quaes o marechal Victor destacára do seu exer
em frente de Cadiz, mostrando com isto o grande empe
que tinha na tomada de tão importante praça, a qual, á
da guarnição que a defendia, não era tão facil de realisar
mo a dos outros pontos, occupados pelos hespanhoes. As
pas de Cadiz, e o exercito francez que as sitiavam, contin
vam n'aquella mesma inacção em que ellas e elle desde t
tempo se viam, o que da parte dos cercados não era
admirar, por ser o seu numero justamente o preciso pa
defeza da sua respectiva linha. O condado de Niebla, que
tanto tempo fôra o theatro da guerra, achava-se no fim
anno de 1811 sem tropas algumas, quer francezas,

hespanholas. Na Extremadura, depois da tomada do castello de Mirabet, e da derrota que n'elle experimentára o general Girard, empreza alguma se notava, tendo as tropas alliadas voltado ás suas anteriores posições. O general Castanhos, tendo saído d'aquella provincia, fôra conferenciar com lord Wellington, deixando ao conde de Penne Villemur o commando da pouca gente que tinha na referida provincia.

Para cabal informação do leitor sobre o estado da Hespanha em 1811, forçoso nos é dizer-lhe tambem alguma cousa sobre a precaria situação a que o rei José se via reduzido na Castella Nova, sendo esta a unica provincia a que tão sómente se limitava de facto o seu reino, poisque nenhum dos generaes francezes, que nas outras provincias se achava, cousa alguma lhe importava com elle. Para isto muito havia concorrido a falta de consideração, que o proprio imperador lhe dava. Tendo este pela sua parte creado governadores militares para muitas das referidas provincias, de facto lhe tirou o governo d'ellas, dando-se tambem a circumstancia de lhe cercear a administração de outras, ficando assim limitada sómente á Castella Nova a influencia da côrte de Madrid. O mesmo rei José se queixava d'isto amargamente, como não podia deixar de ser, vendo-se tão flagrantemente menoscabado na sua auctoridade e prerogativas reaes. Todavia elle não cessava de ordenar como se fosse arbitro de toda a Hespanha, e d'ella seu verdadeiro soberano. Julgando-se pois como tal, promulgava leis, expedia decretos e distribuia honras, empregos e titulos, tendo até a mania de querer administrar as Indias e a America. Ao imperador, seu irmão, se queixava elle do pouco apoio, que lhe prestava a França, das exacções e violencias dos seus generaes, que lhe não deixavam meio algum de manter a sua auctoridade. Durante o anno de 1810 e começo de 1811 mandou elle a París diversos embaixadores para negociarem sobre este objecto com os ministros de Napoleão, os quaes pela sua parte propunham cederem-se á França as provincias do Ebro, recebendo a Hespanha em compensação o reino de

com resignação os amargos desgostos e humilhações por que o fazia passar seu irmão, por ser d'elle que ainda assim lhe vinha a pouca força de que dispunha, e o seu unico sustentaculo como ephemero rei da Hespanha.

Já se vê pois quão pouco lisonjeiro era para elle o estado a que se víra reduzido n'aquelle reino, não obstante o faustoso titulo de seu soberano. Invadida que foi a Andaluzia, continuou elle no seu systema politico de publicar amnistias, prover empregos, decretar honras, recompensar partidistas, attrahir para o seu serviço pessoas que lhe eram oppostas, e finalmente captar a benevolencia do povo pela doçura do seu trato e delicadas maneiras. Cercado dos ministros hespanhoes que nomeára, estes nada mais faziam do que apresentar-lhe lisonjeiros e exagerados relatorios em que o instigavam contra os generaes francezes, relatorios que, quer verdadeiros, quer exagerados, foram mais uma das causas que os ditos generaes tiveram para lhe retribuirem a fineza, indispondo-se cada vez mais contra elle, e pouco ou nenhum caso fazendo do que lhes dizia e ordenava. Nas provincias invadidas os agentes militares exigiam, por meio das requisições que faziam, mais do que comportavam as precisões do exercito, o que occasionava grandissimas disputas entre as auctoridades hespanholas e os officiaes francezes, de que resultava não quererem os commissarios do rei e os seus intendentes obedecer a qualquer ordem militar que se lhes desse, no que dizia respeito ás subsistencias do exercito, recusando-se igualmente a lhes fornecerem dinheiro. Pela sua parte os generaes francezes lançavam mão das rendas do rei, levantavam contribuições extraordinarias, desprezavam as formulas legaes, e ameaçavam por muitas vezes os agentes e fiscaes da corôa, quando estes se recusavam a satisfazer-lhes os pedidos. Se este era o estado das cousas antes da ida do rei José a París, depois que de lá voltou pouca melhora teve isto.

Com relação ás operações militares dos exercitos hespanhoes contra os francezes, nada de efficaz se podia esperar d'elles, como exuberantemente temos visto: derrotados con-

Portugal, projecto contra o qual protestou logo o irmão do imperador por contrario á constituição de Bayonna. Napoleão replicou-lhe, attribuindo ás immensas despezas da guerra da peninsula o esgotamento das finanças da França, acrescentando que em similhante guerra havia elle empregado perto de 400:000 homens para sustentar os interesses do rei, ao qual, em vez de lhe augmentar os meios pecuniarios, lhe tiraria uma parte das suas tropas. Após isto vinha a censura das operações d'elle rei José, a do luxo e prodigalidade da sua côrte, a dos seus projectos insensatos de conciliação com as côrtes de Cadiz, a dos seus dons excessivos, e finalmente a da sua grande generosidade para com o partido inimigo. A constituição de Bayonna a dava elle Napoleão por annullada, em virtude da continuação da guerra. Alem d'estas, outras mais rasões se trocaram de parte a parte, de que resultou o augmento dos desgostos e amarguras do phantastico rei José, pretendendo umas vezes entrar em negociação com as côrtes, e outras retirar-se á vida privada. «Antes quero, dizia elle, ser subdito do imperador em França, do que continuar em Hespanha a ser rei no nome. Lá serei eu um bom subdito, aqui não passarei de um mau rei». No meio da sua irresolução para tomar um d'estes dois partidos resolveu dirigir-se pessoalmente a Paris, para lá conferenciar com seu irmão, dando-lhe occasião para isto o nascimento do principe imperial, que sua cunhada, a imperatriz, dera á luz no dia 20 de março de 1811, e a quem se conferiu o titulo de rei de Roma. José deixou portanto Madrid a 23 de abril, sendo acompanhado pelo seu ministro da guerra, D. Gonçalo O'Farril, e pelo do reino, D. Marianno Luiz de Urquijo. Foi a 10 de maio que passou a fronteira, chegando a Paris a 16 do mesmo mez, onde se demorou pouco tempo. A 9 de junho assistiu ao baptismo de seu sobrinho, o designado rei de Roma, e tomando promptamente o caminho da Hespanha, atravessou o Bidassoa a 27, entrando de novo em Madrid no dia 15 de julho. Veiu só, postoque os jornaes annunciassem ter vindo acompanhado por sua mulher e familia. Nem as suas duas jovens filhas, nem a mãe d'estas, uma

dama chamada Julia, filha de um rico negociante de Marselha, mr. Clary, pozeram jamais os seus pés na Hespanha.

José veiu muito pouco satisfeito do acolhimento, que lhe fez seu irmão, o imperador Napoleão, a quem não pôde demover das intenções que tinha de se apossar das provincias do Ebro. O mais que d'elle pôde conseguir foi o ser auctorisado a punir os delinquentes, a dar uma nova collocação aos officiaes que lhe eram oppostos, incluindo o chefe de estado maior, o general Belliard, que o ministro Urquijo dava como sendo inimigo do seu systema. E se os successos da guerra fizessem com que um outro exercito se reunisse ao do centro, d'elles poderia em tal caso dispor José, o que tambem succederia nos mais districtos em que estivessem, uma vez que o rei n'elles se apresentasse em pessoa. O exercito do norte devia conservar a organisação, que tinha debaixo do commando de um marechal; mas José teve a faculdade de substituir Bessières por Jourdan. Para evitar que se opprimisse o povo, principalmente o do norte da Hespanha, Napoleão ordenou que as auctoridades militares francezas enviassem diariamente um relatorio de todas as requisições e contribuições que tivessem levantado. Aconselhou alem d'isto a seu irmão ter em cada um dos quarteis generaes dos differentes exercitos um commissario hespanhol para vigiar os interesses nacionaes, promettendo que apenas uma provincia tivesse os meios e a vontade de repellir as incursões dos guerrilheiros, ficaria inteiramente debaixo da administração do rei, e por conseguinte sujeita sómente aos encargos fixados pelas auctoridades civis hespanholas para custeamento das necessidades do paiz. Os exercitos do sul e do Aragão ficavam na mesma situação, a respeito do rei; mas José foi auctorisado a receber a quarta parte da renda das differentes provincias, occupadas pelos referidos exercitos, sendo a dita quarta parte applicada para as despezas da sua côrte e para as do exercito do centro.

Apesar d'estas concessões, o imperador não lhe quiz dar o commando de todas as forças francezas na Hespanha, dizendo que o marechal, que em Madrid dirigisse as operações, que-

só devem ser relatados no tempo em q
como adiante se verá.

FIM DO TERCEIRO VOLUME DA SEGUNDA

POST SCRIPTUM

A pag. 74 do presente volume demos nós o sr. major de artilheria, Fortunato José Barreiros, commandante da artilheria da praça de Almeida, como sendo quem secretamente instigára o tenente-rei d'aquella praça, Francisco Bernardo da Costa e Almeida, a fazer uma revolta, de que resultou ser o respectivo governador, Guilherme Cox, obrigado a entrega-la ao inimigo por capitulação, acrescentando achar-se o dito sr. major desde algum tempo em correspondencia com os francezes, no serviço dos quaes entrára posteriormente, dando-se-lhe a patente de coronel.

É evidente que a nossa convicção, ao escrever o que acima expomos, era a de que as suspeitas de traidor á patria para com o dito sr. major não eram inteiramente infundadas, como abertamente dizemos na nota da citada pag. 74. Fomos levados a esta crença: em primeiro logar pelo que achámos escripto a respeito d'este official a pag. 366 e 368 do tomo v, livro xii, capitulo v da traducção franceza da Historia de Napier, onde se diz na citada pag. 366: «Cox sabia bem que uma maior resistencia lhe era impossivel; mas esperava que o exercito fizesse algum movimento em seu favor, se por ventura mantivesse o cerco por mais dois ou tres dias. Com esta idéa estava disposto a recusar os offerecimentos do principe de Esling, quando os revoltados, sustentados abertamente pelo tenente-rei, Bernardo Costa, e secretamente por José Barreiros, chefe da artilheria, e que desde algum tempo estava em correspondencia com os francezes, o obrigaram a ceder». A pag. 368 diz elle mais: «Barreiros, não desertando do inimigo, escapou ao castigo de traidor; mais tarde Costa foi julgado e fuzilado por ordem do marechal Beresford». John Jones tambem a pag. 178 do tomo i, capitulo iii da sua *Historia da guerra da Hespanha e Portugal* (traducção franceza) se refere a Barreiros de um modo para elle pouco lisonjeiro, dizendo: «Um official de artilheria por-

ao sr. major Barreiros, e achando geralmen
seu desabono a opinião de alguns escriptore
sem reclamação sua por nós conhecida,
temerario partilhar tambem similhante o
mente dando-se com isto a circumstancia d
ou um dos pouquissimos portuguezes, se
nheiros, que nunca mais voltaram á sua p
na epocha liberal de 1820 a 1823.

Hoje porém não persistimos em manter
ridade esta nossa opinião, depois que receb
ral de artilheria, e director geral d'esta arm
Barreiros, sobrinho e afilhado do official
seguinte carta e folhetos a que ella se re
Remetto a v.... o folheto junto, levando
mento. O folheto esteve impedido na alfan
que veiu até que soou a liberdade em 1
O outro veiu posteriormente. É o unico ex
e por isso não o posso offerecer a v.... Da
para ler estes documentos, irei procura-lo
dias para lhe dar todos os esclarecimentos
tio Fortunato e padrinho nunca foi traido
tinha era um odio figadal aos inglezes p
que o seu governo praticou sempre comnos
guns factos da vida de seu pae, continua di
nando a meu tio Fortunato, dir-lhe-hei, q
muito distincto pelos seus conhecimento

lhe disse o motivo por que meu tio não voltou a Portugal. Alem d'isso achava-se já velho, padecendo de gota, tinha uns poucos de filhos a educar, muito boas relações com gente de Bergerac sur Dordogne, aonde residiam uns seus compadres e outros seus verdadeiros amigos, porque elle era muito espirituoso e sympathico, e por isso nunca pôde resolver-se a tornar ao reino, pelo menos emquanto vivesse a pessoa, que principalmente affrontava a sua vinda».

Lendo o folheto do sr. major Barreiros, vi provar elle: 1.º, a impossibilidade que tinha de se poder corresponder com os francezes; 2.º, dar-se igual impossibilidade, quanto a preparar o rastilho, que deu causa á explosão do deposito da polvora e da ruina da praça, sem que fosse descoberto; 3.º, dar-se outra que tal impossibilidade, quanto a determinar dia, hora, logar e posição do rastilho, que houvesse de formar; 4.º, finalmente, não ser menos impossivel dirigirem-se bombas sobre o citado rastilho. Alem do exposto, prova tambem por factos a confiança que n'elle depositava o governador da praça, Guilherme Cox, consultando-o de preferencia aos officiaes engenheiros. Passa depois a rebater os depoimentos de cada uma das testemunhas, não só quanto ao recebimento dos 10:000 cruzados que se lhe attribuia, mas tambem quanto a ter-lhe dado o inimigo o posto de coronel. Não nega ter-lhe o governo francez dado este posto; mas a causa d'isto foi, diz elle, porque, tendo vindo com o exercito francez para o interior de Portugal, em rasão da ordem que teve para seguir o quartel general, e chegando ao ponto de não ter que vestir, nem que calçar, depois de terem passado mais de quatro mezes, o marechal Massena, a rogos do general Eblé, escreveu para Paris ao principe de Wagram, communicando-lhe a promessa, que se lhe tinha feito, se quizesse entrar no serviço francez, como de facto aceitou. «O principe de Wagram respondeu ao marechal Massena, enviando-lhe o documento pelo qual fôra promovido ao posto de coronel da artilheria portugueza, documento que o mesmo marechal recebeu no principio de abril de 1811 no mesmo dia que saiu de Portugal e entrou na Cidade Rodrigo».

Tal é pois o que temos a contrapôr ao que sobre este assumpto expozemos no texto e na nota da citada pag. 74, na certeza de que pela nossa parte nenhum motivo ha, nem podia haver, para gratuitamente denegrir a conducta do tio e padrinho do sr. general Barreiros, a quem aliás muito respeitâmos, tanto pela sua posição social, como pelos seus conhecimentos e illustração, a par do bem merecido bom nome de que gosa no publico. Entretanto fica livre ao leitor sentencear esta causa como entender de justiça.

Lisboa, 17 de junho de 1874.=*Simão José da Luz Soriano.*

SYNOPSE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TERCEIRO VOLUME DA SEGUNDA EPOCHA

Capitulo I. — Por meio de um curto retrospecto expõe-se novamente ao leitor que no fim de 1809 e primeiro semestre de 1810 a Hespanha e o norte da Europa se podiam considerar dominados pelas armas da França, aggravando-se mais este mau estado de cousas com os desastres das expedições inglezas contra Napoles e a ilha de Walkeren, de que resultou o desalento do proprio governo inglez no proseguimento da guerra da peninsula, a demissão do ministerio Castlereagh e a sua substituição pelo de mr. Perceval e lord Liverpool, que se decidiram pela continuação da dita guerra, levados a isso pela pertinaz insistencia, feita para tal fim por lord Wellington. Emquanto pois este general cuidava em levantar em Portugal todos os possiveis obstaculos contra a invasão de um novo exercito francez n'este reino, Napoleão pensava tambem em a effeituar, para o expulsar da peninsula, dando o commando das tropas a isto destinadas ao marechal Massena, o qual, entrando em Hespanha, tomou a Cidade Rodrigo, sem que lord Wellington o podesse embaraçar d'isso. Os governadores do reino pela sua parte trataram tambem de oppor aos francezes toda a possivel resistencia, creando uma contribuição de guerra, recrutando activamente para o exercito de primeira e segunda linha, e pondo em actividade de serviço as milicias e ordenanças. Começando entretanto a campanha de 1810 pelo infeliz combate do general Crawfurd alem do Côa, n'elle se distinguiram já os batalhões portuguezes de caçadores n.os 1 e 3, a que se seguiu tomarem novas posições os exercitos contendores, preparando-se os francezes para a tomada da praça de Almeida. Encetam outras tropas portuguezas

de lord Wellington, pag. 14. — Continuação da mesma materia, pag. 15.— Collocação dos corpos francezes que pelo norte e leste cercavam Portugal, postados em Hespanha no primeiro semestre de 1810, pag. 16. — Enumeração dos exercitos hespanhoes e sua collocação nas provincias vizinhas a Portugal; posição dos exercitos francezes com relação a elles, pag. 17. — Idéas mallogradas da vinda do imperador á Hespanha, fundadas nos grandes reforços de tropas para ella mandadas e do grande exercito francez destinado contra Portugal, cujo commando foi dado ao marechal Massena, pag. 19. — Difficuldades que este general poz á aceitação de similhante commando, que finalmente aceitou, sendo prevenido de que o imperador queria que se começasse a invasão de Portugal pelos sitios e tomada da Cidade Rodrigo e Almeida; governos militares que em Hespanha se lhe pozeram a cargo, pag. 20. — Força do exercito francez, destinado á invasão de Portugal, prevenindo-se o marechal Soult de que a devia auxiliar; nova bravata de Napoleão, provando a confiança que tinha em expulsar os inglezes da peninsula, pag. 21. — Posição do general Hill em Portalegre; sua facilidade em ir para Castello Branco por meio de uma estrada, que de novo se fez na margem esquerda do Tejo desde Niza até Villa Velha e d'aqui para a referida cidade, pag. 22. — Tomada que foi pelos francezes a Cidade Rodrigo, Massena cuidou logo na sua reparação para n'ella estabelecer os seus armazens de deposito, a que se seguiram os seus preparativos para tomar Almeida, e o chamar para mais perto de si o segundo corpo de Drouet, o que fez com que lord Wellington concentrasse tambem o seu exercito; collocação que d'elle fez, pag. 23. — Rasões que o levaram a não poder elle soccorrer a Cidade Rodrigo, pag. 26. — Murmurações que por este motivo lhe fizeram alguns officiaes do seu proprio exercito: queixas que por causa d'isto lord Wellington lhes fez pela sua parte no despacho, que dirigiu para Lisboa a mr. Carlos Stuart em 11 de setembro de 1810, pag. 27.— Novas rasões dadas por elle a tal respeito, fundadas na inferioridade das suas forças e da ruina que podia trazer á causa dos alliados a perda de uma batalha, confessando a D. Miguel Pereira Forjaz que o clamor publico o não faria mudar de tenção, pag. 28. — Particularidades que se deram na tomada da Cidade Rodrigo, pag. 30. — Collocação das tropas francezas em frente da raia de Portugal, tendo por então contra si na peninsula quatro grandes exercitos, pag. 31. — Lord Wellington solicita, como marechal do exercito portuguez, do nosso respectivo governo as mesmas vantagens, que o duque de Lafões tivera, quando se lhe deu tal patente, o que se lhe concedeu, talvez a troco do subsidio que a Inglaterra pagava a Portugal para sustentação de uma parte do exercito portuguez, não obstante o desaire que isto nos parecia trazer, pag. 32. — A preponderancia de lord Wellington e marechal Beresford era tal, que até chegou a annullar uma promoção militar, feita na côrte do Rio de Janeiro, pag. 34. — Guarnecem-se, por instancias de lord Wellington, as

praças militares do reino, Elvas, Almeida e Abrantes, etc.; apprehensão de generos, bestas e carros que no paiz se fez para o exercito, pag. 35.— A Wellington e Beresford pouco ou nada se lhes dava com as desgraças de Portugal, tendo sómente em vista manter n'elle a guerra contra a França, em conformidade com as vistas do seu governo, sendo D. Miguel Pereira Forjaz o que mais se esmerava em lhes satisfazer as suas requisições e exigencias, pag. 37.—Traços biographicos de tão notavel personagem, pag. 38 e 39.—Vantagens que elle via no porto de Lisboa, e necessidade que elle reputava haver na sua defeza, bem como na do terreno que na margem esquerda do Tejo vae desde Almada até á Trafaria, pag. 40.—Similhantes idéas as expoz elle n'uma memoria que enviou a lord Wellington, o qual, concordando com as rasões n'ella expostas, lhe fez ver a impossibilidade, e até certo modo a nullidade, da defeza do referido terreno, pag. 41.—Augmentam-se as contribuições como meio de se poderem custear as despezas da guerra, pag. 42.—Recruta-se activamente para o exercito, chegando até a estabelecer-se um deposito geral de recrutas para os corpos de infanteria e caçadores, pag. 43 e 44.— Deposito de recrutas para a artilheria e cavallaria; recrutamento das milicias postas em actividade de serviço, ao qual se chamaram tambem as ordenanças, sujeitando-as por esta causa o governo ás mesmas leis e regulamentos da tropa de linha, o que fez com que a força portugueza de todas as armas subisse a 430:000 homens em 1810, sendo de tropa regular 55:000 homens com 4:469 cavallos e de milicias 55:000 homens, pag. 45.—Corpos de milicias que ao principio se collocaram em mais actividade de serviço, pag. 46.—O marechal Beresford põe debaixo das ordens do tenente general Manuel Pinto Bacellar as milicias do norte do reino e partido do Porto, formando quatro pequenas divisões, commandadas pelos brigadeiros Silveira e Miller, e pelos coroneis Nicolau Trant e João Wilson, tendo por incumbencia perseguir os francezes pelo seu flanco direito e retaguarda: o mesmo Beresford chegou até a lembrar-se de constituir brigadas com os corpos d'esta arma, pag. 47.— Distribuição feita dos restantes corpos de milicias pela Beira Baixa, Alemtejo e Algarve; enumeração e collocação das cinco divisões do exercito inglez, com a designação das brigadas portuguezas, que já se lhes tinham aggregado; posição tanto das referidas brigadas, como das mais de que se compunha o exercito portuguez, pag. 48 a 50.—Estradas por onde o marechal Massena podia fazer a sua entrada em Portugal, pag. 50.—Providencias adoptadas por lord Wellington para contrariar o bom exito da invasão de Massena em Portugal, pag. 52.— Deposito de viveres e meios de transporte, que os conduziam para a fronteira: Reynier atravessa o Tejo, indo estabelecer o seu quartel general em Plasencia, de que resultou ter o general Hill de atravessar igualmente aquelle rio, dirigindo-se para Castello Branco, pag. 54.— Forças de que dispunham elle e o general Leith nas suas respectivas

posições: posição dos exercitos contendores nas raias de Portugal e Hespanha, pag. 55. — Combate do general Crawfurd junto do Côa em 24 de julho de 1810, pag. 56. — Distincto comportamento dos batalhões de caçadores portuguezes n.os 1 e 3, testificado por lord Wellington e marechal Beresford, pag. 47. — Perdas que houve no referido combate; novas posições dos exercitos contendores, incluindo a novamente tomada por lord Wellington, pag. 58. — O general Loison propõe sem fructo ao governador de Almeida a sua capitulação, com a resistencia da qual aos francezes muito contava lord Wellington; defeitos que na construcção da dita praça se notavam, pag. 60. — Primeiras disposições para o cerco de Almeida; posição que durante o referido cerco tomou o exercito francez e o luso-britannico, pag. 61. — Puebla de Sanabria rende-se ao general Silveira; participação feita pelo marechal Beresford a este respeito, e menção por elle publicada na sua ordem do dia, pag. 62 e 63. — Brilhante carga da cavallaria portugueza, dada contra uma força franceza na direcção de Lardoza, e sua menção feita pelo marechal Beresford em outra das suas ordens do dia; ao precedente feito de armas um outro lhe succedeu não menos glorioso, praticado pela cavallaria portugueza na Ladoeira, de concurso com uma companhia ingleza da mesma arma, pag. 64. — Ainda a cavallaria portugueza se distingue novamente em Fuentes de Cantos e Benvenida, salvando de uma total derrota o exercito hespanhol do marquez de la Romana, pag. 65 e 67. — Retirada de uns e outros contendores, e felicitação que por taes successos D. Miguel Pereira Forjaz dirigiu ao marechal Beresford, reputando-os como um feliz agouro do bom serviço, que o exercito portuguez prestaria á sua patria durante a guerra da peninsula, pag. 68.

Capitulo II. — Proseguindo o inimigo com o cerco da praça de Almeida, e o bombardeamento contra ella dirigido, cáe-lhe finalmente nas mãos, por effeito das ruinas em que a lançou a grande explosão dos seus armazens de polvora, suspeitando-se que houvesse tambem para isto traição da parte de um official da sua guarnição. Sendo a entrega feita por uma capitulação, os francezes a postergaram escandalosamente, violentando os soldados prisioneiros, tanto de primeira, como de segunda linha, a entrarem no serviço da França, concorrendo muito para isto os portuguezes, que vinham no exercito de Massena, como o marechal Beresford participou aos governadores do reino n'um seu officio, no qual condemnava tambem fortemente que aceitassem similhantes serviços alguns dos officiaes, na mente de desertarem d'elle, procedimento que tinha por contrario á honrada palavra, dada por todo o militar pundonoroso, cousa que todavia se não verificou, como depois elle

mesmo fez ver n'uma sua ordem do dia. As suspeitas de correspondencia havida dos portuguezes do exercito de Massena com o interior do reino levaram o governo, não só a deportar no mez de setembro, que então corria, para as ilhas dos Açores quarenta e oito individuos, que tinham por addictos ao partido francez, mas tambem a proceder judicialmente contra os citados portuguezes, os quaes, sendo por então condemnados á morte, como traidores á patria, foram posteriormente perdoados pela ampla amnistia, que as côrtes lhes decretaram em 1821. Quanto ao proseguimento das operações militares, lord Wellington, buscando tirar aos francezes todos os meios de se poderem manter em Portugal, ordenou que os povos da Beira e Extremadura se recolhessem todos a Lisboa, destruindo previamente todos os generos e mais effeitos que comsigo não podessem trazer, e fossem de vantagem para o inimigo: medida que o principal Sousa julgou improfiqua, de que resultou pedir aquelle general a demissão do dito principal, a qual todavia se não levou a effeito, pela tenaz resistencia que seu irmão, o conde de Linhares, lhe oppoz no Rio de Janeiro, pag. 71.

Synopse do capitulo

Bombardeamento dos francezes contra a praça de Almeida e deploravel explosão que n'ella teve logar em 26 de agosto de 1810, pag. 71.— Aponta-se a causa de tão lamentavel successo, pag. 72.—O governador Guilherme Cox vê-se obrigado a aceitar a capitulação da praça que os francezes lhe propozeram; que causas o determinaram a isso, pag. 73.— Artigos da respectiva capitulação, pag. 75.—O inimigo continua o seu fogo contra a praça, já depois da capitulação ajustada, pag. 76.—Desculpa dada por mr. Pelet, quanto a formar-se uma brigada com os prisioneiros de Almeida, pela falla que o marquez de Alorna lhes fizera: não se aceita a desculpa que elle e os mais portuguezes, que vinham no exercito de Massena, dão com a severidade da ordem que para este fim receberam, pag. 77.—Rasões que demonstram que os portuguezes, vindos no exercito de Massena contra a sua patria, no referido exercito se conservaram sem coacção, pag. 77.—O marechal Beresford participa a D. Miguel Pereira Forjaz a causa determinante da perda da praça de Almeida, culpando os portuguezes, que vinham no exercito de Massena, de haverem algumas das tropas prisioneiras na referida praça aceitado o serviço da França: participando-se a Beresford que as referidas tropas haviam feito isto no intento de desertarem para o seu paiz, elle desculpou este procedimento nos soldados, mas condemnou-o nos officiaes, a ponto de pedir a demissão dos que assim se conduziram, pag. 79.— O mesmo Beresford recommenda ao governo portuguez os officiaes que se lhe apresentaram, depois de haverem recusado aceitar o serviço

França: lord Wellington tambem pela sua parte desculpou os soldados que aceitaram o referido serviço, mas condemnou os officiaes que assim procederam, pedindo que os seus nomes fossem tirados da lista do exercito, pag. 81. — Apesar da sensatez da resposta que D. Miguel Pereira Forjaz mandou dar a taes exigencias, Beresford não se conformou com ellas, do que dentro em breve se retractou na sua ordem do dia de 28 de dezembro de 1810, pag. 82. — Os governadores do reino deportaram para os Açores no mez de setembro de 1810 quarenta e oito individuos, suspeitos de partidistas da França: artigo da *Gazeta de Lisboa* a similhante respeito, pag. 84. — Modo por que se fez a respectiva prisão e embarque dos presos para os Açores, a bordo da fragata portugueza *Amazona*, e sua chegada á ilha Terceira, pag. 86. — Chegando á cidade de Angra, são ali mal recebidos, mandando-se para diversos carceres, pag. 87. — Participação que d'estas prisões fizeram para o Rio de Janeiro os governadores do reino, sendo pela dita côrte approvado este seu procedimento, pag. 88. — Lista dos presos que assim se deportaram para a ilha Terceira, pag. 89. — Cinco dos referidos presos foram dos Açores para Inglaterra por influencias de personagens inglezas, procedimento este que a côrte do Rio de Janeiro condemnou, pag. 92. — Memoria mandada a lord Wellington, narrando-lhe igualmente a causa de similhantes prisões, pag. 93. — Rasões por que os governadores do reino se recusaram a mandar metter em processo regular os individuos deportados para os Açores, segundo a ordem que para este fim lhes viera do Rio de Janeiro, pag. 94. — Continuação das referidas rasões, sendo finalmente os mesmos governadores do reino os proprios, que em 1814 pediram ao principe regente que, á excepção de dois dos deportados, todos os mais podessem voltar á patria, pag. 95. — Os mesmos governadores opinam para que os deportados se não restituissem aos seus empregos, embora se lhes concedessem os seus ordenados, pag. 96. — A côrte do Rio de Janeiro conforma-se com esta informação, justificando-se por esta occasião o procedimento que os governadores do reino tiveram sobre isto, pag. 97. — Lord Wellington requisita que se proceda contra os emissarios, que vinham com cartas, mandadas para o interior do reino pelos portuguezes, que acompanhavam o exercito francez de Massena; nomes dos referidos individuos, pag. 98. — Sentença de morte contra os marquezes de Alorna e de Loulé, e os condes da Ega e de S. Miguel, pag. 100. — Sentenças contra os restantes portuguezes, vindos no exercito de Massena, pag. 101 a 107. — Nenhuma das sentenças de morte se executou se não a do infeliz João Mascarenhas Neto, pag. 107. — Absolvição do conde de Sabugal, o qual, apesar d'ella, foi mandado residir em S. Miguel, d'onde mais tarde voltou ao reino, pag. 108. — São julgados sem culpa os marquezes de Valença e de Ponte de Lima, vindos de França, sendo este ultimo mandado para Aveiro, d'onde veiu para Leiria, indo por fim para Alemquer: outros mais individuos são julga-

resistencia do conde de Linhares em concordar com a demissão do referido principal, pag. 141. — Desairoso desfecho que teve para o governo portuguez a pretensão de lord Wellington, quanto á dita demissão, pag. 143.

Capitulo III. — Persistindo lord Wellington em defender Portugal, postando para este fim o seu exercito entre o Douro e o Tejo, o marechal Massena avançou, não obstante isso, contra este reino, obrigando o mesmo lord Wellington a retirar-se do rio Alva para a serra do Bussaco, onde se travou a memoravel batalha d'este nome, ganha pelo exercito luso-britannnico, o que todavia não impediu que o mesmo Massena alcançasse, por informações de um aldeão, a estrada do Porto a Coimbra, de que resultou retirar-se lord Wellington precipitadamente para as linhas de Torres Vedras, depois de algumas escaramuças entre a vanguarda do exercito francez e a retaguarda do luso-britannico em Pombal, Rio Maior e Ameixoeira. O mesmo lord Wellington, chegando ás ditas linhas, decidiu-se a constituir em primeira linha de defeza de Lisboa o espaço de terreno, que decorre desde Alhandra até Torres Vedras, e foz do rio Sizandro, na Praia Formosa, não obstante o consideravel atrazo em que para tal fim ainda por então se achavam as fortificações do seu respectivo centro, dando-se por conseguinte o caracter de segunda linha á que ia desde a Povoa de Santa Iria até Mafra, Carvoeira e foz da ribeira de S. Julião. Posições das differentes divisões do exercito luso-britannico na dita primeira linha, com a designação certa da força do exercito portuguez, que n'ella igualmente se achava, quer de primeira linha, quer de milicais, e quaes os commandantes das suas differentes brigadas, pag. 145.

Synopse do capitulo

No meio dos funestos auspicios com que começava a campanha de 1810, lord Wellington era o unico homem entre os inglezes que estava inteiramente decidido á defeza de Portugal, d'onde os francezes o pretendiam expulsar, pag. 145. — Aspecto topographico do paiz na Beira Alta, e estradas que n'elle se offereciam aos invasores para effeituarem a sua entrada em Portugal, pag. 147. — Posição do general Hill em Castello Branco e fins que n'ella tinha, não podendo o exercito luso-britannico fazer mais do que observar os movimentos do inimigo, emquanto se não decidisse á opção da estrada, que lhe convinha tomar, pag. 148. — Descripção topographica do paiz, feita pelo general Foy, e difficuldades que apresenta aos exercitos que o pretendam invadir, pag. 149. — Modo

g. 169.—Começa a batalha do Bussaco no dia 27 pelo ataque de
nto Antonio do Cantaro, feito pelo segundo corpo, do commando do
neral Reynier, sendo n'elle mal succedido, pag. 171 e 172.—Inefficaz
do effectuado pelo sexto corpo, do commando do marechal Ney,
ntra a posição do convento, pag. 173 e 174.—Perdas de generaes e
iciaes superiores, apontadas pelo barão Fririon: duração da batalha,
nsiderações que sobre ella se fazem, pag. 175 e 176.—Parte official
batalha do Bussaco, dada por lord Wellington ao seu governo, e sua
dem do dia, elogiando o exercito portuguez, pag. 177 e 178.—Ordem
dia do marechal Beresford, notando os corpos portuguezes que se
stinguiram na referida batalha, pag. 180.—Elogios feitos pelo mesmo
assena aos soldados portuguezes: enumeração da perda que o exercito
iado e o francez tiveram na referida batalha, pag. 181.—Relação das
igadas e corpos portuguezes das differentes armas, que entraram na
talha do Bussaco, com a designação dos commandantes das referidas
igadas e corpos, pag. 183 a 187.—Massena pareceu aceitar esta ba-
lha mais por capricho e rivalidade pessoal, do que por justa rasão que
ra isso tivesse, pag. 187.—Vantagens que lord Wellington teria por
, a poder-se conservar na posição do Bussaco, pag. 188 e 189.—Mas-
na, não podendo levar de frente a posição do Bussaco, achou modo de
flanquear por meio de um aldeão, que lhe descobriu um caminho, que
ela garganta da serra do Caramullo ía de Mortagua a Boialvo, pag. 190.—
archa do exercito francez através d'esse caminho: nota-se a demasiada
nfiança que lord Wellington poz na divisão miliciana do coronel Trant,
quem tinha encarregado de vigiar o sobredito caminho, pag. 191.—
ntinuação da marcha dos francezes de Boialvo para o Sardão, d'onde
voltaram para o sul em direcção a Lisboa, chegando no dia 30 á
ealhada, pag. 193.—Na noite de 28 para 29 de setembro retiraram-se
alliados do Bussaco para Coimbra, d'onde seguiram para Condeixa,
g. 194.—A vanguarda do exercito francez bate-se em Fornos com
guns esquadrões alliados, dirigindo-se depois para Coimbra sem mais
convoniente, sendo o general portuguez, Manuel Ignacio Martins Pam-
na, nomeado por Massena para seu governador, pag. 195.—Roubos
levastações perpetradas pelos francezes n'aquella cidade, pag. 196.—
cendio da casa de Thomé Rodrigues do Sobral, sendo o proprio Mas-
a o que tomou parte nos roubos e devastações de Coimbra, pag. 197.—
sumido quadro das devastações, estragos, mortes e incendios, pratica-
s pelos francezes nas differentes terras do bispado de Coimbra, ter-
nando por uma tábua demonstrativa de similhantes atrocidades,
g. 199 a 203.—Os francezes avançam até á Redinha no dia 4 de ou-
ro, indo os alliados até Leiria no dia 3, retirando-se o general Hill
Bussaco pela estrada do Espinhal a Thomar: armazens que lord
ellington deixou cair em poder dos francezes, pag. 203.—O general
l, chegando ás linhas, tomou em Alhandra a posição que na direita

d'ellas lhe estava destinada: novos armazens caidos em poder dos francezes, os quaes, acampando-se no dia 4 de outubro na Redinha, no immediato foram a Pombal, travando a sua vanguarda um encontro serio com os piquetes da retaguarda ingleza, pag. 205. — Lord Wellington vae no dia 6 á Batalha, dividindo ali o seu exercito em duas partes, uma das quaes, commandada pelo general Picton, marchou pela estrada de Alcobaça e Obidos, indo de lá para Torres Vedras, onde tomou posição na extrema esquerda das linhas, ao passo que a outra porção, commandada pelo proprio Wellington, marchando da Batalha a Rio Maior e Alcoentre, foi por fim ao Sobral, tomando ali no dia 8 a posição central das mesmas linhas: no citado dia 8 os francezes foram a Rio Maior e a sua vanguarda a Alcoentre, onde tiveram um novo e renhido combate com um esquadrão inglez, pag. 206. — Os mesmos francezes chegam no dia 10 ao Moinho do Cubo, onde debalde prancharam dois paizanos para saber d'elles a estrada por onde na sua frente os alliados se tinham retirado: difficuldades com que a divisão ligeira do general Crawfurd teve a lutar até ir ganhar a villa da Arruda, onde foi occupar a posição que lhe estava destinada nas linhas, pag. 207. — Motivos que levaram o general Hill a retirar-se da primeira para a segunda linha: Montbrun, informado de que os alliados se haviam retirado para as suas respectivas linhas, assim o participou a Massena, expondo-lhe a fortaleza da posição tomada, pag. 208. — Lórd Wellington participa para Lisboa a sir Carlos Stuard que não era nas linhas, que se achavam em volta de Lisboa, mas nas que se estendiam desde Torres Vedras ao Tejo, que ali postaria o exercito: a devastação das terras invadidas, ordenada por lord Wellington, alem de incompleta, apenas se estendeu uma legua á direita e á esquerda da respectiva estrada, comprehendendo-se n'ella a devastação a que teve logar na fabrica de Alcobaça, pag. 210. — A esquerda do exercito nas linhas era em Torres Vedras, a direita na Alhandra, e o centro por trás do Sobral de Monte Agraço, pag. 212. — As milicias de infanteria e caçadores faziam parte da guarnição das linhas de Torres Vedras, que alem dos depositos de aprovisionamentos, de barracas e de viveres n'ellas estabelecidos, tambem havia n'ellas postos de signaes, alem de outras mais providencias, pag. 215. — Peniche fica na posse dos alliados; debalde se chamou o corpo academico ás armas: proclamação dos governadores do reino aos portuguezes, pag. 216. — Lord Wellington decidiu-se a fazer no Sobral frente ao inimigo, estabelecendo o seu quartel general em Pero Negro, pag. 216. — Collocação das tropas alliadas nas linhas de Torres Vedras, pag. 218. — Designação dos corpos portuguezes de primeira linha, bem como das suas brigadas, força de cada um dos mesmos corpos, e nomes dos commandantes das referidas brigadas, pag. 219 a 222. — Collocação de cada uma das ditas brigadas, pag. 222. — A artilheria portugueza compunha-se de nove baterias; sua designação, e numero de homens que a

guarneciam, pag. 222. — Corpos de milicias empregados tambem na guarnição das linhas; nomes dos seus commandantes, sua força, e collocação que tiveram, pag. 223. — Força e collocação da artilheria de linha e de ordenanças, pag. 225. — Recapitulação da força de todas as armas, alterações que na de cada uma d'estas armas houve posteriormente, pag. 226. — Posições que tambem posteriormente tiveram as brigadas do exercito portuguez, pag. 229. — Depositos por onde os corpos portuguezes eram fornecidos: numero total das tropas portuguezas, inglezas e hespanholas que estava nas linhas, sem fallar nas milicias portuguezas, que no norte do reino perseguiam os invasores, os quaes não podiam deixar de começar a sentir em breve os males da sua atrevida resolução, pag. 230.

Capitulo IV. — Emquanto o exercito francez avançava de Coimbra sobre Lisboa, marchando na retaguarda do exercito luso-britannico, vindo por fim postar-se de observação ás linhas de Torres Vedras, um assignalado feito de armas se praticava em Coimbra por parte de uma divisão de milicias portuguezas, commandada pelo coronel inglez Nicolau Trant, o qual se assenhoreou com ella da referida cidade, onde aprisionou uma força franceza de 5:000 homens e 3:500 espingardas. Massena, depois de ter tomado posição com o seu exercito em frente das linhas de Torres Vedras, e dos reconhecimentos que a ellas se fizeram, convenceu-se de as não poder levar com a força de que dispunha, de que resultou retirar-se para Santarem, d'onde mandou para Paris o general Foy com o fim de pedir soccorro de mais tropas ao imperador Napoleão. Critica posição de Massena em Santarem, onde a falta de viveres o levou a permittir aos seus soldados divagarem soltamente pelo paiz, commettendo-se n'elle toda a especie de destruição e de horrores, obrigando os portuguezes ao emprego de uma justa vingança contra elles. Tendo o mesmo Massena conseguido lançar uma ponte sobre o Zezere e fabricar alguns barcos para atravessar o Tejo, lord Wellington se propoz a lhe mallograr o intento, fazendo-o cuidadosamente vigiar, tanto pelo corpo das tropas que mandou passar para a margem esquerda do Tejo, commandada pelo general Hill, substituido depois pelo marechal Beresford, como pelas milicias e ordenanças do norte do reino, sendo as milicias do já citado coronel Trant as que, occupando Coimbra, difficultaram a juncção do general Drouet com Massena, juncção que por fim conseguiu, o que depois d'elle igualmente fez o general Foy, voltando de Paris, tendo uma e outra cousa tido logar sem vantagem de importancia para o exercito francez, retido em Santarem, onde a fome e as miserias de toda a ordem o perseguiam fortemente, vendo-se obrigado a continuar nas devastações do paiz para poder viver, pag. 233.

Synopse do capitulo

O coronel inglez Nicolau Trant marcha no dia 6 de outubro
uma divisão de milicias da Mealhada sobre Coimbra, de que se apo
no dia 7, aprisionando a tropa franceza que lá encontrou, pag. 2
Em poder dos vencedores cairam 5:000 homens, entre os quaes se
taram 80 officiaes, tomando-se-lhes tambem 3:500 espingardas. O n
Trant na sua parte official diz que nada podia exceder o estado d
seria em que encontrou a cidade, tendo sido saqueada pelo in
pag. 235.— O desastre de Coimbra não produziu alteração nos
de Massena; chegados os francezes ás linhas no dia 12 de outu
oitavo corpo marchou de Alemquer para o Sobral de que se apo
o sexto alojou-se em Villa Nova, Otta e Moinho de Cubo; o se
á esquerda e direita do Carregado, fixando Massena o seu quartel
ral em Alemquer, pag. 236.—Tendo sido feitos pelo inimigo alg
conhecimentos ás linhas nos dias 13, 14 e 15 de outubro, Junot
nier participaram ao marechal Massena a necessidade do emprego
tilheria de grosso calibre para se poderem atacar as posições dos a
nas linhas por elles occupadas, pag. 237.—As difficuldades que
rechal Massena encontrou para poder levar á posição dos allia
coronel Vincent as predisse n'uma memoria, que entregára ao imp
Napoleão, e o mesmo Massena as avaliou no detalhado reconheci
que no dia 16 do citado mez de outubro fez á linha em frente d
do Sobral, pag. 238.—Uma bala de artilheria, disparada de u
reductos dos alliados, indo bater n'um muro em que Massena
apoiado o seu oculo, levou-o a despedir-se das linhas, convencid
não poder tomar, sendo tambem n'um d'aquelles dias que o
Saint Croix foi morto por uma bala das barcas canhoneiras, qu
liados tinham no Tejo, na occasião em que os francezes reconhe
posições da direita da Alhandra, pag. 239.—Melindre da situa
que Massena veiu collocar-se, avançando até ás linhas defens
Lisboa, sendo obrigado a destacar columnas moveis para agencia
res: lord Wellington na sua posição podia ter em sobresalto o s
corpo francez, e envolver o oitavo, antes do marechal Massena poder
com o sexto, o que não fez, por entender que o tempo havia de
sar os francezes de Portugal, pag. 241.—Incursões feitas no cam
migo pelo coronel Waters, saindo de Torres Vedras: o brigadeiro
governando Peniche, conseguiu, por meio de uma sortida, assenho
de Obidos, onde poz por governador o capitão Fenwick, pag.
Morte d'este bravo official, ferido gravemente n'uma sortida qu
junto a Alcobaça: perseguição feita aos francezes pelas milicias d
Baixa, pag. 244.—Massena vê-se obrigado a permittir aos seus s
o extraviarem-se dos seus corpos para procurarem viveres, pag.

Com a vantagem que os alliados tinham de se moverem livremente nas suas linhas, contrastava a difficuldade que Massena tinha de effeituar os seus: outras mais vantagens que os alliados tinham por si, pag. 246.— Massena, surprehendido pela extensão e forças da fortificação das linhas de Torres Vedras, julgára as alturas da Alhandra intomaveis por um ataque de frente, mas torneaveis por meio dos valles de Calhandriz e da Arruda, o que ainda assim lhe não era facil. em rasão dos trabalhos que os alliados já n'elle tinham feito, pag. 247.—Por conseguinte o lado esquerdo do Monte Agraço e o valle do alto Sizandro foram os unicos pontos, que elle pensou de preferencia atacar, em rasão das faltas de fortificação em que o dito lado por então se achava, pag. 248.—Trabalhos a que os alliados se entregaram por este lado, depois que chegaram ás linhas, pag. 249.—Massena, tendo feito no dia 16 de outubro um reconhecimento á direita da linha dos alliados, convenceu-se de que não tinha forças sufficientes para n'ella os atacar, resolvendo-se n'um conselho de generaes tomar uma outra posição no interior do paiz, communicando-se isto a Napoleão, e pedindo-lhe soccorro, pag. 250.—Tratam os francezes de estabelecer uma ponte em Punhete para atravessarem o Zezere: providencias que lord Wellington empregou pela sua parte para conter o inimigo, pag. 251.—As deserções chegaram a um ponto tal no exercito de Massena, que os desertores poderam formar-se em um corpo regular, que denominaram *undecimo corpo*, cuja força se elevou a 1:600 homens, pag. 252.—Massena participa, em 29 de outubro, ao major general Berthier (principe de Wagram) que nada mais podia fazer que observar o exercito luso-britannico: defeitos notados pelo barão Fririon na posição tomada pelo seu exercito, pag. 253 e 254.—No citado dia 29 de outubro Massena dirigiu-se pessoalmente a Santarem para ver o que lá se tinha já feito, fixando a maneira por que o exercito se devia retirar, quando assim houvesse de lh'o ordenar, pag. 256.—Massena ordenou ao general Montbrun que reunisse em Santarem os materiaes necessarios para a construcção de uma ponte fluctuante, destinada a atravessar o Tejo, commettendo a tropa, que d'aquella cidade se apossou, toda a ordem de excessos: o mesmo Montbrun dirigiu-se depois á Barquinha, no intento de lançar tambem uma ponte sobre o Zezere, pag. 257.—Dirigindo-se depois a Punhete, ali travou no dia 22 de outubro um combate com uma parte da guarnição de Abrantes, que defendia aquella villa, pag. 258.—Seguindo depois para Abrantes no dia 5 de novembro, com o fim de se apossar d'esta praça, não o conseguiu, pag. 259.—Participação que lord Wellington fez d'estas occorrencias a D. Miguel Pereira Forjaz, e providencias por elle tomadas, pag. 260.—Massena, custando-lhe a abondonar a posição que occupára em frente das linhas de Torres Vedras, a este passo se decidiu finalmente, pag. 260.—Começa a retirada dos francezes para Santarem nos dias 11, 12 e 13 de novembro, retirada de que lord Wellington só teve conhecimento na manhã do dia 15, fa-

surassem similhante conducta, pag. 264.—Collocaçã
britannico de observação no Cartaxo ao exercito fra
para Santarem: importancia que para os alliados tinh
tes, e impossibilidade em que Massena se achava d
mente atacar, pag. 265.—Ao passo que lord Wellin
sua confiança n'uma mina, preparada debaixo do arc
da Asseca, Massena a punha pela sua parte n'uma ba
calçada que da dita ponte vae para Santarem, pa
postos pelos alliados em completar as fortificações d
Vedras, e melhorar as já construidas, pag. 267.—
da posição tomada pelo inimigo em Santarem, p
das vantagens que Massena tinha em tal posição,
sim isenta de defeitos, sem que lord Wellington d'e
para o atacar: rasões que para isso teve, pag. 269.
dente procedimento de lord Wellington a este res
mandadas levantar por elle em Almada, pag. 271.—
pção das citadas fortificações, pag. 272.—Os roubo
as mortes, que os soldados francezes praticavam nas
rior do paiz, onde iam buscar viveres, foram causa
zes refugiados nas montanhas lhes retribuissem po
lhante tratamento, pag. 273.—Apuros de que o
estava sendo victima nos ultimos mezes do anno de
tado tambem pelo general Hill de poder passar para o
a 277.—Bloqueio posto a Almeida pelo general Silv
bro, e comboio de viveres mandado a Massena, deb
general Gardanne, pag. 277.—O general Silveira, en
14 de novembro com as tropas de Gardanne, com e
tajosamente, retirando-se depois para Trancoso: o
continuando na sua marcha até á margem do Zezere
a Massena, antes d'isto se retirou para Hespanha, pr
extremo pelas narrações phantasticas, que lhe fizer

ções de lord Wellington com as provincias do norte. Pela sua parte o general Claparede, tendo batido Silveira na Ponte de Abbade no dia 31 de dezembro, e em Villa da Ponte no dia 11 de janeiro de 1811, foi por fim postar-se na Guarda, depois de ter ameaçado o Porto, pag. 279.— O general Junot é gravemente ferido junto a Rio Maior, por occasião de um reconhecimento, que no segundo meado de janeiro de 1811 foi mandado fazer a Alcoentre pelo marechal Massena, pag. 280. — Tendo adoecido o general Hill, o marechal Beresford o substituiu no commando das tropas alliadas, que na margem esquerda do Tejo se oppunham a que os francezes passassem para aquella margem. Morte do marquez de la Romana, substituido por D. José Viruês no commando das suas respectivas tropas, pag. 282. — O general Foy, entrando em Portugal na sua volta de França, foi batido pelas ordenanças do coronel Grant no dia 1 de fevereiro junto á aldeia de Enxabarda, na entrada da chamada *Estrada Nova*, pag. 284. — Pouco effeito da exposição que o general Foy fizera em Paris ao imperador Napoleão, quanto aos soccorros que lhe pediam, attento como já estava para as desintelligencias que começava a ter com a Russia, pag. 286. — Illusão das providencias ordenadas pelo mesmo Napoleão para que o marechal Massena podesse levar a effeito a sua commissão, impossibilitado como tambem estava de poder dividir as suas forças para com uma parte d'ellas atravessar o Tejo, pag. 287.— Mallogro da espectativa de Massena, quanto á chegada do quinto corpo do commando de Mortier, vindo da Andaluzia: imprevidencia de Massena e dos seus soldados em se aproveitarem nas suas divagações pelo paiz dos meios que n'elle acharam para a sua subsistencia, pag. 289. — Apesar das barbaridades e horrores praticados pelos soldados francezes nas suas repetidas e multiplicadas incursões ao interior do paiz, só tres dos referidos soldados foram mandados castigar pelo general Montbrun, um em Poisos e dois em Ourem: motivos que para isso teve, pag. 291 e 292. — Commercio das mulheres que os soldados francezes faziam nos seus respectivos acampamentos, a respeito das que encontravam nas suas incursões ao interior do paiz, pag. 293. — Trechos tirados da obra publicada em Limoges no anno de 1817 pelo chefe do batalhão mr. Guingret, provando o que temos dito, quanto ás barbaridades praticadas pelos francezes em Portugal, pag. 294 a 301. — O coronel John Jones, dos reaes engenheiros britannicos, confirma tambem pela sua parte, na obra historica que publicou sobre a guerra da peninsula, os soffrimentos por que durante ella Portugal passou, pag. 301. — Postoque os soffrimentos do povo portuguez fossem por então da mais extrema gravidade, aquelles por que passou o exercito de Massena tambem não foram de pequena ponderação, particularmente depois que se retirou para Santarem; rasões que para isto houve, pag. 302. — Á vista dos apuros do exercito francez, lord Wellington teve por melhor esperar do tempo a destruição do inimigo, preferindo isto a dar-lhe uma batalha, o que mani-

do Bussaco e a retirada de Massena para Santarem, ne
elle da conquista d'este reino, ordenando ao marechal
vasse as operações do marechal Massena, o que o mesr
vindo da Andaluzia para a Extremadura hespanhola,
Gevora o general hespanhol Mendizabal, e tomou em
em Portugal Olivença, e por fim Campo Maior, circums
lord Wellington a destacar uma força para o Alemtej
sena, vendo-se em Santarem reduzido a uma extrema
fardamento e de calçado, d'aquella posição se retirou
1811, sendo logo perseguido por lord Wellington, c
combater em Pombal, Redinha, Casal Novo e Foz d
recção tomára, embaraçado de ganhar Coimbra, com
gado á fronteira da Hespanha, ali travou com lord W
de Fuentes de Oñoro, a que depois se seguiu ser cham
por successor no commando do exercito de Portugal
mont, duque de Raguza. A retirada de Massena não s
Lisboa pelos governadores do reino, mas até foi moti
blica de Portugal fazer a lord Wellington a devida j
das suas operações, o que tambem succedeu em Inglate
no parlamento unanimes agradecimentos, bem como
e portuguez.

Synopse do capitulo

Napoleão, tendo-se ligado com a familia imperia
meio do seu casamento com a archiduqueza Maria L
guerra a Portugal o primeiro desastre, que lhe abriu
desgraça, sendo tambem por outro lado no mesmo P
glaterra deparou com um notavel ponto de apoio p
guerrear a França, pag. 305—Necessitado como o m
achava a continuar a guerra da peninsula, só attende

que o trouxe a Portugal, pag. 307.—O barão Fririon dá-nos em parte as rasões que Massena teve para aceitar a batalha do Bussaco, pag. 308.—Descripção da referida batalha feita por Massena, chamando-lhe apenas um reconhecimento, pag. 309.—Massena, avançando depois sobre Lisboa, e achando nas linhas de Torres Vedras um invencivel obstaculo para entrar n'esta capital, da frente d'ellas se retirou para Santarem, onde lord Wellington lhe frustrou o intento de passar para o Alemtejo, de que resultou limitar-se desde então por diante a esperar pelos reforços, que mandára pedir a Napoleão, pag. 310.—Mostra-se que lord Wellington frustrára Massena em todos os seus projectos, reduzindo assim quatro corpos do exercito francez a uma completa inacção, pag. 311.—Perigosa foi seguramente a crise por que Lisboa passou por aquelle tempo, como se prova pelo testemunho que d'isto nos dá mr. de la Grave na sua *Historia da campanha do exercito francez em Portugal nos annos de* 1810 e 1811, pag. 312.—Com a retirada de Massena para Santarem cessaram as idéas de terror, que se ligavam aos seus triumphos, pag. 313.—Inactivo como ali se viu, esperando pelos soccorros e ordens de Napoleão (das quaes foram as mais efficazes a expedida a Soult para marchar com o quinto corpo para o Alemtejo, e a da vinda de Drouet para Portugal com o corpo do seu commando), os applausos a lord Wellington tornaram-se espontaneos entre os portuguezes, pag. 314.—Estado em que por então se achava a Hespanha no começo da campanha de 1811, pag. 315 a 318.—Operações dos exercitos francezes nas provincias meridionaes da Hespanha, pag. 320 e 321.—Operações de Soult e fortificações por elle levantadas em volta de Cadiz, pag. 322.—O mesmo Soult dispõe-se a sair da Andaluzia para vir sobre a Extremadura hespanhola em auxilio de Massena, tendo recebido antes d'isso auctorisação de Napoleão para cercar Badajoz e Olivença, pag. 324.—Soult, vindo contra Olivença, d'esta praça se apodera por capitulação aos 22 de janeiro de 1811, sendo-lhe entregue com deshonra de D. Manuel Herk, seu governador, pag. 325.—Desconfiança que lord Wellingon tinha já na segurança de Badajoz, entregue como já então se achava sómente ás tropas hespanholas, desconfiança por elle manifestada a D. Miguel Pereira Forjaz, pag. 326.—Cêrco posto a Badajoz pelo marechal Soult: descripção ligeira d'esta praça, pag. 327 e 329.—O general hespanhol D. Gabriel Mendizabal, recolhendo-se a Badajoz, projecta fazer levantar o cêrco que lhe puzera Soult, por meio de uma sortida, que verificou no dia 7 de fevereiro de 1811, tendo uma parte da cavallaria portugueza, do commando do brigadeiro Madden, soffrido alguma perda no dia anterior, que lhe occasinou o general francez Latour-Maubourg, pag. 330.—O general Mendizabal retira-se de Badajoz para trás do rio Gevora, onde o marechal Soult lhe derrotou completamente o exercito no dia 19 de fevereiro de 1811, pag 331.—Lord Wellington participa a D. Miguel Pereira Forjaz, e a

seu irmão, sir H. Wellesley, o grande transtorno que lhe fez ás suas operações o desastre da batalha de Gevora, pag. 333.—Badajoz entrega-se finalmente aos francezes no dia 10 de março, sendo occupada por elles no dia immediato, pag. 335.—O general Graham, sabendo que Soult partira para a Extremadura hespanhola, projectou obrigar o marechal Victor a levantar o cêrco de Cadiz: preparativos feitos por um e outro d'estes generaes, pag. 337.—As tropas alliadas, saindo de Cadiz, reunem-se em Tarifa no dia 27 de fevereiro de 1811, cedendo o general Graham o commando d'ellas ao general hespanhol, D. Manuel de la Peña, dirigindo-se no seguinte dia para Chiclana, pag. 338.—La Peña, não podendo entrar no dia 2 de março em Medina Sidonia, dirige-se no dia 3 para Veger de la Frontera, e por fim para Cerro de Puerco, chamado pelos inglezes alturas de Barroza, onde chegou no dia 5, tendo ordenado ao general Graham, que avançasse com as suas tropas em direcção de Bermeja, pag. 339.—O mesmo La Peña, sem nada dizer ao general Graham, nem prevenir o general Zayas, avançou para a embocadura do rio Santi-Petri, deixando as alturas de Barroza cobertas de bagagens, o que proporcionou ao marechal Victor cair sobre as differentes divisões hespanholas e derrota-las, dando isto causa a que o general Graham se decidisse a atacar os francezes sómente com as suas tropas, pag. 341.—O mesmo Graham conseguiu obrigar os francezes a retirarem-se, indo elle entrar victoriosamente em Cadiz. Queixas que em Inglaterra se levantaram contra a conducta dos hespanhoes. Elogios feitos por Graham á brilhante conducta do regimento portuguez n.º 20, pag. 342.—Calculo feito por lord Wellington sobre as perdas soffridas pelo exercito francez, e sua força definitiva em janeiro de 1811: força que o exercito inglez e portuguez tinha por aquelle mesmo tempo. Força destacada para a margem esquerda do Tejo, commandada ao principio pelo general Hill, e depois pelo marechal Beresford: commissão que a este general se deu com o commando da dita força, pag. 343.—Rasões que justificam a in-

350.—Foi no dia 8 de março que lord Wellington ordenou que o marechal Beresford marchasse na direcção de Thomar, nas vistas de segurar por tal meio o seu flanco direito, pag. 351.—Foi com effeito no dia 8 de março que lord Wellington reconheceu que o marechal Massena effeituava a sua retirada sobre o Mondego, começando então a persegui-lo. Triste espectaculo com que n'uma casa na baixa de uma montanha se foi deparar, encontrando-se n'ella cousa de uns trinta individuos dos dois sexos, uns mortos, outros morrendo de fome. Lastimoso estado que apresentava aquella parte do paiz, que tinha sido occupada pelos francezes, pag. 353.—Foi só no dia 11 de março que lord Wellington começou a perseguir seriamente os francezes: combate que com elles se travou na villa de Pombal, pag. 354.—Renhido combate que se travou na Redinha, pag. 356.—Massena ordena ao general Drouet o ir-lhe segurar a ponte da Murcella, ao passo que elle Massena se dirige para Condeixa, nas vistas de seguir de lá para Coimbra, pag. 357.—Providencias tomadas pelo coronel Trant para evitar aos habitantes da margem esquerda do Mondego os males, que os francezes lhes podiam causar na sua retirada. Montbrun, indo até á Cruz dos Moroiços, manda exploradores sondar os vaus do mesmo Mondego, e reconhecer as forças que existiam em Coimbra, pag. 359.—Trant, tendo-se retirado d'esta cidade para o Vouga, n'ella deixára todavia um destacamento de artilheria para defeza da ponte, na cortadura da qual appareceu na manhã do dia 13 um parlamentario francez, requerendo que a cidade lhe fosse entregue, intimação a que pela negativa lhe respondeu o sargento commandante do citado destacamento, pag. 360.—Em consequencia do relatorio que Montbrun fez a Massena, quanto á impossibilidade de poder entrar em Coimbra, o marechal decidiu-se a mudar a sua linha de retirada, tomando para a ponte da Murcella. Trant, em consequencia de um official inglez ter ido a Coimbra na manhã de 14 com a noticia da mudança de marcha dos francezes, tomou do Vouga para o Bussaco e de lá para a Beira Alta, pag. 361.—O exercito francez tomou todo a estrada de Miranda do Corvo, batendo-se vigorosamente a sua retaguarda em Condeixa com os alliados, d'onde a final se retirou, lançando-lhe fogo por ordem de Massena, como já se tinha feito a Alcobaça, pag. 362.—Entram os francezes no Casal Novo, estabelecendo Massena o seu quartel general em Fonte Coberta, onde esteve em perigo de ficar em poder dos alliados, cujos movimentos fizeram com que o sexto corpo francez se retirasse sobre Miranda do Corvo com consideravel perda de mortos, feridos e prisioneiros, pag. 363.—Massena, retirando-se de Fonte Coberta, poz fogo a Miranda do Corvo, indo passar o Ceira na noite de 14, inutilisando a par d'isto cavallos, munições e bagagens, pag. 365.—Relatorio feito por lord Wellington sobre o triste estado em que o paiz ficára por effeito das barbaridades n'elle praticadas pelos francezes, pag. 366.—Ney, re-

tirando-se de Miranda do Corvo para Foz de Arouce, deu ali ordem para se queimar tudo quanto não fosse a artilheria e os caixões das munições, pag. 368. — Retirada do marechal Ney para Miranda do Corvo: combate de Foz de Arouce, onde por engano um corpo francez se bateu com outro, pag. 369. — Vantagens que do combate de Foz de Arouce lord Wellington julgou tirar, segundo as participações que fez a D. Miguel Pereira Forjaz, pag. 370. — Ligeiras observações sobre o modo por que lord Wellington se assenhoreou das posições do inimigo. Extrema falta de provisões, experimentada pelo exercito portuguez durante a sua marcha, pag. 372. — Lord Wellington obriga os francezes a retirarem-se da ponte da Murcella por meio de um combate, pag. 373. — Os despachos que lord Wellington recebeu do seu governo, fizeram-lhe suppor que o exercito inglez seria em breve chamado para o seu paiz: rasões que para isso teve, pag. 374. — Officio do mesmo Wellington para o conde de Liverpool, relativo áquelle assumpto, pag. 375. — Lord Wellington dá descanço ao seu exercito depois que passou o Alva. Massena demitte o marechal Ney do seu commando por se negar a ir para a cidade da Guarda, como lhe ordenára, pag. 376. — O mesmo Massena vê-se obrigado a abandonar a Guarda, d'onde se dirigiu para o Sabugal, pag. 377. — Combate do Sabugal, pag. 378. — Continuação da mesma materia, retirando-se os francezes finalmente para a Hespanha, pag. 379. — Importante serviço prestado pelas milicias portuguezas na expulsão de Massena para fóra de Portugal, pag. 380. — A referida expulsão é officialmente communicada aos portuguezes por uma proclamação de lord Wellington, pag. 382. — Provam-se as barbaridades, commettidas pelos francezes na sua terceira invasão em Portugal, pelas ordens dadas pelo mesmo Massena para as cohibir, pag. 383. — Illusão das ordens que se dizem dadas por Massena para cohibir taes barbaridades, pag. 384. — Repelle-se a accusação que Napier faz na sua Historia aos portuguezes, dando-os como causa das atrocidades praticadas em Portugal pelos francezes durante a invasão de Massena, pag. 386 a 389. — Rebate-se igualmente o que diz da familia Sousa, dando D. Pedro de Sousa Holstein como irmão do conde de Linhares, pag. 389. — Massena, dando sem maior fundamento o caracter de intomaveis ás linhas de Torres Vedras, nada mais fez que tornar ridicula a sua ameaça de atirar com inglezes ao mar, e assolar e devastar terrivelmente Portugal, pag. 390. — Lord Wellington, sectario da guerra espectante na invasão de Massena, como imitador de Fabio Maximo e de Francisco I de França, tirou do referido systema os mesmos resultados, que poderia tirar de uma victoria, ganha em batalha campal, pag. 391. — Analysa-se a inactividade em que Massena se collocou, depois que se retirou para Santarem, pag. 392. — Querendo Massena manter-se nas provincias do norte, não tomou antecipadamente as medidas, que para isto lhe convinha: falta extrema de mantimentos a que as suas tropas se viram reduzidas em 28 de fev-

reiro de 1811, pag. 394. — Analyse da sua retirada, e dos combates que durante ella teve com os alliados, pag. 395. — Avaliação das perdas do exercito francez de Massena durante a sua invasão até ao combate de Foz de Arouce, pag. 396. — Vantagens alcançadas por lord Wellington por meio das linhas de Torres Vedras, constituindo o começo da decadencia de Napoleão, e o primeiro passo para a libertação da Europa: a referida victoria foi tambem causa de uma solemne retractação do que na Inglaterra se disse n'outro tempo contra o exercito portuguez, sendo tambem então que o governo inglez elevou a dois milhões de libras o subsidio, destinado para pagamento de 30:000 homens portuguezes, pag. 398. — Rasões que fundamentavam a crença publica de que, depois da victoria conseguida por meio das linhas de Torres Vedras, os francezes não podiam tornar a invadir Portugal, pag. 399. — A referida victoria tornára igualmente inefficaz qualquer tentativa, que as tropas francezas de Soult podessem fazer contra o Alemtejo: outras mais vantagens inherentes á sobredita victoria; asserções mentirosas feitas em Paris pelo *Moniteur*, pag. 400. — Continuação das falsas asserções do *Moniteur*, pag. 401. — Foi por meio das linhas de Torres Vedras que lord Wellington zombou dos esforços de 240:000 francezes, constituindo oito corpos do exercito, e dos seus respectivos commandantes, pag. 402. — Alem da falta de viveres, sentida no exercito portuguez, ser uma das cousas que affligiu lord Wellington, quando perseguia Massena na sua retirada, mais o affligiu ainda a noticia que teve da entrega de Badajoz aos francezes, destacando para o Alemtejo, com o fim de restaurar esta praça, o marechal Beresford com uma força de 22:000 homens, em que entravam tres brigadas portuguezas: perseguição feita na margem direita do Mondego pelas milicias portuguezas ao exercito francez de Massena, quando se retirava, pag. 403. — Mau aspecto em que nas provincias do sul da Hespanha se achavam ainda os negocios militares por aquelle tempo, pag. 404. — Brilhante defeza da praça de Campo Maior, feita pelo major de engenheiros José Joaquim Talaia: emquanto Massena se dirigia para Salamanca, lord Wellington estabelecia o seu exercito entre o Côa e o Agueda: depositos de viveres alimentados pela navegação do Douro, Mondego e Tejo, pag. 406. — Linhas de operações, que lord Wellington podia adoptar, com o fim de transferir para a Hespanha o theatro da guerra; suas disposições para tomar Almeida, pag. 407. — Massena, sabendo que lord Wellington se dirigira a Badajoz, busca n'esta occasião aprovisionar Almeida, o que fez com que o mesmo Wellington acudisse de prompto a retomar o commando do exercito, pag. 408. — Massena dispõe-se a vir soccorrer Almeida com um exercito de 44:000 homens, incluindo 7:000 de cavallaria, pag. 409. — Posição do exercito luso-britannico em Fuentes de Oñoro com o fim de manter o bloqueio de Almeida, pag. 410. — Primeiro ataque dado pelos francezes á posição de Fuentes de Oñoro

no dia 3 de maio de 1811, pag. 411. — Reconhecimento feito pelo
migo no dia 4 de maio, e posição tomada pelo seu exercito, pag. 41
O general Montbrun ataca vigorosamente á frente da sua cavalla
ala direita dos alliados no dia 5 de maio na posição de Fuent
Oñoro, pag. 413. — Inefficacia do ataque feito pelos francezes ao
da posição alliada. Massena abandona finalmente as margens do A
avisando-se Brenier da impossibilidade de ser soccorrido, e porta
que se salvasse como podesse, pag 414. — Brenier abandona na ma
11 de maio a praça de Almeida, fazendo-a saltar aos ares, operação
raria em que teve uma consideravel perda em mortos e prisio
pag. 415. — Massena, retirando-se de Fuentes de Oñoro para o T
e depois para Paris, é substituido no commando do exercito de
gal pelo marechal Marmont, duque de Ragusa, organisando este
exercito em seis divisões: perda dos exercitos contendores na
de Fuentes de Oñoro, pag. 416. — Relação das brigadas e corp
tuguezes que entraram na referida batalha, pag. 417. — Rasão p
a sobredita batalha se reputa ganha pelo exercito luso-brit
pag. 420. — Estranha-se que lord Wellington se aventurasse á
milhante batalha, pag. 420. — Prosegue a mesma materia, pag.
Antevê-se qual foi n'este caso a rasão plausivel do procedime
lord Wellington, pag. 422. — Analysa-se a conducta que o m
Massena teve em Fuentes de Oñoro, pag. 423. — Espanto que
ropa causou o mallogro da invasão de Massena em Portugal, e
ção patriotica que os portuguezes mostraram durante ella, pag.
Rasão que lord Wellington teve para dar a batalha do Bussac
depois a Coimbra, mostrando-se que a devastação do paiz por
denada tambem no seguinte anno lhe foi sensivel, pag. 426. — Re
sobre a medida da emigração dos povos da Beira para Lisboa, o
pelo dito lord, pag. 427. — Foi com effeito no celebre promonto
ao norte de Lisboa se acha entre o Tejo e o mar, ou nas linhas
res Vedras, que a Inglaterra e a França disputaram entre si o
do mundo, pag. 428. — Reflexões sobre a conducta de Mass
frente das referidas linhas, e a retirada que d'ellas fez e de tod
tugal, pag. 429 e 430. — Inculpa-se Massena pela impunidade q
trou para com os maleficios, praticados em Portugal pelos sew
dos, pag. 431. — Uma das causas, e talvez a mais poderosa, da indi
e desmoralisação do exercito francez, foi a falta que n'elle houv
commissariado, pag. 432. — Estragos feitos em Alcobaça, Batalh
tras mais terras, durante a retirada de Massena, pag. 433 a 435.
suras e elogios que alguns contemporaneos fizeram a lord We
em rasão da sua conducta para com o seu adversario, pag. 436
Vantagens resultantes da retirada de Massena para fóra de P
sem embargo de não ter sido a isso coagido por uma batalha
pag. 440. — Os governadores do reino congratulam-se com a na

similhante successo, dirigindo-lhe uma proclamação: festejos que por tal motivo tiveram logar em Lisboa. Officio dos mesmos governadores, enviado a Beresford, agradecendo ao exercito a distincta parte, que teve no glorioso feito da expulsão dos francezes, pag. 441 e 442. — Agradecimento de lord Wellington aos corpos de milicias pelos seus bons serviços: carta que por tal motivo igualmente dirigiu ao tenente general, Manuel Pinto Bacellar. Biographia d'este general, pag. 445 a 452. — Mudança de opinião que a expulsão de Massena para fóra de Portugal occasionou na Gran-Bretanha. Duvidas sobre a auctoridade com que o principe de Galles devia exercer a regencia, durante a doença mental de seu pae, el-rei George III, pag. 452. — Mallogro das aspirações ao poder, que os membros da opposição parlamentar ingleza nutriam, durante a regencia do principe de Galles, pag. 453. — Males que a continuação da guerra occasionava em Inglaterra, relatados pela mesma opposição: crise que isto occasionára ao banco de Londres, pag. 454. — Continuação das queixas da opposição parlamentar ingleza contra o proseguimento da guerra, pag. 456. — Dissabores experimentados por lord Wellington por causa dos embaraços, que encontrava no seu governo e no portuguez, pag. 457. — Designação dos individuos, que entre os governadores do reino se tinham por favoraveis e contrarios ás exigencias britannicas, pag. 458. — Lord Wellington supplanta os adversarios, que contra si tinha entre os governadores do reino, sendo o mallogro da expedição de Massena a causa da grande reputação, que desde então começou a ter por si, tanto em Inglaterra, como em Portugal. pag. 459. — Similhante successo occasiona em Londres uma mudança de opinião em favor da guerra, bem como do exercito e povo portuguez, pag. 460. — Lord Wellington não consegue do governo hespanhol dar-lhe o commando das suas provincias limitrophes de Portugal, pag. 461. — A mallograda empreza de Massena faz reconhecer em Londres a injustiça das previsões desairosas, que contra o exercito portuguez tinham apparecido entre os inglezes, pag. 461. — Agradecimentos que se lhe votaram nas duas casas do parlamento britannico, pag. 462 a 466.

Capitulo VI. — Foi depois da retirada de Massena que então se viu o miseravel estado das terras por elle invadidas, sobresaíndo isto mais particularmente em Alcobaça. Leiria, Coimbra e Pinhel, cujos povos foram n'ellas victimas da fome, das epidemias, e da ladroagem d'aquelles mesmos, que n'ellas tinham ficado durante a invasão. Alem d'estes males a que o intendente geral da policia, Jeronymo Francisco Lobo, que no referido cargo substituira Lucas de Seabra da Silva, teve de providenciar, acresceu ter esta auctoridade de tomar conta do sem nu-

Triste pintura que o medico e o juiz de fóra de Ourem faziam d'aquella villa: mau estado das villas de Alcoentre e Tancos, pag. 474.—Miseravel estado em que ficou Leiria e o seu termo, pag. 475.—Difficuldade de se constituirem as camaras municipaes e estabelecerem as auctoridades: continuação do mau estado de Leiria, pag. 476.—Mau estado da villa de Pombal, e sobretudo de Soure, onde quasi todos os seus moradores se achavam ou mortos ou doentes, pag. 477.—Descreve-se o mau estado de Coimbra, e terras do seu termo, pag. 478 e 479.—Ladroagem que para maior desgraça se manifestou n'algumas terras do reino por aquella occasião, pag. 479.—Providencias adoptadas para se cohibir nas estradas, pag. 480.—A ladroagem manifesta-se tambem entre os individuos, que nas terras occupadas pelo inimigo se deixaram lá ficar com similhante intento: difficuldades que se achavam na applicação do castigo para taes delinquentes, pag. 481.—Devassas mandadas tirar sobre esta especie de ladrões, de que se fizeram tres classes: portuguezes degenerados, accusados de negociações sordidas com o inimigo, pag. 483 e 484.—Orphãos abandonados que vagueavam por Coimbra, e providencias tomadas para que não perecessem, pag. 485.—Difficuldade de providenciar sobre o consideravel numero dos que havia em Leiria: caldeirão de caridade que se estabeleceu para estes e para os de Ourem, pag. 486 e 487.—Incumbem os governadores do reino ao intendente geral da policia, Jeronymo Francisco Lobo, o arrumo dos muitos orphãos que vagueavam por Lisboa, de que resultou o restabelecimento da antiga casa pia do castello de S. Jorge, que o anterior intendente, Lucas de Seabra da Silva, supprimíra e dispersára pela exigencia, que para isto fizeram os francezes em fins de novembro de 1807: É restabelecida no antigo mosteiro do Desterro, pag. 489 e 490.—Foi o proprio lord Wellington quem recommendou á benevolencia do governo britannico os habitantes das provincias invadidas pelos francezes em Portugal, attentas as rasões que para isso expoz n'um seu officio, dirigido ao conde de Liverpool, pag. 492.—Outorga o parlamento britannico a somma de 100:000 libras para soccorro dos habitantes da Beira e Extremadura, promovendo-se tambem em Londres para o mesmo fim uma subscripção, que montou a 81:079 libras, pag. 494.—Commissão que se installou em Lisboa para effeituar a distribuição das 100:000 libras, votadas pelo parlamento britannico; pontos ou instrucções que se lhe deram para similhante fim, pag. 495.—Effectividade da distribuição dos soccorros aos habitantes da Beira e Extremadura, em resultado do donativo das 100:000 libras, votadas pelo parlamento britannico, e da subscripção tirada em Londres para o mesmo fim, pag. 496 a 502.—Estado em que os commissionados acharam o paiz, pag. 504 a 507.—Conta geral do producto e applicação que se deu ás 100:000 libras esterlinas, votadas pelo parlamento britannico, pag. 509.—Producto e applicação que se deu á somma, que por subscripção se obteve em Londres para soccorro dos habitantes das terras,

invadidas pelo exercito de Massena, pag. 510. — Carta regia por
governo do Brazil se comprometteu a fornecer 120:000 cruzad
nuaes, durante o espaço de quarenta annos para reparação dos d
soffridos pelas terras invadidas pelo dito exercito, pag. 512. — A
tadas despezas da guerra levaram os governadores do reino a provid
sobre o modo de as poderem custear por meio de novas receitas
sagem do principe regente de Inglaterra, apresentada na casa do
muns para se augmentar o subsidio concedido a Portugal para su
ção de uma parte do seu exercito, pag. 515 a 517. — Votam
unanimidade, e com grandes elogios para o exercito portuguez, 2.0
libras para sustentação de 30:000 homens por conta do governo
attenta a impossibilidade do governo portuguez poder sustentar
de guerra tão avultado numero de tropas como o que se pr
pag. 518 e 520. — Difficuldades que houve no regular pagamento
tado subsidio, escasso como ainda assim era para o fim a que s
nava, o que se demonstra por cifras, pag. 520. — Injustas que
lord Wellingten e do marechal Beresford, rebatidas por D. Mig
reira Forjaz, quanto ao atrazo dos fornecimentos do exercito, pag.
Calculo da receita de Portugal por aquelle tempo, e instancias do
D. Miguel Pereira Forjaz para que o subsidio britannico se lhe
regularmente, pag. 523. — Systema de Napoleão no seu ataque á
cias a que fazia guerra; golpe de vista rapido, quanto aos
effeitos de similhante systema, com relação á Hespanha, pag. 524 a
Mallogro das vistas de Napoleão, com relação a Portugal, por eff
operações empregadas contra os francezes por lord Wellington, p
a 530. — Operações do marechal Beresford ao sul do Tejo; to
Campo Maior, 531. — Recompensas dadas pelos governadores
aos que se distinguiram na tomada de Campo Maior, pag. 532. —
ras idéas da tomada de Badajoz por parte dos alliados, e do
que á dita praça Soult lhe intentou trazer, pag. 533. — A demora
rechal Beresford em lhe dirigir o ataque deu logar a que Philipp
governador, cuidasse em se preparar para repellir tal ataque, pag.
Os alliados passam o Guadiana e começam com o primeiro cerco
dajoz, confiando-se a sir George Lowry Cole a tomada de O
pag. 535. — Tomada de Olivença pelos alliados, arvorando-se n'e
tandarte hespanhol, pag. 536. — Observações feitas sobre um tal
dimento por parte dos inglezes para com Portugal; agradecime
apesar d'isso os governadores do reino deram a lord Welling
marechal Beresford, elevado este general pela côrte do Brazil a
de conde de Trancoso, pag. 538. — Chegada de lord Wellington a
e reunião do exercito alliado no Guadiana, com destino á tomada
dajoz, pag. 539. — Reconhecida como foi por lord Wellington a p
Badajoz, e auctorisando o marechal Beresford para dar batalha,
cessario lhe fosse para proteger o cerco, volta elle Wellington

norte do reino, pag. 540. — Beresford dispõe-se ao ataque do forte de S. Christovão; sortida do inimigo, e insufficiencia dos aprestos da engenharia para a tomada da praça, pag. 541. — O mesmo Beresford, tendo noticia de que Soult vinha de Sevilha, destinado a embaraçar os progressos do cerco de Badajoz, resolve-se a dar-lhe batalha: sua imprudencia sobre este ponto, pag. 542. — Com a approximação de Soult, o marechal Beresford manda suspender as operações do cerco, fazendo retirar para Elvas o material n'elle empregado, pag. 544. — De acordo com os generaes hespanhoes, Castaños e Blake, decide-se a dar batalha a Soult em Albuera: collocação das tropas alliadas no logar da batalha, pag. 546. — Trava-se a referida batalha a 16 de maio de 1811, pag. 547. — A quarta divisão luso-britannica, chegando de Badajoz ao logar da batalha, fez pender a victoria para os alliados, pag. 549. — Retiram-se os francezes, e censura-se Beresford pelos não perseguir, pag. 551. — Perdas dos exercitos contendores, e bem merecidos elogios feitos ás tropas portuguezas pelo marechal Beresford, pag. 553. — Brigadas e corpos portuguezes entrados na referida batalha, pag. 554. — Causas determinantes do desastre de Soult, e sua retirada pela estrada de Solano, pag. 556. — Lord Wellington chegou ao campo da batalha no dia 19 de maio, e mandando a Beresford que seguisse o inimigo, e que se continuasse o cerco, voltou depois para Elvas: Soult, continuando a sua retirada, tomou posição em Lerena, pag. 557. — O general Hill, voltando de Inglaterra, retomou o commando das tropas, confiadas a Beresford, durante a sua ausencia: critica militar sobre a batalha de Albuera, pag. 558. — Difficuldades que lord Wellington tinha a vencer, com relação á tomada da Cidade Rodrigo, pag. 559. — Enumeração das que tambem tinha, com relação á de Badajoz, pag. 560. — Todavia decide-se ao ataque da praça, começando pelo do forte de S. Christovão, não obstante a falta dos meios, que tinha para tal empreza, pag. 561. — Não é facil saber a rasão que teve lord Wellington para emprehender o cerco de Badajoz, não tendo os meios que para isso lhe eram necessarios, pag. 563. — Infructuoso ataque feito ao forte de S. Christovão, pag. 563. — Depois de um ataque ao dito forte, igualmente infructuoso, começa-se a levantar o sitio; perda que o exercito portuguez n'elle experimentou, pag. 564. — Movimentos de Soult para favorecer Badajoz, reunindo para este fim o maior numero de forças que póde, incluindo as de Drouet, pag. 565. — Marmont vem de reforço a Soult, passando para a margem esquerda do Tejo: sir Brent Spencer vem tambem das margens do Agueda para o Alemtejo reunir-se ás forças de lord Wellington, pag. 566. — Lord Wellington levanta definitivamente o sitio de Badajoz, e a mesma posição de Albuera é por elle abandonada, ganhando a margem direita do Guadiana, pag. 567. — Mostra-se que a opinião de Jomini, quanto a poder lord Wellington bater Soult e Marmont por ordem de detalhe, não era tão plausivel quanto se lhe figurava, attenta a falta das forças do mesmo lord Wellington, pag. 568. — Reunião de Mar-

tar a batalha, que lord Wellington lhe offerecia,
temerario de lh'a offerecer, pag. 573.—Nenhur
de Blake contra Sevilha, para onde lord Wellin
do-se por fim para Cadiz. Soult vae tambem so
tinuando a ter a Andaluzia tranquilla debaixo do
Lord Wellington livra, pela sua resolução, Port
são dos francezes, pois que Marmont tambem se
flicto para as margens do Tejo, onde ligou gran
vação de Almaraz, fortificando aquelle ponto, p
Wellington tambem de novo se dirigiu para a B
Hill no Alemtejo para continuar a cobrir esta
Officio do dito lord, mostrando que o mau esta
nhoes era a causa das poucas vantagens colhid
no Alemtejo: rasões por elle dadas em se tran
Beira, pag. 578.—Novos reforços vindos de F
francezes da peninsula: Marmont, tendo ordem
de Castella e Leão, fixa-se no valle do Tejo, onde
Napoleão pensava que esta posição era mais
outra para embaraçar o progresso dos alliados:
este modo de pensar; pontos occupados pelo
valle do Tejo. Juizo de lord Wellington sobre
dois adversarios, Soult e Marmont, pag. 581.—
em se transferir novamente o exercito do
pag. 582.—Preparativos feitos sem que os fran
a tomada da Cidade Rodrigo, pag. 583.—A idé
cezes invadissem a Galliza foi outra das rasões
britannico se transferiu do Alemtejo para a B
que havia para embaraçar que os francezes se
vantagens da posição tomada pelo exercito luso-
gens do Côa e do Agueda, pag. 585.—Bloqueio
pelo exercito luso-britannico, e posição que par

minava as planicies que cercavam esta praça, pag. 587 e 589. — Defeitos da posição tomada, pag. 590. — Os francezes, tendo mettido um comboio de viveres na Cidade Rodrigo no dia 24 de setembro, effectuam no seguinte dia um reconhecimento ao baixo Azava, cujo rio passaram; preludios do combate d'El-Bodon, pag. 591. — Trava-se effectivamente o citado combate, pag. 592. — Continuação da precedente materia, retirando-se os alliados em quadrado para Fuente Guinaldo, pag. 593. — Elogios feitos por lord Wellington aos corpos que tomaram parte n'esta retirada, pag. 595. — Lord Wellington, fortificando a frente de Fuente Guinaldo, esperou ali resolutamente pelas mais forças que tinha dispersas, pag. 596. — Reunida como depois teve a divisão ligeira, o exercito retira-se para uma nova posição entre o Côa e as nascentes do Agueda, pag. 598. — Collocação do mesmo exercito na referida posição, e na de Soito, para onde ultimamente se retirou; os francezes retiram-se igualmente, sem nada mais fazerem, pag. 599. — Reflexões quanto á conducta de lord Wellington e de Marmont, pag. 600. — Posição do general Hill no Alemtejo, e disciplina que mantinha nas suas tropas, pag. 601 e 602.

Capitulo VII. — A situação das cousas militares nas provincias de Hespanha, vizinhas a Portugal, tornava muito duvidoso o poder-se a nação hespanhola libertar por si mesma do pesado jugo francez, que a opprimia, cousa que não conseguiria, a não ter por si o exercito luso-britannico, o qual terminou a campanha de 1811 com a surpreza feita em 28 de outubro pelo general Hill em Arroyo Mollinos ao general Gerard. Quanto aos negocios politicos d'aquelle reino, vê-se que a regencia de Cadiz, forçada pelas circumstancias occurrentes, teve de installar as côrtes na ilha de Leão em 24 de setembro de 1810, sendo para duvidar se aquella era a mais propicia occasião d'ellas se reunirem, por se dever esperar que mais enfraquecessem do que fortificassem a auctoridade do governo, como aconteceu, sendo tambem causa de divergirem para a politica as opiniões, que até então convergiam unisonas para as cousas da guerra, de que resultou augmentar mais o estado anarchico em que aquelle paiz por então se achava. Depois da questão da liberdade da imprensa, da dos negocios da America, da da abolição dos direitos senhoriaes, e da da apresentação da constituição, tratou-se nas ditas côrtes da nomeação para regente da Hespanha da princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, cujas pretensões sobre este ponto se mallograram, nomeando-se uma nova regencia com a clausula de n'ella não entrar pessoa real, acto a que mais tarde se seguiu a assignatura da constituição, a dissolução das côrtes extraordinarias e a reunião das ordinarias. Se quanto aos negocios da guerra, estes haviam melhorado de aspecto com a ex-

ter uma conferencia a Paris, d'onde voltou com
depois das quaes novas queixas appareceram da
José, que por tal motivo buscou sem nenhum exi
ções com as côrtes de Cadiz, pag. 597.

Synopse do capitulo

Idéa retrospectiva da situação em que no anno
as cousas da guerra nas differentes provincias da
612. — Força de que o marechal Soult dispunha p
em outubro de 1811. Impossibilidade em que N
tentar uma nova invasão contra Portugal, por el
suas relações com a Russia, pag. 612. — Surpreza
linos pelo general Hill ás tropas do general Girard
bro de 1811, pag. 615 a 618. — Trophéos colhido
juizo feito sobre a conducta dos generaes contend
pelos exercitos francezes depois d'este desastre, e
sem precalço algum para o Alemtejo, pag. 618. —
as tropas d'este general costumavam festejar os
gente, pag. 619. — A surpreza de Arroyo Molions
de 1811, não obstante os movimentos feitos pelo
dos que fizera o general Drouet, pag. 620. — Preju
politicas dos apaixonados pelas doutrinas da rev
sionaram aos assumptos militares, dos quaes de
pag. 621. — Causas que levavam os hespanhoes
doutrinas, pag. 622. — A regencia vê-se obrigada
eleição dos deputados ás côrtes, devendo-se para
todo o mez de agosto na ilha de Leão: com este
diu o da primeira noticia da revolução de Caracas
guiu a de Buenos-Ayres abertamente contra a m

tando como tal a soberania da nação hespanhola: deputados mais notaveis pelos seus talentos oratorios, pag. 627 a 632. — Primeiras medidas das côrtes, e nomeação de uma nova regencia, composta de Blake, D. Gabriel Ciscar e D. Pedro Agar; seu juramento, e innovação que n'elle quiz fazer o marquez de Palacios, como regente substituto, pag. 632. — Planos, queixas, memorias, projectos e representações apresentados ás côrtes pelos amigos e enthusiastas das novas doutrinas: regulamento provisional determinado para a regencia, com as restricções da sua auctoridade. As côrtes passam da ilha de Leão para Cadiz, pag. 633. — Prova-se não ser aquella a occasião mais propicia para a convocação das côrtes, inconveniente como se mostrou para os negocios da guerra: numeração dos differentes exercitos hespanhoes, pag. 634 e 635. — Rivalidades das differentes juntas governativas entre si e a regencia, bem como dos capitães generaes com as ditas juntas, pag. 636. — Mr. Vaughan, secretario da embaixada ingleza em Cadiz, queixa-se para Lisboa a mr. Stuart do pouco impulso, que as côrtes tinham dado aos negocios da guerra, pag. 637. — O ministro inglez em Cadiz, tendo a regencia de Blake por desaffecta aos interesses britannicos, conseguiu por fim substitui-la por outra, pag. 639. — Abolição da tortura judicial, bem como das jurisdicções senhoreaes, direitos, prestações e privilegios que lhes competiam, pag. 640. — Inutil representação dos interessados contra a abolição de taes jurisdicções, pag. 642. — Os deputados D. Antonio Lloret e D. Garcia Herreros tornaram-se notaveis n'esta discussão, pag. 643. — A commissão da constituição foi successivamente apresentando ás côrtes desde 18 de agosto de 1811 até 26 de dezembro as differentes partes de que se compunha a mesma constituição, pag. 644. — Discurso notavel da citada commissão, expondo os motivos da resolução adoptada sobre cada ponto do projecto por ella apresentado, pag. 645 e 646. — Os debates da constituição, começando a 25 de agosto de 1811, fecharam-se a 23 de janeiro de 1812: tratando-se da nomeação de uma nova regencia, o ministro portuguez em Cadiz pretende que para ella se nomeie a princeza do Brazil, D. Carlota Joaquina, depois de ter conseguido reconhecer-se-lhe o seu direito eventual á corôa da Hespanha, pag. 647. — Sendo o embaixador inglez em Cadiz contrario a estas nomeações, d'isto se queixou a côrte do Rio de Janeiro ao governo britannico, ressentida tambem de que se nomeasse com o embaixador para Cadiz mr. Stewart, em logar de lord Strangfort, por quem ella se empenhava, pag. 649. — Rasões pró e contra a nomeação da referida princeza para regente da Hespanha, pag. 650. — Irregularidade das cartas mandadas pela mesma princeza ás côrtes, as quaes, vendo que taes cartas lhes eram enviadas sem que o principe do Brazil, seu marido, o soubesse, fazem-lhe saber que era ao governo que ella tinha de se dirigir, quando tivesse alguma communicação a fazer-lhes, pag. 651. — Os partidarios da nomeação da princeza do Brazil para regente apresentam em sessão publica das côrtes no dia 29 de no-

vembro de 1811 a sua proposta para tal nomeação; sua discussão e rejeição, pag. 654 a 656. — Nomeação de cinco individuos para governar a Hespanha, todos votados ao partido inglez, pag. 657. — Nomeações dos ministros e conselheiros d'estado, pag. 658. — Avultados soccorros mandados pelo governo inglez á regencia de Hespanha, sendo esta a epocha de maior influencia d'elle e do seu ministro em Cadiz, pag. 659. — Apresentação da constituição e seu juramento em 18 e 19 de março de 1812; impressos contra e a favor da abolição da constituição; encerramento das côrtes constituintes em 14 de setembro de 1813, e reunião das ordinarias em 25 do mesmo mez, pag. 661. — Nenhum bem a constituição trouxe aos negocios da guerra, nem promoveu sectarios no povo, vendo-se falseados na pratica os principios que continha em theoria, pag. 662. — Periodos de remissão da guerra; augmento de reputação que a batalha de Fuentes de Oñoro trouxe para lord Wellington, realçando tambem o merito do exercito portuguez, sendo muito para notar os sacrificios feitos por Portugal n'aquelle tempo, pag. 664. — Aspecto favoravel com que a guerra se apresentava aos alliados no fim da campanha de 1811, pag. 665. — Estado das provincias do norte da Hespanha, e apprehensão de um importante comboio francez, feita pelo guerrilheiro Expoz y Mina, pag. 667. — Providencias de Napoleão para limpar de guerrilhas as Asturias e a Biscaya; Bissieres chamado a Paris, é substituido por Dorsene, pag. 668. — Difficuldades que a guerra ainda apresentava a lord Wellington no anno de 1811; carta dirigida por elle n'este sentido ao general Dumourier, pag. 669. — Continuação da precedente materia, e nullidade do apoio que lord Wellington tinha nas tropas regulares da Hespanha, pag. 670. — Occupação de Castella Nova, feita pelos francezes em 1811; guerrilheiros que havia n'esta mesma provincia, pag. 671. — Difficuldades que os francezes tinham em se apossarem da Catalunha, apesar de já se acharem senhores do Aragão, pag. 672. — Tropas hespanholas da Catalunha; nova denominação dada aos exercitos hespanhoes, pag. 673. — Lerida e Mequinenza tomadas por Suchet em maio e junho de 1810, pag. 674. — Descripção da praça de Tortosa, pag. 675. — Sitio e tomada da praça de Tortosa pelo general Suchet, empreza começada em 15 de dezembro de 1810, pag. 676 e 677. — Males que esta tomada trouxe para a Catalunha e vantagens que por ella conseguiu Suchet, pag. 678. — Cerco e tomada de Terragona, effeituadas por Suchet, pag. 679 a 685. — Considerações feitas sobre esta empreza e galardão por ella dado a Suchet, pag. 686. — Desalento que a tomada de Tarragona produziu na Catalunha, e na propria regencia, que por tal motivo mandou Blake com um exercito para Cartagena, pag. 687. — Dissensões intestinas em Guadalaxara, pag. 688. — Tomada de Montserrat e de Figueras pelos francezes, pag. 689. — Meios de defeza de Valencia, empregados por Blake, pag. 690. — Mau estado do exercito de Murcia, segundo o testemunho do coronel Roche: Santocildes commandante do re-

ferido exercito, pag. 691.—O exercito de Soult senhor de Cordova, Granada e Andaluzia, á excepção de Cadiz e Serra de Ronda, pag. 693.—Explica-se a inactividade dos exercitos francezes, mas não se póde explicar o dos hespanhoes, pag. 694.—Fraqueza do exercito de Murcia debaixo do commando de D. Manuel Freire, o qual, sendo acommettido pelo general Godinot, retirou para Murcia, depois do combate de Jucar, mas com tal descredito, que no seu commando foi substituido pelo general D. Nicolau Mahy, pag. 695, 696 e 697.—Operações de Suchet contra Valencia, e tomada d'esta cidade, effeituada pelo seu exercito, depois de haver tentado ganhar Murviedro (a antiga Sagunto), pag. 698 a 706.—Observações sobre a conducta do general Blake na defeza de Valencia, pag. 706.—A regencia de Cadiz, amargurada pelo desastre de Valencia, attribue a lord Wellington a causa d'elle; resposta dada por este general: aos erros de Blake é que sómente se deve attribuir tal desastre, pag. 707.—Mau estado em que a Andaluzia e os exercitos hespanhoes se achavam ainda no anno de 1811, pag. 708.—Precario estado em que o rei José se achava na Castella Nova e falta de consideração de Napoleão para com elle; ida do mesmo José a Paris e sua volta a Madrid, pag. 709.—Prerogativas dadas por Buonaparte a seu irmão, pag. 711.—José, continuando desgostoso com seu irmão, manda a Cadiz um emissario para tratar com as côrtes e a regencia, sem obter resultado, pag. 711 e 713.—Mau estado dos negocios militares e politicos em que a Hespanha ainda se achava em 1811; disputas dos seus generaes entre si e as juntas provinciaes, pag. 713.—Prova-se o referido mau estado da Hespanha por uma correspondencia de mr. Wellesley, ministro inglez em Cadiz, com mr. Stuart, ministro inglez em Lisboa, e pela de lord Wellington com o general Dumouriez, pag. 715.—Napoleão e a França, tendo chegado a um grande estado de prosperidade, apresentavam em 1811 symptomas de declinação, figurando entre estes os preparativos da guerra do norte, pag. 716.—Esperanças que a lord Wellington davam, para o bom exito da guerra que em Hespanha tinha entre mãos, o apparecimento da guerra da França com a Russia, o fraco juizo que fazia dos talentos militares do rei José e a dispersão em que via os exercitos do norte e do centro: dão-se as rasões por que a campanha de 1812 forçosamente havia de começar pela tomada da Cidade Rodrigo e Badajoz, pag. 717.—Post scriptum, pag. 719.